

# POESIA

## COMPLETA ORTÔNIMA

### DE FERNANDO

# PESSOA



**POESIA**  
COMPLETA ORTÔNIMA DE  
**FERNANDO**  
**PESSOA**



nostrum  
EDITORA

# Índice

Notas do Editor

Ficha Pessoal

Nota Preliminar

Poesia lírica

A água da chuva desce a ladeira.

A alma poética do universo

A aranha do meu destino

A ciência, a ciência, a ciência...

A criança que ri na rua,

A esperança como um fósforo inda aceso,

A estrada, como uma senhora,

A lavadeira no tanque

A lembrada canção,

A Lua (dizem os Ingleses)

A mão posta sobre a mesa,

A minha camisa rota

A miséria do meu ser,

A montanha por achar

A morte chega cedo,

A morte é a curva da estrada,

À NOITE

A novela inacabada,

A nuvem veio e o sol parou.

A pálida luz da manhã de Inverno,

A parte do indolente é a abstracta vida.

A quem a Natureza não fez belo

A tua carne calma

A tua voz fala amorosa...

ABAT-JOUR

ABDICAÇÃO

Abismo de ser muitos! Noite Minha!

Ah quanta melancolia!

Ah, a esta alma que não arde

Ah, bate levemente, mais levemente!

Ah, como incerta, na noite em frente,

Ah, como o sono é a verdade, e a única

Ah, já está tudo lido,

Ah, quanta vez, na hora suave

Ah, quero as relvas e as crianças!

Ah, sempre no curso leve do tempo pesado

Ah, só eu sei

Ah, toca suavemente

ALGA

ALÉM-DEUS

Ameaçou chuva. E a negra

Amei-te e por te amar

AMIEL

ANÁLISE

Andavam de noite aos segredos  
Ao longe, ao luar,  
Aqui está-se sossegado,  
Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar,  
Aqui neste profundo apartamento  
Aqui onde se espera  
Aquilo que a gente lembra  
Árvore verde,  
As coisas que errei na vida  
As lentas nuvens fazem sono,  
As nuvens são sombrias  
As tuas mãos terminam em segredo.  
Às vezes, em sonho triste

### AUTOPSICOGRAFIA

Basta pensar em sentir  
Bate a luz no cimo  
Bem sei que ela era a Rainha.  
Bem sei que estou endoidecendo.  
Bem sei que há ilhas lá ao sul de tudo  
Bem sei que todas as mágoas  
Bem, hoje que estou só e posso ver  
Bóiam farrapos de sombra  
Bóiam leves, desatentos,  
Brincava a criança  
Cai amplo o frio e eu durmo na tardança

Cai chuva do céu cinzento

Cai chuva. É noite. Uma pequena brisa

Caminho a teu lado mudo

CANÇÃO TRISTE

Cansa sentir quando se pensa.

Cansa ser, sentir dói, pensar destrui.

Cansado até dos deuses que não são...

Canta onde nada existe

CANTO A LEOPARDI

CASA BRANCA NAU PRETA

CEIFEIRA

Cessa o teu canto!

Ceguei à janela,

Chove. É dia de Natal.

Chove. Há silêncio, porque a mesma chuva

Chove?... Nenhuma chuva cai...

Chove. Que fiz eu da vida?

Clareia cinzenta a noite de chuva,

Começa a ser dia,

Começa, no ar da antemanhã,

Como a noite é longa!

Como é por dentro outra pessoa

Como inútil taça cheia

Como um vento na floresta,

Como uma voz de fonte que cessasse

## CONSELHO

Contemplo o lago mudo

Contemplo o que não vejo.

Como nuvens pelo céu

## CORPOS

Criança, era outro...

Dá a surpresa de ser

Dá-me as mãos por brincadeira

Dai-me rosas e lírios,

De além das montanhas,

De aqui a pouco acaba o dia.

De onde é quase o horizonte

De quem é o olhar

Deixa-me ouvir o que não ouço...

Deixei atrás os erros do que fui,

Deixei de ser aquele que esperava,

Deixem-me o sono! Sei que é já manhã.

Deixo ao cego e ao surdo

Dentro em meu coração faz dor.

## DEPOIS DA FEIRA

Depois que o som da terra, que é não tê-lo,

Depois que todos foram

Desce a névoa da montanha,

Desfaze a mala feita para a partida!

Deslembro incertamente. Meu passado

Desperto de sonhar-te

Desperto sempre antes que raie o dia

DEUS

Deve chamar-se tristeza

Divido o que conheço.

Dizem?

Do fundo do fim do mundo

Do meio da rua

Do seu longínquo reino cor-de-rosa,

DOBRE

Dói-me o nevoeiro, dói-me o céu

Dói-me quem sou. E em meio da emoção

DOLORA

Dorme enquanto eu velo...

Dorme sobre o meu seio.

Dorme, criança, dorme,

Dorme, que a vida é nada!

Dormi, sonhei. No informe labirinto

Dormi. Sonhei. No informe labirinto

Dormir! Não ter desejos nem esperanças

Durmo ou não? Passam juntas em minha alma

Durmo, cheio de nada, e amanhã

Durmo. Regresso ou espero?

Durmo. Se sonho, ao despertar não sei

É boa! Se fossem malmequeres!



É brando o dia, brando o vento.  
É inda quente o fim do dia...  
E ou jazigo haja  
E toda a noite a chuva veio  
É um campo verde e vasto,  
É uma brisa leve  
E, ó vento vago  
Eh, como outrora era outra a que eu não tinha!  
Eis-me em mim absorto  
Ela canta, pobre ceifeira,  
Ela ia, tranquila pastorinha,  
Elfos ou gnomos tocam  
Elle est si belle,  
Em outro mundo, onde a vontade é lei,  
Em plena vida e violência  
Em tempos quis o mundo inteiro.  
Em toda a noite o sono não veio. Agora  
Em torno a mim, em maré cheia,  
Em torno ao candeeiro desolado  
Enfia, a agulha,  
Entre o bater rasgado dos pendões  
Entre o luar e a folhagem,  
Entre o luar e o arvoredado,  
Entre o sono e o sonho,  
Entre o sossego e o arvoredado,

Era isso mesmo

Eram varões todos,

Escuta-me piedosamente.

Esta espécie de loucura

ESTADO DE ALMA

EU

Eu amo tudo o que foi,

Eu me resigno. Há no alto da montanha

Eu no tempo não choro que me leve

Eu sou o disfarçado, a máscara insuspeita.

Eu sou uma antologia.

Eu tenho ideias e razões,

Exígua lâmpada tranquila,

Falhei. Os astros seguem seu caminho.

Feliz dia para quem é

Fiquei doido, fiquei tonto...

Fito-me frente a frente

Fito-me frente a frente.

Flor que não dura

Flui, indeciso na bruma,

FRESTA

Foi um momento

Fosse eu apenas, não sei onde ou como

Fúria nas trevas o vento

Gato que brincas na rua

## GLOSA

Gnomos do luar que faz selvas

Gostara, realmente,

Gradual, desde que o calor

Grande sol a entreter

Grandes mistérios habitam

Guardo ainda, como um pasmo

Guia-me a só razão.

Há em tudo que fazemos

Há luz no tojo e no brejo

Há música. Tenho sono

Há no firmamento

Há quanto tempo não canto

Há quase um ano não escrevo.

Há um frio e um vácuo no ar.

Há um grande som no arvoredos.

Há um murmúrio na floresta,

Há uma música do povo,

Hoje estou triste, estou triste.

Hoje que a tarde é calma e o céu tranquilo,

Hoje, neste ócio incerto

## HORA ABSURDA

## HORA MORTA

I - A criança que fui chora na estrada.

I - Sim, farei...; e hora a hora passa o dia...

## INCIDENTE

## INTERVALO

## ISTO

Já estou tranquilo. Já não espero nada.

Já me não pesa tanto o vir da morte.

Já não me importo

Já não vivi em vão

Já ouvi doze vezes dar a hora

Je vous ai trouvé,

Lá fora a vida estua e tem dinheiro.

Lá fora onde árvores são

Ladram uns cães a distância,

Lâmpada deserta,

Lembro-me bem do seu olhar.

Lembro-me ou não? Ou sonhei?

Lenta e quieta a sombra vasta

Leve no cimo das ervas

Leve, breve, suave,

Leves véus velam, nuvens vãs, a Lua.

## LIBERDADE

## LIGEIA

Longe de mim em mim existo

## L'HOMME

Mais triste do que o que acontece

Maman, maman.

Manhã dos outros! Ó sol que das confiança

MAR. MANHÃ

Maravilha-te, memória!

MARINHA

Mas eu, alheio sempre, sempre entrando

Mas o hóspede inconvidado

Melodia triste sem pranto,

Mendigo do que não conhece,

Meu coração esteve sempre

Meu coração tardou. Meu coração

Meu pensamento, dito, já não é

Meu ruído de alma cala.

Meu ser vive na Noite e no Desejo.

Meus dias passam, minha fé também.

Meus gestos não sou eu.

Meus versos são meu sonho dado.

Minha mulher, a solidão,

Minhas mesmas emoções

Momento imperceptível,

Montes, e a paz que há neles, pois são longe...

Música... Que sei eu de mim?

Na margem verde da estrada

Na noite em que não durmo

Na noite que me desconhece

Na orla do vento movem

Na paz da noite, cheia de tanto durar,  
Na quinta entre ciprestes  
Na ribeira deste rio  
Na véspera de nada  
Nada que sou me interessa.  
Nada. Passaram nuvens e eu fiquei...  
Não combati: ninguém mo mereceu.  
Não creio ainda no que sinto -  
Não digas nada!  
Não digas nada! Que hás-me de dizer?  
Não digas que, sepulto, já não sente  
Não é ainda a noite  
Não fiz nada, bem sei, nem o farei,  
Não meu, não meu é quanto escrevo,  
Não quero mais que um som de água  
Não quero rosas, desde que haja rosas.  
Não sei o quê desgosta  
Não sei quantas almas tenho.  
Não sei que desgosta  
Não sei que sonho me não descansa  
Não sei se é sonho, se realidade,  
Não sei ser triste a valer  
Não sei, ama, onde era,  
Não tenho que sonhar que possam dar-me  
Não tenho quinta nenhuma.

Não tragas flores, que eu soffro...

Não venhas sentar-te à minha frente, nem a meu lado;

Não, não é nesse lago entre rochedos,

Não: não digas nada!

Nas entressombras de arvoredo

Nas grandes horas em que a insónia avulta

Natal... Na província neva.

NAVEGAR É PRECISO

Náusea. Vontade de nada.

Nesta grande oscilação

Neste mundo em que esquecemos

No alto da tua sombra, a prumo sobre

No céu da noite que começa

No chão do céu o Sol que acaba arde.

No entardecer da terra

No fim da chuva e do vento

No fundo do pensamento

No limiar que não é meu

No mal-estar em que vivo

No meu sonho estiolaram

No ouro sem fim da tarde morta,

Nos jardins municipais

Nuvens sobre a floresta...

O abismo é o muro que tenho

O amor é que é essencial.

O amor que eu tenho não me deixa estar

O amor, quando se revela,

O ANDAIME

O céu de todos os Invernos

O CONTRA-SÍMBOLO

Ó curva do horizonte, quem te passa,

Ó ervas frescas que cobris

O grande sol na eira

O LOUCO

O mau aroma alacre

O MENINO DA SUA MÃE

O meu coração quebrou-se

O meu sentimento é cinza

O meu tédio não dorme.

O mundo rui a meu redor, escombros a escombros.

Ó naus felizes, que do mar vago

O PESO DE HAVER O MUNDO

O ponteiro dos segundos

O que é vida e o que é morte

O que eu fui o que é?

O que me dói não é

O que o seu jeito revela

O rio que passa dura

O ruído vário da rua

Ó sino da minha aldeia,



O sol às casas, como a montes,  
O sol doirava-te a cabeça loura.  
O sol que doura as neves afastadas  
O sol queima o que toca.  
O som contínuo da chuva  
O som do relógio  
O sonho que se opôs a que eu vivesse  
Ó sorte de olhar mesquinho  
O vento sopra lá fora.  
O vento tem variedade  
O véu das lágrimas não cega.  
Oca de conter-me  
Oca de conter-me  
Oíço passar o vento na noite.  
Oíço, como se o cheiro  
Olha-me rindo uma criança  
Olhando o mar, sonho sem ter de quê.  
Onda que, enrolada, tornas,  
Onde a serenata?  
Onde o sossego dorme  
Onde pus a esperança, as rosas  
Onde quer que o arado o seu traço consiga  
Onde, em jardins exaustos  
Os deuses, não os reis, são os tiranos.  
Os teus olhos azuis são cor do céu

Os teus olhos entristecem  
Oscila o incensório antigo  
Ouçõ sem ver, e assim, entre o arvoredõ,  
Outros terão  
Ouvi os sábios todos discutir,  
Paira à tona de água  
Paisagens, quero-as comigo.  
Pálida sombra esvoaça  
Pálida, a Lua permanece  
Parece às vezes que desperto  
Parece estar calor, mas nasce  
Parece que estou sossegando  
Passa entre as sombras de arvoredõ  
Passam na rua os cortejos  
Passava eu na estrada pensando impreciso,  
PASSOS DA CRUZ  
Passos tardam na relva  
PAUIS  
PEDROUÇOS  
Pela rua já serena  
Pelo plaino sem caminho  
Pobre velha música!  
Põe-me as mãos nos ombros...  
POEMA  
Pois cai um grande e calmo efeito

Por quem foi que me trocaram  
Por trás daquela janela  
Porque é que um sono agita  
Porque esqueci quem fui quando criança?  
Porque o olhar de quem não merece  
Porque sou tão triste ignoro  
Porque vivo, quem sou, o que sou, quem me leva?  
Porque, ó Sagrado, sobre a minha vida  
Pouco importa de onde a brisa  
Pousa um momento,  
PRESSÁGIO  
Pudesse eu como o luar  
Qual é a tarde por achar  
Qualquer caminho leva a toda a parte  
Qualquer caminho leva a toda a parte.  
Qualquer coisa de obscuro permanece  
QUALQUER MÚSICA  
Quando as crianças brincam  
Quando é que o cativoiro  
Quando era criança  
Quando era jovem, eu a mim dizia:  
Quando estou só reconheço  
Quando já nada nos resta  
Quando, com razão ou sem,  
Quanto fui jaz. Quanto serei não sou.

Quanto fui peregrino  
Quase anónima sorris  
Que coisa distante  
Que fútil toda essa tristeza  
Que linda é quem não és!  
Que suave é o ar! Como parece  
Quem bate à minha porta  
Quem me amarrou a ser eu  
Quem me roubou quem nunca fui e a vida?  
Quem vende a verdade, e a que esquina?  
Quero dormir. Não sei se quero a morte,  
Quero ser livre insincero  
Quero, terei —  
Rala cai chuva. O ar não é escuro. A hora  
Redemoinha o vento,  
Relógio, morre —  
Renego, lápis partido,  
Repousa sobre o trigo  
Saber? Que sei eu?  
Sabes quem sou? Eu não sei.  
SCHEHERAZAD  
Se acaso, alheado até do que sonhei,  
Se alguém bater um dia à tua porta,  
Se estou só, quero não estar,  
Se eu me sentir sono,

Se eu pudesse não ter o ser que tenho  
Se eu, ainda que ninguém,  
Se há arte ou ciência para ler a sina  
Se penso mais que um momento  
Se sou alegre ou sou triste?...  
Se tudo o que há é mentira,  
Sei bem que não consigo  
Sei que nunca terei o que procuro  
Sepulto vive quem é a outrem dado.  
Ser consciente é talvez um esquecimento.  
Serena voz imperfeita, eleita  
Servo sem dor de um desolado intuito,  
Sim, já sei...  
Sim, tudo é certo logo que o não seja,  
Sim, vem um canto na noite.  
Sob olhos que não olham — os meus olhos —  
Sol nulo dos dias vãos,  
Sonhei, confuso, e o sono foi disperso,  
Sonhei. Desperto. Um tédio doloroso  
SONHO  
Sonho sem fim nem fundo.  
Sopra de mais o vento  
Sopra o vento, sopra o vento,  
Sorriso audível das folhas,  
Sou o Espírito da treva,

Sou o fantasma de um rei  
Sou um evadido.  
Súbita mão de algum fantasma oculto  
Talhei, artífice de um morto rito,  
Talvez que seja a brisa  
Tão linda e finda a memoro!  
Tão vago é o vento que parece  
Tece, amor, as grinaldas com que queres

### TÉDIO

Tenho dó das estrelas  
Tenho em mim como uma bruma  
Tenho escrito muitos versos,  
Tenho esperança? Não tenho.  
Tenho pena até... nem sei...  
Tenho pena e não respondo.  
Tenho sono em pleno dia.  
Tenho tal sono que pensar é um mal.  
Tenho tanto sentimento  
Teu corpo real que dorme  
Teu inútil dever  
Teu perfil, teu olhar real ou feito,  
Todas as coisas que há neste mundo  
TOMÁMOS A VILA DEPOIS DUM INTENSO BOMBARDEAMENTO  
Treme em luz a água.  
Trila na noite uma flauta. É de algum

Tudo foi dito antes que se dissesse.  
Tudo quanto penso,  
Tudo quanto sonhei tenho perdido  
Tudo que amei, se é que o amei, ignoro,  
Tudo que faço ou medito  
Tudo que sinto, tudo quanto penso,  
Tudo que sou não é mais do que abismo  
Tudo, menos o tédio, me faz tédio.  
Um cansaço feliz, uma tristeza informe  
Um dia baço mas não frio...  
Um muro de nuvens densas  
Uma maior solidão  
Uma névoa de Outono o ar raro vela,  
Universal lamento  
Vaga saudade, tanto  
Vaga, no azul amplo solta,  
Vai alta a nuvem que passa,  
Vai alto pela folhagem  
Vai lá longe, na floresta,  
Vai leve a sombra  
Vai pela estrada que na colina  
Vai redonda e alta  
Vai-te embora, Sol dos céus!  
Vão breves passando  
Vão na onda militar

Vê-la faz pena de esperança.

Vejo passar os barcos pelo mar,

Velo, na noite em mim,

Vem dos lados da montanha

VENDAVAL

Vento que passas

Verdadeiramente

Viajar! Perder países!

Vinha elegante, depressa,

VISÃO

Vou com um passo como de ir parar

Vou em mim como entre bosques,

CHUVA OBLÍQUA

I

II

III

IV

V

VI

EM BUSCA DA BELEZA

I

II

III

IV

V



## VI

### FICÇÕES DO INTERLÚDIO

#### I - PLENILÚNIO

#### II - SAUDADE DADA

#### III - PIERROT BÊBADO

#### IV - MINUETE INVISÍVEL

#### V - HIEMAL

#### Poesia dramática

#### AUTO DAS BACANTES

AUTO DAS BACANTES - Escrito para solenizar a entrada do Sol em  
Áries,

AUTO DAS BACANTES - Qual é, senhor, a melhor sorte?

#### FAUSTO

#### ATO I

Ah, tudo é símbolo e analogia!

Tudo transcende tudo

Fausto no seu laboratório

O mistério dos olhos e do olhar

Saído apenas duma infância

Li vaga — inerte — e sonhadoramente li

Não leio já; queria abrir um livro

O Suspiro do mundo:

O mistério supremo do Universo

O mistério de tudo

Quem passa e me olha ou me conhece mal sabe

Ah não poder tirar de mim os olhos,  
O pensar, e o pensar sempre  
Fausto perante o povo alegre  
Perdido / No labirinto de mim mesmo, já  
Sua inconsciência alegre é uma ofensa  
Ao ouvi-los rir  
Estou acima do que agrada aos grandes  
É abismadamente curioso  
O pensamento que a dor (...)  
Basta ser breve e transitória a vida  
Não é o horror à morte porque raie  
Condenados sem fim ao erro eterno.  
O que é haver haver? Porque é que o que é  
Num atordoamento e confusão  
O pensamento é enterrado vivo  
Sonho feito do horror do pensamento,  
E assim estou, pensando mais que todos,  
Fausto ao espelho  
Talvez que Deus não seja real e exista  
LUCIFER: Como quando o mortal, que a terra habita,  
Mas Deus não terá Deus? Não haverá  
Roçou-me  
Não poder Tarde  
Aos homens tu produzes palidezes  
A vida é má e o pensamento é mau,

UMA VOZ: Silente, medonho,

(após as canções da tarde)

Sonhos dentro de sonhos,

O ateísmo

CRISTO: A sonhar eu venci mundos,

Tudo é mistério para mim que o é...

E o sentimento de que a vida passa

Ninguém compreende o meu sofrer

Quando às vezes eu penso em meu futuro,

Triste horror d'alma, não evoco já

Fantasma sem lugar, que a minha mente

Cantos, sois sombras da minha alma. Todos

ENTREATO I

UMA VOZ: Dorme grande inconsolável

A Inocência Perdida

(Então vindas d'Além de Deus, como um arrepio, mesmo do Ser...

Sou mais que o SER que transcende

ATO II

Tudo transcende tudo;

Não é medo que faça estremecer

Já estão em mim exaustas,

Concordar não posso

Às vezes passam

Caminhamos sobre abismos

Quanto mais claro

Tudo é mistério e o mistério é tudo.  
Horror, ali que liga coisas que estejam  
Quisera ter  
Não é o vago  
A Consciência de existir, a raiz  
Não é em mim o menor horror  
Cidades, com seus comércios (...)  
Do horror do mistério são talvez  
O inexplicável horror  
Dois horrores  
Mais que a existência  
Todo o mundo de seres e relações  
FAUSTO: O casamento  
Não, não vos disse... A essência inatingível  
Gela-me a ideia de que a morte seja  
Só uma coisa me apavora  
VICENTE: Todos, oh mestre, têm horror à morte...  
Quem sabe se morrendo eu passarei  
Desejava querer fugir de mim.  
O nosso mundo é real e o Deus que tem  
FAUSTO: - Não descreio de Deus, passei p'ra além...  
Ímpetos de dizer-lhe (....) acorda!  
Quanto mais fundamente penso, mais  
Não é o vício  
Essa simplicidade d'alma

...Como condenado

Em Mim

O mistério ruiu sobre a minha alma

Lidas, / guerras... e guerras

Para mim ser é admirar-me de estar sendo.

Para quê te falar? Ninguém me irmana

Ah qualquer cousa,

ENTREATO II

SER: Sou assim a íntima essência

EXISTÊNCIA: Vaga noção abstracta,

SUSPIRO DO MUNDO: Tremo de medo:

Nos vastos céus estrelados

ATO III

Não sei de que maneira a sucessão

Sinto horror

Diferentemente o mesmo

Memórias de pensar vivem em mim

Ânsia infinda

Quando penso

Há entre mim e o real um véu

...e desse refterver me veio

Tudo transcende tudo

Montanhas, solidões, objectos todos,

De vez em quando surge-me nos lábios

Tivesse eu mil parentes ou cercado

Horror! Não sei ser inconsciente  
Há entre mim e a humanidade um golfo,  
O horror de me sentir viver,  
Tudo isto  
O único mistério no universo  
Temo a verdade.  
Só a inocência e a ignorância são  
Em cada Consciência o Grande Horror  
Não me concebo amando, nem dizendo  
O horror metafísico de Outrem!  
Quando se amam, vívidos,  
Vendo passar amantes  
O mistério ideal dum corpo humano,  
Seria doce amar, cingir a mim  
(A desilusão de Fausto é de três espécies:  
MARIA: Amo como o amor ama.  
Reza por mim.  
FAUSTO: Reza por mim Maria  
Como é estranho  
Um corpo humano!  
Sinto esse frio coração eu mesmo  
Diálogo na Noite  
... Mas eu não ousar. Ó horror e tortura  
Horror! Conhecer intimamente  
(after running away. (He never loves))

(Antes do monólogo da treva)

(Depois do amor — na treva)

FAUSTO: É isto amor? Só isto! Sinto como

Seja: / Já que este audaz e imenso pensamento

(Diálogo na treva?)

MARIA: Onde vais? onde vais? ah volta, volta!

O luar parece que se torna mais álgido, mais branco,

Monólogo na Noite

ENTREATO III

Se eu morrer, na minha cova

PRIMEIRA VOZ: Que forma velada

Dos montes, dos vales,

ATO IV

O decorrer dos dias

FAUSTO: Febre! Febre! Estou trémulo de febre

Eu quisera poder abrir a mão

No escuro mesmo destes pensamentos

Como há haver? Que é ser? Que é haver ser?

Quando penso nas outras consciências

Como varia

Quisera / Do pensamento e sentimento dessas

Queria / Sentir a vida dos animais,

Um dia / Pensei na fama e em mim o sonho veio

Outr'ora quis a fama — e não a quis,

No meio das grandezas e das glórias

A essência de mistério o seu horror

Enquanto nesta vida

Ah, o horror de morrer!

Os mistérios profundos e horrorosos;

UMA VOZ NA ESCURIDÃO:

Beber a vida num trago, e nesse trago

Cantemos que a vida

Cena da Taberna

FAUSTO: (aos soldados)

FRANZ: Isto de ser soldado

FAUSTO— Viva a vida! Te digo, amigo, viva!

O resto da minha alma anda disperso

FAUSTO (na taberna)

(Uma cena em que mulheres, homens, todos correndo...

Ah, o horror metafísico da Acção!

Pouco a pouco

ENTREATO IV

O DESTINO: As minhas mãos invisíveis

Quero fugir ao mistério

Com o coração estranho

Lágrimas, chorar-vos-ei

UMA VOZ: Quando a noite suave! desce

Ao teu seio irei beber

ATO V

O Fausto Negro (Prólogo no Inferno)



UMA VOZ: Eu sou o Espírito de Alegria,  
É o maior horror da alma  
Nem digam não, que o antigo cepticismo  
O medo intelectual da «morte»  
A MORTE: Em mim acaba  
Valendo mais ou menos entre si  
Quando acorda p'ra vida o pensamento  
Mundo confranges-me por existir.  
Algum pronto a morrer pelo terror  
O animal teme a morte porque vive,  
Morrer — esta palavra toda horror —  
O segredo da Busca é que não se acha.  
Eu sou como um que entre o mar que lhe avança  
Monólogo nas Trevas  
Crucificado, / Não como Cristo numa mera cruz,  
Todos os mistérios do universo  
Ah, não poder dormir (eu não sei como,  
Ah que nunca a verdade definida  
Mas ah! se a morte, sem ser nada ou noite,  
Mas o horror supremo do mistério  
A morte, a incompreendida  
A morte! / Quanto mais eu pondero nela, mais  
Afastai-vos de mim, outrora horror  
Já oiço o impetuoso  
Do eterno erro na eterna viagem,

D'outra vida mais bela

Quê? Eu morrer?

Eu procurei primeiro o pensamento,

Monólogo à Noite

Epílogo?

Vejo que delirei.

FINAL

O que pensando sofreu

Uma voz como um suspiro:

Filho das trevas,

PRIMEIRO FAUSTO

I

II

Poesia simbólica e elegíaca

A lâmpada nova

À MEMÓRIA DO PRESIDENTE-REI SIDÓNIO PAIS

Ah, verdadeiramente a deusa! —

Azul, ou verde, ou roxo, quando o sol

Do vale à montanha,

ELEGIA NA SOMBRA

EPITÁFIO DESCONHECIDO

EROS E PSIQUE

GLÁDIO

GLOSAS

GOMES LEAL

HINO A PÃ

INICIAÇÃO

IRONIA

Meu pensamento é um rio subterrâneo

Na sombra do Monte Abiegno

Não quero ir onde não há a luz,

NATAL

Nesta vida, em que sou meu sono,

No fim do mundo de tudo

No fim do mundo de tudo

NOVA ILUSÃO

Ó curva do horizonte, quem te passa,

O ÚLTIMO SORTILÉGIO

Pobre Espanha, já sem ter

SÁ CARNEIRO

SACADURA CABRAL

Sangra-me o coração. Tudo que penso

Senhor, meu passo está no Limiar

Vi passar, num mistério concedido,

Poesia de cariz popular

A abanar o fogareiro

A caixa que não tem tampa

A esmola que te vi dar

A ÍBIS

A laranja que escolheste

A luva que retiraste  
A mantilha de espanhola  
A moça que há na estalagem  
À roda dos dedos juntos  
A rosa que se não colhe  
A Senhora da Agonia  
A terra é sem vida, e nada  
A tua boca de riso  
A tua irmã é pequena,  
A tua janela é alta,  
A tua saia, que é curta,  
A vida é pouco aos bocados.  
A vida é um hospital  
Acendeste uma candeia  
Adivinhei o que pensas  
Água que não vem na bilha  
Água que passa e canta  
Ai, os pratos de arroz-doce  
Ambos à beira do poço  
Andei sozinho na praia  
Andorinha que passaste,  
Andorinha que vais alta,  
Ao dobrar o guardanapo  
Aquela loura de preto  
Aquela que mora ali

Aquela que tinha pobre  
Aquela senhora velha  
As gaivotas, tantas, tantas,  
As ondas que a maré conta  
Baila em teu pulso delgado  
Baila o trigo quando há vento  
Bailaste de noite ao som  
BÁQUICA MEDIEVAL  
Boca com olhos por cima  
Boca de riso escarlate/Com dentes brancos no meio,  
Boca de riso escarlate/E de sorriso de rir...  
Boca de romã perfeita  
Boca que o riso desata  
Boca que tens um sorriso  
Cabeça de ouro mortício  
Caiu no chão a laranja  
Caiu no chão o novelo  
Cantigas de portugueses  
Castanhetas, castanholas —  
Chamam-te boa, e o sentido  
Comes melão às dentadas  
Comi melão retalhado  
Compras carapaus ao cento,  
Compreender um ao outro  
Corre a água pelas calhas

Cortaste com a tesoura  
Dá-me um sorriso a brincar,  
Dá-me um sorriso ao domingo.  
Dá-me um sorriso daqueles  
Dás nós na linha que cose  
Dei-lhe um beijo ao pé da boca  
Deixa que um momento pense  
Deixaste cair a liga  
Deixaste cair no chão  
Deixaste o dedal na mesa  
Depois do dia vem noite,  
Deram-me um cravo vermelho  
Deram-me, para se rirem,  
Descasquei o camarão,  
Deste-me um adeus antigo  
Deste-me um cordel comprido  
Dias são dias, e noites  
Disseste-me quase rindo:  
Dizem que as flores são todas  
Dizem que não és aquela  
Dizes-me que nunca sonhas  
Do alto da torre da igreja  
Dona Rosa, Dona Rosa,/De que roseira é que vem,  
Dona Rosa, Dona Rosa,/Quando eras inda botão  
Duas horas te esperei./Duas mais te esperaria.

Duas horas te esperei/Dois anos te esperaria

Duas horas vão passadas

Duas vezes eu tentei

Duas vezes jurei ser

Duas vezes te falei

É a espada, vejam bem

E ao acabar estes versos

É limpo o adro da igreja.

Em vez da saia de chita

Entornaram-me o cabaz

Era já de madrugada

És Maria da Piedade,

Essa costura à janela

Esse frio cumprimento

Esse xaile que arranjaste,

Este é o riso daquela

Eu bem sei que me desdenhas

Eu te pedi duas vezes

Eu tenho um colar de pérolas

Eu vi ao longe um navio

Eu voltei-me para trás

Fazes renda de manhã

Fica o coração pesado

Fiz estoirar um cartucho

Fizeste molhos de flores

Floriu a roseira toda  
Fomos passear na quinta,  
Frescura do que é regado,  
Fui passear no jardim  
Há dois dias que não vejo  
Há grandes sombras na horta  
Há um doido na nossa voz  
Há verdades que se dizem  
Houve um momento entre nós  
Já duas vezes te disse  
Lá por olhar para ti  
Lá vem o homem da capa  
Lavadeira a bater roupa  
Lavas a roupa na selha  
Lenço preto de orla branca —  
Levas a mão ao cabelo  
Levas chinelas que batem  
Levas uma rosa ao peito  
Leve sonho, vais no chão  
Leve vem a onda leve  
Linda noite a desta lua,  
Loura dos olhos dormentes,  
Loura, teus olhos de céu  
Manjerico que te deram,  
Manjerico, manjerico,



Maria, se eu te chamar,  
Mas que grande disparate  
Meia volta, toda a volta,  
Menina de saia preta  
Meu amor é fragateiro.  
Meu coração a bater  
Meu coração é uma barca  
Morena dos olhos baços  
Moreninha, moreninha,  
Morto, hei-de estar a teu lado  
Na praia de Monte Gordo,  
Na quinta que nunca houve  
Não digas mal de ninguém,  
Não há verdade na vida  
Não me digas que me queres  
Não sei em que coisa pensas  
Não sei que flores te dar  
Não sei que grande tristeza  
Não sei se a alma no Além vive...  
No baile em que dançam todos  
No dia de S. João  
No dia de Santo António  
No dia em que te casares  
Nunca dizes se gostaste  
Nunca houve romaria

Nuvem alta, nuvem alta,  
Nuvem do céu, que pareces  
Nuvem que passas no céu,  
O ar do campo vem brando,  
O avental, que à gaveta  
O burburinho da água  
O canário já não canta.  
O capilé é barato  
O CARRO DE PAU  
O coração é pequeno,  
O cravo que tu me deste  
O guardanapo dobrado  
O Íbis, ave do Egipto,  
O laço que tens no peito  
Ó loura dos olhos tristes  
O malmequer que arrancaste  
O malmequer que colheste  
O manjerico comprado  
O manjerico e a bandeira  
Ó minha menina loura,  
O moinho de café  
O moinho que mói trigo  
O papagaio do paço  
Ó pastora, ó pastorinha,  
O pescador do mar alto

O que sinto e o que penso

O ribeiro bate, bate

O rosário da vontade,

O sino dobra a finados.

O SOBA DE BIKÁ — TRAJÉDIA

O teu cabelo cortado

O teu carrinho de linha

O teu lenço foi mal posto

O vaso de manjerico

O vaso que dei àquela

Olha o teu leque esquecido!

Olhas para mim às vezes

Olhos de veludo falso

Olhos tristes, grandes, pretos,

Onda que vens e que vais

Os alcatruzes da nora

Os ranchos das raparigas

Ouves-me sem me entender.

Ouvi-te cantar de dia.

Para adorar a beleza

Pia número SEIS

Pobre do pobre que é ele

POEMA PIAL

Por cima da saia azul

Por muito que pense e pense

Por um púcaro de barro  
Puseste a chaleira ao lume  
Puseste a mantilha negra  
Puseste por brincadeira  
Puseste um vaso à janela.  
Quando a manhã aparece  
Quando agora me sorriste  
Quando ao domingo passeias  
Quando apertaste o teu cinto  
Quando cantas, disfarçando  
Quando chegaste à janela  
Quando compões o cabelo  
Quando é o tempo do trigo  
Quando ela pôs o chapéu  
Quando eu era pequenino  
Quando há música, parece  
Quando me deste os bons-dias  
Quando olhaste para trás,  
Quando passas pela rua  
Quando te apertei a mão  
Quando te vais a deitar  
Quando tiraste da cesta  
Quando vieste da festa,  
Quantas vezes a memória  
Que te fez assim tão linda

Que tenho o coração preto  
Quem lavra julga que lavra  
Quem me dera, quando fores  
Quem te deu aquele anel  
Quero lá saber por onde  
Rezas a Deus ao deitar-te  
Rezas porque outros rezaram,  
Ribeirinho, ribeirinho,/Que falas tão devagar,  
Ris-te de mim? Não me importo.

#### RONDEAU

Rosa verde, rosa verde...  
Roseiral que não dás rosas  
Rosmaninho que me deram,  
Rouxinol que não cantaste,

#### SANTO ANTÓNIO

Santo António de Lisboa  
São já onze horas da noite.

#### SÃO JOÃO

#### SÃO PEDRO

Saudades, só portugueses  
Se há uma nuvem que passa  
Se houver alguém que me diga  
Se o sino dobra a finados  
Se ontem à tua porta  
Se te queres despedir

Se vais de vestido novo  
Só com um jeito do corpo  
Tem a filha da caseira  
Tem um decote pequeno,  
Tenho ainda na lembrança  
Tenho um desejo comigo/Que hoje te venho dizer:  
Tenho um desejo comigo/Que me traz longe de mim.  
Tenho um lenço que esqueceu  
Tenho um livrinho onde escrevo  
Tenho um relógio parado  
Tenho um segredo a dizer-te  
Tenho um segredo comigo  
Tenho uma ideia comigo  
Tenho uma pena que escreve  
Tenho vontade de ver-te  
Tens o leque desdobrado  
Tens olhos de quem não quer  
Tens um anel imitado  
Tens um livro que não lê,  
Tens uma rosa na mão.  
Tens uma salva de prata  
Tens uns brincos sem valia  
Tens vontade de comprar  
Teu carinho, que fingido,  
Teu olhar não tem remorsos

Teu vestido, porque é teu,  
Teu xaile de seda escura  
Teus brincos dançam se voltas  
Teus olhos de quem não fita  
Teus olhos poisam no chão  
Teus olhos querem dizer  
Teus olhos tristes, parados,  
Tinhas um pente espanhol  
Tinhas um vestido preto  
Tiraste o linho da arca,  
Tive uma flor para dar  
Tocam sinos a rebate  
Toda a noite ouvi no tanque  
Toda a noite ouvi os cães  
Toda a noite, toda a noite,  
Todas as coisas que dizes  
Todos lá vão para a festa  
Todos os dias eu penso  
Todos os dias que passam  
Todos te dizem que és linda.  
Tome lá, minha menina,  
Traz-me um copo com água  
Trazes a bilha à cabeça  
Trazes a rosa na mão  
Trazes já aquele cinto

Trazes o vestido novo  
Trazes os brincos compridos,  
Trazes os sapatos pretos  
Trazes um lenço apertado  
Trazes um lenço novinho  
Trazes um manto comprido  
Trazes uma cruz no peito.  
Trincaste, para o partir,  
Tu és Maria da Graça,  
Tu és Maria das Dores,  
Tu, ao canto da janela,  
Tua boca me diz sim,  
Uma boneca de trapos  
Vai alta a nuvem que passa.  
Vai alta sobre a montanha  
Vai longe, na serra alta,  
Vale a pena ser discreto?  
Vejo lágrimas luzir  
Velha cadeira deixada  
Vem cá dizer-me que sim.  
Vem de lá do monte verde  
Vi-te a dizer um adeus  
Viraste-me a cara quando  
Voam débeis e enganadas  
«À tua porta está lama.



«Das flores que há pelo campo

«Mau, Maria!» — tu disseste

«Ribeirinho, ribeirinho,/Que vais a correr ao léu

«Vesti-me toda de novo

«Vou trabalhando a peneira

POEMAS PARA LILI

Levava eu um jarrinho

No comboio descendente

Pia, pia, pia

Poesia satírica

AFONSO COSTA

ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR

Clarim! Os mortos!

D. PEDRO V

EPITÁFIO A JOÃO FRANCO

MARCHA FÚNEBRE

Meu pobre Portugal,

O fado cantado à guitarra

POEMA DE AMOR EM ESTADO NOVO

SIM, É O ESTADO NOVO

Um Deus cansado [de] ser Deus em vão

Poemas franceses

Je vous ai trouvé,

Maman, maman.

Poesia Inglesa

THE MAD FIDDLER

I - THE MAD FIDDLER

THE MAD FIDDLER

THE ISLAND

LYCANTHROPY

SPELL

GOBLIN DANCE

DREAM

I feel pale and I shiver

II. THE SHINNING POOL

ELSEWHERE

Go: thou hast nothing to forgive

THE POEM

LOOKING AT THE TAGUS

If I could carve my poems in wood

SUSPENSE

Fierce dreams of something else!

III. THE WRONG CHOICE

THE NIGHT-LIGHT

LULLABY

PRAYER

SUMMER MOMENTS

EMPTINESS

MONOTONY

SISTER CECILY

#### IV. FOUR SORROWS

RIVERS

MEANTIME

EPISODE

NOTHING

#### V. FEVER-GARDEN

FEVER-GARDEN

THE BROKEN WINDOW

ISIS

ENNUI

L'INCONNUE

HORIZON

HER FINGERS TOYED ABSENTLY WITH HER RINGS

#### VI. SONGS AFTER SLUMBER

THE LOST KEY

THE SUNFLOWER

THE HOURS

LA CHERCHEUSE

SONG

ANAMNESIS

CHALICE

#### VII. THE DROPPED TORCH

ELEVATION

TO ONE SINGING

THE FORESELF

THE BRIDGE

THE KING OF GAPS

THE LOOPHOLE

THE ABYSS

VIII. THE LABYRINTH

FIAT LUX

A SUMMER ECSTASY

MOOD

SONNET

INVERSION

SUMMERLAND

THE END

DISPERSOS

A low, sad wind fills the lone night

ALENTEJO SEEN FROM THE TRAIN

All my heart weeps for

ARETHUSA

D. T.

DESOLATION

Do not think of me. Love me.

Even as great Macchiavel, shut fast from all,

FRAGMENT OF DELIRIUM

I cannot well deceive me that there was

I have outwatched the Lesser Wain, and seen

I have wished so oft this mockery might end

I love this world and all these men because

I. - Take me up in thine arms, oh some mother.

INTERVAL - 3

LE MIGNON

Let us rest. Every hour is not the next.

MEANTIME

Mother of things impossible,

Mother, my cheeks are wet.

My heart was trembling in the breeze

Now are no Janus' temple-doors thrown wide

O heavy day that comes with so much glee

Occasion cannot make me weak or strong

ODE IN CONSOLATION FOR MISFORTUNE

ODE TO A WOMAN'S BODY

Oh for a less meaningless horizon than the land and the sea!

ON AN ANKLE

Out of a great nebula of Night and Storm

SALUTE TO THE SUN'S ENTRY INTO ARIES

SECOND SIGHT

Seldom have I so inly comprehended

She lives on the cover

Ship sailing out to sea,

Sometimes in the middle of life a change

Sorrow came and wept

Sorrow no more for the faded rose,

Sorrow sits by my side

SPELL

Tell me again the music of that tale

The day is glad and golden.

The day is sad as I am sad,

The master said you must not heed

The sky is a great turquoise shining glee

There is no peace save where I am not,

Thou needst not scorn me. All my praise of thee

Wake with the Sun, wake with the morn

Was it the lyrical nightingale

When shall we rest?

When slattern Time, worn out with toil of wearing,

Why do I desire

35 SONNETS

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

XXIX

XXX

XXXI

XXXII

XXXIII

XXXIV

XXXV

## POEMAS INGLESSES

### EPITHALAMIUM

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

### ANTINOUS

### INSCRIPTIONS



I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

Mensagem

Primeira parte: BRASÃO

I - OS CAMPOS

Primeiro: O DOS CASTELOS

Segundo: O DAS QUINAS

II - OS CASTELOS

Primeiro: ULISSES

Segundo: VIRIATO

Terceiro: O CONDE D. HENRIQUE

Quarto: D. TAREJA

Quinto: D. AFONSO HENRIQUES

Sexto: D. DINIS

Sétimo (I): D. JOÃO O PRIMEIRO

Sétimo (II): D. FILIPA DE LENCASTRE

III - AS QUINAS

Primeira: D. DUARTE, REI DE PORTUGAL

Segunda: D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL

Terceira: D. PEDRO, REGENTE DE PORTUGAL

Quarta: D. JOÃO, INFANTE DE PORTUGAL

Quinta: D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL

IV - A COROA

NUN'ÁLVARES PEREIRA

V - O TIMBRE

A Cabeça do Grifo

Uma Asa do Grifo

A Outra Asa do Grifo

Segunda parte: MAR PORTUGUÊS

I - O INFANTE

II - HORIZONTE

III - PADRÃO

IV - O MOSTRENGO

V - EPITÁFIO DE BARTOLOMEU DIAS

VI - OS COLOBOS

VII - OCIDENTE

VIII - FERNÃO DE MAGALHÃES

IX - ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA

X - MAR PORTUGUÊS

XI - A ÚLTIMA NAU

XII - PRECE

Terceira parte: O ENCOBERTO

I - OS SÍMBOLOS

Primeiro: D. SEBASTIÃO

Segundo: O QUINTO IMPÉRIO

Terceiro: O DESEJADO

Quarto: AS ILHAS AFORTUNADAS

Quinto: O ENCOBERTO

II - OS AVISOS

Primeiro: O BANDARRA

Segundo: ANTÓNIO VIEIRA

Terceiro

III - OS TEMPOS

Primeiro: NOITE

Segundo: TORMENTA

Terceiro: CALMA

Quarto: ANTEMANHÃ

Quinto: NEVOEIRO

Sobre o autor

Ficha Técnica

## **NOTAS DO EDITOR**

Este livro contempla toda a obra poética ortônima de Fernando Pessoa. Por obra ortónima entende-se todos os poemas assinados por Fernando Pessoa e não por um de seus diversos heterónimos.

Esta obra encontra-se no idioma original em que foi escrito (português – Portugal). Como os poemas foram escritos no final do século XIX e início do século XX, podem conter palavras e expressões que não são comumente usadas no português atual.

Boa leitura.

## **FICHA PESSOAL**

Ficha pessoal, também referida como nota autobiográfica, intitulada no original "Fernando Pessoa", datilografada e assinada pelo escritor em 30 de Março de 1935 (em algumas edições está 1933, por lapso). Publicada pela primeira vez, muito incompleta, como introdução ao poema À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais, editado pela Editorial Império em 1940. Publicada em versão integral em Fernando Pessoa no seu Tempo, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1988, pp. 17–22.

\*\*\*

## **FERNANDO PESSOA**

**Nome completo:** Fernando António Nogueira Pessoa.

**Idade e naturalidade:** Nasceu em Lisboa, freguesia dos Mártires, no prédio n.º 4 do Largo de S. Carlos (hoje do Diretório) em 13 de Junho de 1888.

**Filiação:** Filho legítimo de Joaquim de Seabra Pessoa e de D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira. Neto paterno do general Joaquim António de Araújo Pessoa, combatente das campanhas liberais, e de D. Dionísia Seabra; neto materno do conselheiro Luís António Nogueira, jurisconsulto e Diretor-Geral do Ministério do Reino, e de D. Madalena Xavier Pinheiro. Ascendência geral: misto de fidalgos e judeus.

**Estado civil:** Solteiro.

**Profissão:** A designação mais própria será "tradutor", a mais exata a de "correspondente estrangeiro" em casas comerciais. O ser poeta e escritor não constitui profissão, mas vocação.

**Morada:** Rua Coelho da Rocha, 16, 1º. Dto. Lisboa. (Endereço postal - Caixa Postal 147, Lisboa).

**Funções sociais que tem desempenhado:** Se por isso se entende cargos públicos, ou funções de destaque, nenhuma.

**Obras que tem publicado:** A obra está essencialmente dispersa, por enquanto, por várias revistas e publicações ocasionais. É o seguinte o que, de livros ou folhetos, considera como válido: "35 Sonnets" (em inglês), 1918; "English Poems I-II" e "English Poems III" (em inglês também), 1922; livro "Mensagem", 1934, premiado pelo "Secretariado de Propaganda Nacional" na categoria Poema". O folheto "O Interregno", publicado em 1928 e constituído por uma defesa da Ditadura Militar em Portugal, deve ser considerado como não existente. Há que rever tudo isso e talvez que repudiar muito.

**Educação:** Em virtude de, falecido seu pai em 1893, sua mãe ter casado, em 1895, em segundas núpcias, com o Comandante João Miguel Rosa, Cônsul de Portugal em Durban, Natal, foi ali educado. Ganhou o prémio Rainha Vitória de estilo inglês na Universidade do Cabo da Boa Esperança em 1903, no exame de admissão, aos 15 anos.

**Ideologia Política:** Considera que o sistema monárquico seria o mais próprio para uma nação organicamente imperial como é Portugal. Considera, ao mesmo tempo, a Monarquia completamente inviável em Portugal. Por isso, a haver um plebiscito entre regimes, votaria, embora

com pena, pela República. Conservador do estilo inglês, isto é, liberal dentro do conservantismo, e absolutamente anti reacionário.

**Posição religiosa:** Cristão gnóstico e portanto inteiramente oposto a todas as igrejas organizadas e, sobretudo, à Igreja Católica. Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta em Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria.

**Posição iniciática:** Iniciado, por comunicação direta de Mestre a Discípulo, nos três graus menores da Ordem dos Templários de Portugal.

**Posição patriótica:** Partidário de um nacionalismo místico, de onde seja abolida toda a infiltração católico-romana, criando-se, se possível for, um sebastianismo novo que a substitua espiritualmente, se é que no catolicismo português houve alguma vez espiritualidade. Nacionalista que se guia por este lema: "Tudo pela Humanidade; nada contra a Nação".

**Posição social:** Anti-comunista e anti-socialista. O mais deduz-se do que vai dito acima.

**Resumo de estas últimas considerações:** Ter sempre na memória o mártir Jacques de Molay, Grão-Mestre dos Templários, e combater, sempre e em toda a parte, os seus três assassinos - a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania.

Lisboa, 30 de Março de 1935.

Fernando Pessoa



## **NOTA PRELIMINAR**

1 - Em todo o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência dum estado de alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa percepção.

2 - Todo o estado de alma é uma passagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E - mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem - pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser "Há sol nos meus pensamentos", ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes.

3 - Assim, tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o nosso espírito uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora, essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo - num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva - e, também, a paisagem exterior sofre do nosso estado de alma - é de todos os tempos dizer-se, sobretudo em verso, coisas como que "na ausência da amada o sol não brilha", e outras coisas assim. De maneira que a arte que queira representar bem a realidade terá de a dar através duma representação simultânea da paisagem interior e da paisagem exterior. Resulta que terá de tentar dar uma intersecção de duas paisagens. Tem de ser duas

paisagens, mas pode ser - não se querendo admitir que um estado de alma é uma paisagem - que se queira simplesmente interseccionar um estado de alma (puro e simples sentimento) com a paisagem exterior.

Fernando Pessoa  
*(in Cancioneiro)*

# **POESIA LÍRICA**

**A água da chuva desce a ladeira.**

A água da chuva desce a ladeira.

É uma água ansiosa.

Faz lagos e rios pequenos, e cheira

A terra a ditosa.

Há muito que contar a dor e o pranto

De o amor os não querer...

Mas eu, que também o não tenho, o que canto

É uma coisa qualquer.

## **A alma poética do universo**

Era eu um poeta estimulado pela filosofia  
E não um filósofo com faculdades poéticas.  
Gostava de admirar a beleza das coisas,  
Descobrir no imperceptível, através do diminuto,  
A alma poética do universo.

## **A aranha do meu destino**

A aranha do meu destino  
Faz teias de eu não pensar.  
Não soube o que era em menino,  
Sou adulto sem o achar.  
É que a teia, de espalhada  
Apanhou-me o querer ir...  
Sou uma vida baloiçada  
Na consciência de existir  
A aranha da minha sorte  
Faz teia de muro a muro...  
Sou presa do meu suporte.

## **A ciência, a ciência, a ciência...**

A ciência, a ciência, a ciência...

Ah, como tudo é nulo e vão!

A pobreza da inteligência

Ante a riqueza da emoção!

Aquela mulher que trabalha

Como uma santa em sacrifício,

Com quanto esforço dado ralha!

Contra o pensar, que é o meu vício!

A ciência! Como é pobre e nada!

Rico é o que alma dá e tem.

## **A criança que ri na rua,**

A criança que ri na rua,  
A música que vem no acaso,  
A tela absurda, a estátua nua,  
A bondade que não tem prazo —  
Tudo isso excede este rigor  
Que o raciocínio dá a tudo,  
E tem qualquer coisa de amor,  
Ainda que o amor seja mudo.



## **A esperança como um fósforo inda aceso,**

A esperança como um fósforo inda aceso,  
Deixei no chão, e entardeceu no chão ileso.  
A falha social do meu destino  
Reconheci, como um mendigo preso.

Cada dia me traz com que esperar  
O que dia nenhum poderá dar.  
Cada dia me cansa da esperança...  
Mas viver é esperar e se cansar.

O prometido nunca será dado  
Porque no prometer cumpriu-se o fado.  
O que se espera, se a esperança é gosto,  
Gastou-se no esperá-lo, e está acabado.

Quanta acha vingança contra o fado  
Nem deu o verso que a dissesse, e o dado  
Rolou da mesa abaixo, oculta a carta,  
Nem o buscou o jogador cansado.

## **A estrada, como uma senhora,**

A estrada, como uma senhora,  
Só dá passagem legalmente.  
Escrevo ao sabor quente da hora  
Baldadamente.

Não saber bem o que se diz  
É um pouco sol e um pouco alma.  
Ah, quem me dera ser feliz.  
Teria isto, mais a calma.

Bom campo, estrada com cadastro,  
Legislação entre erva nata.  
Vai atar a alma com um nastro  
Só para ver quem ma desata.

## **A lavadeira no tanque**

A lavadeira no tanque  
Bate roupa em pedra bem.  
Canta porque canta e é triste  
Porque canta porque existe;  
Por isso é alegre também.

Ora se eu alguma vez  
Pudesse fazer nos versos  
O que a essa roupa ela fez,  
Eu perderia talvez  
Os meus destinos diversos.

Há uma grande unidade  
Em, sem pensar nem razão,  
E até cantando a metade,  
Bater roupa em realidade...  
Quem me lava o coração?

## **A lembrada canção,**

A lembrada canção,  
Amor, renova agora.  
Na noite, olhos fechados, tua voz  
Dói-me no coração  
Por tudo quanto chora.  
Cantas ao pé de mim, e eu estou a sós.

Não, a voz não é tua  
Que se ergue e acorda em mim  
Murmúrios de saudade e de inconstância,  
O luar não vem da lua  
Mas do meu ser afim  
Ao mito, à mágoa, à ausência e à distância.

Não, não é teu o canto  
Que como um astro ao fundo  
Da noite imensa do meu coração  
Chama em vão, chama tanto...  
Quem sou não sei... e o mundo?...  
Renova, amor, a antiga e vã canção.

Cantas mais que por ti,  
Tua voz é uma ponte  
Por onde passa, inúmero, um segredo  
Que nunca recebi —  
Murmúrio do horizonte,  
Água na noite, morte que vem cedo.

Assim, cantas sem que existas.

Ao fim do luar pressinto

Melhores sonhos que estes da ilusão.

## **A Lua (dizem os Ingleses)**

A Lua (dizem os Ingleses)

É feita de queijo verde.

Por mais que pense mil vezes

Sempre uma ideia se perde.

E era essa, era, era essa,

Que haveria de salvar

Minha alma da dor da pressa

De... não sei se é desejar.

Sim, todos os meus desejos

São de estar sentir pensando...

A Lua (dizem os Ingleses)

É azul de quando em quando.

## **A mão posta sobre a mesa,**

A mão posta sobre a mesa,  
A mão abstracta, esquecida,  
Margem da minha vida...  
A mão que pus sobre a mesa  
Para mim mesmo é surpresa.  
Porque a mão é o que temos  
Ou define quem não somos.  
Com ela aquilo fazemos

[...]

## **A minha camisa rota**

A minha camisa rota  
(Pois não tenho quem me a cosa)  
É parte minha na rota  
Que vai para qualquer cousa,  
Pois o estar rota denota  
Que a minha [...]

Mas sei que a camisa é nada,  
Que um rasgão não é mal,  
E que a camisa rasgada  
Não me traz a alma enganada,  
Em busca do Santo Graal.



## **A miséria do meu ser,**

A miséria do meu ser,  
Do ser que tenho a viver,  
Tornou-se uma coisa vista.  
Sou nesta vida um qualquer  
Que roda fora da pista.

Ninguém conhece quem sou  
Nem eu mesmo me conheço  
E, se me conheço, esqueço,  
Porque não vivo onde estou.  
Rodo, e o meu rodar apresso.

É uma carreira invisível,  
Salvo onde caio e sou visto,  
Porque cair é sensível  
Pelo ruído imprevisto...  
Sou assim. Mas isto é crível?

## **A montanha por achar**

A montanha por achar  
Há-de ter, quando a encontrar,  
Um templo aberto na pedra  
Da encosta onde nada medra.

O santuário que tiver,  
Quando o encontrar, há-de ser  
Na montanha procurada  
E na gruta ali achada.

A verdade, se ela existe,  
Ver-se-á que só consiste  
Na procura da verdade,  
Porque a vida é só metade.

## **A morte chega cedo,**

A morte chega cedo,  
Pois breve é toda vida  
O instante é o arremedo  
De uma coisa perdida.

O amor foi começado,  
O ideal não acabou,  
E quem tenha alcançado  
Não sabe o que alcançou.

E a tudo isto a morte  
Risca por não estar certo  
No caderno da sorte  
Que Deus deixou aberto.

## **A morte é a curva da estrada,**

A morte é a curva da estrada,  
Morrer é só não ser visto.  
Se escuto, eu te oiço a passada  
Existir como eu existo.

A terra é feita de céu.  
A mentira não tem ninho.  
Nunca ninguém se perdeu.  
Tudo é verdade e caminho.

## À NOITE

O silêncio é teu gémeo no Infinito.  
Quem te conhece, sabe não buscar.  
Morte visível, vens dessedentar  
O vago mundo, o mundo estreito e aflito.

Se os teus abismos constelados fito,  
Não sei quem sou ou qual o fim a dar  
A tanta dor, a tanta ânsia par  
Do sonho, e a tanto incerto em que medito.

Que vislumbre escondido de melhores  
Dias ou horas no teu campo cabe?  
Véu nupcial do fim de fins e dores.

Nem sei a angústia que vens consolar-me.  
Deixa que eu durma, deixa que eu acabe  
E que a luz nunca venha despertar-me!

## **A novela inacabada,**

A novela inacabada,  
Que o meu sonho completou,  
Não era de rei ou fada  
Mas era de quem não sou.

Para além do que dizia  
Dizia eu quem não era...  
A Primavera floria  
Sem que houvesse Primavera.

Lenda do sonho que vivo,  
Perdida por a salvar...  
Mas quem me arrancou o livro  
Que eu quis ter sem acabar?

## **A nuvem veio e o sol parou.**

A nuvem veio e o sol parou.  
Foi vento ou ocasião que a trouxe?  
Não sei: a luz se nos velou  
Como se luz a sombra fosse.

Às vezes, quando a vida passa  
Por sobre a alma que é ninguém,  
A sensação torna-se baça  
E pensar é não sentir bem.

Sim, é como isto: pelo céu  
Vai uma nuvem destroçada  
Que é véu, mau véu, ou quase véu,  
E, como tudo, não é nada.

## **A pálida luz da manhã de Inverno,**

A pálida luz da manhã de Inverno,

O cais e a razão

Não dão mais esperança, nem uma esperança sequer,

Ao meu coração.

O que tem que ser

Será, quer eu queira que seja ou que não.

No rumor do cais, no bulício do rio

Na rua a acordar

Não há mais sossego, nem um vazio sequer,

Para o meu esperar.

O que tem que não ser

Algures será, se o pensei; tudo mais é sonhar.



## **A parte do indolente é a abstracta vida.**

A parte do indolente é a abstracta vida.  
Quem não emprega o esforço em conseguir,  
Mas o deixa ficar, deixa dormir,  
O deixa sem futuro e sem guarida,

Que mais haurir pode da morta lida.  
Da sentida vaidade de seguir  
Um caminho, da inércia de sentir,  
Do extinto fogo e da visão perdida,

Senão a calma aquiescência em ter  
No sangue entregue, e pelo corpo todo  
A consciência de nada querer nem ser,

A intervisão das coisas atingíveis,  
E o renunciá-las, como um lindo modo  
Das mãos que a palidez torna impassíveis.

## **A quem a Natureza não fez belo**

A quem a Natureza não fez belo  
Com seu corpo lhe disse: Tu não ames!  
A fealdade é o destinado selo  
Com que uma alma é votada à solidão.

## **A tua carne calma**

A tua carne calma

Presente não tem ser,

Os meus desejos são cansaços.

Quem querem ter nos braços

É a ideia de te ter.

## **A tua voz fala amorosa...**

A tua voz fala amorosa...  
Tão meiga fala que me esquece  
Que é falsa a sua branda prosa.  
Meu coração desentristece.

Sim, como a música sugere  
O que na música não está,  
Meu coração nada mais quer  
Que a melodia que em ti há...

Amar-me? Quem o crera? Fala  
Na mesma voz que nada diz  
Se és uma música que embala.  
Eu ouço, ignoro, e sou feliz.

Nem há felicidade falsa,  
Enquanto dura é verdadeira.  
Que importa o que a verdade exalça  
Se sou feliz desta maneira?

## **ABAT-JOUR**

A lâmpada acesa  
(Outrem a acendeu)  
Baixa uma beleza  
Sobre o chão que é meu

No quarto deserto  
Salvo o meu sonhar,  
Faz no chão incerto  
Um círculo a ondear.

E entre a sombra e a luz  
Que oscila no chão  
Meu sonho conduz  
Minha inatenção.

Bem sei... Era dia  
E longe de aqui...  
Quanto me sorria  
O que nunca vi!

E no quarto silente  
Com a Luz a ondear  
Deixei vagamente  
Até de sonhar...

## **ABDICAÇÃO**

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços  
E chama-me teu filho.

Eu sou um rei  
Que voluntariamente abandonei  
O meu trono de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,  
Em mãos viris e calmas entreguei;  
E meu ceptro e coroa, — eu os deixei  
Na antecâmara, feitos em pedaços.

Minha cota de malha, tão inútil  
Minhas esporas, de um tinir tão fútil,  
Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,  
E regressei à noite antiga e calma  
Como a paisagem ao morrer do dia.

## **Abismo de ser muitos! Noite Minha!**

Abismo de ser muitos! Noite Minha!  
Encruzilhada do meu vasto ser!  
Quem quero que seja eu? Quem, no entrever  
Do que fui, treva anónima e mesquinha?

Como o último estandarte da rainha  
Com quem o império findo se perdeu,  
Descem dos astros mudos do atro céu,  
Poesia, as razões de quanto fui ou tinha.

Nos rumores da treva do que foi  
Recuam na derrota a murmurar  
As hostes sem (...) e sem herói

Do meu destino feito a ignorar,  
E, como à última rainha, dói  
No meu peito um segredo por achar.

## **Ah quanta melancolia!**

Ah quanta melancolia!  
Quanta, quanta solidão!  
Aquele alma, que vazia,  
Que sinto inútil e fria  
Dentro do meu coração!

Que angústia desesperada!  
Que mágoa que sabe a fim!  
Se a nau foi abandonada,  
E o cego caiu na estrada —  
Deixai-os, que é tudo assim.

Sem sossego, sem sossego,  
Nenhum momento de meu  
Onde for que a alma emprego —  
Na estrada morreu o cego  
A nau desapareceu.



## **Ah, a esta alma que não arde**

Ah, a esta alma que não arde  
Não envolve, porque ama  
A esperança, ainda que vã,  
O esquecimento que vive  
Entre o orvalho da tarde  
E o orvalho da manhã.

## **Ah, bate levemente, mais levemente!**

Ah, bate leve, mais levemente!  
Eu julguei morto meu coração  
Na hora passa, como demente  
Ophelia indo para a corrente,  
Não sei que incerta minha emoção,

Julguei-te morto, coração triste,  
Que nada fazes salvo doer.  
Julguei-te morto, e ainda existe  
Na tua cinza algum fogo e resiste  
Em ti ainda o mal de sofrer.

.....

Coração triste, vibras incerto,  
Gemes na tua desolação.  
Que oásis falso no teu deserto  
Não foi esta vaga miragem perto  
Da tua inútil consolação!

.....

Recolhe, monge definitivo  
Ao peito aonde te abrigas  
(...)

.....

Sê firme, crê que ninguém deseja  
O teu asilo ou o teu abrigo.  
Em teu deserto nada viceja.  
Quem queres tu que te queira...  
Coração triste, vive contigo.

.....

Abdica e vive de não viver!

.....

Pobre criança que queria ter

Em toda a vida canções de amor (...)

**Ah, como incerta, na noite em frente,**

Ah, como incerta, na noite em frente,  
De uma longínqua tasca vizinha  
Uma ária antiga, subitamente,  
Me faz saudades do que as não tinha.

A ária é antiga? É-o a guitarra.  
Da ária mesma não sei, não sei.  
Sinto a dor-sangue, não vejo a garra.  
Não choro, e sinto que já chorei.

Qual o passado que me trouxeram?  
Nem meu nem de outro, é só passado:  
Todas as coisas que já morreram  
A mim e a todos, no mundo andado.

É o tempo, o tempo que leva a vida  
Que chora e choro na noite triste.  
É a mágoa, a queixa mal definida  
De quando existe, só porque existe.

## **Ah, como o sono é a verdade, e a única**

Ah, como o sono é a verdade, e a única  
Hora suave é a de adormecer!  
Amor ideal, tens chagas sob a túnica.  
Esperança, és a ilusão a apodrecer.

Os deuses vão-se como forasteiros.  
Como uma feira acaba a tradição.  
Somos todos palhaços estrangeiros.  
A nossa vida é palco e confusão.

Ah, dormir tudo! Pôr um sono à roda  
Do esforço inútil e da sorte incerta!  
Que a morte virtual da vida toda  
Seja, sons, a janela que, entreaberta,

Só um crepúsculo do mundo deixe  
Chegar à sonolência que se sente;  
E a alma se desfaça como um peixe  
Atado pelos dedos de um demente...

**Ah, já está tudo lido,**

Ah, já está tudo lido,  
Mesmo o que falta ler!  
Sonho, e ao meu ouvido  
Que música vem ter?

Se escuto, nenhuma.  
Se não ouço ao luar  
Uma voz que é bruma  
Entra em meu sonhar.

E esta é a voz que canta  
Se não sei ouvir...  
Tudo em mim se encanta  
E esquece sentir.

O que a voz canta  
Para sempre agora  
Na alma me fica  
Se a alma me ignora.

Sinto, quero, sei-me  
Só há ter perdido —  
E o eco onde sonhei-me  
Esquece do meu ouvido.

## **Ah, quanta vez, na hora suave**

Ah, quanta vez, na hora suave  
Em que me esqueço,  
Vejo passar um voo de ave  
E me entristeço!

Porque é ligeiro, leve, certo  
No ar de amavio?  
Porque vai sob o céu aberto  
Sem um desvio?

Porque ter asas simboliza  
A liberdade  
Que a vida nega e a alma precisa?  
Sei que me invade

Um horror de me ter que cobre  
Como uma cheia  
Meu coração, e entorna sobre  
Minha alma alheia

Um desejo, não de ser ave,  
Mas de poder  
Ter não sei quê do voo suave  
Dentro em meu ser.

**Ah, quero as relvas e as crianças!**

Ah, quero as relvas e as crianças!  
Quero o coreto com a banda!  
Quero os brinquedos e as danças —  
A corda com que a alma anda.

Quero ver todas brincar  
Num jardim onde se passa,  
Para ver se posso achar  
Onde está minha desgraça.

Ah, mas minha desgraça está  
Em eu poder querer isto —  
Poder desejar o que há.

[...]



## **Ah, sempre no curso leve do tempo pesado**

Ah, sempre no curso leve do tempo pesado  
A mesma forma de viver!  
O mesmo modo inútil de estar enganado  
Por crer ou por descrer!

Sempre, na fuga ligeira da hora que morre,  
A mesma desilusão  
Do mesmo olhar lançado do alto da torre  
Sobre o plaino vão!

Saudade, esperança — muda o nome, fica  
Só a alma vã  
Na pobreza de hoje a consciência de ser rica  
Ontem ou amanhã.

Sempre, sempre, no lapso indeciso e constante  
Do tempo sem fim  
O mesmo momento voltando improfícuo e distante  
Do que quero em mim!

Sempre, ou no dia ou na noite, sempre — seja  
Diverso — o mesmo olhar de desilusão  
Lançado do alto da torre da ruína da igreja  
Sobre o plaino vão!

## **Ah, só eu sei**

Ah, só eu sei  
Quanto dói meu coração  
Sem fé nem lei,  
Sem melodia nem razão.

Só eu, só eu,  
E não o posso dizer  
Porque sentir é como o céu,  
Vê-se mas não há nele que ver.

## **Ah, toca suavemente**

Ah, toca suavemente  
Como a quem vai chorar  
Qualquer canção tecida  
De artifício e de luar —  
Nada que faça lembrar  
A vida.

Prelúdio de cortesias,  
Ou sorriso que passou...  
Jardim longínquo e frio...  
E na alma de quem o achou  
Só o eco absurdo do voo  
Vazio.

## **ALGA**

Paira na noite calma  
O silêncio da brisa...  
Acontece-me à alma  
Qualquer coisa imprecisa...

Uma porta entreaberta...  
Um sorriso em descrença...  
Uma ânsia que não acerta  
Com aquilo em que pensa.

Sonha, duvida, elevo-a  
Até quem me suponho  
E a sua voz de névoa  
Roça pelo meu sonho...

## ALÉM-DEUS

### I / ABISMO

OLHO O TEJO, e de tal arte  
Que me esquece olhar olhando,  
E súbito isto me bate  
De encontro ao devaneando —  
O que é ser-rio, e correr?  
O que é está-lo eu a ver?

Sinto de repente pouco,  
Vácuo, o momento, o lugar.  
Tudo de repente é oco —  
Mesmo o meu estar a pensar.  
Tudo — eu e o mundo em redor —  
Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,  
E do pensar se me some.  
Fico sem poder ligar  
Ser, ideia, alma de nome  
A mim, à terra e aos céus...

E súbito encontro Deus.

\*\*\*

### II / PASSOU

Passou, fora de Quando,  
De Porquê, e de Passando...,  
Turbilhão de Ignorado,  
Sem ter turbilhonado...,

Vasto por fora do Vasto  
Sem ser, que a si se assombra...

O Universo é o seu rasto...  
Deus é a sua sombra...

\*\*\*

### III/ A VOZ DE DEUS

Brilha uma voz na noite...  
De dentro de Fora ouvi-a...  
Ó Universo, eu sou-te...  
Oh, o horror da alegria  
Deste pavor, do archote  
Se apagar, que me guia!

Cinzas de ideia e de nome  
Em mim, e a voz: Ó mundo,  
Ser mente em ti eu sou-me...  
Mero eco de mim, me inundo  
De ondas de negro lume  
Em que para Deus me afundo.

\*\*\*

#### IV / A QUEDA

Da minha ideia do mundo  
Caí...  
Vácuo além de profundo,  
Sem ter Eu nem Ali...

Vácuo sem si-próprio, caos  
De ser pensado como ser...  
Escada absoluta sem degraus...  
Visão que se não pode ver...

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma...  
Clarão de Desconhecido...  
Tudo tem outro sentido, ó alma,  
Mesmo o ter-um-sentido...

\*\*\*

#### V / BRAÇO SEM CORPO BRANDINDO UM GLÁDIO (Entre a árvore e o vê-la)

Entre a árvore e o vê-la  
Onde está o sonho?  
Que arco da ponte mais vela  
Deus?... E eu fico tristonho  
Por não saber se a curva da ponte  
É a curva do horizonte...

Entre o que vive e a vida  
Pra que lado corre o rio?  
Árvore de folhas vestida —  
Entre isso e Árvore há fio?  
Pombas voando — o pombal  
Está-lhes sempre à direita, ou é real?

Deus é um grande Intervalo,  
Mas entre quê e quê?...  
Entre o que digo e o que calo  
Existo? Quem é que me vê?  
Erro-me... E o pombal elevado  
Está em torno na pomba, ou de lado?



## **Ameaçou chuva. E a negra**

Ameaçou chuva. E a negra  
Nuvem passou sem mais...  
Todo o meu ser se alegra  
Em alegrias iguais.

Nuvem que passa... Céu  
Que fica e nada diz...  
Vazio azul sem véu  
Sobre a terra feliz...

E a terra é verde, verde...  
Porque então minha vista  
Por meus sonhos se perde?  
De que é que a minha alma dista?

## **Amei-te e por te amar**

Amei-te e por te amar  
Só a ti eu não via...  
Eras o céu e o mar,  
Eras a noite e o dia...  
Só quando te perdi  
É que eu te conheci...

Quando te tinha diante  
Do meu olhar submerso  
Não eras minha amante...  
Eras o Universo...  
Agora que te não tenho,  
És só do teu tamanho.

Estavas-me longe na alma,  
Por isso eu não te via...  
Presença em mim tão calma,  
Que eu a não sentia.  
Só quando meu ser te perdeu  
Vi que não eras eu.

Não sei o que eras. Creio  
Que o meu modo de olhar,  
Meu sentir meu anseio  
Meu jeito de pensar...  
Eras minha alma, fora  
Do Lugar e da Hora...

Hoje eu busco-te e choro  
Por te poder achar  
Não sequer te memoro  
Como te tive a amar...  
Nem foste um sonho meu...  
Porque te choro eu?

Não sei... Perdi-te, e és hoje  
Real no [...] real...  
Como a hora que foge,  
Foges e tudo é igual  
A si-próprio e é tão triste  
O que vejo que existe.

Em que és [...] fictício,  
Em que tempo parado  
Foste o (...) cilício  
Que quando em fé fechado  
Não sentia e hoje sinto  
Que acordo e não me minto...

[...] tuas mãos, contudo,  
Sinto nas minhas mãos,  
Nosso olhar fixo e mudo  
Quantos momentos vãos  
Pra além de nós viveu  
Nem nosso, teu ou meu...

Quantas vezes sentimos  
Alma nosso contacto

Quantas vezes seguimos  
Pelo caminho abstracto  
Que vai entre alma e alma...  
Horas de inquieta calma!

E hoje pergunto em mim  
Quem foi que amei, beijei  
Com quem perdi o fim  
Aos sonhos que sonhei...  
Procuro-te e nem vejo  
O meu próprio desejo...

Que foi real em nós?  
Que houve em nós de sonho?  
De que Nós fomos de que voz  
O duplo eco risonho  
Que unidade tivemos?  
O que foi que perdemos?

Nós não sonhámos. Eras  
Real e eu era real.  
Tuas mãos — tão sinceras...  
Meu gesto — tão leal...  
Tu e eu lado a lado...  
Isto... e isto acabado...

Como houve em nós amor  
E deixou de o haver?  
Sei que hoje é vaga dor  
O que era então prazer...

Mas não sei que passou  
Por nós e acordou...

Amámo-nos deveras?  
Amamo-nos ainda?  
Se penso vejo que eras  
A mesma que és... E finda  
Tudo o que foi o amor;  
Assim quase sem dor.

Sem dor... Um pasmo vago  
De ter havido amar...  
Quase que me embriago  
De mal poder pensar...  
O que mudou e onde?  
O que é que em nós se esconde?

Talvez sintas como eu  
E não saibas sentil-o...  
Ser é ser nosso véu  
Amar é encobril-o,  
Hoje que te deixei  
É que sei que te amei...

Somos a nossa bruma...  
É pra dentro que vemos...  
Caem-nos uma a uma  
As compreensões que temos  
E ficamos no frio  
Do Universo vazio...

Que importa? Se o que foi  
Entre nós foi amor,  
Se por te amar me dói  
Já não te amar, e a dor  
Tem um íntimo sentido,  
Nada será perdido...

E além de nós, no Agora  
Que não nos tem por véus  
Viveremos a Hora  
Virados para Deus  
E n'um (...) mudo  
Compreenderemos tudo.

## AMIEL

Não, nem no sonho a perfeição sonhada  
Existe, pois que é sonho. Ó Natureza,  
Tão monotonamente renovada,  
Que cura dás a esta tristeza?  
O esquecimento temporário, a estrada  
Por engano tomada,  
O meditar na ponte e na incerteza...

Inúteis dias que consumo lentos  
No esforço de pensar na acção,  
Sozinho com meus frios pensamentos  
Nem com uma esperança mão em mão.  
É talvez nobre ao coração  
Este vazio ser que anseia o mundo,  
Este prolixo ser que anseia em vão,  
Exânime é profundo.

Tanta grandeza que em si mesma é morta!  
Tanta nobreza inútil de ânsia e dor!  
Nem se ergue a mão para a fechada porta,  
Nem o submisso olhar para o amor!

## ANÁLISE

Tão abstracta é a ideia do teu ser  
Que me vem de te olhar, que, ao entreter  
Os meus olhos nos teus, perco-os de vista,  
E nada fica em meu olhar, e dista  
Teu corpo do meu ver tão longemente,  
E a ideia do teu ser fica tão rente  
Ao meu pensar olhar-te, e ao saber-me  
Sabendo que tu és, que, só por ter-me  
Consciente de ti, nem a mim sinto.  
E assim, neste ignorar-me a ver-te, minto  
A ilusão da sensação, e sonho,  
Não te vendo, nem vendo, nem sabendo  
Que te vejo, ou sequer que sou, risonho  
Do interior crepúsculo tristonho  
Em que sinto que sonho o que me sinto sendo.  
Do sonho e pouco da vida.



## **Andavam de noite aos segredos**

Andavam de noite aos segredos  
Só porque era noite...  
Os bosques enchiam de medos  
Quem quer que se afoite...

Diziam [?] palavras que pesam [?]  
À sombra de alguém...  
Ninguém os conhece, e passam...  
Não eram ninguém...

Fica só na aragem e na ânsia  
Saudade a fingir...  
Foi como se fora a distância...  
Eu torno a dormir.

## **Ao longe, ao luar,**

Ao longe, ao luar,  
No rio urna vela  
Serena a passar,  
Que é que me revela?

Não sei, mas meu ser  
Tornou-se-me estranho,  
E eu sonho sem ver  
Os sonhos que tenho.

Que angústia me enlaça?  
Que amor não se explica  
É a vela que passa  
Na noite que fica.

**Aqui está-se sossegado,**

Aqui está-se sossegado,  
Longe do mundo e da vida,  
Cheio de não ter passado,  
Até o futuro se olvida.  
Aqui está-se sossegado.

Tinha os gestos inocentes,  
Seus olhos riam no fundo.  
Mas invisíveis serpentes  
Faziam-a ser do mundo.  
Tinha os gestos inocentes.

Aqui tudo é paz e mar.  
Que longe a vista se perde  
Na solidão a tornar  
Em sombra, o azul que é verde!

Sim, poderia ter sido...  
Mas vontade nem razão  
O mundo têm conduzido  
A prazer ou conclusão.  
Sim, poderia ter sido...

Agora não esqueço e sonho.  
Fecho os olhos, oiço o mar  
E de ouvi-lo bem, suponho  
Que vejo azul a esverdear.  
Agora não esqueço e sonho.

Não foi propósito, não.  
Os seus gestos inocentes  
Tocavam no coração  
Como invisíveis serpentes.  
Não foi propósito, não.

Durmo, desperto e sozinho.  
Que tem sido a minha vida?  
Velas de inútil moinho —  
Um movimento sem lida...  
Durmo, desperto e sozinho.

Nada explica nem consola.  
Tudo está certo depois.  
Mas a dor que nos desola,  
A mágoa de um não ser dois —  
Nada explica nem consola.

## **Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar,**

Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar,  
Sem nada já que me atraia, nem nada que desejar,  
Farei um sonho, terei meu dia, fecharei a vida,  
E nunca terei agonia, pois dormirei de seguida.

A vida é como uma sombra que passa por sobre um rio  
Ou como um passo na alfombra de um quarto que jaz vazio;  
O amor é um sono que chega para o pouco ser que se é;  
A glória concede e nega; não tem verdades a fé.

Por isso na orla morena da praia calada e só,  
Tenho a alma feita pequena, livre de mágoa e de dó;  
Sonho sem quase já ser, perco sem nunca ter tido,  
E comecei a morrer muito antes de ter vivido.

Dêem-me, onde aqui jazo, só uma brisa que passe,  
Não quero nada do acaso, senão a brisa na face;  
Dêem-me um vago amor de quanto nunca terei,  
Não quero gozo nem dor, não quero vida nem lei.

Só, no silêncio cercado pelo som brusco do mar,  
Quero dormir sossegado, sem nada que desejar,  
Quero dormir na distância de um ser que nunca foi seu,  
Tocado do ar sem fragrância da brisa de qualquer céu.

## **Aqui neste profundo apartamento**

Aqui neste profundo apartamento  
Em que, não por lugar, mas mente estou,  
No claustro de ser eu, neste momento  
Em que me encontro e sinto-me o que vou,

Aqui, agora, rememoro  
Quanto de mim deixei de ser  
E inutilmente, [...] choro  
O que sou e não pude ter.

## **Aqui onde se espera**

Aqui onde se espera  
— Sossego, só sossego —  
Isso que outrora era,

Aqui onde, dormindo,  
— Sossego, só sossego —  
Se sente a noite vindo,

E nada importaria  
— Sossego, só sossego —  
Que fosse antes o dia,

Aqui, aqui estarei  
— Sossego, só sossego —  
Como no exílio um rei,

Gozando da ventura  
— Sossego, só sossego —  
De não ter a amargura

De reinar, mas guardando  
— Sossego, só sossego —  
O nome venerando...

Que mais quer quem descansa  
— Sossego, só sossego —  
Da dor e da esperança,

Que ter a negação  
— Sossego, só sossego —  
De todo o coração?



## **Aquilo que a gente lembra**

Aquilo que a gente lembra  
Sem o querer lembrar,  
E inerte se desmembra  
Como um fumo no ar,  
É a música que a alma tem,  
É o perfume que vem,  
Vago, inútil, trazido  
Por uma brisa de agrado,  
Do fundo do que é esquecido,  
Dos jardins do passado

Aquilo que a gente sonha  
Sem saber de sonhar,  
Aquele boca risonha  
Que nunca nos quis beijar,  
Aquele vaga ironia

Que uns olhos tiveram um dia  
Para a nossa emoção —  
Tudo isso nos dá o agrado,  
Flores que flores são  
Nos jardins do passado

Não sei o que fiz da vida,  
Nem o quero saber  
Se a tenho por perdida,  
Sei eu o que é perder?  
Mas tudo é música se há

Alma onde a alma está,  
E há um vago, suave, sono,  
Um sonho morno de agrado,  
Quando regresso, dono,  
Aos jardins do passado.

**Árvore verde,**

Árvore verde,  
Meu pensamento  
Em ti se perde.  
Ver é dormir  
Neste momento.

Que bom não ser  
estando acordado!  
Também em mim  
Enverdecer  
Em folhas dado!

Tremulamente  
Sentir no corpo  
Brisa na alma!  
Não ser quem sente,  
Mas tem a calma...

Eu tinha um sonho  
Que me encantava.  
Se a manhã vinha,  
Como eu a odiava!

Volvia a noite,  
E o sonho a mim.  
Era o meu lar,  
Minha alma afim.

Depois perdi-o.

Lembro? Quem dera!

Se eu nunca soube

O que ele era.

## **As coisas que errei na vida**

As coisas que errei na vida  
São as que acharei na morte,  
Porque a vida é dividida  
Entre quem sou e a sorte.

As coisas que a Sorte deu  
Levou-as ela consigo,  
Mas as coisas que sou eu  
Guardei-as todas comigo.

E por isso os erros meus,  
Sendo a má sorte que tive,  
Terei que os buscar nos céus  
Quando a morte tire os véus  
À inconsciência em que estive.

## **As lentas nuvens fazem sono,**

As lentas nuvens fazem sono,  
O céu azul faz bom dormir.  
Bóio, num íntimo abandono,  
À tona de me não sentir.

E é suave, como um correr de água,  
O sentir que não sou alguém.  
Não sou capaz de peso ou mágoa.  
Minha alma é aquilo que não tem.

Que bom, à margem do ribeiro  
Saber que é ele que vai indo...  
E só em sono eu vou primeiro,  
E só em sonho eu vou seguindo.

## **As nuvens são sombrias**

As nuvens são sombrias  
Mas, nos lados do sul,  
Um bocado do céu  
É tristemente azul.

Assim, no pensamento,  
Sem haver solução,  
Há um bocado que lembra  
Que existe o coração.

E esse bocado é que é  
A verdade que está  
A ser beleza eterna  
Para além do que há.

## **As tuas mãos terminam em segredo.**

As tuas mãos terminam em segredo.  
Os teus olhos são negros e macios  
Cristo na cruz os teus seios (?) esguios  
E o teu perfil princesas no degredo...

Entre buxos e ao pé de bancos frios  
Nas entrevistas alamedas, quedo  
O vento põe seu arrastado medo  
Saudoso a longes velas de navios.

Mas quando o mar subir na praia e for  
Arrasar os castelos que na areia  
As crianças deixaram, meu amor,

Será o haver cais num mar distante...  
Pobre do rei pai das princesas feias  
No seu castelo à rosa do Levante!



## **Às vezes, em sonho triste**

Às vezes, em sonho triste  
Nos meus desejos existe  
Longinquamente um país  
Onde ser feliz consiste  
Apenas em ser feliz.

Vive-se como se nasce  
Sem o querer nem saber.  
Nessa ilusão de viver  
O tempo morre e renasce  
Sem que o sintamos correr.

O sentir e o desejar  
São banidos dessa terra.  
O amor não é amor  
Nesse país por onde erra  
Meu longínquo divagar.

Nem se sonha nem se vive:  
É uma infância sem fim.  
Parece que se revive  
Tão suave é viver assim  
Nesse impossível jardim.

## **AUTOPSICOGRAFIA**

O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.

## **Basta pensar em sentir**

Basta pensar em sentir  
Para sentir em pensar.  
Meu coração faz sorrir  
Meu coração a chorar.  
Depois de ficar e ir  
Hei-de ser quem vai chegar  
Para ser quem quer partir.

Viver é não conseguir.

## **Bate a luz no cimo**

Bate a luz no cimo  
Da montanha, vê...  
Sem querer, eu cismo  
Mas não sei em quê...

Não sei que perdi  
Ou que não achei...  
Vida que vivi,  
Que mal eu a amei!...

Hoje quero tanto  
Que o não posso ter.  
De manhã há o pranto  
E ao anoitecer.

Tomara eu ter jeito  
Para ser feliz...  
Como o mundo é estreito,  
E o pouco que eu quis!

Vai morrendo a luz  
No alto da montanha...  
Como um rio a flux  
A minha alma banha.

Mas não me acarinha,  
Não me acalma nada...  
Pobre criancinha

Perdida na estrada!...

**Bem sei que ela era a Rainha.**

Bem sei que ela era a Rainha.  
Tantas vezes a sonhei  
Que julguei até que a tinha  
Com quanto a imaginei...

Porque a gente, por pensar,  
Talvez que pode querer,  
Até sentir que sonhar  
É pensar sem poder ter.

Bem sei. Mas era a Rainha  
E não abdicó encontrá-la.  
Faltam-me o ser ela minha  
E as condições e a sala.

## **Bem sei que estou endoidecendo.**

Bem sei que estou endoidecendo.  
Bem sei que falha em mim quem sou.  
Sim, mas, enquanto me não rendo,  
Quero saber por onde vou.

Inda que vá para render-me  
Ao que o Destino me faz ser,  
Quero, um momento, aqui deter-me  
E descansar a conhecer.

Há grandes lapsos de memória  
Grandes paralelas perdidas,  
E muita lenda e muita história  
E muitas vidas, muitas vidas.

Tudo isso; agora me perco  
De mim e vou a transviar,  
Quero chamar a mim, e cerco  
Meu ser de tudo relembrar.

Porque, se vou ser louco, quero  
Ser louco com moral e siso.  
Vou tanger lira como Nero.  
Mas o incêndio não é preciso.

## **Bem sei que há ilhas lá ao sul de tudo**

Bem sei que há ilhas lá ao sul de tudo  
Onde há paisagens que não pode haver.  
Tão belas que são como que o veludo  
Do tecido que o mundo pode ser.

Bem sei. Vegetações olhando o mar,  
Coral, encostas, tudo o que é a vida  
Tornado amor e luz, o que o sonhar  
Dá à imaginação anoitecida.

Bem sei. Vejo isso tudo. O mesmo vento  
Que ali agita os ramos em torpor  
Passa de leve por meu pensamento  
E o pensamento julga que é amor.

Sei, sim, é belo, é luz, é impossível,  
Existe, dorme, tem a cor e o fim,  
E, ainda que não haja, é tão visível  
Que é uma parte natural de mim.

Sei tudo, sim, sei tudo. E sei também  
Que não é lá que há isso que lá está  
Sei qual é a luz que essa paisagem tem  
E qual o mar por que se vai para lá.



## **Bem sei que todas as mágoas**

Bem sei que todas as mágoas  
São como as mágoas que são  
Parecidas com as águas  
Que continuamente vão...

Quero, pois, ter guardada  
Uma tristeza de mim  
Que não possa ser levada  
Por essas águas sem fim.

Quero uma tristeza minha  
Uma mágoa que me seja  
Uma espécie de rainha  
Cujo trono se não veja.

## **Bem, hoje que estou só e posso ver**

Bem, hoje que estou só e posso ver  
Com o poder de ver do coração  
Quanto não sou, quanto não posso ser,  
Quanto, se o for, serei em vão,

Hoje, vou confessar, quero sentir-me  
Definitivamente ser ninguém,  
E de mim mesmo, altivo, demitir-me  
Por não ter procedido bem.

Falhei a tudo, mas sem galhardias,  
Nada fui, nada ousei e nada fiz,  
Nem colhi nas ortigas dos meus dias  
A flor de parecer feliz.

Mas fica sempre porque o pobre é rico  
Em qualquer coisa, se procurar bem,  
A grande indiferença com que fico.  
Escrevo-o para o lembrar bem.

## **Bóiam farrapos de sombra**

Bóiam farrapos de sombra  
Em torno ao que não sei ser  
É todo um céu que se escombra  
Sem me o deixar entrever.

O mistério das alturas  
Desfaz-se em ritmos sem forma  
Nas desregradas negruras  
Com que o ar se treva torna.

Mas em tudo isto, que faz  
O universo um ser desfeito,  
Guardai, como a minha paz,  
A esperança, que a dor me traz,  
Apertada contra o peito.

## **Bóiam leves, desatentos,**

Bóiam leves, desatentos,  
Meus pensamentos de mágoa  
Como, no sono dos ventos,  
As algas, cabelos lentos  
Do corpo morto das águas.

Bóiam como folhas mortas  
À tona de águas paradas.  
São coisas vestindo nada,  
Pós remoinhando nas portas  
Das casas abandonadas.

Sono de ser, sem remédio,  
Vestígio do que não foi,  
Leve.mágoa, breve tédio,  
Não sei se pára, se flui;  
Não sei se existe ou se dói.

## **Brincava a criança**

Brincava a criança  
Com um carro de bois.  
Sentiu-se brincando  
E disse, eu sou dois!

Há um a brincar  
E há outro a saber,  
Um vê-me a brincar  
E outro vê-me a ver.

Estou por trás de mim  
Mas se volto a cabeça  
Não era o que eu queria  
A volta só é essa...

O outro menino  
Não tem pés nem mãos  
Nem é pequenino  
Não tem mãe ou irmãos.

E havia comigo  
Por trás de onde eu estou,  
Mas se volto a cabeça  
Já não sei o que sou.

E o tal que eu cá tenho  
E sente comigo,  
Nem pai, nem padrinho,

Nem corpo ou amigo,

Tem alma cá dentro

Está a ver-me sem ver,

E o carro de bois

Começa a parecer.

## **Cai amplo o frio e eu durmo na tardança**

Cai amplo o frio e eu durmo na tardança

De adormecer.

Sou, sem lar, nem conforto, nem esperança,

Nem desejo de os ter.

E um choro por meu ser me inunda

A imaginação.

Saudade vaga, anónima, profunda,

Náusea da indecisão.

Frio do Inverno duro, não te tira

Agasalho ou amor.

Dentro em meus ossos teu tremor delira.

Cessa, seja eu quem for!

## **Cai chuva do céu cinzento**

Cai chuva do céu cinzento  
Que não tem razão de ser.  
Até o meu pensamento  
Tem chuva nele a escorrer.

Tenho uma grande tristeza  
Acrescentada à que sinto.  
Quero dizer-ma mas pesa  
O quanto comigo minto.

Porque verdadeiramente  
Não sei se estou triste ou não,  
E a chuva cai levemente  
(Porque Verlaine consente)  
Dentro do meu coração.



## **Cai chuva. É noite. Uma pequena brisa**

Cai chuva. É noite. Uma pequena brisa  
Substitui o calor.  
P'ra ser feliz tanta coisa é precisa.  
Este luzir é melhor.

O que é a vida? O espaço é alguém para mim.  
Sonhando sou eu só.  
A luzir, em quem não tem fim  
E, sem querer, tem dó.

Extensa, leve, inútil passageira,  
Ao roçar por mim traz  
Uma ilusão de sonho, em cuja esteira  
A minha vida jaz.

Barco indelével pelo espaço da alma,  
Luz da candeia além  
Da eterna ausência da ansiada calma,  
Final do inútil bem.

Que se quer, e, se veio, se desconhece  
Que, se for, seria  
O tédio de o haver... E a chuva cresce  
Na noite agora fria

## **Caminho a teu lado mudo**

Caminho a teu lado mudo  
Sentes-me, vês-me alheado...  
Perguntas, sim ou não, não sei...  
Tenho saudades de tudo...  
Até, porque está passado,  
Do próprio mal que passei.

Sim, hoje é um dia feliz.  
Será, não sei, incerto  
Num princípio não sei quê  
Há um sentido que me diz  
Que isto — o céu largo e aberto —  
É só a sombra do que é...

E lembro em meia-amargura  
Do passado, do distante,  
E tudo me é solidão...  
Que fui nessa noite escura?  
Quem sou nesta morte instante?  
Não perguntes... Tudo é vão.

## CANÇÃO TRISTE

Sol, que dá nas ruas, não dá  
No meu carinho.  
A felicidade quando virá?  
Por que caminho?

Horas e horas por fim são meses  
De ansiado bem.  
Eu penso em ti indecisas vezes,  
E tu ninguém!  
Não tenho barco para a outra margem,  
Nem sei do rio  
Ah! E envelheceu já tua imagem  
E eu sinto frio.

Não me resigno, não me decido,  
Choro querer...  
Sempre eu! Ó sorte, dá-me o olvido  
De pertencer!

Enterrei hoje outra vez meu sonho  
Amanhã virá  
Tornar-me triste por ser risonho,  
E não ser já.

## **Cansa sentir quando se pensa.**

Cansa sentir quando se pensa.  
No ar da noite a madrugada  
Há uma solidão imensa  
Que tem por corpo o frio do ar.

Neste momento insone e triste  
Em que não sei quem hei-de ser,  
Pesa-me o informe real que existe  
Na noite antes de amanhecer.

Tudo isto me parece tudo.  
E é uma noite a ter um fim  
Um negro astral silêncio surdo  
E não poder viver assim.

(Tudo isto me parece tudo.  
Mas noite, frio, negro sem fim,  
Mundo mudo, silêncio mudo —  
Ah, nada é isto, nada é assim!)

**Cansa ser, sentir dói, pensar destrui.**

Cansa ser, sentir dói, pensar destrui.

Alheia a nós, em nós e fora,

Rui a hora, e tudo nela rui.

Inutilmente a alma o chora.

De que serve? O que é que tem que servir?

Pálido esboço leve

Do sol de Inverno sobre meu leito a sorrir...

Vago sussurro breve.

Das pequenas vozes com que a manhã acorda,

Da fútil promessa do dia,

Morta ao nascer, na esperança longínqua e absurda

Em que a alma se fia.

## **Cansado até dos deuses que não são...**

Cansado até dos deuses que não são...

Ideais, sonhos... Como o sol é real

E na objectiva coisa universal

    Não há o meu coração...

    Eu ergo a mão.

Olho-a de mim, e o que ela é não sou eu.

Ente mim e o que sou há a escuridão.

Mas o que são a isto a terra e o céu?

Houvesse ao menos, visto que a verdade

É falsa, qualquer coisa verdadeira

    De outra maneira

Que a impossível certeza ou realidade.

Houvesse ao menos, sob o sol do mundo,

Qualquer postíça realidade não

    O eterno abismo sem fundo,

Crível talvez, mas tendo coração.

Mas não há nada, salvo tudo sem mim.

Crível por fora da razão, mas sem

Que a razão acordasse e visse bem;

Real com coração, inda que [...]

## **Canta onde nada existe**

Canta onde nada existe  
O rouxinol para seu bem (?),  
Ouço-o, cismo, fico triste  
E a minha tristeza também (?)

Janela aberta, para onde  
Campos de não haver são  
O onde a dríade se esconde  
Sem ser imaginação.

Quem me dera que a poesia  
Fosse mais do que a escrever!  
Canta agora a cotovia  
Sem se lembrar de viver...

## CANTO A LEOPARDI

Ah, mas da voz exâmine pranteia  
O coração aflito respondendo:  
«Se é falsa a ideia, quem me deu a ideia?  
Se não há nem bondade nem justiça  
Porque é que anseia o coração na liça  
Os seus inúteis mitos defendendo?

Se é falso crer num deus ou num destino  
Que saiba o que é o coração humano,  
Porque há o humano coração e o tino  
Que tem do bem e o mal? Ah, se é insano  
Querer justiça, porque na justiça  
Querer o bem, para que o bem querer?  
Que maldade, que [...] , que injustiça  
Nos fez para crer, se não devemos crer?

Se o dúbio e incerto mundo,  
Se a vida transitória  
Têm noutra parte o íntimo e profundo  
Sentido, e o quadro último da história,  
Porque há um mundo transitório e incerto  
Onde ando por incerteza e transição,  
Hoje um mal, uma dor, e [...] , aberto  
Um só dorido coração?»

[...]

Assim, na noite abstracta da Razão, Inutilmente, majestosamente,



Dialoga consigo o coração,  
Fala alto a si mesma a mente;  
E não há paz nem conclusão,  
Tudo é como se fora inexistente.

## **CASA BRANCA NAU PRETA**

Estou reclinado na poltrona, é tarde, o Verão apagou-se...  
Nem sonho, nem cismo, um torpor alastra em meu cérebro...  
Não existe manhã para o meu torpor nesta hora...  
Ontem foi um mau sonho que alguém teve por mim...  
Há uma interrupção lateral na minha consciência...  
Continuam encostadas as portas da janela desta tarde  
Apesar de as janelas estarem abertas de par em par...  
Sigo sem atenção as minhas sensações sem nexos,  
E a personalidade que tenho está entre o corpo e a alma...

Quem dera que houvesse  
Um terceiro estado para a alma, se ela tiver só dois...  
Um quarto estado para a alma, se são três os que ela tem...  
A impossibilidade de tudo quanto eu nem chego a sonhar  
Dói-me por detrás das costas da minha consciência de sentir...

As naus seguiram,  
Seguiram viagem não sei em que dia escondido,  
E a rota que deviam seguir estava escrita nos ritmos,  
Os ritmos perdidos das canções mortas do marinheiro de sonho...

Árvores paradas da quinta, vistas através da janela,  
Árvores estranhas a mim a um ponto inconcebível à consciência de as  
estar vendo  
Árvores iguais todas a não serem mais que eu vê-las,  
Não poder eu fazer qualquer coisa género haver árvores que deixasse de  
doer,  
Não poder eu coexistir para o lado de lá com estar-vos vendo do lado de

cá,

E poder levantar-me desta poltrona deixando os sonhos no chão...

Que sonhos?... Eu não sei se sonhei... Que naus partiram, para onde?

Tive essa impressão sem nexo porque no quadro fronteiro

Naus partem — naus não, barcos, mas as naus estão em mim,

E é sempre melhor o impreciso que embala do que o certo que basta,

Porque o que basta acaba onde basta, e onde acaba não basta,

E nada que se pareça com isto devia ser o sentido da vida...

Quem pôs as formas das árvores dentro da existência das árvores?

Quem deu frondoso a arvoredos, e me deixou por verdecer?

Onde tenho o meu pensamento que me dói estar sem ele,

Sentir sem auxílio de poder para quando quiser, e o mar alto

E a última viagem, sempre para lá, das naus a subir...

Não há substância de pensamento na matéria de alma com que penso...

Há só janelas abertas de par em par encostadas por causa do calor que já não faz,

E o quintal cheio de luz sem luz agora ainda-agora, e eu.

Na vidraça aberta, fronteira ao ângulo com que o meu olhar a colhe

A casa branca distante onde mora... Fecho o olhar...

E os meus olhos fitos na casa branca sem a ver

São outros olhos vendo sem estar fitos nela a nau que se afasta,

E eu, parado, mole, adormecido,

Tenho o mar embalando-me e sofro...

Aos próprios palácios distantes a nau que penso não leva.

As escadas dando sobre o mar inatingível ela não alberga.  
Aos jardins maravilhosos nas ilhas inexplícitas não deixa.  
Tudo perde o sentido com que o abrigo em meu pórtico  
E o mar entra por os meus olhos o pórtico cessando.

Caia a noite, não caia a noite, que importa a candeia  
Por acender nas casas que não vejo na encosta e eu lá?

Húmida sombra nos sons do tanque nocturna sem lua, as rãs rangem  
Coaxar tarde no vale, porque tudo é vale onde o som dói.

Milagre do aparecimento da Senhora das Angústias aos loucos,  
Maravilha do enegrecimento do punhal tirado para os actos,  
Os olhos fechados, a cabeça pendida contra a coluna certa,  
E o mundo para além dos vitrais paisagem sem ruínas...

A casa branca nau preta...  
Felicidade na Austrália...

## **CEIFEIRA**

Mas não, é abstracta, é uma ave  
De som volteando no ar do ar,  
E a alma canta sem entrave  
Pois que o canto é que faz cantar.

## **Cessa o teu canto!**

Cessa o teu canto!  
Cessa, que, enquanto  
O ouvi, ouvia  
Uma outra voz  
Como que vindo  
Nos interstícios  
Do brando encanto  
Com que o teu canto  
Vinha até nós.

Ouvi-te e ouvi-a  
No mesmo tempo  
E diferentes  
Juntas a cantar.  
E a melodia  
Que não havia,  
Se agora a lembro,  
Faz-me chorar.

Foi tua voz  
Encantamento  
Que, sem querer,  
Nesse momento  
Vago acordou  
Um ser qualquer  
Alheio a nós  
Que nos falou?

Não sei. Não cantes!  
Deixa-me ouvir  
Qual o silêncio  
Que há a seguir  
A tu cantares!

Ah, nada, nada!  
Só os pesares  
De ter ouvido,  
De ter querido  
Ouvir para além  
Do que é o sentido  
Que uma voz tem.

Que anjo, ao ergueres  
A tua voz  
Sem o saberes  
Veio baixar  
Sobre esta terra  
Onde a alma erra  
E com as asas  
Soprou as brasas  
De ignoto lar?

Não cantes mais!  
Quero o silêncio  
Para dormir  
Qualquer memória  
Da voz ouvida,  
Desentendida,

Que foi perdida  
Por eu a ouvir...



**Ceguei à janela,**

Ceguei à janela,  
Porque ouvi cantar.  
É um cego e a guitarra  
Que estão a chorar.

Ambos fazem pena,  
São uma coisa só  
Que anda pelo mundo  
A fazer ter dó.

Eu também sou um cego  
Cantando na estrada,  
A estrada é maior  
E não peço nada.

## **Chove. É dia de Natal.**

Chove. É dia de Natal.  
Lá para o Norte é melhor:  
Há a neve que faz mal.  
E o frio que ainda é pior.

E toda a gente é contente  
Porque é dia de o ficar.  
Chove no Natal presente.  
Antes isso que nevar.

Pois apesar de ser esse  
O Natal da convenção,  
Quando o corpo me arrefece  
Tenho o frio e Natal não.

Deixo sentir a quem quadra  
E o Natal a quem o fez,  
Pois se escrevo ainda outra quadra  
Fico gelado dos pés.

## **Chove. Há silêncio, porque a mesma chuva**

Chove. Há silêncio, porque a mesma chuva  
Não faz ruído senão com sossego.  
Chove. O céu dorme. Quando a alma é viúva  
Do que não sabe, o sentimento é cego.  
Chove. Meu ser (quem sou) renego...

Tão calma é a chuva que se solta no ar  
(Nem parece de nuvens) que parece  
Que não é chuva, mas um sussurrar  
Que de si mesmo, ao sussurrar, se esquece.  
Chove. Nada apetece...

Não paira vento, não há céu que eu sinta.  
Chove longínqua e indistintamente,  
Como uma coisa certa que nos minta,  
Como um grande desejo que nos mente.  
Chove. Nada em mim sente...

## **Chove?... Nenhuma chuva cai...**

Chove?... Nenhuma chuva cai...  
Então onde é que eu sinto um dia  
Em que o ruído da chuva atrainha  
A minha inútil agonia?

Onde é que chove, que eu o ouço?  
Onde é que é triste, ó claro céu?  
Eu quero sorrir-te, e não posso,  
Ó céu azul, chamar-te meu...

E o escuro ruído da chuva  
É constante em meu pensamento.  
Meu ser é a invisível curva  
Traçada pelo som do vento...

E eis que ante o sol e o azul do dia,  
Como se a hora me estorvasse,  
Eu sofro... E a luz e a sua alegria  
Cai aos meus pés como um disfarce.

Ah, na minha alma sempre chove.  
Há sempre escuro dentro em mim.  
Se escuto, alguém dentro em mim ouve  
A chuva, como a voz de um fim ...

Quando é que eu serei da tua cor,  
Do teu plácido e azul encanto,  
Ó claro dia exterior,

Ó céu mais útil que o meu pranto?

## **Chove. Que fiz eu da vida?**

Chove. Que fiz eu da vida?  
Fiz o que ela fez de mim...  
De pensada, mal vivida...  
Triste de quem é assim!

Numa angústia sem remédio  
Tenho febre na alma, e, ao ser,  
Tenho saudade, entre o tédio,  
Só do que nunca quis ter...

Quem eu pudera ter sido,  
Que é dele? Entre ódios pequenos  
De mim, estou de mim partido.  
Se ao menos chovesse menos!

## **Clareia cinzenta a noite de chuva,**

Clareia cinzenta a noite de chuva,  
Que o dia chegou.  
E o dia parece um traje de viúva  
Que já desbotou.

Ainda sem luz, salvo o claro do escuro,  
O céu chove aqui,  
E ainda é um além, ainda é um muro  
Ausente de si.

Não sei que tarefa terei este dia;  
Que é inútil já sei...  
E fito, de longe, minha alma, já fria  
Do que não farei.

## **Começa a ser dia,**

Começa a ser dia,  
O céu negro começa,  
Numa menor negrura  
Da sua noite escura,  
A Ter uma cor fria  
Onde a negrura cessa.

Um negro azul-cinzento  
Emerge vagamente  
De onde o oriente dorme  
O seu tardo sono informe,  
E há um frio sem vento  
Que se ouve e mal se sente.

Mas eu, o mal dormido,  
Não sinto noite ou frio,  
Nem sinto vir o dia  
Da solidão vazia.  
Só sinto o indefinido  
Do coração vazio.

Em vão o dia chega  
Quem não dorme, a quem  
Não tem que ter razão  
Dentro do coração,  
Que quando vive nega  
E quando ama não tem.



Em vão, em vão, e o céu  
Azula-se de verde  
Acinzentadamente.  
Que é isto que a minha alma sente?  
Nem isto, não, nem eu,  
Na noite que se perde.

**Começa, no ar da antemanhã,**

Começa, no ar da antemanhã,  
A haver o que vai ser o dia.  
É uma sombra entre as sombras vã.  
Mais tarde, quanto é a manhã  
Agora é nada, noite fria.

É nada, mas é diferente  
Da sombra em que a noite está:  
E há nela já a nostalgia  
Não do passado, mas do dia  
Que é afinal o que será.

## **Como a noite é longa!**

Como a noite é longa!  
Toda a noite é assim...  
Senta-te, ama, perto  
Do leito onde esperto.  
Vem pr'ao pé de mim...

Amei tanta coisa...  
Hoje nada existe.  
Aqui ao pé da cama  
Canta-me, minha ama,  
Uma canção triste.

Era uma princesa  
Que amou... Já não sei...  
Como estou esquecido!  
Canta-me ao ouvido  
E adormecerei...

Que é feito de tudo?  
Que fiz eu de mim?  
Deixa-me dormir,  
Dormir a sorrir  
E seja isto o fim.

## **Como é por dentro outra pessoa**

Como é por dentro outra pessoa  
Quem é que o saberá sonhar?  
A alma de outrem é outro universo  
Com que não há comunicação possível,  
Com que não há verdadeiro entendimento.

Nada sabemos da alma  
Senão da nossa;  
As dos outros são olhares,  
São gestos, são palavras,  
Com a suposição de qualquer semelhança  
No fundo.

## **Como inútil taça cheia**

Como inútil taça cheia  
Que ninguém ergue da mesa,  
Transborda de dor alheia  
Meu coração sem tristeza.

Sonhos de mágoa figura  
Só para Ter que sentir  
E assim não tem a amargura  
Que se temeu a fingir.

Ficção num palco sem tábuas  
Vestida de papel seda  
Mima uma dança de mágoas  
Para que nada suceda.

## **Como um vento na floresta,**

Como um vento na floresta,  
Minha emoção não tem fim.  
Nada sou, nada me resta.  
Não sei quem sou para mim.

E como entre os arvoredos  
Há grandes sons de folhagem,  
Também agito segredos  
No fundo da minha imagem.

E o grande ruído do vento  
Que as folhas cobrem de som  
Despe-me do pensamento:  
Sou ninguém, temo ser bom.

## **Como uma voz de fonte que cessasse**

Como uma voz de fonte que cessasse  
(E uns para os outros nossos vãos olhares  
Se admiraram), para além dos meus palmares  
De sonho, a voz que do meu tédio nasce

Parou... Apareceu já sem disfarce  
De música longínqua, asas nos ares,  
O mistério silente como os mares,  
Quando morreu o vento e a calma pasce...

A paisagem longínqua só existe  
Para haver nela um silêncio em descida  
Para o mistério, silêncio a que a hora assiste...

E, perto ou longe, grande lago mudo,  
O mundo, o informe mundo onde há a vida...  
E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo...

## CONSELHO

Cerca de grandes muros quem te sonhas.  
Depois, onde é visível o jardim  
Através do portão de grade dada,  
Põe quantas flores são as mais risonhas,  
Para que te conheçam só assim.  
Onde ninguém o vir não ponhas nada.

Faze canteiros como os que outros têm,  
Onde os olhares possam entrever  
O teu jardim como lho vais mostrar.  
Mas onde és teu, e nunca o vê ninguém  
Deixa as flores que vêm do chão crescer  
E deixa as ervas naturais medrar.

Faze de ti um duplo ser guardado;  
E que ninguém, que veja e fite, possa  
Saber mais que um jardim de quem tu és —  
Um jardim ostensivo e reservado,  
Por trás do qual a flor nativa roça  
A erva tão pobre que nem tu a vês...



## **Contemplo o lago mudo**

Contemplo o lago mudo  
Que uma brisa estremece.  
Não sei se penso em tudo  
Ou se tudo me esquece.

O lago nada me diz.  
Não sinto a brisa mexê-lo.  
Não sei se sou feliz  
Nem se desejo sê-lo.

Trémulos vincos risonhos  
Na água adormecida.  
Por que fiz eu dos sonhos  
A minha única vida?

## **Contemplo o que não vejo.**

Contemplo o que não vejo.  
É tarde, é quase escuro,  
E quanto em mim desejo  
Está parado ante o muro.

Por cima o céu é grande;  
Sinto árvores além;  
Embora o vento abrande,  
Há folhas em vaivém.

Tudo é do outro lado,  
No que há e no que penso.  
Nem há ramo agitado  
Que o céu não seja imenso.

Confunde-se o que existe  
Com o que durmo e sou  
Não sinto, não sou triste,  
Mas triste é o que estou.

## **Como nuvens pelo céu**

Como nuvens pelo céu  
Passam os sonhos por mim.  
Nenhum dos sonhos é meu  
Embora eu os sonhe assim.

São coisas no alto que são  
Enquanto a vista as conhece,  
Depois são sombras que vão  
Pelo campo que arrefece.

Símbolos? Sonhos? Quem torna  
Meu coração ao que foi?  
Que dor de mim me transtorna?  
Que coisa inútil me dói?

## **CORPOS**

O meu corpo é o abismo entre eu e eu.

Se tudo é um sonho sob o sonho aberto  
Do céu irreal, sonhar-te é possuir-te,  
E possuir-te é sonhar-te de mais perto

As almas sempre separadas,  
Os corpos são o sonho de uma ponte  
Sobre um abismo que nem margens tem

Eu porque me conheço, me separo  
De mim, e penso, e o pensamento é avaro

A hora passa. Mas meu sonho é meu.

## **Criança, era outro...**

Criança, era outro...

Naquele em que me tornei

Cresci e esqueci.

Tenho de meu, agora, um silêncio, uma lei.

Ganhei ou perdi?

## **Dá a surpresa de ser**

Dá a surpresa de ser  
É alta, de um louro escuro.  
Faz bem só pensar em ver  
Seu corpo meio maduro.

Seus seios altos parecem  
(Se ela estivesse deitada)  
Dois montinhos que amanhecem  
Sem ter que haver madrugada.

E a mão do seu braço branco  
Assenta em palmo espalhado  
Sobre a saliência do flanco  
Do seu relevo tapado.

Apetece como um barco.  
Tem qualquer coisa de gomo.  
Meu Deus, quando é que eu embarco?  
Ó fome, quando é que eu como?

## **Dá-me as mãos por brincadeira**

Dá-me as mãos por brincadeira  
Na dança que não dançamos,  
Porque isso é uma maneira  
De dizer o que pensamos.

Dá-me as mãos e sorri alto,  
A vigiar o que rio,  
Bem sabes que assim já falto  
A pensar coisas a fio.

Não quero largar as mãos  
Assim dadas por brinquedo.  
Deixa-as ficar: há irmãos  
Que brincam assim a medo.

Não largues, ou faz demora  
A arrastar, a demorar,  
As mãos pelas minhas fora,  
E já deixando de olhar.

Que segredos num contacto!  
Que coisas diz quem não fala!  
Que boa vista a do tacto  
Quando a vista desigual!

Deixa os dedos, deixa os dedos,  
Deixa-os ainda dizer  
Aqueles dos teus segredos

Que não podes prometer!

Deixa-me os dedos e a vida!  
Os outros dançam no chão,  
E eu tenho a alma esquecida  
Dentro do teu coração.

Todo o teu corpo está dado  
Nas tuas mãos que retenho.  
Mais vale ter enganado  
Do que ter porque não tenho.



## **Dai-me rosas e lírios,**

Dai-me rosas e lírios,  
Dai-me flores, muitas flores  
Quaisquer flores, logo que sejam muitas...  
Não, nem sequer muitas flores, falai-me apenas

Em me dardes muitas flores,  
Nem isso... Escutai-me apenas pacientemente quando vos peço  
Que me deis flores...  
Sejam essas as flores que me deis...

Ah, a minha tristeza dos barcos que passam no rio,  
Sob o céu cheio de sol!  
A minha agonia da realidade lúcida!  
Desejo de chorar absolutamente como uma criança

Com a cabeça encostada aos braços cruzados em cima da mesa,  
E a vida sentida como uma brisa que me roçasse o pescoço,  
Estando eu a chorar naquela posição.

O homem que apara o lápis à janela do escritório  
Chama pela minha atenção com as mãos do seu gesto banal.  
Haver lápis e aparar lápis e gente que os apara à janela, é tão estranho!  
É tão fantástico que estas coisas sejam reais!  
Olho para ele até esquecer o sol e o céu.  
E a realidade do mundo faz-me dor de cabeça.

A flor caída no chão.  
A flor murcha (rosa branca amarelecendo)

Caída no chão...

Qual é o sentido da vida?

## **De além das montanhas,**

De além das montanhas,  
De além do luar,  
Vêm formas estranhas.  
São gémeas do vento,  
São só pensamento.  
Mudam as entranhas  
De as ouvir passar.

Cavalgada rindo  
Seu curso do além,  
Vem vindo, vem vindo,  
E tremem janelas,  
Velam-se as estrelas,  
(E) os ramos, rugindo,  
Falam como alguém.

Mas, súbito, aragem  
Que perdeu o som,  
Cessou a passagem  
Do que tirou calma  
Aos ramos e à alma.  
Só se ouve a folhagem  
Num sussurro bom.

E, abrindo a janela,  
Contemplo, a mal ver,  
Ao luar uma estrela  
Tão vaga, tão vaga,

Que quase se apaga  
Quem sabe se ela  
Vai também levada,  
Qual tanta faltada,  
Nessa cavalgada  
Que passou sem ser?

## **De aqui a pouco acaba o dia.**

De aqui a pouco acaba o dia.

Não fiz nada.

Também, que coisa é que faria?

Fosse o que fosse, estava errada.

De aqui a pouco a noite vem.

Chega em vão

Para quem como eu só tem

Para o contar o coração.

E após a noite a irmos dormir

Torna o dia.

Nada farei senão sentir.

Também que coisa é que faria?

## **De onde é quase o horizonte**

De onde é quase o horizonte  
Sobe uma névoa ligeira  
E afaga o pequeno monte  
Que pára na dianteira.

E com braços de farrapo  
Quase invisíveis e frios  
Faz cair seu ser de trapo  
Sobre os contornos macios.

Um pouco de alto medito  
A névoa só com a ver.  
A vida? Não acredito.  
A crença? Não sei viver.

## **De quem é o olhar**

De quem é o olhar  
Que espreita por meus olhos?  
Quando penso que vejo,  
Quem continua vendo  
Enquanto estou pensando?  
Por que caminhos seguem,  
Não os meus tristes passos,  
Mas a realidade  
De eu ter passos comigo ?

Às vezes, na penumbra  
Do meu quarto, quando eu  
Por mim próprio mesmo  
Em alma mal existo,

Toma um outro sentido  
Em mim o Universo —  
É uma nódoa esbatida  
De eu ser consciente sobre  
Minha ideia das coisas.

Se acenderem as velas  
E não houver apenas  
A vaga luz de fora —  
Não sei que candeeiro  
Aceso onde na rua —  
Terei foscos desejos  
De nunca haver mais nada

No Universo e na Vida  
De que o obscuro momento  
Que é minha vida agora!

Um momento afluyente  
Dum rio sempre a ir  
Esquecer-se de ser,  
Espaço misterioso  
Entre espaços desertos  
Cujo sentido é nulo  
E sem ser nada a nada.  
E assim a hora passa  
Metafisicamente.



## **Deixa-me ouvir o que não ouço...**

Deixa-me ouvir o que não ouço...

Não é a brisa ou o arvoredor;

É outra coisa intercalada...

É qualquer coisa que não posso

Ouvir senão em segredo,

E que talvez não seja nada.

Deixa-me ouvir... Não fales alto!

Um momento!... Depois o amor,

Se quiseres... Agora cala!

Ténue, longínquo sobressalto

Que substitui a dor,

Que inquieta e embala...

O quê? Só a brisa entre a folhagem?

Talvez... Só um canto pressentido?

Não sei, mas custa amar depois...

Sim, torna a mim, e a paisagem

E a verdadeira brisa, ruído...

Que pena sermos dois!

Meu amor, somos dois.

Vejo-te, somos dois...

## **Deixei atrás os erros do que fui,**

Deixei atrás os erros do que fui,  
Deixei atrás os erros do que quis  
E que não pude haver porque a hora flui  
E ninguém é exacto nem feliz.

Tudo isso como o lixo da viagem  
Deixei nas circunstâncias do caminho,  
No episódio que fui e na paragem,  
No desvio que foi cada vizinho.

Deixei tudo isso, como quem se tapa  
Por viajar com uma capa sua,  
E a certa altura se desfaz da capa  
E atira com a capa para a rua.

## **Deixei de ser aquele que esperava,**

Deixei de ser aquele que esperava,  
Isto é, deixei de ser quem nunca fui...  
Entre onda e onda a onda não se cava,  
E tudo, em ser conjunto, dura e flui.

A seta treme, pois que, na ampla aljava,  
O presente ao futuro cria e inclui.  
Se os mares erguem sua fúria brava  
É que a futura paz seu rastro obstrui.

Tudo depende do que não existe.  
Por isso meu ser mudo se converte  
Na própria semelhança, austero e triste.

Nada me explica. Nada me pertence.  
E sobre tudo a lua alheia verte  
A luz que tudo dissipa e nada vence.

**Deixem-me o sono! Sei que é já manhã.**

Deixem-me o sono! Sei que é já manhã.

Mas se tão tarde o sono veio,

Quero, desperto, inda sentir a vã

Sensação do seu vago enleio.

Quero, desperto, não me recusar

A estar dormindo ainda,

E, entre a noção irreal de aqui estar,

Ver essa noção finda.

Quero que me não neguem quem não sou

Nem que, debruçado eu

Da varanda por sobre onde não estou,

Nem sequer veja o céu.

## **Deixo ao cego e ao surdo**

Deixo ao cego e ao surdo  
A alma com fronteiras,  
Que eu quero sentir tudo  
De todas as maneiras.

Do alto de ter consciência  
Contemplo a terra e o céu,  
Olho-os com inocência...  
Nada que vejo é meu.

Mas vejo tão atento  
Tão neles me disperso  
Que cada pensamento  
Me torna já diverso.

E como são estilhaços  
Do ser, as coisas dispersas  
Quebro a alma em pedaços  
E em pessoas diversas.

E se a própria alma vejo  
Com outro olhar,  
Pergunto se há ensejo  
De por isto a julgar.

Ah, tanto como a terra  
E o mar e o vasto céu.  
Quem se crê próprio erra,

Sou vário e não sou meu.

Se as coisas são estilhaços  
Do saber do universo,  
Seja eu os meus pedaços,  
Impreciso e diverso.

Se quanto sinto é alheio  
E de mim se sente,  
Como é que a alma veio  
A acabar-se em ente?

Assim eu me acomodo  
Com o que Deus criou,  
Deixo teu diverso modo  
Diversos modos sou.

Assim a Deus imito,  
Que quando fez o que é  
Tirou-lhe o infinito  
E a unidade até.

## **Dentro em meu coração faz dor.**

Dentro em meu coração faz dor.  
Não sei donde essa dor me vem.  
Auréola de ópio de torpor  
Em torno ao meu falso desdém,  
E laivos híbridos de horror  
Como estrelas que o céu não tem.

Dentro em mim cai silêncio em flocos.  
Parou o cavaleiro à porta...  
E o frio, e o gelo em brancos blocos  
Mancha de hirto a noite morta...  
Meus tédios desiguais, sufoco-os,  
A minha alma jaz ela e absorta

Dentro em meu pensamento é mágoa...  
Corre por mim um arrepio  
Que é como o afluxo à tona de água  
De se saber que há sob o rio  
O que... Brilha na noite a frágua  
Onde o tédio bate o ócio a frio.

## **DEPOIS DA FEIRA**

Vão vagos pela estrada,  
Cantando sem razão  
À última esperança dada  
À última ilusão.  
Não significam nada.  
Mimos e bobos são.

Vão juntos e diversos  
Sob um luar de ver,  
Em que sonhos imersos  
Nem saberão dizer,  
E cantam aqueles versos  
Que lembram sem querer.

Pajens de um morto mito,  
Tão líricos!, tão sós!,  
Não têm na voz um grito,  
Mal têm a própria voz;  
E ignora-os o infinito  
Que nos ignora a nós.



## **Depois que o som da terra, que é não tê-lo,**

Depois que o som da terra, que é não tê-lo,  
Passou, nuvem obscura, sobre o vale  
E uma brisa afastando meu cabelo  
Me diz que fale, ou me diz que cale,  
A nova claridade veio, e o sol  
Depois, ele mesmo, e tudo era verdade,  
Mas quem me deu sentir e a sua prole?  
Quem me vendeu nas hastas da vontade?  
Nada. Uma nova obliquação da luz,  
Interregno factício onde a erva esfria.  
E o pensamento inútil se conduz  
Até saber que nada vale ou pesa.  
E não sei se isto me ensimesma ou alheia,  
Nem sei se é alegria ou se é tristeza.

## **Depois que todos foram**

Depois que todos foram  
E foi também o dia,  
Ficaram entre as sombras  
Das áleas do ermo parque  
Eu e a minha agonia.

A festa fora alheia  
E depois que acabou  
Ficaram entre as sombras  
Das áleas apertadas  
Quem eu fui e quem sou.

Tudo fora por todos.  
Brincaram, mas enfim  
Ficaram entre as sombras  
Das áleas apertadas  
Só eu, e eu sem mim.

Talvez que no parque antigo  
A festa volte a ser.  
Ficaram entre as sombras  
Das áleas apertadas  
Eu e quem sei não ser.

## **Desce a névoa da montanha,**

Desce a névoa da montanha,  
Desce ou nasce ou não sei quê...  
Minha alma é a tudo estranha,  
Quando vê, vê que não vê.  
Mais vale a névoa que a vida...  
Desce, ou sobe: enfim, existe.  
E eu não sei em que consiste  
Ter a emoção por vivida,  
E, sem querer, estou triste.

## **Desfaze a mala feita para a partida!**

Desfaze a mala feita para a partida!

    Chegaste a ousar a mala?

Que importa? Desesperas ante a ida

    Pois tudo a ti te iguala.

Sempre serás o sonho de ti mesmo.

    Vives tentando ser,

Papel rasgado de um intento, a esmo

    Atirado ao descrer.

Como as correias cingem

    Tudo o que vais levar!

Mas é só a mala e não a ida [?]

    Que há-de sempre ficar!

## **Deslembro incertamente. Meu passado**

Deslembro incertamente. Meu passado  
Não sei quem o viveu. Se eu mesmo fui,  
Está confusamente deslembado  
E logo em mim enclausurado flui.  
Não sei quem fui nem sou. Ignoro tudo.  
Só há de meu o que me vê agora —  
O campo verde, natural e mudo  
Que um vento que não vejo vago aflora.  
Sou tão parado em mim que nem o sinto.  
Vejo, e onde [o] vale se ergue para a encosta  
Vai meu olhar seguindo o meu instinto  
Como quem olha a mesa que está posta.

## **Desperto de sonhar-te**

Desperto de sonhar-te  
Quando inda a noite é funda,  
E um céu estelar faz parte  
Do silêncio que inunda.  
Perdi poder amar-te  
E a treva me circunda.

Talvez que relembresse,  
Sonhando-te, outro ser,  
E aquilo que sonhasse  
Fosse tornar a ter.  
Mas despertei, e faz-se  
Claro em meu quarto a ver.

Insónia de perder-te!  
Quem foste já não sei.  
Pela janela verte  
Cada astro a sua lei.  
Como, sem sonhar ter-te?...  
Porque não dormirei?

## **Desperto sempre antes que raie o dia**

Desperto sempre antes que raie o dia  
E escrevo com o sono que perdi.  
Depois, neste torpor em que a alma é fria  
Aguardo a aurora, que já tantas vi.

Fito-a sem atenção, cinzento verde  
Que se azula de galos a cantar.  
Que mau é não dormir? A gente perde  
O que a morte nos dá pra começar.

Oh Primavera quietada, aurora,  
Ensina ao meu torpor, em que a alma é fria,  
O que é que na alma lívida e colora  
Com o que vai acontecer no dia.

## **DEUS**

Às vezes sou o Deus que trago em mim  
E então eu sou o Deus e o crente e a prece  
E a imagem de marfim  
Em que esse deus se esquece.

Às vezes não sou mais do que um ateu  
Desse deus meu que eu sou quando me exalto.  
Olho em mim todo um céu  
E é um mero oco céu alto.



## **Deve chamar-se tristeza**

Deve chamar-se tristeza  
Isto que não sei que seja  
Que me inquieta sem surpresa,  
Saudade que não deseja.

Sim, tristeza — mas aquela  
Que nasce de conhecer  
Que ao longe está uma estrela  
E ao perto está não a ter.

Seja o que for, é o que tenho.  
Tudo mais é tudo só.  
E eu deixo ir o pó que apanho  
De entre as mãos ricas de pó.

## **Divido o que conheço.**

Divido o que conheço.  
De um lado é o que sou  
Do outro quanto esqueço.  
Por entre os dois eu vou.

Não sou nem quem me lembro  
Nem sou quem há em mim.  
Se penso me desmembro.  
Se creio, não há fim.

Que melhor que isto tudo  
É ouvir, na ramagem  
Aquele ar certo e mudo  
Que estremece a folhagem.

**Dizem?**

Dizem?

Esquecem.

Não dizem?

Disseram.

Fazem?

Fatal.

Não fazem?

Igual.

Porquê

Esperar?

— Tudo é

Sonhar.

## **Do fundo do fim do mundo**

Do fundo do fim do mundo  
Vieram me perguntar  
Qual era o anseio fundo  
Que me fazia chorar.

E eu disse: «É esse que os poetas  
Têm tentado dizer  
Em obras sempre incompletas  
Em que puseram seu ser.»

E assim com um gesto nobre  
Respondi a quem não sei  
Se me houve por rico ou pobre.

## **Do meio da rua**

Do meio da rua  
(Que é, aliás, o infinito)  
Um pregão flutua,  
Música num grito...

Como se no braço  
Me tocasse alguém  
Viro-me num espaço  
Que o espaço não tem.

Outrora em criança  
O mesmo pregão...  
Não lembres... Descansa,  
Dorme, coração!...

## **Do seu longínquo reino cor-de-rosa,**

Do seu longínquo reino cor-de-rosa,  
Voando pela noite silenciosa,  
A fada das crianças vem, luzindo.  
Papoulas a coroam, e, cobrindo  
Seu corpo todo, a tornam misteriosa.

À criança que dorme chega leve,  
E, pondo-lhe na fronte a mão de neve,  
Os seus cabelos de ouro acaricia —  
E sonhos lindos, como ninguém teve,  
A sentir a criança principia.

E todos os brinquedos se transformam  
Em coisas vivas, e um cortejo formam:  
Cavalos e soldados e bonecas,  
Ursos e pretos, que vêm, vão e tornam,  
E palhaços que tocam em rabecas...

E há figuras pequenas e engraçadas  
Que brincam e dão saltos e passadas...  
Mas vem o dia, e, leve e graciosa,  
Pé ante pé, volta a melhor das fadas  
Ao seu longínquo reino cor-de-rosa.

## **DOBRE**

Peguei no meu coração  
E pu-lo na minha mão,

Olhei-o como quem olha  
Grãos de areia ou uma folha.

Olhei-o pálido e absorto  
Como quem sabe estar morto;

Com a alma só comovida  
Do sonho e pouco da vida.

## **Dói-me o nevoeiro, dói-me o céu**

Dói-me o nevoeiro, dói-me o céu  
Que não está cá.  
Estou cansado de ser tudo menos eu.  
Onde é que está  
A unidade que Deus, suponho, me deu?

Perdi-a por sentir, ou por pensar?  
Não serve saber.  
Extraviei-a, como um embrulho, a sonhar?  
Perder por perder,  
Mais vale deixar perder e não procurar.



## **Dói-me quem sou. E em meio da emoção**

Dói-me quem sou. E em meio da emoção  
Ergue a fronte de torre um pensamento.  
É como se na imensa solidão  
De uma alma a sós consigo, o coração  
Tivesse cérebro e conhecimento.

Numa amargura artificial consisto,  
Fiel a qualquer ideia que não sei,  
Como um fingido cortesão me visto  
Dos trajes majestosos em que existo  
Para a presença artificial do rei.

Sim, tudo é sonhar quanto sou e quero.  
Tudo das mãos caídas se deixou.  
Braços dispersos, desolado espero.  
Mendigo pelo fim do desespero,  
Que quis pedir esmola e não ousou.

## **DOLORA**

Dantes quão ledó afectava  
Uma atroz melancolia!  
Poeta triste ser queria  
E por não chorar chorava.

Depois, tive que encontrar  
A vida rígida e má.  
Triste então chorava já  
Porque tinha que chorar.

Num desolado alvoroço  
Mais que triste não me ignoro.  
Hoje em dia apenas choro  
Porque já chorar não posso.

## **Dorme enquanto eu velo...**

Dorme enquanto eu velo...

Deixa-me sonhar...

Nada em mim é risonho.

Quero-te para sonho,

Não para te amar.

A tua carne calma

É fria em meu querer.

Os meus desejos são cansaços.

Nem quero ter nos braços

Meu sonho do teu ser.

Dorme, dorme, dorme,

Vaga em teu sorrir...

Sonho-te tão atento

Que o sonho é encantamento

E eu sonho sem sentir.

## **Dorme sobre o meu seio.**

Dorme sobre o meu seio.  
Sonhando de sonhar...  
No teu olhar eu leio  
Um lúbrico vagar.  
Dorme no sonho de existir  
E na ilusão de amar.

Tudo é nada, e tudo  
Um sonho finge ser  
O espaço negro é mudo.  
Dorme, e, ao adormecer,  
Saibas do coração sorrir  
Sorrisos de esquecer.  
Dorme sobre o meu seio,  
Sem mágoa nem amor...

No teu olhar eu leio  
O íntimo torpor  
De quem conhece o nada-ser  
De vida e gozo e dor.

## **Dorme, criança, dorme,**

Dorme, criança, dorme,  
Dorme que eu velarei;  
A vida é vaga e informe,  
O que não há é rei.  
Dorme, criança, dorme,  
Que também dormirei.

Bem sei que há grandes sombras  
Sobre áleas de esquecer,  
Que há passos sobre alfombras  
De quem não quer viver;  
Mas deixa tudo às sombras,  
Vive de não querer.

## **Dorme, que a vida é nada!**

Dorme, que a vida é nada!  
Dorme, que tudo é vão!  
Se alguém achou a estrada,  
Achou-a em confusão,  
Com a alma enganada.

Não há lugar nem dia  
Para quem quer achar,  
Nem paz nem alegria  
Para quem, por amar,  
Em quem ama confia.

Melhor entre onde os ramos  
Tecem dosséis sem ser  
Ficar como ficamos,  
Sem pensar nem querer.  
Dando o que nunca damos.

## **Dormi, sonhei. No informe labirinto**

Dormi, sonhei. No informe labirinto  
Que há entre o mundo e o nada me perdi.  
Em bosques de mim mesmo me embebi,  
Misto indeciso do que vejo e sinto.

Estagno incorpóreo. No infiel recinto  
Leio o transtorno do que nunca li,  
E o labirinto nunca está em si,  
Nem há mundo no incerto e abstracto plinto.

Minha alma é um ser que a verdade engana,  
Memória da partida dos navios  
Na praia que de espuma se engalana.

Não voltaram dos longes os sombrios  
Barcos, e o luar mole deixa ver  
A praia com a espuma a escurecer.

## **Dormi. Sonhei. No informe labirinto**

Dormi. Sonhei. No informe labirinto  
Que há entre a vida e a morte me perdi.  
E o que, na vaga viagem, eu senti  
Com exacta memória não o sinto.

Se quero achar-me em mim dizendo-o, minto.  
A vasta teia, estive-a e não a vi.  
Obscuramente me desconheci.



## **Dormir! Não ter desejos nem esperanças**

Dormir! Não ter desejos nem esperanças  
Flutua branca a única nuvem lenta  
E na azul quiescência sonolenta  
A deusa do não-ser tece ambas as tranças.

Maligno sopro de árdua quietude  
Perene a fronte e os olhos aquecidos,  
E uma floresta-sonho de ruídos  
Ensombra os olhos mortos de virtude.

Ah, não ser nada conscientemente!  
Prazer ou dor? Torpor o traz e alonga,  
E a sombra conivente se prolonga  
No chão interior, que à vida mente.

Desconheço-me. Embrenha-me, futuro,  
Nas veredas sombrias do que sonho.  
E no ócio em que diverso me suponho,  
Vejo-me errante, demorado e obscuro.

Minha vida fecha-se como um leque.  
Meu pensamento seca como um vago  
Ribeiro no Verão. Regresso, e trago  
Nas mãos flores que a vida prontas seque.

Incompreendida vontade absorta  
Em nada querer... Prolixo afastamento  
Do escrúpulo e da vida do momento...

## **Durmo ou não? Passam juntas em minha alma**

Durmo ou não? Passam juntas em minha alma  
Coisas da alma e da vida em confusão,  
Nesta mistura atribulada e calma  
Em que não sei se durmo ou não.

Sou dois seres e duas consciências  
Como dois homens indo braço-dado.  
Sonolento revolvo omnisciências,  
Turbulentamente estagnado.

Mas, lento, vago, emerjo de meu dois.  
Desperto. Enfim: sou um, na realidade.  
Espreguiço-me. Estou bem... Porquê depois,  
De quê, esta vaga saudade?

## **Durmo, cheio de nada, e amanhã**

Durmo, cheio de nada, e amanhã  
É, em meu coração,  
Qualquer coisa sem ser, pública e vã  
Dada a um público vão.

O sono! este mistério entre dois dias  
Que traz ao que não dorme  
À terra de aqui visões nuas, vazias,  
Num outro mundo enorme.

O sono! que cansaço me vem dar  
O que não mais me traz  
Que uma onda lenta, sempre a ressacar,  
Sobre o que a vida faz?!

## **Durmo. Regresso ou espero?**

Durmo. Regresso ou espero?

Não sei. Um outro fui

Entre o que sou e o que quero

Entre o que sou e o que fui.

## **Durmo. Se sonho, ao despertar não sei**

Durmo. Se sonho, ao despertar não sei

Que coisas eu sonhei.

Durmo. Se durmo sem sonhar, desperto

Para um espaço aberto

Que não conheço, pois que despertei

Para o que inda não sei.

Melhor é nem sonhar nem não sonhar

E nunca despertar.

**É boa! Se fossem malmequeres!**

É boa! Se fossem malmequeres!  
E é uma papoula  
Sozinha, com esse ar de «queres?»  
Veludo da natureza tola.

Coitada!  
Por ela  
Saí da marcha pela estrada.  
Não a ponho na lapela.

Oscila ao leve vento, muito  
Encarnada a arroxear.  
Deixei no chão o meu intuito.  
Caminharei sem regressar.

**É brando o dia, brando o vento.**

É brando o dia, brando o vento.

É brando o sol e brando o céu.

Assim fosse meu pensamento!

Assim fosse eu, assim fosse eu!

Mas entre mim e as brandas glórias

Deste céu limpo e este ar sem mim

Intervêm sonhos e memórias...

Ser eu assim, ser eu assim!

Ah, o mundo é quanto nós trazemos.

Existe tudo quanto existo.

Há porque vemos.

E tudo é isto, tudo é isto!

## **É inda quente o fim do dia...**

É inda quente o fim do dia...

Meu coração tem tédio e nada...

Da vida sobe maresia...

Uma luz azulada e fria

Pára nas pedras da calçada...

Uma luz azulada e vaga

Um resto anónimo do dia...

Meu coração não se embriaga

Vejo como que em si o dia...

É uma luz azulada e fria.



## **E ou jazigo haja**

E ou jazigo haja  
Ou sótão com pó,  
Bebé foi-se embora.  
Minha alma está só.

## **E toda a noite a chuva veio**

E toda a noite a chuva veio  
E toda a noite não parou,  
E toda a noite o meu anseio  
No som da chuva triste e cheio  
Sem repousar se demorou.

E toda a noite ouvi o vento  
Por sobre a chuva irreal soprar  
E toda a noite o pensamento  
Não me deixou um só momento  
Como uma maldição do ar.

E toda a noite não dormida  
Ouvi bater meu coração  
Na garganta da minha vida.

**É um campo verde e vasto,**

É um campo verde e vasto,  
    Sozinho sem saber,  
De vagos gados pasto,  
    Sem águas a correr.

Só campo, só sossego,  
    Só solidão calada.  
Olho-o, e nada nego  
    E não afirmo nada.

Aqui em mim me exalço  
    No meu fiel torpor.  
O bem é pouco e falso,  
    O mal é erro e dor.

Agir é não ter casa,  
    Pensar é nada ter.  
Aqui nem luzes [?] ou asa  
    Nem razão para a haver.

E um vago sono desce  
    Só por não ter razão,  
E o mundo alheio esquece  
    À vista e ao coração.

Torpor que alastra e excede  
    O campo e o gado e os ver.  
A alma nada pede

E o corpo nada quer.

Feliz sabor de nada.

Insciência do mundo,  
Aqui sem porto ou estrada,  
Nem horizonte ao fundo.

## **É uma brisa leve**

É uma brisa leve  
Que o ar um momento teve  
E que passa sem ter  
Quase por tudo ser.

Quem amo não existe.  
Vivo indeciso e triste.  
Quem quis ser já me esquece  
Quem sou não me conhece.

E em meio disto o aroma  
Que a brisa traz me assoma  
Um momento à consciência  
Como uma confiança.

## **E, ó vento vago**

E, ó vento vago  
Das solidões,  
Minha alma é um lago  
De indecisões.

Ergue-a em ondas  
De iras ou de ais,  
Vento que rondas  
Os pinheirais!

**Eh, como outrora era outra a que eu não tinha!**

Eh, como outrora era outra a que eu não tinha!  
Como amei quando amei! Ah, como eu via  
Como e com olhos de quem nunca lia  
Tinha o trono onde ter uma rainha.

Sob os pés seus a vida me espezinha.  
Reclinando-te tão bem? A tarde esfria...  
Ó mar sem cais nem lado na maresia,  
Que tens comigo, cuja alma é a minha?

Sob uma umbela de chá em baixo estamos  
E é súbita a lembrança  
Da velha quinta e do espalmar dos ramos  
Sob os quais a merendar — Oh, amor da glória!  
Fecharam-me os olhos para toda a história!  
Como sapos saltamos e erramos...

## **Eis-me em mim absorto**

Eis-me em mim absorto  
Sem o conhecer  
Bóio no mar morto  
Do meu próprio ser.

Sinto-me pesar  
No meu sentir-me água...  
Eis-me a balancear  
Minha vida-mágoa.

Barco sem ter velas...  
De quilha virada...  
O céu com estrelas  
É frio como espada.

E eu sou vento e céu...  
Sou o barco e o mar...  
Só que não sou eu...  
Quero-o ignorar.



## **Ela canta, pobre ceifeira,**

Ela canta, pobre ceifeira,  
Julgando-se feliz talvez;  
Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia  
De alegre e anónima viuvez,

Ondula como um canto de ave  
No ar limpo como um limiar,  
E há curvas no enredo suave  
Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegre e entristece,  
Na sua voz há o campo e a lida,  
E canta como se tivesse  
Mais razões para cantar que a vida.

Ah, canta, canta sem razão!  
O que em mim sente está pensando.  
Derrama no meu coração  
A tua incerta voz ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!  
Ter a tua alegre inconsciência,  
E a consciência disso! Ó céu!  
Ó campo! Ó canção! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve!  
Entra por mim dentro! Tornai  
Minha alma a vossa sombra leve!

Depois, levando-me, passai!

## **Ela ia, tranquila pastorinha,**

Ela ia, tranquila pastorinha,  
Pela estrada da minha imperfeição.  
Segui-a, como um gesto de perdão,  
O seu rebanho, a saudade minha...

"Em longes terras hás de ser rainha"  
Um dia lhe disseram, mas em vão...  
O seu vulto perde-se na escuridão...  
Só sua sombra ante meus pés caminha...

Deus te dê lírios em vez desta hora,  
E em terras longe do que eu hoje sinto  
Serás, rainha não, mas só pastora

Só sempre a mesma pastorinha a ir,  
E eu serei teu regresso, esse indistinto  
Abismo entre o meu sonho e o meu porvir...

## **Elfos ou gnomos tocam**

Elfos ou gnomos tocam?...  
Roçam nos pinheirais  
Sombras e bafos leves  
De ritmos musicais...

Ondulam como em voltas  
De estradas não sei onde,  
Ou como alguém que entre árvores  
Ora se mostra ou esconde...

Forma longínqua e incerta  
Do que eu nunca terei...  
Mal ouço e quase choro...  
Porque choro não sei...

Tão ténue melodia  
Que mal sei se ela existe  
Ou se é só o crepúsculo,  
Os pinhais e eu estar triste...

Mas cessa, como uma brisa,  
Esquece a forma aos seus ais,  
E agora não há mais música  
Do que a dos pinheirais...

## **Elle est si belle,**

Elle est si belle,  
La petite rebelle,  
Ce joyau de jeunesse;  
Elle est si belle  
Que mon coeur s'en blesse.  
Oh, quelle tristesse,  
Quel amour sans cris  
Car celle  
Qui est si belle  
Est toujours la femme d'autrui.

Oh qu'importe  
Qu'elle le soit déjà  
Ou que mon destin ne comporte  
Que ne l'avoir obtenu pas?  
Ne pas l'avoir ou la perdre  
C'est le même amour sans cris  
Dans ce coeur meurtri.  
Oh, elle,  
Celle  
Qui est si belle,  
Est toujours la femme d'autrui.

**Em outro mundo, onde a vontade é lei,**

Em outro mundo, onde a vontade é lei,  
Livramento escolhi aquela vida  
Com que primeiro neste mundo entrei.  
Livre, a ela fiquei preso e eu a paguei  
Com o preço das vidas subsequentes  
De que ela é a causa, o deus; e esses entes,  
Por ser quem fui, serão o que serei.

Porque pesa em meu corpo e minha mente  
Esta miséria de sofrer? Não foi  
Minha a culpa e a razão do que me dói.

Não tenho hoje memória, neste sonho  
Que sou de mim, de quanto quis ser eu.  
Nada de nada surge do medonho  
Abismo de quem sou em Deus, do meu  
Ser anterior a mim, a me dizer  
Quem sou, esse que fui quando no céu,  
Ou o que chamam céu, pode querer.

Sou entre mim e mim o intervalo —  
Eu, o que uso esta forma definida  
De onde para outra ulterior resvalo.  
Em outro mundo [...]

## **Em plena vida e violência**

Em plena vida e violência  
De desejo e ambição,  
De repente uma sonolência  
Cai sobre a minha ausência,  
Desce ao meu próprio coração.

Será que a mente, já desperta  
Da noção falsa de viver,  
Vê que, pela janela aberta,  
Há uma paisagem toda incerta  
E um sonho todo a apetecer?

## **Em tempos quis o mundo inteiro.**

Em tempos quis o mundo inteiro.  
Era criança e havia amar.  
Hoje sou lúcido e estrangeiro.  
(Acabarei por não pensar.)

A quem o mundo não bastava,  
(Porque depois não bastaria)  
E a alma era um céu, e havia lava  
Dos vulcões do que eu não sabia,

Basta hoje o dia não ser feio,  
Haver brisa que em sombras flui,  
Nem se perder de todo o enleio  
De ter sido quem nunca fui.



## **Em toda a noite o sono não veio. Agora**

Em toda a noite o sono não veio. Agora  
Raia do fundo  
Do horizonte, encoberta e fria, a manhã.  
Que faço eu no mundo?  
Nada que a noite acalme ou levante a aurora,  
Coisa séria ou vã

Com olhos tontos da febre vã da vigília  
Vejo com horror  
O novo dia trazer-me o mesmo dia do fim  
Do mundo e da dor —  
Um dia igual aos outros, da eterna família  
De serem assim.

Nem o símbolo ao menos vale, a significação  
Da manhã que vem  
Saindo lenta da própria essência da noite que era,  
Para quem,  
Por tantas vezes ter sempre esperado em vão,  
Já nada espera.

## **Em torno a mim, em maré cheia,**

Em torno a mim, em maré cheia,  
Soam como ondas a brilhar,  
O dia, o tempo, a obra alheia,  
O mundo natural a estar.

Mas eu, fechado no meu sonho,  
Parado enigma, e, sem querer,  
Inutilmente recomponho  
Visões do que não pude ser.

Cadáver da vontade feita,  
Mito real, sonho a sentir,  
Sequência interrompida, eleita  
Para os destinos de partir.

Mas presa à inércia angustiada  
De não saber a direcção,  
E ficar morto na erma estrada  
Que vai da alma ao coração.

Hora própria, nunca venhas,  
Que olhar talvez fosse pior...  
E tu, sol claro que me banhas,  
Ah, banha sempre o meu torpor!

## **Em torno ao candeeiro desolado**

Em torno ao candeeiro desolado  
Cujo petróleo me alumia a vida,  
Paira uma borboleta, por mandado  
Da sua consistência indefinida.

## **Enfia, a agulha,**

Enfia, a agulha,  
E ergue do colo  
A costura enrugada.  
Escuta: (volto a folha  
Com desconsolo).  
Não ouviste nada.

Os meus poemas, este  
E os outros que tenho —  
São só a brincar.  
Tu nunca os leste,  
E nem mesmo estranho  
Que ouças sem pensar.

Mas dá-me um certo agrado  
Sentir que tos leio  
E que ouves sem saber.  
Faz um certo agrado.  
Dá-me um certo enleio...  
E ler é esquecer.

## **Entre o bater rasgado dos pendões**

Entre o bater rasgado dos pendões  
E o cessar dos clarins na tarde alheia,  
A derrota ficou: como uma cheia  
Do mal cobriu os vagos batalhões.

Foi em vão que o Rei louco os seus varões  
Trouxe ao prolixo prélio, sem ideia.  
Água que mão infiel verteu na areia —  
Tudo morreu, sem rastro e sem razões.

A noite cobre o campo, que o Destino  
Com a morte tornou abandonado.  
Cessou, com cessar tudo, o desatino.

Só no luar que nasce os pendões rotos  
Estrelam no absurdo campo desolado  
Uma derrota heráldica de ignotos.

## **Entre o luar e a folhagem,**

Entre o luar e a folhagem,  
Entre o sossego e o arvoredado,  
Entre o ser noite e haver aragem  
Passa um segredo.  
Segue-o minha alma na passagem

Ténue lembrança ou saudade,  
Princípio ou fim do que não foi,  
Não tem lugar, não tem verdade,  
Atrai e dói.  
Segue-o meu ser em liberdade.

Vazio encanto ébrio de si!  
Tristeza ou alegria o traz?  
O que sou dele a quem sorri?  
Não é nem faz.  
Só de segui-lo me perdi.

## **Entre o luar e o arvoredado,**

Entre o luar e o arvoredado,  
Entre o desejo e não pensar  
Meu ser secreto vai a medo  
Entre o arvoredado e o luar.  
Tudo é longínquo, tudo é enredo,  
Tudo é não ter nem encontrar.

Entre o que a brisa traz e a hora,  
Entre o que foi e o que a alma faz,  
Meu ser oculto já não chora  
Entre a hora e o que a brisa traz.  
Tudo não foi, tudo se ignora.  
Tudo em silêncio se desfaz.

## **Entre o sono e o sonho,**

Entre o sono e o sonho,  
Entre mim e o que em mim  
É o quem eu me suponho,  
Corre um rio sem fim.

Passou por outras margens,  
Diversas mais além,  
Naquelas várias viagens  
Que todo o rio tem.

Chegou onde hoje habito  
A casa que hoje sou.  
Passa, se eu me medito;  
Se desperto, passou.

E quem me sinto e morre  
No que me liga a mim  
Dorme onde o rio corre —  
Esse rio sem fim.



## **Entre o sossego e o arvoredado,**

Entre o sossego e o arvoredado,  
Entre a clareira e a solidão,  
Meu devaneio passa a medo  
Levando-me a alma pela mão.  
É tarde já, e ainda é cedo.  
[...]

## **Era isso mesmo**

Era isso mesmo —  
O que tu dizias,  
E já nem falo  
Do que tu fazias...

Era isso mesmo...  
Eras outra já,  
Eras má deveras,  
A quem chamei má...

Eu não era o mesmo  
Para ti, bem sei.  
Eu não mudaria,  
Não — nem mudarei...

Julgas que outro é outro.  
Não: somos iguais.

**Eram varões todos,**

Eram varões todos,  
Andavam na floresta  
Sem motivo e sem modos  
E a razão era esta.

E andando iam cantando  
O que não pude ser,  
Nesse tom mole e brando  
Como um anoitecer.

Em querer cantar quanto  
Não há nem é e dói  
E que tem disso o encanto  
De tudo quanto foi.

## **Escuta-me piedosamente.**

Escuta-me piedosamente.  
Não vale a pena amar-me não,  
Mas o que o meu coração sente -  
Ah, quero que te passe rente  
À ideia do teu coração...

Quero que julgues que podias  
Se quisesses, amar-me. Só  
Saber isso consolaria  
Minha alma erma de alegria...  
Ter a certeza do teu dó!...

Teu dó, o teu quase carinho...  
Qualquer sentimento por mim...  
Que não me deixasse sozinho...  
Eu posso construir um ninho,  
Com o pouco que me vem de ti...  
Eu tenho de mim tanta pena  
Queria ao menos que tu também  
Viesses ter pena serena  
Não de mim mas da minha pena,  
Essa pena que ninguém tem.

## **Esta espécie de loucura**

Esta espécie de loucura  
Que é pouco chamar talento  
E que brilha em mim, na escura  
Confusão do pensamento,

Não me traz felicidade;  
Porque, enfim, sempre haverá  
Sol ou sombra na cidade.  
Mas em mim não sei o que há

## **ESTADO DE ALMA**

Inutilmente vivida  
Acumula-se-me a vida  
Em anos, meses e dias;  
Inutilmente vivida,  
Sem dores nem alegrias,  
Mas só em monotonias  
De mágoa incompreendida...

Mágoa sem fogo de vida  
Que a faça viva e sentida;  
Mas a mágoa de mãos frias  
E inaptas para arte ou lida,  
Nem pra gestos de agonias  
Ou mostras de alma vencida.

Nada: inerte e dolorida,  
A minha dor se extasia  
Por não ser, e tem só vida  
Para em torno a noite fria  
Sentir vaga e indefinida...

## **EU**

Sou louco e tenho por memória  
Uma longínqua e infiel lembrança  
De qualquer dita transitória  
Que sonhei ter quando criança.

Depois, malograda trajectória  
Do meu destino sem esperança,  
Perdi, na névoa da noite inglória  
O saber e o ousar da aliança.

Só guardo como um anel pobre  
Que a todo o herdado só faz rico  
Um frio perdido que me cobre

Como um céu dossel de mendigo,  
Na curva inútil em que fico  
Da estrada certa que não sigo.

**Eu amo tudo o que foi,**

Eu amo tudo o que foi,  
Tudo o que já não é,  
A dor que já me não dói,  
A antiga e errónea fé,  
O ontem que dor deixou,  
O que deixou alegria  
Só porque foi, e voou  
E hoje é já outro dia



## **Eu me resigno. Há no alto da montanha**

Eu me resigno. Há no alto da montanha  
Um penhasco saído,  
Que, visto de onde toda coisa é estranha,  
Deste vale escondido,  
Parece posto ali para o não termos,  
Para que, vendo-o ali,  
Nos contentemos só com o aí vermos  
No nosso eterno aqui...

Eu me resigno. Esse penhasco agudo  
Talvez alcançarão  
Os que na força de irem põem tudo.  
De teu próprio silêncio nulo e mudo,  
Não vás, meu coração.

## **Eu no tempo não choro que me leve**

Eu no tempo não choro que me leve  
A juventude, o já encanecer  
A cabeça que pouco ainda esteve  
Sob o Sol solto e a tarde a arrefecer.

Nem choro que não me ames, que faleça  
O amor que vi em ti, que também haja  
Uma tarde do amar, que desfaleça  
E a noite fique, (...)

Mais que tudo choro já não te amar,  
Sim, choro a tragédia de não ser o mesmo na alma,  
De te ser infiel sem infidelidade,  
De me ter esquecido de ti sem propriamente te aborrecer.

Não é o tempo ido em que te amei que choro.  
Choro não te amar já por isso ser natural.  
Choro ter-te esquecido, choro não me poder lembrar  
Com saudade do tempo em que te amei.

Isso é que choro, sim, com as verdadeiras lágrimas  
Que contém em si os piores mistérios —  
A morte essencial das coisas,  
O acabar das almas, mais grave que o dos corpos,  
O abismo onde a única esperança é poder haver Deus  
E um outro sentido desconhecido a tudo que se teve e se foi  
Um outro lado, nem côncavo nem convexo à curva da vida.

## **Eu sou o disfarçado, a máscara insuspeita.**

Eu sou o disfarçado, a máscara insuspeita.  
Entre o trivial e o vil m[inha] alma insatisfeita  
Indescoberta passa, e para eles tem  
Um outro aspecto, porque, vendo-o, não a vêem,  
Porque adopto o seu gesto, afim que [...]  
Julga o vil que sou vil, e, porque não me  
No meandro interior por onde é vil quem é  
Julga-me o inábil na vileza que me vê.  
Assim postigo igual dos inferiores meus,  
Passo, príncipe oculto, alheio aos próprios véus,  
Porque os véus que me impõe a urgência de viver,  
São outro modo, e outra (...), e outro ser:  
Porque não tenho a veste e a púrpura visível  
Como régio meu ser não é aceite ou crível;  
Mas como qualquer em meu gesto se trai  
Da grandeza nativa que irreprimível sai  
Um momento de si e assoma ao meu ser falso,  
Isso, porque desmancha a inferioridade a que me alço,  
Em vez de grande, surge aos outros inferior.  
E aí no que me cerca o desconhecedor  
Que me sente diferente e não me pode ver  
Superior, julga-me abaixo do seu ser.  
Mas eu guardo secreto e indiferente o vulto  
Do meu régio futuro, o meu destino oculto  
Aos olhos do Presente, o Futuro o escreveu  
No Destino Essencial que fez meu ser ser eu.  
Por isso indiferente entre os triviais e os vis  
Passo, guardado em mim. Os olhares subtis

Apenas decompõem em postiças verdades  
O que de mim se vê nas exterioridades.  
Os que mais me conhecem ignoram-me de todo.

## **Eu sou uma antologia.**

Eu sou uma antologia.  
Escrevo tão diversamente  
Que, pouca ou muita valia  
Dos poemas, ninguém diria  
Que o poeta é um somente.

.....

Depois para si o poeta  
Deve ser poeta também  
Se ele não tem a completa  
Diversidade  
Não é poeta, é só alguém.

Eu graças a Deus não tenho  
Nenhuma individualidade  
Sou como o mundo (...)

**Eu tenho ideias e razões,**

Eu tenho ideias e razões,  
Conheço a cor dos argumentos  
E nunca chego aos corações.

**Exígua lâmpada tranquila,**

Exígua lâmpada tranquila,  
Quem te alumia e me dá luz,  
Entre quem és e eu sou oscila.

## **Falhei. Os astros seguem seu caminho.**

Falhei. Os astros seguem seu caminho.  
Minha alma, outrora um universo meu,  
É hoje, sei, um lúgubre escaninho  
De consciência sob a morte e o céu.

Falhei. Quem sou vivi só de supô-lo.  
O que tive por meu ou por haver  
Fica sempre entre um polo e o outro polo  
Do que me nunca há-de pertencer.

Falhei. Enfim! Consegui ser quem sou,  
O que é já nada, com a lenha velha  
Onde, pois valho só quanto me dou,  
Pegarei facilmente uma centelha.



## **Feliz dia para quem é**

Feliz dia para quem é  
O igual do dia,  
E no exterior azul que vê  
Simples confia!

O azul do céu faz pena a quem  
Não pode ser  
Na alma um azul do céu também  
Com que viver

Ah, e se o verde com que estão  
Os montes quedos  
Pudesse haver no coração  
E em seus segredos!

Mas vejo quem devia estar  
Igual do dia  
Insciente e sem querer passar.  
Ah, a ironia

De só sentir a terra e o céu  
Tão belos ser  
Quem de si sente que perdeu  
A alma para os ter!

## **Fiquei doido, fiquei tonto...**

Fiquei doido, fiquei tonto...  
Meus beijos foram sem conto,  
Apertei-a contra mim,  
Aconcheguei-a em meus braços,  
Embriaguei-me de abraços...  
Fiquei tonto e foi assim...

Sua boca sabe a flores,  
Bonequinha, meus amores,  
Minha boneca que tem  
Bracinhos para enlaçar-me,  
E tantos beijos p'ra dar-me  
Quantos eu lhe dou também.

Ah que tontura e que fogo!  
Se estou perto dela, é logo  
Uma pressa em meu olhar,  
Uma música em minha alma,  
Perdida de toda a calma,  
E eu sem a querer achar.

Dá-me beijos, dá-me tantos  
Que, enleado nos teus encantos,  
Preso nos abraços teus,  
Eu não sinta a própria vida,  
Nem minha alma, ave perdida  
No azul-amor dos teus céus.

Não descanso, não projecto  
Nada certo, sempre inquieto  
Quando te não beijo, amor,  
Por te beijar, e se beijo  
Por não me encher o desejo  
Nem o meu beijo melhor.

## **Fito-me frente a frente**

Fito-me frente a frente  
E conheço quem sou.  
Estou louco, é evidente,  
Mas que louco é que estou?

É por ser mais poeta  
Que gente que sou louco?  
Ou é por ter completa  
A noção de ser pouco?

Não sei, mas sinto morto  
O ser vivo que tenho.  
Nasci como um aborto,  
Salvo a hora e o tamanho.

**Fito-me frente a frente.**

Fito-me frente a frente.  
Conheço que estou louco.  
Não me sinto doente.  
Fito-me frente a frente.

Evoco a minha vida.  
Fantasma, quem és tu?  
Uma coisa erguida.  
Uma força traída.

Neste momento claro,  
Abdique a alma bem!  
Saber não ser é raro.  
Quero ser raro e claro.

## **Flor que não dura**

Flor que não dura  
Mais do que a sombra dum momento  
Tua frescura  
Persiste no meu pensamento.

Não te perdi  
No que sou eu,  
Só nunca mais, ó flor, te vi  
Onde não sou senão a terra e o céu.

## **Flui, indeciso na bruma,**

Flui, indeciso na bruma,  
Mais do que a bruma indeciso,  
Um ser que é coisa a achar  
E a quem nada é preciso.

Quer somente consistir  
No nada que o cerca ao ser,  
Um começo de existir  
Que acabou antes de o ter.

É o sentido que existe  
Na aragem que mal se sente  
E cuja essência consiste  
Em passar incertamente.

## **FRESTA**

Em meus momentos escuros  
Em que em mim não há ninguém,  
E tudo é névoas e muros  
Quanto a vida dá ou tem,

Se, um instante, erguendo a fronte  
De onde em mim sou aterrado,  
Vejo o longínquo horizonte  
Cheio de sol posto ou nado

Revivo, existo, conheço,  
E, ainda que seja ilusão  
O exterior em que me esqueço,  
Nada mais quero nem peço.  
Entrego-lhe o coração.



## **Foi um momento**

Foi um momento  
O em que pousaste  
Sobre o meu (braço,)  
Num movimento  
Mais de cansaço  
Que pensamento.  
A tua mão  
E a retiraste.  
Senti ou não?

Não sei. Mas lembro  
E sinto ainda  
Qualquer memória  
Fixa e corpórea  
Onde pousaste  
A mão que teve  
Qualquer sentido  
Incompreendido,  
Mas tão de leve!...

Tudo isto é nada,  
Mas numa estrada  
Como é a vida  
Há uma coisa  
Incompreendida...

Sei eu se quando  
A tua mão

Senti pousando  
Sobre o meu braço,  
E um pouco, um pouco,  
No coração,  
Não houve um ritmo  
Novo no espaço?

Como se tu,  
Sem o querer,  
Em mim tocasses  
Para dizer  
Qualquer mistério,  
Súbito e etéreo,  
Que nem soubesses  
Que tinha ser.

Assim a brisa  
Nos ramos diz  
Sem o saber  
Uma imprecisa  
Coisa feliz.

## **Fosse eu apenas, não sei onde ou como**

Fosse eu apenas, não sei onde ou como,  
Uma coisa existente sem viver,  
Noite de Vida sem amanhecer  
Entre as sirtes do meu dourado assomo....

Fada maliciosa ou incerto gnomo  
Fadado houvesse de não pertencer  
Meu intuito gloriola com Ter  
A árvore do meu uso o único pomo...

Fosse eu uma metáfora somente  
Escrita nalgum livro insubsistente  
Dum poeta antigo, de alma em outras gamas,

Mas doente, e , num crepúsculo de espadas,  
Morrendo entre bandeiras desfraldadas  
Na última tarde de um império em chamas...

## **Fúria nas trevas o vento**

Fúria nas trevas o vento  
Num grande som de alongar  
Não há no meu pensamento  
Senão não poder parar

Parece que a alma tem  
Treva onde sopra a crescer  
Uma loucura que vem  
De querer compreender.

Raiva nas trevas o vento  
Sem se poder libertar.  
Estou preso ao meu pensamento  
Como o vento preso ao ar.

## **Gato que brincas na rua**

Gato que brincas na rua  
Como se fosse na cama,  
Invejo a sorte que é tua  
Porque nem sorte se chama.

Bom servo das leis fatais  
Que regem pedras e gentes,  
Que tens instintos gerais  
E sentes só o que sentes.

És feliz porque és assim,  
Todo o nada que és é teu.  
Eu vejo-me e estou sem mim,  
Conheço-me e não sou eu.

## **GLOSA**

Minha alma sabe-me a antiga  
Mas sou de minha lembrança,  
Como um eco, uma cantiga.

Bem sei que isto não é nada,  
Mas quem dera a alma que seja  
O que isto é, como uma estrada.

Talvez eu fosse feliz  
Se houvesse em mim o perdão  
Do que isto quase que diz.

Porque o esforço é vil e vão,  
A verdade, quem a quis?  
Escuta só, meu coração.

## **Gnomos do luar que faz selvas**

Gnomos do luar que faz selvas  
As florestas sossegadas,  
Que sois silêncios nas relvas,  
E em almas abandonadas  
Fazeis sombras enganadas,

Que sempre se a gente olha  
Acabastes de passar  
E só um tremor de folha  
Que o vento pode explicar  
Fala de vós sem falar,

Levai-me no vosso rastro,  
Que em minha alma quero ser  
Como vosso corpo, um astro  
Que só brilha quando houver  
Quem o suponha sem ver.

Ah, sentir tudo de todos os feitios!  
Não ter alma, não ter  
Só diversos modos —  
Seja eu leitura variada  
Para mim mesmo!

Assim eu que canto ou choro  
Quero velar-me e partir.  
Lembrando o que não memoro,  
Alguém me saiba sentir,

Mas ninguém me definir.



**Gostara, realmente,**

Gostara, realmente,  
De sentir com uma alma só,  
Não ser eu só gente  
De muitos, mete-me dó.

Não ter lar, vá. Não ter calma  
Está bem, nem ter pertencer.  
Mas eu, de ter tanta alma,  
Nem minha alma chego a ter.

## **Gradual, desde que o calor**

Gradual, desde que o calor  
Teve medo,  
A brisa ganhou alma, à flor  
Do arvoredos.

Primeiro, os ramos ajeitaram  
As folhas que há,  
Depois, cinzentas, oscilaram,  
E depois já

Toda a árvore era um movimento  
E o fresco viera.  
Medita sem ter pensamento!  
Ignora e espera!

## **Grande sol a entreter**

Grande sol a entreter  
Meu meditar sem ser  
Neste quieto recinto...  
Quanto não pude ter  
Forma a alma com que sinto...

Se vivo é que perdi...  
Se amo é que não amei...  
E o grande bom sol ri...  
E a sombra está aqui  
Onde eu sempre estarei...

## **Grandes mistérios habitam**

Grandes mistérios habitam  
O limiar do meu ser,  
O limiar onde hesitam  
Grandes pássaros que fitam  
Meu transpor tardo de os ver.

São aves cheias de abismo,  
Como nos sonhos as há.  
Hesito se sondo e cismo,  
E à minha alma é cataclismo  
O limiar onde está.

Então desperto do sonho  
E sou alegre da luz,  
Inda que em dia tristonho;  
Porque o limiar é medonho  
E todo passo é uma cruz.

## **Guardo ainda, como um pasmo**

Guardo ainda, como um pasmo  
Em que a infância sobrevive,  
Metade do entusiasmo  
Que tenho porque já tive.

Quase às vezes me envergonho  
De crer tanto em que não creio.  
É uma espécie de sonho  
Com a realidade ao meio.

Girassol do falso agrado  
Em torno do centro mudo  
Fala, amarelo, pasmado  
Do negro centro que é tudo.

## **Guia-me a só razão.**

Guia-me a só razão.  
Não me deram mais guia  
Alumia-me em vão?  
Só ela me alumia.

Tivesse quem criou  
O mundo desejado  
Que eu fosse outro que sou  
Ter-me-ia outro criado.

Deu-me olhos para ver.  
Olho, vejo, acredito.  
Como ousarei dizer:  
«Cego, fora eu bendito»?

Como o olhar, a razão  
Deus me deu, para ver  
Para além da visão  
Olhar de conhecer.

Se ver é enganar-me,  
Pensar um descaminho,  
Não sei. Deus os quis dar-me  
Por verdade e caminho.

## **Há em tudo que fazemos**

Há em tudo que fazemos  
Uma razão (?) singular:  
É que não é o que queremos.  
Faz-se porque nós vivemos,  
E viver é não pensar.

Se alguém pensasse na vida,  
Morria de pensamento.  
Por isso a vida vivida  
É essa coisa esquecida  
Entre um momento e um momento.

Mas nada importa que o seja  
Ou que até deixe de o ser:  
Mal é que a moral nos reja,  
Bom é que ninguém nos veja;  
Entre isso fica viver.

## **Há luz no tojo e no brejo**

Há luz no tojo e no brejo

Luz no ar e no chão...

Há luz em tudo que vejo,

Não no meu coração...

E quanto mais luz lá fora

Quanto mais quente é o dia

Mais por contrário chora

Minha íntima noite fria.



## **Há música. Tenho sono**

Há música. Tenho sono

Tenho sono com sonhar.

Estou num longínquo abandono

Sem me sentir nem pensar.

A música é pobre mas

Não será mais pobre a vida?

Que importa que eu durma? Faz

Sono sentir a descida.

## **Há no firmamento**

Há no firmamento  
Um frio lunar.  
Um vento nevoento  
Vem de ver o mar.

Quase maresia  
A hora interroga,  
E uma angústia fria  
Indistinta voga.

Não sei o que faça,  
Não sei o que penso,  
O frio não passa  
E o tédio é imenso.

Não tenho sentido,  
Alma ou intenção...  
Estou no meu olvido...  
Dorme, coração...

## **Há quanto tempo não canto**

Há quanto tempo não canto  
Na muda voz de sentir.  
E tenho sofrido tanto  
Que chorar fora sorrir.

Há quanto tempo não sinto  
De maneira a o descrever,  
Nem em ritmos vivos minto  
O que não quero dizer...

Há quanto tempo me fecho  
À chave dentro de mim.  
E é porque já não me queixo  
Que as queixas não têm fim.

Há tanto tempo assim duro  
Sem vontade de falar!  
Já estou amigo do escuro  
Não quero o sol nem o ar.

Foi-me tão pesada e crescida  
A tristeza que ficou  
Que ficou toda na vida.  
Para cantar não sonhou.

**Há quase um ano não escrevo.**

Há quase um ano não escrevo.  
Pesada, a meditação  
Torna-me alguém que não devo  
Interromper na atenção.

Tenho saudades de mim,  
De quando, de alma alheada,  
Eu era não ser assim,  
E os versos vinham de nada.

Hoje penso quanto faço,  
Escrevo sabendo o que digo...  
Para quem desce do espaço  
Este crepúsculo antigo?

**Há um frio e um vácuo no ar.**

Há um frio e um vácuo no ar.  
Está sobre tudo a pairar,  
Cinzento-preto, o luar.

Luar triste de antemanhã  
De outro dia e sua vã  
Esperança e inútil afã.

É como a morte de alguém  
Que era tudo que a alma tem  
E que não era ninguém.

Absurdo erro disperso  
No espaço, água onde é imerso  
O cadáver do universo.

É como o meu coração  
Frio da vaga opressão  
Da antemanhã da visão.

**Há um grande som no arvoredos.**

Há um grande som no arvoredos.  
Parece um mar que há lá em cima.  
É o vento, e o vento faz um medo...  
Não sei se um coração me estima...

Sozinho sob os astros certos  
Meu coração não sai da vida...  
Ó vastos céus, iguais e abertos,  
Que é esta alma indefinida?

## **Há um murmúrio na floresta,**

Há um murmúrio na floresta,  
Há uma nuvem e não já.  
Há uma nuvem e nada resta  
Do murmúrio que ainda está  
No ar a parecer que há.

É que a saudade faz viver,  
E faz ouvir, e ainda ver,  
Tudo o que foi e acabará  
Antes que tenha de o esquecer  
Como a floresta esquece já.

## **Há uma música do povo,**

Há uma música do povo,  
Nem sei dizer se é um fado —  
Que ouvindo-a há um chiste novo  
No ser que tenho guardado...

Ouvindo-a sou quem seria  
Se desejar fosse ser...  
É uma simples melodia  
Das que se aprendem a viver...

E ouço-a embalado e sozinho...  
É essa mesma que eu quis...  
Perdi a fé e o caminho...  
Quem não fui é que é feliz.

Mas é tão consoladora  
A vaga e triste canção...  
Que a minha alma já não chora  
Nem eu tenho coração...

Se uma emoção estrangeira,  
Um erro de sonho ido...  
Canto de qualquer maneira  
E acaba com um sentido!



**Hoje estou triste, estou triste.**

Hoje estou triste, estou triste.

Estarei alegre amanhã...

O que se sente consiste

Sempre em qualquer coisa vã.

Ou chuva, ou sol, ou preguiça...

Tudo influi, tudo transforma...

A alma não tem justiça,

A sensação não tem forma.

Uma verdade por dia...

Um mundo por sensação...

Estou triste. A tarde está fria.

Amanhã, sol e razão.

## **Hoje que a tarde é calma e o céu tranquilo,**

Hoje que a tarde é calma e o céu tranquilo,  
E a noite chega sem que eu saiba bem,  
Quero considerar-me e ver aquilo  
Que sou, e o que sou o que é que tem.

Olho por todo o meu passado e vejo  
Que fui quem foi aquilo em torno meu,  
Salvo o que o vago e incógnito desejo  
De ser eu mesmo de meu ser me deu.

Como a páginas já relidas, vergo  
Minha atenção sobre quem fui de mim,  
E nada de verdade em mim albergo  
Salvo uma ânsia sem princípio ou fim.

Como alguém distraído na viagem,  
Segui por dois caminhos par a par.  
Fui com o mundo, parte da paisagem;  
Comigo fui, sem ver nem recordar.

Chegado aqui, onde hoje estou, conheço  
Que sou diverso no que informe estou.  
No meu próprio caminho me atravesso  
Não conheço quem fui no que hoje sou.

Serei eu, porque nada é impossível,  
Vários trazidos de outros mundos, e  
No mesmo ponto espacial sensível

Que sou eu, sendo eu por estar aqui?

Serei eu, porque todo o pensamento  
Podendo conceber, bem pode ser,  
Um dilatado e múrmuro momento,  
De tempos-seres de quem sou o viver?

## **Hoje, neste ócio incerto**

Hoje, neste ócio incerto  
Sem prazer nem razão,  
Como a um túmulo aberto  
Fecho meu coração.

Na inútil consciência  
De ser inútil tudo,  
Fecho-o, contra a violência  
Do mundo duro e rudo.

Mas que mal sofre um morto?  
Contra que defendê-lo?  
Fecho-o, em fechá-lo absorto,  
E sem querer sabê-lo.

## **HORA ABSURDA**

O teu silêncio é uma nau com todas as velas pandas...  
Brandas, as brisas brincam nas flâmulas, teu sorriso...  
E o teu sorriso no teu silêncio é as escadas e as andas  
Com que me finjo mais alto e ao pé de qualquer paraíso...

Meu coração é uma ânfora que cai e que se parte...  
O teu silêncio recolhe-o e guarda-o, partido, a um canto...  
Minha ideia de ti é um cadáver que o mar traz à praia..., e entanto  
Tu és a tela irreal em que erro em cor a minha arte...

Abre todas as portas e que o vento varra a ideia  
Que temos de que um fumo perfuma de ócio os salões...  
Minha alma é uma caverna enchida pela maré cheia,  
E a minha ideia de te sonhar uma caravana de hístriões...

Chove ouro baço, mas não no lá-fora... É em mim... Sou a Hora,  
E a Hora é de assombros e toda ela escombros dela...  
Na minha atenção há uma viúva pobre que nunca chora...  
No meu céu interior nunca houve uma única estrela...

Hoje o céu é pesado como a ideia de nunca chegar a um porto...  
A chuva miúda é vazia... a Hora sabe a ter sido...  
Não haver qualquer coisa como leitões para as naus!... Absorto  
Em se alhear de si, teu olhar é uma praga sem sentido...

Todas as minhas horas são feitas de jaspe negro,  
Minhas ânsias todas talhadas num mármore que não há,  
Não é alegria nem dor esta dor com que me alegro,

E a minha bondade inversa não é nem boa nem má...

Os feixes dos lictores abriram-se à beira dos caminhos...  
Os pendões das vitórias medievais nem chegaram às cruzadas...  
Puseram in-fólios úteis entre as pedras das barricadas...  
E a erva cresceu nas vias férreas com viços daninhos...

Ah, como esta hora é velha!... E todas as naus partiram!  
Na praia só um cabo morto e uns restos de vela falam  
De Longe, das horas do Sul, de onde os nossos sonhos tiram  
Aquele angústia de sonhar mais que até para si calam...

O palácio está em ruínas... Dói ver no parque o abandono  
Da fonte sem repuxo... Ninguém ergue o olhar da estrada  
E sente saudades de si ante aquele lugar-Outono...  
Esta paisagem é um manuscrito com a frase mais bela cortada...

A doida partiu todos os candelabros glabros,  
Sujou de humano o lago com cartas rasgadas, muitas...  
E a minha alma é aquela luz que não mais haverá nos candelabros...  
E que querem ao lado aziago minhas ânsias, brisas fortuitas?...

Porque me aflijo e me enfermo?... Deitam-se nuas ao luar  
Todas as ninfas... Veio o sol e já tinham partido...  
O teu silêncio que me embala é a ideia de naufragar,  
E a ideia de a tua voz soar a lira dum Apolo fingido...

Já não há caudas de pavões todas olhos nos jardins de outrora...  
As próprias sombras estão mais tristes... Ainda  
Há rastros de vestes de aias (parece) no chão, e ainda chora

Um como que eco de passos pela alameda que eis finda...

Todos os ocasos fundiram-se na minha alma...

As relvas de todos os prados foram frescas sob meus pés frios...

Secou em teu olhar a ideia de te julgares calma,

E eu ver isso em ti é um porto sem navios...

Ergueram-se a um tempo todos os remos... Pelo ouro das searas

Passou uma saudade de não serem o mar.. Em frente

Ao meu trono de alheamento há gestos com pedras raras...

Minha alma é uma lâmpada que se apagou e ainda está quente...

Ah, e o teu silêncio é um perfil de píncaro ao sol!

Todas as princesas sentiram o seio oprimido...

Da última janela do castelo só um girassol

Se vê, e o sonhar que há outros põe brumas no nosso sentido...

Sermos, e não sermos mais!... Ó leões nascidos na jaula!...

Repique de sinos para além, no Outro Vale... Perto?...

Arde o colégio e uma criança ficou fechada na aula...

Porque não há-de ser o Norte o Sul?... O que está descoberto?...

E eu deliro... De repente pauso no que penso... Fito-te

E o teu silêncio é uma cegueira minha... Fito-te e sonho...

Há coisas rubras e cobras no modo como medito-te,

E a tua ideia sabe à lembrança de um sabor de medonho...

Para que não ter por ti desprezo? Porque não perdê-lo?...

Ah, deixa que eu te ignore... O teu silêncio é um leque —

Um leque fechado, um leque que aberto seria tão belo, tão belo,

Mas mais belo é não o abrir, para que a Hora não peque...

Gelaram todas as mãos cruzadas sobre todos os peitos...  
Murcharam mais flores do que as que havia no jardim...  
O meu amar-te é uma catedral de silêncios eleitos,  
E os meus sonhos uma escada sem princípio mas com fim...

Alguém vai entrar pela porta... Sente-se o ar sorrir...  
Tecedeiras viúvas gozam as mortalhas de virgens que tecem...  
Ah, o teu tédio é uma estátua de uma mulher que há-de vir,  
O perfume que os crisântemos teriam, se o tivessem...

É preciso destruir o propósito de todas as pontes,  
Vestir de alheamento as paisagens de todas as terras,  
Endireitar à força a curva dos horizontes,  
E gemer por ter de viver, como um ruído brusco de serras...

Há tão pouca gente que ame as paisagens que não existem!...  
Saber que continuará a haver o mesmo mundo amanhã — como nos  
desalegra!...  
Que o meu ouvir o teu silêncio não seja nuvens que atristem  
O teu sorriso, anjo exilado, e o teu tédio, auréola negra...

Suave. como ter mãe e irmãs, a tarde rica desce...  
Não chove já, e o vasto céu é um grande sorriso imperfeito...  
A minha consciência de ter consciência de ti é uma prece,  
E o meu saber-te a sorrir uma flor murcha a meu peito...

Ah, se fôssemos duas figuras num longínquo vitral!...  
Ah, se fôssemos as duas cores de uma bandeira de glória!...



Estátua acéfala posta a um canto, poeirenta pia baptismal,  
Pendão de vencidos tendo escrito ao centro este lema — Vitória!

O que é que me tortura?... Se até a tua face calma  
Só me enche de tédios e de ópios de ócios medonhos...  
Não sei... Eu sou um doido que estranha a sua própria alma...  
Eu fui amado em efígie num país para além dos sonhos...

## **HORA MORTA**

Lenta e lenta a hora  
Por mim dentro soa  
(Alma que se ignora!)  
Lenta e lenta e lenta,  
Lenta e sonolenta  
A lua se escoia...

Tudo tão inútil!  
Tão como que doente  
Tão divinamente  
Fútil — ah, tão fútil  
Sonho que se sente  
De si próprio ausente...

Naufrágio ante o ocaso  
Hora de piedade...  
Tudo é névoa e acaso  
Hora oca e perdida,  
Cinza de vivida  
(Que Poente me invade?)

Por que lenta ante olha  
Lenta em seu som,  
Que sinto ignorar?  
Por que é que me gela  
Meu próprio pensar  
Em sonhar amar?...

Que morta esta hora!  
Que alma minha chora  
Tão perdida e alheia?...  
Mar batendo na areia,  
Para quê? para quê?  
P'ra ser o que se vê  
Na alva areia batendo ?  
Só isto? Não há

Lâmpada de haver —  
— Um — sentido ardendo  
Dentro da hora — já  
Espuma de morrer?

## **I - A criança que fui chora na estrada.**

I

A criança que fui chora na estrada.  
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;  
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,  
Quero ir buscar quem fui onde ficou.

Ah, como hei-de encontrá-lo? Quem errou  
A vinda tem a regressão errada.  
Já não sei de onde vim nem onde estou.  
De o não saber, minha alma está parada.

Se ao menos atingir neste lugar  
Um alto monte, de onde possa enfim  
O que esqueci, olhando-o, relembrar,

Na ausência, ao menos, saberei de mim,  
E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar  
Em mim um pouco de quando era assim.

II

Dia a dia mudamos para quem  
Amanhã não veremos. Hora a hora  
Nosso diverso e sucessivo alguém  
Desce uma vasta escadaria agora.

E uma multidão que desce, sem  
Que um saiba de outros. Vejo-os meus e fora.  
Ah, que horrorosa semelhança têm!

São um múltiplo mesmo que se ignora.

Olho-os. Nenhum sou eu, a todos sendo.

E a multidão engrossa, alheia a ver-me, Sem que eu perceba de onde vai crescendo.

Sinto-os a todos dentro em mim mover-me,

E, inúmero, prolixo, vou descendo

Até passar por todos e perder-me.

III

Meu Deus! Meu Deus! Quem sou, que desconheço

O que sinto que sou? Quem quero ser

Mora, distante, onde meu ser esqueço,

Parte, remoto, para me não ter.

## **I - Sim, farei...; e hora a hora passa o dia...**

I

Sim, farei...; e hora a hora passa o dia...  
Farei, e dia a dia passa o mês...  
E eu, cheio sempre só do que faria,  
Vejo que o que faria se não fez,  
De mim, mesmo em inútil nostalgia.

Farei, farei... Anos os meses são  
Quando são muitos-anos, toda a vida,  
Tudo... E sempre a mesma sensação  
Que qualquer coisa há-de ser conseguida,  
E sempre quieto o pé e inerte a mão...

Farei, farei, farei... Sim, qualquer hora  
Talvez me traga o esforço e a vitória,  
Mas será só se mos trazer de fora.  
Quis tudo — a paz, a ilusão, a glória...  
Que obscuro absurdo na minha alma chora?

II

Farei talvez um dia um poema meu,  
Não qualquer coisa que, se eu a analiso,  
É só a teia que se em mim teceu  
De tanto alheio e anónimo improvisado  
Que ou a mim ou a eles esqueceu...

Um poema próprio, em que me vá o ser,  
Em que eu diga o que sinto e o que sou,

Sem pensar, sem fingir e sem querer,  
Como um lugar exacto, o onde estou,  
E onde me possam, como sou, me ver.

Ah, mas quem pode ser quem é? Quem sabe  
Ter a alma que tem? Quem é quem é?  
Sombras de nós, só reflectir nos cabe.  
Mas reflectir, ramos irreais, o quê?  
Talvez só o vento que nos fecha e abre.

### III

Sossega, coração! Não desesperes!  
Talvez um dia, para além dos dias,  
Encontres o que queres porque o queres.  
Então, livre de falsas nostalgias,  
Atingirás a perfeição de seres.

Mas pobre sonho o que só quer não tê-lo!  
Pobre esperança a de existir somente!  
Como quem passa a mão pelo cabelo  
E em si mesmo se sente diferente,  
Como faz mal ao sonho o concebê-lo!

Sossega, coração, contudo! Dorme!  
O sossego não quer razão nem causa.  
Quer só a noite plácida e enorme,  
A grande, universal, solene pausa  
Antes que tudo em tudo se transforme.

## **INCIDENTE**

Dói-me no coração  
Uma dor que me envergonha...  
Quê! Esta alma que sonha  
O âmbito todo do mundo  
Sofre de amor e tortura  
Por tão pequena coisa...  
Uma mulher curiosa  
E o meu tédio profundo?



## INTERVALO

Quem te disse ao ouvido esse segredo  
Que raras deusas têm escutado —  
Aquele amor cheio de crença e medo  
Que é verdadeiro só se é segredado?...  
Quem to disse tão cedo?

Não fui eu, que te não ousei dizê-lo.  
Não foi um outro, porque o não sabia.  
Mas quem roçou da testa teu cabelo  
E te disse ao ouvido o que sentia?  
Seria alguém, seria?

Ou foi só que o sonhaste e eu te o sonhei?  
Foi só qualquer ciúme meu de ti  
Que o supôs dito, porque o não direi,  
Que o supôs feito, porque o só fingi  
Em sonhos que nem sei?

Seja o que for, quem foi que levemente,  
A teu ouvido vagamente atento,  
Te falou desse amor em mim presente  
Mas que não passa do meu pensamento  
Que anseia e que não sente?

Foi um desejo que, sem corpo ou boca,  
A teus ouvidos de eu sonhar-te disse  
A frase eterna, imerecida e louca —  
A que as deusas esperam da ledice

Com que o Olimpo se apouca.

## ISTO

Dizem que finjo ou minto  
Tudo que escrevo. Não.  
Eu simplesmente sinto  
Com a imaginação.  
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,  
O que me falha ou finda,  
É como que um terraço  
Sobre outra coisa ainda.  
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio  
Do que não está ao pé,  
Livre do meu enleio,  
Sério do que não é.  
Sentir? Sinta quem lê!

**Já estou tranquilo. Já não espero nada.**

Já estou tranquilo. Já não espero nada.

Já sobre meu vazio coração

Desceu a inconsciência abençoada

De nem querer uma ilusão.

**Já me não pesa tanto o vir da morte.**

Já me não pesa tanto o vir da morte.  
Sei já que é nada, que é ficção e sonho,  
E que, na roda universal da Sorte,  
Não sou aquilo que me aqui suponho.

Sei que há mais mundos que este pouco mundo  
Onde parece a nós haver morrer —  
Dura terra e fragosa, que há no fundo  
Do oceano imenso de viver.

Sei que a morte, que é tudo, não é nada,  
E que, de morte em morte, a alma que há  
Não cai num poço: vai por uma estrada.  
Em Sua hora e a nossa, Deus dirá.

## **Já não me importo**

Já não me importo  
Até com o que amo ou creio amar.  
Sou um navio que chegou a um porto  
E cujo movimento é ali estar.

Nada me resta  
Do que quis ou achei.  
Cheguei da festa  
Como fui para lá ou ainda irei

Indiferente  
A quem sou ou suponho que mal sou,

Fito a gente  
Que me rodeia e sempre rodeou,

Com um olhar  
Que, sem o poder ver,  
Sei [?] que é sem ar  
De olhar a valer.

E só me não cansa  
O que a brisa me traz  
De súbita mudança  
No que nada me faz.

## **Já não vivi em vão**

Já não vivi em vão  
Já escrevi bem  
Uma canção.

A vida o que tem?  
Estender a mão  
A alguém?

Nem isso, não.  
Só o escrever bem  
Uma canção.

## **Já ouvi doze vezes dar a hora**

Já ouvi doze vezes dar a hora  
No relógio que diz que é meio-dia  
A toda a gente que aqui perto mora.  
(O comentário é do Camões agora:)  
«Tanto que espera! Tanto que confia!»  
Como o nosso Camões, qualquer podia  
Ter dito aquilo, até outrora.

E ainda é uma grande coisa a ironia.



## **Je vous ai trouvé,**

Je vous ai trouvée,  
Je vous ai retrouvée  
Car je vous avais rêvée  
Depuis tant de jours,  
Et je vous ai aimée,  
Oh, je vous ai aimée,  
Et je vous aimerai toujours.

Non, je ne sais pas  
Si vous existez même,  
Ni ci se coeur las  
Peut vous trouver quand il vous aime.  
Car l'amour  
Parle toujours bas,  
Il a peur du prix [?] et des jours  
Mais, je vous aime,  
Oh, je vous aime,  
Et je vous aimerai toujours.

Êtes-vous reine,  
Êtes-vous sirène ?  
Qu'importe à cet amour  
Qui vous en fait souveraine?  
Qu'importe même  
L'amour à l'amour  
Quand on aime,  
Et je vous aime,  
Oh, je vous aime,

Et vous aimerai toujours.

toujours

toujours.

**Lá fora a vida estua e tem dinheiro.**

Lá fora a vida estua e tem dinheiro.

Eu, aqui, nulo e afastado, fico

O perpétuo estrangeiro

Que nem de sonhar já sou rico.

Não sou ninguém, o meu trabalho é nada

Neste enorme rolar da vida cheia,

Vivo uma vida que nem é regrada

Nem é destrambelhada e alheia.

E um século depois terá esquecido

Tudo quanto estuou e foi ruído

Nesta hora em que vivo. E os bisnetos

Dos opressores de hoje, desta louca luta

Saberão, mas vagamente, a data

— E claramente os meus sonetos.

## **Lá fora onde árvores são**

Lá fora onde árvores são  
O que se mexe a parar  
Não vejo nada senão,  
Depois das árvores, o mar.

É azul intensamente,  
Salpicado de luzir,  
E tem na onda indolente  
Um suspirar de dormir.

Mas nem durmo eu nem o mar,  
Ambos nós, no dia brando,  
E ele sossega a avançar  
E eu não penso e estou pensando.

## **Ladram uns cães a distância,**

Ladram uns cães a distância,  
Cai uma tarde qualquer,  
Do campo vem a fragrância  
De campo, e eu deixo de ver.

Um sonho meio sonhado,  
Em que o campo transparece,  
Está em mim, está a meu lado,  
Ora me lembra ou me esquece.

E assim neste ócio profundo  
Sem males vistos ou bens,  
Sinto que todo este mundo  
É um largo onde ladram cães.

## **Lâmpada deserta,**

Lâmpada deserta,  
No átrio sossegado.  
Há sombra desperta  
Onde se ergue o estrado.

No estrado está posto  
Um caixão floral.  
No átrio está exposto  
O corpo fatal.

Não dizem quem era  
No sonho que teve.  
E a sombra que o espera  
É a vida em que esteve.

## **Lembro-me bem do seu olhar.**

Lembro-me bem do seu olhar.  
Ele atravessa ainda a minha alma,  
Como um risco de fogo na noite.  
Lembro-me bem do seu olhar. O resto...  
Sim o resto parece-se apenas com a vida.

Ontem, passei nas ruas como qualquer pessoa.  
Olhei para as montras despreocupadamente  
E não encontrei amigos com quem falar.  
De repente vi que estava triste, mortalmente triste,  
Tão triste que me pareceu que me seria impossível  
Viver amanhã, não porque morresse ou me matasse,  
Mas porque seria impossível viver amanhã e mais nada.

Fumo, sonho, recostado na poltrona. Dói-me viver como uma posição  
incômoda.  
Deve haver ilhas lá para o sul das coisas  
Onde sofrer seja uma coisa mais suave,  
Onde viver custe menos ao pensamento,  
E onde a gente possa fechar os olhos e adormecer ao sol  
E acordar sem ter que pensar em responsabilidades sociais  
Nem no dia do mês ou da semana que é hoje.

Abrigo no peito, como a um inimigo que temo ofender,  
Um coração exageradamente espontâneo,  
Que sente tudo o que eu sonho como se fosse real,  
Que bate com o pé a melodia das canções que o meu pensamento canta,  
Canções tristes, como as ruas estreitas quando chove.

## **Lembro-me ou não? Ou sonhei?**

Lembro-me ou não? Ou sonhei?

Flui como um rio o que sinto.

Sou já quem nunca serei

Na certeza em que me minto.

O tédio de horas incertas

Pesa no meu coração.

Paro ante as portas abertas

Sem escolha nem decisão.



## **Lenta e quieta a sombra vasta**

Lenta e quieta a sombra vasta  
Cobre o que vejo menos já.  
Pouco somos, pouco nos basta.  
O mundo tira o que nos dá.  
Que nos contente o pouco que há.

A noite, vindo como nada,  
Lembra-me quem deixei de ser,  
A curva anónima da estrada  
Faz-me lembrar, faz-me esquecer,  
Faz-me ter pena e ter de a ter.

Ó largos campos já cinzentos  
Na noite, para além de mim,  
Vou amanhã meus pensamentos  
Enterrar onde estais assim.  
Vou ter aí sossego e fim.

Poesia! Nada! A hora desce  
Sem qualidade ou emoção.  
Meu coração o que é que esquece?  
Se é o que eu sinto que foi vão,  
Porque me dói o coração?

## **Leve no cimo das ervas**

Leve no cimo das ervas  
O dedo do vento roça...  
Elas dizem-me que sim...  
Mas eu já não sei de mim  
Nem do que queira ou que possa.

E o alto frio das ervas  
Fica no ar a tremer...  
Parece que me enganaram  
E que os ventos me levaram  
O com que me convencer.

Mas no relvado das ervas  
Nem bole agora uma só.  
Porque pus eu uma esperança  
Naquela inútil mudança  
De que nada ali ficou?

Não: o sossego das ervas  
Não é o de há pouco já.  
Que inda a lembrança do vento  
Me as move no pensamento  
E eu tenho porque não há.

**Leve, breve, suave,**

Leve, breve, suave,  
Um canto de ave  
Sobe no ar com que principia  
O dia.  
Escuto, e passou...  
Parece que foi só porque escutei  
Que parou.

Nunca, nunca, em nada,  
Raie a madrugada,  
Ou esplenda o dia, ou doire no declive,  
Tive  
Prazer a durar  
Mais do que o nada, a perda, antes de eu o ir  
Gozar.

**Leves véus velam, nuvens vãs, a Lua.**

Leves véus velam, nuvens vãs, a Lua.  
Crepúsculo na noite..., e é triste ver,  
Em vez da límpida amplitude nua  
Do céu, a noite e o céu a escurecer.

A noite é húmida de conhecer,  
Sem que humidade de água seja sua.

[...]

## **LIBERDADE**

(Falta uma citação de Sêneca)

Ai que prazer  
Não cumprir um dever,  
Ter um livro para ler  
E não o fazer!  
Ler é maçada,  
Estudar é nada.  
O sol doira  
Sem literatura.  
O rio corre, bem ou mal,  
Sem edição original.  
E a brisa, essa,  
De tão naturalmente matinal,  
Como tem tempo não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.  
Estudar é uma coisa em que está indistinta  
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quanto há bruma,  
Esperar por D. Sebastião,  
Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...  
Mas o melhor do mundo são as crianças,  
Flores, música, o luar, e o sol, que peca  
Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto  
É Jesus Cristo,  
Que não sabia nada de finanças  
Nem consta que tivesse biblioteca...

## **LIGEIA**

Não quero ir onde não há a luz,  
De sob a inútil gleba não ver nunca  
As flores, nem o curso ao sol dos rios  
Nem como as estações que se renovam  
Reiteram a terra. Já me pesa  
Nas pálpebras que tremem o oco medo  
De nada ser, e nem ter vista ou gosto,  
Calor, amor, o bem e o mal da vida.

## **Longe de mim em mim existo**

Longe de mim em mim existo

À parte de quem sou,

A sombra e o movimento em que consisto.



## **L'HOMME**

Não: toda a palavra é a mais. Sossega!  
Deixa, da tua voz, só o silêncio anterior!  
Como um mar vago a uma praia deserta, chega  
Ao meu coração a dor.

Que dor? Não sei. Quem sabe saber o que sente?  
Nem um gesto. Sobreviva apenas ao que tem que morrer  
O luar e a hora e o vago perfume indolente  
E as palavras por dizer.

## **Mais triste do que o que acontece**

Mais triste do que o que acontece

É o que nunca aconteceu.

Meu coração, quem o entristece?

Quem o faz meu?

Na nuvem vem o que escurece

O grande campo sob o céu.

Memórias? Tudo é o que esquece.

A vida é quanto se perdeu.

E há gente que não enlouquece!

Ai do que em mim me chamo eu!

**Maman, maman.**

Maman, maman.  
Ton petit enfant  
Devenu grand  
N'en est que plus triste.

Maman, maman,  
Tu me manques tant  
Pourquoi t'ai je perdue?  
Mon coeur d'enfant  
Tont petit enfant  
De toujours,  
N'est-il devenu d'un grand  
Que pour te perdre de vue  
Et ne plus avoir ton amour?

Maman, maman,  
Morte tu es sans doute  
Quelque part ou tu m'écoutes  
Vois: je suis toujours ton enfant  
Ton petit enfant  
Devenu grand,  
Et plein de larmes et de doutes.  
Et qui n'a a ni plaisir ni route.

Dieu est peut-être bon, maman,  
Et un jour  
Où l'on ne pleurera ci-bas  
Où l'on ne m'y pleurera pas,

Je reviendrai à ton amour  
Un petit enfant  
Pour toujours dans tes bras  
Maman, maman, oh, maman

## **Manhã dos outros! Ó sol que dás confiança**

Manhã dos outros! Ó sol que dás confiança

Só a quem já confia!

É só à dormente, e não à morta, esperança

Que acorda o teu dia.

A quem sonha de dia e sonha de noite, sabendo

Todo o sonho vão,

Mas sonha sempre, só para sentir-se vivendo

E a ter coração.

A esses raios sem o dia que trazes, ou somente

Como alguém que vem

Pela rua, invisível ao nosso olhar consciente,

Por não ser-nos ninguém.

## **MAR. MANHÃ**

Suavemente grande avança  
Cheia de sol a onda do mar;  
Pausadamente se balança,  
E desce como a descansar.

Tão lenta e longa que parece  
De uma criança de Titã  
O glauco seio que adormece,  
Arfando à brisa da manhã.

Parece ser um ente apenas  
Este correr da onda do mar  
Como uma cobra que em serenas  
Dobras se alongue a colear.

Unido e vasto e interminável  
No são sossego azul do sol,  
Arfa com um mover-se estável  
O oceano ébrio de arrebol.

E a minha sensação é nula,  
Quer de prazer, quer de pesar...  
Ébria. de alheia a mim ondula  
Na onda lúcida do mar.

## **Maravilha-te, memória!**

Maravilha-te, memória!  
Lembras o que nunca foi,  
E a perda daquela história  
Mais que uma perda me dói.

Meus contos de fadas meus —  
Rasgaram-lhe a última folha...  
Meus cansaços são ateus  
Dos deuses da minha escolha...

Mas tu, memória, condizes  
Com o que nunca existiu...  
Torna-me aos dias felizes  
E deixa chorar quem riu.

## **MARINHA**

Ditosos a quem acena  
Um lenço de despedida!  
São felizes: têm pena...  
Eu sofro sem pena a vida.

Doou-me até onde penso,  
E a dor é já de pensar,  
Órfão de um sonho suspenso  
Pela maré a vazar...

E sobe até mim, já farto  
De improfícuas agonias,  
No cais de onde nunca parto,  
A maresia dos dias.



**Mas eu, alheio sempre, sempre entrando**

Mas eu, alheio sempre, sempre entrando  
O mais íntimo ser da minha vida,  
Vou dentro em mim a sombra procurando.

## **Mas o hóspede inconvidado**

Mas o hóspede inconvidado  
Que mora no meu destino,  
Que não sei como é chegado,  
Nem de que honras é dino.

Constrange meu ser de casa  
A adaptações de disfarce.

## **Melodia triste sem pranto,**

Melodia triste sem pranto,  
Diluída, antiga, feliz  
Manhã de sentir a alma como um canto  
De D. Dinis.

Vem do fundo do campo, da hora,  
E do modo triste como ouço,  
Uma voz que canta, e se demora.  
Escuto alto, mas não posso

Distinguir o que diz; é música só,  
Feita de coração, sem dizer:  
Murmúrio de quem embala, com um vago dó  
De o menino ter de crescer.

**Mendigo do que não conhece,**

Mendigo do que não conhece,  
Meu ser na estrada sem lugar  
Entre estragos amanhece...  
Caminha só sem procurar.

## **Meu coração esteve sempre**

Meu coração esteve sempre

Sozinho. Morri já...

Para que é preciso um nome?

Fui eu a minha sepultura.

## **Meu coração tardou. Meu coração**

Meu coração tardou. Meu coração  
Talvez se houvesse amor nunca tardasse;  
Mas, visto que, se o houve, o houve em vão,  
Tanto faz que o amor houvesse ou não.  
Tardou. Antes, de inútil, acabasse.

Meu coração postiço e contrafeito  
Finge-se meu. Se o amor o houvesse tido,  
Talvez, num rasgo natural de eleito,  
Seu próprio ser do nada houvesse feito,  
E a sua própria essência conseguido.

Mas não. Nunca nem eu nem coração  
Fomos mais que um vestígio de passagem  
Entre um anseio vão e um sonho vão.  
Parceiros em prestidigitação,  
Caímos ambos pelo alçapão.  
Foi esta a nossa vida e a nossa viagem.

## **Meu pensamento, dito, já não é**

Meu pensamento, dito, já não é

Meu pensamento.

Flor morta, bóia no meu sonho, até

Que a leve o vento,

Que a desvie a corrente, a externa sorte.

Se falo, sinto

Que a palavras esculpo a minha morte,

Que com toda a alma minto.

Assim, quanto mais digo, mais me engano,

Mais faço eu

Um novo ser postigo, que engalano

De ser o meu.

Já só pensando escuto-me e resido.

Já falo assim.

Meu próprio diálogo interior divide

Meu ser de mim.

Mas é quando dou forma e voz do espaço

Ao que medito

Que abro entre mim e mim, quebrado um laço,

Um abismo infinito.

Ah, quem dera a perfeita concordância

De mim comigo,

O silêncio interior sem a distância

Entre mim e o que eu digo!



## **Meu ruído de alma cala.**

Meu ruído de alma cala.  
E aperto a mão no peito,  
Porque sob o efeito  
Da arte que faz trejeito,  
O que é de Cristo fala.

Cega, porca, lixo  
Da vida que n'alma tem,  
Esta criança vem.  
Que Deus é que do além  
Teve este mau capricho?

**Meu ser vive na Noite e no Desejo.**

Meu ser vive na Noite e no Desejo.

Minha alma é uma lembrança que há em mim.

**Meus dias passam, minha fé também.**

Meus dias passam, minha fé também.

Já tive céus e estrelas em meu manto.

As grandes horas, se as viveu alguém,

Quando as viver, perderam já o encanto.

## **Meus gestos não sou eu.**

Meus gestos não sou eu.  
Como o céu não é nada,  
O que em mim não é meu  
Não passa pela estrada.

O som do vento dorme  
No dia sem razão.  
O meu tédio é enorme.  
Todo eu sou vácuo e vão.

Se ao menos uma vaga  
Lembrança me viesse  
De melhor céu ou plaga  
Que esta vida! Mas esse

Pensamento pensado  
Como fim de pensar  
Dorme no meu agrado  
Como uma alga no mar.

E só no dia estranho  
Ao que sinto e que sou  
Passa quanto eu não tenho,  
Está tudo onde eu não estou.

Não sou eu, não conheço,  
Não possuo nem passo.  
Minha vida adormeço

Não sei em que regaço.

## **Meus versos são meu sonho dado.**

Meus versos são meu sonho dado.  
Quero viver, não sei viver,  
Por isso, anónimo e encantado,  
Canto para me pertencer.

O que salvamos, o perdemos.  
O que pensamos, já o fomos.  
Ah, e só guardamos o que demos  
E tudo é sermos quem não somos.

Se alguém sabe sentir meu canto  
Meu canto eu saberei sentir.  
Viverei com minha alma tanto  
Tanto quanto antes vivi.

## **Minha mulher, a solidão,**

Minha mulher, a solidão,  
Consegue que eu não seja triste.  
Ah, que bom é ao coração  
Ter este bem que não existe!

Recolho a não ouvir ninguém,  
Não sofro o insulto de um carinho  
E falo alto sem que haja alguém:  
Nascem-me os versos do caminho.

Senhor, se há bem que o céu conceda  
Submisso à opressão do Fado,  
Dá-me eu ser só — veste de seda —,  
E fala só — leque animado.

## **Minhas mesmas emoções**

Minhas mesmas emoções

São coisas que me acontecem.



## **Momento imperceptível,**

Momento imperceptível,  
Que coisa foste, que há  
Já em mim qualquer coisa  
Que nunca passará?

Sei que, passados anos,  
O que isto é lembrarei,  
Sem saber já o que era,  
Que até já o não sei.

Mas, nada só que fosse,  
Fica dele um ficar  
Que será suave ainda  
Quando eu o não lembrar.

## **Montes, e a paz que há neles, pois são longe...**

Montes, e a paz que há neles, pois são longe...  
Paisagens, isto é, ninguém...  
Tenho a alma feita para ser de um monge  
Mas não me sinto bem.

Se eu fosse outro, fora outro. Assim  
Aceito o que me dão,  
Como quem espreita para um jardim  
Onde os outros estão.

Que outros? Não sei. Há no sossego incerto  
Uma paz que não há,  
E eu fito sem o ler o livro aberto  
Que nunca mo dirá...

## **Música... Que sei eu de mim?**

Música... Que sei eu de mim?  
Que sei eu de haver ser ou estar?  
Música... sei só que sem fim  
Quero saber só de sonhar...

Música... Bem no que faz mal  
À alma entregar-se a nada...  
Mas quero ser animal  
Da insuficiência enganada.

Música... Se eu pudesse ter,  
Não o que penso ou desejo,  
Mas o que não pude haver  
E que até nem em sonhos vejo,

Se também eu pudesse fruir  
Entre as algemas de aqui estar!  
Não faz mal. Flui,  
Para que eu deixe de pensar!

## **Na margem verde da estrada**

Na margem verde da estrada  
Os malmequeres são meus.  
Já trago a alma cansada —  
Não é disso... é de Deus.

Se Deus me quisesse dá-la  
Havia de achar maneira...  
A estrada de cá da vala  
Tem malmequeres à beira.

Se os quero, colho-os, e tenho  
Cuidado com os partir.  
Cada um que vejo e apanho  
Dá um estalinho ao sair.

São malmequeres aos molhos,  
Iguaizinhos para ver.  
E nem põe neles os olhos,  
Dá a mão pra os receber.

Não é esmola que envergonhe,  
Nem coisa dada sem mais.  
É pra que a menina os ponha  
Onde o peito faz sinais.

Tirei-os do campo ao lado  
Para a menina os trazer...  
E nem me mostra o agrado

De um olhar para me ver...

É assim a minha sina.

Tirei-os de onde iam bem,

Só para os dar à menina —

E agradeceu-me a ninguém.

## **Na noite em que não durmo**

Na noite em que não durmo  
Não dorme  
O relógio também.  
Pus na alma esvurmo.  
É enorme  
O que a treva contém.

Podridão da alma, moribundo  
Do que me julguei ser,  
Ouço o mundo.  
É um vento surdo e fundo,  
Que do abismo profundo  
Vela o meu morrer.

Indiferente assisto  
Ao cadaverizar  
Do que sou.  
Em que alma ou corpo existo?  
Vou dormir ou despertar?  
Onde estou se não estou?

Nada. É na treva onde fala  
O relógio fatal,  
Uma grande, anónima sala,  
Uma grande treva onde se cala,  
Um grande bem que sabe a mal,  
Uma vida que se desiguala,  
Uma morte que não sabe a que é igual.

## **Na noite que me desconhece**

Na noite que me desconhece  
O luar vago, transparece  
Da lua ainda por haver.  
Sonho. Não sei o que me esquece,  
Nem sei o que prefiro ser.

Hora intermédia entre o que passa,  
Que névoa incógnita esvoaça  
Entre o que sinto e o que sou?  
A brisa alheiamente abraça.  
Durmo. Não sei quem é que estou.

Dói-me tudo por não ser nada.  
Da grande noite embainhada  
Ninguém tira a conclusão.  
Coração, queres? Tudo enfada  
Antes só sintas, coração.

## **Na orla do vento movem**

Na orla do vento movem  
Seus corpos mortos as folhas.  
E ora das árvores chovem,  
Ora onde inertes não movem  
A chuva do Outono molha-as.

Não há no meu pensamento  
Vontade com que o pensar,  
Não tenho neste momento  
Nada no meu pensamento:  
Sou como as folhas ao ar

Mas elas certo não sentem  
Esta mágoa inteira e funda  
Que meus sentidos consentem.  
Nada são e nada sentem  
Da minha mágoa profunda.



**Na paz da noite, cheia de tanto durar,**

Na paz da noite, cheia de tanto durar,

Dos livros que li,

Que os li a sonhar, a mal meditar,

Nem vendo que os vi,

Ergo a cabeça [...] estonteada

Do lido e do vã

Do ler e vazio que há e fiz por noite acabada —

Não no meu coração.

## **Na quinta entre ciprestes**

Na quinta entre ciprestes  
Secaram todas as fontes,  
As rosas brancas agrestes  
Trazidas do fim dos montes  
Vós mas tirastes, que as destes...

No rio ao pé de salgueiros  
Passaram as águas em vão,  
Com tristezas de estrangeiros  
Passaram pelos salgueiros  
As ondas, sem ter razão.

## **Na ribeira deste rio**

Na ribeira deste rio  
Ou na ribeira daquele  
Passam meus dias a fio.  
Nada me impede, me impele,  
Me dá calor ou dá frio.

Vou vendo o que o rio faz  
Quando o rio não faz nada.  
Vejo os rastros que ele traz,  
Numa sequência arrastada,  
Do que ficou para trás.

Vou vendo e vou meditando,  
Não bem no rio que passa  
Mas só no que estou pensando,  
Porque o bem dele é que faça  
Eu não ver que vai passando.

Vou na ribeira do rio  
Que está aqui ou ali,  
E do seu curso me fio,  
Porque, se o vi ou não vi.  
Ele passa e eu confio.

## **Na véspera de nada**

Na véspera de nada  
Ninguém me visitou.  
Olhei atento a estrada  
Durante todo o dia  
Mas ninguém vinha ou via,  
Ninguém aqui chegou.

Mas talvez não chegar  
Queira dizer que há  
Outra estrada que achar,  
Certa estrada que está,  
Como quando da festa  
Se esquece quem lá está.

**Nada que sou me interessa.**

Nada que sou me interessa.  
Se existe em meu coração  
Qualquer coisa que tem pressa  
Terá pressa em vão.

Nada que sou me pertence.  
Se existo em quem me conheço  
Qualquer coisa que me vence  
Depressa a esqueço.

Nada que sou eu serei.  
Sonho, e só existe em meu ser,  
Um sonho do que terei.  
Só que o não hei-de ter.

## **Nada. Passaram nuvens e eu fiquei...**

Nada. Passaram nuvens e eu fiquei...

No ar limpo não há rasto.

Surgiu a lua de onde já não sei,

Num claro luar vasto.

Todo o espaço da noite fica cheio

De um peso sossegado...

Onde porei o meu futuro, e o enleio

Que o liga ao meu passado?

**Não combati: ninguém mo mereceu.**

Não combati: ninguém mo mereceu.

A natureza e depois a arte, amei.

As mãos à chama que me a vida deu

Aqueci. Ela cessa. Cessarei.

## **Não creio ainda no que sinto -**

Não creio ainda no que sinto -  
Teus beijos, meu amor, que são  
A aurora ao fundo do recinto  
Do meu sentido coração...

Não creio ainda nessa boca  
Que, por tua alma em beijos dada,  
Na minha boca estaca e toca  
E ali (...) fica parada.

Não creio ainda. Poderia  
Acaso a mim acontecer  
Tu, e teus beijos, e a alegria?  
Tudo isto é, e não pode ser.

.....



## **Não digas nada!**

Não digas nada!  
Não, nem a verdade!  
Há tanta suavidade  
Em nada se dizer  
E tudo se entender —  
Tudo metade  
De sentir e de ver...  
Não digas nada!  
Deixa esquecer.

Talvez que amanhã  
Em outra paisagem  
Digas que foi vã  
Toda esta viagem  
Até onde quis  
Ser quem me agrada...  
Mas ali fui feliz...  
Não digas nada.

## **Não digas nada! Que hás-me de dizer?**

Não digas nada! Que hás-me de dizer?  
Que a vida é inútil, que o prazer é falso?  
Di-lo de cada dia o cadafalso  
Ao que ali cada dia vai morrer.  
Mais vale não querer.

Sim, não querer, porque querer é um ponto,  
Ponto no horizonte de onde estamos,  
E que nunca atinges nem achas,  
Presos locais da vida e do horizonte  
Sem asas e sem ponte.

Não digas nada, que dizer é nada!  
Que importa a vida, e o que se faz na vida?  
É tudo uma ignorância diluída.  
Tudo é esperar à beira de uma estrada  
A vinda sempre adiada.

Outros são os caminhos e as razões.  
Outra a vontade que os fará seus.  
Outros os montes e os solenes céus.

## **Não digas que, sepulto, já não sente**

Não digas que, sepulto, já não sente  
O corpo, ou que a alma vive eternamente.  
Que sabes tu do que não sabes? Bebe!  
Só tens de certo o nada do presente.

Depois da noite, ergue-se do remoto  
Oriente, com um ar de ser ignoto,  
Frio, o crepúsculo da madrugada...  
Do nada do meu sono ignaro broto.

Deixa aos que buscam o buscar, e a quem  
Busca buscar julgar que busca bem.  
Que temos nós com Deus e ele connosco?  
Com qualquer coisa o que é que uma outra tem?

Sultão após sultão esta cidade  
Passou, e hora após hora a vida, que há-de  
Durar nela enquanto ela aqui durar,  
Nem ao sultão ou a nós deu a verdade.

## **Não é ainda a noite**

Não é ainda a noite  
Mas é já frio o céu.  
Do vento o ocioso açoite  
Envolve o tédio meu.

Que vitórias perdidas  
Por não as ter querido!  
Quantas perdidas vidas!  
E o sonho sem ter sido...

Ergue-te, ó vento, do ermo  
Da noite que aparece!  
Há um silêncio sem termo  
Por trás do que estremece...

Pranto dos sonhos fúteis,  
Que a memória acordou,  
Inúteis, tão inúteis —  
Quem me dirá quem sou?

**Não fiz nada, bem sei, nem o farei,**

Não fiz nada, bem sei, nem o farei,  
Mas de não fazer nada isto tirei,  
Que fazer tudo e nada é tudo o mesmo,  
Quem sou é o espectro do que não serei.

Vivemos aos encontros do abandono  
Sem verdade, sem dúvida nem dono.  
Boa é a vida, mas melhor é o vinho.  
O amor é bom, mas é melhor o sono.

**Não meu, não meu é quanto escrevo,**

Não meu, não meu é quanto escrevo,  
A quem o devo?  
De quem sou o arauto nado?  
Porque, enganado,  
Julguei ser meu o que era meu?  
Que outro mo deu?  
Mas, seja como for, se a sorte  
For eu ser morte  
De uma outra vida que em mim vive,  
Eu, o que estive

Em ilusão toda esta vida  
Aparecida,  
Sou grato. Ao que do pó que sou  
Me levantou.  
(E me fez nuvem um momento  
De pensamento).  
(Ao de quem sou, erguido pó,  
Símbolo só).

## **Não quero mais que um som de água**

Não quero mais que um som de água  
Ao pé de um adormecer.  
Trago sonho, trago mágoa,  
Trago com que não querer.

Como nada amei nem fiz  
Quero descansar de nada.  
Amanhã serei feliz  
Se para amanhã há estrada.

Por enquanto, na estalagem  
De não ter cura de mim,  
Gozarei só pela aragem  
As flores do outro jardim.

Por enquanto, por enquanto,  
Por enquanto não sei quê...  
Pobre alma, choras sem pranto,  
E ouves como quem vê.

**Não quero rosas, desde que haja rosas.**

Não quero rosas, desde que haja rosas.  
Quero-as só quando não as possa haver  
Que hei-de fazer das coisas  
Que qualquer mão pode colher?

Não quero a noite senão quando a aurora  
A fez em ouro e azul se diluir.  
O que a minha alma ignora  
É isso que quero possuir.

Para quê?... Se o soubesse, não faria  
Versos para dizer que inda o não sei.  
Tenho a alma pobre e fria...  
Ah, com que esmola a aquecerei?...



## **Não sei o quê desgosta**

Não sei o quê desgosta  
A minha alma doente.  
Uma dor suposta  
Dói-me realmente.

Como um barco absorto  
Em se naufragar  
À vista do porto  
E num calmo mar,

Por meu ser me afundo,  
Pra longe da vista  
Durmo o incerto mundo.

## **Não sei quantas almas tenho.**

Não sei quantas almas tenho.  
Cada momento mudei.  
Continuamente me estranho.  
Nunca me vi nem achei.  
De tanto ser, só tenho alma.  
Quem tem alma não tem calma.  
Quem vê é só o que vê,  
Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,  
Torno-me eles e não eu.  
Cada meu sonho ou desejo  
É do que nasce e não meu.  
Sou minha própria paisagem,  
Assisto à minha passagem,  
Diverso, móbil e só,  
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo  
Como páginas, meu ser  
O que segue não prevendo,  
O que passou a esquecer.  
Noto à margem do que li  
O que julguei que senti.  
Releio e digo: «Fui eu?»  
Deus sabe, porque o escreveu.

## **Não sei que desgosta**

Não sei o que desgosta  
A minha alma doente.  
Uma dor suposta  
Dói-me realmente.

Como um barco absorto  
Em se naufragar

## **Não sei que sonho me não descansa**

Não sei que sonho me não descansa  
E me faz mal...  
Mas eia! o harmónio a guiar a dança  
Nesse quintal.

E eu perco o fio ao que não existe  
E oiço dançar,  
Já não alheio, nem sequer triste,  
Só de escutar.

Quanta alegria onde os outros são  
E dançam bem!  
Dei-lhes de graça meu coração  
E o que ele tem.

Na noite calma o harmónio toca  
Aquele dança,  
E o que em mim sonha um momento evoca  
Nova esperança.

Nova esperança que há-de cessar  
Quando, já dia,  
O harmónio eterno que há-de acabar  
Feche a alegria.

Ah, ser os outros! Se eu o pudesse  
Sem outros ser!,  
Enquanto o harmónio minha alma enchesse

De o não saber.

**Não sei se é sonho, se realidade,**

Não sei se é sonho, se realidade,  
Se uma mistura de sonho e vida,  
Aquela terra de suavidade  
Que na ilha extrema do sul se olvida.  
É a que ansiamos. Ali, ali  
A vida é jovem e o amor sorri

Talvez palmares inexistentes,  
Áleas longínquas sem poder ser,  
Sombra ou sossego dêem aos crentes  
De que essa terra se pode ter  
Felizes, nós? Ali, talvez, talvez,  
Naquela terra, daquela vez,

Mas já sonhada se desvirtua,  
Só de pensá-la cansou pensar;  
Sob os palmares, à luz da lua,  
Sente-se o frio de haver luar  
Ah, nesta terra também, também  
O mal não cessa, não dura o bem.

Não é com ilhas do fim do mundo,  
Nem com palmares de sonho ou não,  
Que cura a alma seu mal profundo,  
Que o bem nos entra no coração.  
É em nós que é tudo. É ali, ali,  
Que a vida é jovem e o amor sorri.

## **Não sei ser triste a valer**

Não sei ser triste a valer  
Nem ser alegre deveras.  
Acreditem: não sei ser.  
Serão as almas sinceras  
Assim também, sem saber?

Ah, ante a ficção da alma  
E a mentira da emoção,  
Com que prazer me dá calma  
Ver uma flor sem razão  
Florir sem ter coração!

Mas enfim não há diferença.  
Se a flor flore sem querer,  
Sem querer a gente pensa.  
O que nela é florescer  
Em nós é ter consciência.

Depois, a nós como a ela,  
Quando o Fado a faz passar,  
Surgem as patas dos deuses  
E a ambos nos vêm calcar.

Está bem, enquanto não vêm  
Vamos florir ou pensar.

**Não sei, ama, onde era,**

Não sei, ama, onde era,

Nunca o saberei...

Sei que era Primavera

E o jardim do rei...

(Filha, quem o soubera!...).

Que azul tão azul tinha

Ali o azul do céu!

Se eu não era a rainha,

Porque era tudo meu?

(Filha, quem o adivinha?).

E o jardim tinha flores

De que não me sei lembrar...

Flores de tantas cores...

Penso e fico a chorar...

(Filha, os sonhos são dores...).

Qualquer dia viria

Qualquer coisa a fazer

Toda aquela alegria

Mais alegria nascer

(Filha, o resto é morrer...).

Conta-me contos, ama...

Todos os contos são

Esse dia, e jardim e a dama

Que eu fui nessa solidão...



## **Não tenho que sonhar que possam dar-me**

Não tenho que sonhar que possam dar-me  
Um dia, vero ou falso, as rosas vãs  
Entre que em sonhos mortos fui achar-me  
No alvorecer de incógnitas manhãs.  
Não tenho que sonhar o que renego  
Antes do sonho e o recusar a ter,  
Sou no que sou como na vida é um cego  
A quem causou horror o poder ver.  
Isto, ou quase isto... Só do sonho morto  
Me fica uma imprecisa hesitação —  
Como se a nau [...]

**Não tenho quinta nenhuma.**

Não tenho quinta nenhuma.  
Se a quero ter pra sonhar,  
Tenho que a extrair da bruma  
Do meu mole meditar.

E então, desfazendo a névoa  
Que há sempre dentro de nós,  
Progressivamente elevo-a  
Até uma quinta a sós.

Vejo os tanques, vejo as calhas  
Por onde a água vai pequena,  
Vejo os caminhos com falhas,  
Vejo a eira erma e serena.

E, contente deste nada  
Que em mim mesmo faço externo,  
Gozo a frescura relvada  
Da não-quinta em que me interno.

Vilegiatura impossível,  
Dou-lhe nós para lembrar,  
E esqueço-a ao primeiro nível  
Do meu mole meditar.

**Não tragas flores, que eu sofro...**

Não tragas flores, que eu sofro...

Rosas, lírios, ou vida...

Ténue e insensível sofro

O céu que se não olvida!

Não tragas flores, nem digas...

Sempre há-de haver cessar...

Deixa tudo acabar...

Cresceram só ortigas.

**Não venhas sentar-te à minha frente, nem a meu lado;**

Não venhas sentar-te à minha frente, nem a meu lado;

Não venhas falar, nem sorrir.

Estou cansado de tudo, estou cansado

E quero só dormir.

Dormir até acordado, sonhando

Ou até sem sonhar,

Mas envolto num vago abandono brando

A não ter que pensar.

Nunca soube querer, nunca soube sentir, até

Pensar não foi certo em mim.

Deitei fora entre ortigas o que era a minha fé,

Escrevi numa página em branco, «Fim».

As princesas incógnitas ficaram desconhecidas,

Os tronos prometidos não tiveram carpinteiro

Acumulei em mim um milhão difuso de vidas,

Mas nunca encontrei parceiro.

Por isso, se vieres, não te sentes a meu lado, nem fales,

Só quero dormir, uma morte que seja

Uma coisa que me não rale nem com que tu te rales —

Que ninguém deseje nem não deseje.

Pus o meu Deus no prego. Embrulhei em papel pardo

As esperanças e ambições que tive,

E hoje sou apenas um suicídio tardo,

Um desejo de dormir que ainda vive.

Mas dormir a valer, sem dignificação nenhuma,  
Como um barco abandonado,  
Que naufraga sozinho entre as trevas e a bruma  
Sem se lhe saber o passado.

E o comandante do navio que segue deveras  
Entrevê na distância do mar  
O fim do último representante das galeras,  
Que não sabia nadar.

**Não, não é nesse lago entre rochedos,**

Não, não é nesse lago entre rochedos,  
Nem nesse extenso e espúmeo beira-mar,  
Nem na floresta ideal cheia de medos  
Que me fito a mim mesmo e vou pensar.

É aqui, neste quarto de uma casa,  
Aqui entre paredes sem paisagem,  
Que vejo o romantismo, que foi asa  
Do que ignorei de mim, seguir viagem.

É em nós que há os lagos todos e as florestas  
Se vemos claro no que somos, é  
Não porque as ondas quebrem as arestas  
Verdes em branco [...]

## **Não: não digas nada!**

Não: não digas nada!

Supor o que dirá

A tua boca velada

É ouvi-lo já.

É ouvi-lo melhor

Do que o dirias.

O que és não vem à flor

Das frases e dos dias.

És melhor do que tu.

Não digas nada; sê!

Graça do corpo nu

Que invisível se vê.

## **Nas entressombras de arvoredos**

Nas entressombras de arvoredos  
Onde mosqueia a incerta luz  
E a noite ocupa a medo  
O incerto espaço em que transluz...



## **Nas grandes horas em que a insónia avulta**

Nas grandes horas em que a insónia avulta  
Como um novo universo doloroso,  
E a mente é clara com um ser que insulta  
O uso confuso com que o dia é ocioso,

Cismo, embebido em sombras de repouso  
Onde habitam fantasmas e a alma é oculta,  
Em quanto errei e quanto ou dor ou gozo  
Me farão nada, como frase estulta.

Cismo, cheio de nada, e a noite é tudo.  
Meu coração, que fala estando mudo,  
Repete seu monótono torpor

Na sombra, no delírio da clareza,  
E não há Deus, nem ser, nem Natureza  
E a própria mágoa melhor fora dor.

## **Natal... Na província neva.**

Natal... Na província neva.  
Nos lares aconchegados,  
Um sentimento conserva  
Os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo,  
Como a família é verdade!  
Meu pensamento é profundo,  
Estou só e sonho saudade.

E como é branca de graça  
A paisagem que não sei,  
Vista de trás da vidraça  
Do lar que nunca terei!

## NAVEGAR É PRECISO

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:

"Navegar é preciso; viver não é preciso."

Quero para mim o espírito desta frase, transformada

A forma para a casar com o que eu sou: Viver não

É necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em goza-la penso.

Só quero torna-la grande, ainda que para isso

Tenha de ser o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo.

Só quero torna-la de toda a humanidade; ainda que para isso

Tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho

Na essência anímica do meu sangue o propósito

Impessoal de engrandecer a pátria e contribuir

Para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

## **Náusea. Vontade de nada.**

Náusea. Vontade de nada.  
Existir por não morrer.  
Como as casas têm fachada,  
Tenho este modo de ser.

Náusea. Vontade de nada.  
Sento-me à beira da estrada.  
Cansado já do caminho  
Passo pra o lugar vizinho.

Mais náusea. Nada me pesa  
Senão a vontade presa  
Do que deixei de pensar  
Como quem fica a olhar...

## **Nesta grande oscilação**

Nesta grande oscilação  
Entre crer e mal descrer  
Transtorna-se o coração  
Cheio de nada saber;

E, alheado do que sabe  
Por não saber o que é,  
Só um instante lhe cabe,  
Que é o conhecer a fé —

A fé, que os astros conhecem  
Porque é a aranha que está  
Na teia, que todos tecem,  
E é a vida que antes há.

## **Neste mundo em que esquecemos**

Neste mundo em que esquecemos  
Somos sombras de quem somos,  
E os gestos reais que temos  
No outro em que, almas, vivemos,  
São aqui esgares e assomos.

Tudo é nocturno e confuso  
No que entre nós aqui há.  
Projecções, fumo difuso  
Do lume que brilha ocluso  
Ao olhar que a vida dá.

Mas um ou outro, um momento.  
Olhando bem, pode ver  
Na sombra e seu movimento  
Qual no outro mundo é o intento  
Do gesto que o faz viver.

E então encontra o sentido  
Do que aqui está a esgarar,  
E volve ao seu corpo ido,  
Imaginado e entendido,  
A intuição de um olhar.

Sombra do corpo saudosa,  
Mentira que sente o laço  
Que a liga à maravilhosa  
Verdade que a lança, ansiosa,

No chão do tempo e do espaço.

## **No alto da tua sombra, a prumo sobre**

No alto da tua sombra, a prumo sobre  
A inconstância irreal de vida e dias,  
Achei-me só e vi que as agonias  
Da vida, o tédio as finda e a morte as cobre.

Ali, no alto de ser, sentir é nobre,  
Despido de ilusões e de ironias.  
Não sinto as mãos unidas, que estão frias,  
Não sei de mim, o que fui era pobre.

Mas mesmo nessa altura de mistério  
E abismo de ascensão, não encontrei  
Paragem, conclusão ou refrigério.

Deixei atrás o acaso de viver,  
O ser sempre outrem, a escondida lei,  
Caos de existirmos, névoa de o saber.



## **No céu da noite que começa**

No céu da noite que começa  
Nuvens de um vago negro brando  
Numa ramagem pouco espessa  
Vão no ocidente tresmalhando.

Aos sonhos que não sei me entrego  
Sem nada procurar sentir  
E estou em mim como em sossego,  
Pra sono falta-me dormir.

Deixei atrás nas horas ralas  
Caídas uma outra ilusão,  
Não volto atrás a procurá-las,  
Já estão formigas onde estão.

**No chão do céu o Sol que acaba arde.**

No chão do céu o Sol que acaba arde.

Durmo. Haja a vida com ou sem alarde,

Será já tarde quando eu despertar?

Mas que me importa que já seja tarde?

## **No entardecer da terra**

No entardecer da terra  
O sopro do longo Outono  
Amareleceu o chão.  
Um vago vento erra,  
Como um sonho mau num sono,  
Na lívida solidão.

Soergue as folhas, e poussa  
As folhas, e volve, e revolve,  
E esvai-se inda outra vez.  
Mas a folha não repousa,  
E o vento lívido volve  
E expira na lividez.

Eu já não sou quem era;  
O que eu sonhei, morri-o;  
E até do que hoje sou  
Amanhã direi, quem dera  
volver a sê-lo! ... Mais frio  
O vento vago voltou.

## **No fim da chuva e do vento**

No fim da chuva e do vento  
    Voltou ao céu que voltou  
A lua; e o luar cinzento  
    De novo, branco, azulou.

Pela imensa constelação  
    Do céu dobrado e profundo,  
Os meus pensamentos vão  
    Buscando sentir o mundo.

Mas perdeu-se como uma onda  
    E o sentimento não sonda  
    O que o pensamento vale.  
Que importa? Tantos pensaram  
    Como penso e pensarei.

## **No fundo do pensamento**

No fundo do pensamento  
Tenho por sono um cantar,  
Um cantar velado e lento,  
Sem palavras a falar.

Se eu o pudesse tornar  
Em palavras de dizer  
Todos haviam de achar  
O que ele está a esconder

Todos haviam de ter  
No fundo do pensamento  
A novidade de haver  
Um cantar velado e lento.

E cada um, desatento  
Da vida que tem que achar  
Teria o contentamento  
De ouvir esse meu cantar.

## **No limiar que não é meu**

No limiar que não é meu  
Sento-me e deixo o irreflectido olhar  
Encher-se, sem eu ver; de campo e céu.  
Se é tarde ou cedo, deixo de notar.  
Nada me diz de si qualquer coisa que eu  
Possa gozar.

Pelos campos sem fim  
Sinto correr, porque na face o sinto,  
Um vago vento, estranho todo a mim.  
Não sei se penso, ou em que dor consinto  
Que seja minha ou desespero sem ter fim,  
Ou se minto.

Na inútil hora  
Eu, mais inútil que ela, sem sentir  
Fito com um olhar que já nem chora  
A Dor ou desdém, dolo ou infiel sorrir,  
O absurdo céu onde nenhuma coisa mora  
Para eu fruir.

Apenas, vaga  
Não uma esperança, mas uma saudade  
Do tempo em que a esperança, como vaga,  
Dava na praia da minha ansiedade,  
Me toma e um surdo marulhar meu ser alaga  
De vacuidade.

Mas acordo e com vão  
Olhar ainda, mas já diferente,  
Por estar ausente dele o coração,  
E eu outra vez, nem mesmo descontente,  
Fito o céu calmo, o campo, a alegre solidão  
Inconsciente.

Nada, só o dia  
— Se é tarde ou cedo continuo a errar —,  
Alheio a mim, a tudo dá a alegria  
De não ter coração com que agitar  
O corpo. E, quando vier a noite, tudo esfria  
Mas sem chorar.

Isto e eu comigo  
Posto no eterno aquém das coisas calmas  
Que a vida externa mostra ao céu amigo —  
Campos ao sol, vivas flores almas.  
Isto só e não ter o coração abrigo  
Nem sol as almas.

## **No mal-estar em que vivo**

No mal-estar em que vivo  
No mal pensar em que sinto,  
Sou de mim mesmo cativo,  
A mim mesmo minto.

Se fosse outro fora outro.  
Se em mim houvesse certeza,  
Nao seria o fluido e neutro  
Que ama a beleza.

Sim, que ama a beleza e a nega  
Nesta vida sem bordão  
Que contra si mesma alega  
Que tudo é vão.



## **No meu sonho estiaram**

No meu sonho estiaram  
As maravilhas de ali,  
No meu coração secaram  
As lágrimas que sofri.  
Mas os que amei não acharam  
Quem eu era, se era em si,  
E a sombra veio e notaram  
Quem fui e nunca senti.

## **No ouro sem fim da tarde morta,**

No ouro sem fim da tarde morta,  
Na poeira de ouro sem lugar  
Da tarde que me passa à porta  
Para não parar,

No silêncio dourado ainda  
Dos arvoredos verde fim,  
Recordo. Eras antiga e linda  
E estás em mim...

Tua memória há sem que houvesse,  
Teu gesto, sem que fosses alguém,  
Como uma brisa me estremece  
E eu choro um bem...

Perdi-te. Não te tive. A hora  
É suave para a minha dor.  
Deixa meu ser que rememora  
Sentir o amor,

Ainda que amar seja um receio,  
Uma lembrança falsa e vã,  
E a noite deste vago anseio  
Não tenha manhã.

## **Nos jardins municipais**

Nos jardins municipais  
As flores também são flores.  
Assim, na vida e no mais,  
Que a vida é de estupores,

Podemos todos ser nossos  
E fluir como quem somos.  
Quando a casa é só destroços  
É que a fruta é só de gomos.

## **Nuvens sobre a floresta...**

Nuvens sobre a floresta...  
Sombra com sombra a mais...  
Minha tristeza é esta —  
A das coisas reais.

A outra, a que pertence  
Aos sonhos que perdi,  
Nesta hora não me vence,  
Se a há, não a há aqui.

Mas esta, a do arvoredos  
Que o céu sem luz invade,  
Faz-me receio e medo...  
Quem foi minha saudade?

**O abismo é o muro que tenho**

O abismo é o muro que tenho

Ser eu não tem um tamanho.

**O amor é que é essencial.**

O amor é que é essencial.

O sexo é só um acidente.

Pode ser igual

Ou diferente.

O homem não é um animal:

É uma carne inteligente,

Embora às vezes doente.

## **O amor que eu tenho não me deixa estar**

O amor que eu tenho não me deixa estar  
Pronto, quieto, firme num lugar  
Há sempre um pensamento que me enleva  
E um desejo comigo que me leva  
Longe de mim, a quem eu amo e quero.  
Inda de noite, quando durmo, espero  
A manhã em que torne a vê-la e amá-la.

.....

## **O amor, quando se revela,**

O amor, quando se revela,  
Não se sabe revelar.  
Sabe bem olhar p'ra ela,  
Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente  
Não sabe o que há-de dizer.  
Fala: parece que mente...  
Cala: parece esquecer...

Ah, mas se ela adivinhasse,  
Se pudesse ouvir o olhar,  
E se um olhar lhe bastasse  
P'ra saber que a estão a amar!

Mas quem sente muito, cala;  
Quem quer dizer quanto sente  
Fica sem alma nem fala,  
Fica só, inteiramente!

Mas se isto puder contar-lhe  
O que não lhe ousou contar,  
Já não terei que falar-lhe  
Porque lhe estou a falar...



## **O ANDAIME**

O tempo que eu hei sonhado  
Quantos anos foi de vida!  
Ah, quanto do meu passado  
Foi só a vida mentida  
De um futuro imaginado!

Aqui à beira do rio  
Sossego sem ter razão.  
Este seu correr vazio  
Figura, anónimo e frio,  
A vida vivida em vão.

A esperança que pouco alcança!  
Que desejo vale o ensejo?  
E uma bola de criança  
Sobe mais que a minha esperança.  
Rola mais que o meu desejo.

Ondas do rio, tão leves  
Que não sois ondas sequer,  
Horas, dias, anos, breves  
Passam — verduras ou neves  
Que o mesmo sol faz morrer.

Gastei tudo que não tinha  
Sou mais velho do que sou.  
A ilusão, que me mantinha,  
Só no palco era rainha;

Despiu-se, e o reino acabou.

Leve som das águas lentas,  
Gulosas da margem ida,  
Que lembranças sonolentas  
De esperanças nevoentas!  
Que sonhos o sonho e a vida!

Que fiz de mim? Encontrei-me  
Quando estava já perdido.  
Impaciente deixei-me  
Como a um louco que teime  
No que lhe foi desmentido.

Som morto das águas mansas  
Que correm por ter que ser,  
Leva não só as lembranças,  
Mas as mortas esperanças —  
Mortas, porque hão-de morrer.

Sou já o morto futuro.  
Só um sonho me liga a mim —  
O sonho atrasado e obscuro  
Do que eu devera ser — muro  
Do meu deserto jardim.

Ondas passadas, levai-me  
Para o olvido do mar!  
Ao que não serei legai-me,  
Que cerquei com um andaime

A casa por fabricar.

## **O céu de todos os Invernos**

O céu de todos os Invernos  
Cobre em meu ser todo o Verão...  
Vai p'r'ás profundas dos infernos  
E deixa em paz meu coração!

Por ti meu pensamento é triste,  
Meu sentimento anda estrangeiro;  
A tua ideia em mim insiste  
Como uma falta de dinheiro.

Não posso dominar meu sonho.  
Não te posso obrigar a amar.  
Que hei-de fazer? Fico tristonho.  
Mas a tristeza há-de acabar.

Bem sei, bem sei... A dor de corno...  
Mas não fui eu que lh'o chamei.  
Amar-te causa-me transtorno,  
Lá que transtorno é que não sei...

Ridículo? É claro. E todos?  
Mas a consciência de o ser, fi-la bastante clara deitando-a a rodos  
Em cinco quadras de oito sílabas.

## O CONTRA-SÍMBOLO

Uma só luz sombreia o cais  
Há um som de barco que vai indo.  
Horror! Não nos vemos mais!  
A maresia vem subindo.

E o cheiro prateado a mar morto  
Cerra a atmosfera de pensar  
Até tomar-se este como porto  
E este cais a bruxulear

Um apeadeiro universal  
Onde cada um espera isolado  
Ao ruído — mar ou pinheiral? —  
O expresso inútil atrasado.

E no desdobre da memória  
O viajante indefinido  
Ouve contar-se só a história  
Do cais morto do barco ido

**Ó curva do horizonte, quem te passa,**

Ó curva do horizonte, quem te passa,  
Passa da vista, não de ser ou estar.  
Não chameis à alma, que da vida esvoaça,  
Morta. Dizei: Sumiu-se além no mar.

Ó mar, sê símbolo da vida toda —  
Incerto, o mesmo e mais que o nosso ver!  
Finda a viagem da morte e a terra à roda,  
Voltou a alma e a nau a aparecer.

## **Ó ervas frescas que cobris**

Ó ervas frescas que cobris  
    As sepulturas,  
Vosso verde tem cores vis  
A meus olhos, já servis  
    De conjecturas.

Sabemos bem de quem viveis  
    Ervas do chão,  
Que sossego é esse que fazeis  
    Verde na forma que trazeis  
Sem compaixão.

Ó verdes ervas, como o azul medo  
    Do céu sem Ser,  
Cunhado como entre segredo  
Da vida viva, e outro degredo  
    Do infindo haver.

Tenho um terror com todo eu  
    Do verde chão...  
Ó Sol, não baixes já no céu,  
Quero um momento ainda meu  
    Como um perdão.

## **O grande sol na eira**

O grande sol na eira  
Talvez seja o remédio...  
Não quero quem me queira,  
Amarem-me faz tédio.

Baste-me o beijo intacto  
Que a luz dá a luzir  
E o amor alheio e abstracto  
De campos a florir.

O resto é gente e alma:  
Complica, fala, vê.  
Tira-me o sonho e a calma  
E nunca é o que é.



## **O LOUCO**

E fala aos constelados céus  
De trás das mágoas e das grades  
Talvez com sonhos como os meus...  
Talvez, meu Deus!, com que verdades!

As grades de uma cela estreita  
Separam-no de céu e terra...  
Às grades mãos humanas deita  
E com voz não humana berra...

## **O mau aroma alacre**

O mau aroma alacre  
Da maresia  
Sobe no esplendor acre  
Do dia.

Falsa, a ribeira é lodo  
Ainda a aguar.  
Olho, e o que sou está todo  
A não olhar.

E um mal de mim a deixa.  
Tenho lodo em mim —  
Ribeira que se queixa  
De o rio ser assim.

## O MENINO DA SUA MÃE

No plaino abandonado  
Que a morna brisa aquece,  
De balas traspassado  
— Duas, de lado a lado —,  
Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.  
De braços estendidos,  
Alvo, louro, exangue,  
Fita com olhar langue  
E cego os céus perdidos.

Tão jovem! que jovem era!  
(Agora que idade tem?)  
Filho único, a mãe lhe dera  
Um nome e o mantivera:  
«O menino da sua mãe».

Caiu-lhe da algibeira  
A cigarreira breve.  
Dera-lha a mãe. Está inteira  
E boa a cigarreira.  
Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada  
Ponta a roçar o solo,  
A brancura embainhada  
De um lenço... Deu-lho a criada

Velha que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:

«Que volte cedo, e bem!»

(Malhas que o Império tece!)

Jaz morto, e apodrece,

O menino da sua mãe.

## **O meu coração quebrou-se**

O meu coração quebrou-se  
Como um bocado de vidro  
Quis viver e enganou-se...

## **O meu sentimento é cinza**

O meu sentimento é cinza  
Da minha imaginação,  
E eu deixo cair a cinza  
No cinzeiro da Razão.

**O meu tédio não dorme.**

O meu tédio não dorme.  
Cansado existe em mim  
Como uma dor informe  
Que não tem causa ou fim.

## **O mundo rui a meu redor, escombros a escombros.**

O mundo rui a meu redor, escombros a escombros.  
Os meus sentidos oscilam, bandeira rota ao vento.  
Que sombra de que o sol enche de frio e de assombro  
A estrada vazia do conseguimento?

Busca um porto longe uma nau desconhecida  
E esse é todo o sentido da minha vida.

Por um mar azul nocturno, estrelado no fundo,  
Segue a sua rota a nau exterior ao mundo.

Mas o sentido de tudo está fechado no pasmo  
Que exala a chama negra que acende em meu entusiasmo

Súbitas confissões de outro que eu fui outrora  
Antes da vida e viu Deus e eu não o sou agora.



## **Ó naus felizes, que do mar vago**

Ó naus felizes, que do mar vago  
Volveis enfim ao silêncio do porto  
Depois de tanto nocturno mal —  
Meu coração é um morto lago,  
E à margem triste do lago morto  
Sonha um castelo medieval...

E nesse, onde sonha, castelo triste,  
Nem sabe saber a, de mãos formosas  
Sem gosto ou cor, triste castelã  
Que um porto além rumoroso existe,  
Donde as naus negras e silenciosas  
Se partem quando é no mar amanhã...

Nem sequer sabe que há o, onde sonha,  
Castelo triste... Seu espírito monge  
Para nada externo é perto e real...  
E enquanto ela assim se esquece, tristonha,  
Regressam, velas no mar ao longe,  
As naus ao porto medieval...

## **O PESO DE HAVER O MUNDO**

Passa no sopro da aragem  
Que um momento o levantou  
Um vago anseio de viagem  
Que o coração me toldou.

Será que em seu movimento  
A brisa lembre a partida,  
Ou que a largueza do vento  
Lembre o ar livre da ida?

Não sei, mas subitamente  
Sinto a tristeza de estar  
O sonho triste que há rente  
Entre sonhar e sonhar.

## **O ponteiro dos segundos**

O ponteiro dos segundos  
É o exterior de um coração.  
Conta a minutos os mundos,  
Que os mundos são sensação.

Vejo, como quem não vê  
Seu curso em círculo dar  
Um sentido aqui ao pé  
Do universo todo no ar.

[...]

## **O que é vida e o que é morte**

O que é vida e o que é morte  
Ninguém sabe ou saberá  
Aqui onde a vida e a sorte  
Movem as coisas que há.

Mas, seja o que for o enigma  
De haver qualquer coisa aqui,  
Terá de mim próprio o estigma  
Da sombra em que eu o vivi.

## **O que eu fui o que é?**

O que eu fui o que é?  
Relembro vagamente  
O vago não sei quê  
Que passei e se sente.

Se o tempo é longe ou perto  
Em que isso se passou,  
Não sei dizer ao certo.  
Que nem sei o que sou.

Sei só que me hoje agrada  
Rever essa visão  
Sei que não vejo nada  
Senão o coração.

## **O que me dói não é**

O que me dói não é  
O que há no coração  
Mas essas coisas lindas  
Que nunca existirão...

São as formas sem forma  
Que passam sem que a dor  
As possa conhecer  
Ou as sonhar o amor.

São como se a tristeza  
Fosse árvore e, uma a uma,  
Caíssem suas folhas  
Entre o vestígio e a bruma.

## **O que o seu jeito revela**

O que o seu jeito revela  
Sabe à vista como um gomo,  
E a vida tem fome dela  
Nos dentes do seu assomo.

E nele mesmo, vibrante  
A esse corpo de amor,  
Espreita, próximo e distante,  
O seu tigre interior.

## **O rio que passa dura**

O rio que passa dura  
Nas ondas que há em passar,  
E cada onda figura  
O instante de um lugar.

Pode ser que o rio siga,  
Mas a onda que passou  
É outra quando prossiga.  
Não continua: durou.

Qual é o ser que subsiste  
Sob estas formas de estar,  
A onda que não existe,  
O rio que é só passar?

Não sei, e o meu pensamento  
Também não sabe se é,  
Como a onda o seu momento  
Como o rio [?]



## **O ruído várias da rua**

O ruído várias da rua  
Passa alto por mim que sigo.  
Vejo: cada coisa é sua.  
Oíço: cada som é consigo.

Sou como a praia a que invade  
Um mar que torna a descer.  
Ah, nisto tudo a verdade  
É só eu ter que morrer.

Depois de eu cessar, o ruído.  
Não, não ajusto nada  
Ao meu conceito perdido  
Como uma flor na estrada.o

**Ó sino da minha aldeia,**

Ó sino da minha aldeia,  
Dolente na tarde calma,  
Cada tua badalada  
Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar,  
Tão como triste da vida,  
Que já a primeira pancada  
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto  
Quando passo, sempre errante,  
És para mim como um sonho.  
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua  
Vibrante no céu aberto,  
Sinto mais longe o passado,  
Sinto a saudade mais perto.

## **O sol às casas, como a montes,**

O sol às casas, como a montes,  
Vagamente doura.  
Na cidade sem horizontes  
Uma tristeza loura.

Com a sombra da tarde desce  
E um pouco dói  
Porque quanto é tarde  
Tudo quanto foi.

Nesta hora mais que em outra choro  
O que perdi.  
Em cinza e ouro o rememoro  
E nunca o vi.

Felicidade por nascer,  
Mágoa a acabar,  
Ânsia de só aquilo ser  
Que há-de ficar —  
Sussurro sem que se ouça, palma  
Da isenção.  
Ó tarde, fica noite, e alma  
Tenha perdão.

**O sol doirava-te a cabeça loura.**

O sol doirava-te a cabeça loura.

És morta. Eu vivo. Ainda há mundo e aurora.

## **O sol que doura as neves afastadas**

O sol que doura as neves afastadas  
No inútil cume de altos montes quedos  
Faz no vale luzir rios e estradas  
E torna as verdes árvores brinquedos...

Tudo é pequeno, salvo o cume frio,  
De onde quem pensa que do alto não vê  
Vê tudo mínimo, num desvario  
De quem da altura olhe quanto é.

**O sol queima o que toca.**

O sol queima o que toca.

O verde à luz desenverdece.

Seca-me a sensação da boca.

Nas minhas papilas esquece.

## **O som contínuo da chuva**

O som contínuo da chuva

A se ouvir lá fora bem

Deixa-nos a alma viúva

Daquilo que já não tem.

[...]

## **O som do relógio**

O som do relógio  
Tem a alma por fora,  
Só ele é a noite  
E a noite se ignora.

Não sei que distância  
Vai de som a som  
Rezando, no tique  
Do taque do tom.

Mas oiço de noite  
A sua presença  
Sem ter onde acoite  
Meu ser sem ser.

Parece dizer  
Sempre a mesma coisa  
Como o que se senta  
E se não repousa.



## **O sonho que se opôs a que eu vivesse**

O sonho que se opôs a que eu vivesse  
A esperança que não quis que eu acordasse,  
O amor fictício que nunca era esse,  
A glória eterna que velava a face.

Por onde eu, louco sem loucura, passe  
Esse conjunto absurdo a teia tece...  
E, por mais que o Destino me ajudasse,  
Quero crer que o Deus dele me esquecesse.

Por isso sou o deportado, e a ilha  
Com que, de natural e vegetável  
A imaginação se maravilha...

Nem frutos tem nem água que é potável...  
Do barco naufragado vê-se a quilha...

.....

## **Ó sorte de olhar mesquinho**

Ó sorte de olhar mesquinho  
E gestos de despedida,  
Apanha-me do caminho  
Como a uma coisa caída...

Resvalei à via velha  
Do colo de quem sonhava.  
Leva-me como na celha  
O sabão de quem lavava...

Quem quer saber de quem fora  
Quem eu fora se outro fosse...  
Olha-me e deita-me fora  
Como quem farta de doce.

## **O vento sopra lá fora.**

O vento sopra lá fora.  
Faz-me mais sozinho, e agora  
Porque não choro, ele chora.

É um som abstracto e fundo.  
Vem do fim vago do mundo.  
Seu sentido é ser profundo.

Diz-me que nada há em tudo.  
Que a virtude não é escudo  
E que o melhor é ser mudo.

## **O vento tem variedade**

O vento tem variedade  
Nas formas de parecer.  
Se vens dizer-me a verdade,  
Porque é que ma vens dizer?  
Verdades, quem é que as quer?

Se a vida é o que é,  
Então está bem o que está.  
Para que ir pé ante pé  
Até ontem e até já  
E até onde nada há?

Enrola o cordão à roda  
Do teu dedo sem razão.  
Tudo é uma espécie de moda  
E acaba na ocasião.  
Quem te deu esse cordão?

## **O véu das lágrimas não cega.**

O véu das lágrimas não cega.  
Vejo, a chorar,  
O que essa música me entrega —  
A mãe que eu tinha, o antigo lar,  
A criança que fui,  
O horror do tempo, porque flui,  
O horror da vida, porque é só matar!  
Vejo e adormeço,  
Num torpor em que me esqueço  
Que existo inda neste mundo que há...  
Estou vendo minha mãe tocar.  
E essas mãos brancas e pequenas,  
Cuja carícia nunca mais me afagará —,

Tocam ao piano, cuidadosas e serenas,  
(Meu Deus!)

*Un soir à Lima.*

Ah, vejo tudo claro!  
Estou outra vez ali.  
Afasto do luar externo [?] e raro  
Os olhos com que o vi.

Mas quê? Divago e a música acabou...  
Divago como sempre divaguei  
Sem ter na alma certeza de quem sou,  
Nem verdadeira fé ou firme lei

Divago, crio eternidades minhas  
Num ópio de memória e de abandono.  
Entronizo fantásticas rainhas  
Sem para elas ter o trono.

Sonho porque me banho  
No rio irreal da música evocada.  
Minha alma é uma criança esfarrapada  
Que dorme num recanto obscuro.  
De meu só tenho,  
Na realidade certa e acordada,  
Os trapos da minha alma abandonada,  
E a cabeça que sonha contra o muro.

Mas, mãe, não haverá  
Um Deus que me não torne tudo vão,  
(ou) Um outro mundo em que isso agora está?  
Divago ainda: tudo é ilusão.  
*Un soir à Lima*

Quebra-te, coração...

## **Oca de conter-me**

Oca de conter-me  
Como a hora dói!  
Pérfida de ter-me  
Como me destrói  
O meu ser inerme!

Ó meu ser sombrio!  
Ó minha alma tal  
Como se p'lo rio  
Do meu ser igual  
Sempre a mim, e frio

De nocturno e meu,  
Passasse, cantando,  
Uma louca, olhando  
Dum barco prò brando  
Silêncio do céu.

## **Oca de conter-me**

Oca de conter-me  
Como a hora dói!  
Pérfida de ter-me  
Como me destrói  
O meu ser inerme!

Ó meu ser sombrio!  
Ó minha alma tal  
Como se pelo rio  
Do meu ser igual  
Sempre a mim, e frio

De nocturno e meu,  
Passasse, cantando,  
Uma louca, olhando  
Dum barco para o brando  
Silêncio do céu.



## **Oiço passar o vento na noite.**

Oiço passar o vento na noite.  
Sente-se no ar, alto, o açoute  
De não sei que ser em não sei quando.  
Tudo se ouve, nada se vê.

Ah, tudo é igualdade e analogia.  
O vento que passa, esta noite fria.  
São outra coisa que a noite e o vento —  
Sombras de Ser e de Pensamento.

Tudo nos marca o que nos diz.  
Não sei que drama a pensar desfiz  
Que a noite e o vento passados são.  
Ouvi. Pensando-o, ouvi-o em vão.

Tudo é uníssono e semelhante.  
O vento cessa e, noite adiante,  
Começa o dia e ignorado existo.  
Mas o que foi não é nada disto.

## **Oiço, como se o cheiro**

Oiço, como se o cheiro  
De flores me acordasse...  
É música — um canteiro  
De influência e disfarce.

Impalpável lembrança,  
Sorriso de ninguém,  
Com aquela esperança  
Que nem esperança tem...

Que importa, se sentir  
É não se conhecer?  
Oiço, e sinto sorrir  
O que em mim nada quer.

## **Olha-me rindo uma criança**

Olha-me rindo uma criança  
E na minha alma madruga.  
Tenho razão, tenho esperança  
Tenho o que nunca me basta.

Bem sei. Tudo isto é um sorriso  
Que é nem sequer sorriso meu.  
Mas para meu não o preciso  
Basta ser de quem mo deu.

Breve momento em que um olhar  
Sorriu ao certo para mim...  
És a memória de um lugar,  
Onde já fui feliz assim.

## **Olhando o mar, sonho sem ter de quê.**

Olhando o mar, sonho sem ter de quê.  
Nada no mar, salvo o ser mar, se vê.  
Mas de se nada ver quanto a alma sonha!  
De que me servem a verdade e a fé?

Ver claro! Quantos, que fatais erramos,  
Em ruas ou em estradas ou sob ramos,  
Temos esta certeza e sempre e em tudo  
Sonhamos e sonhamos e sonhamos.

As árvores longínquas da floresta  
Parecem, por longínquas, estar em festa.  
Quanto acontece porque se não vê!  
Mas do que há ou não há o mesmo resta.

Se tive amores? Já não sei se os tive.  
Quem ontem fui já hoje em mim não vive.  
Bebe, que tudo é líquido e embriaga,  
E a vida morre enquanto o ser revive.

Colhes rosas? Que colhes, se hão-de ser  
Motivos coloridos de morrer?  
Mas colhe rosas. Porque não colhê-las  
Se te agrada e tudo é deixar de o haver?

**Onda que, enrolada, tornas,**

Onda que, enrolada, tornas,  
Pequena, ao mar que te trouxe  
E ao recuar te transtornas  
Como se o mar nada fosse,

Porque é que levas contigo  
Só a tua cessação,  
E, ao voltar ao mar antigo,  
Não levas meu coração?

Há tanto tempo que o tenho  
Que me pesa de o sentir.  
Leva-o no som sem tamanho  
Com que te oiço fugir!

## **Onde a serenata?**

Onde a serenata?  
Dormem os arvoredos.  
Há mosqueiros de prata,  
Luar em rastos e enredos...

Cantam que vozes suaves?  
Enche-se a alma de querer  
Ter qualquer coisa das aves  
Para a poder entender...

Oh, sombras longas, levai-me  
Até a quem vós cantais...  
Na vossa música dai-me  
Melhor dor que a dos meus ais...

Vinde buscar-me ao desejo,  
Despi-me da ilusão...  
Vosso murmúrio não vejo...  
Não ouço a vossa canção...

Mas na cor oca do luar,  
No lago alado da brisa,  
Há vozes indo a cantar  
Pela floresta indecisa...

E em serenata levantam  
Os seus suspiros ao céu,  
Qual é a mágoa que contam

Que é melhor que o gozo meu?

O que é [que] buscam que qu'rê-lo

Vale mais que em nós ter?

Que olhos tem, que cabelo,

Essa invisível mulher?

## **Onde o sossego dorme**

Onde o sossego dorme  
Como se fosse alguém  
E à noite negra e enorme  
Nem luar nem dia vem.

Ali, quieto, absorto  
Em nada já saber,  
Quero, quando for morto,  
Consciente esquecer...

Deixada a vida incerta,  
Perdido o gozo e a dor,  
Sob essa noite aberta  
Sonhar sem o supor...

Até que ao fim de uma era  
Que o tempo não contou  
O que eu não reavera  
Se muda no que eu sou.



## **Onde pus a esperança, as rosas**

Onde pus a esperança, as rosas  
Murcharam logo.  
Na casa, onde fui habitar,  
O jardim, que eu amei por ser  
Ali o melhor lugar,  
E por quem essa casa amei —  
Decerto o achei,  
E, quando o tive, sem razão para o ter

Onde pus a afeição, secou  
A fonte logo.  
Da floresta, que fui buscar  
Por essa fonte ali tecer  
Seu canto de rezar —  
Quando na sombra penetrei,  
Só o lugar achei  
Da fonte seca, inútil de se ter.

Para quê, pois, afeição, esperança,  
Se perco, logo  
Que as uso, a causa para as usar,  
Se tê-las sabe a não as ter?  
Crer ou amar —  
Até à raiz, do peito onde alberguei  
Tais sonhos e os gozei,  
O vento arranque e leve onde quiser  
E eu os não possa achar!

## **Onde quer que o arado o seu traço consiga**

Onde quer que o arado o seu traço consiga  
E onde a fonte, correndo, com a sua água siga  
O caminho que, justo, as calhas lhe darão,  
Aí, porque há a paz, está meu coração.  
Bem sei que o som do mar vem de além dos outeiros  
E que do seu bom som os ímpetos primeiros  
Turvam de ser diverso o natural da hora,  
Quando o campo a não ouve e a solidão a ignora.  
Mas qualquer coisa falsa desce e se insinua  
Nos anos que são vestígios sob a Lua.

## **Onde, em jardins exaustos**

Onde, em jardins exaustos

Nada já tenha fim,

Forma teus fúteis faustos

De tédio e de cetim.

Meus sonhos são exaustos,

Dorme comigo e em mim

**Os deuses, não os reis, são os tiranos.**

Os deuses, não os reis, são os tiranos.  
É a lei do Fado a única que oprime.  
Pobre criança de maduros anos,  
Que pensas que há revolta que redime!  
Enquanto pese, e sempre pesará,  
Sobre o homem a serva condição  
De súbdito do Fado.

## **Os teus olhos azuis são cor do céu**

Os teus olhos azuis são cor do céu  
E são por isso cor do paraíso.  
Vejo-os e passa no coração meu  
Como uma saudade o seu sorriso.

Estrelas matutinas no acordar  
Do meu amor, azul do céu distante...  
E eu, se os olho, fico sempre a olhar,  
E a olhar esqueço minha dor constante...

Olhos azuis cuja alegria é a flor  
Da minha dor tornada comoção...  
Flori de aurora a minha negra dor...  
Só com olhar-me abri-me o coração...

## **Os teus olhos entristecem**

Os teus olhos entristecem.  
Nem ouves o que digo.  
Dormem, sonham esquecem...  
Não me ouves, e prossigo.

Digo o que já, de triste,  
Te disse tanta vez...  
Creio que nunca o ouviste  
De tão tua que és.

Olhas-me de repente  
De um distante impreciso  
Com um olhar ausente.  
Começas um sorriso.

Continuo a falar.  
Continuas ouvindo  
O que estás a pensar,  
Já quase não sorrindo.

Até que neste ocioso  
Sumir da tarde fútil,  
Se esfolha silencioso  
O teu sorriso inútil.

## **Oscila o incensório antigo**

Oscila o incensório antigo  
Em fendas e ouro ornamental.  
Sem atenção, absorto sigo  
Os passos lentos do ritual.

Mas são os braços invisíveis  
E são os cantos que não são  
E os incensórios de outros níveis  
Que vê e ouve o coração.

Ah, sempre que o ritual acerta  
Seus passos e seus ritmos bem,  
O ritual que não há desperta  
E a alma é o que é, não o que tem.

Oscila o incensório visto,  
Ouvidos cantos estão no ar,  
Mas o ritual a que eu assisto  
É um ritual de relembrar.

No grande Templo antenatal,  
Antes de vida e alma e Deus...  
E o xadrez do chão ritual  
É o que é hoje a terra e os céus...

**Ouço sem ver, e assim, entre o arvoredado,**

Ouço sem ver, e assim, entre o arvoredado,  
Vejo ninfas e faunos entremear  
As árvores que fazem sombra ou medo  
E os ramos que sussurram de eu olhar.

Mas que foi que passou? Ninguém o sabe.  
Desperto, e ouço bater o coração —  
Aquele coração em que não cabe  
O que fica da perda da ilusão.

Eu quem sou, que não sou meu coração?



## **Outros terão**

Outros terão

Um lar, quem saiba, amor, paz, um amigo.

A inteira, negra e fria solidão

Está comigo.

A outros talvez

Há alguma coisa quente, igual, afim

No mundo real. Não chega nunca a vez

Para mim.

«Que importa?»

Digo, mas só Deus sabe que o não creio.

Nem um casual mendigo à minha porta

Sentar se veio.

«Quem tem de ser?»

Não sofre menos quem o reconhece.

Sofre quem finge desprezar sofrer

Pois não esquece.

Isto até quando?

Só tenho por consolação

Que os olhos se me vão acostumando

À escuridão.

## **Ouvi os sábios todos discutir,**

Ouvi os sábios todos discutir,  
Podia a todos refutar a rir.  
Mas preferi, bebendo na ampla sombra,  
Indefinidamente só ouvir.

Manda quem manda porque manda, nem  
Importa que mal mande ou mande bem.  
Todos são grandes quando a hora é sua.  
Por baixo cada um é o mesmo alguém.

Não invejo a pompa, e ao poder,  
Visto que pode, sem razão nem ser.  
Obedece, que a vida dura pouco  
Nem há por isso muito que sofrer.

## **Paira à tona de água**

Paira à tona de água  
Uma vibração,  
Há uma vaga mágoa  
No meu coração.

Não é porque a brisa  
Ou o que quer que seja  
Faça esta indecisa  
Vibração que adeja,

Nem é porque eu sinta  
Uma dor qualquer.  
Minha alma é indistinta  
Não sabe o que quer.

É uma dor serena,  
Sofre porque vê.  
Tenho tanta pena!  
Soubesse eu de quê!...

## **Paisagens, quero-as comigo.**

Paisagens, quero-as comigo.  
Paisagens, quadros que são...  
Ondular louro do trigo,  
Faróis de sóis que sigo,  
Céu mau, juncos, solidão...

Umas pela mão de Deus,  
Outras pelas mãos das fadas,  
Outras por acasos meus,  
Outras por lembranças dadas...

Paisagens... Recordações,  
Porque até o que se vê  
Com primeiras impressões  
Algures foi o que é,  
No ciclo das sensações.

Paisagens... Enfim, o teor  
Da que está aqui é a rua  
Onde ao sol bom do torpor  
Que na alma se me insinua  
Não vejo nada melhor.

## **Pálida sombra esvoaça**

Pálida sombra esvoaça  
Como só fingindo ser  
Por entre o vento que passa  
E altas nuvens a correr.

Mal se sabe se existiu,  
Se foi erro tê-la visto,  
Sombra de sombra fluiu  
Entre tudo de onde disto.

Nem me resta uma memória.  
É como se alguém confuso  
Se não lembrasse da história.

## **Pálida, a Lua permanece**

Pálida, a Lua permanece  
No céu que o Sol vai invadir.  
Ah, nada interessante esquece.  
Saber, pensar — tudo é existir.

Mas pudesse o meu coração  
Saber à tona do que eu sou  
Que existe sempre a sensação  
Ainda quando ela acabou...

## **Parece às vezes que desperto**

Parece às vezes que desperto  
E me pergunto o que vivi;  
Fui claro, fui real, é certo,  
Mas como é que cheguei aqui?

A bebedeira às vezes dá  
Uma assombrosa lucidez  
Em que como outro a gente está.  
Estive ébrio sem beber talvez.

E de aí, se pensar, o mundo  
Não será feito só de gente  
No fundo cheia de este fundo  
De existir clara e ebriamente?

Entendo, como um carrossel,  
Giro em meu torno sem me achar...  
(Vou escrever isto num papel  
Para ninguém me acreditar...)

## **Parece estar calor, mas nasce**

Parece estar calor, mas nasce  
    Subitamente  
    Contra a minha face  
Uma brisa fresca que se sente.

Assim também — poder comparar  
    É que é poesia —  
    A alma sente-se a esperar,  
Mas não conhece em que confia.



## **Parece que estou sossegando**

Parece que estou sossegando  
Estarei talvez para morrer.  
Há um cansaço novo e brando  
De tudo quanto quis querer.

Há uma surpresa de me achar  
Tão conformado com sentir.  
Súbito vejo um rio  
Entre arvoredos a luzir.

## **Passa entre as sombras de arvoredos**

Passa entre as sombras de arvoredos  
Um vago vento que parece  
Que não passou, que passa a medo,  
Ou que há porque desaparece.

O ouvido escuta o não-ouvir,  
A alma, no ouvido debruçada,  
Sente uma angústia a não sentir  
E quer melhor ou pior que nada.

É como quando a alma não tem  
Quem ame, quem espere ou quem sinta,  
Quando considera(ra) um bem  
O próprio mal, des[de] que não minta.

E entre onde as sombras dos arvoredos  
Sequestram sons e brisas prendem,  
Este não passar passa a medo  
E certas folhas se desprendem.

Então porque há folhas que caem,  
Volta a ilusão de haver o vento,  
Mas elas, caindo hirtas, traem,  
Que não há brisa no momento.

Oh, som sozinho dessa queda  
Das folhas secas no ermo chão,  
Oh, som de nunca usada seda

Apertada na inútil mão,

Com que terrível semelhança

A qualquer voz feita em bruxedo,

Lembraís a morte e a desesperança,

E o que não passa passa a medo.

## **Passam na rua os cortejos**

Passam na rua os cortejos  
Das pessoas existentes.  
Algumas vão ter ensejos,  
Outras vão mudar de fato,  
E outras são inteligentes.

Não conheço ali ninguém.  
Nem a mim eu me conheço.  
Olho-os sem nenhum desdém.  
Também vou mudar de fato.  
Também vivo e também esqueço.

Passam na rua comigo,  
E eu e eles somos nós.  
Todos temos um abrigo,  
Todos mudamos de fato,  
Ai, mas somos nus a sós.

## **Passava eu na estrada pensando impreciso,**

Passava eu na estrada pensando impreciso,

Triste à minha moda.

Cruzou um garoto, olhou-me, e um sorriso

Agradou-lhe a cara toda.

Bem sei, bem sei, sorrirá assim

A um outro qualquer.

Mas então sorriu assim para mim...

Que mais posso eu querer?

Não sou nesta vida nem eu nem ninguém,

Vou sem ser nem prazo...

Que ao menos na estrada me sorria alguém

Ainda que por acaso.

## **PASSOS DA CRUZ**

Esqueço-me das horas transviadas  
O outono mora mágoas nos outeiros  
E põe um roxo vago nos ribeiros...  
Hóstia de assombro a alma, e toda estradas...

Aconteceu-me esta paisagem, fadas  
De sepulcros a orgíaco... Trigueiros  
Os céus da tua face, e os derradeiros  
Tons do poente segredam nas arcadas...

No claustro sequestrando a lucidez  
Um espasmo apagado em ódio à ânsia  
Põe dias de ilhas vistas do convés

No meu cansaço perdido entre os gelos  
E a cor do outono é um funeral de apelos  
Pela estrada da minha dissonância...

## **Passos tardam na relva**

Passos tardam na relva  
Entre o luar e o luar,  
Tudo é eflúvio e selva.  
Sente-se alguém passar.

Passa, pisando leve  
O chão que o luar desmente,  
Num pálido hausto leve  
De pisar levemente.

É elfo, é gnomo, é fada  
A forma que ninguém vê?  
Lembro. não houve nada.  
Sinto, e a saudade crê.

## PAUIS

Pauis que roçarem ânsias pela minha alma em ouro...  
Dobre longínquo d'Outros Sinos... Empalidece o louro  
Trigo na cinza do poente... Corre um frio carnal por minha por minha  
alma...  
Tão sempre a mesma, a Hora!... Balouçar de cimos de palma!...  
Silêncio da parte inferior das folhas, outono delgado  
D'um canto de vaga ave... Azul esquecidos em estagnado...  
Ó que mudo grito de ânsia põe garras na Hora!...  
Que pasmo de mim anseia por outra coisa que o que chora?...  
Estendo as mãos para Além, mas no estender delas já vejo  
Que não é aquilo que quero aquilo que desejo...  
Címbalos de imperfeição... Ó tão antiguidade  
A hora expulsa de si-Tempo!... Onda de recuo que invade  
O meu abandonar-me a mim-próprio até desfalecer  
E recordar tanto o eu presente que me sinto esquecer...  
Fluido de auréola transparente de Foi, oco de ter-se...  
O mistério sabe-me a eu ser outro... Luar sobre o não conter-se...  
A sentinela é hirta, a lança que finca no chão  
É mais alta que ela... P'ra que é tudo isto... Dia chão...  
Trepadeiras de despropósito lambendo de Hora os aléns!  
Horizontes fechando os olhos ao espaço em que são elos de erro!  
Fanfarras de ópios de silêncios futuros!... Longes trens!...  
Portões vistos longe, através das árvores, tão de ferro!...



## **PEDROUÇOS**

Quando eu era pequeno não sabia  
Que cresceria.  
Pelo menos não o sentia.

Naquela idade o tempo não existe.  
Cada dia é a mesma mesa  
Com o mesmo quintal ao fundo;  
E quando se sente tristeza  
Está tristeza, mas não se está triste.

Eu era assim  
E todas as crianças d'este mundo  
Assim foram antes de mim.

O quintal grande estava dividido  
Por uma frágil grade, alta, de tiras  
Cruzadas, de madeirinhas,  
Em horta e em jardim.

Meu coração anda esquecido,  
Mas não minha visão. De ela não tires  
Tempo, esse quadro onde o feliz que eu fui  
Dá-me uma felicidade ainda minha!

Inútil o teu frio curso flui  
Para quem das lembranças se acarinha.

## **Pela rua já serena**

Pela rua já serena  
Vai a noite  
Não sei de que tenho pena,  
Nem se é penar isto que tenho...

Pobres dos que vão sentindo  
Sem saber do coração!  
Ao longe, cantando e rindo,  
Um grupo vai sem razão...

E a noite e aquela alegria  
E o que medito a sonhar  
Formam uma alma vazia  
Que paira na orla do ar...

## **Pelo plaino sem caminho**

Pelo plaino sem caminho

O cavaleiro vem.

Caminha quieto e de mansinho,

Com medo de Ninguém.

## **Pobre velha música!**

Pobre velha música!  
Não sei porque agrado,  
Enche-se de lágrimas  
Meu olhar parado.

Recordo outro ouvir-te.  
Não sei se te ouvi  
Nessa minha infância  
Que me lembra em ti.

Com que ânsia tão raiva  
Quero aquele outrora!  
E eu era feliz? Não sei:  
Fui-o outrora agora.

## **Põe-me as mãos nos ombros...**

Põe-me as mãos nos ombros...

Beija-me na fronte...

Minha vida é escombros,

A minha alma insonte.

Eu não sei porquê,

Meu desde onde venho,

Sou o ser que vê,

E vê tudo estranho.

Põe a tua mão

Sobre o meu cabelo...

Tudo é ilusão.

Sonhar é sabê-lo.

## **POEMA**

O céu, azul de luz quieta,  
As ondas brandas a quebrar,  
Na praia lúcida e completa —  
Pontos de dedos a brincar.

No piano anónimo da praia  
Tocam nenhuma melodia  
De cujo ritmo por fim saia  
Todo o sentido deste dia.

Que bom, se isto satisfizesse!  
Que certo, se eu pudesse crer  
Que esse mar e essas ondas e esse  
Céu têm vida e têm ser.

## **Pois cai um grande e calmo efeito**

Pois cai um grande e calmo efeito  
De nada ter razão de ser  
Do céu, nulo como um direito,  
Na terra vil como um dever.

## **Por quem foi que me trocaram**

Por quem foi que me trocaram  
Quando estava a olhar pra ti?  
Pousa a tua mão na minha  
E, sem me olhares, sorri.

Sorri do teu pensamento  
Porque eu só quero pensar  
Que é de mim que ele está feito  
E que o tens para mo dar.

Depois aperta-me a mão  
E vira os olhos a mim...  
Por quem foi que me trocaram  
Quando estás a olhar-me assim?



## **Por trás daquela janela**

Por trás daquela janela  
Cuja cortina não muda  
Coloco a visão daquela  
Que a alma em si mesma estuda  
No desejo que a revela.

Não tenho falta de amor.  
Quem me queira não me falta.  
Mas teria outro sabor  
Se isso fosse interior  
Àquela janela alta.

Porquê? Se eu soubesse, tinha  
Tudo o que desejo ter.  
Amei outrora a Rainha,  
E há sempre na alma minha  
Um trono por preencher.

Sempre que posso sonhar,  
Sempre que não vejo, ponho  
O trono nesse lugar;  
Além da cortina é o lar,  
Além da janela o sonho.

Assim, passando, entreteço  
O artifício do caminho  
E um pouco de mim me esqueço  
Pois mais nada à vida peço

Do que ser o seu vizinho.

## **Porque é que um sono agita**

Porque é que um sono agita  
Em vez de repousar  
O que em minha alma habita  
E a faz não descansar?

Que externa sonolência,  
Que absurda confusão,  
Me oprime sem violência  
Me faz ver sem visão?

Entre o que vivo e a vida,  
Entre quem estou e sou,  
Durmo numa descida,  
Descida em que não vou.

E, num infiel regresso  
Ao que já era bruma,  
Sonolento me apresso  
Para coisa nenhuma.

## **Porque esqueci quem fui quando criança?**

Porque esqueci quem fui quando criança?

Porque deslembra quem então era eu?

Porque não há nenhuma semelhança

Entre quem sou e fui?

A criança que fui vive ou morreu?

Sou outro? Veio um outro em mim viver?

A vida, que em mim flui, em que é que flui?

Houve em mim várias almas sucessivas

Ou sou um só inconsciente ser?

## **Porque o olhar de quem não merece**

Porque o olhar de quem não merece  
O meu amor para outro olhou,  
Uma dor fria me enfurece,  
Decido odiar quem me insultou.

Vil dor, vil causa e vil remédio!  
Quanto melhor não fora achar-se  
No antigo sem-amor, com tédio,  
Mas sem dor de que envergonhar-se!

## **Porque sou tão triste ignoro**

Porque sou tão triste ignoro  
Nem porque sentir em mim  
Lágrimas que eu choro assim;  
Desde menino me choro  
E ainda não me achei fim.

## **Porque vivo, quem sou, o que sou, quem me leva?**

Porque vivo, quem sou, o que sou, quem me leva?

Que serei para a morte? Para a vida o que sou?

A morte no mundo é a treva na terra.

Nada posso. Choro, gemo, cerro os olhos e vou.

Cerca-me o mistério, a ilusão e a descrença

Da possibilidade de ser tudo real.

O meu pavor de ser, nada há que te vença!

A vida como a morte é o mesmo Mal!

## **Porque, ó Sagrado, sobre a minha vida**

Porque, ó Sagrado, sobre a minha vida  
Derramaste o teu verbo?  
Porque há-de a minha partida  
A coroa de espinhos da verdade [?]

Antes eu era sábio sem cuidados,  
Ouvia, à tarde finda, entrar o gado  
E o campo era solene e primitivo.  
Hoje que da verdade sou o escravo  
Só no meu ser tenho[,] de a ter[,] o travo,  
Estou exilado aqui e morto vivo.

Maldito o dia em que pedi a ciência!  
Mais maldito o que a deu porque me a deste!  
Que é feito dessa minha inconsciência  
Que a consciência, como um traje, veste?  
Hoje sei quase tudo e fiquei triste...  
Porque me deste o que pedi, ó Santo?  
Sei a verdade, enfim, do Ser que existe.  
Prouvera a Deus que eu não soubesse tanto!



## **Pouco importa de onde a brisa**

Pouco importa de onde a brisa  
Traz o olor que nela vem  
O coração não precisa  
De saber o que é o bem.

A mim me baste nesta hora  
A melodia que embala,  
Que importa se, sedutora,  
As forças da alma cala?

Quem sou, para que o mundo perca  
Com o que penso a sonhar?  
Se a melodia me cerca  
Vivo só o me cercar...

## **Pousa um momento,**

Pousa um momento,  
Um só momento em mim,  
Não só o olhar, também o pensamento.  
Que a vida tenha fim  
Nesse momento!

No olhar a alma também  
Olhando-me, e eu a ver  
Tudo quanto de ti teu olhar tem.  
A ver até esquecer  
Que tu és tu também.

Só tua alma sem tu  
Só o teu pensamento  
E eu onde, alma sem eu. Tudo o que sou  
Ficou com o momento  
E o momento parou.

## **PRESSÁGIO**

Vinham, louras, de preto  
Ondeando até mim  
Pelo jardim secreto  
Na véspera do fim.

Nos olhos toucas tinham  
Reflexos de um jardim  
Que não o por onde vinham  
Na véspera do fim.

Mas passam... Nunca me viram  
E eu quanto sonhei afim  
A essas que se partiram  
Na véspera do fim.

## **Pudesse eu como o luar**

Pudesse eu como o luar  
Sem consciência encher  
A noite e as almas e inundar  
A vida de não pertencer!

## **Qual é a tarde por achar**

Qual é a tarde por achar  
Em que teremos todos razão  
E respiraremos o bom ar  
Da alameda sendo Verão,

Ou, sendo Inverno, baste estar  
Ao pé do sossego ou do fogão?  
Qual é a tarde por voltar?  
Essa tarde houve, e agora não.

Qual é a mão cariciosa  
Que há-de ser enfermeira minha —  
Sem doenças minha vida ousa —  
Oh, essa mão é morta e osso..  
Só a lembrança me acarinha  
O coração com que não posso

## **Qualquer caminho leva a toda a parte**

Qualquer caminho leva a toda a parte  
Qualquer caminho  
Em qualquer ponto seu em dois se parte  
E um leva a onde indica a estrada  
Outro é sozinho.

Uma leva ao fim da mera estrada. Pára  
Onde acabou.  
Outra é a abstracta margem

.....

No inútil desfilar de sensações  
Chamado a vida.  
No cambalear coerente de visões  
Do [...]

Ah! os caminhos estão todos em mim.  
Qualquer distância ou direcção, ou fim  
Pertence-me, sou eu. O resto é a parte  
De mim que chamo o mundo exterior.  
Mas o caminho Deus eis se biparte  
Em o que eu sou e o alheio a mim  
[...]

## **Qualquer caminho leva a toda a parte.**

Qualquer caminho leva a toda a parte.  
Qualquer ponto é o centro do infinito.  
E por isso, qualquer que seja a arte  
De ir ou ficar, do nosso corpo ou espírito,  
Tudo é estático e morto. Só a ilusão  
Tem passado e futuro, e nela erramos.  
Não ha estrada senão na sensação  
É só através de nós que caminhamos.

Tenhamos pra nós mesmos a verdade  
De aceitar a ilusão como real  
Sem dar crédito à sua realidade.  
E, eternos viajantes, sem ideal  
Salvo nunca parar, dentro de nós,  
Consigamos a viagem sempre nada  
Outros eternamente, e sempre sós;  
Nossa própria viagem é viajante e estrada.

Que importa que a verdade da nossa alma  
Seja ainda mentira, e nada seja  
A sensação, e essa certeza calma  
De nada haver, em nós ou fora, seja  
Inutilmente a nossa consciência?  
Faça-se a absurda viagem sem razão.  
Porque a única verdade é a consciência  
E a consciência é ainda uma ilusão.

E se há nisto um segredo e uma verdade

Os deuses ou destinos que a demonstrem  
Do outro lado da realidade,  
Ou nunca a mostrem, se nada há que mostrem.  
O caminho é de âmbito maior  
Que a aparência visível do que está fora,  
Excede de todos nós o exterior  
Não para como as coisas, nem tem hora.

Ciência? Consciência? Pó que a estrada deixa  
E é a própria estrada, sem a estrada ser.  
É absurda a oração, absurda a queixa.  
Resignar(-se) é tão falso como ter.  
Coexistir? Com quem, se estamos sós?  
Quem sabe? Sabe [...] que são?  
Quantos cabemos dentro em nós?  
Ir é ser. Não parar é ter razão.



## **Qualquer coisa de obscuro permanece**

(dream)

Qualquer coisa de obscuro permanece  
No centro do meu ser. Se me conheço,  
E até onde, por fim mal, tropeço  
No que de mim em mim de si se esquece.

Aranha absurda que uma teia tece  
Feita de solidão e de começo  
Fruste, meu ser anónimo confesso  
Próprio e em mim mesmo a externa treva desce.

Mas, vinda dos vestígios da distância  
Ninguém trouxe ao meu pálio por ter gente  
Sob ele, um rasgo de saudade ou ânsia.

Remiu-se o pecador impenitente  
À sombra e cisma. Teve a eterna infância,  
Em que comigo forma um mesmo ente.

## QUALQUER MÚSICA

Qualquer música, ah, qualquer,  
Logo que me tire da alma  
Esta incerteza que quer  
Qualquer impossível calma!

Qualquer música — guitarra,  
Viola, harmónio, realejo...  
Um canto que se desgarra...  
Um sonho em que nada vejo...

Qualquer coisa que não vida!  
Jota, fado, a confusão  
Da última dança vivida...  
Que eu não sinta o coração!

## **Quando as crianças brincam**

Quando as crianças brincam  
E eu as oiço brincar,  
Qualquer coisa em minha alma  
Começa a se alegrar.

E toda aquela infância  
Que não tive me vem,  
Numa onda de alegria  
Que não foi de ninguém.

Se quem fui é enigma,  
E quem serei visão,  
Quem sou ao menos sinto  
Isto no coração.

## **Quando é que o cativoiro**

Quando é que o cativoiro  
Acabará em mim,  
E, próprio dianteiro,  
Avançarei enfim?

Quando é que me desato  
Dos laços que me dei?  
Quando serei um facto?  
Quando é que me serei?

Quando, ao virar da esquina  
De qualquer dia meu,  
Me acharei alma digna  
Da alma que Deus me deu?

Quando é que será quando?  
Não sei. E até então  
Viverei perguntando:  
Perguntarei em vão.

## **Quando era criança**

Quando era criança  
Vivi, sem saber,  
Só para hoje ter  
Aquela lembrança.

E hoje que sinto  
Aquilo que fui.  
Minha vida flui,  
Feita do que minto.

Mas nesta prisão,  
Livro único, leio  
O sorriso alheio  
De quem fui então.

## **Quando era jovem, eu a mim dizia:**

Quando era jovem, eu a mim dizia:  
Como passam os dias, dia a dia,  
E nada conseguido ou intentado!  
Mais velho, digo, com igual enfado:  
Como, dia após dia, os dias vão,  
Sem nada feito e nada na intenção!  
Assim, naturalmente, envelhecido,  
Direi, e com igual voz e sentido:  
Um dia virá o dia em que já não  
Direi mais nada.  
Quem nada foi nem é não dirá nada.

## **Quando estou só reconheço**

Quando estou só reconheço  
Se por momentos me esqueço  
Que existo entre outros que são  
Como eu sós, salvo que estão  
Alheados desde o começo.

E se sinto quanto estou  
Verdadeiramente só,  
Sinto-me livre mas triste.  
Vou livre para onde vou,  
Mas onde vou nada existe.

Creio contudo que a vida  
Devidamente entendida  
É toda assim, toda assim.  
Por isso passo por mim  
Como por coisa esquecida.

## **Quando já nada nos resta**

Quando já nada nos resta  
É que o mudo sol é bom.  
O silêncio da floresta  
É de muitos sons sem som.

Basta a brisa pra sorriso  
Entardecer é quem esquece.  
Dá nas folhas o impreciso,  
E mais que o ramo estremece.

Ter tido esperança fala  
Como quem conta a cantar.  
Quando a floresta se cala  
Fica a floresta a falar.



**Quando, com razão ou sem,**

Quando, com razão ou sem,  
Sobre o medo amplo da alma  
A sombra da morte vem,  
E que o espírito vê bem,  
Com clareza mas sem calma,  
Que sombra é a vida que passa,  
Que mágoa é a vida que cessa,  
E ama a vida mais.

## **Quanto fui jaz. Quanto serei não sou.**

Quanto fui jaz. Quanto serei não sou.  
No intervalo entre o que sou e estou,  
A natureza, exterior, tem Sol.  
Mas, se tem Sol, há Sol. Ao Sol me dou.

Não queiras, com submissa segurança,  
Ter saudade de ter esperança.  
Tem antes saudade de a não ter.  
Sê anónimo, súbito e criança.

Nada esperes, que nada salvo nada  
Obtém que[m] espera: é como quem à estrada  
Lance olhos de esperar que alguém lhe chegue  
Só porque a estrada é feita para andada.

Ninguém suporta o peso mau dos dias  
Salvo por interpostas alegrias.  
Bebe, que assim serás o intervalo  
Entre o que criarás e o que não crias.

Quantas vezes o mesmo poente alheio  
Sobre meu sonho, como um sonho, veio!  
Quantas vezes o tive por augusto!  
Tantas, tornado noite, perde o enleio.

Bebe. Se escutas, ouves só o ruído  
Que ervas ou folhas trazem ao ouvido.  
É do vento, que é nada. Assim é o mundo:

Um movimento regular de olvido.

## **Quanto fui peregrino**

Quanto fui peregrino  
Do meu próprio destino!  
Quanta vez desprezei  
O lar que sempre amei!  
Quanta vez rejeitando  
O que quisera ter,  
Fiz dos versos um brando  
Refúgio de não ser!

E quanta vez, sabendo  
Que a mim estava esquecendo,  
E que quanto vivi —  
Tanto era o que perdi —  
Como o orgulhoso pobre  
Ao rejeitado lar  
Volvi o olhar, vil nobre  
Fidalgo só no chorar...

Mas quanta vez descrente  
Do ser insubsistente  
Com que no Carnaval  
Da minha alma irreal  
Vestira o que sentisse  
Vi quem era quem não sou  
E tudo o que não disse  
Os olhos me turvou...

Então, a sós comigo,

Sem me ter por amigo,  
Criança ao pé dos céus,  
Pus a mão na de Deus.  
E no mistério escuro  
Senti a antiga mão  
Guiar-me, e fui seguro  
Como a quem deram pão.

Por isso, a cada passo  
Que meu ser triste e lasso  
Sente sair do bem  
Que a alma, se é própria, tem,  
Minha mão de criança  
Sem medo nem esperança  
Para aquele que sou  
Dou na de Deus e vou.

## **Quase anónima sorris**

Quase anónima sorris  
E o sol doura o teu cabelo.  
Porque é que, pra ser feliz,  
É preciso não sabê-lo?

## **Que coisa distante**

Que coisa distante  
Está perto de mim?  
Que brisa fragrante  
Me vem neste instante  
De ignoto jardim?

Se alguém mo dissesse,  
Não quisera crer.  
Mas sinto-o, e é esse  
O ar bom que me tece  
Visões sem as ver.

Não sei se é dormindo  
Ou alheado que estou;  
Sei que estou sentindo  
A boca sorrindo  
Aos sonhos que sou.

## **Que fútil toda essa tristeza**

Que fútil toda essa tristeza  
Que uns vagos versos vácuos dão,  
Num modo de nem sim nem não,  
A quente e abstracta singeleza  
De se sentir o coração!



## **Que linda é quem não és!**

Que linda é quem não és!  
Teu anonimato vivo  
Dorme, da cabeça aos pés,  
Teu corpo, de ti cativo.

Teu corpo é teu prisioneiro.  
Vive na cela de ti,  
Íntegro, móbil, inteiro,  
Ébrio de ti e de si.

És uma frase perfeita  
De um livro escrito na vida.  
E as vozes com que és eleita  
Deixam-te falsa e esquecida.

Entre ti e o que és de bela  
Grandes paisagens estão.  
(...)

Não existes como estás.  
Existe-te uma intenção  
Que teu lindo corpo traz  
À tona da sensação.

És uma alma em cuja vida  
Puseram teu corpo a ser.  
Essa beleza vivida  
És tu, sem te pertencer.

Qualquer espírito alto  
Serviu-se de haveres tu  
Para esculpir no basalto  
Do abismo teu corpo nu.

E assim olhas-me distante,  
Mas não te olho. Vejo em ti  
Não a alma flutuante  
Que usas, mas teu corpo em si.

Bem podes usar em gozo  
Do corpo que deram teu.  
Fica sempre misterioso,  
Filho da terra e do céu.

Não te pertence. Passou  
Na terra como o que tem  
Mais que tua alma sonhou.  
Não vives, e ele é alguém.

## **Que suave é o ar! Como parece**

Que suave é o ar! Como parece  
Que tudo é bom na vida que há!  
Assim meu coração pudesse  
Sentir essa certeza já.

Mas não; ou seja a selva escura  
Ou seja um Dante mais diverso,  
A alma é literatura  
E tudo acaba em nada e verso.

## **Quem bate à minha porta**

Quem bate à minha porta  
Tão insistentemente  
Saberá que está morta  
A alma que em mim sente?

Saberá que eu a velo  
Desde que a noite é entrada  
Com o vácuo e vão desvelo  
De quem não vela nada?

Saberá que estou surdo?  
Porque o sabe ou não sabe,  
E assim bate, ermo e absurdo,  
Até que o mundo acabe?

## **Quem me amarrou a ser eu**

Quem me amarrou a ser eu  
Fez-me uma grande partida.  
Debaixo deste amplo céu,  
Não tenho vinda nem ida.  
Sou apenas um ser meu.

Nem isso... Anda tudo à volta  
A retirar-me de mim.  
Parece uma fera à solta  
Este mundo que anda assim  
A servir-me de má escolta.

Quando encontrar a verdade  
Hei-de ver se hei-de fugir,  
Pelo menos em metade.  
Depois ficarei a rir  
Da minha tranquilidade.

## **Quem me roubou quem nunca fui e a vida?**

Quem me roubou quem nunca fui e a vida?  
Quem, de dentro de mim, é que a roubou?  
Quem ao ser que conheço por quem sou  
Me trouxe, em estratégias de descida?

Onde me encontro nada me convida.  
Onde me eu trouxe nada me chamou.  
Desperto: este lugar em que me estou,  
Se é abismo ou cume, onde estão vinda ou ida?

Quem, quando por mim meus passos dados,  
Entre sonhos e erros que me deu  
À súbita visão dos mudos fados?  
Quem sou, que assim me caminhei sem ser,  
Quem são, que assim me deram aos bocados  
À reunião em que acordo e não sou meu?

## **Quem vende a verdade, e a que esquina?**

Quem vende a verdade, e a que esquina?  
Quem dá a hortelã com que temperá-la?  
Quem traz para casa a menina  
E arruma as jarras da sala?

Quem interroga os baluartes  
E conhece o nome dos navios?  
Dividi o meu estudo inteiro em partes  
E os títulos dos capítulos são vazios...

Meu pobre conhecimento ligeiro,  
Andas buscando o estandarte eloquente  
Da filarmónica de um Barreiro  
Para que não há barco nem gente.

Tapeçarias de parte nenhuma  
Quadros virados contra a parede...  
Ninguém conhece, ninguém arruma  
Ninguém dá nem pede.

Ó coração epitélico e macio,  
Colcha de croché do anseio morto,  
Grande prolixidade do navio  
Que existe só para nunca chegar ao porto.

## **Quero dormir. Não sei se quero a morte,**

Quero dormir. Não sei se quero a morte,  
Nem sei o que ela é.  
O que quero é não ser submisso à sorte,  
Seja ela lei ou fé.

Quero poder nos campos prolongados  
Meu ser abandonar  
Aos seus verdes silêncios afastados,  
Que amo só de os olhar.

Quero poder imaginar a vida  
Como ela nunca foi,  
E assim vivê-la, vívida e perdida,  
Num sonho que nem dói.

Quero poder mudar o universo  
De um para outro lado,  
Como quem junta o seu viver disperso  
E o ata com o fado.

Quero, por fim, ser coroado rei  
Do nada a que enfim vou.  
Será minha coroa o que serei,  
E o ceptro o que sou.



## **Quero ser livre insincero**

Quero ser livre insincero  
Sem crença, dever ou posto.  
Prisões, nem de amor as quero.  
Não me amem, porque não gosto.

Quando canto o que não minto  
E choro o que sucedeu,  
É que esqueci o que sinto  
E julgo que não sou eu.

De mim mesmo viandante  
Olho as músicas na aragem,  
E a minha mesma alma errante  
É uma canção de viagem.

**Quero, terei —**

Quero, terei —

Se não aqui,

Noutro lugar que inda não sei.

Nada perdi.

Tudo serei.

## **Rala cai chuva. O ar não é escuro. A hora**

Rala cai chuva. O ar não é escuro. A hora  
Inclina-se na haste; e depois volta.  
Que bem a fantasia se me solta!  
Com que vestígios me descobre agora!

Tédio dos interstícios, onde mora  
A fazer de lagarto. — O muro escolta  
A minha eterna angústia de revolta  
E esse muro sou eu e o que em mim chora.

Não digas mais, pois te ignorei cativo...  
Teus olhos lembram o que querem ser,  
Murmúrio de águas sobre a praia, e o esquivo  
Langor do poente que me faz esquecer.  
Que real que és! Mas eu, que vejo e vivo,  
Perco-te, e o som do mar faz-te perder.

## **Redemoinha o vento,**

Redemoinha o vento,  
Anda à roda o ar.  
Vai meu pensamento  
Comigo a sonhar.

Vai saber na altura  
Como no arvoredos  
Se sente a frescura  
Passar alta a medo.

Vai saber de eu ser  
Aquilo que eu quis  
Quando ouvi dizer  
O que o vento diz.

## **Relógio, morre —**

Relógio, morre —  
Momentos vão.  
Nada já ocorre  
Ao coração  
Senão, senão...

Bem que perdi,  
Mal que deixei,  
Nada aqui  
Montes sem lei  
Onde estarei...

Ninguém comigo!  
Desejo ou tenho?  
Sou o inimigo —  
De onde é que venho?  
O que é que estranho?

## **Renego, lápis partido,**

Renego, lápis partido,  
Tudo quanto desejei.  
E nem sonhei ser servido  
Para onde nunca irei.

Pajem metido em farrapos  
Da glória que outros tiveram,  
Poderei amar os trapos  
Por ser tudo que me deram.

E irei, príncipe mendigo,  
Colher, com a boa gente,  
Entre o ondular do trigo  
A papoila inteligente.

## **Repousa sobre o trigo**

Repousa sobre o trigo  
Que ondula um sol parado.  
Não me entendo comigo.  
Ando sempre enganado.

Tivesse eu conseguido  
Nunca saber de mim,  
Ter-me-ia esquecido  
De ser esquecido assim.

O trigo mexe leve  
Ao sol alheio e igual.  
Como a alma aqui é breve  
Com o seu bem e mal!

## **Saber? Que sei eu?**

Saber? Que sei eu?  
Pensar é descrer.  
— Leve e azul é o céu —  
Tudo é tão difícil  
De compreender!...

A ciência, uma fada  
Num conto de louco...  
— A luz é lavada —  
Como o que nós vemos  
É nítido e pouco!

Que sei eu que abrande  
Meu anseio fundo?  
Ó céu real e grande,  
Não saber o modo  
De pensar o mundo!



**Sabes quem sou? Eu não sei.**

Sabes quem sou? Eu não sei.

Outrora, onde o nada foi,

Fui o vassalo e o rei.

É dupla a dor que me dói.

Duas dores eu passei.

Fui tudo que pode haver.

Ninguém me quis esmolar;

E entre o pensar e o ser

Senti a vida passar

Como um rio sem correr.

## **SCHEHERAZAD**

O que eu penso não sei e é alegria  
Pensá-lo; nada sou, salvo a harmonia  
Interior entre existir e ouvir  
A música cantar-te e dissuadir  
Da vida e desta inútil atenção  
Ao útil dada, morta [?] sensação  
Real, passada  
E à minha mente [?] inutilmente dada.

**Se acaso, alheado até do que sonhei,**

Se acaso, alheado até do que sonhei,  
Me encontro neste mundo a sós comigo,  
E, fiel ao que eu mesmo desprezei,  
Meus passos falsos verdadeiros sigo,

Desperta em mim, contrário ao que esperei  
Desta espécie de fuga, ou só abrigo,  
Não o ajustar-me com a externa lei,  
Mas o essa lei tomar como castigo.

Então, liberto já pela esperança  
Deste mundo de formas e mudança,  
Um pouco atinjo pela dor e a fé

Outro mundo, em que sonho e vida são  
Num nada nulo, igual em escuridão,  
E ao fim de tudo surge o Sol do que é.

## **Se alguém bater um dia à tua porta,**

Se alguém bater um dia à tua porta,  
Dizendo que é um emissário meu,  
Não acredites, nem que seja eu;  
Que o meu vaidoso orgulho não comporta  
Bater sequer à porta irreal do céu.

Mas se, naturalmente, e sem ouvir  
Alguém bater, fores a porta abrir  
E encontrares alguém como que à espera  
De ousar bater; medita um pouco. Esse era  
Meu emissário e eu e o que comporta  
O meu orgulho do que desespera.  
Abre a quem não bater à tua porta!

**Se estou só, quero não estar,**

Se estou só, quero não estar,  
Se não estou, quero estar só,  
Enfim, quero sempre estar  
Da maneira que não estou.

Ser feliz é ser aquele.  
E aquele não é feliz,  
Porque pensa dentro dele  
E não dentro do que eu quis.

A gente faz o que quer  
Daquilo que não é nada,  
Mas falha se o não fizer,  
Fica perdido na estrada.

**Se eu me sentir sono,**

Se eu me sentir sono,  
E quiser dormir,  
Naquele abandono  
Que é o não sentir,

Quero que aconteça  
Quando eu estiver  
Pousando a cabeça,  
Não num chão qualquer,

Mas onde sob ramos  
Uma árvore faz  
A sombra em que bebamos,  
A sombra da paz.

## **Se eu pudesse não ter o ser que tenho**

Se eu pudesse não ter o ser que tenho

Seria feliz aqui...

Que grande sonho

Ser quem não sabe quem é e sorri!

Mas eu me estranho

Se em sonho me vi

Tal qual no tamanho

O que nunca vi...

**Se eu, ainda que ninguém,**

Se eu, ainda que ninguém,  
Pudesse ter sobre a face  
Aquele clarão fugace  
Que aquelas árvores têm,

Teria aquela alegria  
Que as coisas têm de fora,  
Porque a alegria é da hora;  
Vai com o sol quando esfria.

Qualquer coisa me valera  
Melhor que a vida que tenho —  
Ter esta vida de estranho  
Que só do sol me viera!



## **Se há arte ou ciência para ler a sina**

Se há arte ou ciência para ler a sina  
A que em nós o Destino faz de nós,  
Dá-me que eu a não saiba e que, indivina,  
Me corra a vida vagamente e a sós.

Que quero eu do futuro que não tenho?  
Que me pesa hoje, ou alegre, o que serei?  
Sei, por lembrar, de que passado venho,  
E, onde hoje estou, incertamente sei.

O mais, o que o futuro me dará,  
Deixo a quem dê e à forma como o dei;  
Basta a sombra que esta árvore me dá  
E a sensação de nada mais querer.

## **Se penso mais que um momento**

Se penso mais que um momento  
Na vida que eis a passar,  
Sou para o meu pensamento  
Um cadáver a esperar.

Dentro em breve (poucos anos  
É quanto vive quem vive),  
Eu, anseios e enganos,  
Eu, quanto tive ou não tive,

Deixarei de ser visível  
Na terra onde dá o Sol,  
E, ou desfeito e insensível,  
Ou ébrio de outro arrebol,

Terei perdido, suponho,  
O contacto quente e humano  
Com a terra, com o sonho,  
Com mês a mês e ano a ano.

Por mais que o Sol doire a face  
Dos dias, o espaço mudo  
Lembra-nos que isso é disfarce  
E que é a noite que é tudo

## **Se sou alegre ou sou triste?...**

Se sou alegre ou sou triste?...

Francamente, não o sei.

A tristeza em que consiste?

Da alegria o que farei?

Não sou alegre nem triste.

Verdade, não sei que sou.

Sou qualquer alma que existe

E sinto o que Deus fadou.

Afinal, alegre ou triste?

Pensar nunca tem bom fim...

Minha tristeza consiste

Em não saber bem de mim...

Mas a alegria é assim...

## **Se tudo o que há é mentira,**

Se tudo o que há é mentira,  
É mentira tudo o que há.  
De nada nada se tira,  
A nada nada se dá.

Se tanto faz que eu suponha  
Uma coisa ou não com fé,  
Suponho-a se ela é risonha,  
Se não é, suponho que é.

Que o grande jeito da vida  
É pôr a vida com jeito.  
Fana a rosa não colhida  
Como a rosa posta ao peito.

Mais vale é o mais valer,  
Que o resto ortigas o cobrem  
E só se cumpra o dever  
Para que as palavras sobrem.

## **Sei bem que não consigo**

Sei bem que não consigo  
O que não quero ter,  
Que nem até prossigo  
Na estrada até querer.

Sei que não sei da imagem  
Que era o saber que foi  
Aquele personagem  
Do drama que me dói.

Sei tudo. Era presente  
Quando abdiquei de mim...  
E o que a minha alma sente  
Ficou nesse jardim.

## **Sei que nunca terei o que procuro**

Sei que nunca terei o que procuro  
E que nem sei buscar o que desejo,  
Mas busco, insciente, no silêncio escuro  
E pasmo do que sei que não almejo.

**Sepulto vive quem é a outrem dado.**

Sepulto vive quem é a outrem dado.

E quem ao outrem que há em si, sepulto

Não poderei, Senhor, alguma vez

Desalgemar de mim as minhas mãos?

**Ser consciente é talvez um esquecimento.**

Ser consciente é talvez um esquecimento.  
Talvez pensar um sonho seja, ou um sono.  
Talvez dormir seja, um momento,  
Voltar o espírito nosso a ser seu dono.

Quem me diz que o rochedo bruto e quedo  
Não é o verdadeiro consciente —  
O êxtase perene de uma mente  
Que deixa o corpo hirto ser rochedo?

Só a morte o diz — mas quem me diz que o diz?



## **Serena voz imperfeita, eleita**

Serena voz imperfeita, eleita  
Para falar aos deuses mortos —  
A janela que falta ao teu palácio deita  
Para o Porto todos os portos.

Fáisca da ideia de uma voz soando  
Lírios nas mãos das princesas sonhadas  
Eu sou a maré de pensar-te, orlando  
A Enseada todas as enseadas.

Brumas marinhas esquinas de sonho...  
Janelas dando para Tédio os charcos  
E eu fito o meu Fim que me olha, tristonho,  
Do convés do Barco todos os barcos...

## **Servo sem dor de um desolado intuito,**

Servo sem dor de um desolado intuito,  
De nada creias ou descreias muito.  
O mesmo faz que penses ou não penses.  
Tudo é irreal, anónimo e fortuito.

Não sejas curioso do amplo mundo.  
Ele é menos extenso do que fundo.  
E o que não sabes nem saberás nunca  
É isso o mais real e o mais profundo.

Troca por vinho o amor que não terás.  
O que esperas, perene o esperarás.  
O que bebes, tu bebes. Olha as rosas.  
Morto, que rosas é que cheirarás?

Vendo o tumulto inconsciente em que anda  
A humanidade de uma a outra banda,  
Não te nasce a vontade de dormir?  
Não te cresce o desprezo de quem manda?

Duas vezes no ano, diz quem sabe,  
Em Nishapor, onde me o mundo cabe,  
Florem as rosas. Sobre mim sepulto  
Essa dupla anuidade não acabe!

Traze o vinho, que o vinho, dizem, é  
O que alegra a alma e o que, em perfeita fé,  
Traz o sangue de um Deus ao corpo e à alma.

Mas, seja como for, bebe e não sê.

Com seus cavalos imperiais calcando  
Os campos que o labor esteve lavrando,  
Passa o César de aqui. Mais tarde, morto,  
Renasce a erva, nos campos alastrando.

Goza o Sultão de amor em quantidade.  
Goza o Vizir amor em qualidade.  
Não gozo amor nenhum. Tragam-me vinho  
E gozo de ser nada em liberdade.

## **Sim, já sei...**

Sim, já sei...

Há uma lei

Que manda que no sentir

Haja um seguir

Uma certa estrada

Que leva a nada.

Bem sei. É aquela

Que dizem bela

E definida

Os que na vida

Não querem nada

De qualquer estrada,

Vou no caminho

Que é meu vizinho

Porque não sou

Quem aqui estou.

**Sim, tudo é certo logo que o não seja,**

Sim, tudo é certo logo que o não seja,  
Amar, teimar, verificar, descrer —  
Quem me dera um sossego à beira-ser  
Como o que à beira-mar o olhar deseja.

**Sim, vem um canto na noite.**

Sim, vem um canto na noite.  
Não lhe conheço a intenção,  
Não sei que palavras são.

É um canto desligado  
De tudo que o canto tem.  
É algum canto de alguém.

Vem na noite independente  
Do que diz bem ou mal.  
Vem absurdo e natural.

Já não me lembro que penso.  
Outro; é um canto a pairar  
Como o vento sobre o mar.

## **Sob olhos que não olham — os meus olhos —**

Sob olhos que não olham — os meus olhos —

Passa o ribeiro, que nem sei se é

Rápido no lento passar incerto ao pé

Dos invisíveis espinhos e abrolhos

Da margem, minha estagnação sem fé.

É como um viandante que passasse

Por um muro de quinta abandonada

E, por não ter que olhá-lo, por ser nada

Para o seu interesse, o não olhasse,

Fiel somente ao nada sem a estrada.

## **Sol nulo dos dias vãos,**

Sol nulo dos dias vãos,  
Cheios de lida e de calma,  
Aquece ao menos as mãos  
A quem não entras na alma!

Que ao menos a mão, roçando  
A mão que por ela passe  
Com externo calor brando  
O frio da alma disfarce!

Senhor, já que a dor é nossa  
E a fraqueza que ela tem,  
Dá-nos ao menos a força  
De a não mostrar a ninguém!



## **Sonhei, confuso, e o sono foi disperso,**

Sonhei, confuso, e o sono foi disperso,  
Mas, quando despertei da confusão,  
Vi que esta vida aqui e este universo  
Não são mais claros do que os sonhos são.

Obscura luz paira onde estou converso  
A esta realidade da ilusão.  
Se fecho os olhos, sou de novo imerso  
Naquelas sombras que há na escuridão.

Escuro, escuro, tudo, em sonho ou vida,  
É a mesma mistura de entre-seres  
Ou na noite, ou ao dia transferida.

Nada é real, nada em seus vãos moveres  
Pertence a uma forma definida,  
Rastro visto de coisa só ouvida.

## **Sonhei. Desperto. Um tédio doloroso**

Sonhei. Desperto. Um tédio doloroso  
De ter sonhado, ou então de despertar,  
Me ocupa o espírito indeciso e ocioso.  
Sou como o movimento do alto mar,  
Que parece existir sem avançar.

Não me lembro qual foi o sonho ido,  
Nem se portanto a sua ausência dói.  
Grandes e vagas coisas hei dormido.  
Sou como o alto mar quando o Sol foi:  
Uma novela imensa sem herói.

Nem mesmo sei se o sonho deixa mágoas.  
Que sei eu do que sou ou quero ter?  
Sou como o alto mar da noite: as águas  
No mesmo movimento a ter que ser,  
Um som, um brilho escuro, arrefecer...

## **SONHO**

Sonho. Não sei quem sou neste momento.  
Durmo sentindo-me. Na hora calma  
Meu pensamento esquece o pensamento,

Minha alma não tem alma.

Se existo é um erro eu o saber. Se acordo  
Parece que erro. Sinto que não sei.  
Nada quero nem tenho nem recorde.

Não tenho ser nem lei.

Lapso da consciência entre ilusões,  
Fantasmas me limitam e me contêm.  
Dorme insciente de alheios corações,

Coração de ninguém.

## **Sonho sem fim nem fundo.**

Sonho sem fim nem fundo.  
Durmo, fruste e infecundo.  
Deus dorme, e é isso o mundo.

Mas se eu dormir também  
Um sono qual Deus tem  
Talvez eu sonhe o Bem —

O Bem do Mal que existo.  
Esse sonho, que avisto,  
Em mim chamo-lhe o Cristo.

Agora o seu ser ausente,  
Surge o que há de presente  
Na ausência, eternamente.

Não foi em cruz erguida  
Num calvário da vida,  
Mas numa cruz vivida

Que foi crucificado  
O que foi, em seu lado,  
Por lança golpeado.

E desse coração  
Água e sangue virão,  
Mas a verdade não...

Só quando já, descido  
De aonde foi subido  
Para ser escarnecido,

Seu corpo for baixar  
Onde se há-de enterrar,  
O haverei de encontrar.

Desde que o mundo foi  
No mundo à alma dói  
O que ao mundo destrói.

Desde que a vida dura  
Tem a vida a amargura  
De ser mortal e impura

E assim na Cruz se fez  
A vida, para que a nós  
Veja o melhor de nós.

O túmulo fechado  
Aberto foi achado  
E vazio encontrado.

Meu coração também  
É o túmulo do Bem,  
Que a vida bem não tem.

Mas há um anjo a me ver  
E a meu lado a dizer

Que tudo é outro ser.

## **Sopra de mais o vento**

Sopra de mais o vento  
Para eu poder descansar...  
Há no meu pensamento  
Qualquer coisa que vai parar...

Talvez essa coisa da alma  
Que acha real a vida...  
Talvez esta coisa calma  
Que me faz a alma vivida...

Sopra um vento excessivo...  
Tenho medo de pensar...  
O meu mistério eu avivo  
Se me perco a meditar.

Vento que passa e esquece,  
Poeira que se ergue e cai...  
Ai de mim se eu pudesse  
Saber o que em mim vai!

## **Sopra o vento, sopra o vento,**

Sopra o vento, sopra o vento,  
Sopra alto o vento lá fora;  
Mas também meu pensamento  
Tem um vento que o devora.

Há uma íntima intenção  
Que tumultua em meu ser  
E faz do meu coração  
O que um vento quer varrer;

Não sei se há ramos deitados  
Abaixo no temporal,  
Se pés do chão levantados  
Num sopro onde tudo é igual.

Dos ramos que ali caíram  
Sei só que há mágoas e dores  
Destinadas a não ser  
Mais que um desfolhar de flores.



## **Sorriso audível das folhas,**

Sorriso audível das folhas,  
Não és mais que a brisa ali.  
Se eu te olho e tu me olhas,  
Quem primeiro é que sorri?  
O primeiro a sorrir ri.

Ri, e olha de repente,  
Para fins de não olhar,  
Para onde nas folhas sente  
O som do vento passar.  
Tudo é vento e disfarçar.

Mas o olhar, de estar olhando  
Onde não olha, voltou;  
E estamos os dois falando  
O que se não conversou.  
Isto acaba ou começou?

**Sou o Espírito da treva,**

Sou o Espírito da treva,  
A Noite me traz e leva;

Moro à beira irreal da Vida,  
Sua onda indefinida

Refresca-me a alma de espuma...  
Pra além do mar há a bruma...

E pra alguém? há Coisa ou Fim?  
Nunca olhei para trás de mim...

## **Sou o fantasma de um rei**

Sou o fantasma de um rei  
Que sem cessar percorre  
As salas de um palácio abandonado...  
Minha história não sei...  
Longe em mim, fumo de eu pensá-la, morre  
A ideia de que tive algum passado...

Eu não sei o que sou.  
Não sei se sou o sonho  
Que alguém do outro mundo esteja tendo...  
Creio talvez que estou  
Sendo um perfil casual de rei tristonho  
Numa história que um deus está relendo...

## **Sou um evadido.**

Sou um evadido.  
Logo que nasci  
Fecharam-me em mim,  
Ah, mas eu fugi.

Se a gente se cansa  
Do mesmo lugar,  
Do mesmo ser  
Por que não se cansar?

Minha alma procura-me  
Mas eu ando a monte,  
Oxalá que ela  
Nunca me encontre.

Ser um é cadeia,  
Ser eu não é ser.  
Viverei fugindo  
Mas vivo a valer.

## **Súbita mão de algum fantasma oculto**

Súbita mão de algum fantasma oculto  
Entre as dobras da noite e do meu sono  
Sacode-me e eu acordo, e no abandono  
Da noite não enxergo gesto ou vulto.

Mas um terror antigo, que insepulto  
Trago no coração, como de um trono  
Desce e se afirma meu senhor e dono  
Sem ordem, sem meneio e sem insulto.

E eu sinto a minha vida de repente  
Presa por uma corda de Inconsciente  
A qualquer mão noturna que me guia.

Sinto que sou ninguém salvo uma sombra  
De um vulto que não vejo e que me assombra,  
E em nada existo como a treva fria.

## **Talhei, artífice de um morto rito,**

Talhei, artífice de um morto rito,  
Na esmeralda de haver um mundo feito  
Um brasão circunscrito  
No anel em que é perfeito.

Fiz dele o símbolo de um prazer morto?  
De um sonho por haver?  
Não sei: a nau do sonho não tem porto  
E é inútil querer.

Se isto não tem sentido, as rãs coaxam  
O sentido que tem.  
Vou ver se acho nos charcos onde as acham  
Se afinal sou alguém.

## **Talvez que seja a brisa**

Talvez que seja a brisa  
Que ronda o fim da estrada,  
Talvez seja o silêncio,  
Talvez não seja nada...

Que coisa é que na tarde  
Me entristece sem ser?  
Sinto como se houvesse  
Um mal que acontecer.

Mas sinto o mal que vem  
Como se já passasse...  
Que coisa é que faz isto  
Sentir-se e recordar-se?

**Tão linda e finda a memoro!**

Tão linda e finda a memoro!

Tão pequena a enterrarão!

Quem me entalou este choro

Nas goelas do coração?



## **Tão vago é o vento que parece**

Tão vago é o vento que parece  
Que as folhas fremem só por vida.  
Dorme um calar em que se esquece  
Em que é que o campo nos convida?

Não sei. Anónimo de mim,  
Não posso erguer uma intenção  
Do saco em que me sinto assim,  
Caído nesse verde chão.

Com a alma feita em animal,  
A quem o sol é um lombo quente.  
Aceito como a brisa real  
A sensação de ser quem sente.

E os olhos que me pesam baixo  
Olham pela alma o campo e a estrada.  
No chão um fósforo é o que acho.  
Nas sensações não acho nada.

## **Tece, amor, as grinaldas com que queres**

Tece, amor, as grinaldas com que queres  
Coroar o amor que nem sabemos ter,  
Com brancas mãos em lento movimento  
De papoulas e pobres malmequeres...  
Tece-as para que ao menos o momento  
Em que as teces nos possa pertencer.

Se para coroar o amor as teces  
Pensas no amor tecendo-as, e assim amas;  
Se vendo-te, em ti vejo que o conheces  
Amo contigo o amor em que tu pensas.  
E um momento o amor queima as suas chamas  
Na ara das nossas almas já pretensas.

Mas se a grinalda é feita, o amor cessou.  
Se é preciso entre nós o gesto e o gozo  
Nunca o pensado amor levanta o voo.  
Nunca da nossa noite de sentir  
Raiou o sol do acto, e o olhar cobiçou  
Uma coisa real que vá fruir.

No sonho do que nunca pode haver  
Entre nós, porque há em nós o pensamento,  
Gastamos o desejo sem o ter.  
A taça cai do gesto mal seguro  
Porque pensamos em beber, e o intento  
Cansa o braço, e é entornado o néctar puro.  
Viemos, meu amor, no fim da tarde.

O que há de sol é o que resta acima  
Dos montes, poesia baça e sonho que arde,  
E só pura saudade os céus anima.  
O nosso olhar não ousa olhar o outro.

Outros tiveram por seu tempo o dia  
Gozaram outros quando o sol era alto,  
A vergonha que há em nós de sua orgia  
É a vergonha de nós a não ousarmos.  
Nós pensamos no amor em sobressalto  
E para amarmos só nos falta amarmos.

Os deuses foram-se, e consigo foi  
A clareza de alma para (com) a vida.  
O que ontem era o gozo, é o que hoje dói.  
O que ontem era a coisa possuída  
É hoje só a coisa apetecida,  
Ainda desejada e não ousada.

## **TÉDIO**

Não vivo, mal vegeto, duro apenas,  
Vazio dos sentidos porque existo;  
Não tenho infelizmente sequer penas  
E o meu mal é ser (alheio Cristo)  
Nestas horas doridas e serenas  
Completamente consciente disto.

## **Tenho dó das estrelas**

Tenho dó das estrelas  
Luzindo há tanto tempo,  
Há tanto tempo...  
Tenho dó delas.

Não haverá um cansaço  
Das coisas.  
De todas as coisas,  
Como das pernas ou de um braço?

Um cansaço de existir,  
De ser,  
Só de ser,  
O ser triste brilhar ou sorrir...

Não haverá, enfim,  
Para as coisas que são,  
Não a morte, mas sim  
Uma outra espécie de fim,  
Ou uma grande razão —  
Qualquer coisa assim  
Como um perdão?

## **Tenho em mim como uma bruma**

Tenho em mim como uma bruma  
Que nada é nem contém  
A saudade de coisa nenhuma,  
O desejo de qualquer bem.

Sou envolvido por ela  
Como por um nevoeiro  
E vejo luzir a última estrela  
Por cima da ponta do meu cinzeiro.

Fumei a vida. Que incerto  
Tudo quanto vi ou li!  
E todo o mundo é um grande livro aberto  
Que em ignorada língua me sorri.

## **Tenho escrito muitos versos,**

Tenho escrito muitos versos,  
Muitas cousas a rimar,  
Dadas em ritmos diversos  
Ao mundo e ao seu olvidar.

Nada sou, ou fui de tudo.  
Quanto escrevi ou pensei  
É como o filho de um mudo —  
«Amanhã eu te direi».

E isto só por gesto e esgar,  
Feito de nadas em dedos  
Como uma luz ao passar  
Por onde havia arvoredos.

**Tenho esperança? Não tenho.**

Tenho esperança? Não tenho.

Tenho vontade de a ter?

Não sei. Ignoro a que venho,

Quero dormir e esquecer.

Se houvesse um bálsamo da alma,

Que a fizesse sossegar,

Cair numa qualquer calma

Em que, sem sequer pensar,

Pudesse ser toda a vida,

Pensar todo o pensamento —

Então [...]



**Tenho pena até... nem sei...**

Tenho pena até... nem sei...

Do próprio mal que passei

Pois passei quando passou.

## **Tenho pena e não respondo.**

Tenho pena e não respondo.  
Mas não tenho culpa enfim  
De que em mim não correspondo  
Ao outro que amaste em mim.

Cada um é muita gente.  
Para mim sou quem me penso,  
Para outros — cada um sente  
O que julga, e é um erro imenso.

Ah, deixem-me sossegar  
Não me sonhem nem me outrem.  
Se eu não me quero encontrar,  
Quererei que outros me encontrem?

**Tenho sono em pleno dia.**

Tenho sono em pleno dia.

Não sei de quê, tenho pena.

Sou como uma maresia.

Dormi mal e a alma é pequena.

Nos tanques da quinta de outrem

É que gorgoleja bem.

Quanto as saudades encontrem,

Tanto minha alma não tem.

**Tenho tal sono que pensar é um mal.**

Tenho tal sono que pensar é um mal.  
Tenho sono. Dormir é ser igual,  
No homem, ao despertar do animal.

É viver fundo nesse inconsciente  
Com que à tona da vida o animal sente.  
É ser meu ser profundo alheiamente.

Tenho sono talvez porque toquei  
Onde sinto o animal que abandonei  
E o sono é uma lembrança que encontrei.

## **Tenho tanto sentimento**

Tenho tanto sentimento  
Que é frequente persuadir-me  
De que sou sentimental,  
Mas reconheço, ao medir-me,  
Que tudo isso é pensamento,  
Que não senti afinal.

Temos, todos que vivemos,  
Uma vida que é vivida  
E outra vida que é pensada,  
E a única vida que temos  
É essa que é dividida  
Entre a verdadeira e a errada.

Qual porém é verdadeira  
E qual errada, ninguém  
Nos saberá explicar;  
E vivemos de maneira  
Que a vida que a gente tem  
É a que tem que pensar.

**Teu corpo real que dorme**

Teu corpo real que dorme

É um frio no meu ser.

## **Teu inútil dever**

Teu inútil dever

Quanta obra faça cobrirá a terra

Como ao que a fez, nem haverá de ti

Mais que a breve memória.

**Teu perfil, teu olhar real ou feito,**

Teu perfil, teu olhar real ou feito,  
Lembra-me aquela eterna ocasião  
Em que eu amei Semíramis, eleito  
Daquela plácida visão.

Amei-a, é claro, sem que o tempo e espaço  
Tivesse nada com o meu amor  
Por isso guardo desse amor escasso  
O meu amor maior.

Mas, ao olhar-te, lembro, e reverbera  
Quem fui em quem eu sou.  
Quando eu amei Semíramis, já era  
Tarde no Fado, e o amor passou.

Quanta perdida voz cantou também  
Nos séculos perdidos que hoje são  
Uma memória irreal do coração!  
Quanta voz viva, hoje de ninguém!



## **Todas as coisas que há neste mundo**

Todas as coisas que há neste mundo  
Têm uma história,  
Excepto estas rãs que coaxam no fundo  
Da minha memória.

Qualquer lugar neste mundo tem  
Um onde estar,  
Salvo este charco de onde me vem  
Esse coaxar.

Ergue-se em mim uma lua falsa  
Sobre juncais,  
E o charco emerge, que o luar realça Menos e mais.

Onde, em que vida, de que maneira  
Fui o que lembro  
Por este coaxar das rãs na esteira  
Do que deslembro?

Nada. Um silêncio entre juncos dorme.  
Coaxam ao fim  
De uma alma antiga que tenho enorme  
As rãs sem mim.

## **TOMÁMOS A VILA DEPOIS DUM INTENSO BOMBARDEAMENTO**

A criança loura  
Jaz no meio da rua,  
Tem as tripas de fora  
E por uma corda sua  
Um comboio que ignora.

A cara está um feixe  
De sangue e de nada.  
Luz um pequeno peixe  
— Dos que bóiam nas banheiras —  
À beira da estrada.

Cai sobre a estrada o escuro.  
Longe, ainda uma luz doura  
A criação do futuro...  
E o da criança loura?

**Treme em luz a água.**

Treme em luz a água.  
Mal vejo. Parece  
Que uma alheia mágoa  
Na minha alma desce —

Mágoa erma de alguém  
De algum outro mundo  
Onde a dor é um bem  
E o amor é profundo,

E só punge ver,  
Ao longe, iludida,  
A vida a morrer  
O sonho da vida.

## **Trila na noite uma flauta. É de algum**

Trila na noite uma flauta. É de algum  
Pastor? Que importa? Perdida  
Série de notas vaga e sem sentido nenhum.  
Como a vida.

Sem nexo ou princípio ou fim ondeia  
A ária alada.  
Pobre ária fora de música e de voz, tão cheia  
De não ser nada!

Não há nexo ou fio por que se lembre aquela  
Ária, ao parar;  
E já ao ouvi-la sofro a saudade dela  
E o quando cessar.

**Tudo foi dito antes que se dissesse.**

Tudo foi dito antes que se dissesse.  
O vento aflora vagamente a messe,  
E deixa-a porque breve se apagou.  
Assim é tudo-nada. Bebe e esquece.

Na eterna sesta de não desejar  
Deixa-te, bêbado e asceta, estar.  
Lega o amor aos outros, que a beleza  
Foi feita só para se contemplar.

**Tudo quanto penso,**

Tudo quanto penso,  
Tudo quanto sou  
É um deserto imenso  
Onde nem eu estou.

Extensão parada  
Sem nada a estar ali,  
Areia peneirada  
Vou dar-lhe a ferroada  
Da vida que vivi.

[...]

## **Tudo quanto sonhei tenho perdido**

Tudo quanto sonhei tenho perdido

Antes de o ter.

Um verso ao menos fique do inobtido,

Música de perder.

Pobre criança a quem não deram nada,

Choras? E em vão.

Como tu choro à beira da erma estrada.

Perdi o coração.

A ti talvez, que não te tens dado,

Daria enfim...

A mim... Sei eu que duro e inato fado

Me espera a mim?

**Tudo que amei, se é que o amei, ignoro,**

Tudo que amei, se é que o amei, ignoro,  
E é como a infância de outro. Já não sei  
Se o choro, se suponho só que o choro,  
Se o choro por supor que o chorarei.

Das lágrimas sei eu... Essas são quentes  
Nos olhos cheios de um olhar perdido...  
Mas nisso tudo são-me indiferentes  
As causas vagas deste mal sentido.

E choro, choro, na sinceridade  
De quem chora sentindo-se chorar  
Mas se choro a mentir ou a verdade,  
Continuarei, chorando, a ignorar.



## **Tudo que faço ou medito**

Tudo que faço ou medito  
Fica sempre na metade.  
Querendo, quero o infinito.  
Fazendo, nada é verdade.

Que nojo de mim me fica  
Ao olhar para o que faço!  
Minha alma é lúcida e rica,  
E eu sou um mar de sargaço —

Um mar onde bóiam lentos  
Fragmentos de um mar de além...  
Vontades ou pensamentos?  
Não o sei e sei-o bem.

## **Tudo que sinto, tudo quanto penso,**

Tudo que sinto, tudo quanto penso,  
Sem que eu o queira se me converteu  
Numa vasta planície, um vago extenso  
Onde há só nada sob o nulo céu.

Não existo senão para saber  
Que não existo, e, como a recordar,  
Vejo boiar a inércia do meu ser  
No meu ser sem inércia, inútil mar.

Sargaço fluido de uma hora incerta,  
Quem me dará que o tenha por visão?  
Nada, nem o que tolda a descoberta  
Com o saber que existe o coração.

## **Tudo que sou não é mais do que abismo**

Tudo que sou não é mais do que abismo  
Em que uma vaga luz  
Com que sei que sou eu, e nisto cismo,  
Obscura me conduz.

Um intervalo entre não-ser e ser  
Feito de eu ter lugar  
Como o pó, que se vê o vento erguer,  
Vive de ele o mostrar

**Tudo, menos o tédio, me faz tédio.**

Tudo, menos o tédio, me faz tédio.

Quero, sem ter sossego, sossegar.

Tomar a vida todos os dias

Como um remédio,

Desses remédios que há para tomar.

Tanto aspirei, tanto sonhei, que tanto

De tantos tantos me fez nada em mim.

Minhas mãos ficaram frias

Só de aguardar o encanto

Daquele amor que as aquecesse enfim

Frias, vazias,

Assim.

## **Um cansaço feliz, uma tristeza informe**

Um cansaço feliz, uma tristeza informe  
O meu espírito intranquilamente dorme.  
Combati, fui o gládio e o braço e a intenção  
E dói-me a alma na alma e no gládio e na mão...  
Meu gládio está caído aos meus pés... um torpor  
Impregna de cansaço a minha própria dor...

## **Um dia baço mas não frio...**

Um dia baço mas não frio...

Um dia como

Se não tivesse paciência pra ser dia,

E só num assomo,

Num ímpeto vazio

De dever, mas com ironia,

Se desse luz a um dia enfim

Igual a mim,

Ou então

Ao meu coração,

Um coração vazio,

Não de emoção

Mas de buscar, enfim —

Um coração baço mas não frio.

## **Um muro de nuvens densas**

Um muro de nuvens densas  
Põe na base do ocidente  
Negras roxuras pretensas.

Com a noite tudo acaba.  
O céu frio é transparente.  
Nada de chuva desaba.

E não sei se tenho pena  
Ou alegria da ausente  
Chuva e da noite serena

De resto, nunca sei nada,  
Minha alma é a sombra presente  
De uma presença passada.

Meus sentimentos são rastros.  
Só meu pensamento sente...  
A noite esfria-se de astros.

## **Uma maior solidão**

Uma maior solidão  
Lentamente se aproxima  
Do meu triste coração.

Enevoa-se-me o ser  
Como um olhar a cegar,  
A cegar, a escurecer.

Jazo-me sem nexo, ou fim...  
Tanto nada quis de nada,  
Que hoje nada o quer de mim.



## **Uma névoa de Outono o ar raro vela,**

Uma névoa de Outono o ar raro vela,  
Cores de meia-cor pairam no céu.  
O que indistintamente se revela,  
Árvores, casas, montes, nada é meu.

Sim, vejo-o, e pela vista sou seu dono.  
Sim, sinto-o eu pelo coração, o como.  
Mas entre mim e ver há um grande sono.  
De sentir é só a janela a que eu assomo.

Amanhã, se estiver um dia igual,  
Mas se for outro, porque é amanhã,  
Terei outra verdade, universal,  
E será como esta                    [...]

## **Universal lamento**

Universal lamento

Aflora no teu ser.

Só tem de ti a voz e o momento

Que o fez em tua voz aparecer.

## **Vaga saudade, tanto**

Vaga saudade, tanto  
Dóis como a outra que é  
A saudade de quanto  
Existiu aqui ao pé.

Tu, que és do que nunca houve,  
Punges como o passado  
A que existir não aprouve.

**Vaga, no azul amplo solta,**

Vaga, no azul amplo solta,  
Vai uma nuvem errando.  
O meu passado não volta.  
Não é o que estou chorando.

O que choro é diferente.  
Entra mais na alma da alma.  
Mas como, no céu sem gente,  
A nuvem flutua calma,

E isto lembra uma tristeza  
E a lembrança é que entristece,  
Dou à saudade a riqueza  
De emoção que a hora tece.

Mas, em verdade, o que chora  
Na minha amarga ansiedade  
Mais alto que a nuvem mora,  
Está para além da saudade.

Não sei o que é nem consinto  
À alma que o saiba bem  
Visto da dor com que minto  
Dor que a minha alma tem.

**Vai alta a nuvem que passa,**

Vai alta a nuvem que passa,  
Branca, desfaz-se a passar,  
Até que parece no ar  
Sombra branca que esvoaça.

Assim no pensamento  
Alta vai a intuição,  
Mas desfaz-se em sonho vão  
Ou em vago sentimento.

E se quero recordar  
O que foi nuvem ou sentido  
Só vejo alma ou céu despido  
Do que se desfez no ar.

## **Vai alto pela folhagem**

Vai alto pela folhagem  
Um rumor de pertencer,  
Como se houvesse na aragem  
Uma razão de querer.

Mas, sim, é como se o som  
Do vento no arvoredor  
Tivesse um intuito, ou bom  
Ou mau, mas feito em segredo,

E que, pensando no abismo  
Onde os ventos são ninguém,  
Subisse até onde cismo,  
E, alto, alado, num vaivém

De tormenta comovesse  
As árvores agitadas  
Até que delas me viesse  
Este mau conto de fadas.

**Vai lá longe, na floresta,**

Vai lá longe, na floresta,  
Um som de sons a passar,  
Como de gnomos em festa  
Que não consegue durar...

É um som vago e distinto.  
Parece que entre o arvoredor  
Quando seu rumor é extinto  
Nasce outro som em segredo.

Ilusão ou circunstância?  
Nada? Quanto atesta, e o que há  
Num som, é só distância  
Ou o que nunca haverá.

## **Vai leve a sombra**

Vai leve a sombra  
Por sobre a água.  
Assim meu sonho  
Na minha mágoa.

Como quem dorme  
Esqueço a viver.  
Despertarei  
Ao sol volver.

Nuvem ou brisa,  
Sonho ou [...] dada  
Faz sentir; passa,  
E não foi nada.



## **Vai pela estrada que na colina**

Vai pela estrada que na colina  
É um risco branco na encosta verde —  
Risco que em arco sobe e declina  
E, sem que iguale, se à vista perde —

A cavalgada, formigas, cores,  
De gente grande que aqui passou.  
Eram dois sexos multicolores  
E riram muitos por onde estou.

Por certo alegres assim prosseguem.  
Quem porém sabe se o não sou mais —  
Eu, só de vê-los e como seguem;  
Eu, só de achá-los todos iguais?

Eles para eles são um do outro;  
Pra mim são todos — a cavalgada —,  
Numa alegria, distante e neutro,  
Que a nenhum deles pode ser dada.

Os sentimentos não têm medida,  
Nem, de uns para outros, comparação.  
Vai já na curva que é a descida  
A cavalgada meu coração.

## **Vai redonda e alta**

Vai redonda e alta  
A lua. Que dor  
É em mim um amor?...  
Não sei que me falta...

Não sei o que quero.  
Nem posso sonhá-lo...  
Como o luar é ralo  
No chão vago e austero!...

Ponho-me a sorrir  
P'ra a ideia de mim...  
E tão triste, assim  
Como quem está a ouvir

Uma voz que o chama  
Mas não sabe d'onde  
(Voz que em si se esconde)  
E Só a ela ama...

E tudo isto é o luar  
E a minha dor  
Tornado exterior  
Ao meu meditar...

Que desassossego!  
Que inquieta ilusão!  
E esta sensação

Oca, de ser cego

No meu pensamento,  
Na rainha vontade...  
Ah, a suavidade  
Do luar sem tormento

Batendo na alma  
De quem só sentisse  
O luar, e existisse  
Só p'ra a sua calma.

## **Vai-te embora, Sol dos céus!**

Vai-te embora, Sol dos céus!  
Os olhos da minha irmã  
Foram criados por Deus  
P'ra substituir a manhã.

E se alguns acham mais bela  
A noite, e mais cheia de alma,  
O certo é que os olhos d'ela,  
São da cor da noite calma.

Assim, manhãs na viveza  
E noite na cor que têm,  
Se os há iguais em beleza  
Inda os não usou ninguém.

ÍBIS.

## **Vão breves passando**

Vão breves passando  
Os dias que tenho.  
Depois de passarem  
Já não os apanho.

De aqui a tão pouco  
Ainda acabou.  
Vou ser um cadáver  
Por quem se rezou.

E entre hoje e esse dia  
Farei o que fiz:  
Ser qual quero eu ser,  
Feliz ou infeliz.

## **Vão na onda militar**

Vão na onda militar  
Os soldados a marchar  
Com a banda a lhes tocar  
O como têm que andar...

Vou na onda que é a vida  
Com uma banda escondida  
A tocar como hei-de estar  
Entre essa marcha perdida.

Vou e durmo o meu caminho,  
Como, no som do moinho,  
Dorme o moleiro sozinho.  
Durmo, mas sinto-me andar.

## **Vê-la faz pena de esperança.**

Vê-la faz pena de esperança.  
Loura, olha azul com expansão  
Tem um sorriso de criança:  
Sorri até ao coração.

Não saberia ter desdém.  
Criança adulta, [...]  
Parece quase mal que alguém  
Venha a violá-la por mulher.

Seus olhos, lagos de alma de água,  
Têm céus de uma intenção menina.  
De eu vê-la, ri-me a minha mágoa  
Tornada loura e feminina.

[...]

**Vejo passar os barcos pelo mar,**

Vejo passar os barcos pelo mar,  
As velas, como asas do que vejo  
Trazem-me um vago e íntimo desejo  
De ser quem fui, sem eu saber que foi.  
Por isso tudo lembra o meu ser lar,  
E, porque o lembra, quanto sou me dói.



**Velo, na noite em mim,**

Velo, na noite em mim,  
Meu próprio corpo morto.  
Velo, inútil absorto.  
Ele tem o seu fim  
Inutilmente, enfim.

## **Vem dos lados da montanha**

Vem dos lados da montanha  
Uma canção que me diz  
Que, por mais que a alma tenha,  
Sempre há-de ser infeliz.

O mundo não é seu lar  
E tudo que ele lhe der  
São coisas que estão a dar  
A quem não quer receber.

Diz isto? Não sei. Nem voz  
Ouço, música, à janela  
Onde me medito a sós  
Como o luzir de uma estrela.

## VENDAVAL

Ó vento do norte, tão fundo e tão frio,  
Não achas, soprando por tanta solidão,  
Deserto, penhasco, coval mais vazio  
Que o meu coração!

Indómita praia, que a raiva do oceano  
Faz louco lugar, caverna sem fim,  
Não são tão deixados do alegre e do humano  
Como a alma que há em mim!

Mas dura planície, praia atra em fereza,  
Só têm a tristeza que a gente lhes vê;  
E nisto que em mim é vácuo e tristeza  
É o visto o que vê.

Ah, mágoa de ter consciência da vida!  
Tu, vento do norte, teimoso, iracundo,  
Que rasgas os robles — teu pulso divide  
Minh'alma do mundo!

Ah, se, como levas as folhas e a areia,  
A alma que tenho pudesses levar —  
Fosse pr'onde fosse, pra longe da ideia  
De eu ter que pensar!

Abismo da noite, da chuva, do vento,  
Mar torvo do caos que parece volver —  
Porque é que não entras no meu pensamento

Para ele morrer?

Horror de ser sempre com vida a consciência!

Horror de sentir a alma sempre a pensar!

Arranca-me, ó vento; do chão da existência,

De ser um lugar!

E, pela alta noite que fazes mais escura,

Pelo caos furioso que crias no mundo,

Dissolve em areia esta minha amargura,

Meu tédio profundo.

E contra as vidraças dos que há que têm lares,

Telhados daqueles que têm razão,

Atira, já pária desfeito dos ares,

O meu coração!

Meu coração triste, meu coração ermo,

Tornado a substância dispersa e negada

Do vento sem forma, da noite sem termo,

Do abismo e do nada!

## **Vento que passas**

Vento que passas  
Nos pinheirais,  
Quantas desgraças  
Lembram teus ais.

Quanta tristeza,  
Sem o perdão  
De chorar, pesa  
No coração.

E ó vento vago  
Das solidões  
Traz um afago  
Aos corações.

À dor que ignoras  
Presta os teus ais,  
Vento que choras  
Nos pinheirais.

## **Verdadeiramente**

Verdadeiramente  
Nada em mim sinto.  
Há uma desolação  
Em quanto eu sinto.  
Se vivo, parece que minto.  
Não sei do coração

Outrora, outrora  
Fui feliz, embora  
Só hoje saiba que o fui.  
E este que fui e sou,  
Margens, tudo passou  
Porque flui.

## **Viajar! Perder países!**

Viajar! Perder países!  
Ser outro constantemente,  
Por a alma não ter raízes  
De viver de ver somente!

Não pertencer nem a mim!  
Ir em frente, ir a seguir  
A ausência de ter um fim,  
E da ânsia de o conseguir!

Viajar assim é viagem.  
Mas faço-o sem ter de meu  
Mais que o sonho da passagem.  
O resto é só terra e céu.

## **Vinha elegante, depressa,**

Vinha elegante, depressa,  
Sem pressa e com um sorriso.  
E eu, que sinto co a cabeça,  
Fiz logo o poema preciso.

No poema não falo dela  
Nem como, adulta menina,  
Virava a esquina daquela  
Rua que é a eterna esquina...

No poema falo do mar,  
Descrevo a onda e a mágoa.  
Relê-lo faz-me lembrar  
Da esquina dura — ou da água.



## VISÃO

Há um país imenso mais real  
Do que a vida que o mundo mostra ter  
Mais do que a Natureza natural  
À verdade tremendo de viver.

Sob um céu uno e plácido e normal  
Onde nada se mostra haver ou ser  
Onde nem vento geme, nem fatal  
A ideia de uma nuvem se faz crer,

Jaz — uma terra não — não um solo  
Mas estranha, gelando em desconsolo  
A alma que vê esse país sem véu,

Hirtamente silente nos espaços  
Uma floresta de escarnados braços  
Inutilmente erguidos para o céu.

## **Vou com um passo como de ir parar**

Vou com um passo como de ir parar  
Pela rua vazia  
Nem sinto como um mal ou mal-estar  
A vaga chuva fria...

Vou pela noite da indistinta rua  
Alheio a andar e a ser  
E a chuva leve em minha face nua  
Orvalha de esquecer...

Sim, tudo esqueço. Pela noite sou  
Noite também  
E vagaroso eu [...] vou,  
Fantasma de magia.

No vácuo que se forma de eu ser eu  
E da noite ser triste  
Meu ser existe sem que seja meu  
E anónimo persiste...

Qual é o instinto que fica esquecido  
Entre o passeio e a rua?  
Vou sob a chuva, amargo e diluído  
E tenho a face nua.

**Vou em mim como entre bosques,**

Vou em mim como entre bosques,  
Vou-me fazendo paisagem  
Para me desconhecer.  
Nos meus sonhos sinto aragem,  
Nos meus desejos descer.

Passeio entre arvoredos  
Nos meandros de quem sinto  
Quando sinto sem sentir...  
Vaga clareira de instinto,  
Pinheiral todo a subir...

Sorriso que no regato  
Através dos ramos curvos  
O sol, espreitando, achou.  
Fluir de água, com tons turvos,  
Onde uma pedra adensou.

Grande alegria das mágoas  
Quando o declive da encosta  
Apressa o passo ou querer...  
De que é que a minha alma gosta  
Ser que eu tenho de saber.

Muita curva, muita coisa,  
Todas com gentes de fora  
Na alma que sinto assim.  
Que paisagem quem se ignora!

Meu Deus, que é feito de mim?

## CHUVA OBLÍQUA

### I

Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito  
E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios  
Que largam do cais arrastando nas águas por sombra  
Os vultos ao sol daquelas árvores antigas...

O porto que sonho é sombrio e pálido  
E esta paisagem é cheia de sol deste lado...  
Mas no meu espírito o sol deste dia é porto sombrio  
E os navios que saem do porto são estas árvores ao sol...

Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo...  
O vulto do cais é a estrada nítida e calma  
Que se levanta e se ergue como um muro,  
E os navios passam por dentro dos troncos das árvores  
Com uma horizontalidade vertical,  
E deixam cair amarras na água pelas folhas uma a uma dentro...

Não sei quem me sonho...  
Súbito toda a água do mar do porto é transparente  
E vejo no fundo, como uma estampa enorme que lá estivesse desdobrada,  
Esta paisagem toda, renque de árvore, estrada a arder em aquele porto,  
E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa  
Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem  
E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,  
E passa para o outro lado da minha alma...

## II

Ilumina-se a igreja por dentro da chuva deste dia,  
E cada vela que se acende é mais chuva a bater na vidraça...

Alegra-me ouvir a chuva porque ela é o templo estar aceso,  
E as vidraças da igreja vistas de fora são o som da chuva ouvido por dentro...

O esplendor do altar-mor é o eu não poder quase ver os montes  
Através da chuva que é ouro tão solene na toalha do altar...

Soa o canto do coro, latino e vento a sacudir-me a vidraça  
E sente-se chiar a água no facto de haver coro...

A missa é um automóvel que passa  
Através dos fiéis que se ajoelham em hoje ser um dia triste...  
Súbito vento sacode em esplendor maior  
A festa da catedral e o ruído da chuva absorve tudo  
Até só se ouvir a voz do padre água perder-se ao longe  
Com o som de rodas de automóvel...

E apagam-se as luzes da igreja  
Na chuva que cessa...

### III

A Grande Esfinge do Egito sonha por este papel dentro...  
Escrevo — e ela aparece-me através da minha mão transparente  
E ao canto do papel erguem-se as pirâmides...

Escrevo — perturbo-me de ver o bico da minha pena  
Ser o perfil do rei Cheops...  
De repente paro...  
Escureceu tudo... Caio por um abismo feito de tempo...

Estou soterrado sob as pirâmides a escrever versos à luz clara deste  
candeeiro  
E todo o Egito me esmaga de alto através dos traços que faço com a  
pena...

Ouçõ a Esfinge rir por dentro  
O som da minha pena a correr no papel...  
Atravessa o eu não poder vê-la uma mão enorme,  
Varre tudo para o canto do tecto que fica por detrás de mim,  
E sobre o papel onde escrevo, entre ele e a pena que escreve  
Jaz o cadáver do rei Cheops, olhando-me com olhos muito abertos,  
E entre os nossos olhares que se cruzam corre o Nilo  
E uma alegria de barcos embandeirados erra  
Numa diagonal difusa  
Entre mim e o que eu penso...

Funerais do rei Cheops em ouro velho e Mim!...

#### IV

Que pandeiretas o silêncio deste quarto!...

As paredes estão na Andaluzia...

Há danças sensuais no brilho fixo da luz...

De repente todo o espaço pára....

Pára, escorrega, desembrulha-se...,

E num canto do tecto, muito mais longe do que ele está,

Abrem mãos brancas janelas secretas

E há ramos de violetas caindo

De haver uma noite de Primavera lá fora

Sobre o eu estar de olhos fechados...



## V

Lá fora vai um redemoinho de sol os cavalos do carroussel ...  
Árvores, pedras, montes, bailam parados dentro de mim...  
Noite absoluta na feira iluminada, luar no dia de sol lá fora,  
E as luzes todas da feira fazem ruído dos muros do quintal...  
Ranchos de raparigas de bilha à cabeça  
Que passam lá fora, cheias de estar sob o sol,  
Cruzam-se com grandes grupos peganhentos de gente que anda na feira,  
Gente toda misturada com as luzes das barracas com a noite e com o luar,  
E os dois grupos encontram-se e penetram-se  
Até formarem só um que é os dois...  
A feira e as luzes da feira e a gente que anda na feira,

E a noite que pega na feira e a levanta ao ar,  
Andam por cima das copas das árvores cheias de sol,  
Andam visivelmente por baixo dos penedos que luzem ao sol,  
Aparecem do outro lado das bilhas que as raparigas levam à cabeça,

E toda esta paisagem de Primavera é a lua sobre a feira,  
E toda a feira com ruídos e luzes é o chão deste dia de sol...

De repente alguém sacode esta hora dupla como numa peneira  
E, misturado, o pó das duas realidades cai  
Sobre as minhas mãos cheias de desenhos de portos  
Com grandes naus que se vão e não pensam em voltar...  
Pó de oiro branco e negro sobre os meus dedos...  
As minhas mãos são os passos daquela rapariga que abandona a feira,  
Sozinha e contente como o dia de hoje...

## VI

O maestro sacode a batuta,  
E lânguida e triste a música rompe...

Lembra-me a minha infância, aquele dia  
Em que eu brincava ao pé dum muro de quintal

Atirando-lhe com uma bola que tinha dum lado  
O deslizar dum cão verde, e do outro lado  
Um cavalo azul a correr com um jockey amarelo,

Prossegue a música, e eis na minha infância  
De repente entre mim e o maestro, muro branco,  
Vai e vem a bola, ora um cão verde,  
Ora um cavalo azul com um jockey amarelo...

Todo o teatro é o meu quintal, a minha infância  
Está em todos os lugares, e a bola vem a tocar música,  
Uma música triste e vaga que passeia no meu quintal  
Vestida de cão verde tornando-se jockey amarelo...  
(Tão rápida gira a bola entre mim e os músicos...)

Atiro-a de encontro à minha infância e ela  
Atravessa o teatro todo que está aos meus pés  
A brincar com um jockey amarelo e um cão verde  
E um cavalo azul que aparece por cima do muro  
Do meu quintal... E a música atira com bolas  
À minha infância... E o muro do quintal é feito de gestos  
De batuta e rotações confusas de cães verdes  
E cavalos azuis e jockeys amarelos.,

Todo o teatro é um muro branco de música  
Por onde um cão verde corre atrás da minha saudade  
Da minha infância, cavalo azul com um jockey amarelo...

E dum lado para o outro, da direita para a esquerda,  
Donde há árvores e entre os ramos ao pé da copa  
Com orquestras a tocar música,  
Para onde há filas de bolas na loja onde a comprei  
E o homem da loja sorri entre as memórias da minha infância...

E a música cessa como um muro que desaba,  
A bola rola pelo despenhadeiro dos meus sonhos interrompidos,  
E do alto dum cavalo azul, o maestro, jockey amarelo tornando-se preto,  
Agradece, pousando a batuta em cima da fuga dum muro,  
E curva-se sorrindo, com uma bola branca em cima da cabeça,  
Bola branca que lhe desaparece pelas costas abaixo...

## EM BUSCA DA BELEZA

### I

Soam vãos, dolorido epicurista,  
Os versos teus, que a minha dor despreza;  
Já tive a alma sem descrença presa  
Desse teu sonho, que perturba a vista.

Da Perfeição segui em vã conquista,  
Mas vi depressa, já sem a alma acesa,  
Que a própria ideia em nós dessa beleza  
Um infinito de nós mesmos dista.

Nem à nossa alma definir podemos  
A Perfeição em cuja estrada a vida,  
Achando-a intérrima, a chorar perdemos.

O mar tem fim, o céu talvez o tenha,  
Mas não a ânsia de Coisa indefinida  
Que o ser indefinida faz tamanha.

## II

Nem defini-la, nem achá-la, a ela —  
A Beleza. No mundo não existe.  
Ai de quem com a alma inda mais triste  
Nos seres transitórios quer colhê-la!

Acanhe-se a alma porque não conquiste  
Mais que o banal de cada coisa bela,  
Ou saiba que ao ardor de querer havê-la  
À Perfeição — só a desgraça assiste.

Só quem da vida bebeu todo o vinho,  
Dum trago ou não, mas sendo até o fundo,  
Sabe (mas sem remédio) o bom caminho;

Conhece o tédio extremo da desgraça,  
Que olha estupidamente o nauseabundo  
Cristal inútil da vazia taça.

### III

Só quem puder obter a estupidez  
Ou a loucura pode ser feliz.  
Buscar, querer, amar... tudo isto diz  
Perder, chorar, sofrer, vez após vez.

A estupidez achou sempre o que quis  
Do círculo banal — da sua avidez;  
Nunca aos loucos o engano se desfez  
Com quem um falso mundo seu condiz.

Há dois males: verdade e aspiração,  
E há uma forma só de os saber males:  
É conhecê-los bem, saber que são

Um o horror real, o outro o vazio —  
Horror não menos — dois como que vales  
Duma montanha que ninguém subiu.

#### IV

Leva me longe, meu suspiro fundo,  
Além do que deseja e que começa,  
Lá muito longe, onde o viver se esqueça  
Das formas metafísicas do mundo.

Aí que o meu sentir vago e profundo  
O seu lugar exterior conheça,  
Aí durma em fim, aí enfim faleça  
O cintilar do espírito fecundo.

Aí... mas de que serve imaginar  
Regiões onde o sonho é verdadeiro  
Ou terras para o ser atormentar?

É elevar demais a aspiração,  
E, falhado esse sonho derradeiro,  
Encontrar mais vazio o coração.

## V

Braços cruzados, sem pensar nem crer,  
Fiquemos pois sem mágoas nem desejos.  
Deixemos beijos, pois o que são beijos ?  
A vida é só o esperar morrer.

Longe da dor e longe do prazer,  
Conheçamos no sono os benfazejos  
Poderes únicos; sem urzes, brejos,  
A sua estrada sabe apetecer.

Coroados de papoilas e trazendo  
Artes porque com sono tira sonhos,  
Venha Morfeu, que as almas envolvendo,

Faça a felicidade ao mundo vir  
Num nada onde sentimo-nos risonhos  
Só de sentirmos nada já sentir.



## VI

O sono — Oh, ilusão! — o sono? quem  
Logrará esse vácuo ao qual aspira  
A alma que, de aspirar em vão, delira,  
E já nem força para querer tem?

Que sono apetece-mos? O d'alguém  
Adormecido na feliz mentira  
Da sonolência vaga que nos tira  
Todo o sentir no qual a dor nos vem?

Ilusão tudo! Querer um sono eterno,  
Um descanso, uma paz, não é senão  
O último anseio desesperado e vão.

Perdido, resta o derradeiro inferno  
Do tédio intérmino, esse de já não  
Nem aspirar a ter aspiração.

## FICÇÕES DO INTERLÚDIO

### I - PLENILÚNIO

As horas pela alameda  
Arrastam vestes de seda,

Vestes de seda sonhada  
Pela alameda alongada

Sob o azular do luar...  
E ouve-se no ar a expirar —

A expirar mas nunca expira  
Uma flauta que delira,

Que é mais a ideia de ouvi-la  
Que ouvi-la quase tranquila

Pelo ar a ondear e a ir...

Silêncio a tremeluzir...

## II - SAUDADE DADA

Em horas inda louras, lindas  
Clorindas e Belindas, brandas,  
Brincam no tempo das berlindas,  
As vindas vendo das varandas.  
De onde ouvem vir a rir as vindas  
Fitam a fio as frias bandas.

Mas em torno à tarde se entorna  
A atordoar o ar que arde  
Que a eterna tarde já não torna!

E em tom de atoarda todo o alarde  
Do adornado ardor transtorna  
No ar de torpor da tarda tarde.

E há nevoentos desencantos  
Dos encantos dos pensamentos  
Nos santos lentos dos recantos  
Dos bentos cantos dos conventos...  
Prantos de intentos, lentos, tantos  
Que encantam os atentos ventos.

### **III - PIERROT BÊBADO**

Nas ruas da feira,  
Da feira deserta,  
Só a lua cheia  
Branqueia e clareia  
As ruas da feira  
Na noite entreaberta.

Só a lua alva  
Branqueia e clareia  
A paisagem calva  
De abandono e alva  
Alegria alheia.

Bêbeda branqueia  
Como pela areia  
Nas ruas da feira,  
Da feira deserta,  
Na noite já cheia  
De sombra entreaberta.

A lua branqueia  
Nas ruas da feira  
Deserta e incerta...

#### IV - MINUETE INVISÍVEL

Elas são vaporosas,  
Pálidas sombras, as rosas  
Nadas da hora lunar..

Vêm, aéreas, dançar  
Com perfumes soltos  
Entre os canteiros e os buxos...

Chora no som dos repuxos  
O ritmo que há nos seus vultos...

Passam e agitam a brisa...  
Pálida, a pompa indecisa  
Da sua flébil demora  
Paira em auréola à hora...

Passam nos ritmos da sombra...  
Ora é uma folha que tomba,  
Ora uma brisa que treme  
Sua leveza solene...

E assim vão indo, delindo  
Seu perfil único e lindo,  
Seu vulto feito de todas,  
Nas alamedas, em rodas,  
No jardim lívido e frio...

Passam sozinhas, a fio,

Como um fumo indo, a rarear,  
Pelo ar longínquo e vazio,  
Sob o, disperso pelo ar,  
Pálido pálio lunar...

## **V - HIEMAL**

Baladas de uma outra terra, aliadas  
Às saudades das fadas, amadas por gnomos idos,  
Retinem lívidas ainda aos ouvidos

Dos luares das altas noites aladas...  
Pelos canais barcas erradas  
Segredam-se rumos descritos...

E tresloucadas ou casadas com o som das baladas,  
As fadas são belas, e as estrelas  
São delas... Ei-las alheadas...

E são fumos os rumos das barcas sonhadas,  
Nos canais fatais iguais de erradas,  
As barcas parcas das fadas,  
Das fadas aladas e hiemais  
E caladas...

Toadas afastadas, irreais, de baladas...  
Ais...

# **POESIA DRAMÁTICA**



## **AUTO DAS BACANTES**

**AUTO DAS BACANTES - Escrito para solenizar a entrada do Sol em Áries,**

AUTO DAS BACANTES

Escrito para solenizar a entrada do Sol em Áries, em Março de 1917

Começa por uma série de canções de alegria e de saudação à entrada ou da primavera, ou do dia, ou de ambos, ou, em todo o caso, de Baco. - Segue a lamentação de todos aqueles espíritos que se separaram da vida, e quiseram melhor, mais completo, ou mais puro. - No fim do canto deles surge ruidosamente a passagem das bacantes.

Este é o dia, este é o dia  
Em que de Baco vai explender  
Toda a alegria.  
Vinde colher, vinde colher  
As flores para a vossa orgia.  
Vinde colher para as perder.

Vinde colher pra desfolhar  
(Este é o dia, este é o dia)  
As novas flores  
Que o prado ornam à porfia,  
Vinde colher por vossas dores

## **AUTO DAS BACANTES - Qual é, senhor, a melhor sorte?**

### **AUTO DAS BACANTES**

Qual é, senhor, a melhor sorte?  
Mais vale a vida ou mais querer?  
Há, além do portal da morte,  
Melhor viver?  
Será melhor viver amando  
E buscar o amor entre a vida,  
Ou, inda que chorando,  
Buscar o amor  
Onde tudo é a sombra e o vago,  
E o guarda negro a fauce estende  
Por sobre o desolado lago

Haverá escondida margem,  
Oculta região feliz,  
Onde outra mais (...) aragem  
Banhe um amor como se quis?

**FAUSTO**  
**Tragédia Subjetiva (Fragmentos)**

## **ATO I**

### **Ah, tudo é símbolo e analogia!**

Ah, tudo é símbolo e analogia!  
O vento que passa, a noite que esfria  
São outra coisa que a noite e o vento —  
Sombras de vida e de pensamento.

Tudo que vemos é outra coisa.  
A maré vasta, a maré ansiosa,  
É o eco de outra maré que está  
Onde é real o mundo que há.

Tudo que temos é esquecimento.  
A noite fria, o passar do vento  
São sombras de mãos cujos gestos são  
A ilusão mãe desta ilusão.

**Tudo transcende tudo**

Tudo transcende tudo

E é mais real e menos do que é.

## **Fausto no seu laboratório**

FAUSTO: (só)

Ondas de aspiração que vãs morreis  
Sem mesmo o coração e alma atingir  
Do vosso sentimento; ondas de pranto,  
Não vos posso chorar, e em mim subis,  
Maré imensa rumorosa e surda,  
Para morrer na praia do limite  
Que a vida impõe ao Ser; ondas saudosas  
D'algun mar alto Aonde a praia seja  
Um sonho inútil, ou d'alguma terra  
Desconhecida mais que a eterna aura  
Do eterno sofrimento, e onde formas  
Dos olhos d'alma não imaginadas  
Vagam, essências lúcidas e (...)  
Esquecidas daquilo que chamamos  
Suspiro, lágrima, desolação;  
Ondas nas quais não posso visionar,  
Nem dentro em mim, em sonho, barco ou ilha,  
Nem esperança transitória, nem  
Ilusão nada da desilusão;  
Oh ondas sem brancuras, asperezas,  
Mas redondas, como óleos e silentes  
No vosso intérmino e total rumor...  
Oh ondas d'alma, decaí em lago  
Ou levantai-vos ásperas e brancas  
Com o sussurro ácido da espuma  
Erguei em tempestades no meu ser.  
Vós sois um mar sem céu, sem luz, sem ar

Sentido, visto não, rumorejante  
Sobre o fundo profundo da minha alma!  
Lágrimas, sinto em mim vosso amargor!  
Não vos quero chorar. Se vos chorasse  
Como chegar — tantas! — ao vosso fim?  
Chegado ao vosso fim que encontraria?  
Talvez uma aridez desesperada  
Uma ânsia vã de não poder trazer-vos  
Outra vez para mim para chorar-vos  
Em vã consolação inda outra vez!

Não haver alma, inda ideia vã!  
Havê-la e imortal, sonho pequeno  
De término[?], embora coerente  
À sua pequenez. Que mais? Havê-la,  
Havê-la e ser mortal, morrer num Todo  
Celeste? Vago, vão. Não haverá  
Além da morte e da imortalidade  
Qualquer coisa maior? Ah, deve haver  
Além de vida e morte, ser, não ser,  
Um Inominável supertranscendente  
Eterno Incógnito e incognoscível!  
Deus? Nojo. Céu, inferno? Nojo, nojo.  
P'ra quê pensar, se há-de parar aqui  
O curto voo do entendimento?  
Mais além! Pensamento, mais além!

## **O mistério dos olhos e do olhar**

O mistério dos olhos e do olhar  
Do sujeito e do objecto, transparente  
Ao horror que além dele está; o mudo  
Sentimento de se desconhecer,  
E a confrangida comoção que nasce  
De sentir a loucura do vazio;  
O horror duma existência incompreendida  
Quando à alma se chega desse horror  
Faz toda a dor humana uma ilusão.  
Essa é a suprema dor, a vera cruz.  
Querem desdenhar o teu sentir orgulho  
Oh, Cristo!

Então eu vejo — horror — a íntima alma,  
O perene mistério que atravessa  
Como um suspiro céus e corações.



## **Saído apenas duma infância**

Saído apenas duma infância  
Incertamente triste e diferente

Uma vez contemplando dum outeiro  
A tinha de colinas majestosa  
Que azulada e em perfis desaparecia  
No horizonte, contemplando os campos,  
Vi de repente como que tudo  
Desaparecer, tomando (...)

E um abismo invisível, uma cousa  
Nem parecida com a existência  
Ocupar não o espaço, mas o modo  
Com que eu pensava o visível.

E então o horror supremo que jamais  
Deixei depois, mas que aumentando e sendo  
O mesmo sempre,  
Ocupou-me...  
Oh primeira visão interior  
Do mistério infinito, em que ruiu  
A minha vida juvenil numa hora!

## **Li vaga — inerte — e sonhadoramente li**

Li vaga — inerte — e sonhadoramente li  
Compreendendo mais do que havia  
Em frase (...)

Fechei tremendo, os livros, e sentindo  
Como que de detrás da consciência,  
Negrume transcendendo o que de horror  
(...)

Desde então o constante persistir  
Do mistério em minha alma não me deixa  
Quieto o espírito, por meditar  
Que seja, meditando sempre.

## **Não leio já; queria abrir um livro**

Não leio já; queria abrir um livro  
E ver, de chofre, ali, a ciência toda...  
Queria ao menos poder crer que, lendo,  
E em prolongadas horas lendo e lendo,  
No fim alguma coisa me ficava  
Do essencial do mundo, que eu subia  
Até ao menos cada vez mais perto  
Do mistério... Que ele, inda que inatingido,  
Ao menos dele que eu [me] aproximava...  
Não fosse tudo um (...)  
Como uma criança que a fingir sobe  
Uns degraus que pintou no chão...

Não leio. Horas interminas, perdido  
De tudo, salvo de uma dolorosa  
Consciência vazia de mim próprio,  
Como um frio numa noite intensa,  
Em frente ao livro aberto vivo e morro...  
Nada... E a impaciência fria e dolorosa  
De ler p'ra não sonhar e ter perdido  
O sonho! Assim como um (...) engenho  
Que, abandonado, em vão trabalha ainda,  
Sem nexos, sem propósito, eu mõi  
E remõi a ilusão do pensamento...  
E hora a hora na minha estéril alma  
Mais fundo o abismo entre meu ser e mim  
Se abre, e nesse (...) abismo não há nada...

Ditoso o tempo em que eu sonhava, e às vezes  
Eu parava de ler para seguir  
Os cortejos em mim... Amor, orgulho,  
— Crenças inda! — pintavam os meus sonhos...  
E com muita insistência[?], eu era (...)  
O amante de belezas (...)  
E o rei de povos vagos e submissos;  
E quer em braços que eu sonhava, ou entre  
As filas (...) prostradas, eu vivia  
Sublimes nadas, alegrias sem cor.  
Mas  
Hoje nenhuma imagem, nenhum vulto  
Evoco em mim... Só um deserto aonde  
Não a cor dum areal, nem um ar morto  
Posso sonhar... Mas tendo só a ideia,  
Tendo da cor o pensamento apenas,  
Vazio, oco, sem calor nem frio,  
Sem posição, nem direcção, nem (...)  
Só o vazio lugar do pensamento...

## **O Suspiro do mundo:**

Vida, morte,  
Riso, pranto  
É o manto  
Que me cobre.  
Natureza,  
Amor, beleza,  
Tudo quanto  
A alma descobre.

O Mistério  
Deste mundo  
Teu profundo  
Olhar leu;  
D'além dele —  
Cerra a alma  
De pavor! —  
Venho eu.  
Nada, nada  
Já acalma  
Tua dor.  
Tu bem sabes  
Ser minha voz  
Mais atroz  
De mudo horror  
No que não diz,  
E só tu sentes  
E compreendes.  
Cerra, infeliz

Cerra a (tua) alma  
Ao meu pavor!

*(Fausto, com os olhos fechados, encolhido na cadeira, treme como que  
dum grande frio.)*

## **O mistério supremo do Universo**

O mistério supremo do Universo  
O único mistério, tudo e em tudo  
É haver um mistério do universo,  
É haver o universo, qualquer cousa,  
É haver haver. Ó forma abstracta e vaga  
Que tão corrente haver em mim demora  
Que pensar isto é-me no corpo um frio  
Que sopra d'além terra e d'além-túmulo  
E vai da alma a Deus.

## **O mistério de tudo**

O mistério de tudo

Aproxima-se tanto do meu ser,

Chega aos olhos meus d'alma tão perto

Que me dissolvo em trevas e imerso

Em trevas me apavoro escuramente.



## **Quem passa e me olha ou me conhece mal sabe**

Quem passa e me olha ou me conhece mal sabe  
Vendo-me apenas um cansado e triste  
O que em mim há distante disto tudo!  
Como é que a negra e lúcida verdade  
Pode chegar às almas  
Que na luz concebem? Tudo o que vive  
Ao sol deste existir e quer o sol  
Brilhe sem nuvens, anuviado seja  
Ou (...) — vive à luz  
E não suspeita o que é a escuridão  
Das cavernas da alma, esquecida  
De luz e vida, e onde a existência íntima  
Tem outra forma, outro ser e outro (...)

## **Ah não poder tirar de mim os olhos,**

Ah não poder tirar de mim os olhos,  
Os olhos da minh'alma da minh'alma  
(Disso a que alma eu chamo)!  
Só sei de duas cousas, nelas absorto  
Profundamente: eu e o universo,  
O universo e o mistério e eu sentindo  
O universo e o mistério, apagados  
Humanidade, vida, amor, riqueza.

Oh vulgar, oh feliz! Quem sonha mais  
Eu ou tu? Tu que vives inconsciente ,  
Ignorando este horror que é existir,  
Ser perante o pensamento  
Que o não resolve em compreensões, tu  
Ou eu, que, analisando e discorrendo  
E penetrando (...) nas essências,  
Cada vez sinto mais desordenado  
Meu pensamento louco e sucumbido,  
Cada vez sinto mais como se eu,  
Sonhando menos, consciência alerta,  
Fosse apenas sonhando mais profundo...  
E esta ideia nascida do cansaço  
E confusão do meu pensar, consigo  
Traz horrores inúmeros, porque traz  
Matéria nova para o mistério eterno,  
Matéria metafísica em que eu  
Me perco a analisar.

Pensar fundo é sentir o desdobrar  
Do mistério, ver cada pensamento  
Resolver em milhões de incompreensões,  
Elementos (...)

Oh tortura, tortura, longa tortura!

## **O pensar, e o pensar sempre**

O pensar, e o pensar sempre  
Dá-me uma forma íntima e (...)  
De sentir, que me torna desumano.  
Já irmanar não posso o sentimento  
Com o sentimento doutros, misantropo  
Inevitavelmente e em minha essência.

Toda a alegria me gela, me faz ódio,  
Toda a tristeza alheia me aborrece,  
Absorto eu na minha, maior muito  
Que outras. E a alegria faz-me odiar  
Porque eu alegre já não posso ser,  
E, conquanto o não queira assim sentir  
Sinto em mim que a minha alma não tolera  
Que seja alguém do que ela mais feliz.  
O rir insulta-me por existir,  
Que eu sinto que não quero que alguém ria  
Enquanto eu não puder! Se acaso tento  
Sentir, querer, só quero incoerências  
De indefinida aspiração imensa,  
Que mesmo no seu sonho é desmedida.  
E às vezes com pensar sinto crescer  
Em mim loucuras de (...)  
E impulsos que me transem de terror  
Mas são apenas (...) e passam.  
Mais de sempre é em mim (quando não penso  
E estou no pensamento obscurecido)  
Uma vaga e (...) aspiração

Quiescente, febril e dolorosa  
Nascida do (...) pensamento  
E acompanhando-o comovidamente  
Nas inércias obscuras do meu ser.

## ***Fausto perante o povo alegre***

Alegres camponeses, raparigas  
Alegres e ditosas,  
Como me amarga n'alma essa alegria!  
Vendo-a, que bem sinto que nunca a tive!  
Nem em criança, ser predestinado,  
Alegre era eu assim; no meu brincar  
Nas minhas ilusões de infância eu punha  
O mal da minha predestinação.  
Ao ver vosso dançar, ouvindo  
Vossas cantigas  
Sobe em mim um amargor que me estonteia  
E me faz odiar e desejar.  
Odiar o quê e desejar o quê?  
Não sei: sei que odeio e que desejo.  
Folgai — sinto a ironia dessa vida —  
Danças e cantos e a morte avança...  
Mas que importa?  
Tendes razão — se tendes! -  
Vem a morte e nos leva, e a Vossa vida  
Envolvida em inconsciências fundas  
Foi contudo feliz, enquanto a minha...  
Que dizer dela?  
Oh horror! horror!  
Não nasce em mim nem sombra de alegria  
Longínquo e exilado.  
Acabemos com esta vida assim!  
Acabemos! o modo pouco importa!  
Sofrer mais já não posso. Pois verei —

Eu, Fausto, aqueles que não sentem bem  
Toda a extensão da felicidade  
Gozá-la?

Eu que adaptado tenho  
A sensações profundas todo o ser  
Não as sentir? Ferve a revolta em mim  
Contra a causa da vida que me fez  
Qual sou. Eu morrerei e deixarei  
Neste mundo isto apenas: uma vida  
Sem prazer e sem gozo, sem amor,  
Só imersa em estéril pensamento  
E desprezo (...) da humanidade.

Mas eu, como entrarei naquela vida?  
Eu não nasci para ela.

## **Perdido / No labirinto de mim mesmo, já**

### Perdido

No labirinto de mim mesmo, já  
Não sei qual o caminho que me leva  
Dele à realidade humana e clara  
Cheia de luz, onde sentir-me irmãos.  
Por isso não concebo alegremente,  
Mas com profunda pesadez em mim,  
Esta alegria, esta felicidade,  
Que odeio e que me fere.

### Ouvir um riso

Amarga-me a alma — mas por quê não sei.  
Sinto como um insulto esta alegria...  
Toda a alegria. Quase que sinto  
Que rir é rir... não de mim mas, talvez  
Do meu ser.  
Um insulto ao mistério estar a rir  
E tendo o horror, do poder durar eterno  
Do incompreendido! Estranho!

Felicidade, (...) composto  
De sensualidade e infantilismo...  
Como te posso eu ter, felicidade?



## **Sua inconsciência alegre é uma ofensa**

Sua inconsciência alegre é uma ofensa  
Para mim. O seu rir esbofeteia-me!  
Sua alegria cospe-me na cara!  
Oh, com que ódio carnal e espiritual  
Me escarro sobre o que na alma humana  
Cria festas e danças e cantigas  
E veste ao horror e íntima dor de ser  
Esta capa de risos naturais.

Com que alegria minha cairia  
Um raio entre eles! Com que pronto  
Criaria torturas para eles  
Só por rirem a vida em minha cara  
E atirarem à minha face pálida  
O seu gozo em viver, a poeira que arde  
Em meus olhos, dos seus momentos ocos  
De infância adulta e toda na alegria!

Eu sou o Aparte, o Excluído, o Negro!  
Ó Ódio, alegra-me tu sequer!  
Faze-me ver a Morte roendo a todos,  
Põe-me na vista os vermes trabalhando  
Aqueles corpos! Tenham filhos, vejam  
Seus filhos afogados ante os olhos,  
As filhas violadas a seu ver.  
Quanto empeçonha a vida dos triviais,  
Essa dores da carne e do costume  
Que humilham e esporeiam, lhes ocupem

O que da vida fica após dançarem!

Mas nem o ódio me embriaga! Eu fico  
Torturado na cruz do ódio meu  
Inutilmente, como um Cristo (...)  
Em terra de gentios.

Ó febre em que estremece, frio,  
O meu ser.

## **Ao ouvi-los rir**

Ao ouvi-los rir

Parece-me ouvir chasquear de mim  
Um demónio horroroso e transcendente,  
E simbólico de algo do mistério  
Ou do universo. E vendo-os todos como  
Que intérpretes inconscientes desse  
Torturador obscuro, tomo ódio  
A esta ridente humanidade toda,  
Folgo de lhes pensar torturas n'alma,  
Com que perdessem esse riso e até  
As lágrimas na dor e no pavor.

Acordo ao conceber quanto eu odeio  
Mais do que isto, mais que a humanidade,  
Mas o universo todo, o transcendente  
Conteúdo horrendo do meu pensamento,  
Com um ódio adaptado a essa grandeza,  
E uma impotência de mostrar esse ódio  
Que essa grandeza, aumentando-o, tolhe.

**Estou acima do que agrada aos grandes**

Estou acima do que agrada aos grandes  
Ou aos cultos apraz, a sós comigo  
E com o mistério.

Tornei a minha alma exterior a mim.

## **É abismadamente curioso**

É abismadamente curioso  
E transcendentemente negro e fundo  
Ver os seres, os entes a mover-se  
A rir a (...), a falar, a (...)  
Na luz e no calor; e neles todos  
Um mistério que torna tudo negro  
E faz a vida horror incompreendido.

Uma noite de Tudo que é um Nada  
Um abismo de Nada que é um Tudo.

## **O pensamento que a dor (...)**

O pensamento que a dor (...)

E a aspiração que a sua essência ignora.

Se olho em torno de mim que longe eu vejo

A humanidade do meu pensamento,

Incompreendido eu sempre.

A envolver a humanidade inteira

Na inabjecção do meu desprezo frio.

## **Basta ser breve e transitória a vida**

Basta ser breve e transitória a vida  
Para ser sonho. A mim, como a quem sonha,  
E obscuramente pesa a certa mágoa  
De ter que despertar — a mim a morte  
Mais como o horror de me tirar o sonho  
E dar-me a realidade me apavora,  
Que como morte. Quantas vezes, (...),  
Em sonhos vários conscientemente  
Imersos, nos não pesa ter que ver  
A realidade e o dia!

Sim, este mundo com seu céu e terra,  
Com seus mares e rios e montanhas,  
Com seus arbustos, aves, bichos, homens  
Com o que o homem, com translata arte  
De qualquer outra, divina, faz —  
Casas, cidades, cousas, modos —  
Este mundo que sonho reconheço,  
Por sonho amo, e por ser sonho o não  
Quisera deixar nunca, e por ser certo  
Que terei que deixá-lo e ver verdade,  
Me toma a gorja com horror de negro  
O pensamento da hora inevitável,  
E a verdade da morte me confrange.

Pudesse eu, sim pudesse, eternamente  
Alheio ao verdadeiro ser do mundo,  
Viver sempre este sonho que é a vida!

Expulso embora da divina essência,  
Ficção fingindo, vã mentira eterna,  
Alma-sonho, que eu nunca despertasse!  
Suave me é o sonho, e a vida porque é  
Temo a verdade e a verdadeira vida.  
Quantas vezes, pesada a vida, busco  
No seio maternal da noite e do erro,  
O alívio de sonhar, dormindo; e o sonho  
Uma perfeita vida me parece...  
Perfeita porque falsa, e porventura  
Porque depressa passa. E assim é a vida.



## **Não é o horror à morte porque raie**

Não é o horror à morte porque raie  
Nela o mistério em mim, nem venha nela  
Ou o acabar-me, ou o continuar-me,  
Que em qualquer coisa horrenda de diversa,  
Para um pálido outro-eu me transmigrando,  
Me anule para um Mais que me apavora.  
Não. Não é na minha alma que os sineiros  
Rebatem medos pelo que hei-de ser  
É a minha carne que em minha alma grita  
Horror à morte, carnalmente o grita,  
Grita-o sem consciência e sem propósito,  
Grita-o sem outro modo do que o medo,  
Um pavor corporado, um pavor frio  
Como uma névoa, um pavor de todo eu  
Subindo à tona intelectual de mim.

Não temo a morte como qualquer coisa  
Que eu veja ou ouça, mas como quem teme  
Quando não sabe o que é que teme, e teme.

## **Condenados sem fim ao erro eterno.**

Condenados sem fim ao erro eterno.

Porque não será isto a realidade?

Porque não há-de ser, fantasma eterno,

O abstracto e inúmero velado mundo,

Sempre velado e abstracto, a sua própria

Unidade uma imprecisão,

Um todo indefinido, e mais que um todo

Onde a verdade e o erro, pontos fixos,

Nada sejam senão um maior erro?

**O que é haver haver? Porque é que o que é**

O que é haver haver? Porque é que o que é  
É isto que é? Como é que o mundo é mundo?  
Ah, o horror de pensar, como que súbito  
Desconhecer onde estou.

## **Num atordoamento e confusão**

Num atordoamento e confusão  
Arde-me a alma, sinto nos meus olhos  
Um fogo estranho, de compreensão  
E incompreensão urdido, enorme  
Agonia e anseio de existência  
Horror e dor, [agonia] sem fim!

## **O pensamento é enterrado vivo**

o pensamento é enterrado vivo  
No mundo e ali sufoca.

Sufoco em pensamento ao existir.  
Oh, horror! Oh inferno verdadeiro  
Passado no frio âmago desta alma  
Que se encolhe e arrepia de pavor  
Como querendo desaparecer  
E é consciente sempre de ter vulto  
Para o pavor tomar. Oh sumo horror  
Que o universo (...)

Sufoco em alma! Suma-se-me a vida  
E a consciência e eu deixe de pensar  
De fitar o mistério e sem querer  
Compreender-lhe o horror! Abra-me o sonho  
Ou a loucura a tenebrosa porta  
Que a treva é menos negra que esta luz.

O terror desvaria-me, o terror  
De me sentir vivo e ter o mundo  
Fechado a laços de compreensão  
Na minha alma gelada de pavor.

**Sonho feito do horror do pensamento,**

Sonho feito do horror do pensamento,  
Informe e hórrido, para sempre  
Longe de mim vossa lembrança horrível.

**E assim estou, pensando mais que todos,**

E assim estou, pensando mais que todos,  
Braços cruzados (...) além da fé,  
E raciocínio, e assim sem alegria  
Nem dúvida, além delas, da tristeza  
De quem aqui chegou, tornado apenas.

Não tenho, não, já dúvida ou alegria  
Mas nem regresso mais a essa dúvida  
Nem a essa alegria regressara,  
Se possível me fosse; tenho o orgulho  
De ter chegado aqui onde ninguém  
Nem nas asas do doido pensamento  
Nem nas asas da louca fantasia  
Chegou. E aqui me quedo consolado  
Nesta perene desolação.

## ***Fausto ao espelho***

*«Deus existe mas não é Deus» eis a chave transcendente de todo o ocultismo. É este o símbolo representado por «morte de Deus-Homem».*

Pode Deus existir mas não ser Deus;  
Transcendente mentira realmente  
Existindo e cercando-nos,  
O único Horror de um mistério maior.

Se Deus houvera dado  
À verdade outro ser  
Que não o ser pensando  
O Como a conceber,

Não nos dera a verdade  
Mas qualquer ilusão  
Na cómoda eternidade  
Da vasta escuridão.

Fora Deus Deus, Deus fosse menos que este  
Pensamento que abre na minha alma  
Um poço sem paredes, e eu pudesse  
Ao pensamento exceder o sumo  
Inexcedível, figurar mais vasto  
Deus que Deus é... Como seria assim?  
Por ser o ser que é absoluto ser!  
Não haver para além do sempre além  
Ou novas direcções do infinito,  
Número infinito de infinitos.



[ ... ]

Ah, parar de pensar! Pôr um limite  
Ao mistério possível. Ter o mundo  
Este infinito [?] mundo por o mundo,  
Por Deus o Deus que é dele e o fez e ama!  
Este meu pensamento transciente  
De transcendência, por magia ignota  
Evoque do Incógnito um torpor  
Com que se o mesmo casasse! Ah, um sono, um Sono  
Um sono de pensar me roube a mim!

Treva! morte! Trevas e morte do Eu!  
Matar-me dentro da alma! Que eu não pense  
Por absoluta ausência e em mim descansa  
Esta concentração multiplicada  
De mais mundos que os mundos infinitos,  
De mais seres que o ser que é mais que os seres!  
E eu mesmo em morte inteira seja Abismo!  
Vale-me o morte.

## **Talvez que Deus não seja real e exista**

Talvez que Deus não seja real e exista

Talvez não seja Deus e exista, e seja

Como nós o pensamos Deus p'ra nós.

## **LUCIFER: Como quando o mortal, que a terra habita,**

LUCIFER:

Como quando o mortal, que a terra habita,  
Aprende que esse céu todo estrelado  
É cheio de outros mundos, na infinita  
Pluralidade do criado,  
E um abismo se lhe abre na consciência  
E uma realidade invisível gela,  
Seu sentimento da existência,  
E um novo ser-de-tudo se revela,  
Assim, pensando e, a meu modo, vendo  
Na interna imensidão do espaço abstracto,  
Fui como deuses vários conhecendo,  
Todos eternos e infinitos sendo,  
Os astros.

E vi que Deus, se é tudo para o mundo,  
Se a substância e o ser do nosso ser  
Não é o único Deus mais que profundo.  
Há infinitos de infinitos.

Por isso, Deus é eterno e infinito, e tudo,  
Sim mesmo o tudo que é, Deus o transcende.  
Porém muita ciência a mais ascende  
Que a esse único Deus que a tudo excede.  
Além do transcender-se que Deus é.  
E ergui então a voz amargurada,  
Porque o conhecimento transcendente  
Deixa a alma exânime e gelada.

E clamei contra Deus o além-Deus,  
Disse aos meus pares o segredo ominoso.

Eterno condenado, errarei sempre  
Sempre maldito,  
Porque este mundo (...)  
Só sendo mais que Deus eu poderia  
Transcender o infinito do infinito  
E nascer para o inumerável dia...

Como, banido, o arqueiro Filoctetes  
Sou só na alma porque vi o abismo.  
Excluso eterno (...)  
A vida pávida que cismo.

Sou morte, porque sei que o infinito,  
É limitado, e assim Deus morre em mim.

Deus sabe que é uno, um e infinito,  
Mas eu sei que Deus, sendo-o, não o é.  
Mais longe que Deus vai meu ser proscrito.

## **Mas Deus não terá Deus? Não haverá**

Mas Deus não terá Deus? Não haverá  
Como dos brutos até o homem, uma  
Ladeira ou escadaria entre os supremos?

## **Roçou-me**

Roçou-me

O [...] pelo rosto o manto seu

E o seu manto é de Mal e Escuridão.

Coroou-me rei e a coroa que me deu

É um sinal de servidão.

## **Não poder Tarde**

Não poder Tarde  
Adivinhar (...) o teu segredo  
E o teu mistério ilúcido ignorar  
E o que tens que (...) esta emoção  
Encontrar (...) e o sentido,  
Vaga desesperança quase amarga,  
Da sensação que dás. Dás-me um aumento  
Da muda comoção indefinida  
Que sonha dentro em mim, uma ânsia como  
Que um esquecer de mal lembradas cousas,  
Ou de esquecidas vago relembrar,  
Intensas, rumorosas, torturadas,  
Mágoas de quem (a) existir se sente,  
Inconsolável desesperação,  
Vazia plenitude do sofrer.

## **Aos homens tu produzes palidezes**

Aos homens tu produzes palidezes  
Da sensação não tristes sempre, a alguns  
Um mais acentuado sentimento  
De tristeza; mas em mim, ah tarde! trazes,  
Em mim m'acordas e m'intensificas  
Meu desolado e vago natural.  
Qu'importa? Tudo é o mesmo. A mim, quer seja  
Manhã inda d'orvalho arrepiada,  
Dia, ligeiro em sol, pesado em nuvens  
Ou tarde (...)  
Ou noite misteriosa e (...)  
Tudo, se nele penso, só me amarga  
E me angustia.

Tenho no sangue o enigma do universo  
E o seu pavor que outros não conhecem  
E alguns talvez, mas não profundamente.  
Só a mim me foi dado sentir sempre.  
E se às vezes pareço indiferente  
E em mim mesmo calmo, é apenas  
O excesso da dor e do horror  
Cuja constante (...) me dói.



## **A vida é má e o pensamento é mau,**

A vida é má e o pensamento é mau,  
Mas eu temo com mudo e íntimo horror  
A morte, pois concebo-lhe como essência,  
Olhando-a do movimento e (...) da vida,  
Uma monotonia não sei qual,  
Cujo pressentimento desvaria  
O meu incoerente pensamento.

Essa monotonia que me nasce  
Da incompreensão, de nela suspeitar  
Diferença suprema do viver,  
Pavoroso contrário do bulício  
E movimentação da vida vã  
Que inda assim entretém meus olhos tristes;  
Essa ideia de (...) monotonia —  
Imovidamente concebi-a [ ?] —  
Faz-me o horror elevar-se até loucura  
Conscientemente, pavorosamente.  
E eu sinto um arrepio de pavor,  
Em torno meu o mundo oscila, o ser  
Oscila, e a consciência de sentir  
Desfaz-se em sensações de pensamento  
E distúrbios obscuros de ideação,  
Embebidos num sonho de sentir  
E sonhado sentimento de sonhar.  
Horror supremo! E não poder gritar  
A Deus — que Deus não há — pedindo alívio!  
A alma em mim se ironiza, só pensando

Na de pedir ridícula vaidade,  
Interrupção da determinação  
E férrea lei do mundo.

Górgias, antigo Górgias, que dizias  
Que se alguém algum dia compreendesse,  
Atingisse a verdade, não podia  
Comunicá-la aos outros — já entendo  
O teu profundo e certo pensamento  
Que ora não compreendia. Tenho em mim  
A verdade sentida e compreendida,  
Mas fechada em si mesma, que não posso  
Nem pensá-la. Senti-la ninguém pode.

Cada homem tem em si — eu chego a crer  
E tu Platão sonhaste-o — a verdade,  
Sem consciência de a possuir.  
Pois o inanalizado sentimento  
E inanalisável, de viver,  
De existir, da existência, e do existente  
Não tem em si verdade? Pois o Ser  
Mesmo na inconsciência não é Ser...  
Mas inconsciência como? Nada sei.  
Eu quero desdobrar em conhecidos  
A unidade da verdade que eu  
Possuo dentro em mim e certa sinto,  
E ela não pode assim ser desdobrada.  
Negro horror d'alma! Ah como estou só!  
No isolamento negro de quem pensa  
E além naquele de quem sabe

E nada dizer pode!  
Como eu desejaria bem cerrar  
Os olhos — sem morrer, sem descansar,  
Nem sei como — ao mistério e à verdade,  
E a mim mesmo — e não deixar de ser.  
Morrer talvez, morrer, mas sem na morte  
Encontrar o mistério face a face.  
Só, tão só! Olho em torno e vejo o riso,  
As lágrimas (...) e não percebo  
Qual a essência e (...) disso tudo.  
Sinto-me alheio pelo pensamento,  
Pela compreensão e incompreensão.  
Ando como num sonho. Compungido  
Pelo terror da morte inevitável  
E pelo mal da vida que me faz  
Sentir, por existir, aquele horror -  
Atormentado sempre.

Objectos mudos  
Que pareceis sorrir-me horridamente  
Só com essa existência e estar-ali,  
Odeio-vos de horror. Eu queria  
(Ah pudesse eu dizê-lo — não o sei)  
Nem viver nem morrer — não sei o quê,  
Nem sentir nem ficar sem sentimento...  
Nada sei... Serão frases o que digo  
Ou verdades? Não sei... eu nada sei...  
Não posso mais, não posso, suportar  
Esta tortura intensa - o interrogar  
Das existências que me cercam... Vamos,  
Abramos a janela... Tarde, tarde...

E tarde... Eu outrora amava a tarde  
Com seu silêncio suave e incompleto  
Sentido além  
Da base consciente do meu ser...  
Hoje... não mais, não mais me voltarão  
As inocências e ignorâncias suaves  
Que me tornavam a alma transparente...  
Nunca mais, nunca mais eu te verei  
Como te vi, oh sol da tarde, nunca,  
Nem tu, monte solene de verdura,  
Nem as cores do poente desmaiando  
Num respirar silente. E eu não poder  
Chorar a vossa perda (que eu perdi-vos),  
Mas nem as lágrimas poder achar -  
Por amargas que fossem — com que outrora  
Eu me lembrava que vos deixaria.

Nem em vós o mistério me abandona,  
Nem a vossa beleza em mim ignora  
Que vós, da beleza a própria essência,  
Inomináveis são! E mais sublime  
Apenas o mistério em vós; e não  
Como nas cousas simples horroroso...  
Nas cousas[?] que em meu quarto contemplando  
Me horrorizo... Estremeço, como sinto  
Atrás de mim o mistério! Já não ousa  
Voltar-me e ver... E ver! Delírio insano...  
Ver? A que loucura, a que delírio  
A sensação aguda do mistério  
Me leva... Nunca mais eu terei paz...

Céus, montes pedir-vos não poder  
Que entorneis na minha alma esse segredo  
Que vos faz existir e eu sentir-vos!  
Não poder oração de arte negra  
(Puerilidades não! para quê citá-las?)  
Provocar a verdade a que se mostre...  
Se mostre como? Oh, minha alma amarga,  
Cheia de fel, e eu não poder chorar!  
Quem sente chora, mas quem pensa não.  
Eu, cujo amargor e desventura  
Vem de pensar, onde buscaria lágrimas  
Se elas para o pensar não foram dadas?  
Já nem sequer poder dizer-vos: Vinde,  
Lágrimas, vinde! Nem sequer pensar  
Que a chorar-vos ainda chegarei!

*(Cai de joelhos ante a janela, a cabeça sobre os braços, olhando  
distraidamente para longe)*

## **UMA VOZ: Silente, medonho,**

### **UMA VOZ:**

Silente, medonho,  
Embebido em sonho  
Sombrio e profundo  
É o mistério do mundo.

### **SEGUNDA VOZ:**

Tecido de horrores,  
Mordido de dores  
Agudas de medo,  
E do mundo o segredo.

### **TERCEIRA VOZ:**

Submerso  
É o Ser do universo.

### **UMA VOZ DOLORIDA**

Mesmo que além do mundo (...) não seja  
Ainda assim há-de sonho e dor,  
Boca que ri, o lábio que beija  
Seu ódio ter, ter o seu horror.  
Nem só além do mundo há tristeza,  
Silente horror o mistério tem,  
Nem que humilde e com singeleza

Seja aqui DOR corno HORROR além.

Há muita voz — ouvi com espanto -  
A quem dá o mundo (...) de chorar  
Não só pensar tão triste o canto,  
Basta viver, para soluçar.

***(após as canções da tarde)***

Com o súbito frio do crepúsculo  
Entra em minh'alma um frio mais subtil  
Corporeamente entra o mistério em mim  
E eu comungo a presença ausente sua.  
Sua presença (...) se volve eucaristia  
De sombra. Sua carne e o seu sangue  
De universo e além me tornam seu.

Terras, céus  
A irreabilidade do mundo  
A realidade de Deus,  
Tudo sorvo em meu mistério  
Tudo é irreal ante mim,  
Ó infinitos!  
Transcendo o que não tem fim.



## **Sonhos dentro de sonhos,**

Sonhos dentro de sonhos,  
Involuções do sonhar,  
Os pensamentos são medonhos  
Quando se querem aprofundar;  
E os corações ficam tristonhos, tristonhos  
Quando se sentem sentir pensar.

ilusões dentro d'ilusões  
Atormentando o descrer;  
Descrenças e crenças são ambas visões  
São ambas sonhar, são ambas crer.

## O ateísmo

### O ateísmo

É (facto estranho) um acompanhamento  
Das moribundas civilizações.

Mas por quê? A loucura por que é  
Mais sã que a falta dela? Deve ser  
Aqui porque a um austero e forte povo  
É crença parte dessa austeridade.

Os ligeiros descrêem por ligeiros...  
Mais nada. Não confundo eu a descrença  
Dos grandes pensadores agónica,  
Co'a a descrença adiposa do corrupto  
Vulgar, vazia mais que tudo. Sim,  
Mas por quê — qual a íntima razão  
Que a crença e o sonho sejam necessários  
E tudo o mais funesto? Outro mistério,  
O mistério moral de lei moral  
Que me tolhe o caminho. Aonde via  
Claro, reconhecendo-me por cego  
Já hesito, duvido e me embaraço.  
Horror! eterno horror! horror, horror!

(senta-se)

O ser e o ser: é claro. Mas Ser... Ser...  
Vazio termo prenehe d'absolutos  
Mas ele mesmo... o ser é o ser..  
Transcendendo absoluto e relativo.  
O Ser é o Ser; é a única verdade  
Epigramática no seu vazio.  
Logo que pensamento daqui saia

Por impossíveis raciocínios, ou  
Por intuições ocas e vãs, delira.

Ironia suprema do saber:  
Só conhecer isso que não entende,  
Só entender o que entender não pode!

Isto são termos: seu horror é vago.  
Mas que liga espaço, tempo, que liga seres,  
Que liga um mundo, (...) cores, sons,  
Movimentos, mudanças (...)  
Que liga qualquer coisa, sim que a liga?  
Isto, considerado intimamente,  
Afoga-me de horror. E eu cambaleio  
Pelas vias escuras da loucura,  
Olhos vagos de susto pelo facto  
De haver realidade, e de haver ser.  
Estrelas distantes, flores, campos — tudo  
Desde o maior ao mínimo, do grande  
Ao vulgar, quando eu, aqui sentado,  
Fixamente o contemplo até que chegue  
À consciência sobrenatural  
Daquilo como SER, desse existir  
Como existência, tremo e de repente,  
Uma sombra da noite pavorosa  
Invade-me o gelado pensamento,  
E eu, parece-me que um desmaio envolve  
O que em mim é mais meu, que vou caindo  
Num precipício cujo horror não sei,  
Nem a mim mesmo logro figurar,

Que só calculo quando nele estou.

Formas da natureza variadas,  
Vossa beleza cedo vos senti.  
Infante eu era ainda e vinha olhar  
Do monte que deitava para o mar  
O sol morrer até que o frio cinzento  
Da noite a face (...) compungia.  
Não sei, não bem me lembro, ainda que tenha  
Vagas ideias daquela existência,  
Do que senti então. Era talvez  
O começo da onda do soluço  
Que depois dentro em mim murmuraria.

E hoje,  
Não chegados ainda os cinco lustros,  
Cansado já e velho. O pensamento  
Gasto como a uma folha do punhal  
Que seja esmero do possuidor  
Ter sempre mui aguda e que, amolando,  
Gasta, assim mesmo gasta o pensamento  
O sentir. Velho estou. E se não fosse  
O meu desesperado horror à morte,  
Já buscado a teria. Em tudo vejo  
Sombras e medos. Fico mudo, pois,  
Mas no horror de saber que me não poupam  
Imóvel esteja eu, os (...) todos  
Dos inevitáveis.

Lágrimas, vinde — Ah Deus que quase choro

Por não poder chorar-vos.

Acusa a luz, acusa a escuridão  
(Disse em dia terrível ao meu cérebro)  
Que até o forte sol fez esquecer.  
Acendamos a luz. Ah solidão!

## **CRISTO: A sonhar eu venci mundos,**

CRISTO:

A sonhar eu venci mundos,  
Minha vida um sonho foi.  
Cerra teus olhos profundos  
Para a verdade que dói.  
A Ilusão é mãe da vida:  
Fui doido e tido por Deus.  
Só a loucura incompreendida  
Vai avante para os céus.

Cheio de dor e de susto  
Toda a vida delirei,  
E assim fui ao céu sem custo,  
Nem por que lá fui eu sei.  
Meu egoísmo e vã preguiça  
Um choroso amor gerou;  
De ser Deus tive a cobiça,  
Vê se sou Deus ou não sou!

Como tu eu não fui nada,  
E vales mais do que eu;  
Nada eu. De alucinada  
Minha alma a si se envolveu  
Na inconsciência profunda  
Que nunca deixa infeliz  
Ser de todo — e assim se funda  
Uma fé — vê quem o diz.

Assim sou e em meu nome  
Inda muitos o serão;  
Um Deus — supremo renome,  
E doido! — suma abjecção.

#### CORO DE VOZES MÁSCULAS:

Através de ferro e fogo  
    Por ti iremos  
Ver a pugna. Por teu Nome logo  
    Iremos.  
No combate, na fogueira,  
    Cessaremos  
Mortos, mortos.

#### BUDA:

O meu sonho foi incompleto  
Por isso eu compreendi  
Que sofrer é o nome do trajecto  
Que o mundo faz de si a si.

#### GOETHE:

Do fundo da inconsciência  
Da alma sobriamente louca  
Tirei poesia e ciência  
E não pouca.  
Maravilha do inconsciente!  
Em sonhos sonhos criei

E o mundo atónito sente  
Como é belo o que lhe dei.

SHAKESPEARE:

E é loucura a inspiração!

VOZES:

Só a loucura é que é grande!  
E só ela é que é feliz!



## **Tudo é mistério para mim que o é...**

Tudo é mistério para mim que o é...

A luz do sol: o mistério feito brilho,

Canto d'ave: o mistério feito voz

Entristecem-me pois. Só uma cousa

Uma vez descoberta não se evita

Nem evitar se pode: é o mistério

E o seu íntimo e (...) horror

O horror nitidamente negro e abismado.

## **E o sentimento de que a vida passa**

E o sentimento de que a vida passa  
E o senti-la a passar  
Toma em mim tal intensidade  
De desolado e confrangido horror  
Que a esse próprio horror, horror eu tenho,  
Por ele e por senti-lo, e por senti-lo  
Como tal.  
Feliz a humanidade que, a não ser  
Em momentos febris e desolados,  
Não sente o esvair da existência  
(E há quem a sinta com tristeza imensa)  
Mas eu... eu não a sinto fugir-me,  
Penso-a a fugir-me e em lugar de tristeza  
Só esse horror é meu, silente e fundo.

**Ninguém compreende o meu sofrer**

Ninguém compreende o meu sofrer

Nem compreende porque não compreende.

## **Quando às vezes eu penso em meu futuro,**

Quando às vezes eu penso em meu futuro,  
Abre-se de repente (...) abismo  
Perante o qual me cambaleia o ser.  
E ponho sobre os olhos as mãos da alma  
Para esconder aquilo que não vejo.  
— Oh lúgubres gracejos de expressão!  
Estorce-se-me a alma sacudida e louca  
Até parecer rindo.

## **Triste horror d'alma, não evoco já**

Triste horror d'alma, não evoco já  
Com grata saudade tristemente  
Estas recordações da juventude!  
Já não sinto saudades como há pouco  
Inda as sentia. Vai-se-me desmaiando,  
Co'a força de pensar, contínuo e árido,  
Toda a verdura e flor do pensamento.  
Ao recordar agora apenas sinto  
Como um cansaço só de ter vivido,  
Desconsolado e mudo sentimento  
De ter deixado atrás parte de mim,  
E saudade de não ter saudade,  
Saudade de tempos em que a tinha.  
Se a minha infância agora evoco, vejo (  
Estranho! — como uma outra criatura  
Que me era amiga, numa vaga  
Objectivada subjectividade.  
Ora a infância me lembra como um sonho,  
Ora a uma distância sem medida  
No tempo, desfazendo-me em espanto;  
E a sensação que sinto ao perceber  
Que vou passando, já tem mais de horror  
Que tristeza, apavora-me e confrange  
E nada evoca nada a não ser o mistério  
Que o Tempo tem fechado em sua mão.  
Mas a dor é maior!

## **Fantasma sem lugar, que a minha mente**

Fantasmas sem lugar, que a minha mente

Figura no visível, sombras minhas

Do diálogo comigo.

## **Cantos, sois sombras da minha alma. Todos**

Cantos, sois sombras da minha alma. Todos  
Sois ilusões; minha alma canta em vós  
Pedindo esse descanso que não tem.  
Fugir de mim não posso.

### **VOZ LÍMPIDA:**

Venho d'além das estrelas,  
Sou mais bela do que elas,  
Cantar-te, Fausto,  
Canções mais tristes que o mundo,  
Cheias dum vagar profundo,  
Té sorrir teu coração  
Exausto.  
Esta minha melodia  
Fará abrir, como dia  
No seu raiar,  
Teu coração entornando  
O seu fel antigo e brando  
Como uma flor[?] e a ilusão  
Voltar.

### **OUTRA:**

Eu chorarei sobre ti  
Lágrimas de redenção.  
Os meus cabelos compridos  
Em que tantos envolvi

Tua face envolverão.

Nunca mais tu sentirás  
Dentro em ti a sensação  
De desolada desgraça;  
És meu e comigo virás  
Para a terra da ilusão.

No meu seio de luar  
Ganharás como um perdão  
Por tanta mágoa. Teus olhos  
Dormirão, e ao acordar  
Outra vez se cerrarão,  
Ao sono te voltarão.

(Fausto continua dormindo. A luz da lâmpada esvai-se lentamente e apaga-se. Noite e silêncio.)



## ENTREATO I

### UMA VOZ: Dorme grande inconsolável

UMA VOZ:

Dorme grande inconsolável  
Da vida, na escuridão.  
Não chores — que nada é estável...  
Não sentes a minha mão,  
Calma sobre a tua fronte?  
Dorme, e que a noite te conte  
Ilusões ao coração!

Dorme, dorme, eu vou cantar-te  
Melodias d'além-céu,  
E a solidão há-de amar-te  
Que por enquanto és só meu...  
Dorme e apaga o pensamento...  
Se pensar é um tormento,  
Ninguém como tu sofreu.

Hei-de envolver-te no manto  
Que a Dor teceu para ti;  
A Vida causa-te espanto  
E a Morte não te sorri.  
Deixa, deixa que assim seja:  
Minha boca, quando beija,  
Chama o coração a si.

## **A Inocência Perdida**

Tinha um campo alegre,  
Mas no ardor da febre  
Devastei-o, e então  
Semeei-lhe amores  
E nasceram flores  
De desilusão,

Tinha um barco lindo que pela água ia,  
Como nuvem branda pelo brando céu  
Carreguei-o d'ouro que o labor trazia  
E soçobrou logo que vogar queria  
E eu fiquei nas ondas sem o barco meu.

A jarra preciosa está partida  
E nada valem os fragmentos seus;  
A imagem do templo está caída;  
Partiu-se. Era de barro. Os seus crentes,  
perdeu-os.

Junta os fragmentos da jarra divina  
E a jarra não fazem;  
Volta ao altar a imagem  
Já não é o que foi.

**(Então vindas d'Além de Deus, como um arrepio, mesmo do Ser...**

*(Então vindas d'Além de Deus, como um arrepio, mesmo do Ser sem falar; insinuam-se no vácuo estas palavras:)*

O INOMINÁVEL:

No meu abismo medonho  
Se despenha mudamente  
A catarata de sonho  
Do mundo eterno e presente.  
Formas e ideias eu bebo  
E o mistério e horror do mundo  
Silentemente recebo  
No meu abismo profundo.

O Ser-em-si nem é o nome  
Do meu ser inominável;  
No meu mundo Maëlstrom,  
O grande mundo inestável,  
Como um suspiro se apaga,  
E um silêncio mais que infindo  
Acolhe o morrer da vaga  
Que em mim se vai esvaindo.

## **Sou mais que o SER que transcende**

Sou mais que o SER que transcende  
Criatura e Criador.

Se esse SER ninguém entende,  
Ele a mim e ao meu horror  
Menos. Vida, pensamento,  
Tudo o que nem se adivinha...  
É tudo como um momento  
Numa eternidade minha.

Mais que mundo e eternidade  
Num, silêncio cataclismo,  
Mais que ideia, ser, verdade,  
Acaba no meu abismo.  
E essas águas que esvair  
Se vêm ao meu profundo —  
Ninguém as ouve a cair,  
Nem eu me concebo um fundo.

## **ATO II**

### **Tudo transcende tudo;**

Tudo transcende tudo;  
Intimamente longe de si mesmo  
E infinitamente, o universo  
A si mesmo, existindo, se ilude.

## **Não é medo que faça estremecer**

Não é medo que faça estremecer  
Nem olhar trás de si, nem recear  
Inda que vagamente incoerentemente...  
Não tão humano horror: Este é o horror  
Do mistério, do incompreendido.

Ah mas o estremecer do pensamento  
É horroroso além de todo o horror.

**Já estão em mim exaustas,**

Já estão em mim exaustas,  
Deixando-me transido de horror,  
Todas as formas de pensar (...)  
O enigma do universo. Já cheguei  
A conceber como requinte extremo  
Da exausta inteligência que esse Deus,  
Que ensinam as igrejas com aqueles  
Seus atributos [...] — existir realmente  
Realmente existir e que houvesse  
Mas fosse sonho, e não sonho nosso...  
Sim cheguei a aceitar como verdade  
O que nos dão por ela, e a admitir  
Uma realidade não real  
Mas sim sonhada como esse Deus cristão.  
Mas isto, cuja ideia formidável  
Cheia de horríveis possibilidades  
Negra e profunda me (...)   
A mente, abandonei, não sem tremer,  
No caos do meu ser, onde jazem  
Juntamente com ela espectros negros  
De soluções passageiras, apavoradoras,  
Momentâneas, momentâneos  
Sistemas horrorosos, pavorosos,  
Repletos de infinito. Formidáveis  
Não só por isto mas também por serem  
Falhados pensamentos e sistemas  
Que por falharem só mais negro fazem

O poder horroroso que os transcende  
A todos, infinitamente a todos.  
Oh horror! Oh mistério! Oh existência!  
Para que lado não me virarei  
Onde abrirei os olhos — olhos d'alma —  
Que o mistério não me atormente, e eu  
Não avance tremendo para ele?  
E... Para que falar? O que dizer?  
Tudo é horror e o horror é tudo!



## **Concordar não posso**

Concordar não posso

Em que alguém mais do que eu tenha sentido

O mistério completo do universo

Completo e profundo.

## **Às vezes passam**

Às vezes passam  
Em mim relâmpagos do pensamento  
Intuitivo e aprofundador  
Que angustiadamente me revelam  
Momentos dum mistério que apavora;  
Duvidosos, deslembrados, confrangem-me  
De terror que entontece o pensamento  
E vagamente passa, e o meu ser volve  
À escuridão e ao menor horror.

No sangue frio que nas veias minhas  
Gira, no ar que sorvo, luz que vejo,  
Circula, entra, nada-me uma dor;  
E eu talvez à ternura outrora afeito  
(Se o pensamento me não dominasse)  
Sinto — como não sei — a alma mirrada  
E pálida no ser.

Não é apenas, (...), o pensamento  
Que assim me traz; é o pensamento fundo,  
A consciência funda e absoluta  
De todos os problemas minuciosos  
Do mundo, transsentidos no meu ser.

## **Caminhamos sobre abismos**

Caminhamos sobre abismos

Ai de quem o sente. A noite, uma noite funda

Cerca-nos, ai de quem conhece

Como ela é funda, como é inescrutável.

Pulsam-me as veias

Alucinadamente e um terror novo

Obtém-me, o terror de mim mesmo.

## **Quanto mais claro**

Quanto mais claro

Vejo em mim, mais escuro é o que vejo.

Quanto mais compreendo mais,

Menos me sinto compreendido. Ó horror

Da vida paradoxal deste pensar...

**Tudo é mistério e o mistério é tudo.**

Tudo é mais que ilusão; o próprio sonho  
Do universo transcende-se a si mesmo  
E a compreensão, ao penetrar  
Escuramente a essência da ilusão,  
Fica sempre aquém mesmo do ver bem  
O quanto tudo é ilusão o sonho,  
E quanto o próprio pensamento fundo  
Se ilude na desilusão falaz  
E no desiludir-se dele mesmo.

**Horror, ali que liga coisas que estejam**

Horror, ali que liga coisas que estejam

Ali — ali — ali e eu vendo e ouvindo

Tudo isto, horror, tresanda o pensamento.

## **Quisera ter**

Quisera ter

Isso que escuramente em mim aspiro:

O pensamento abrangedor de tudo

Numa compreensão única e funda.

Todo o contido em artes, letras, todas

As leis no fundo do universo nadas

Que regem (...) até a história

Em modalizações(...)

Era isto que eu, num pensamento único,

Abrangedor, quisera compreender.

## **Não é o vago**

Não é o vago

Epicurismo de sentir a vida

Deslizar e passar que me apavora;

É a íntima alma deste deslizar

A qual fitando negramente me entrega

A pavor (...)



## **A Consciência de existir, a raiz**

A Consciência de existir, a raiz  
Do ilimitado, omnímodo mistério  
Que tem tronco de Ser, folhas de vida  
Flores de sentimento e sofrimento  
E frutos do pensar, podres depressa.

A Consciência de existir, tormento  
Primeiro e último do raciocínio  
Que, porém, filho dela, a não atinge.  
A Consciência de existir me esmaga  
Com todo o seu mistério e a sua força  
De compreendida incompreensão profunda,  
Irreparavelmente circunscrita.

## **Não é em mim o menor horror**

Não é em mim o menor horror  
A consciência da minha inconsciência  
Do automatismo sobrenatural  
Que eu sou, círculo, de (...) sensações  
Rodando sempre, sempre equidistante  
Do centro inatingível do meu ser.  
s.d.

## **Cidades, com seus comércios (...)**

Cidades, com seus comércios (...)

Tudo é mesmamente estranho, mesmamente

Descomunal ao pensamento fundo

Estranhamente incompreendido.

Tudo é mistério, tudo é transcendente

Na sua complexidade enorme,

Um raciocínio visionado e exterior;

Uma ordeira misteriosidade,

Silêncio interior cheio de som.

## **Do horror do mistério são talvez**

Do horror do mistério são talvez  
Símbolos grosseiros esses horrendos  
Gorgona e Demogórgon fabulosos,  
Fatais um pelo aspecto outro no nome.  
Neles se vê a ávida ansiedade  
De dar em concepção que torturasse  
De terror, isso que de vago e estranho,  
Atravessando como um arrepio  
Do pensamento a solidão, integra  
Em luz parcial (...) a negra lucidez  
Do mistério supremo. É conhecer,  
O erguer desses ídolos de horror,  
A existência daquilo que, pensado  
A fundo, redemoínha o pensamento  
Por loucos vãos, declives de loucura  
Despenhadeiros de aflição, confusos  
Torturamentos, e o que mais d'angústia  
E pavor não se exprime sem que falhe  
Na própria concepção o conceber.

É o horror dos horrores esse horror  
De haver d'alma um estado, aquele estado  
Em que o mistério lhe penetra o abismo,  
E não haver palavras ou ideias  
Que atinjam esse estado ou comuniquem  
D'ideias a ideias o que passa  
De vago e horroroso. Do mistério  
O pavor é duplo — é o horror em si

O horror que sentimos ao senti-lo.  
Este que torna alegre e descuidosa  
A loucura, ao seu lado, que ligeiro  
Faz parecer tudo que de pavor  
Confrange, ou (...), enlouquece,  
Esta vacuidade angustiosa  
Do pensamento prenhe — quando tento  
Lembrar-me que a uma Causa, Ser real  
Corresponde — só essa ideia possível  
Me gela a consciência de existir  
E me entupe de pavor o fundo  
Sentimento do mundo e de mim mesmo.

## **O inexplicável horror**

O inexplicável horror

De saber que esta vida é verdadeira,

Que é uma coisa real, que é [como um] ser

Em todo o seu mistério [...]

Realmente real.

## **Dois horrores**

### Dois horrores

Me esmagam, cada um dos quais parece  
O maior dos horrores que há maiores:  
Um, o horror da morte, outro, o horror  
De não poder evitar encontrar  
Esse horror — ter que morrer. Dois...  
Dois só horrores? Não. À roda destes  
Giram milhares, interpenetrantes,  
Complexos, uns dos outros produzidos  
E nessa treva hedionda, nesse inferno  
Que me tem lugar n'alma o pensamento  
E o sentimento, horrorosamente  
Conscientes e agudos cambaleiam,  
Mergulham, desvariam, gritam, sangram,  
Mas sempre claros, sempre conscientes,  
Sempre em cada parcela desse horror,  
Medindo todo o horror e descobrindo  
Os outros e os outros e os outros  
E assim sempre, assim sempre, sem parar,  
Arrasto, em agonia inconcebida  
De qualquer agonia imaginante  
Doutros homens, a vida torturada,  
Esta vida que a dor me faz eterna  
E o horror da morte fugidia e mínima  
Em toda a parte, todo o mundo, o horror.

## **Mais que a existência**

Mais que a existência

É um mistério o existir, o ser, o haver

Um ser, uma existência, um existir —

Um qualquer, que não este, por ser este —

Este é o problema que perturba mais.

O que é existir — não nós ou o mundo —

Mas existir em si?



## **Todo o mundo de seres e relações**

Todo o mundo de seres e relações  
Aos meus olhos (...) se dissolve  
Em irrealidades e vazias  
Admirações de ser. Espanta-me  
De ver que há existência e existências.  
E reflectindo perco-me em profundos  
Pensamentos, bases uns doutros ainda  
Mais profundos, até nada entender.  
Tenho quase um sorriso ao ver-te, mundo,  
Existir — sóis, estrelas, firmamentos,  
Extensões que sufocam de terror,  
Cidades, palácios (...)  
Poetas (...) — ah, que diversidades  
E tudo sendo. O mistério do mundo,  
O íntimo, horroroso, desolado,  
Verdadeiro mistério da existência  
Consiste em haver esse ou um mistério!  
É esta a fórmula que encerra tudo...  
Todo o vácuo e horror do pensamento  
E que profundamente ponderar  
Não podemos sem dores de terror  
E esvaimentos d'alma de pensar.

## **FAUSTO: O casamento**

[FAUSTO]:

O casamento

A separação (...) em si  
Nada valem. Perante o pensamento  
São fórmulas vazias. Mas o homem,  
Na sua vida humana e colectiva,  
Não vive em metafísica. O real  
Puerilidade tem, contradições  
Necessárias a ele. O pensamento  
Não, a lei da vida. Tu não vês  
Que o mais real que há, base de tudo,  
O movimento, uma contradição  
Suprema é e [...]. Tu não leste  
De que formas de elixir (...)  
O próprio ser, a própria vida são  
Qual fórmulas perante o pensamento?  
Pertence aos ignorantes e aos doidos  
Desfazer convenções...

[ANTÓNIO?]

Sim, mas os génios?

FAUSTO:

Esses, porque são doidos. Ignorando  
As leves e ligeiras convenções  
Que excessos do útil e do usual  
As fórmulas são às necessidades  
Da vida do homem. Só a decadência  
Generaliza e se despreza.

Mas eu, se frio estou e confrangido  
Até ao seio d'alma, não perdi  
O sentimento de dever perante  
Os homens pr'a que busque vãos e inúteis  
Impossíveis progressos, semi-doido  
Semi-inconsciente da loucura.  
E o raciocínio em mim não dorme nunca  
E esse obriga-me a desdenhar as fracas,  
Vazias teorias que pretendem  
Por sentimentos a verdade obter  
E por razões vãs de sentimento nada.  
Nojo, sim tudo, filho! nojo, nojo!  
O homem vive em inconsciência, nasce  
E vive e morre inconscientemente  
Sem sequer do mistério aperceber-se,  
Mais perto que palavras, do que o cerca.  
Pensar, sentir, amar — ah, se tu visses  
Como eu o fundo da inconsciência vã  
Em que tudo se move. Se pudesses  
Compreender...

Bem sei, António,  
Mal transpuseste o limiar da porta  
Já meus (...) argumentos desdenhaste.  
Ou por doido me tens, ou por muito  
Escravo do passado. Eu! Mas assim é:  
Consciente só... (ia a dizer eu) sim,  
Conscientes poucos.

Havendo isto, há a vida; não a havendo  
Mais vida já não há. E assim de todas

As vidas existimos — da do mundo  
À da sociedade humana, António.

Impulsos jovens  
Que roubam a capa ao pensamento  
E parecem ao longe raciocínios,  
Mas a quem o pensamento não conhece.  
Eu que levei a vida a conhecê-lo  
Em tão débeis palavras não me engano.  
É [...] a ilustração,  
António, mas é certa. A humanidade  
E as suas mágoas, dores está acima  
De nossa frágil preocupação  
De novidade e (...) progresso.  
Eu amo a humanidade — antes amei-a  
(Que eu já não amo nada) se inda sinto  
Como que amor por ela é por lembrança  
Ou instinto daquilo que senti.

## **Não, não vos disse... A essência inatingível**

Não, não vos disse... A essência inatingível  
Da profusão das cousas, a substância  
Lógica e (...) do caos dos seres,  
Furta-se até a si mesma. Se entendeste  
Neste ou naquele modo o que vos disse,  
Não o entendestes que lhe falta o modo  
Per que se entenda.

## **Gela-me a ideia de que a morte seja**

Gela-me a ideia de que a morte seja  
O encontrar o mistério face a face  
E conhecê-lo. For mais mal que seja  
A vida e o mistério de a viver  
E a ignorância em que alma vive a vida,  
Pior me relampeja pela alma  
A ideia de que enfim tudo será  
Sabido e claro — e este mistério imenso,  
Que não entendo já, do que é de grande  
Para não ser sabido e adivinhado,  
Me pesa n'alma, venha a ser sabido  
E a realidade em todo o seu horror  
Desabe sobre a minha consciência  
Condenada ao horror de ser consciente.  
Pudesse eu ter por certo que na morte  
Me acabaria, me faria nada  
E eu avançara para a morte, pálido,  
Mas firme do seu nada.

Mas para este mistério do universo  
Que solução de realidade outra  
Que uma realidade enfim real  
E terrível de real, e pavorosa  
De ter de ser com consciência suportada?

## **Só uma coisa me apavora**

Só uma coisa me apavora  
A esta hora, a toda a hora:  
É que verei a morte frente a frente,  
Inevitavelmente.  
Ah, este horror, como poder dizer?  
Não lhe poder fugir! Não podê-lo esquecer!

E nessa hora em que eu e a Morte  
Nos encontrarmos  
O que verei? o que saberei?  
O que não verei? o que não saberei?  
Horror! A vida é má e é má a morte,  
Mas quisera viver eternamente  
Sem saber nunca, (...) e inconsciente  
Isso que a morte traz e (...)

Não me tenta o mistério  
Nem desejo saber  
O que é que vai do berço ao cemitério  
No ardor chamado viver.  
A verdade apavora-me e confrange,  
Perturba-me como a ninguém.

Que o tempo cesse!  
Que pare e fique sempre este momento!  
Que eu nunca me aproxime desse  
Horror que mata o pensamento!  
Envolvei-me, fechai-me dentro em vós

E que eu não morra nunca.

Odeio a vida, amarga-me e horroriza.

Mas a morte — oh a morte, velada

O próprio horror dentro em mim paralisa

Deixando a dor funda e estagnada.

Horror! Horror! O tempo, oh vidas com vida!

Mistérios menores onde esquecer

Se pode a mor dor indefinida,

Menos horrorosos porque não sabeis dizer

Esse segredo que dito deveis trazer.

Não me deixeis morrer...



**VICENTE: Todos, oh mestre, têm horror à morte...**

[VICENTE]:

Todos, oh mestre, têm horror à morte...

FAUSTO:

Ah não me ofendas com palavras vãs  
O horror do pensamento. Ninguém  
Como eu teve esse horror, nem poderá  
Nas veias e na alma e no sangue  
Tê-lo tão íntimo, tão internado  
Tão feito um comigo.

Ah,

São as primeiras, únicas palavras  
Em que a outro mostrei parte do ser.  
Tu não as compreendeste, nem podias,  
Nem nunca poderás. Tenta esquecer...  
Nunca mais me ouvirás falar assim...  
Estava ainda só comigo n'alma  
E falava comigo respondendo-te.  
Mas dize-me a que vinhas.

[VICENTE]:

Vinha... eu...

Eu vinha... ah... eu vinha procurar-vos  
Para falar... nada... Já me retiro.  
Estais febril, mestre, sim, sim, vejo bem  
E os vossos olhos brilham não sei como,  
Que...

FAUSTO:

Dize.

[VICENTE]:

Que...

FAUSTO:

O quê?

[VICENTE]:

Que me apavora.

FAUSTO:

Escuta, aproxima-te, é a primeira  
Vez que direi o que te digo. Tu  
Não compreenderás talvez ainda,  
Nem nunca... a essência do que digo  
Nunca, aí nunca. Escuta-me Vicente,  
São as últimas palavras que direi.  
Não compreendes isto,  
Não tomes susto. Escuta.

O mundo

Encerra um sonho como realidade  
E em cada seu fragmento — não me entendes (  
Vive todo.

Interpenetração de (...)

E complexos mistérios desconhecidos.

As figuras de sonho não conhecem

O sonho (...) de quem são figuras,

Porque o mundo não só é (...) sonhado

Mas é dentro dum sonho um outro sonho

Em que sonhados são os sonhadores

Também. Tu compreendes?

[VICENTE]:

Vagamente.

FAUSTO:

Possas tu sempre assim compreender

Como todos na terra que existiram  
Menos um.

[VICENTE]:

Cristo?

FAUSTO:

Cristo? Quem é Cristo?

Ah ri-te, ri-te desta distracção,  
Desta pergunta minha, de alheado  
Que ando do meu próprio ver e ouvir  
Feito. Deixemos isto, pois Lembra-me  
Uma cousa a que podes responder.  
Diz-me que pensas  
Do orgulho? De imperadores, reis  
E príncipes da terra e seu orgulho?  
Que pensas?

[VICENTE]:

Eu? Do orgulho? Julgo-o vão.

FAUSTO:

Todo o orgulho vão?

[VICENTE]:

Todo o orgulho.

Assim mo ensinaram, assim creio  
E assim razoável me parece.

FAUSTO:

Mas o orgulho do génio, desse que sente  
Retratar-se no espírito soturno  
A ilusão de existir definida  
Em mistérios e abismos e visões?  
E o desse?

[VICENTE]:

O talento é dom de Deus.  
Não sei que orgulho haverá em tê-lo  
Como se fora cousa produzida  
Pelo próprio. Por que quereis saber?

FAUSTO:

Eu? Nada. O talento é dom de Deus.  
E o orgulho não é dom de Deus?

[VICENTE]:

Por, parecendo humano que é nascido  
Da vã contemplação, como direi?  
Da maravilha de si mesmo. Eu,  
Se fosse talentoso — não o sou (  
A Deus diariamente o agradecia.  
Dar-me-ia prazer, mas não orgulho.

FAUSTO:

Bem agradeço-te. Deixa-me agora.  
Preciso de pensar Lembrou-me súbito  
Uma cousa... Logo te verei.  
Continuaremos.

[VICENTE]:

Mestre, até então.

FAUSTO: (só)

Em todo os raciocínios em que vivo  
Aquele (...) nunca fizera.  
Como aquelas palavras me feriram!  
Sim, por que ter orgulho — para quê?  
Mas — ah, quantos problemas e mistérios  
Essas palavras dum inconsciente  
Me abrem no pensamento. Que intenso  
Atropelar de (...) e teorias

De raciocínios, conclusões d'espírito  
Mal geradas dentro em mim,  
Não poder apagar este tormento;  
Não poder despegar-me deste ser;  
Não poder esquecer-me desta vida...

## **Quem sabe se morrendo eu passarei**

Quem sabe se morrendo eu passarei  
Apenas para outro grau de ignorância  
Outra forma do mesmo atroz mistério,  
Outro e novo mistério e enfim o mesmo?  
Se noutra espécie de outra terra eu for  
Continuar a ignorância e o medo  
Do Essencial? Assim deve ser  
Porque a verdade deve ser o mais  
Profundo que se pensa e não o menos,  
O mais inexplicável, não o menos  
E, fora do absurdo, o mais absurdo...

Ah, não morrer e não morrer nunca, ainda  
Que me quebrassem dores todo o corpo  
Que grão a grão de carne endurecida  
Apodrecesse em mim... Tudo, tudo, tudo  
Mas ficar-me a vida! Nunca ir  
Ao encontro do abismo do Possível  
Aonde apesar de tudo talvez haja  
A Verdade...  
Pode a Verdade Suma ser velada  
Sempre para nós... E a morte revelar-nos  
Outra qualquer Verdade falsa e eterna  
Que seja um pavor toda e nada seja,  
Mas seja tudo quanto eternamente  
Possamos ver e ter... Oh horror, oh abismo  
Ah ter que ir, que seguir, e ver ao fundo  
Um fim de estrada, e um precipício e o som

Não sei de quê ao fundo!...

**Desejava querer fugir de mim.**

ali. ali. ali

e...e...e...

Palavras, não sois nada!

O que é Deus?

Uma palavra,

Pouco mais que um som.

E um som?

Nada.



## **O nosso mundo é real e o Deus que tem**

O nosso mundo é real e o Deus que tem  
— O Deus das fés, das crenças, com seu céu (  
É absolutamente verdadeiro,  
É a realidade, é o criador,  
É a Vida e a fonte da Eterna Vida...  
Mas nada disso é a Verdade real...  
E o próprio Deus não sabe qual é ela...  
Ele próprio tem o seu mistério, e pesa  
Sobre o que nele seja o Pensamento  
O mesmo Górgona que sobre nós pesa...  
Ele é sim, infinito e verdadeiro,  
Ele sim o eterno criador  
Que está além do tempo, e o espaço, e o (...)  
Mas não é mais que um sol porque girando  
Em torno ao Ser absoluto... e este é apenas  
O sol centro dum sistema dos  
Inúmeros sistemas  
De que a Verdade Essencial é feita!  
Sim, iremos, seres imortais  
Sim, iremos a Deus e eternamente  
Aí estaremos... E tudo isso é certo...  
E tudo isso é falso, é tudo falso.  
Outra e fechada sempre é a Verdade...  
Outro é Deus do que Deus... e antes são reais  
Outros seres do que o ser [...]

**FAUSTO: - Não descreio de Deus, passei p'ra além...**

...Deus

FAUSTO:

Não descreio de Deus, passei p'ra além...

Um dia, meditando

Uma ideia espontânea e horrorosa

Como um vulto supremo sem ter vulto,

Surgiu no fundo do meu pensamento...

Como a noite corporizada, e o medo

Vestindo-a, e (...)

Apareceu-me Deus em esqueleto...

Tudo despira do seu corpo ideal

Não de infinito só, de inatingível,

Mas mesmo de mais do que inatingível.

Até ao fundo do seu ser abstracto

O meu ser despi, e eu vi o (...)

Esqueleto (...) do Mistério...

O informe tomou forma dentro em mim...

Ah inda hoje, se relembro, sinto

Como um medo no longe, um pavor negro

Não em mim, mas em todo o Universo,

Um arrepio pelas estrelas fora

E um grande horror arrepanhando os céus

Como à humana pele que tem medo...

(treme)

— Isso é um pensamento...

FAUSTO:

Se eu pensei

Isto, se isto me foi possível

É crível que a verdade seja  
Mais profunda que o meu pensamento.  
Como pensei eu cousas mais profundas  
Do que a verdade em si?  
Apareceu-me o Universo íntimo  
Do misterioso avesso... E eu vi, (...)  
O outro lado das cousas, não das cousas  
Aparentes apenas, mas o outro  
Lado até do Essencial, do Inaparente,  
Do além-divino e do Divino em Deus...  
Tinha a forma, sensível aos meus olhos  
Do espírito, dum imenso céu estrelado.  
Mas eu, com nítida visão de dentro,  
Via que era infinito, como se visse  
Em corpo e forma (...) [...]  
E sob o meu olhar apavorado  
Vi o nosso sistema do universo  
Mais perto... A ideia abstracta e nua,  
A vida extrema e última de nós.  
O Ser, o ser abstracto e (...)  
Era um sol — sol de (...) e seguia  
Como da circunferência para o centro  
(Não como nós que vemos sempre — e em sonho  
É o mesmo (do centro sempre p'ra o espaço,  
Real ou suposto nessa circunferência) —  
Eu vi, e cada sol e seu sistema  
Ia em outros sóis e outros sistemas  
Na órbita de sóis mais interiores  
(O centro de cuja circunferência  
Eu via em infinito para dentro,

Não para fora como infinito mesmo)  
E o nosso mundo como um deus nele  
Era um mero satélite  
De um sol do só primeiro sistema  
Raiando a ideia sobre o seu mundo.

Infinito interior ao interior!  
Pavorosa agonia do Profundo!  
Vacuidade e realidade negra  
De tudo!

## **Ímpetos de dizer-lhe (....) acorda!**

Ímpetos de dizer-lhe (....) acorda!

Acorda, olha o mistério ao pé de ti!

E assim pensando rio amargamente

Dentro em mim rio como se chorasse.

## **Quanto mais fundamente penso, mais**

Quanto mais fundamente penso, mais  
Profundamente me descompreendo.  
O saber é a inconsciência de ignorar,  
Mesmo quem sabe muito nada sabe.

Quanto mais fundamente penso, sim,  
Mais fundamente me sinto ignorar,  
Mais fundamente sinto alguma coisa  
Além do que profundamente penso.  
E é isto que dizer me faz: eu penso  
Profundamente.

## **Não é o vício**

Não é o vício

Nem a experiência que desflora a alma:

É só o pensamento. Há inocência

Em Nero mesmo e em Tibério louco

Porque há inconsciência. Só pensar

Desflora até ao íntimo do ser.

Este perpétuo analisar de tudo,

Este buscar duma nudez suprema

Raciocinada coerentemente,

É que tira a inocência verdadeira

Pela suprema consciência funda

De si, do mundo, de todos. Guarde, guarde

Fora do vício e do vil mundo além

Em gruta ou solidão o eremita;

Se o pensamento vir tudo

(...)

Pensar, pensar e não poder viver!

Pensar, sempre pensar, perenemente,

Sem poder ter mão nele! Ah eu sorrio

Quando às vezes eu noto o inconsciente

Riso vazio do bandido,

Rindo-se da inocência! Se ele soubesse

O que é perder a inocência toda...

Não a inocência vã do corpo ao olhar,

Ou vulgar e banal conhecimento,

Mas a inocência bela do viver;

De sentir — seja mesmo como ele

Esse (...) escravo do deboche-seja!

Sentir um sentir que abertamente  
Se não ache vazio.

O Tédio! O Tédio quem me dera Tê-lo!  
Se os (...)  
Soubessem o que eu sinto. Eles não pensam  
E eu... e eu...



## **Essa simplicidade d'alma**

Essa simplicidade d'alma  
Possuída não só dos inocentes  
Mas até dos viciosos, criminosos  
De ter uma (...)  
Sem constantemente analisar  
O que vai no seu ser, essa pureza  
Que faz a vida leve mesmo ao mais  
Sério, que nunca nos de todo afasta  
Da criança em nós, essa simplicidade  
Perdi-a e só me resta um vácuo imenso  
Que o pensamento friamente ocupa.

Medo da morte não; horror da morte.  
Horror por ela ser, pelo que é  
E pelo inevitável (...)

## **...Como condenado**

...Como condenado

Que ligado (...) vê avançar  
Qualquer tormento atroz, qualquer horror,  
Eu, ligado à vida, vejo avançar  
A morte para mim; mas ao condenado,  
Inda no seu horror, lhe luz ao menos  
Uma sombra desesperada d'esperança,  
Inda o horror que espera não é aquele  
Horror da morte — não tem o intenso  
Carácter de inevitabilidade  
Que a morte tem. A mim nem esperança  
Nem suspeita de sombra de esperança  
Ocorre, mas o horror completo e negro.

Isso que lhe aparece por resgate  
É o que eu temo!

## **Em Mim**

Paro à beira de mim e me debruço...  
Abismo... E nesse abismo o Universo  
Com seu Tempo e seu Espaço é um astro e nesse  
Abismo há outros universos, outras  
Formas de Ser com outros Tempos, Espaços  
E outras vidas diversas desta vida...  
O espírito é antes estrela... O Deus pensado  
É um sol... E há mais Deuses, mais espíritos  
Doutras maneiras de Realidade...  
E eu precipito-me no abismo, e fico  
Em mim... E nunca desço... E fecho os olhos  
E sonho — e acordo para a Natureza...  
Assim eu volto a Mim e à Vida...

Inclino o meu ouvido para mim  
E escuto... Um Deus Real e Verdadeiro  
Criou nosso universo em sua dupla  
Unidade divina de corpo e alma... E esse  
Deus, com seu Universo real e eterno,  
É um átomo num mundo de universos.  
Inextricavelmente  
Há outras realidades.

É saber isto que me faz alheio  
À vida e pálido entre a humanidade...

Deus a si próprio não se compreende.  
Sua origem é mais divina que ele,

E ele não tem origem que as palavras  
Possam fazer pensar...

Fecha as portas da Alma! Faze ruído!  
Agita, grito, o teu externo Ser,  
Encobre-me a Presença do Mistério!

Pode ser que mundo possuamos  
Um paraíso eterno, e vida divina  
Seja (ó relâmpago do pensamento!)  
A realidade! A ilusão talvez  
Dure pra sempre... Quem criou um átomo  
Ainda por criar  
Pode criar uma ilusão eterna...  
Altitude! Altitude! Não respiro!  
Passei além da Realidade, ergui-me  
Acima da Verdade... Deus... O Ser  
O abstracto ser em sua abstracta ideia  
Esse próprio, o mesmo sonho divino (?  
Apagou-se e eu fiquei na noite eterna  
Eu e o Mistério face a face...

## **O mistério ruiu sobre a minha alma**

O mistério ruiu sobre a minha alma  
E soterrou-a... Morro Consciente!

Quem sou? Não sei. Cego vou  
P'la noite sem mesmo a ver...  
Sou eu e habito o que sou  
Alheio ao meu próprio ser.

Vivo outra vida que a minha,  
Nem sei o que é o vivê-la.

**Lidas, / guerras... e guerras**

Lidas,

guerras... e guerras

Porque é tudo tão falso e irreal

Tão intimamente (um) sonho?

**Para mim ser é admirar-me de estar sendo.**

### Horror da Morte

A ilusão da vida, é horrorosa;  
Mas o horror de pensar  
Que a morte quebra  
Essa ilusão numa realidade  
Reveladora da verdade certa!  
Oh, esse horror!

## **Para quê te falar? Ninguém me irmana**

Para quê te falar? Ninguém me irmana  
Os pensamentos na compreensão.  
Sou só por ser supremo, e tudo em mim  
É maior.



**Ah qualquer coisa,**

*(after useless discussion)*

Ah qualquer coisa,  
Ou sono ou sonho, sem doer isole  
O meu já isolado coração!  
Se as palavras que eu diga nunca podem  
Levar aos outros mais do que o sentido  
Que essas palavras neles têm, e [existo]  
[Por] fora do que digo, oculto nele  
Como o esqueleto nesta carne minha,  
Invisível estrutura do visível,  
Diferente e essencial...

Cai sobre mim, apagamento meu!  
Querer querer, inútil pedra ao mar!  
Saco p'ra colher vento, cesto de água,  
Caçador só do uivar dos lobos longe...

## ENTRETO II

### **SER: Sou assim a íntima essência**

SER:

Sou assim a íntima essência  
Do suspiro, do lamento  
Do profundo pensamento  
Que há por nome «Existência».  
Mais vago e maior eu sou,  
E quem melhor pensa bem;  
Eu assim tremendo encontro  
O ponto final do Além.

Nada digo e digo tudo  
Com meu nome mudo frio;  
Causa à alma um arrepio  
Meu simbolizar de tudo;  
E o pensamento estremece  
Dum íntimo horror ingente  
Por que além de mim conhece  
Que nada há e nada sente.

**EXISTÊNCIA: Vaga noção abstracta,**

EXISTÊNCIA:

Vaga noção abstracta,  
Inda sou mais que tu!  
Em mim é visto nu  
(E compreende-o ninguém)  
O Mistério (...) cru  
Que mundo e vida têm.

Sou nome vago e simples  
Mas menor verdade sou  
Ninguém já me abraçou  
(Compreendeu-me ninguém)  
Meu nome quem achou  
Não pôde ir mais além.

## **SUSPIRO DO MUNDO: Tremo de medo:**

### **SUSPIRO DO MUNDO:**

Tremo de medo:

Eis o segredo aberto.

Além de ti

Nada há, decerto

Nem pode haver:

Além de ti

Que não tens essência

Nem tens existência

E te chamas só SER.

Oh

Nada pode haver!

## **Nos vastos céus estrelados**

Nos vastos céus estrelados  
Que além de espaços estão,  
Sob a regência de fados  
Que ninguém sabe o que são,  
Há sistemas infinitos,  
Sóis centros de mundos seus,

E cada sol é um Deus.

Eternamente excluídos  
Uns dos outros, cada um  
É universo.  
Mundo dentro de mundos  
Infinidades variadas,  
Abismos muitos, sem fundo  
(...)

## **ATO III**

### **Não sei de que maneira a sucessão**

Não sei de que maneira a sucessão  
Dos dias tem achado este meu ser  
Que a si mesmo se tem ignorado.

Não sei que tempo vago atravessei  
Nos breves dias de febril ausência  
De parte do meu ser. Agora  
Não sei o que há em mim que sobrenada  
A ignorada cousa que perdi.  
Cansado já doutra maneira vaga,  
Sinto-me diferentemente o mesmo;  
Não sei detidamente o que mudou  
Em mim, nem sei o que de mim me resta  
A não ser esta vaga e horrorosa  
Sufocação da existência inerte  
Num pavor. Mas a mesma já não é.

Sinto pavor, mas já não é o mesmo  
Pavor, nem é a mesma solidão  
D'outrora, a solidão em que me sinto.

Queimei livros, papéis,  
Destruí tudo por ficar bem só,  
Por quê não sei, não sabê-lo desejo.

Resta-me apenas um desejo ermo

De amar e de sentir, mas não me sinto  
Educado no ser ou natural  
Ao sentimento, à emoção, à vida,  
Mas alheado (...) e negramente  
E orgulhoso mais por ser distante  
Do que distante por ser orgulhoso.  
Pesado fardo da grandeza! Horror!  
Não a reis ou a príncipes lhes pesa  
E o responsável ânimo e(...)  
Como a mim o existir. Pesa-me mais  
Do que dantes, mas — como o sei?  
Menos misteriosamente, menos  
Intimamente. Estou mais apagado  
E a minha antiga dor imorredoura  
Mais escondida dentro em mim de mim  
E eu menos, não sei como, isolado  
Só de mim mesmo, perdido (...)  
O último abrigo, horroroso e (...)  
Mas com tecto.  
Como que nu me sinto e exilado  
Entre coisas estranhas, (...)

Só que o horror profundo doutro tempo  
Já me deixou. Pensava tudo estranho,  
Hoje, mais vaga — menos (...) -mente  
Eu sinto tudo estranho, sinto-o, sinto-o  
Fora do pensamento não sei como  
E mais perto do mundo vagamente.

Neste atordoamento nasce em mim

Qualquer coisa de negro e estranho e novo  
Que pressinto com medo, e que, outrora,  
Arredado de mim dentro em minha alma,  
Eu pressentia sem o pressentir,  
Sem consciência consciente dela.  
Como a linha de negro num poente  
Se ergue em negra nuvem e enegrece  
E cresce, levantando-se e obumbrando  
O firmamento, sinto despontar  
Prenúncios de tormento e confusão  
Num silêncio que insiste dentro em mim.



## **Sinto horror**

Sinto horror

À significação que olhos humanos  
Contêm;

À prescrutação que dum ser fazem  
Revelado de gestos e palavras  
As almas.

Não quero entregar-lhes, pois,  
Em desmando ou abertura do meu ser  
O que em mim me faz meu. Sinto preciso  
Ocultar o meu íntimo aos olhares  
E aos prescrutamentos que olhares mostram;  
Não quero que ninguém saiba o que sinto,  
Além de que o não posso a alguém dizer,  
Mais há que aquilo que dizer não se pode.  
Não se pode dizer porque não se pode.

## **Diferentemente o mesmo**

Diferentemente o mesmo

Ligado a um meu passado estranho e vago

Por um negrume e continuar de dor.

## **Memórias de pensar vivem em mim**

Memórias de pensar vivem em mim  
Desordenadamente desconexas  
Num atordoamento do meu ser.  
A lucidez horrorosa d'outrora  
(E outrora era ontem) já não tenho;  
Mas sinto-a, não sei como, nesta surda  
Nocturna confusão aglomerada  
De (...) e porções de pensamento.  
Como se um horror (...) que no dia  
Enchesse de turvo a terra em sol  
Não acabasse, mas confusamente  
Rumorejasse silenciosamente  
Na perturbada paz da noite.

## **Ânsia infinda**

### Ânsia infinda

De reaver o direito à sensação,  
Que é humano em mim e que esquecido tinha;  
Ânsia de vã paixão que muito parte  
Do (...) desesperado sofrimento;  
Ânsia de sentir e (...)   
E antes de ser amado que de amar.

Mas ah, não sei se já — estranho ser (  
Volver eu posso à vida, pois me sinto  
Estranho ao mundo, à vida e aos olhares,  
Um Incapaz de ser irmão. Dum salto  
Queria reaver meu natural  
Como homem. E depois? Depois não sei.  
Ah, nem no sonho, forte pensamento,  
Me deixas, seco e argumentador.

É necessário pois não pensar mais.  
Mas não; não pode ser, a abdicação.  
Mas o quê — abdicar do pensamento  
Em proveito da mera sensação?

## **Quando penso**

Quando penso  
Em glória, fama, (...)   
(...) tudo acabando em morte  
Eu sinto um frio n'alma, um confranger,  
Obscurecer de todo o pensamento,  
Dissolver da clareza da consciência  
Nos seus (...) elementos escuros.

Tudo formas  
Do gélido sentimento de existir  
Que é o frio habitual do meu sentir;  
Sentir a vida como um arrepio,  
Como um horror, como uma morte consciente.

O frio do mistério enche tudo  
Porque o mistério é tudo e é tudo a vida.

## **Há entre mim e o real um véu**

Há entre mim e o real um véu  
À própria concepção impenetrável.  
Não me concebo amando, combatendo,  
Vivendo como os outros. Há em mim,  
Uma impossibilidade de existir  
De que [abdiquei], vivendo.

**...e desse refterver me veio**

...e desse refterver me veio  
Mudo aniquilamento da vontade  
Paralisada pelo (...) excesso  
Do poder do desejo, mesmo sobre  
A imaginada força do poder.

## **Tudo transcende tudo**

Tudo transcende tudo  
E é mais real e menor do que é.

Sinto-me perturbado  
E a consciência da perturbação  
Mais me perturba.

Não sei que desejar  
Nem que desejável ser em mim.  
Todo o modo de ser além da morte  
Me apavora e confrange.



## **Montanhas, solidões, objectos todos,**

Montanhas, solidões, objectos todos,  
Ainda que assim eu tenha de morrer,  
Revelai-me a vossa alma, isso que faz  
Que se me gele a mente ao perceber  
Que realmente existis e em verdade,  
Que sois facto, existência, cousas, ser.  
Quanto o sentem, quanto, ao ouvir-me  
«Estou aqui» compreenderão  
Íntima e inteiramente, ouvindo n'alma  
A alma da minha voz?

### **A expressão**

Fez-se para o vulgar, para o banal.  
A poesia torce-a e dilacera-a;  
Mas isto que eu em vão impor-lhe quero  
Transcende-lhe o poder e a sugestão.  
Metáfora nem símbolo o exprime;  
Desespero ao ouvir-me assim dizer  
Isso que n'alma tenho. Sinto-o, sinto-o  
E só falando não me compreendo.

No mais simples dos factos é que existe  
O horror maior: nisto: que há existência.  
Sentir isto, eis o horror que não tem nome!  
Mas senti-lo a sentir, intimamente,  
Não com anseios ou suspiros d'alma,  
Mas com pavor supremo, com gelado  
Inerte horror de desesperação.

## **De vez em quando surge-me nos lábios**

De vez em quando surge-me nos lábios  
Uma canção de amor e, instintivo,  
Nela choro unia amada morta. Sim.  
É a noiva eterna morta de um eu  
Que não soube amar.

Ah que feliz

Seria se eu pudesse aniquilar  
O pensamento, a comoção — o que eu  
Mais odeio e mais prezo — e m'envolver  
Numa vida vazia e trabalhosa,  
Com amores, ternura! Beberia  
A alegria do regalo de existir  
Sem perguntar onde era a sua origem  
Nem onde tinha fim. Felicidade  
Fez-se para quem a não pode sentir.  
Completo e apreensível horror  
Do mistério que eis volta ao pensamento!

Hoje se morre alguém que estimo — se eu  
Estou ainda algo em mim absorto  
No que é mais do que eu — se morre alguém  
Que amo — admitamo-lo — já não choro,  
Não sinto dor: gela-me apenas, muda,  
A presença da morte que triplica  
O sentimento do mistério em mim.

**Tivesse eu mil parentes ou cercado**

Tivesse eu mil parentes ou cercado  
Fosse de amigos, camaradas mil,  
Eu estaria tão só como hoje estou.

## **Horror! Não sei ser inconsciente**

Horror! Não sei ser inconsciente  
E tenho para tudo, do que é bom  
À inconsciência, o pensamento aberto,  
Tornando-o impossível.

O amor causa-me horror é abandono,  
Intimidade, mostrar (...) do ser

E eu tenho do alto orgulho a timidez  
E sinto horror a abrir o ser a alguém,  
A confiar n'alguém. Horror eu sinto  
A que prescrite alguém, ou levemente  
Ou não, quaisquer recantos do meu ser.  
Abandonar-me em braços nus e belos  
(Inda que deles o amor viesse)  
No conceber de tudo me horroriza;  
Seria violar meu ser profundo,  
Aproximar-me muito doutros homens;  
Uma nudez qualquer — espírito ou corpo (  
Confrange-me: acostumei-me cedo  
Aos despimentos do meu ser,  
A fixar olhos púdicos, conscientes  
Demais. Pensar em dizer «amo-te»  
E «amo-te» só — só isto me angustia...  
Pensar que ao rir (e mesmo que o não seja)  
Exponho uma íntima parte de mim,  
Para poder amar eu precisava  
Esquecer que sou Fausto o pensador.

Eu queria era dormir, dormi, dormir,  
Longo dormir, meio sentindo em sono,  
E dormir sempre, sem consciência ter  
Do tempo, só do sono sonolento  
E da vacuidade do meu ser;  
Dormir sem vir a morte, nem sonhar  
Mas dormir só dormir, sempre dormir.  
Que hoje já de dormir desaprendi.  
Cansado de pensar, a pensar fico,  
E as noites longas, longas, longas, longas,  
E o pálido raiar de inda doutro dia...  
Inda outro dia que trará ainda  
Uma outra noite e essa mais dias, mais...  
Insone sentir isto, e o deslizar  
Suave e horroroso do tempo.  
Cai então sobre mim todo o horror claro  
E nítido e visível do mistério,  
E eu tal fico em abalo e em comoção  
Que durmo — sim que durmo de pesar-me  
Tudo de mais p'ra mais poder sentir.  
Então durmo... e antes eu não dormisse  
Porque desordenadas incoerências  
Mas não visões, só abstracções terríveis  
(...)

## **Há entre mim e a humanidade um golfo,**

Há entre mim e a humanidade um golfo,  
E esse golfo está dentro do meu ser.

Quer solitário, quer com outros, eu  
Estou sempre só, nem a mim mesmo faço  
A companhia de sentir. Navego,  
Desabitada nau no mar da vida,  
Mais só que a solidão. Sou um estranho  
Ao que em mim pensa. Sou de qualquer modo  
Dois, para que, quando passageira  
Alegria do esforço de pensar (  
A única alegria que me resta (  
Me (...), eu tenha a consciência dela  
Como vazia, como o prazer todo.

**O horror de me sentir viver,**

O horror de me sentir viver,  
De me sentir um sonho ante outros sonhos...  
Horroroso sonhar, o horror de ver-me  
Mais que ignorante do que é isto tudo.

## **Tudo isto**

Tudo isto  
Desde os céus e as estrelas  
Até às pequenezes íntimas  
Me horroriza por ser

E (...) compreendo  
Até ao negro da compreensão

Aborreço-me da possibilidade de vida eterna; o tédio de viver sempre deve ser imenso. Talvez o infinito seja isso. Só o tédio de o pensar é horroroso.



## **O único mistério no universo**

O único mistério no universo  
É haver um mistério do universo.  
Sim, este sol que sem querer ilumina  
A terra e as árvores, e as estações todas;  
As pedras em que eu piso, as casas brancas,  
Os homens, o convívio humano, a história,  
O que se passa — tradição ou fala —  
Entre alma e alma — as vozes, as cidades —  
Tudo nem traz consigo a explicação  
De existir, nem tem boca com que fale.  
Por que razão não raia o sol dizendo  
O que é? Por que motivo sossegado  
Existem pedras sob os meus passos, e ar  
Que eu respiro, e eu preciso respirar?  
Tudo é uma máquina monstruosa e absurda.  
Com todo o corpo e o ver [?], terra da alma,  
Ignoramos.

Por que há? Por que há um universo?  
Por que é um universo que é este?  
Por que é assim composto o universo?  
Por que há? Por que há o que há?  
Por que há mundo, e porque é que há mundo assim?  
Por que há aqui, dores, consciência e diferença?

## **Temo a verdade.**

Temo a verdade.

Ignorar é amar. Toda esta terra,  
Estes montes (...) não os amara tanto  
Se soubera o que são, e enfim os vira  
Como os não vejo. Pudessem eu sem termo  
Gozar, sofrendo embora a ilusão  
Sem que a quebrasse. Como são tristes  
Os sonhos meus, inda que lhes pese,  
Só porque sonhos são, que não a vida,  
Assim serem. [?]

## **Só a inocência e a ignorância são**

Só a inocência e a ignorância são  
Felizes, mas não o sabem. São-no ou não?  
Que é ser sem no saber? Ser, como a pedra,  
Um lugar, nada mais.

## **Em cada Consciência o Grande Horror**

Em cada Consciência o Grande Horror  
Mostra através da máscara os seus olbos.  
E o carnal,  
Em toda a sua extensão  
De nudez da carne e da alma, mirra  
Minha alma do pavor de colocar  
A mão, na escuridão, sobre a fronte  
Do Mistério.

A cópula dos entes, o contacto  
Carnal das almas, pálido encontrar-se  
Do horror de uma alma com o de outra alma,  
Do mistério de um ser com o de outro ser,  
Quintessenciar-se local, tangível  
Do Mistério, (...)

Escrever

Em palavras de carne, sentindo  
O horror e o mistério do Universo.

Com que gesto de alma  
Dou o passo de mim até à posse  
Do corpo de outro, horrorosamente  
Vivo, consciente, atento a mim, tão ele  
Como eu sou eu.

## **Não me concebo amando, nem dizendo**

Não me concebo amando, nem dizendo  
A alguém «eu te amo», sem que me conceba  
Sob uma outra alma que não é a minha  
Toda a expansão e transfusão de vida  
Me horroriza como a avaro a ideia  
De gastar e gastar inutilmente,  
Inda que no gastar se esboce gozo,  
Um terror como de crime,  
Uma frieza como ante o impossível  
Tolhe a própria visão dum meu amor  
Dentro em meu ser. Sentir amor, talvez,  
Pois quem sabe o que está fadado  
(...) ;mas amar, amar,  
Nunca... não só o horror de (...)  
Mas o pudor de dizer o que sinto  
E ser amante aos olhos e ouvidos  
Duma alma consciente, o entregar-me  
Eu, o mistério de uma consciência,  
Ao mistério duma outra consciência.  
O poder estar inerte e (...)  
Que só concebo como meu.

A vida é o esquecer-se continuamente  
Mas eu, nesta minha intensa vida,  
Vivi em mim tão solitariamente,  
Que não sei esquecer-me, nem tirar  
De mim meus olhos d'alma; e em cada gesto  
De amor que eu fazia, analisá-lo

Até lhe descobrir o horror e (...)  
Da essência do mistério; e ao ver tão perto  
Como entre minhas mãos o revelado  
Horror de tudo, logo deixarei  
A possibilidade de amar  
Cair delas tremendo. Do universo  
A alma misteriosa eu sempre atento  
Em toda a parte vejo; se já estas  
Inanimadas cousas que me cercam  
Me dão, nas muitas horas em que as fito,  
Não com os sentidos mas com a alma logo,  
Directamente como com a vista,  
Me torturam, no auge do terror  
Pelo mistério que não são e são;  
Quanto mais — oh horror de o conceber! —  
Ao ouvir vozes íntimas de alma  
De um ser amante — minhas ou para mim —  
Ao ouvir assim perto, ao ver assim  
Próximo da minha alma sempre atenta  
Uma voz do mistério feito vida —  
Quanto mais, como se a solução  
Do mistério mesmo me turbasse  
Até à morte de terror e espanto,  
Não se me esfriaria em medo a alma  
Ao ver em um olhar brilhar o horror  
De haver consciência e existências.

Não é o acanhamento virginal  
Que da própria luxúria se perturba,  
Nem o ideal pudor, por delicada

A alma, do que em amar é grosseria  
Inevitavelmente; não o medo  
De ser inapreciado ou ser troçado;  
Nem terror de impotência a Ser (...)  
Me ocupa. É mais negro sentimento  
Mais íntimo, mais frio e mais ligado  
Ao que, de continuado pensamento,  
Me é o que eu chamo a alma que é minha.  
E isto  
Decerto lograria a incompreensão  
Que primordial não é no meu temer  
E a troca da alma no olhar espreitando  
E (...) de quem é  
Diferente de todos e de tudo,  
Como um universo à parte, grande nisto  
Mas sem poder d'alguém ser entendido  
Senão por louco, ou desvairado ou triste,  
Injúrias de insuficiência e acanhamento  
De compreensão.

## **O horror metafísico de Outrem!**

O horror metafísico de Outrem!  
O pavor de uma consciência alheia,  
Como um deus a espreitar-me! Quem me dera  
Ser a única consciência animal  
Para não ter olhares sobre mim!

Dos olhos de cada um me fita, vivo,  
O mistério de ver; e o horror de verem-me  
Abisma-me.

Não posso conceber-me outro, ou pensar  
Que a consciência que de mim é gémea  
Possa ter outra forma, e um conteúdo  
Diferentemente diferente. Só vejo  
Homens, bichos, as feras e as aves,  
Horridamente vivas e fitando.  
Sou como um Deus supremo que se houvesse  
Reconhecido em mim o único,  
E a cujo olhar inúmero se abeira  
O horror de mais inúmeros olhares.

Ah, se em mim se reflecte o transcendente  
Brilho além de Deus!



## **Quando se amam, vívidos,**

Quando se amam, vívidos,  
Dois seres juvenis e naturais,  
Parece que harmonias se derramam  
Como perfumes pela terra em flor.  
Mas eu, ao conceber-me amando, sinto  
Como que um gargalhar horrído e fundo  
Da existência em mim, como ridículo  
E desusado no que é natural.  
Nunca, senão pensando no amor,  
Me sinto tão longínquo e deslocado,  
Tão cheio de ódios contra o meu destino  
De raivas contra a essência do viver.  
E nasce então em mim de tal sentir,  
Um negrume de tédio e ódio imenso  
Que torna os grandes crimes e os mais torpes  
Inadequadas cousas ao que sinto  
Em sua humilde e popular vileza.

## **Vendo passar amantes**

Vendo passar amantes

Nem propriamente inveja ou ódio sinto,

Mas um rancor e uma aversão imensa

Ao universo inteiro, por cobri-los.

## **O mistério ideal dum corpo humano,**

O mistério ideal dum corpo humano,  
O qual se as potestades e os seus seres  
Intimamente vissem e soubessem  
Nenhum homem em guerra ou dessidência  
Cairia, tal o terror que inspira  
E o respeito que nasce do terror!  
O corpo humano o mistério inventa.

## **Seria doce amar, cingir a mim**

Seria doce amar, cingir a mim  
Um corpo de mulher, mas fixo e grave  
E feito em tudo transcendentalmente.  
O pensamento impede-me e confrange-me  
Do terror de ter perto e comungar  
Em sensação ou ser com outro corpo.  
Gelada mão misteriosa cai  
Sobre a imaginação que nem em si  
Me pode amante conceber.

Ó corpo! Amante, entrega-te! Talvez  
Te salves entregando-te e amando!  
Mas não! A consciência do mistério  
Mantém-me isolado e em horror  
Perante tudo.

Ah não poder  
Arrancar de mim a consciência!

**(A desilusão de Fausto é de três espécies:**

*(A desilusão de Fausto é de três espécies: 1) verifica, no facto de que Maria o ama em parte sem saber porquê e em parte por qualidades que lhe supõe e ele não tem, que o amor é coisa que não se pode querer compreender e entre o qual e ele há um abismo profundíssimo; 2) verifica, na sua incapacidade não só de compreender o amor; como até de o sentir ou, talvez melhor, de se sentir sentindo-o, que esse abismo que existe entre ele e o amor começa por ser um abismo que existe entre ele e ele próprio; 3) verifica (...))*

**MARIA: Amo como o amor ama.**

MARIA:

Amo como o amor ama.

Não sei razão pra amar-te mais que amar-te.

Que queres que te diga mais que te amo,

Se o que quero dizer-te é que te amo?

Não procures no meu coração...

Quando te falo, dói-me que respondas

Ao que te digo e não ao meu amor.

Quando há amor a gente não conversa:

Ama-se, e fala-se para se sentir.

Posso ouvir-te dizer-me que tu me amas,

Sem que mo digas, se eu sentir que me amas.

Mas tu dizes palavras com sentido,

E esqueces-te de mim; mesmo que fales

Só de mim, não te lembras que eu te amo.

Ah, não perguntes nada, antes me fala

De tal maneira, que, se eu fora surda,

Te ouvisse toda com o coração.

Se te vejo não sei quem sou; eu amo.

Se me faltas, (...)

Mas tu fazes, amor, por me faltares

Mesmo estando comigo, pois perguntas

Quando deves amar-me. Se não amas,

Mostra-te indiferente, ou não me queiras,

Mas tu és como nunca ninguém foi,

Pois procuras o amor pra não amar,  
E, se me buscas, é como se eu só fosse  
O Alguém pra te falar de quem tu amas.  
Diz-me porque é que o amor te faz ser triste?  
Canso-te? Posso eu cansar-te se amas?  
Ninguém no mundo amou como tu amas.  
Sinto que me amas, mas que a nada amas,  
E não sei compreender isto que sinto.  
Dize-me qualquer palavra mais sentida  
Que essas palavras que, como se as perderas,  
buscas  
E encontras cinzas.

Quando te vi, amei-te já muito antes.  
Tornei a achar-te quando te encontrei.  
Nasci pra ti antes de haver o mundo.  
Não há coisa feliz ou hora alegre  
Que eu tenha tido pela vida fora,  
Que não o fosse porque te previa,  
Porque dormias nela tu futuro,  
E com essas alegrias e esse prazer  
Eu viria depois a amar-te. Quando,  
Criança, eu, se brincava a ter marido,  
Me faltava crescer e o não sentia,  
O que me satisfazia eras já tu,  
E eu soube-o só depois, quando te vi,  
E tive para mim melhor sentido,  
E o meu passado foi como uma estrada  
Iluminada pela frente, quando  
O carro com lanternas vira a curva

Do caminho e já a noite é toda humana.

Tens um segredo? Dize-mo, que eu sei tudo  
De ti, quando m'o digas com a alma.  
Em palavras estranhas que m'o fales,  
Eu compreenderei só porque te amo.  
Se o teu segredo é triste, eu saberei  
Chorar contigo até que o esqueças todo.  
Se o não podes dizer, dize que me amas,  
E eu sentirei sem qu'rer o teu segredo.

Quando eu era pequena, sinto que eu  
Amava-te já hoje, mas de longe,  
Como as coisas se podem ver de longe,  
E ser-se feliz só por se pensar  
Em chegar onde ainda se não chega.

Amor, diz qualquer coisa que eu te sinta!

FAUSTO:

Compreendo-te tanto que não sinto.  
Oh coração exterior ao meu!  
Fatalidade filha do destino  
E das leis que há no fundo deste mundo!  
Que és tu a mim que eu compreenda ao ponto  
De o sentir...?

MARIA:

Para que queres compreender  
Se dizes qu'rer sentir?



## **Reza por mim.**

Reza por mim.

Reza por mim! A mais não me entorneço.

Só por mim mesmo sei enternecer-me

Sob a ilusão de amar e de sentir

Em que forçadamente me detive.

Reza por mim, por mim! Eis a que chega

A minha tentativa a querer amar.

## **FAUSTO: Reza por mim Maria**

FAUSTO:

Reza por mim Maria

MARIA:

(Rezo por ti? Sim rezarei. Mas o que tens?)

FAUSTO:

Reza por mim e diz a Deus (...)

Reza por mim, Maria, e eu sentirei

Uma calma d'amor sobre o meu ser,

Como o luar sobre um lago estagnado,

A fazê-lo um milagre de beleza.

Reza por mim e diz: Oh Deus, meu Deus,

Fazei-o inda feliz esse a quem amo

(Se é que me amas...).

MARIA:

Inda duvidas, meu amor?

FAUSTO:

Dize: Fazei feliz esse a quem amo

E que, qual condenado pela vida,

Arrasta a grilheta da dor,

Cujos olhos não choram por não ter

Na alma já lágrimas p'ra chorar,

Que, tendo erguido o seu pensar ao cume

Do humano pensar... Não, não importa,

Não digas nada, reza e que a tua alma,

Compadecendo-se de mim encontre

Os termos, as palavras que na prece

Murmurará... Choras? Fiz-te chorar?

MARIA:

Sim... Não... Eu choro apenas de te ver  
Triste e (...) sem que eu compreenda  
Tua tristeza, meu amor. Vem ela  
De alguma dor — oh dize-me, partilha  
Comigo a tua dor que eu te darei  
O meu carinho, porque te amo tanto...

FAUSTO:

Tu amas-me, tu amas-me, Maria?

MARIA:

Ah, tu duvidas? Meu amor, duvidas?  
Temes talvez que o meu acanhamento,  
Que vem d'amor, eu não sei como, seja  
Indiferença... Não... ah não o creias!  
Eu não tenho a viveza, nem a ardência  
Que algumas têm, tremo de mim mesma  
Do meu amor, mas eu não sei por quê...  
Mas amo-te... Se te amo, porque hás-de  
Tu duvidar de mim?  
Ah, se palavras  
Podem levar a alma nelas, Fausto,  
Se o amor, este amor como eu sinto,  
Pode dizer-se sem o duvidar  
Se o que eu sinto em minha alma quando te vejo  
Quando sinto o teu passo, quando penso  
Em ti, amor, em ti, se olhares, beijos  
Podem mostrar o amor, todo o amor —  
Crê que as minhas palavras, os meus beijos,  
O meu olhar têm esse amor.

Se eu não posso

Gritar: amor, amor, ardentemente

E desmedidamente, e a voz em fogo,  
É que em mim mesmo, nasce-me um pudor  
De o dizer muito alto (mas não creias  
Que é por amar-te pouco, que só é  
De amar-te muito e amar-te como te amo)  
Se isto não faço, não duvides, não...  
Eu não sei dizer mais; não aprendi  
Como o amor fala não, não aprendi,  
Porque o amor não fala, não pode  
Dizer-se todo, senão não seria  
Amor, ao menos este amor que eu sinto.  
Não sei, não sei dizer-te... Não duvides!  
Eu pareço talvez fria aos teus olhos;  
Não duvides que eu sofra muito, muito  
Por duvidares  
E eu amo-te... Meu Deus, como eu te amo!

FAUSTO (aparte):

Como eu sinto de ouvi-la e de sentir  
(Sentir pelo meu pensamento) quanto  
É aquele amor e como ele é amor,  
Minha alma fria, meu coração frio!  
Aquilo é amor... Eu, pois, nunca amarei...  
Que ela fala e eu compreendo (se compreendo!  
Quanto ela ama, como ela fala amor).  
Nada sinto em mim que nasça, surja  
E vá de encontro ao seu amor. Não posso  
Fazer erguer em mim um sentimento  
Que dê as mãos àquele. E, de o não poder,  
Eu mais frio me sinto, mais pesado  
N'alma, na minha desconsolação.

Como me sinto falso, falso a mim mesmo,  
Falso à existência, falso à vida, ao amor!

(alto)

Perdoa, amor

(aparte)

Amor! Como me amarga

De vazia em meu ser esta palavra!

Como de isso assim ser me encolerizo!

(alto)

Perdoa, meu amor!

Cedo aprendi a duvidar de tudo

Por duvidar de mim, sem o querer,

Sem razão de o querer ou de o pensar

Durante em honras, amor, felicidade...

Em tudo... Mas eu creio em ti, Maria,

Eu creio em ti... Como és bela! Não, não chores,

Quero falar ternura e não o sei;

Tenho a alma fria — oh raiva! é impossível.

## **Como é estranho**

Como é estranho

Não o achas?... o mar, o céu, a terra,  
ali! ali! ali!

Com realidade e exterioridade  
E eu aqui, duvidando por os ver,  
Estremunhado n'alma. Oh, horror, volte...  
Não volte, não, não volte, a intuição  
Do ser... Não volte que eu não gritaria.  
Antegrito o senso do mistério.  
Nem perante outro ser abria a voz  
Para o mistério.

## **Um corpo humano!**

Um corpo humano!

Às vezes, eu olhando o próprio corpo

Estremecia de terror ao vê-lo

Assim na realidade, tão carnal.

Encarnação do mistério, tão próximo

Misteriosidade e transcendente

Apontar-se-(me) em mim do negro e fundo

Mistério do universo.

## **Sinto esse frio coração eu mesmo**

Sinto esse frio coração eu mesmo  
Admirado de ser um coração,  
Tão frio está! Já o sonho  
Porque quis fingir para mim mesmo  
Esquecê-lo



## **Diálogo na Noite**

Ó vestidas razões! Dor que é vergonha  
E por vergonha de si própria cala  
A si mesma o seu nexo! Ó vil e baixa  
Porca animalidade do animal,  
Que se diz metafísica por medo  
A saber-se só baixa e a si dá nomes  
De (...)

Ó horror metafísico de ti!  
Sentido pelo instinto, não na mente,  
Vil metafísica do horror da carne,  
Medo do amor...

Entre o teu corpo e o meu desejo dele  
Stá o abismo de seres consciente;  
Pudesse-te eu amar sem que existisses  
E possuir-te sem que ali estivesses!

Ah, que hábito recluso de pensar  
Tão desterra o animal, que ousar não ousa  
O que a mais vil besta do mundo vil  
Obra por maquinismo.

Tanto fechei à chave aos olhos de outros  
Quanto em mim é instinto, que não sei  
Com que gestos ou modos revelar  
Um só instinto meu a olhos que olhem,  
Ser testemunhado no meu corpo

E no meu natural! Ó olhos de outrem  
Se fosseis cegos e também o tacto!  
Nem nudez de alma ou corpo sei haver  
Para outro! Ser sozinho eternamente...

Ah! que tão caro eu paguei o pensamento  
Que nada compensou! Que com tristes (...)

Deus pessoal, deus gente deixa que creiam,  
Existe para que eu te possa odiar!  
Quero alguém a quem possa a maldição  
Lançar da minha vida que morri,  
E não o vácuo só da noite muda  
Que me não ouve, e o espaço sem mais nada  
Que, se eu cuspir para ele, deixará  
O que cuspi cair em mim.

## **... Mas eu não ousa. Ó horror e tortura**

... Mas eu não ousa. Ó horror e tortura!  
O transcendente horror de um ser humano!  
Beijar na boca uma consciência, um ser humano!  
Beijar na boca uma consciência, um ser,  
O mistério encarnado em nu e sólido.

A nudez(...)  
Há entre alma e alma um abismo. Saber  
Que me está vendo uma alma em (...), nudez  
E acto de amor!  
Não a nudez da estátua,  
Mas a nudez viva, cheia de olhar-me  
Até que me apavoro de pensá-lo.

Nem tenho gestos para saber amar,  
Nem alma para tirar ao mero-oco  
Pensar aqueles gestos, o horror  
Que vem de eles saberem a mistério.

## **Horror! Conhecer intimamente**

Horror! Conhecer intimamente

O transcendente horror dum corpo humano!

Sentir o mistério doutra vida

Tão intimamente perto... quase nosso

E como que carnalizar em hórrida

Intranscendência o mistério em si.

**(after running away. (He never loves))**

Não sei viver! nem fui para viver  
Destinado; porquê então a vaga  
Aspiração que tenho?

**(Antes do monólogo da treva)**

(...) e alucinadas pré-sensações  
Impelem-me, desvairam-me, ocupam  
Tumultuariamente e ardentemente  
O doloroso vácuo do meu ser.  
Incapaz de pensar, apenas sinto  
Um atropelamento do sentir  
E confusões confusas, explosão  
De tendências, desejos, ânsias, sonhos  
Desatenuadamente dolorosos.

### **(Depois do amor — na treva)**

Eis-me enfim só, oh desejado horror  
Eis-me enfim ante ti, oh Universo!  
Eis-me aqui, lama e (...) mistério,  
Excluído de ti, o eterno expulso  
Que não pedia a vida. Eis-me aqui.

Pudesse eu pôr no seu desmedimento  
O ódio (...) e afrontar-vos  
Com a expressão desse ódio, oh silêncios,  
Oh noites ao pensar! eu morreria  
De haver interpretado em tanto horror  
Um mor horror que interpretar não pode  
O que há-de ser palavra ou pensamento.  
Eis-me aqui, oh abismo explicado!  
Eis-me aqui o maior dos seres todos,  
Quebrando aos pés do pensamento forte  
A cruz de Cristo e as fórmulas mortais  
[...]  
Eis-me aqui!  
O que há para mim senão vacuidade  
No mundo (...), o que me destinastes?  
O vazio? O silêncio? A escuridão?  
Desses-me o instinto deles, não a plena  
Torturação da luz.

**FAUSTO: É isto amor? Só isto! Sinto como**

FAUSTO: (vindo de casa [...])

É isto amor? Só isto! Sinto como  
O cérebro oscilante, um gozo  
Mas o coração pesado, frio, e mudo.  
Sinto ânsias, desejos  
Mas não com meu ser todo. Alguma coisa  
No íntimo meu, alguma coisa ali,  
Fria, pesada, muda permanece.  
Para isto deixei eu a vida antiga  
Que já bem não concebo, parecendo

Vaga já.  
Já não sinto a agonia muda e funda  
Mas uma menos funda e dolorosa  
Mas mais terrível raiva e (...)  
De movimentos íntimos, desejos  
Que são como rancores.  
Um cansaço violento e desmedido  
De existir e sentir-me aqui e um ódio  
Nascido disto vago e horroroso  
A tudo e todos por não saber  
A causa exacta de tudo.



## **Seja: / Já que este audaz e imenso pensamento**

Seja:

Já que este audaz e imenso pensamento  
Me desliga de tudo e me faz negro  
Estranho e alheio à existência humana,  
O riso, o pranto, o amor,  
Visto que tudo me é estranho e outro  
E eu isolado estou, já que não sei  
Onde a causa ou a essência disto tudo,  
Já que conheço que essa íntima essência  
Foge do nosso sentimento e que eu  
Não a posso odiar, amar, sentir-me  
Para com ela,  
Odeie o que odiar eu possa, odeie  
Este universo todo, de que sou  
Isolado, arrancado, desligado,  
Com que doridamente coexistio  
Sem o compreender nem conceber  
Nem amar. Suba a ele o meu ódio.  
Sóis, estrelas, natureza inteira  
Sou vosso inimigo d'alma todo  
(...) o meu ódio todo contra vós.

Só de o dizer sinto-me mais frio e negro  
Na consciência de mim. Se ainda nutro  
Resto ou lembrança de alegria ou dor  
Renego-a e tomo sobre mim o luto  
Do [...] ódio infinito  
Ao universo inteiro.

Para quê  
Nascer homem, (...)   
(...) em mim  
Os meios e (...) de sentir (  
Cérebro e coração e sangue e vida (  
E achar-me longe, negramente longe  
Do sentimento?

## **(Diálogo na treva?)**

Cresce em mim uma onda de agonia  
E de calado horror que surge e salta  
Pelas cavernas fundas da minha alma  
E em fissuras ocultas do meu ser  
Aponta-as aparecendo, uma onda turva  
Duma maré silenciosa e escura  
Que cresce e ocupa-me e me afoga em mim.  
Quero fugir-lhe e soerguer-me, abrir  
Um voo e ela sobe-me, silente,  
Em (...) naufragadora.  
Cresce em mim e eu transido desse horror  
Vejo sempre mais perto do que cria  
Sempre em remotas dobras elevando-se  
Das solidões do meu ser e cada vez  
Mais dentro em mim.

Sois um desejo, uma ânsia, uma agonia?  
O que quereis, que me impelis subindo  
Não sei para que horror velando um fim?  
Para que sou eu vosso? Aonde levais  
Esta alma que só sabe resistir? Ergueis-me  
Em guerra contra o ser, e eu odeio  
O que vejo em minha frente, O Imediato.  
Por isso, oh mares, sóis, estrelas, ventos,  
Oh enigmas parados numa vida  
De enigmas cheia desprendidamente,  
Eu dou-vos vida só para odiar-vos,  
Eu não sou vosso. Deste dia avante

Sou o inimigo de ser, sou o horrído,  
(...)

O crime eterno de não ter razão  
De existir e fitar-me. Digo adeus  
A tudo que se pode amar ou crer,  
A tudo que na terra vive ou dorme.  
Cousas com um sol exterior vão [...]  
Eu faço-vos escuras do meu ódio.  
Caia uma treva imensa na minh'alma  
Para com tudo, seja eu a noite,  
Esquecendo-se em ser.

Sobe,  
Avassala-me, túrbida corrente,  
Mas tu e eu em ti. Ciência,  
Eu substituo-vos a escuridão  
Da essência do meu ser e vosso ser.

**MARIA: Onde vais? onde vais? ah volta, volta!**

MARIA:

Onde vais? onde vais? ah volta, volta!

Parece-me sentir que (...) por onde vais.

FAUSTO:

Na noite, para o Mal, como o Universo

Mas mais Deus do que ele.

Adeus.

Adeus.

Adeus.

E para sempre.

(A voz de Maria crescendo em tom e em angústia)

Fausto!

Fausto!

Fausto!

*(Cai desmaiado. Ouve-se, apenas, na noite, o sussurro do vento nos pinheirais.)*

**O luar parece que se torna mais álgido, mais branco,**

*O luar parece que se torna mais álgido, mais branco, mais morto, as sombras mais escondidas em si, mais negras, o silêncio maior. Um vento frio faz sussurrar os pinhais e casando-se com a algidez do luar (...) De vez em quando renasce, sussurra e passa, sussurrando. A estrada, ao luar, é luar até onde se perde, de repente, curvando, nas sombras que o pinheiral projecta no caminho.*

## **Monólogo na Noite**

Sou a Consciência em Ódio ao inconsciente.  
Sou um símbolo encarnado em dor e ódio  
Pedaço d'alma de possível Deus  
Arremessado para o mundo  
Com a saudade pávida da pátria  
A cujo horror tremo ao pensar voltar  
Mas sem nada da (...) e da ilusão  
Para viver neste desterro. Amor,  
Paz, amizade, tudo quanto ajuda  
A viver a mentira do universo  
Falha-me e eu (...)

Ó sistema mentido do universo  
Estrelas-nadas, sóis irreais  
Oh com que ódio carnal e estonteante  
Meu ser de desterrado vos odeia.  
Eu sou o inferno. Sou o Cristo negro  
Pregado na cruz ígnea de mim mesmo  
Sou o saber que ignora;

Sou a insânia da dor e do pensar  
Sobre o livro de horror do mundo.

Por que fui eu, amaldiçoado horror  
Que me fizeste ser e que eu nem posso  
Pensar para te amaldiçoar, ou crer  
Em ti, tão cheio do consciente e mensurante  
Que o ódio me não cegue para ver

Que não sei que tu és para saber  
Se sequer poderei pensar odiar-te.



## **ENTREATO III**

### **Se eu morrer, na minha cova**

Se eu morrer, na minha cova  
Ponham letreiro mostrando  
Que morri quando era nova  
Que morri sempre te amando

## **PRIMEIRA VOZ: Que forma velada**

PRIMEIRA VOZ:

Que forma velada  
Que oculto esplendor  
De longe me agrada?  
Nem forma, nem cor...  
Só o vago palor  
De chama azulada

Quem diz que não seja  
A forma o que tem,  
O que só se deseja  
E nunca se obtém...  
A sombra do bem  
Que em sonhos se almeja?

Oh, paira distante,  
Sê sempre ilusão  
Teu vulto levante  
Minha dor do chão  
E o meu coração  
Não mais desencante!

Oh paira distante  
E incerto, flutuante,  
Ondeia fragrante  
Teu vulto, visão,  
O meu coração

Não mais desencante!

SEGUNDA [voz]:

Quem fez pairar por sobre a vida  
A aura alada, névoa incerta  
Que dá a dor esperança e à vida  
A brisa, a (...) e a aberta?

Nunca eu te conheça,  
Incerteza, afago...  
Silêncio, começa  
Onde eu me embriago.

Nunca eu te adivinhe  
Anseio, visão,  
Sonho que acarinhe  
O meu coração.

Mar alto, não deixes  
O barco voltar...  
Meus olhos não feches  
Deixa-me sonhar

## **Dos montes, dos vales,**

Dos montes, dos vales,  
Das luzes, das flores  
O prazer vem;  
Que importa, pois, Tempo, que te resvales?  
Riamos, que amores pra outros amores,  
São o Além!

Há risos e beijos  
E olhares e abraços  
De amor,

E risos e olhares acendem desejos,  
E dizem matar-me em corpos e braços  
Num estertor.

E como a verdade  
E a existência  
É o prazer nu,  
Dancemos

## **ATO IV**

### **O decorrer dos dias**

O decorrer dos dias  
E todo o subjectivo e objectivo  
Envelhecer de tudo não me dói  
Por sentido, mas sim por ponderado;  
Nem ponderado dói, mas apavora.  
Tudo tem as raízes na treva  
Do mistério e eu sou disso sempre  
Demasiado consciente, muito  
Atento ao substancial de existir  
E à imanência do mistério em tudo.  
Cada coisa p'ra mim é porta aberta  
Por onde vejo a mesma escuridão.  
Quanto mais olho mais eu compreendo  
De quanto é escura aquela escuridão;  
E quanto mais o compreendo mais  
Me sinto escuro em o compreender.  
Desde que despertei para a consciência  
Do abismo da morte que me cerca,  
Não mais ri nem chorei, porque passei,  
Na monstruosidade do sofrer,  
Muito além da loucura da que ri  
Ou da que chora, monstruosamente  
Consciente de tudo e da consciência  
Que de tudo horivelmente tenho.  
Todas as máscaras que a alma humana  
Para si mesma usa, eu arranquei...

A própria dúvida, trementemente  
Arranquei eu de mim, e inda depois  
Outra mascara (...) arranquei  
Mas o que vi então — essa nudez  
Da consciência em mim, como relâmpago  
Que tivesse uma voz e uma expressão  
Gelou-me para sempre em outro ser  
Do mesmo antes, já (...), eu.  
Assim a própria dúvida, o horror  
Do mistério do mundo já de mim  
Foram em alma passados, mais além  
Fui, e isso que encontrei e em que me falou  
Como que o ser, isso que não tem nome  
Claramente e pavidamente vi  
Vi e não compreendi; só compreendi  
Que não há forma de pensar ou crêr,  
De imaginar, sonhar ou de sentir,  
Nem rasgo de (...) ou de loucura  
Que ouse pôr a alma humana frente a frente  
Com isso que uma vez visto e sentido  
Me mudou, qual se ao universo o sol  
Falhasse súbito, sem duração  
No acabar, e num momento tudo  
Fosse luz, fosse treva numa como  
Que mudança por mais que imediata  
Estranha ao tempo. Compreendi  
Mas o quê? Quando vi e compreendi  
Compreendendo, só na incompreensão  
Eu encontro o terror disso que foi  
Essa revelação.

Tudo que toma forma ou ilusão  
De forma nas palavras não consegue  
Dar-me sequer, cerrado em mim o olhar  
Do pensamento, a ilusão de ser  
Uma expressão disso que não se exprime,  
Nem por dizer que não se exprime. Vida,  
Ideia, Essência, Transcendência, Ser,  
Tudo quanto de vago e prenhe de tudo  
Possa ocorrer ao sonho de pensar,  
Inda que fundamente concebido  
Nem pelo horror desse impossível deixa  
Transver sombra ou lembrança do que é.

Com que realidade o mundo é sonho.  
Com que ironia mais que tudo amarga  
Me não confrange fria e negramente  
Esta infinita pretensão a ser!  
E vi e compreendi, ó alma, e como  
Que de compreender morri em mim.  
Não há memória que criada fosse  
Para servir a ver o que então vi,  
Mais fundamenre do que em pura alma  
Ou consciência pura. E inda que mais  
Eu torne a compreender e a ver rasgado  
O véu do Inominável Templo, eu  
Tornarei sempre a não saber que vi.  
A própria consciência abstracta e pura  
Não tem poder para ser consciência  
Para essa mais do que revelação...

Oh horror! Oh horror! Sinto outra vez  
Essa frieza precursora n'alma  
Da suprema intuição. Ah não poder  
Fora do ser ou do sentir esconder-me!  
Ah, não poder gritar, pedir, deixar-me!  
Ah, qualquer coisa mais do que uma luz  
Vou sentindo que vai breve raiar  
De dentro em dentro no (...) ser...  
Aproximar (...) da minha alma.  
Morte! Treva! (...) a mim! a mim!

*(com um grito pavoroso F. atira-se de encontro à parede, dando com a cabeça uma, duas, três vezes até cair no chão inanimado).*



## **FAUSTO: Febre! Febre! Estou trémulo de febre**

FAUSTO:

Febre! Febre! Estou trémulo de febre  
E de delírio, e ainda assim é grato  
Tudo isto a não sei que se passa  
Sem propósito de passar e... não, não, não...  
Fiquei fingindo que fujo... Fugirei...  
Onde estou? O que foi? que faço aqui?  
Arde-me a alma toda, arde-me arde  
Como uma cousa que arde.

(foge de casa)

Ancião, não podes tu  
Arranjar-me um remédio para a vida?  
Quero vivê-la sem saber que a vivo,  
Como tu vives... Corta-me o sorriso  
Ou te apunhalo! De que te ris? Não rias!  
Dá-me já, dá-me, dá-me filtros ou (...)  
Com que eu me esqueça.

(estende a mão)

Dá cá, não importa

Falar Tudo é inútil.

(arranca-lhe o frasco da mão)

Atordoar-me-á isto a alma toda  
Toda até dentro, muito dentro, velho?

VELHO:

Não te compreendo, mas se é esqueceres  
Que queres, bebe.

FAUSTO:

Quero, quero, vamos,

Esqueçamo-nos. Tens algo de mais forte  
Para mais do que esquecer; depressa, diz.

VELHO:

Mal te compreendo, mas não tenho.

FAUSTO:

Este

Quer (...) fins.

(bebe sofregamente)

E dormirei, ó velho,

Acabará em mim parte de mim

E viverei morto para viver

(cai no chão)

VELHO:

Estranha e horrível criatura!

O que de temor me faz. Todas espécies

De homens conheço, por ciência

Sei ler os vícios íntimos e os crimes

Nos olhares. Mas este... Não é vício

Nem crime, nem tristeza, nem parece

Propriamente pavor, o que obscurece

Como uma escuridão de dentro d'alma,

Toda a vida e expressão de sua face.

E essas palavras de que usa «esquecer

A vida», «mais do que esquecer» «em

Acabará então parte de mim»

Que significam? Não sei, mas sinto

Que condizem secreta e intimamente

Com esse íntimo ser que eu não conheço.

Qualquer que seja essa desgraça, estranho,

Dorme e ou esqueça ou aconteça em ti

Isso que semelhante ao esquecer  
Desordenadamente me disseste  
No teu intimo (...) desejar.  
Dorme, e que o filtro opere no silêncio  
Da tua alma, obra interior de paz  
E que ao descerrares para mim os olhos  
Eu lhes veja a expressão já transmutada  
Para compreensível e humana  
Expressão de um humano sentimento.

(Vai para o levantar mas retrai-se)

Não; dorme onde caíste e que o filtro  
Sem sonho ou (...) de alteração  
Te adormeça a existência intimamente  
E ao escuro desejo que tu tens

(exit)

FAUSTO:

Eu sou outro que os homens, ó ancião,  
O teu filtro de paz e esquecimento  
Não me faz esquecer e só a sombra  
De uma possível paz me entrou n'alma.  
Para a paz que eu queria esta que tenho  
É como archote para a luz do sol.  
Intimamente nada se parece.  
Paralisaste em mim a engrenagem  
Do pensamento e sentimento antigos  
Mas quebrados ficaram-me visíveis  
E inesquecidos n'alma. Sou demais  
Em consciência para os filtros frágeis  
De que o teu tosco engenho te fez sábio.  
Não tornarei, eu sinto-o, a sentir

O que sentia antigamente. Foi-se  
Não sei como, o interior do meu ser  
Com suas intuições, mas não se foi  
A memória terrível do horror  
Da minha vida antiga, perto e longe  
Já do que eu sou, nem o que o uso fez  
Ao sentimento e ao pensamento antigos;  
Ainda os tenho comigo. Fica com eles  
A memória presente do terror. Sou o que era, velho.  
Nas cinzas do meu ser ainda há calor  
Para que o fogo lembre.

VELHO:

Esfriarão.

FAUSTO:

Não o sinto possível. Há ainda  
Memória e consciência de existir  
Por demais em minha alma. O teu filtro  
Não foi feito para entes como eu.  
Entes? Não que como eu, só eu.

VELHO:

Virá

VELHO:

Dentro em breve o sossego.

FAUSTO:

Por que o dizes?

VELHO:

A outros veio!

FAUSTO:

A outros, mas que outros  
Se assemelham a mim, ó velho estulto?

Alma vazia cheia de licores!  
Mas de que serve injuriar-te? Tu  
Não serás por injúrias acordado  
Para a compreensão.

(Soergue-se)

Estranho sentimento. Como que a alma  
Corporeamente me é pesada! A vida  
Como que está atordoada e lenta...  
Mas tenho, ó velho, consciência disso!  
Teu filtro, miserável, é humano!  
É para entes humanos que foi feito.  
Inda me lembro bem que eu não o sou.

(pausa)

Olha pr'a mim! Que tenho no olhar  
Como pareço ser?

VELHO:

Doente, triste

E como que quem sente vago pavor...

FAUSTO:

Maldita a ideia que te faz tocar  
No que eu não posso mais sentir, mas posso  
Apavorar-me de já ter sentido  
E lembrar-me. Não fales mais. Eu vou...

(Pondo-se de pé)

Eu vou não sei onde...Como me treme  
Com que debilidade e sentimento  
De estar mudado o corpo todo. Velho,  
Adeus, quisera ter achado em ti  
O que em ti não podia ter achado.  
Os teus remédios nada valem. Eu

Deveria ao pedir tê-lo sabido;  
Mas... Não tens outro, diz-me... Tu que filtros  
Possuis, não tens venenos mais subtis  
Para a existência?

VELHO:

Tu bebeste aquele  
Que eu de mais forte tinha, e que eu quisera  
Não te dar. Arrancaste-mo da mão.  
Talvez não vejas quanto estás melhor...

FAUSTO:

Velho, eu não erro com o pensamento.  
Sei como estou. Não estou como quisera  
Que me fizeras estar.

VELHO:

Há um filtro  
Diferente daquele que tomaste;  
Diverso na intenção com que obra n'alma,  
Mas parecido no fazer esquecer.

FAUSTO:

Como diverso na intenção?

VELHO:

Em vez  
De apagar, (...), adormecer,  
Faz, com terrível excitar da vida,  
Nascer n'alma um conflito de desejos  
Um desejo de tudo possuir,  
De tudo ser, de tudo ver, amar,  
Gozar, odiar, querer e não querer,  
Reunir vícios e virtudes — tudo  
Como que na ânsia férvida dum trago

Da taça de existir.

FAUSTO:

E tu...

VELHO:

Não fui eu

Quem concebeu ou fabrica o filtro

Nem há mais (...) do que para um homem.

FAUSTO:

Tu vendes-mo... Ah, não, que eu nada tenho

Nem sei se tive ou poderia ter.

Tu dás-mo, velho. Não te servirá

De nada. Talvez esse filtro dê

O esquecimento (...) à minha alma.

Inda que a decepção me cause um vago

Desejo inquieto e como que inquerente

Entre um querer e um não querer, sendo ambos

E nenhum. Torna a ele. Quem o fez?

Porque o fez? Onde o tens? Repete mesmo

O que de seus efeitos me disseste.

E esses efeitos tê-los-á; repete,

Quero que ainda me decida mais

A pedir-to e a usá-lo. Por enquanto

Sou para ele a própria indecisão.

VELHO:

(...)

FAUSTO:

Que me decida ou não a beber dele

Esse filtro a ti de nada serve.

Dá-mo pois.

VELHO:

Não to dou.

FAUSTO:

O filtro, velho.

Não me (...); o filtro.

VELHO:

Não to dou.

FAUSTO:

O filtro.

VELHO:

Não to posso dar.

FAUSTO:

O filtro.

VELHO:

Para que avanças? Eu que mal te fiz?

FAUSTO:

O filtro; dá-me o filtro.

VELHO:

Mas não posso.

FAUSTO:

Velho, repara em mim. Há na minha alma

Uma ira calma e fria! Foge que ela

Na acção te mostre o que é.

VELHO:

Não posso dar-te,

Em verdade to digo, o filtro. Eu

Fiz-te o bem que pude; porque então

Avançando assim calmo para mim

No horror de qualquer (...) intenção

Te vejo o mesmo sempre? Poupa-me isso

Terrível que há em ti e que não trais



Em movimento ou vaga intimidade  
Do olhar.. Piedade, piedade...  
Piedade, senhor! Eu dou-te o filtro  
Eu dou-te o filtro. Piedade eu dou.

(Fausto levanta do punhal e fells him)  
(após matar)

FAUSTO:

Nem sinto horror, nem medo, ou dor, ou ânsia  
Nem qualquer forma de estranheza sinto  
Pelo que fiz por mais que tente querer  
Sentir, e pelo próprio pensamento  
De o dever sentir à força ter  
Uma dor, um remorso, um sentimento.  
Nada... Vejo, sinto, e vejo apenas  
Como qualquer cousa natural  
Visse, sem que devesse invocar  
Sentimento (...) algum. Por mais  
Que queira pensar-me a conceber  
Quanto é estranho, e horroroso,  
O que fiz, não me posso humanizar  
Ao ponto de (...)  
Por mais que a mera vista me convença  
De que matei, por mais que tente  
Fitar com a alma o corpo e o derramado  
Sangue que vejo, nega-se-me o ser  
A mais do que a olhar e só olhar.  
É uma alma morta ante um corpo morto.

Compreendo bem o que sentir eu devo  
Mas não consigo mesmo a imaginar-me

Sentindo-o. Estranho! Nem sequer evoco  
Por sentimentos de quanto é de horror  
A morte, um ente morto, e o mistério  
Nisto tudo. Sim, sinto-lhe o mistério  
Mas este sentimento de mistério  
Não se me liga a um sentimento  
Que liga esse corpo a mim que fiz  
O que de mistério está ali.  
Tremo ao sentir quanto é mistério a morte;  
Mas na alma desligado está  
Com completa separação e nítida  
De sentimento algum que me deixasse  
O ser na ânsia de inquirir.

(pausa)

Visto porém, que nada sinto, nada,  
Acabe este mesmo reflectir  
Mais que infrutífero de sentimento,  
Porque mais frio cada vez me sinto  
Ao perceber que nada sei sentir  
Nem estranheza sinto  
Nem estranheza de não ter estranheza  
Nem estranheza mesmo  
De não sentir por mais que eu queira  
Fazer crer que devia sentir estranheza.

Procuremos o filtro.

## **Eu quisera poder abrir a mão**

Eu quisera poder abrir a mão  
E deixar-te cair. Atrais-me estranho  
E vago horror, tu líquido que podes  
Adormecer-me na loucura e (...)

## **No escuro mesmo destes pensamentos**

No escuro mesmo destes pensamentos  
Acordo às vezes e então eu sinto  
Quão longe do real e do humano  
Da superfície lúcida da vida  
Me acho sepulto confrangidamente  
Com uma consciência e nitidez  
Aguda e transcendente. Dolorido  
Mais que alma até ao íntimo do ser.

**Como há haver? Que é ser? Que é haver ser?**

Como há haver? Que é ser? Que é haver ser?

O horror que haja existir, e como o haja,

Tortura-me até ao abismo que há em mim.

## **Quando penso nas outras consciências**

Quando penso nas outras consciências  
E no mistério que contêm, de haver  
Pluralidade de conscientes (pois  
Una se afigura ao pensamento  
A consciência) quando penso assim  
Angustia-me logo o não poder  
Penetrar nessas vidas e sentir  
(Como não sei) as várias sensações  
Das várias humanas personalidades:  
Do guerreiro, da virgem, do (...)  
Do sábio, do operário,  
Da costureira, da rameira mesmo,  
Do assassino, do homem das montanhas  
De tudo e de todos. Atormenta-me  
Uma necessidade de o saber  
Que faz sorrir o pranto da minha alma.  
O que pensarão eles, sentirão?  
Eu quisera sabê-lo, conhecê-lo,  
Perdendo e não perdendo este meu ser.  
Curiosidade louca que se impõe  
À minha (...) Todo mistério  
Tento ver e cada um vai incompreensível  
Rindo, rindo, chorando, cantando  
Pelejando, sofrendo, enfim morrendo  
Inconsciente do que leva em si,  
Além da loucura.

## **Como varia**

Como varia

A sensualidade, a inteligência,  
A vontade, o (...) de um a outro,  
Assim varia em todos a intuição  
Do universal mistério. Sentem todos  
Uns vagamente, outros conscientemente  
O mistério, mas eu mais do que todos.

## **Quisera / Do pensamento e sentimento dessas**

Quisera

Do pensamento e sentimento dessas

Almas ser testemunha subjectiva.

De que está cheia aquela vacuidade,

E em que pensam, se não pensam nunca.

Outro mistério — o de vários seres,

Formas talvez de um mesmo que os transcende,

Compreendendo-se (...) por serem

Profundamente o mesmo. E assim crescendo-se

Assim (...) numa espécie

De egoísmo transcendental.



## **Quereria / Sentir a vida dos animais,**

Quereria

Sentir a vida dos animais,

Mas senti-la

Sem abandonar a personalidade

Minha, para senti-la como tal,

E conhecê-la como tal sentida.

Minha curiosidade não tem fim;

Há em mim muito mais de aspiração

Do que a mim mesmo posso evocar;

Muito desejo (...) e abafado

De muita estranha sensação. Mas sei

Que todas são apenas várias formas

Da aspiração central do meu sofrer.

## **Um dia / Pensei na fama e em mim o sonho veio**

Um dia

Pensei na fama e em mim o sonho veio

Da glória: ver-me (...) e conhecido,

Ouvir em lábios belos o meu nome

E (...) querendo conhecer-me...

Mas isto, mal sonhado era, já trazia

Consigo um amargor estranho e (...)

Que explicar não podia e que não posso.

Antes de fama ter, tinha-lhe horror!

E eu desejava a fama a que temia.

É que sentia já talvez a vaga

Necessidade de fechar em mim

Toda a força do vivo pensamento

Que a palavra trai sempre. Mas era mais

Aquele horror à fama que eu amava

E que, querendo não podia qu'rer.

Era talvez um vago conhecer

Do vazio de tudo. Pois se a terra

Acabará, seus (...) e (...)

Com ela não acabarão? Não sei.

Talvez além do acabar exista

O haver o mistério (...) no Ser.

Não sei; sei só que um dia, num repente,

A abster-me decidi de fama e glória

Para... Mas para quê? Para pensar

Amarga e mudamente e, dia a dia,

Sentir verter em mim o fel

Da desolada desesperação.

Escrever, mas o que é que escreveria?  
Se eu sei esta verdade; além do ser  
Há o mistério; se sei esta e nenhuma outra,  
Que verdade daria eu ao mundo?  
E não dar-lhe verdade grão mal era.

**Outr'ora quis a fama — e não a quis,**

Outrora quis a fama — e não a quis,  
Que a fama, a popularidade, o ser  
Conhecido, falado — quando não visto —  
Confrange-me dum terror que não compreendo.  
Violação do meu ser se me aparenta  
Um desvergonhamento, não sei como.

Hoje um desgosto imenso e (...)  
D'altos fins e de empresas elevadas  
Boceja-me no espírito turvado  
(No) coração vago de não sentir.

## **No meio das grandezas e das glórias**

No meio das grandezas e das glórias  
Das alegrias, luzes (...)  
Do inconsciente universo natural,  
Abre-se ao pensamento de repente  
Negro abismo profundo e (...)  
E uma vacuidade transcendente  
Absorve negramente o mundo inteiro,  
Numa sufocação arrepiada  
De terror íntimo, de terror vago  
Tudo se esvai da mente e só lhe fica  
Um vazio tão negro, tão profundo  
Um poço de compreensão tão cercado  
Que a alma de horror quer não viver não só  
Pelo horror, mas também por esse horror  
Transcender o universo e aparecer  
Em lugar dele ao fundo pensamento  
Subitamente.  
Não é a dor de já não poder crer  
Que m'oprime, nem a dor de não saber  
Mas apenas completamente o horror  
De ter visto o mistério frente a frente  
De tê-lo visto e compreendido em toda  
A sua infinidade de mistério.  
É isto que me alheia, que me traz  
Sempre mostrado em mim como um terror...  
E maior terror há-o?

## **A essência de mistério o seu horror**

A essência de mistério o seu horror

Está não só em nada compreender

Mas em não saber porque nada se compreende.

## **Enquanto nesta vida**

Enquanto nesta vida  
É possível, com subterfúgios mil,  
Esquecer-se (...) não pensar,  
Fechar-se em imaginações (...)  
Mas na morte — oh horror que mais eu temo! —  
O grande Facto iniludível jaz.  
Este perpétuo, dorido hesitar  
Do pensamento temo e (...)  
Não me horroriza tanto, como o ter  
De resolver na Morte esse problema.

O Mistério é um Facto: eis o horror,  
Eis todo o horror expresso.  
É um Facto no qual vida, universo,  
Seres, (...)  
Cidades com seus comércios, lidas  
É um livro de sonho aberto.  
Proporções gigantescas e interiores  
Tomam do sonho a ilusão e a aparência.

Não é a dúvida que me tortura;  
É a certeza do (...) Facto,  
Para o qual me é impossível ou cerrar  
Ou pensar em cerrar os olhos d'alma.

E a existência desse Facto inerente  
A tudo que aparece e que (...)  
Uma irrealdade transparente,

Horrorosa, (...) perturbadora,  
Onde mão invisível vai escrevendo  
Desconhecido lema suspeitado  
De horror inconcebido.

A consciência clara deste Facto,  
Mais que imanente, alheia-me de tudo  
E de todos, raivoso e (...)  
Ao vê-los como vão, rindo e chorando  
Felizes! — outros  
Não haverá maneira d'esquivar-nos  
D'encontrar o que houver?  
É haver esse Facto e encontrá-lo  
Que faz o horror da minha vida inteira

(Olhei de frente a frente a Verdade  
Para poder sequer fingir sorrir.)

Pudesse eu a sonhar passar a vida  
Mas ao Facto (...) da Morte  
É impossível fugir. Queira, não queira,  
Acorrentado à inevitabilidade  
O homem sobe inconsciente ou (...)  
Para ela.



**Ah, o horror de morrer!**

Ah, o horror de morrer!

E encontrar o mistério frente a frente

Sem poder evitá-lo, sem poder...

## **Os mistérios profundos e horrorosos;**

Os mistérios profundos e horrorosos;  
Haver isto que há, este ser  
E haver um ser, maior horror ainda  
De poucos, ou dum só, compreendido.

E haver eu ser eu.

## **UMA VOZ NA ESCURIDÃO:**

Melodia vaga,  
Para ti se eleva  
E chorando, leva  
O teu coração,  
Já de dor exausto,  
E sonhando o afaga.  
Os teus olhos, Fausto,  
Não mais chorarão.

## **Beber a vida num trago, e nesse trago**

Beber a vida num trago, e nesse trago  
Todas as sensações que a vida dá  
Em todas as suas formas, boas, más,  
Trabalhos e prazeres, e ofícios,  
Todos lugares, viagens, explorações  
Crimes, lascívias, decadências todas.

D'antes eu queria  
Embeber-me nas árvores, nas flores,  
Sonhar nas rochas, mares, solidões.  
Hoje não, fujo dessa ideia louca:  
Tudo o que me aproxima do mistério  
Confrange-me de horror. Quero hoje apenas  
Sensações, muitas, muitas sensações,  
De tudo, de todos neste mundo — humanas  
Não outras de delírios panteístas  
Mas sim perpétuos choques de prazer,  
Mudando sempre  
Guardando forte a personalidade  
Para sintetizá-las num sentir.

Quero  
Afogar em bulício, em Luz, em vozes,  
— Tumultuárias coisas usuais (  
O sentimento da desolação  
Que me enche e me avassala.

Folgaria  
De encher num dia, numa hora, num trago  
A medida dos vícios ainda mesmo

Que fosse condenado eternamente (  
Loucura — ao tal inferno.  
A um inferno real.

## **Cantemos que a vida**

Cantemos que a vida  
De nada nos serve  
Que em nós a garrida  
Canção desmedida  
De vinho referve!

Cantemos, cantemos,  
É medrosa a dor  
E pegando em remos,  
Buscando-as iremos  
Às praias do amor!

Cantemos as belas  
Que sabem amar,  
Vamos que as estrelas,  
Sem pudor ou cautelas  
Nos vêm escutar!

## Cena da Taberna

— Doutor Fausto?

FAUSTO:

Sim.

— O Doutor Fausto?

FAUSTO:

O Doutor Fausto, sim: o que há em sê-lo?

— Nada, confesso-o a rir e acreditara-o

Pois o não vira, mas de vós diziam

Serdes versado em artes e matérias

Do mágico e (...) horror (...)

A rir o digo que vos vejo aqui

Entre nós e bebendo como nós.

FAUSTO:

Sim, assim é; quem como eu vivia

Aparte logra sempre a negra fama

De bruxo... Há em mim cousa que mostre

Conhecimento d'artes vis e negras

Ou sacerdócio escuro de Satan?

— Nada; olhando bem em vós só vejo

Algo de triste que não é tristeza

No vosso rosto e no vosso olhar

Há uma causa a menos ou a mais

Que em outro... Isto vejo, ou me parece.

Perguntastes-me e rindo respondi.

FAUSTO:

Agradeço-vos; traçastes-me retrato

Tão completo de bruxo

Que começo a ter medo de mim mesmo.

— Canta, oh Frederico  
Aquele canção doida de beber  
Chamada «O Bebedor» ou coisa assim.

FRED:

A do «Bom Bebedor».

OUTRO:

É essa mesmo.

TODOS:

Venha, venha a canção.

FRED:

Lá vai amigos

(e depois)

E oxalá que, ao cantá-la, esquecer possa  
Ou antes, não lembrar onde a aprendi.  
Criança então era feliz. Lá vai:

Bom bebedor, bebe-me bem  
Bebe-me, bom bebedor.  
Só uma cousa boa esta vida tem  
É o vinho: mira-lh' a cor!

CORO

A vida é um dia e a morte um horror  
Bebe-me, bebe-me, bom bebedor.

Que morra de fome mulher e mãe  
Haja vinho, que é o melhor!

CORO



A vida é um dia e a morte um horror  
Bebe-me, bebe-me bom bebedor.

Deixe a guela o vinho lá quando vem  
Em lugar dele o estertor.

### CORO

A vida é um dia e a morte um horror  
Bebe-me, bebe-me bom bebedor.

A vida sem vinho é um triste horror  
Bebe-me, bebe-me bom bebedor.  
O, leite, da parra é melhor que o amor  
Bebe-me, bebe-me bom bebedor

### CORO

Bom bebedor bebe-lhe bem  
Bebe-lhe bom bebedor

Que faz que a mulher ande à gandaia  
E a filha seja pior  
E a puta da neta levante a saia  
Até ao quintal do prior?  
O vinho é o mesmo e da mesma cor  
Bebe-lhe, bebe-lhe, bom bebedor

### CORO

Bom bebedor, bebe-lhe bem  
Bebe-lhe bom bebedor.  
Bom bebedor, bebe-lhe rijo  
Bom bebedor, bebe-lhe bem;

O vinho que dá? Alegria e mijo,  
E a vida não vale melhor  
E se a vida é isto e a cova um horror  
Bebe-lhe, bebe-lhe, bom bebedor.

TODOS:

Bravo! Bravo!

FAUSTO:(saudando)

A quem escreveu essa canção.  
Não foi o camarada?

FRED:

Versos, eu?

Nada aprendi-a, e há o tempo. É pouca coisa,  
Uma maneira qualquer de berrar.

FAUSTO:

Eu sinto-me irrequieto.

FRED:

Isso é do vinho!

FAUSTO:

Do vinho?

FRED:

Olá se é. A uns dá-lhe assim  
A outros doutra maneira. Isso é confuso.  
Um velho tio meu que não fazia

Senão beber...

OUTRO:

Fazia bem...

FRED:

Pois esse

Dizia ser indício de saúde

Dar o vinho p'ra bulhas e contendas

«Estar irrequieto» como este lhe chama.

**FAUSTO: (aos soldados)**

FAUSTO: (aos soldados)

Nobres amigos, camaradas meus  
(Deixem que assim lhes chame)

TODOS:

É assim mesmo

Nem nós de outra maneira o desejamos.

UM:

Não grite tanto.

FAUSTO:

Então eu grito?

UM:

Ou está gritando ou estou eu com sono.

VÁRIOS:

Cala-te aí, sendeiro! Deixa ouvir.

UM:

Nem eu...

VÁRIOS:

A besta não se calará?!

## **FRANZ: Isto de ser soldado**

[FRANZ]:

Isto de ser soldado  
Tem uma filosofia obrigatória  
Como o pé ao fim da perna. Hoje vivo  
Amanhã morto... D'aqui se conclui  
Que sendo o vivo vivo enquanto é vivo  
É morto é morto.

OUTRO:

Tira-lhe o cangirão da mão oh Vesgo

[FRANZ]:

Ia eu dizendo — deixa o cangirão! —  
Que quem hoje vive e que não sabe  
Se amanhã viverá é viver hoje  
Por amanhã. Como isto de amanhã  
Nem é aí um dia, mas é muitos  
Enquanto a gente vive é ir vivendo  
Em cada dia como se ele fosse  
Uma vida completa  
— Bravo o vinho  
Faz a este pensar. O que diria  
O teu tio bêbado, oh Francisco?

[FRANZ]:

É esta

A tal filosofia do soldado  
A qual, senhores, a pensarmos bem  
É a de toda a vida. E não é pouco.

FAUSTO:

Dá-te o vinho razão, amigo. O homem

É um soldado. E este com certeza  
De morrer no combate de amanhã.  
Portanto a tal (...) filosofia  
Que entre goles aí me gaguejaste  
É mais certa que pensas, meu amigo.  
É viver hoje que amanhã na vida  
Não há talvez — é certo — vem a morte.  
Bebo à saúde aqui do nosso amigo!

TODOS:

À saúde do Franz!

[FRANZ]:

Vá que o mereço!

Mas olha lá: dá cá o cangirão  
Então só eu não beberei à minha?

OUTRO:

Vá que é beber-lhe bem.

Não é por ser

Minha saúde. É só por ser vinho  
Minha mãe! Minha triste vida!  
Minha sorte!

(Chora)

OUTRO:

O que é isso?

[FRANZ]:

O cangirão

Não tem mais vinho! Caguei vida. Rei e corno!  
Um rei corno — isso sabe a não sei o quê!  
E o cangirão já não tem quase nada  
O rei corno e eu sem vinho.

(cai para debaixo da mesa)

FAUSTO:

Arre que besta! Mas tem sua graça!

Está abraçado ao cangirão

Diz que é uma rainha.

[FRANZ]:

Dá-me cá mais um gole

Que isto de leite e corpo de rainha

Não é com quatro goles que se entende.

Um rei corno — isso é grande! Alma danada

Onde é que me escondeste ó cangirão?

(de debaixo da mesa)

Já o rei é corno!

FAUSTO:

Lá quanto a Deus

Quando o sinto a amargar-me a boca muito

Faço isto

(bebe)

Tomo um gole. E vai p'ra baixo.

TODOS:

Viva Fausto! Eia, viva! viva! viva!

FRITZ:

Mas a vida rapaz?

FAUSTO:

Caguei p'rá vida!

FRITZ:

Toma! É assim rapaz! Canta-me dessas!

És cá dos meus, apesar de doutor...

TODOS:

Doutor? Isto Doutor? Viva o Doutor!

FAUSTO:

Morra o doutor e viva Fausto! É assim!

TODOS:

Bravo. Morra o doutor e viva Fausto!

FRANZ:

...Revolta... Não compreendo bem  
Passa-me o cangirão que já te entendo.  
Sem mais dois goles não percebo nada.

FAUSTO:

Já percebes  
Estupor avinhado? Já me entendes?  
Isto de vida — ouve — é sentir tudo  
Meter o agradável num só dia  
Como o pé num chinelo. Deixa lá  
O cangirão e ouve... Isto de vida  
É a gente gozar e após gozar  
Gozar mais, entendeste?

FRANZ:

E depois disso?

FAUSTO:

Depois disso gozar mais ainda.

— Deixa-o lá. Só tem força p'ra beber.  
Não vê já mais que o olho do gargalo.

FRITZ:

Que é isso?

FRANZ:

Quero piscar o olho. Já me custa!  
Arre! Ou fecho ambos ou então nenhum.  
Bebendo mais um gole isto já passa...

FAUSTO:



Eu queria obter  
Uma enormidade de sensações  
Daquelas mais intensas que nós temos  
arrepio, calor, etcetra e tal...  
Isso como diz o matemático  
Elevado ao infinito e num momento  
Aqui é que é tentar chegar...

UM:

«Arrepio, calor, etcetra e tal»  
O que não se diz fica por dizer.

**FAUSTO— Viva a vida! Te digo, amigo, viva!**

[FAUSTO]

Viva a vida! Te digo, amigo, viva!

Viva a vida, que é tudo, e mais não há!

## **O resto da minha alma anda disperso**

O resto da minha alma anda disperso  
Pelos gritos e a luz desta oca orgia  
Em estilhaços de consciência, ocupo  
O (...) a mim (...)

## **FAUSTO (na taberna)**

FAUSTO (na taberna)

Já não tenho alma. Dei-a à luz e ao ruído  
Só sinto um vácuo imenso onde (a) alma tive...  
Sou qualquer coisa de exterior apenas,  
Consciente apenas de já nada ser...  
Pertença à estúrdia e à crápula da noite,  
Sou ser delas, encontro-me disperso  
Por cada grito bêbado, por cada  
Tom de luz no amplo bojo das botelhas.  
Participo da névoa luminosa  
Da orgia e da mentira do prazer.  
E uma febre e um vácuo que há em mim  
Confessa-me já morto... Palpo em torno  
De minha alma os fragmentos do meu ser  
Com o hábito imortal de prescrutar-me  
E não sei onde estou, ou quanto sou,  
Em que terreno de ruído e (...)  
Enterrei o meu espírito febril.  
Mas não é inda o fim. Inda é preciso  
Que a morte me desmembre em outro, e eu fique  
Ou o nada do nada ou o de tudo  
E acabe enfim esta consciência oca  
Que de existir me resta.  
Sinto um tropel esfuziante e quente  
De propósitos-sombras, e de impulsos  
Transbordado do cálix da consciência  
Para cima da vida... Sinto em mim  
Gritos de impulsos, (...)

Sinto que qualquer coisa vai fazer-me  
Conceber o horror da acção e ousio  
Em que dispersarei enfim o resto  
Da minha alma já oca. Cesse, cesse  
Para sempre a minha alma de ser minha,  
Abafe-lhe a consciência de existir  
A minha voz. Acorde a minha voz  
Ao gritar os propósitos de sangue  
E horror cujo (...) não concebo  
E é forçoso que deixe fugir...

(Alto)

Eia!

Camaradas! A orgia inda vai lenta!  
Vamos a mais! Vamos a pôr no berço  
As orgias romanas e a fazer  
Os nossos feitos desta noite rir  
De Nero e de Tibério! Vá que a vida  
É pouca para (...) Eia, vamos!  
Quem vive além na cidadela? O rei?  
Bom. E a rainha? Melhor é. Quem mais?  
As damas, os donzeis e os nobres todos  
Da corte? Vamos à obra...

Ah, as damas. Violemos essa carne!  
Rasguemo-la a espadim e a lança. Somos  
A vingança dos servos! dos mandados  
As crianças (...) e pequeninos  
Seja nossa a hora última e (...)  
Dos donzeis  
Fogueira e (...) com os nobres todos

Afoguemos o rei no (...) onde  
O mijo dos cavalos!  
Vamos! Às carnes brancas! Aos veludos!  
Não podem vir reforços. Se vierem  
Morramos combatendo... A morte é hoje  
Seja de hoje o gozo todo. Beba-se  
O vinho todo, que a partir da taça  
Será bom, pois que o vinho será gasto!

*(Lança fogo à taberna... Saem todos de espadas desembainhadas...  
Correm e dançam pela estrada fora. Archotes agitam-se no ar, dançam,  
espalham lume... Seguem na estrada... Aqui e além incendeiam as  
choupanas.)*

**(Uma cena em que mulheres, homens, todos correndo...**

*(Uma cena em que mulheres, homens, todos correndo dão ideia — não dos horrores que se estão cometendo, mas de que se estão cometendo horrores de que não pode haver ideia. Finalmente uma cena em que à luz de um grande prédio em chamas se vêem entrar, da direita para a esquerda, outros soldados avançando; a luz reflecte-se nas suas lanças e couraças. O prédio desaba com grande ruído. A chama vai morrendo e no anormal crepúsculo nocturno sente-se o passo rápido e múltiplo do vasto regimento que se dirige ao encontro dos revoltados. Aqui talvez fujam e entre Fausto... Depois vão para a esquerda para qual lado irão então os outros soldados.)*

*(Depois: Cena (de [..] ) dos dois)*

— Que será o clarão e aquele ruído?

Gritos?

*(Pouco a pouco vão deixando de falar nisso (símbolo de como ao lado da intranquilidade, a pacatez vive)*

## **Ah, o horror metafísico da Acção!**

Ah, o horror metafísico da Acção!  
Os meus gestos separam-se de mim  
E eu vejo-os no ar, como as velas dum moinho,  
Totalmente não meus, e sinto dentro  
Deles a minha vida circular!  
Sou sempre o mesmo, sempre o mesmo, sempre!  
Sempre o que tudo vê e tudo sente  
No seu sentido misterioso e enorme...  
Sempre... Nada me cura nem me apraz!  
Ah qualquer coisa  
Que anulasse meu ser e mo deixasse!...



## **Pouco a pouco**

Pouco a pouco

O mundo volta a ser do pensamento

Regressa a ser sentido.

E por onde subira,

Por esses degraus de mistério

Desceu o mundo, de mistério a etéreo

De etéreo a alma só perante a lira.

Pouco a pouco,

Lento e suave,

Como o voo

De uma ave

Que se cansa

Regressa o mundo ao mundo

Orfeu, que se afasta, avança

Pouco a pouco, pelo (...) profundo.

## **ENTREATO IV**

### **O DESTINO: As minhas mãos invisíveis**

O DESTINO:

As minhas mãos invisíveis  
Pesam sobre o mundo  
E as coisas, insensíveis  
Ao seu condestinar profundo,  
Dormem no sonho de verdade  
Chamado a sua liberdade.

Todos são malhas de uma rede  
Que no seu desfazer  
Julgam que vivem e têm sede  
De em si crer.

## **Quero fugir ao mistério**

Quero fugir ao mistério

Para onde fugirei?

Ele é a vida e a morte

O Dor, onde me irei?

## **Com o coração estranho**

Com o coração estranho

Escutei essa canção

Esse mundo donde venho

E este nosso onde me tenho

Qual é a ilusão?

## **Lágrimas, chorar-vos-ei**

Lágrimas, chorar-vos-ei  
E a vida em vós, pouco a pouco,  
E chorando ficarei  
Num silêncio d'alma louco.

## **UMA VOZ: Quando a noite suave! desce**

### **UMA VOZ:**

Quando a noite suave! desce  
— Sombra de mãos em perdão —  
Ó mão da Tristeza tece,  
O Manto da Solidão.  
Tece-o qual uma mentira,  
Que o meu triste coração  
Quer vesti-lo p'ra cobrir  
O nu da desilusão.

### **OUTRA VOZ:**

Enche a taça da minha alma  
Da bebida do sofrer  
Que transborde fria e calma  
Sobre a mão do esquecer;  
Do que dá o amargor  
Às lágrimas ... Quero ver  
Se encontro aí mais amor  
Para a bebê-lo morrer.

### **TERCEIRA VOZ:**

Cava-me a cova profunda,  
Quero em sossego dormir;  
Não na terra — é pouco funda;  
Vai a minha cova abrir

Do sonho na solidão  
E põe ao meu  
Por laje o meu coração  
Que inda não soube sorrir.

#### UMA VOZ TRISTE:

Um canto e outros, mas tudo triste,  
Soluços qu'rendo-se a si esquecer;  
A lira velha disso que existe  
Tem sons que fazem estremecer.

Um canto e outros, mas tudo vago  
Como a íntima alma do soluçar  
Que monstro mira (...) lago  
Que faz as águas leve vibrar?

Um canto e outros, mas tudo inútil  
As mãos descola vai a lira ao chão;  
O canto é meio febril e fútil  
De fingir vida na solidão.

**Ao teu seio irei beber**

Ao teu seio irei beber

O conforto de sofrer.



## **ATO V**

### **O Fausto Negro (Prólogo no Inferno)**

O Fausto Negro  
(Prólogo no Inferno)

TECEDEIRAS A TECER:

Teçamos, teçamos  
O pano da vida.  
Teçamos, teçamos  
Com louca lida.

De negro, de negro  
Com pontos dourados,  
De negro, de negro  
Com breves bordados.

Teçamos a rede  
Da vida em tear  
Que a morte tem sede  
Da rede rasgar.  
Teçamos, teçamos  
Pr'a cedo acabar.

UMA VOZ:

Toda de negro, toda escura  
Rede da vida tece aqui

(...)

## **UMA VOZ: Eu sou o Espírito de Alegria,**

UMA VOZ:

Eu sou o Espírito de Alegria,  
Minha mortalha minha mão fia,  
Fia-a contente de ter que fiar.  
Por isso a fia sem a acabar,  
Fia de noite, fia de dia,  
Fia, fia, fia, fia,  
Fia de noite e de dia fia.

Bem sei que a obra é para tristeza,  
Mas há o fazê-la que a faz beleza,  
Bem sei que a morte é seu fio e a dor  
Constante no fiar. Mas fia com amor.  
E por isso cumpre-me a minha alegria  
Minha mão (...) que fia e fia,  
Fia de noite, fia de dia,  
Fia, fia, fia, fia  
Fia de dia e de noite fia.

## **É o maior horror da alma**

É o maior horror da alma  
Ver claro em pensamento que é profundo  
Ver o Terror Supremo! a ambição  
De morrer p'ra não pensar, já não  
Por duvidar — mas — oh maior horror!  
Por ver, por ver, por ver!

## **Nem digam não, que o antigo cepticismo**

Nem digam não, que o antigo cepticismo  
Chegou aqui. Dizer «Apenas sei  
Que nada sei» não é compreender  
Isto: que a verdade certa está  
Além do ser e do não ser, as duplas  
Formas do erro mais simples do pensar.  
A vazia e profunda negação  
Socrática é o exterior entre-sonhado  
Da minha negação calma e profunda.  
Toda a frase, expressão, pode partir  
D'alma ou dos lábios, e (...) dentro d'alma  
Dos lábios d'alma, ou d'alma da alma. Esta  
Diferença contém a diferença  
Entre o vazio cepticismo antigo,  
Mudo adivinhador não compreendendo  
A Força toda do que adivinhou...  
Entre isto e o meu pensar. Cheguei aqui.  
Nem daqui sair quero, nem queria  
Aqui chegar. Mas aqui estou e fico.  
Perdida ilusão, desilusão  
Tendo o sonho e o real por igualmente  
Falsos, e por certo tendo apenas  
A certeza e o orgulho de aqui estar.  
Pelos caminhos (...) da vida  
Desdenhando leituras, procurei  
Só a verdade — e a verdade é esta.

(uma pausa)

Não sei por quê — não sei... Antes quedasse

Mesmo na dúvida. A desolação  
Onde hoje estou — dupla — de nada achar  
E de estar só em nada ter achado —  
Apavora-me. Há alegria na cidade,  
Há tristeza no campo solitário  
E no plaino desolado. Mas aqui.  
No alto píncaro do mais alto monte,  
Onde ninguém subiu nem subirá,  
Há um horror intenso.

(Levanta-se tremendo de horror)  
Rezar não poder, sonhar, dormir, sim iludir-me.  
Voltar ao erro. Voltar ao erro. Nunca!

Não posso já dizer «Meu Deus». Ah, e era  
Doce dizê-lo! Ah a tristeza imensa  
De estar além da lágrima e do riso  
Como eu. Não poder rir, chorar, assim  
Como outros homens.  
Sim, mas valho mais!  
Para quê valer mais?  
Horror! Horror!  
Mistério, vai-te, esmagas-me! Ah partir  
Esta cabeça contra aquele muro  
E tombar morto. Mas a morte, a morte!  
Ah como a temo! Para onde fugir?  
Na vida nem na morte tenho abrigo.  
Maldito seja... Quem? Quem fez o Mal,  
Este que sinto! Ah, mas já nem posso  
Amaldiçoar. O Bem e o Mal são  
Formas de erro. Nem amaldiçoar!

Ah o horror, o horror sinto ao vazio  
À roda de mim. Eu já não posso  
Amaldiçoar, nem ora dirigir-me  
A potências ou forças, pois já sei  
Que a verdade está além do concebível...  
Ah, horror supremo. Nem crer, nem descrever,  
Nem rir, nem chorar, morte nem vida  
Desejar.

*(Vê um frasco em cima da mesa)*

Ah dormir, talvez dormindo  
Esqueça tudo

*(Tira o frasco e deita com cuidado)*

Não haja eu, que em (horror)  
Dormir cuidando, fosse atingir  
O temido eterno sono! Só a ideia...  
Não mais. Basta. Está bem. Bebamos.

*(Bebe. Cambaleia. Vai à cadeira e aí cai inerte, sentado inclinado para trás)*

## **O medo intelectual da «morte»**

O medo intelectual da «morte»

Não o instintivo e humano, mas o que nega e

Cresce com o olhá-la e reflecti-la.



## **A MORTE: Em mim acaba**

A MORTE:

Em mim acaba  
Mudo, profundo  
Como ruína que desaba  
Tudo o que vive e sente o mundo.  
A humanidade cujo rir  
É um esquecimento fundo  
Sabe, sem o analisar,  
Que em mim naufraga o sentir  
Nos rochedos do pensar.

## **Valendo mais ou menos entre si**

Valendo mais ou menos entre si  
Várias formas de erro equidistantes  
No seu valor real e a só verdade  
Infinitamente inatingível.

A verdade

Intuitivamente, de repente  
Se compreenderia, sem a dúvida,  
Por todos; o universo não contém  
Esta verdade. Porque pois buscar  
Sistemas vãos de vãs filosofias  
Religiões, seitas, pensadorias  
Se o erro é a condição da nossa vida,  
A única certeza da existência?  
Assim cheguei a isto: tudo é erro,  
Da verdade há apenas uma ideia  
À qual não corresponde realidade.  
Crer é morrer; pensar é duvidar.  
A crença é o sono e o sonho do intelecto  
Cansado, exausto, que a sonhar obtém  
Efeitos lúcidos do engano fácil  
Que antepôs a si mesmo mais sentidos,  
Mais vistos que o usual do seu pensar.  
A fé é isto: o pensamento  
A querer enganar-se eternamente,  
Fraco no engano, (...) no desengano,  
Quer na ilusão quer na desilusão.

## **Quando acorda p'ra vida o pensamento**

Quando acorda p'ra vida o pensamento  
E sente a luz e (...) do existir  
Diz «Tudo é bom». Depois, exausto já  
O que ao ser a novidade (...)  
Exausta a variedade invariável  
Da vida, diz (...) «tudo é mau».  
Mas, acordando mais o raciocínio,  
Pensa que mal é o nome universal  
Do limitado que se sente  
Limitado, e diz «tudo é limitado  
E porque é limitado é tudo mau»  
E então como (...) uma esperança  
Nasce, de que outra vida possa vir  
E fazer esquecer ou relembrar  
Em loucas transcendências esta vida,  
[...]  
Mas se além vai o duro pensamento,  
Se mais pensa e mais (...)  
Vê que o mundo, o universo, enfim o Ser  
Transcende na sua essência incognoscível  
(Única essência, pois o ser é o ser)  
Bem e mal, limitado e ilimitado.  
E quanto o pensamento assoberbado  
Aqui chega e enfim se reconhece  
À verdade chegado, vê que a orla  
Da terra do pensar é procurar  
Ter um mar que (...) não navegue.  
A verdade esta é e eu a achei.

Achei-a, não a achando; conheci-a,  
Reconhecendo-a sempre incognoscível,  
Não vulgarmente, com a isenção  
Do filósofo cinto em (...)  
Mas pensei-a sentindo-a, e assim estou,  
De ter chegado aqui pálido e mudo,  
Orgulhoso de ter chegado aqui,  
E orgulhoso e irado de não poder  
Manifestar (que palavras não o dizem)  
Aos homens o que sinto e o que penso  
E até onde penso e onde sinto.  
Nesta desolação de pensamento  
Minha alma rígida reside e sorve  
O fel do incognoscível compreendido  
Pelos poros doridos do pensar.  
O incognoscível compreendido enfim  
E incognoscível sempre. Aqui ninguém  
Chega nem chegará.

Orgulho vão.

A que vens? Não sei eu o que tu és?

## **Mundo confranges-me por existir.**

Mundo confranges-me por existir.  
Tenho-te horror porque te sinto ser  
E compreendo que te sinto ser  
Até às fezes da compreensão.  
Bebi a taça (...) do pensamento  
Até ao fim; reconheci-a pois  
Vazia e achei horror. Mas eu bebi-a.  
Raciocinei até achar verdade,  
Achei-a e não a entendo. Já se esvai  
Neste desejo de compreensão  
Inatendido inalteravelmente,  
Neste lidar com seres e absolutos  
O que em mim por sentir me liga à vida  
E pelo pensamento me faz homem.  
Já não penso como antes, nem que existo  
Nem que existisse. E neste orgulho certo  
Fechado mais ainda e alheado  
Me vou do limitado e relativo  
Mundo em que arrasto a cruz do meu pensar.  
Com dolorosas incompreensões  
E com compreensões mais dolorosas

## **Algun pronto a morrer pelo terror**

Algun pronto a morrer pelo terror  
Da tempestade, que se encontra só  
Numa planície vasta, ou vasto oceano,  
E onde ele, sem abrigo ou falso abrigo,  
Logra, sem se iludir, qu'rer iludir-se  
Em terror, rugem (...) e desabam  
Os terrores em luz, e som e abismo  
Da tempestade e que, mais do que trémulo,  
Mais que convulso no terror extremo,  
Pensa já perto da loucura, quanto  
(...)  
Fugir mais do que em si, desaparecer,  
Sumir-se, dessentir-se (...)  
(...)  
Mais do que não viver por não sentir;  
E todo o horror das convulsões que os céus,  
O nosso todo, (...) ruge e estala  
E todo o corpo dele é um sentido  
Para sentir pavor, e cada poro  
É sentiente e consciente e agudo  
Em ter uma atenção de terror cheia;  
E o aflito e convulso nunca logra,  
Como na dor e na tristeza, ter  
Uma apatia e uma (...)  
Mas cada grito e laivo da tormenta  
Mais, mais e mais o faz viver e ser  
Para o medo, na estrada sem limites  
Que só o medo trilha; consciente

Ah, horrorosamente consciente  
E pávido e convulso, nem dorido  
Nem (...) de mágoa ou de desejo  
Mas quer choraudo, ou (...) ou estorcendo-se,  
Unicamente do terror escravo  
E sempre mais o escravo do terror (  
Assim eu sou. Assim meu pensamento  
É confrangido e apavorado além  
De tudo que sou, assim  
Cada poro da alma se me torna  
Um sentido para pensar, um alvo  
Ao terror, uma alma para ser  
Apavorada do mistério e (...)  
Mas não é sempre a tempestade, e em mim  
O mistério está sempre; e (...) torna  
Para a planície tão desabrigada  
Que só a tempestade nos encima.  
Não para mim no horror do pensamento  
Não só a toda a hora me confrange  
Mas não lhe fujo, não lhe fujo, horror!  
E ao terror do (...) ao menos quem morre  
No desespero e auge do pavor,  
Sabe que foge, mas a morte a mim  
(Oh supremo tormento que há no medo)  
Aproxima-me disso que me esmaga  
De apavorado. Quer em vida ou morte,  
O terror sob a forma do infinito  
Está comigo, desmedidamente  
Presente.

Mas a tempestade  
Acabará, e há outro lugar onde  
Não há a tempestade. Mas a este  
Não lhe posso fugir nem conceber  
Que ele se acabe ou que se abata ou seja  
Outra coisa que não da alma minha  
No que de universal e permanente  
Tem.



## **O animal teme a morte porque vive,**

O animal teme a morte porque vive,  
O homem também, e porque a desconhece.  
Só a mim me é dado com horror  
Temê-la por lhe conhecer a inteira  
Extensão e mistério, por medir  
O infinito seu de escuridão.  
Não que a conheça, não, nem compreenda  
Mas que como ninguém meço e compreendo  
Toda a extensão do seu mistério negro.  
Para esta minha dor não foram feitas  
Palavras que expressem e nem mesmo  
Sentimento que a sinta como tal.  
Dor que transcende o verbo e o sentimento  
Criando um sentimento para si  
Do qual o Horror é apenas a aparência  
Pensável e sensível do exterior.  
Indefinível sentimento fundo  
Que me foge quando eu a analisá-lo  
Me preparo e só deixa como um rasto  
Da fantásmica luz de escuridão  
À qual cerrar os olhos d'alma tenho.

O horror cabe bem n'alma, mas aqui  
Não me cabe uma alma neste horror. Além  
Do vulgar medo à extinção suprema  
Há a épica aceitação da morte  
E além d'ambas este perder d'alma  
Num escurecido e lúcido terror.

## **Morrer — esta palavra toda horror —**

Morrer — esta palavra toda horror —  
Repito-a e re-repito-a para ver  
Se aumenta em mim 'té à compreensão  
O pensamento e sentimento vagos  
Que produz, e dos quais a intensidade  
Em contraste com esse vago imenso  
Faz dum horror um horror supremo;  
Repito sim — Morrer — e não obtenho  
Uma qualquer nitidificação  
Do desolado caos do meu ser.  
Agonia suprema! Suma dor  
Não poder eu — sem morte, sem (...)  
Tornar-me em um estranho inanimado  
D'inconcebida essência que encontrasse  
O impensável desejo da minha alma.  
Tudo é mistério e o mistério é tudo  
E a mais próxima forma, essa mais nossa  
A sua forma mais (...)  
É a morte.

Uns têm — e é sofrer — o duvidar:  
Há Deus ou não há Deus? Há alma ou não?

Eu não duvido, ignoro. E se o horror  
De duvidar é grande o de ignorar  
Não tem nome nem entre os pensamentos.  
Hesitar: «Há Deus ou não há?» é triste  
Mas saber: «Não há Deus» e perguntar

«O que há então?» Aqui dúvida e ânsia  
Por humildes em dor não se concebem.

Eu, Fausto, achei a ciência suprema  
Que o homem pode ter; nela encontrei  
O (...) de desolação  
D'ânsia, d'horror, de medo, de delírio,  
De hesitação, de estranheza na terra,  
De vacuidade em mim e em todo o mundo,  
E em todo o pensamento e em todo o Ser.

## **O segredo da Busca é que não se acha.**

O segredo da Busca é que não se acha.  
Eternos mundos infinitamente,  
Uns dentro de outros, sem cessar decorrem  
Inúteis; Sóis, Deuses, Deus dos Deuses,  
Neles intercalados e perdidos  
Nem a nós encontramos no infinito.  
Tudo é sempre diverso, e sempre adiante  
De [Deus] e deuses vai a luz incerta  
Da suprema verdade.

## **Eu sou como um que entre o mar que lhe avança**

Eu sou como um que entre o mar que lhe avança  
Se vê e entre um rochedo alto e (...)  
Mas com maior horror — ah, quão maior!  
Perante a morte — aquilo que eu temo  
Com horror que transcende todo o horror  
Que os homens hão sentido — lhe aproxima...

Coroai-me de espinhos — sou aquele  
Que mais no mundo tem sofrido.

P'ra resignar-se à morte é necessário  
Não lhe compreender todo o horror,  
Não lho medir. Perdi  
A última ilusão que até agora  
Ninguém perdera, nem o mais audaz  
Cogitador metafísico — essa que faz  
Com que o pavor não desça às nossas veias  
Tornando-se um com a nossa vida.

## **Monólogo nas Trevas**

A qualquer modo todo escuridão  
Eu sou supremo. Sou o Cristo negro.  
O que não crê, nem ama — o que só sabe  
O mistério tornado carne —.

Há um orgulho atro que me diz  
Que sou Deus inconscienciando-se  
Para humano; sou mais real que o mundo.  
Por isso odeio-lhe a existência enorme,  
O seu amontoar de coisas vistas.  
Como um santo devoto  
Odeio o mundo, porque o que eu sou  
E que não sei sentir que sou, conhece-o  
Por não real e não ali.  
Por isso odeio-o —  
Seja eu o destruidor! Seja eu Deus ira!

## **Crucificado, / Não como Cristo numa mera cruz,**

Crucificado,  
Não como Cristo numa mera cruz,  
Mas no mistério do universo. (Sempre  
Me foi a alma, ao ver a exterior  
Vaidade monótona do mundo  
Para ver em cada coisa e abstracto objecto  
No seu misterioso ali-local de ser,  
Sempre os meus pensamentos supervistos  
Como coisas alheias me eram pontes  
Donde eu partia para perguntar-me  
Generalidades.)

## **Todos os mistérios do universo**

Todos os mistérios do universo  
São um só: o mistério do universo.  
Um dia — nunca o sol me-lo trouxera! (  
Vi-o esse mistério — claramente  
Com completa visão e compreendendo  
Em todo o mistério do mistério  
Na sua infinidade e concisão!  
E desde então nunca mais livre fui  
Mas no horror vivo e (...)  
Recordando em cada momento essa visão,  
Desse horror ocupado eternamente  
Como da vida o calor do sangue  
Intimamente anseia.



**Ah, não poder dormir (eu não sei como,**

Ah, não poder dormir (eu não sei como,  
Não na verdade o quero) eternamente,  
Acabar não comigo, nem com isto,  
Mas com tudo, causa, efeito, ser...  
Ideias vãs que a imaginação  
Vazia dum momento em quietude  
Gera sem ilusão, como criança  
Embriagando-se indolentemente  
Do cheiro transitório duma flor.

## **Ah que nunca a verdade definida**

Ah que nunca a verdade definida  
Mate a alma, que vive de não tê-la!

Talvez que nunca, ó negra speranza linda!,  
A alma encontre o horror definitivo  
Da verdade absoluta, onde se acabe  
Que ser, que ter, que procurar.

Cada Deus seja falso e, onde é, supremo;  
Sol centro dum sistema de verdades  
E sistemas solares de ilusão  
No espaço da verdade sem limite  
E sem definição — inexistente  
Para quanto é o sujeito.

**Mas ah! se a morte, sem ser nada ou noite,**

Mas ah! se a morte, sem ser nada ou noite,  
Não explicasse nada, e eternamente  
Vagabundos conscientes do erro eterno,  
Nossas presenças pávidas girassem  
Na eterna circunferência do mistério  
Exuis do abstracto centro! Ah! Quem nos diz  
Que aquele horror, que toda a vida fita  
E não quer ver, nos não conduz a outra  
Espécie de vida, sem ser esta salvo  
Em não saber mais nada da verdade?  
Quem diz que quando a vida cessa acaba  
A ilusão, ou que a morte, libertando  
Da limitada personalidade,  
Em outra nos lança, sempre longe  
Do ignoto ponto onde já nada é falso?

Ah! quão melhor não fora, como as aves  
Ou animais dos montes e das selvas  
Não conhecer de longe cousa alguma!  
Porque mistério é que as estrelas fixas  
Nos ergueram do chão, e a pé puseram,  
Instável, o seguro animal certo  
Na sua marcha olhando para o chão?

Passam os Deuses, e o próprio uno Deus  
Não dura. As crenças como nuvens deixam  
Os homens, e o mistério permanece.

Será porém melhor que encontrássemos  
A verdade, ou que não a achemos nunca?  
Quem caberá melhor ou a (...)  
Ou à felicidade?

Canto das aves, som dos rios, som  
Das árvores movendo-se na calma,  
Quando distais do que eu mal sei que sou!  
Qual é diferença entre nós que eu  
(...)

## **Mas o horror supremo do mistério**

Mas o horror supremo do mistério  
É que veja a Verdade, e o que temo  
Com o que mais em mim pode temer,  
É encontrar a Verdade face a face  
E ter em mim o horror de saber Tudo;  
Porque o horror de saber tudo é o extremo  
(...)  
O que ainda (...)  
À nossa vida é o não se saber

## **A morte, a incompreendida**

A morte, a incompreendida  
Revelação do mais que incompreendido

## **A morte! / Quanto mais eu pondero nela, mais**

A morte!

Quanto mais eu pondero nela, mais

Me desocupa todo o sentimento

Normal e nítido que me criava

Uma como inconsciência que fazia

Com que o mistério não vivesse sempre

Comigo. Agora cada vez mais longe

Me encontro do (...) e natural

## **Afastai-vos de mim, outrora horror**

Afastai-vos de mim, outrora horror  
De mim pensado, e um grato sono pesa  
Já sobre o que me sinto. Como quando  
A fadiga, em princípio de dormirmos,  
Se torna um prazer vago e um começo  
Do sono em que a percamos, assim pouco  
A pouco um murmuro cessar da mente  
Me inebria de sombras e me esquece  
De mim, e me anoitece lentamente.



## **Já oiço o impetuoso**

Já oiço o impetuoso  
Circular ruído de arrastadas folhas,  
E num vago abrir d'olhos na luz sinto  
As amarelidões e palidezes  
Onde o outono sopra nuamente.  
Deixá-lo que assim seja — que me importa?  
Como um fresco lençol eu queria  
Puxar sombra e silêncio sobre mim  
E dormir — ah dormir! — num deslizar  
Suave e brando para a inconsciência  
Num apagar sentido docemente.

## **Do eterno erro na eterna viagem,**

Do eterno erro na eterna viagem,  
O mais que saibas na alma que ousa,  
É sempre nome, sempre linguagem  
O véu e a capa de uma outra cousa.

Nem que conheças de frente o Deus,  
Nem que o eterno te dê a mão,  
Vês a verdade, rompes os véus,  
Tens mais caminho que a solidão.

Todos os astros, inda os que brilham  
No céu sem fundo do mundo interno,  
São só caminhos que falsos trilham  
Eternos passos do erro eterno.

Volta a meu seio, que não conhece  
Enigma ou deuses porque os não vê,  
Volta a meus braços, neles esquece  
Isso que tudo só finge que é.

Meus ramos tecem doceis de sono,  
Meus frutos ornem o arvoredor;  
Vem a meus braços em abandono  
Todos os Deuses fazem só medo.

Não há verdade que consigamos,  
Ao Deus dos deuses nunca hás-de ver...  
Doceis de sono tecem meus ramos.

Dorme sob eles como qualquer.

## **D'outra vida mais bela**

D'outra vida mais bela

A esperança já desesperada,

A gélida e constante aspiração.

## **Quê? Eu morrer?**

Quê? Eu morrer?

Morrer? (...) onde centralizar

Sensação (...) e pensamento,

Suprema realidade, único Ser

Passar, deixar de ser! A consciência

Tornar-se inconsciente? E como? O Ser

Passar a Não-Ser? É impensável.

E contudo é impensável o Real.

— Vida (...) inconsciente —

E ela é o Real.

## **Eu procurei primeiro o pensamento,**

Eu procurei primeiro o pensamento,  
Eu quis, depois, a imortalidade...  
Um como o outro só deram ao meu ser  
A sombra fria dos seus vultos negros  
Na noite eterna longe dos meus braços...  
Eu procurei depois o amor e a vida  
P'ra ver se ali esqueceria a dor  
Do pensamento e da ciência firme  
Da certeza da morte. Mas o amor  
É para quem guardou a alma inteira,  
E não podia haver amor pr'a mim.  
Depois na acção cega e violenta, onde eu  
Afogasse de vez toda a consciência  
Da vida, quis lançar meu frio ser...  
Mas aquilo da alma condenada  
Que me fizera em tudo um espectador,  
De mim, do mundo, do que quer que fosse,  
Proibiu-me outra coisa que assistir  
Aos [...] dos outros e aos meus  
Friamente de fora, sempre tendo  
No fundo do meu ser o mesmo horror...  
Ah, mas cansei a dor dentro de mim...  
E hoje tenho sono do meu ser...  
Dormir, dormir, de dentro d'alma, como  
Um Deus que adormecesse e cujo sono  
Fora um repouso de tamanho eterno  
E feliz absorção em infinito  
De inconsciência boa.

## **Monólogo à Noite**

Tenha eu a dimensão e a forma informe  
Da sombra e no meu próprio ser sem forma  
Eu me disperse e suma!  
Toma-me, ó noite enorme, e faz-me parte  
Do teu frio e da tua solidão,  
Consubstancia-me com os teus gestos  
Parados, de silêncio e de incerteza,  
Casa-me no teu sentido de (...)  
E anulamente... Que eu me torne parte  
Das raízes nocturnas e dos ramos  
Que se agitam ao luar... Seja eu p'ra sempre  
Uma paisagem numa encosta em ti...  
Numa absoluta e (...) inconsciência  
Eu seja o gesto irreal do teu beijo  
E a cor do teu luar nos altos montes  
Ou, negrume absoluto teu, que eu seja  
Apenas quem tu és e nada mais...  
Suspende-me no teu aéreo modo,  
Comigo envolve as estrelas e espaço!  
E que o meu vasto orgulho se contente  
De teu ter infinito, e a vida tenha  
Piedade por mim próprio no consolo  
Da tua calma inúmera e macia...

## Epílogo?

(Fausto (numa cama) acordando, abre as olhos)

Vivo! Pois vivo ainda! Torno a ver-te,  
Pálida luz, silente luz da tarde,  
Que ora me enleias dum calado horror!  
Onde estou? Onde estive? Ferve em mim,  
Numa quietação indefinida,  
Um eco de tumultos e de sombras  
E uma coorte como de fantasmas  
Oscilantes. E luzes, cantos, gritos,  
Desejos, lágrimas, chamadas e corpos,  
Num refulgir (...) e misturado  
Numa esvaída confusão nocturna,  
Como tendo piedade de deixar-me  
Sinto passar em mim, como visões.  
Nem com esforço recordar-me posso  
Se são fantasmas ou vagas lembranças;  
Não me lembro de vida alguma minha  
E o necessário esforço desejado  
P'ra recordar-me não o posso ter.

A forte central luz do meu pensar  
Qu'iluminando forte e unamente  
Fazia o meu ser um, já se apagou.  
Restam-me sombras e dispersas luzes  
Tremeluzentes vãs cintilações  
Que me cansam de vagas e ilusórias.  
Para quê sofrer mais? Não haverei



Ainda o sono que me pede a mente  
Atormentada de febrilidades  
E erros esvaídos de sentir?  
Já me cansa e me doi sentir-me a mim,  
E perceber que existo e que há uma vida  
Comigo, vaga e desprendidamente,  
Qual vinho numa taça. E já não tenho  
Força para entornar a taça e enfim  
Acabar. Nem desejo nem espero  
Nem temo, n'apatia do meu ser.  
Para que pois viver? Quero a morte,  
E ao sentir os seus passos  
Alegremente e apagadamente,  
Me voltarei lento para o seu lado  
Deixando enfim cair sobre o meu braço  
Minha cabeça, olhos cerrados, quentes  
De choro vago já meio esquecido.

Mas onde estou? Que casa é esta? Quarto  
Rude, simples — não sei, não tenho força  
Para observar — quarto cheio de luz  
Escura e demorada que na tarde  
Outr'ora eu... Mas qu'importa? A luz é triste,  
Eu conheço-a.

## **Vejo que delirei.**

Vejo que delirei.  
Nem delirando fui feliz; mas fui-o  
Apenas para obter esse cansaço  
Que não obtive outrora: desejar  
A morte enfim. Eis a felicidade  
Suprema: rezear nem duvidar,  
Mas estar de prazer e dor tão lasso  
A nada já sentir, longe de mim  
Como era antigamente: e também longe  
Dos homens do (...) natural  
Estranho! com saudade só me lembro  
Do meu grão tempo de infelicidade,  
Saudade não, e um orgulho (que é só  
O que dela me resta hoje) e não quero  
Àquele tempo regressar. Já nada quero!  
Caí e a queda assim me transformou!  
Saudosamente ainda me lembra  
D'ultra acordado estar, mas a queda  
Tirou já o desejo de voltar  
(Se pudesse). Deixou só um sentimento  
De desejar eterna quietação  
Ânsia cansada de não mais viver;  
Ambição vaga de fechar os olhos  
E vaga esperança de não mais abri-los.  
Meu cérebro esvaído não lamenta  
Nem sabe lamentar. Tumultuárias  
Ideias mistas do meu ser antigo  
E deste, surgem e desaparecem

Sem deixar rastos à compreensão.  
E ainda com elas, sonhos que parecem  
Memórias dessa infância, dessas vozes  
Já deslembadas, vãs, incoerentes,  
Amargas, vãs desorganizações  
Que nem deixam sofrer. Vem pois, oh Morte!  
Sinto-te os passos! Grito-te! O teu seio  
Deve ser, suave e escutar o teu coração  
Como ouvir melodia estranha e vaga  
Que enleva até ao sono, e passa o sono.  
Nada, já nada posso, nada, nada...  
Vais-te, Vida. Sombras descem. Cego. Oh Fausto!

(Expira)

## **FINAL**

### **O que pensando sofreu**

O que pensando sofreu  
Na loucura foi feliz.  
Ah, vem comigo, que és meu.  
Hei-de levar-te ao país  
Do qual ninguém nada diz  
E que ninguém concebeu.

Nem Deus, nem céu, nem inferno  
Nem vidas ou morte  
No incompreensível eterno  
Que abriu teu pensar profundo.  
Vem, dos teus olhos se esvaia  
Bem e mal; e p'ra ti caia  
Minha sombra sobre o mundo.

A opressão do mistério  
Mancha-te a alma de luz;  
Vem comigo que avanço  
Além do vago sidério,  
Transluz.  
Vamos além do descanso,  
Vamos para além da luz.

Triste que riu e chorou  
E, além do rir e chorar,  
Por pensamentos passou...

Vem a mim que eu sei amar.

FAUSTO:

Oh, Morte, vem-me levar!

MORTE:

Vem, oh meu filho, aqui estou.

## **Uma voz como um suspiro:**

Quem sabe se ainda  
Não é mais profundo  
Do que o pensamento  
O enigma do mundo!

Quem sabe, quem sabe!  
Horror, ai horror!  
Se também ser basta,  
Voraz pensador!

Mais frio, mais doido  
O mistério será  
Do que tu achaste!  
Se ainda haverá,

Além do Além,  
Horror mais horror!  
Também deliraste,  
Oh monstro de Dor!

Depressa, depressa,  
Lembremos enfim:  
Pensar é viver,  
Mistérios e dor,  
Sonhar e descrever  
Horror, tudo horror!  
Numa noite sem fim.

## **Filho das trevas,**

Filho das trevas,  
Não fites a luz  
Ai de ti, se te elevas,  
Tu apenas te elevas  
Aos braços de uma cruz.  
Filho das trevas!

Filho da noite,  
A manhã não se afoite  
Nunca, nunca se afoite.  
Toda a esperança é vã,  
Filho da noite!

## **PRIMEIRO FAUSTO**

### **I**

O conjunto do drama representa a luta entre a Inteligência e a Vida em que a inteligência é sempre vencida. A Inteligência é representada por Fausto, e a Vida diversamente, segundo as circunstâncias acidentais do drama.

No 1º acto, a luta consiste em a Inteligência querer compreender a Vida, sendo derrotada, e compreendendo só que não pode nunca compreender a vida. Assim, este acto é todo disquisições intelectuais e abstractas, em que o mistério do mundo (tema geral, aliás, da obra inteira, pois que é o tema central da Inteligência) é repetidamente tratado.

No 1º entreacto há a repetição lírica das conclusões a que o protagonista chegará no 1º acto.

No 2º acto a luta passa a ser a da Inteligência para dirigir a Vida, sofrendo na tentativa igual derrota, embora de outra maneira. A dificuldade está na maneira de representar essa Vida que a Inteligência tenta dominar. O preferível é representar essa Vida por discípulo ou alguém assim, em quem, por não compreender a subtilidade e o género de ambição do Mestre, as pretensas vontades e imposições deste nenhuma impressão causam, ou causam uma impressão falsa. O melhor talvez é representar a Vida aqui por três discípulos ou outras pessoas — um sobre quem a acção intelectual é nula, outro por quem é aceite erroneamente, pervertidamente, e um terceiro por quem é de instinto combatida, com uso também da Inteligência, que nele é arma, meio, instrumento para o instinto se manifestar.

O 2º entreacto resume a lição que o drama do 2º acto põe humanamente. Este entreacto é lírico como o primeiro. (Estudar o género lírico, da direcção essencial deste entreacto).

O 3º Acto envolve a luta da Inteligência para se adaptar à Vida, que, neste



ponto, é, como é de esperar, representada pelo Amor, isto é, por uma figura feminina, Maria, a quem Fausto tenta saber amar.

Que fazes tu?

FAUSTO:

Tento saber amar.

Nasceu morto o que quis de mim.

A derrota da Inteligência é igualmente flagrante neste caso. O acto fecha com o monólogo da noite, de especial amargura, porque a incapacidade de adaptação à vida é mais amarga que a falência em compreendê-la e dirigi-la, que são, a 1ª mais horrível (pelo mistério essencial) a 2ª mais desilusionante (pela disparidade entre os resultados e o esforço empregado e a sua direcção intencional).

O 3º entreacto, lírico também, é difícil de determinar que orientação tenha. (Não deve ser este sem dúvida o entreacto dionisiaco) (??)

No 4º acto a tentativa que falha é a de dissolver a Vida, em que a raiva da inimizade falha ante a capacidade de reacção da Vida, caindo no Hábito (os revoltosos que reconhecem senhor o senhor contra quem se revoltaram), no Prazer Mais Próximo, e na Indiferença entre os grandes fins, ainda que tenham um apelo para o instinto (o que é representado pela cena em que os amorosos ouvem passar ao longe indiferentemente o tumultar da revolta).

O 4º entreacto deve ser o mais frio de todos.

No 5º acto temos, finalmente, a Morte, a falência final da Inteligência ante a Vida. Enquanto se dança e se brinca em uma festa de dia-santo, Fausto agoniza ignorado. E o drama fecha com a canção do Espírito da Noite, repondo o elemento do terror do Mistério, que envolve tanto a Vida como a inteligência — canção simples e fria.

Um dos principais estudos a fazer aqui é o da natureza dos entreactos. Sem dúvida que o 1º deve ser o de lirismo metafísico, que acaba com a canção «a catarata de sonho». O 2º entreacto, na passagem da falência da Inteligência para dirigir a sua falência para se adaptar, deve ser o mais suave de todos, embora um resaiço da falência que vai haver deva talvez pairar na lírica por ele espalhada. O 3º entreacto é sem dúvida o dionisiaco, porque a tendência dionisiaca da Inteligência é que a leva a dissolver a Vida, tanto pelo erro no instinto, que leva ao excesso absurdo e teorizado, como pela raiva imanente nesse excesso. O 4º entreacto, que é o que é bom que comece com a canção do Destino (??), fecha friamente a série lírica, o comentário lírico que os entreactos constituem.

É este, aproximadamente quanto aos detalhes, o ambiente dramático do Primeiro Fausto.

Outro modo de pôr o mesmo problema, ou, antes, a mesma tese:

1º Acto: Conflito da Inteligência consigo própria.

2º Acto: Conflito da Inteligência com as outras Inteligências.

3º Acto: Conflito da Inteligência com a Emoção.

4º Acto: Conflito da Inteligência com a Acção.

5º Acto: Derrota da Inteligência.

## II

Um dos entreactos é composto das canções destinadas ao auto das Bacantes que aqui ficam certas e muito melhor — ou o 2º ou o 3º entreacto, naturalmente. (Deve ser o 3º, antes da cena da taberna, no 4º acto, que é a que mais diz com a «anoia da via completa» na canção de um bacante)

1. Tentação da Ciência
2. Tentação da (...)
3. Tentação do Amor
4. Tentação da Vida (completa)
5. Tentação da Morte

ou então

1. O cansaço de nada saber — o elixir da ciência
2. Querer saber, conhecer a verdade
3. Querer conhecer o amor ou a vida.
4. Querer sentir a vida — abdicar da individualidade na Vida.
5. Cansaço final — abdicação da individualidade na Morte.

1. Impossibilidade de conhecer , ser feliz só em sonho ou 2. querer a satisfação do sonho , a Beleza ideal (Helena) — 3. A beleza real (Maria) — 4. A beleza geral (?) 4. A vida sem beleza 5. A Morte

# **POESIA SIMBÓLICA E ELEGÍACA**

## **A lâmpada nova**

A lâmpada nova  
No fim de apagar  
Volta a dar a prova  
De estar a brilhar.

Assim a alma sua  
Deveras desperta  
Quando a noite é nua  
E se acha deserta.

Vestígio que ergueu  
Sem ser no lugar  
De onde se perdeu...  
Nasce devagar!

## **À MEMÓRIA DO PRESIDENTE-REI SIDÓNIO PAIS**

Longe da fama e das espadas,  
Alheio às turbas ele dorme.  
Em torno há claustros ou arcadas?  
Só a noite enorme.

Porque para ele, já virado  
Para o lado onde está só Deus,  
São mais que Sombra e que Passado  
A terra e os céus.

Ali o gesto, a astúcia, a lida,  
São já para ele, sem as ver,  
Vácuo de acção, sombra perdida,  
Sopro sem ser.

Só com sua alma e com a treva,  
A alma gentil que nos amou  
Inda esse amor e ardor conserva?  
Tudo acabou?

No mistério onde a Morte some  
Aquilo a que a alma chama a vida,  
Que resta dele a nós — só o nome  
E a fé perdida?

Se Deus o havia de levar,  
Para que foi que no-lo trouxe  
Cavaleiro leal, do olhar

Altivo e doce?

Soldado-rei que oculta sorte  
Como em braços da Pátria ergueu,  
E passou como o vento norte  
Sob o ermo céu.

Mas a alma acesa não aceita  
Essa morte absoluta, o nada  
De quem foi Pátria, e fé eleita,  
E ungida espada.

Se o amor crê que a Morte mente  
Quando a quem quer leva de novo  
Quão mais crê o Rei ainda existente  
O amor de um povo!

Quem ele foi sabe-o a Sorte,  
Sabe-o o Mistério e a sua lei  
A Vida fê-lo herói, e a Morte  
O sagrou Rei!

Não é com fé que nós não cremos  
Que ele não morra inteiramente.  
Ah, sobrevive! Inda o teremos  
Em nossa frente.

No oculto para o nosso olhar,  
No visível à nossa alma,  
Inda sorri com o antigo ar

De força calma.

Ainda de longe nos anima,  
Inda na alma nos conduz  
Gládio de fé erguido acima  
Da nossa cruz!

Nada sabemos do que oculta  
O véu igual de noite e dia,  
Mesmo ante a Morte a Fé exulta:  
Chora e confia.

Apraz ao que em nós quer que seja  
Qual Deus quis nosso querer toco,  
Crer que ele vela, benfaeja  
Sombra connosco.

Não sai da nossa alma a fé  
De que, alhures que o mundo e o fado,  
Ele inda pensa em nós e é  
O bem-amado.

Tenhamos fé porque ele foi.  
Deus não quer mal a quem o deu.  
Não passa como o vento o herói  
Sob o ermo céu.

E amanhã, quando queira a Sorte,  
Quando findar a expiação,  
Ressurrecto da falsa morte!



Ele já não.

Mas a ânsia nossa que encarnara,  
A alma de nós de que foi braço,  
Tornara, nova forma clara,  
Ao tempo e ao espaço.

Tornará feito qualquer outro,  
Qualquer cousa de nós com ele;  
Porque o nome do herói morto  
Inda compele,

Inda comanda, e a armada ida  
Para os campos da Redenção,  
Às vezes leva à frente, erguida  
Espada, a Ilusão.

E um raio só de ardente amor,  
Que emana só do nome seu,  
Dê sangue a um braço vingador,  
Se esmoreceu.

Com mais armas que com Verdade  
Combate a alma por quem ama.  
É lenha só a Realidade.  
A fé é a chama.

Mas aí, que a fé já não tem forma  
Na matéria e na cor da Vida,  
E, pensada, em dor se transforma

E a fé perdida!

Pra que deu Deus a confiança  
A quem não ia dar o bem?  
Morgado da nossa esperança,  
A Morte o tem!

Mas basta o nome e basta a glória  
Para ele estar connosco, e ser  
Carnal presença de memória  
A amanhecer;

Espectro real feito de nós,  
Da nossa saudade e ânsia,  
Que fala com oculta voz  
Na alma, a distância;

E a nossa própria dor se torna  
Uma vaga ânsia, um esperar vago,  
Como a erma brisa que transtorna  
Um ermo lago.

Não mente a alma ao coração.  
Se Deus o deu, Deus nos amou.  
Porque ele pôde ser, Deus não  
Nos desprezou.

Rei-nato, a sua realeza,  
Por não podê-la herdar dos seus  
Avós, com mística inteireza

A herdou de Deus;

E, por directa consonância  
Com a divina intervenção,  
Uma hora ergueu-nos alta a ânsia  
De salvação.

Toldou-o a Sorte que o trouxera  
Outra vez com nocturno véu.  
Deus p'ra que no-lo deu, se era  
P'ra o tornar seu?

Ah, tenhamos mais fé que a esp'rança!  
Mais vivo que nós somos, fita  
Do Abismo onde não há mudança  
A terra aflita.

E se assim é; se, desde o Assombro  
Aonde a Morte as vidas leva,  
Vê esta pátria, escombros a escombros,  
Cair na treva;

Se algum poder do que tivera  
Sua alma, que não vemos, tem,  
De longe ou perto — por que espera?  
Por que não vem?

Em nova forma ou novo alento,  
Que alheio pulso ou alma tome,  
Regresse como um pensamento,

Alma de um nome!

Regresse sem que a gente o veja,  
Regresse só que a gente o sinta —  
Impulso, luz, visão que reja  
E a alma pressinta!

E qualquer gládio adormecido,  
Servo do oculto impulso, acorde,  
E um novo herói se sinta erguido  
Porque o recorde!

Governa o servo e o jogral.  
O que íamos a ser morreu.  
Não teve aurora a matinal  
Estrela do céu.

Vivemos só de recordar.  
Na nossa alma entristecida  
Há um som de reza a invocar  
A morta vida;

E um místico vislumbre chama  
O que, no plaino trespassado,  
Vive ainda em nós, longínqua chama —  
O DESEJADO.

Sim, só há a esp'rança, como aquela  
- E quem sabe se a mesma? — quando  
Se foi de Aviz a última estrela

No campo infando.

Novo Alcácer-Kibir na noite!  
Novo castigo e mal do Fado!  
Por que pecado novo o açoite  
Assim é dado?

Só resta a fé, que a sua memória  
Nos nossos corações gravou,  
Que Deus não dá paga ilusória  
A quem amou.

Flor alta do paul da grei,  
Antemanhã da Redenção,  
Nele uma hora encarnou el-rei  
Dom Sebastião.

O sopro de ânsia que nos leva  
A querer ser o que já fomos,  
E em nós vem como em uma treva,  
Em vãos assomos,

Bater à porta ao nosso gesto,  
Fazer apelo ao nosso braço,  
Lembrar ao sangue nosso o doesto  
E o vil cansaço,

Nele um momento clareou,  
A noite antiga se seguiu,  
Mas que segredo é que ficou

No escuro frio?

Que memória, que luz passada  
Projecta, sombra, no futuro,  
Dá na alma? Que longínqua espada  
Brilha no escuro?

Que nova luz virá ralar  
Da noite em que jazemos vis?  
Ó sombra amada, vem tornar  
A ânsia feliz.

Quem quer que sejas, lá no abismo  
Onde a morte a vida conduz,  
Sê para nós um misticismo  
A vaga luz.

Com que a noite erma inda vazia  
No frio alvor da antemanhã  
Sente, da esp'rança que há no dia,  
Que não é vã.

E amanhã, quando houver a Hora,  
Sendo Deus pago, Deus dirá  
Nova palavra redentora.  
Ao mal que há,

E um novo verbo ocidental  
Encarnado em heroísmo e glória,  
Traga por seu broquel real

Tua memória!

Precursor do que não sabemos,  
Passado de um futuro a abrir  
No assombro de portais extremos  
Por descobrir,

Sê estrada, gládio, fé, fanal,  
Pendão de glória em glória erguido!  
Tornas possível Portugal  
Por teres sido!

Não era extinta a antiga chama  
Se tu e o amor puderam ser.  
Entre clarins te a glória aclama,  
Morto a vencer!

E, porque foste, confiando  
Em QUEM SERÁ porque tu foste,  
Ergamos a alma, e com o infando  
Sorrindo arrote,

Até que Deus o laço solte  
Que prende à terra a asa que somos,  
E a curva novamente volte  
Ao que já fomos,

E no ar de bruma que estremece  
(Clarim longínquo matinal!)  
O DESEJADO enfim regresse

A Portugal!



**Ah, verdadeiramente a deusa! —**

Ah, verdadeiramente a deusa! —  
A que ninguém viu sem amar  
E que já o coração endeusa  
Só com somente a adivinhar.

Por fim magnânima aparece  
Naquela perfeição que é  
Uma estátua que a vida aquece  
E faz da mesma vida fé.

Ah, verdadeiramente aquela  
Com que no túmulo do mundo  
O morto sonha, como a estrela  
Que há-de surgir no céu profundo.

## **Azul, ou verde, ou roxo, quando o sol**

Azul, ou verde, ou roxo, quando o sol  
O doura falsamente de vermelho,  
O mar é áspero [?], casual [?] ou mo(le),  
É uma vez abismo e outra espelho.  
Evoco porque sinto velho  
O que em mim quereria mais que o mar  
Já que nada ali há por desvendar.

Os grandes capitães e os marinheiros  
Com que fizeram a navegação,  
Jazem longínquos, lúgubres parceiros  
Do nosso esquecimento e ingratidão.  
Só o mar, às vezes, quando são  
Grandes as ondas e é deveras mar  
Parece incertamente recordar.

Mas sonho... O mar é água, é água nua,  
Serve do obscuro ímpeto distante  
Que, como a poesia, vem da lua  
Que uma vez o abate outra o levanta.  
Mas, por mais que descante  
Sobre a ignorância natural do mar,  
Pressinto-o, vazante, a murmurar.

Quem sabe o que é a alma? Quem conhece  
Que alma há nas coisas que parecem mortas.  
Quanto em terra ou em nada nunca esquece.  
Quem sabe se no espaço vácuo há portas?

Ó sonho que me exortas  
A meditar assim a voz do mar,  
Ensina-me a saber-te meditar.

Capitães, contramestres — todos nautas  
Da descoberta infiel de cada dia ó  
Acaso vos chamou de ignotas flautas  
A vaga e impossível melodia.  
Acaso o vosso ouvido ouvia  
Qualquer coisa do mar sem ser o mar  
Sereias só de ouvir e não de achar?

Quem atrás de intérminos oceanos  
Vos chamou à distância como [?] quem  
Sabe que há nos corações humanos  
Não só uma ânsia natural de bem  
Mas, mais vaga, mais subtil também,  
Uma coisa que quer o som do mar  
E o estar longe de tudo e não parar.

Se assim é, e se vós e o mar imenso  
Sois qualquer coisa, vós por o sentir  
E o mar por o ser, disto que penso;  
Se no fundo ignorado do existir  
Há mais alma que a que pode vir  
À tona vã de nós, como à do mar,  
Fazei-me livre, enfim, de o ignorar.

Dai-me uma alma transposta de argonauta,  
Fazei que eu tenha, como o capitão

Ou o contramestre, ouvidos para a flauta  
Que chama ao longe o nosso coração,  
Fazei-me ouvir, como a um perdão,  
Numa reminiscência de ensinar,  
O antigo português que fala o mar!

## **Do vale à montanha,**

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte,  
Cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,  
Por casas, por prados,  
Por quinta e por fonte,  
Caminhais aliados.

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte,  
Cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,  
Por penhascos pretos,  
Atrás e defronte,  
Caminhais secretos.

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte,  
Cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,  
Por plainos desertos  
Sem ter horizontes,  
Caminhais libertos.

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte,  
Cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,

Por ínvios caminhos,  
Por rios sem ponte,  
Caminhais sozinhos.

Do vale à montanha,  
Da montanha ao monte  
Cavalo de sombra,  
Cavaleiro monge,  
Por quanto é sem fim,  
Sem ninguém que o conte,  
Caminhais em mim.

## ELEGIA NA SOMBRA

Lenta, a raça esmorece, e a alegria  
É como uma memória de outrem. Passa  
Um vento frio na nossa nostalgia  
E a nostalgia touca a desgraça.

Pesa em nós o passado e o futuro.  
Dorme em nós o presente. E a sonhar  
A alma encontra sempre o mesmo muro,  
E encontra o mesmo muro ao despertar.

Quem nos roubou a alma? Que bruxedo  
De que magia incógnita e suprema  
Nos enche as almas de dolência e medo  
Nesta hora inútil, apagada e extrema?

Os heróis resplandecem a distância  
Num passado impossível de se ver  
Com os olhos da fé ou os da ânsia;  
Lembramos névoas, sonhos a esquecer.

Que crime outrora feito, que pecado  
Nos impôs esta estéril provação  
Que é indistintamente nosso fado  
Como o sentimos bem no coração?

Que vitória maligna conseguimos —  
Em que guerras, com que armas, com que armada? —  
Que assim o seu castigo irreel sentimos

Colado aos ossos desta carne errada?  
Terra tão linda com heróis tão grandes,  
Bom Sol universal localizado  
Pelo melhor calor que aqui expandes,  
Calor suave e azul só a nós dado.

Tanta beleza dada e glória ida!  
Tanta esperança que, depois da glória,  
Só conhecem que é fácil a descida  
Das encostas anónimas da história!

Tanto, tanto! Que é feito de quem foi?  
Ninguém volta? No mundo subterrâneo  
Onde a sombria luz por nula dói,  
Pesando sobre onde já estive o crânio,

Não restitui Plutão [a ver?] o céu  
Um herói ou o ânimo que o faz,  
Como Eurídice dada à dor de Orfeu;  
Ou restituiu e olhámos para trás?

Nada. Nem fé nem lei, nem mar nem porto.  
Só a prolixa estagnação das mágoas,  
Como nas tardes baças, no mar morto,  
A dolorosa solidão das águas.

Povo sem nexo, raça sem suporte,  
Que, agitada, indecisa, nem repare  
Em que é raça e que aguarda a própria morte  
Como a um comboio expresso que aqui pare.



Torvelinho de doidos, descrença  
Da própria consciência de se a ter,  
Nada há em nós que, firme e crente, vença  
Nossa impossibilidade de querer.

Plagiários da sombra e do abandono,  
Registramos, quietos e vazios,  
Os sonhos que há antes que venha o sono  
E o sono inútil que nos deixa frios.

Oh, que há-de ser de nós? Raça que foi  
Como que um novo sol ocidental  
Que houve por tipo o aventureiro e o herói  
E outrora teve nome Portugal...

(Fala mais baixo! Deixa a tarde ser  
Ao menos uma extrema quietação  
Que por ser fim faça menos doer  
Nosso descompassado coração.

Fala mais baixo! Somos sem remédio,  
Salvo se do ermo abismo onde Deus dorme  
Nos venha despertar do nosso tédio  
Qualquer obscuro sentimento informe.

Silêncio quase? Nada dizes! Calas  
A esperança vazia em que te acho,  
Pátria. Que doença de teu ser se exala?  
Tu nem sabes dormir. Fala mais baixo!)

Ó incerta manhã de nevoeiro  
Em que o rei morto vivo tornará  
Ao povo ignóbil e o fará inteiro —  
És qualquer coisa que Deus quer ou dá?

Quando é a tua Hora e o teu Exemplo?  
Quando é que vens, do fundo do que é dado,  
Cumprir teu rito, reabrir teu Templo  
Vendendo os olhos lúcidos do Fado?

Quando é que soa, no deserto de alma  
Que Portugal é hoje, sem sentir,  
Tua voz, como um balouço de palma  
Ao pé do oásis de que possa vir?

Quando é que esta tristeza desconforme  
Verá, desfeita a tua cerração,  
Surgir um vulto, no nevoeiro informe,  
Que nos faça sentir o coração?

Quando? Estagnamos. A melancolia  
Das horas sucessivas [?] que a alma tem  
Enche de tédio a noite e chega o dia  
E o tédio aumenta porque o dia vem.

Pátria, quem te feriu e envenenou?  
Quem, com suave e maligno fingimento  
Teu coração suposto sossegou  
Com abundante e inútil alimento?

Quem faz que durmas mais do que dormias?  
Que faz que jazas mais que até aqui?  
Aperto as tuas mãos: como estão frias!  
Mão do meu ser que tu amas, que é de ti?

Vives, sim, vives porque não morreste...  
Mas a vida que vives é um sono  
Em que indistintamente o teu ser veste  
Todos os sambenitos do abandono.

Dorme, ao menos de vez. O Desejado  
Talvez não seja mais que um sonho louco  
De quem, por muito ter, Pátria, amado,  
Acha que todo o amor por ti é pouco.

Dorme, que eu durmo, só de te saber  
Presa da inquietação que não tem nome  
E nem revolta ou ânsia sabes ter  
Nem da esperança sentes sede ou fome.

Dorme, e a teus pés teus filhos, nós que o somos,  
Colheremos, inúteis e cansados  
O agasalho do amor que ainda pomos  
Em ter teus pés gloriosos por amados.

Dorme, mãe Pátria, nula e postergada,  
E, se um sonho de esperança te surgir,  
Não creias nele, porque tudo é nada,  
E nunca vem aquilo que há-de vir.

Dorme, que a tarde é finda e a noite vem.  
Dorme que as pálpebras do mundo incerto  
Baixam solenes, com a dor que têm,  
Sobre o mortício olhar inda desperto.

Dorme, que tudo cessa, e tu com tudo,  
Quererias viver eternamente,  
Ficção eterna ante este espaço mudo  
Que é um vácuo azul? Dorme, que nada sente

Nem paira mais no ar, que fora almo  
Se não fora a nossa alma erma e vazia,  
Que o nosso fado, vento frio e calmo  
E a tarde de nós mesmos, baça e fria

Como longínquo sopro ativo e humano  
Essa tarde monótona e serena  
Em que, ao morrer o imperador romano  
Disse: Fui tudo, nada vale a pena.

## **EPITÁFIO DESCONHECIDO**

Quanta mais alma  
Por mais que a alma ande no amplo informe,  
A ti, seu lar anterior, do fundo  
Da emoção regressou, ó Cristo, e dorme  
Nos braços cujo amor é o fim do mundo.

## **EROS E PSIQUE**

... E assim vedes, meu Irmão, que as verdades que vos foram dadas no Grau de Neófito, e aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade.

Do ritual do grau de Mestre do Átrio na Ordem Templária de Portugal

Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada

Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera.  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado.  
Ele dela é ignorado.

Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino —  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E, vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

## GLÁDIO

A Alberto Da Cunha Dias

Deu-me Deus o Seu Gládio, porque eu faça

A Sua santa guerra.

Sagrou-me Seu em génio e em desgraça

As horas em que um frio vento passa

Por sobre a fria terra.

Pôs-me as mãos sobre os ombros e dourou-me

A fronte com o olhar:

E esta febre de Além, que me consome,

E este querer-justiça são Seu Nome

Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do Gládio erguido dá

Em minha face calma.

Cheio de Deus, não temo o que virá,

Pois, venha o que vier, nunca será

Maior do que a minha Alma!



## **GLOSAS**

Toda a obra é vã, e vã a obra toda.  
O vento vão, que as folhas vão enroda,  
Figura o nosso esforço e o nosso estado.  
O dado e o feito, ambos os dá o Fado.

Sereno, acima de ti mesmo, fita  
A possibilidade erma e infinita  
De onde o real emerge inutilmente,  
E cala, e só para pensares sente.

Nem o bem nem o mal define o mundo.  
Alheio ao bem e ao mal, do céu profundo  
Suposto, o Fado que chamamos Deus  
Rege nem bem nem mal a terra e os céus.

Rimos, choramos através da vida.  
Uma coisa é uma cara contraída  
E a outra uma água com um leve sal.  
E o Fado fada alheio ao bem e ao mal.

Doze signos do céu o Sol percorre,  
E, renovando o curso, nasce e morre  
Nos horizontes do que contemplamos.  
Tudo em nós é o ponto de onde estamos.

Ficções da nossa mesma consciência,  
Jazemos o instinto e a ciência.  
E o sol parado nunca percorreu

Os doze signos que não há no céu.

## **GOMES LEAL**

Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.  
Seus três anéis irreversíveis são  
A desgraça, a tristeza, a solidão.  
Oito luas fatais fitam no espaço.

Este, poeta, Apolo em seu regaço  
A Saturno entregou. A plúmbea mão  
Lhe ergueu ao alto o aflito coração,  
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.

Inúteis oito luas da loucura  
Quando a cintura tríplice denota  
Solidão e desgraça e amargura!

Mas da noite sem fim um rastro brota,  
Vestígios de maligna formosura:  
É a lua além de Deus, álgida e ignota.

## HINO A PÃ

Vibra do cio subtil da luz,  
Meu homem e afã!  
Vem turbulento da noite a flux  
De Pã ! Iô Pã !  
Iô Pã ! Iô Pã ! Do mar de além  
Vem da Sicília e da Arcádia vem!  
Vem como Baco, com fauno e fera  
E ninfa e sátiro à tua beira,  
Num asno lácteo, do mar sem fim  
A mim, a mim!  
Vem com Apolo, nupcial na brisa  
(Pegureira e pitonisa),  
Vem com Artémis, leve e estranha,  
E a coxa branca, Deus lindo, banha  
Ao luar do bosque, em marmóreo monte,  
Manhã malhada da âmbrea fonte!  
Mergulha o roxo da prece ardente  
No ádito rubro, no laço quente,  
A alma que aterra em olhos de azul  
O ver errar teu capricho exul  
No bosque enredo, nos nós que espalma  
A árvore viva que é espírito e alma  
E corpo e mente — do mar sem fim  
(Iô Pã! Iô Pã!),  
Diabo ou deus, vem a mim, a mim!  
Meu homem e afã!  
Vem com trombeta estridente e fina  
Pela colina!

Vem com tambor a rufar à beira  
Da primavera !  
Com frautas e avenas vem sem conto!  
Não estou eu pronto?  
Eu, que espero e me estorço e luto  
Com ar sem ramos onde não nutro  
Meu corpo, lasso do abraço em vão,  
Áspide aguda, forte lião —  
Vem, está vazia  
Minha carne, fria  
Do cio sozinho da demonia.  
À espada corta o que ata e dói,  
Ó Tudo-Cria, Tudo-Destrói!  
Dá-me o sinal do Olho Aberto,  
E da coxa áspera o toque erecto,  
E a palavra do Louco e do Secreto,  
Ó Pã! Iô Pã!  
Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã Pã! Pã,  
Sou homem e afã:  
Faze o teu querer sem vontade vã,  
Deus grande! Meu Pã!  
Io Pã ! Iô Pã ! Despertei na dobra  
Do aperto da cobra.  
A águia rasga com garra e fauce;  
Os deuses vão-se;  
As feras vêm. Iô Pã ! A matado,  
Vou no corno levado  
Do Unicornado.  
Sou Pã! Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã !  
Sou teu, teu homem e teu afã,

Cabra das tuas, ouro, deus, clara  
Carne em teu osso, flor na tua vara.  
Com patas de aço os rochedos roço  
De solstício severo a equinócio.  
E raivo, e rasgo, e roussando freixo,  
Sempiterno, mundo sem termo,  
Homem, homúnculo, ménade, afã,  
Na força de Pã.  
Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã! Iô Pã!

O MESTRE THERION  
(Aleister Crowley)

*Tradução de Fernando Pessoa*

## INICIAÇÃO

Não dormes sob os ciprestes,  
Pois não há sono no mundo.

.....

O corpo é a sombra das vestes  
Que encobrem teu ser profundo.

Vem a noite, que é a morte  
E a sombra acabou sem ser.  
Vais na noite só recorte,  
Igual a ti sem querer.

Mas na Estalagem do Assombro  
Tiram-te os Anjos a capa.  
Segues sem capa no ombro,  
Com o pouco que te tapa.

Então Arcanjos da Estrada  
Despem-te e deixam-te nu.  
Não tens vestes, não tens nada:  
Tens só teu corpo, que és tu.

Por fim, na funda caverna,  
Os Deuses despem-te mais.  
Teu corpo cessa, alma externa,  
Mas vês que são teus iguais.

.....

A sombra das tuas vestes  
Ficou entre nós na Sorte.  
Não estás morto, entre ciprestes.

.....

Neófito, não há morte.



## **IRONIA**

Faz um a casa onde outro pôs a pedra.  
O galego Colón, de Pontevedra,  
Seguiu-nos para onde nós não fomos.  
Não vimos da nossa árvore esses pomos.

Um império ganhou para Castela,  
Para si glória merecida — aquela  
De um grande longe aos mares conquistado.  
Mas não ganhou o tê-lo começado.

## **Meu pensamento é um rio subterrâneo**

Meu pensamento é um rio subterrâneo.  
Para que terras vai e donde vem?  
Não sei... Na noite em que o meu ser o tem  
Emerge dele um ruído subitâneo

De origens no Mistério extraviadas  
De eu compreendê-las..., misteriosas fontes  
Habitando a distância de ermos montes  
Onde os momentos são a Deus chegados...

De vez em quando luze em minha mágoa  
Como um farol num mar desconhecido  
Um movimento de correr, perdido  
Em mim, um pálido soluço de água...

E eu relembro de tempos mais antigos  
Que a minha consciência da ilusão  
Águas divinas percorrendo o chão  
De verdores uníssonos e amigos,

E a ideia de uma Pátria anterior  
À forma consciente do meu ser  
Dói-me no que desejo, e vem bater  
Como uma onda de encontro à minha dor.

Escuto-o... Ao longe, no meu vago tacto  
Da minha alma, perdido som incerto,  
Como um eterno rio indescoberto,

Mais que a ideia de rio certo e abstracto...

E p'ra onde é que ele vai, que se extravia  
Do meu ouvi-lo ? A que cavernas desce?  
Em que frios de Assombro é que arrefece?  
De que névoas soturnas se anuvia?

Não sei... Eu perco-o... E outra vez regressa  
A luz e a cor do mundo claro e actual,  
E na interior distância do meu Real  
Como se a alma acabasse, o rio cessa...

## **Na sombra do Monte Abiegno**

Na sombra do Monte Abiegno  
Repousei de meditar.  
Vi no alto o alto Castelo  
Onde sonhei de chegar.  
Mas repousei de pensar  
Na sombra do Monte Abiegno.

Quando fora amor ou vida,  
Atrás de mim o deixei,  
Quando fora desejá-los,  
Porque esqueci não lembrei.  
À sombra do Monte Abiegno  
Repousei porque abdiquei.

Talvez um dia, mais forte  
Da força ou da abdicação,  
Tentarei o alto caminho  
Por onde ao Castelo vão.  
Na sombra do Monte Abiegno  
Por ora repouso, e não.

Quem pode sentir descanso  
Com o Castelo a chamar?  
Está no alto, sem caminho  
Senão o que há por achar.  
Na sombra do Monte Abiegno  
Meu sonho é de o encontrar.

Mas por ora estou dormindo,  
Porque é sono o não saber.  
Olho o Castelo de longe,  
Mas não olho o meu querer.  
Da sombra do Monte Abiegno  
Que me virá desprender?

**Não quero ir onde não há a luz,**

Não quero ir onde não há a luz,  
Do outro lado abóbada do solo,  
Ínfera imensa cripta, não mais ver  
As flores, nem o curso ao sol de rios,  
Nem onde as estações que se sucedem  
Mudam no campo o campo. Ali, no escuro,  
Só sombras múrmuras, êxuis de tudo,  
Salvo da saudade, eternas moram;  
Região aos mesmos íncolas incógnita,  
Dos naturais, se os tem, desconhecida.  
Ali talvez só lírios cor de cinza  
Surgirão pálidos da noite imota.  
Ali talvez só gelo com as águas,  
Como a cegos, serão, e o surdo curso,  
No côncavo sossego lamentoso,  
Se acaso à vista habituada aclarar,  
Será como um cinzento tédio externo.

Não quero o pátrio sol de toda a terra  
Deixar atrás, descendo, passo a passo,  
A escadaria cujos degraus são  
Sucessivos aumentos de negrume,  
Até ao extremo solo e noite inteira.

Para que vim a esta clara vida?  
Para que vim, se um dia hei-de cair  
Da haste dela? Para que no solo  
Se abre o poço da ida? Porque não

Será sem fim [?...]

## **NATAL**

Nasce um Deus. Outros morrem. A verdade  
Nem veio nem se foi: o Erro mudou.  
Temos agora uma outra Eternidade,  
E era sempre melhor o que passou.

Cega, a Ciência a inútil gleba lavra.  
Louca, a Fé vive o sonho do seu culto.  
Um novo Deus é só uma palavra.  
Não procures nem creias: tudo é oculto.



## **Nesta vida, em que sou meu sono,**

Nesta vida, em que sou meu sono,  
Não sou meu dono,  
Quem sou é quem me ignoro e vive  
Através desta névoa que sou eu  
Todas as vidas que eu outrora tive,  
Numa só vida.

Mar sou; baixo marulho ao alto rujo,  
Mas minha cor vem do meu alto céu,  
E só me encontro quando de mim fujo.

Quem quando eu era infante me guiava  
Senão a vera alma que em mim estava?  
Atada pelos braços corporais,  
Não podia ser mais.  
Mas, certo, um gesto, olhar ou esquecimento  
Também, aos olhos de quem bem olhou,  
A Presença Real sob o disfarce  
Da minha alma presente sem intento.

## **No fim do mundo de tudo**

No fim do mundo de tudo  
Há grandes montes que tem  
Ainda além para além  
Um grande além mago e mudo.

São paisagens escondidas  
Que são o que a alma quer.  
Ali ser, ali viver  
Vale por vidas e vidas.

Todos nós, que aqui cansamos  
A alma com a negar,  
Nesse momento de sonhar  
Ali somos, ali estamos.

Mas, depois, volvidos onde  
Há só a vida que há  
Vemos que ante nós está  
Só o que vela e que esconde.

Só dormindo os horizontes  
Se alargam e há a visão  
Dos montes que ao fundo estão  
E o saber do além dos montes [.]

## **No fim do mundo de tudo**

No fim do mundo de tudo  
Há grandes montes que têm  
Ainda além para além —  
Um grande além mago e mudo.

São paisagens escondidas  
Que são o que a alma quer.  
Ali ser, ali viver  
Vale por vidas e vidas.

Todos nós, que aqui cansamos  
A alma com a negar,  
Nesse momento de sonhar  
Ali somos, ali estamos.

Mas, depois, volvidos onde  
Há só a vida que há  
Vemos que ante nós está  
Só o que vela e que esconde.

Só dormindo os horizontes  
Se alargam e há a visão  
Dos montes que ao fundo estão  
E o saber do além dos montes [...]

## **NOVA ILUSÃO**

No rarear dos deuses e dos mitos  
Deuses antigos, vós ressuscitais  
Sob a forma longínqua de ideais  
Aos enganados olhos sempre aflitos.

Do que vós concebeis mais circunscritos,  
Desdenhais a alma exterior dos ritos  
E o sentimento que os gerou guardais.

Lá para além dos seres, ao profundo  
Meditar, surge, grande e impotente  
O sentimento da ilusão do mundo.

Os falsos ideais do Aparente  
Não o atingem — único final  
Neste entenebrecer universal.

## **Ó curva do horizonte, quem te passa,**

Ó curva do horizonte, quem te passa,  
Passa da vista, vão de ser ou estar.  
Seta, que o peito enorme me transpassa.  
Não doas, que morrer é continuar.

Não vejo mais esse a quem quis. A taça,  
De ouro, não se partiu. Caída ao mar  
Sumiu-se, mas no fundo é a mesma graça  
Oculta para nós, mas sem mudar.

Ó curva do horizonte, eu me aproximo,  
Para quem deixo, um dia cessarei  
Da vista do último no último cimo,

Mas para mim o mesmo eterno irei  
Na curva, até que o tempo a espera  
E aonde estive um dia voltarei.

## O ÚLTIMO SORTILÉGIO

«Já repeti o antigo encantamento  
E a grande Deusa aos olhos se negou.  
Já repeti, nas pausas do amplo vento,  
As orações cuja alma é um ser fecundo.  
Nada me o abismo deu ou o céu mostrou.  
Só o vento volta onde estou toda e só,  
E tudo dorme no confuso mundo.

«Outrora meu condão fadava as sarças  
E a minha evocação do solo erguia  
Presenças concentradas das que esparsas  
Dormem nas formas naturais das coisas.  
Outrora a minha voz acontecia.  
Fadas e elfos, se eu chamasse, via,  
E as folhas da floresta eram lustrosas.

«Minha varinha, com que da vontade  
Falava às existências essenciais,  
Já não conhece a minha realidade.  
Já, se o círculo traço, não há nada.  
Murmura o vento alheio extintos ais,  
E ao luar que sobe além dos matagais  
Não sou mais do que os bosques ou a estrada.

«Já me falece o dom com que me amavam.  
Já me não torno a forma e o fim da vida  
A quantos que, buscando-os, me buscavam.  
Já, praia, o mar dos braços não me inunda.

Nem já me vejo ao sol saudado erguida,  
Ou, em êxtase mágico perdida,  
Ao luar, à boca da caverna funda.

«Já as sacras potências infernais,  
Que, dormentes sem deuses nem destino,  
À substância das coisas são iguais,  
Não ouvem minha voz ou os nomes seus.  
A música partiu-se do meu hino.  
Já meu furor astral não é divino  
Nem meu corpo pensado é já um Deus.

«E as longínquas deidades do atro poço,  
Que tantas vezes, pálida, evoquei  
Com a raiva de amar em alvoroço,  
Inevocadas hoje ante mim estão.  
Como, sem que as amasse, eu as chamei,  
Agora, que não amo, as tenho, e sei  
Que meu vendido ser consumirão.

«Tu, porém, Sol, cujo ouro me foi presa,  
Tu, Lua, cuja prata converti,  
Se já não podeis dar-me essa beleza  
Que tantas vezes tive por querer,  
Ao menos meu ser findo dividi —  
Meu ser essencial se perca em si,  
Só meu corpo sem mim fique alma e ser!

«Converta-me a minha última magia  
Numa estátua de mim em corpo vivo!

Morra quem sou, mas quem me fiz e havia,  
Anónima presença que se beija,  
Carne do meu abstracto amor cativo,  
Seja a morte de mim em que revivo;  
E tal qual fui, não sendo nada, eu seja!»



## **Pobre Espanha, já sem ter**

Pobre Espanha, já sem ter  
Alma onde ser!  
Fragmento sobrevivente  
De ti mesma, ente  
De te perder!

Relembremos na hora  
Em que em ti chora  
O que não ouves em ti,  
Aquele que foi  
O herói em si  
Do que em ti se perdeu de herói.

Fidalgo que toda a alma deu  
Ao Rei e à Grei que o perdeu  
No incêndio da hora estranha,  
Saibamo-lo, alheios mas homens, chorar,  
Com quem a alma da fidalguia da Espanha  
Foi a enterrar.

## **SÁ CARNEIRO**

*Nesse número do Orpheu que há-de ser feito  
Com rosas e estrelas em um mundo novo.*

Nunca supus que isto que chamam morte  
Tivesse qualquer espécie de sentido...  
Cada um de nós, aqui aparecido,  
Onde manda a lei e a falsa sorte,

Tem só uma demora de passagem  
Entre um comboio e outro, entroncamento  
Chamado o mundo, ou a vida, ou o momento;  
Mas, seja como for, segue a viagem.

Passei, embora num comboio expresso  
Seguisses, e adiante do em que vou;  
No término de tudo, ao fim lá estou  
Nessa ida que afinal é um regresso.

Porque na enorme gare onde Deus manda  
Grandes acolhimentos se darão  
Para cada prolixo coração  
Que com seu próprio ser vive em demanda.

Hoje, falho de ti, sou dois a sós.  
Há almas pares, as que conheceram  
Onde os seres são almas.

Como éramos só um, falando! Nós

Éramos como um diálogo numa alma.  
Não sei se dormes [...] calma,  
Sei que, falho de ti, estou um a sós.

É como se esperasse eternamente  
A tua vida certa e conhecida  
Aí em baixo, no café Arcada —  
Quase no extremo deste [...]

Aí onde escreveste aqueles versos  
Do trapézio, doriu-nos [...]  
Aquilo tudo que dizes no «Orpheu».

Ah, meu maior amigo, nunca mais  
Na paisagem sepulta desta vida  
Encontrarei uma alma tão querida  
Às coisas que em meu ser são as reais.

[...]

Não mais, não mais, e desde que saíste  
Desta prisão fechada que é o mundo,  
Meu coração é inerte e infecundo  
E o que sou é um sonho que está triste.

Porque há em nós, por mais que consigamos  
Ser nós mesmos a sós sem nostalgia,  
Um desejo de termos companhia —  
O amigo como esse que a falar amamos.

## **SACADURA CABRAL**

No frio mar do alheio Norte,  
Morto, quedou,  
Servo da Sorte infiel que a sorte  
Deu e tirou.

Brilha alto a chama que se apaga.  
A noite o encheu.  
De estranho mar que estranha plaga,  
Nosso, o acolheu ?

Floriu, murchou na extrema haste;  
Jóia do ousar,  
Que teve por eterno engaste  
O céu e o mar.

## **Sangra-me o coração. Tudo que penso**

Sangra-me o coração. Tudo que penso  
A emoção mo tomou. Sofro esta mágoa  
Que é o mundo imoral, regrado e imenso,  
No qual o bem é só como um incenso  
Que cerca a vida, como a terra a água.

Todos os dias, oiça ou veja, dão  
Misérias, males, injustiças — quanto  
Pode afligir o estéril coração.  
E todo anseio pelo bem é vão,  
E a vontade tão vã como é o pranto.

Que Deus duplo nos pôs na alma sensível  
Ao mesmo tempo os dons de conhecer  
Que o mal é a norma, o natural possível,  
E de querer o bem, inútil nível,  
Que nunca assenta regular no ser?

Com que fria esquadria e vão compasso  
Que invisível Geómetra regrou  
As marés deste mar de mau sargaço —  
O mundo fluido, com seu tempo e espaço,  
Que ele mesmo não sabe quem criou?

Mas, seja como for, nesta descida  
De Deus ao ser, o mal teve alma e azo;  
E o Bem, justiça espiritual da vida,  
É perdida palavra, substituída

Por bens obscuros, fórmulas do acaso.

Que plano extinto, antes de conseguido,  
Ficou só mundo, norma e desmazelo?  
Mundo imperfeito, porque foi erguido?  
Como acabá-lo, templo inconcluído,  
Se nos falta o segredo com que erguê-lo?

O mundo é Deus que é morto, e a alma aquele  
Que, esse Deus exumado, reflectiu  
A morte e a exumação que houveram dele.  
Mas está perdido o selo com que sele  
Seu pacto com o vivo que caiu.

Por isso, em sombra e natural desgraça,  
Tem que buscar aquilo que perdeu —  
Não ela, mas a morte que a repassa,  
E vem achar no Verbo a fé e a graça —  
A nova vida do que já morreu.

Porque o Verbo é quem Deus era primeiro,  
Antes que a morte, que o tornou o mundo,  
Corrompesse de mal o mundo inteiro:  
E assim no Verbo, que é o Deus terceiro,  
A alma volve ao Bem que é o seu fundo.

## **Senhor, meu passo está no Limiar**

Senhor, meu passo está no Limiar  
Da Tua Porta.

Faz-me humilde ante o que vou legar...  
Meu mero ser que importa?

Sombra de Ti aos meus pés tens, desenho  
De Ti em mim,

Faz que eu seja o claro e humilde engenho  
Que revela o teu Fim.

Depois, ou morte ou sombra o que aconteça  
Que fique, aqui,

Esta obra que é tua e em mim começa  
E acaba em Ti.

Sinto que leva ao mar Teu Rio fundo  
- Verdade e Lei -

O resto sou só eu e o ermo mundo...  
E o que revelarei.

A névoa sobe do alto da montanha  
E ergue-se à luz

O claro cimo que a Tua luz banha

Sereno e claro e a flux

Eu quero ser a névoa que se ergue  
Para te ver

A humanidade sofredora é cega -  
O resto é apenas ser...



**Vi passar, num mistério concedido,**

Vi passar, num mistério concedido,  
Um cavaleiro negro e luminoso  
Que, sob um grande pátio rumoroso,  
Seguia lento com o seu sentido.

Quatro figuras que lembrando olvido  
Erguiam alto as varas, e um lustroso  
Torpor de luz dormia tenebroso  
Nas dobras desse pano estremecido.

Na frente do vencido ou vencedor  
Uma coroa pálida de espinhos  
Lhe dava um ar de ser rei e senhor.

[...]

# **POESIA DE CARIZ POPULAR**

## **A abanar o fogareiro**

A abanar o fogareiro

Ela corou do calor.

Ah, quem a fará corar

De um outro modo melhor!

## **A caixa que não tem tampa**

A caixa que não tem tampa  
Fica sempre destapada.  
Dá-me um sorriso dos teus  
Porque não quero mais nada.

## **A esmola que te vi dar**

A esmola que te vi dar  
Não me deu crença nem fé,  
Pois a que estou a esperar  
Não é esmola que se dê.

## **A ÍBIS**

A Íbis, a ave do Egipto  
Pousa sempre sobre um pé  
O que é  
Esquisito.  
É uma ave sossegada,  
Porque assim não anda nada.

## **A laranja que escolheste**

A laranja que escolheste  
Não era a melhor que havia.  
Também o amor que me deste  
Qualquer outra mo daria.

## **A luva que retiraste**

A luva que retiraste  
Deixou livre a tua mão.  
Foi com ela que tocaste,  
Sem tocar, meu coração.



## **A mantilha de espanhola**

A mantilha de espanhola  
Que trazias por trazer  
Não te dava um ar de tola  
Porque o não podias ter.

## **A moça que há na estalagem**

A moça que há na estalagem

Ri porque gosta de rir.

Não sei o que é da viagem

Por esta moça existir.

## **À roda dos dedos juntos**

À roda dos dedos juntos

Enrolaste a fita a rir.

Corações não são assuntos

E falar não é sentir.

## **A rosa que se não colhe**

A rosa que se não colhe  
Nem por isso tem mais vida.  
Ninguém há que te não olhe  
Que te não queira colhida.

## **A Senhora da Agonia**

A Senhora da Agonia

Tem um nicho na Igreja.

Mas a dor que me agonia

Não tem ninguém quem a veja.

## **A terra é sem vida, e nada**

A terra é sem vida, e nada  
Vive mais que o coração...  
E envolve-te a terra fria  
E a minha saudade não!

## **A tua boca de riso**

A tua boca de riso  
Parece olhar para a gente  
Com um olhar que é preciso  
Para saber que se sente.

**A tua irmã é pequena,**

A tua irmã é pequena,  
Quando tiver tua idade,  
Transferirei minha pena  
Ou fico só com metade?



**A tua janela é alta,**

A tua janela é alta,

A tua casa branquinha.

Nada lhe sobra ou lhe falta

Se não morares sozinha.

**A tua saia, que é curta,**

A tua saia, que é curta,

Deixa-te a perna a mostrar:

Meu coração já se furta

A sentir sem eu pensar.

**A vida é pouco aos bocados.**

A vida é pouco aos bocados.

O amor é vida a sonhar.

Olho para ambos os lados

E ninguém me vem falar.

## **A vida é um hospital**

A vida é um hospital  
Onde quase tudo falta.  
Por isso ninguém se cura  
E morrer é que é ter alta.

## **Acendeste uma candeia**

Acendeste uma candeia  
Com esse ar que Deus te deu.  
Já não é noite na aldeia  
E, se calhar, nem no céu.

## **Adivinhei o que pensas**

Adivinhei o que pensas  
Só por saber que não era  
Qualquer das coisas imensas  
Que a minh'alma sempre espera.

## **Água que não vem na bilha**

Água que não vem na bilha

É como se não viesse.

Como a mãe, assim a filha...

Antes Deus as não fizesse.

## **Água que passa e canta**

Água que passa e canta  
É água que faz dormir...  
Sonhar é coisa que encanta,  
Pensar é já não sentir.



## **Ai, os pratos de arroz-doce**

Ai, os pratos de arroz-doce  
Com as linhas de canela!  
Ai a mão branca que os trouxe!  
Ai essa mão ser a dela!

## **Ambos à beira do poço**

Ambos à beira do poço  
Achamos que é muito fundo.  
Deita-se a pedra, e o que eu ouço  
É teu olhar, que é meu mundo.

## **Andei sozinho na praia**

Andei sozinho na praia

Andei na praia a pensar

No jeito da tua saia

Quando lá estiveste a andar.

**Andorinha que passaste,**

Andorinha que passaste,  
Quem é que te esperaria?  
Só quem te visse passar  
E esperasse no outro dia.

**Andorinha que vais alta,**

Andorinha que vais alta,  
Porque não me vens trazer  
Qualquer coisa que me falta  
E que te não sei dizer?

## **Ao dobrar o guardanapo**

Ao dobrar o guardanapo  
Para o meteres na argola  
Fizeste-me conhecer  
Como um coração se enrola.

## **Aquela loura de preto**

Aquela loura de preto  
Com uma flor branca ao peito,  
É o retrato completo  
De como alguém é perfeito.

## **Aquela que mora ali**

Aquela que mora ali  
E que ali está à janela  
Se um dia morar aqui  
Se calhar não será ela.



## **Aquela que tinha pobre**

Aquela que tinha pobre  
A única saia que tinha,  
Por muitas roupas que dobre  
Nunca será mais rainha.

## **Aquela senhora velha**

Aquela senhora velha

Que fala com tão bom modo

Parece ser uma abelha

Que nos diz: «Não incomodo.»

**As gaivotas, tantas, tantas,**

As gaivotas, tantas, tantas,

Voam no rio pró mar...

Também sem querer encantas,

Nem é preciso voar.

## **As ondas que a maré conta**

As ondas que a maré conta  
Ninguém as pode contar.  
Se, ao passar, ninguém te aponta,  
Aponta-te com o olhar.

## **Baila em teu pulso delgado**

Baila em teu pulso delgado  
Uma pulseira que herdaste...  
Se amar alguém é pecado,  
És santa, nunca pecaste.

## **Baila o trigo quando há vento**

Baila o trigo quando há vento

Baila porque o vento o toca

Também baila o pensamento

Quando o coração provoca.

## **Bailaste de noite ao som**

Bailaste de noite ao som  
De uma música estragada.  
Bailar assim só é bom  
Quando a alegria é de nada.

## **BÁQUICA MEDIEVAL**

O nosso patrão é pai.  
Faz-nos o bem.  
Bebamos à saúde dele,  
E à nossa também!  
Não falte trigo p'ra semente,  
Reméedio ao doente,  
Nem vinho à gente!

O nosso rei é padrinho.  
Que Deus o ajude!  
Bebamos à saúde dele  
E à nossa saúde!  
Não falte caridade a quem deve,  
Direito a quem recebe  
Nem vinho a quem bebe!

E vá à saúde da terra,  
Que é bem preciso!  
Livre-nos Deus, a nós e a ela,  
De seca e granizo!  
Que há três coisas que Deus proibiu -  
A fome, o frio,  
E um copo vazio!



## **Boca com olhos por cima**

Boca com olhos por cima

Ambos a estar a sorrir...

Já sei onde está a rima

Do que não ousa pedir.

**Boca de riso escarlate/Com dentes brancos no meio,**

Boca de riso escarlate

Com dentes brancos no meio,

Meu coração bate, bate,

Mas bate por ter receio.

## **Boca de riso escarlate/E de sorriso de rir...**

Boca de riso escarlate

E de sorriso de rir...

Meu coração bate, bate,

Bate de te ver e ouvir.

## **Boca de romã perfeita**

Boca de romã perfeita

Quando a abres p'ra comer,

Que feitiço é que me espreita

Quando ris só de me ver?

## **Boca que o riso desata**

Boca que o riso desata  
Numa alegria engraçada,  
És como a prata lavrada  
Que é mais o lavor que a prata.

## **Boca que tens um sorriso**

Boca que tens um sorriso  
Como se fosse um florir,  
Teus olhos cheios de riso  
Dão-me um orvalho de rir.

## **Cabeça de ouro mortiço**

Cabeça de ouro mortiço  
Com olhos de azul do céu,  
Quem te ensinou o feitiço  
De me fazer não ser eu?

## **Caiu no chão a laranja**

Caiu no chão a laranja  
E rolou pelo chão fora.  
Vamos apanhá-la juntos,  
E o melhor é ser agora.



## **Caiu no chão o novelo**

Caiu no chão o novelo

E foi-se desenrolando.

Passas a mão no cabelo.

Não sei em que estás pensando.

## **Cantigas de portugueses**

Cantigas de portugueses

São como barcos no mar —

Vão de uma alma para outra

Com riscos de naufragar.

## **Castanhetas, castanholas —**

Castanhetas, castanholas —

Tudo é barulho a estalar.

As que ao negar são mais tolas

São mais espertas ao dar.

## **Chamam-te boa, e o sentido**

Chamam-te boa, e o sentido  
Não é bem o que eu supunha.  
Boa não é apelido:  
É, quando muito, alcunha.

## **Comes melão às dentadas**

Comes melão às dentadas  
Porque assim não deve ser.  
Não sei se essas gargalhadas  
Me fazem rir ou sofrer.

## **Comi melão retalhado**

Comi melão retalhado  
E bebi vinho depois,  
Quanto mais olho p'ra ti  
Mais sei que não somos dois.

**Compras carapaus ao cento,**

Compras carapaus ao cento,

Sardinhas ao quarteirão.

Só tenho no pensamento

Que me disseste que não.

## **Compreender um ao outro**

Compreender um ao outro  
É um jogo complicado,  
Pois quem engana não sabe  
Se não estava enganado.



## **Corre a água pelas calhas**

Corre a água pelas calhas

Lá segundo a sua lei.

Pareces, vista de lado,

Aquela que te julguei.

## **Cortaste com a tesoura**

Cortaste com a tesoura

O pano de lado a lado.

Porque é que todo teu gesto

Tem a feição de engraçado?

**Dá-me um sorriso a brincar,**

Dá-me um sorriso a brincar,

Dá-me uma palavra a rir,

Eu me tenho por feliz

Só de te ver e te ouvir.

**Dá-me um sorriso ao domingo.**

Dá-me um sorriso ao domingo.

Para à segunda eu lembrar.

Bem sabes: sempre te sigo

E não é preciso andar.

## **Dá-me um sorriso daqueles**

Dá-me um sorriso daqueles  
Que te não servem de nada  
Como se dá às crianças  
Uma caixa esvaziada.

## **Dás nós na linha que cose**

Dás nós na linha que cose

Para que pare no fim.

Por muito que eu pense e ouse,

Nunca das nó para mim.

## **Dei-lhe um beijo ao pé da boca**

Dei-lhe um beijo ao pé da boca

Por a boca se esquivar.

A ideia talvez foi louca,

O mal foi não acertar.

## **Deixa que um momento pense**

Deixa que um momento pense  
Que ainda vives ao meu lado...  
Triste de quem por si mesmo  
Precisa ser enganado!



## **Deixaste cair a liga**

Deixaste cair a liga

Porque não estava apertada...

Por muito que a gente diga

A gente nunca diz nada.

## **Deixaste cair no chão**

Deixaste cair no chão

O embrulho das queijadas.

Ris-te disso — e porque não?

A vida é feita de nada.

## **Deixaste o dedal na mesa**

Deixaste o dedal na mesa  
Só pelo tempo da ausência —  
Se eu to roubasse dirias  
Que eu não tinha consciência.

**Depois do dia vem noite,**

Depois do dia vem noite,

Depois da noite vem dia

E depois de ter saudades

Vêm as saudades que havia.

## **Deram-me um cravo vermelho**

Deram-me um cravo vermelho

Para eu ver como é a vida.

Mas esqueci-me do cravo

Pela hora da saída.

**Deram-me, para se rirem,**

Deram-me, para se rirem,  
Uma corneta de barro,  
Para eu tocar à entrada  
Do Castelo do Diabo.

**Descasquei o camarão,**

Descasquei o camarão,

Tirei-lhe a cabeça toda.

Quando o amor não tem razão

É que o amor incomoda.

## **Deste-me um adeus antigo**

Deste-me um adeus antigo  
À maneira de eu não ser  
Mais que o amigo do amigo  
Que havias de poder ter.



## **Deste-me um cordel comprido**

Deste-me um cordel comprido  
Para atar bem um papel.  
Fiquei tão agradecido  
Que inda tenho esse cordel.

## **Dias são dias, e noites**

Dias são dias, e noites  
São noites e não dormi...  
Os dias a não te ver  
As noites pensando em ti.

## **Disseste-me quase rindo:**

Disseste-me quase rindo:

«Conheço-te muito bem!»

Dito por quem me não quer,

Tem muita graça, não tem?

## **Dizem que as flores são todas**

Dizem que as flores são todas

Palavras que a terra diz.

Não me falas: incomodas.

Falas: sou menos feliz.

## **Dizem que não és aquela**

Dizem que não és aquela  
Que te julgavam aqui.  
Mas se és alguém e és bela  
Que mais quererão de ti?

## **Dizes-me que nunca sonhas**

Dizes-me que nunca sonhas  
E que dormes sempre a fio.  
Quais são as coisas risonhas  
Que sonhas por desfastio?

## **Do alto da torre da igreja**

Do alto da torre da igreja  
Vê-se o campo todo em roda.  
Só do alto da esperança  
Vemos nós a vida toda.

**Dona Rosa, Dona Rosa,/De que roseira é que vem,**

Dona Rosa, Dona Rosa,  
De que roseira é que vem,  
Que não tem senão espinhos  
Para quem só lhe quer bem?



## **Dona Rosa, Dona Rosa,/Quando eras inda botão**

Dona Rosa, Dona Rosa,  
Quando eras inda botão  
Disseram-te alguma cousa  
De a flor não ter coração?

**Duas horas te esperei./Duas mais te esperaria.**

Duas horas te esperei.

Duas mais te esperaria.

Se gostas de mim não sei...

Algum dia há-de ser dia...

## **Duas horas te esperei/Dois anos te esperaria**

Duas horas te esperei

Dois anos te esperaria.

Dize: devo esperar mais?

Ou não vens porque inda é dia?

## **Duas horas vão passadas**

Duas horas vão passadas  
Sem que te veja passar.  
Que coisas mal combinadas  
Que são amor e esperar!

## **Duas vezes eu tentei**

Duas vezes eu tentei  
Dizer-te que te queria,  
E duas vezes te achei  
Só a que falava e ria.

## **Duas vezes jurei ser**

Duas vezes jurei ser  
O que julgo que sou,  
Só para desconhecer  
Que não sei para onde vou.

## **Duas vezes te falei**

Duas vezes te falei  
De que te iria falar.  
Quatro vezes te encontrei  
Sem palavra p'ra te dar.

**É a espada, vejam bem**

É a espada, vejam bem  
Que ao mal e ao crime conduz;  
A espada tem uma coroa  
E a coroa tem uma cruz.



## **E ao acabar estes versos**

E ao acabar estes versos  
Feitos em modo menor  
Cumpre prestar homenagem  
À bebedeira do cantor.

**É limpo o adro da igreja.**

É limpo o adro da igreja.

É grande o largo da praça.

Não há ninguém que te veja

Que te não encontre graça.

## **Em vez da saia de chita**

Em vez da saia de chita

Tens uma saia melhor.

De qualquer modo és bonita,

E o bonita é o pior.

## **Entornaram-me o cabaz**

Entornaram-me o cabaz  
Quando eu vinha pela estrada.  
Como ele estava vazio,  
Não houve loiça quebrada.

## **Era já de madrugada**

Era já de madrugada  
E eu acordei sem razão.  
Senti a vida pesada,  
Pesado era o coração.

**És Maria da Piedade,**

És Maria da Piedade,  
Pois te chamaram assim.  
Sê lá Maria à vontade,  
Mas tem piedade de mim.

## **Essa costura à janela**

Essa costura à janela  
Que lhe inclinou a cabeça  
Fez-me ver como era dela  
Que o coração tinha pressa.

## **Esse frio cumprimento**

Esse frio cumprimento

Tem ironia p'ra mim.

Porque é o mesmo movimento

Com que a gente diz que sim...



**Esse xaile que arranjaste,**

Esse xaile que arranjaste,  
Com que pareces mais alta  
Dá ao teu corpo esse brio  
Que à minha coragem falta.

## **Este é o riso daquela**

Este é o riso daquela  
Em que não se reparou.  
Quando a gente se acautela  
Vê que não se acautelou.

## **Eu bem sei que me desdenhas**

Eu bem sei que me desdenhas  
Mas gosto que seja assim,  
Que o desdém que por mim tenhas  
Sempre é pensares em mim.

## **Eu te pedi duas vezes**

Eu te pedi duas vezes  
Duas vezes, bem o sei.  
Que por fim me respondesses  
Ao que não te perguntei.

## **Eu tenho um colar de pérolas**

Eu tenho um colar de pérolas

Enfiado para te dar:

As pérolas são os meus beijos,

O fio é o meu penar.

## **Eu vi ao longe um navio**

Eu vi ao longe um navio  
Que tinha uma vela só,  
Ia sozinho no mar...  
Mas não me fazia dó.

## **Eu voltei-me para trás**

Eu voltei-me para trás  
Para ver se te voltavas.  
Há quem dê favas aos burros,  
Mas eles comem as favas.

## **Fazes renda de manhã**

Fazes renda de manhã  
E fazes renda ao serão.  
Se não fazes senão renda,  
Que fazes do coração?



## **Fica o coração pesado**

Fica o coração pesado  
Com o choro que chorei.  
É um ficar engraçado  
O ficar com o que dei...

## **Fiz estoirar um cartucho**

Fiz estoirar um cartucho  
Contra a parede do lado.  
Assim farei eu à vida,  
Que o sonhar fez-me assoprado.

## **Fizeste molhos de flores**

Fizeste molhos de flores  
Para não dar a ninguém.  
São como os molhos de amores  
Que foras fazer a alguém.

## **Floriu a roseira toda**

Floriu a roseira toda

Com as rosas de trepar...

Tua cabeça anda à roda

Mas sabes-te equilibrar.

**Fomos passear na quinta,**

Fomos passear na quinta,  
Fomos à quinta em passeio.  
Não há nada que eu não sinta  
Que me não faça um enleio.

**Frescura do que é regado,**

Frescura do que é regado,  
Por onde a água inda verte...  
Quero dizer-te um bocado  
Do que não ousa dizer-te.

## **Fui passear no jardim**

Fui passear no jardim  
Sem saber se tinha flores  
Assim passeia na vida  
Quem tem ou não tem amores.

## **Há dois dias que não vejo**

Há dois dias que não vejo  
Modo de tornar-te a ver.  
Se outros também te não vissem,  
Desejava sem sofrer.



## **Há grandes sombras na horta**

Há grandes sombras na horta  
Quando a amiga lá vai ter...  
Ser feliz é o que importa,  
Não importa como o ser!

## **Há um doido na nossa voz**

Há um doido na nossa voz  
Ao falarmos, que prendemos:  
É o mal-estar entre nós  
Que vem de nos percebermos.

## **Há verdades que se dizem**

Há verdades que se dizem  
E outras que ninguém dirá.  
Tenho uma coisa a dizer-te  
Mas não sei onde ela está.

## **Houve um momento entre nós**

Houve um momento entre nós

Em que a gente não falou.

Juntos, estávamos sós.

Que bom é assim estar só!

## **Já duas vezes te disse**

Já duas vezes te disse  
Que nunca mais te diria  
O que te torno a dizer  
E fica para outro dia.

## **Lá por olhar para ti**

Lá por olhar para ti  
Não julgues que é por gostar.  
Eu gosto muito do sol,  
E nem o posso fitar.

## **Lá vem o homem da capa**

Lá vem o homem da capa  
Que ninguém sabe quem é...  
Se o lenço os olhos te tapa  
Vejo os teus olhos por fé.

## **Lavadeira a bater roupa**

Lavadeira a bater roupa

Na pedra que está na água,

Achas a minha mágoa pouca?

É muito tudo o que é mágoa.



## **Lavas a roupa na selha**

Lavas a roupa na selha  
Com um vagar apressado,  
E o brinco na tua orelha  
Acompanha o teu cuidado.

## **Lenço preto de orla branca —**

Lenço preto de orla branca —

Ataste-o mal a valer

À roda desse pescoço

Que tem que se lhe dizer.

## **Levas a mão ao cabelo**

Levas a mão ao cabelo  
Num gesto de quem não crê.  
Mas eu não te disse nada.  
Duvidas de mim? Porquê?

## **Levas chinelas que batem**

Levas chinelas que batem  
No chão com o calcanhar.  
Antes quero que me matem  
Que ouvir esse som parar.

## **Levas uma rosa ao peito**

Levas uma rosa ao peito  
E tens um andar que é teu...  
Antes tivesses o jeito  
De amar alguém, que sou eu.

## **Leve sonho, vais no chão**

Leve sonho, vais no chão  
A andares sem teres ser.  
És como o meu coração  
Que sente sem nada ter.

## **Leve vem a onda leve**

Leve vem a onda leve  
Que se estende a adormecer,  
Breve vem a onda breve  
Que nos ensina a esquecer.

**Linda noite a desta lua,**

Linda noite a desta lua,  
Lindo luar o que está  
A fazer sombra na rua,  
Por onde ela não virá.



**Loura dos olhos dormentes,**

Loura dos olhos dormentes,  
Que são azuis e amarelos,  
Se as minhas mãos fossem pentes,  
Penteavam-te os cabelos.

## **Loura, teus olhos de céu**

Loura, teus olhos de céu  
Têm um azul que é fatal.  
Bem sei: foi Deus que tos deu.  
Mas então Deus fez o mal?

**Manjerico que te deram,**

Manjerico que te deram,  
Amor que te querem dar...  
Recebeste o manjerico.  
O amor fica a esperar.

**Manjerico, manjerico,**

Manjerico, manjerico,  
Manjerico que te dei,  
A tristeza com que fico  
Inda amanhã a terei.

**Maria, se eu te chamar,**

Maria, se eu te chamar,  
Maria, vem cá dizer  
Que não podes cá chegar.  
Assim te consigo ver.

## **Mas que grande disparate**

Mas que grande disparate  
É o que penso e o que sinto.  
Meu coração bate, bate  
E se sonho muito, minto.

**Meia volta, toda a volta,**

Meia volta, toda a volta,

Muitas voltas de dançar...

Quem tem sonhos por escolta

Não é capaz de parar.

## **Menina de saia preta**

Menina de saia preta  
E de blusa de outra cor,  
Que é feito daquela seta  
Que atirei ao meu amor?



**Meu amor é fragateiro.**

Meu amor é fragateiro.

Eu sou a sua fragata.

Alguns vão atrás do cheiro,

Outros vão só pela arreata.

## **Meu coração a bater**

Meu coração a bater  
Parece estar-me a lembrar  
Que, se um dia te esquecer,  
Será por ele parar.

## **Meu coração é uma barca**

Meu coração é uma barca

Que não sabe navegar.

Guardo o linho na arca

Com um ar de o acarinhar.

## **Morena dos olhos baços**

Morena dos olhos baços  
Velados de não sei quê,  
No mundo há falta de braços  
Para o que o teu olhar vê.

**Moreninha, moreninha,**

Moreninha, moreninha,

Com olhos pretos a rir.

Sei que nunca serás minha,

Mas quero ver-te sorrir.

## **Morto, hei-de estar a teu lado**

Morto, hei-de estar a teu lado

Sem o sentir nem saber...

Mesmo assim, isso me basta

P'ra ver um bem em morrer.

**Na praia de Monte Gordo,**

Na praia de Monte Gordo,

Meu amor, te conheci.

Por ter estado em Monte Gordo

É que assim emagreci.

## **Na quinta que nunca houve**

Na quinta que nunca houve  
Há um poço que não há  
Onde há-de ir encontrar água  
Alguém que te entenderá.



**Não digas mal de ninguém,**

Não digas mal de ninguém,

Que é de ti que dizes mal.

Quando dizes mal de alguém

Tudo no mundo é igual.

## **Não há verdade na vida**

Não há verdade na vida  
Que se não diga a mentir.  
Há quem apresse a subida  
Para descer a sorrir.

## **Não me digas que me queres**

Não me digas que me queres

Pois não sei acreditar.

No mundo há muitas mulheres

Mas mentem todas a par.

**Não sei em que coisa pensas**

Não sei em que coisa pensas

Quando coses sossegada...

Talvez naquelas ofensas

Que fazes sem dizer nada.

## **Não sei que flores te dar**

Não sei que flores te dar  
Para os dias da semana.  
Tens tanta sombra no olhar  
Que o teu olhar sempre engana.

## **Não sei que grande tristeza**

Não sei que grande tristeza  
Me fez só gostar de ti  
Quando já tinha a certeza  
De te amar porque te vi.

**Não sei se a alma no Além vive...**

Não sei se a alma no Além vive...

Morreste! E eu quero morrer!

Se vive, ver-te-ei; se não,

Só assim te posso esquecer.

## **No baile em que dançam todos**

No baile em que dançam todos

Alguém fica sem dançar.

Melhor é não ir ao baile

Do que estar lá sem lá estar.



## **No dia de S. João**

No dia de S. João  
Há fogueiras e folias  
Gozam uns e outros não,  
Tal qual como os outros dias.

## **No dia de Santo António**

No dia de Santo António  
Todos riem sem razão.  
Em São João e São Pedro  
Como é que todos rirão?

## **No dia em que te casares**

No dia em que te casares  
Hei-de te ir ver à Igreja  
Para haver o sacramento  
De amar-te alguém que ali esteja.

## **Nunca dizes se gostaste**

Nunca dizes se gostaste

Daquilo que te calei.

Sei bem que o adivinhaste.

O que pensaste não sei.

## **Nunca houve romaria**

Nunca houve romaria

Que se lembrassem de mim...

Também quem se lembraria

De quem se lamenta assim?

**Nuvem alta, nuvem alta,**

Nuvem alta, nuvem alta,  
Porque é que tão alta vais?  
Se tens o amor que me falta,  
Desce um pouco, desce mais.

## **Nuvem do céu, que pareces**

Nuvem do céu, que pareces  
Tudo quanto a gente quer,  
Se tu, ao menos, me desses  
O que se não pode ter!

**Nuvem que passas no céu,**

Nuvem que passas no céu,  
Dize a quem não perguntou  
Se é bom dizer a quem deu:  
«O que deste, não to dou.»



**O ar do campo vem brando,**

O ar do campo vem brando,

Faz sono haver esse ar.

Já não sei se estou sonhando

Nem de que serve sonhar.

## **O avental, que à gaveta**

O avental, que à gaveta  
Foste buscar, não terá  
Algibeira em que me meta  
Para estar contigo já?

## **O burburinho da água**

O burburinho da água  
No regato que se espalha  
É como a ilusão que é mágoa  
Quando a verdade a baralha.

**O canário já não canta.**

O canário já não canta.

Não canta o canário já.

Aquilo que em ti me encanta

Talvez não me encantarás.

## **O capilé é barato**

O capilé é barato

E é fresco quando há calor.

Vou sonhar o teu retrato

Já que não tenho melhor.

## **O CARRO DE PAU**

O carro de pau  
Que bebé deixou...  
Bebé já morreu  
O carro ficou...

O carro de pau  
Tombado de lado...  
Depois do enterro  
Foi ali achado...

Guardaram o carro  
Guardaram bebé.  
A vida e os brinquedos  
Cada um é o que é.

Está o carro guardado.  
Bebé vai esquecendo.  
A vida é p'ra quem  
Continua vivendo...

E o carro de pau  
É um carro que está  
Guardado num sótão  
Onde nada há...

**O coração é pequeno,**

O coração é pequeno,  
Coitado, e trabalha tanto!  
De dia a ter que chorar,  
De noite a fazer o pranto...

## **O cravo que tu me deste**

O cravo que tu me deste

Era de papel rosado.

Mas mais bonito era inda

O amor que me foi negado.



## **O guardanapo dobrado**

O guardanapo dobrado

Quer dizer que se não volta.

Tenho o coração atado:

Vê se a tua mão mo solta.

## **O Íbis, ave do Egipto,**

O Íbis, ave do Egipto,  
Pousa sempre sobre um pé  
    (O que é  
    Esquisito).  
É uma ave sossegada  
Porque assim não anda nada.

Uma cegonha parece  
Porque é uma cegonha.  
    Sonha  
    E esquece —  
Propriedade notável  
De toda ave aviável.

Quando vejo esta Lisboa,  
Digo sempre, Ah quem me dera  
    (E essa era  
    Boa)  
Ser um íbis esquisito,  
Ou pelo menos estar no Egipto.

## **O laço que tens no peito**

O laço que tens no peito  
Parece dado a fingir.  
Se calhar já estava feito  
Como o teu modo de rir.

## **Ó loura dos olhos tristes**

Ó loura dos olhos tristes  
Que me não quis escutar...  
Quero só saber se existes  
Para ver se te hei-de amar.

## **O malmequer que arrancaste**

O malmequer que arrancaste  
Deu-te nada no seu fim,  
Mas o amor que me arrancaste,  
Se deu nada, foi a mim.

## **O malmequer que colheste**

O malmequer que colheste

Deitaste-o fora a falar.

Nem quiseste ver a sorte

Que ele te podia dar.

## **O manjerico comprado**

O manjerico comprado  
Não é melhor que o que dão.  
Põe o manjerico ao lado  
E dá-me o teu coração.

## **O manjerico e a bandeira**

O manjerico e a bandeira  
Que há no cravo de papel —  
Tudo isso enche a noite inteira,  
Ó boca de sangue e mel.



**Ó minha menina loura,**

Ó minha menina loura,  
Ó minha loura menina,  
Dize a quem te vê agora  
Que já foste pequenina...

## **O moinho de café**

O moinho de café

Mói grãos e faz deles pó.

O pó que a minh'alma é

Moeu quem me deixa só.

## **O moinho que mói trigo**

moinho que mói trigo  
Mexe-o o vento ou a água,  
Mas o que tenho comigo  
Mexe-o apenas a mágoa.

## **O papagaio do paço**

O papagaio do paço

Não falava — assobiava.

Sabia bem que a verdade

Não é coisa de palavra.

**Ó pastora, ó pastorinha,**

Ó pastora, ó pastorinha,  
Que tens ovelhas e riso,  
Teu riso ecoa no vale  
E nada mais é preciso.

## **O pescador do mar alto**

O pescador do mar alto

Vem contente de pescar.

Se prometo, sempre falto:

Receio não agradar.

## **O que sinto e o que penso**

O que sinto e o que penso

De ti é bem e é mal.

É como quando uma xícara

Tem o pires desigual.

## **O ribeiro bate, bate**

O ribeiro bate, bate  
Nas pedras que nele estão,  
Mas nem há nada em que bata  
O meu pobre coração.



## **O rosário da vontade,**

O rosário da vontade,  
Rezei-o trocado e a esmo.  
Se vens dizer-me a verdade,  
Vê lá bem se é isso mesmo.

## **O sino dobra a finados.**

sino dobra a finados.

Faz tanta pena a dobrar!

Não é pelos teus pecados

Que estão vivos a saltar.

## **O SOBA DE BIKÁ — TRAJÉDIA**

O soba de Biká, maravilhoso gajo,  
Constantemente usava um admirável trajo  
Que era feito de pele e de coisa nenhuma.  
Havia uma harmonia entre ele e o trajo; em suma,  
O soba de Biká, ou de noite ou de dia,  
Era sempre da cor do trajo que vestia.  
Mas o soba, coitado!, um dia em sua casa,  
Sentou-se por descuido em cima de uma brasa,  
E, em vez de gritar «Ai, minhas calças!», «Uh!»,  
Gritou ele, esquecendo o trajo, «ai o meu cu!»

## **O teu cabelo cortado**

O teu cabelo cortado  
À maneira de rapaz  
Não deixa justificado  
Aquele amor que me faz.

## **O teu carrinho de linha**

O teu carrinho de linha  
Rolou pelo chão caído.  
Apanhei-o e dei-o e tinha  
Só em ti o meu sentido.

## **O teu lenço foi mal posto**

O teu lenço foi mal posto  
Pela pressa que to pôs.  
Mais mal posto é o meu desgosto  
Do que não há entre nós.

## **O vaso de manjerico**

O vaso de manjerico  
Caiu da janela abaixo.  
Vai buscá-lo, que aqui fico  
A ver se sem ti te acho.

## **O vaso que dei àquela**

O vaso que dei àquela  
Que não sabe quem lho deu  
Há-de ser posto à janela  
Sem ninguém saber que é meu.



**Olha o teu leque esquecido!**

Olha o teu leque esquecido!

Olha o teu cabelo solto!

Maria, toma sentido!

Maria, senão não volto!

## **Olhas para mim às vezes**

Olhas para mim às vezes  
Como quem sabe quem sou.  
Depois passam dias, meses,  
Sem que vás por onde vou.

## **Olhos de veludo falso**

Olhos de veludo falso  
E que fitam a entender,  
Vós sois o meu cadafalso  
A que subo com prazer.

**Olhos tristes, grandes, pretos,**

Olhos tristes, grandes, pretos,  
Que dizeis sem me falar  
Que não há filhos nem netos  
De eu não querer amar.

## **Onda que vens e que vais**

Onda que vens e que vais  
Mar que vais e depois vens,  
Já não sei se tu me atraís,  
E, se me atraís, se me tens.

## **Os alcatruzes da nora**

Os alcatruzes da nora  
Andam sempre a dar e dar.  
É para dentro e p'ra fora  
E não sabem acabar.

## **Os ranchos das raparigas**

Os ranchos das raparigas  
Vão a cantar pela estrada...  
Não oiço as suas cantigas  
Só tenho pena de nada.

**Ouves-me sem me entender.**

Ouves-me sem me entender.

Sorris sem ser porque falo.

É assim muita mulher.

Mas nem por isso me calo.



**Ouvi-te cantar de dia.**

Ouvi-te cantar de dia.

De noite te ouvi cantar.

Ai de mim, se é de alegria!

Ai de mim, se é de penar!

## **Para adorar a beleza**

Para adorar a beleza  
E a liberdade amar  
Fez Deus Portugal tão belo,  
Pôs-nos Deus à beira-mar  
(Só aprendemos a sonhar).

Sofra um só deve ser pública  
Toda a dor (...) da opressão  
Vamos, morte (?) ou república,  
Suprimir (?) a revolução.

## **Pia número SEIS**

Pia número SEIS,  
Para quem se penteia com bolos-reis.

Pia número SETE,  
Para quem canta até que o telhado se derrete.

Pia número OITO,  
Para quem parte nozes quando é afoito.

Pia número NOVE,  
Para quem se parece com uma couve.

Pia número DEZ  
Para quem cola selos nas unhas dos pés.

E, como as mãos já não estão frias,  
Tampa nas pias!

## **Pobre do pobre que é ele**

Pobre do pobre que é ele  
E não é quem se fingiu!  
Por muito que a gente vele  
Descobre que já dormiu.

## **POEMA PIAL**

Casa Branca — Barreiro a Moita (Silêncio ou estação, à escolha do freguês)

Toda a gente que tem as mãos frias  
Deve metê-las dentro das pias.

Pia número UM,  
Para quem mexe as orelhas em jejum.

Pia número DOIS,  
Para quem bebe bifés de bois.

Pia número TRÊS,  
Para quem espirra só meia vez.

Pia número QUATRO,  
Para quem manda as ventas ao teatro.

Pia número CINCO,  
Para quem come a chave do trinco.

Pia número SEIS,  
Para quem se penteia com bolos-reis.

Pia número SETE,  
Para quem canta até que o telhado se derrete.

Pia número OITO,

Para quem parte nozes quando é afoito.

Pia número NOVE,  
Para quem se parece com uma couve.

Pia número DEZ,  
Para quem cola selos nas unhas dos pés.

E, como as mãos já não estão frias,  
Tampa nas pias!

## **Por cima da saia azul**

Por cima da saia azul  
Há uma blusa encarnada,  
E por cima disso os olhos  
Que nunca me dizem nada.

## **Por muito que pense e pense**

Por muito que pense e pense  
No que nunca me disseste,  
Teu silêncio não convence.  
Faltaste quando vieste.



## **Por um púcaro de barro**

Por um púcaro de barro  
Bebe-se a água mais fria.  
Quem tem tristezas não dorme,  
Vela para ter alegria.

## **Puseste a chaleira ao lume**

Puseste a chaleira ao lume  
Com um jeito de desdém.  
Suma-te o diabo que sume  
Primeiro quem te quer bem!

## **Puseste a mantilha negra**

Puseste a mantilha negra  
Que hás-de tirar ao voltar.  
A que me puseste na alma  
Não tiras. Mas deixa-a estar!

## **Puseste por brincadeira**

Puseste por brincadeira  
A touca da tua irmã.  
Ó corpo de bailadeira,  
Toda a noite tem manhã.

**Puseste um vaso à janela.**

Puseste um vaso à janela.

Foi sinal ou não foi nada,

Ou foi p'ra que pense em ti

Que te não importas nada?

## **Quando a manhã aparece**

Quando a manhã aparece  
Dizem que nasce alegria.  
Isso era se Ela viesse.  
Até de noite era dia.

## **Quando agora me sorriste**

Quando agora me sorriste  
Foi de contente de eu vir,  
Ou porque me achaste triste,  
Ou já estavas a sorrir?

## **Quando ao domingo passeias**

Quando ao domingo passeias

Levas um vestido claro.

Não é o que te conheço

Mas é em ti que reparo.



## **Quando apertaste o teu cinto**

Quando apertaste o teu cinto

Puseste o cravo na boca.

Não sei dizer o que sinto

Quando o que sinto me toca.

## **Quando cantas, disfarçando**

Quando cantas, disfarçando  
Com a cantiga o cantar,  
Parece o vento mais brando  
Nesta brandura do ar.

## **Quando chegaste à janela**

Quando chegaste à janela  
Todos que estavam na rua  
Disseram: olha, é aquela,  
Tal é a graça que é tua!

## **Quando compões o cabelo**

Quando compões o cabelo  
Com tua mão distraída  
Fazes-me um grande novelo  
No pensamento da vida.

## **Quando é o tempo do trigo**

Quando é o tempo do trigo

É o tempo de trigar.

A verdade é um postigo

A que ninguém vem falar.

## **Quando ela pôs o chapéu**

Quando ela pôs o chapéu  
Como se tudo acabasse,  
Sofri de não haver véu  
Que inda um pouco a demorasse.

## **Quando eu era pequenino**

Quando eu era pequenino  
Cantavam para eu dormir.  
Foram-se o canto e o menino.  
Sorri-me para eu sentir!

## **Quando há música, parece**

Quando há música, parece  
Que dormes, e assim te calas,  
Mas se a música falece  
Acordo, e não me falas.



## **Quando me deste os bons-dias**

Quando me deste os bons-dias

Deste-mos como a qualquer.

Mais vale não dizer nada

Do que assim nada dizer.

**Quando olhaste para trás,**

Quando olhaste para trás,  
Não supus que era por mim.  
Mas sempre olhaste, e isso faz  
Que fosse melhor assim.

## **Quando passas pela rua**

Quando passas pela rua  
Sem reparar em quem passa,  
A alegria é toda tua  
E minha toda a desgraça.

## **Quando te apertei a mão**

Quando te apertei a mão  
Ao modo de assim-assim,  
Senti o meu coração  
A perguntar-me por mim.

## **Quando te vais a deitar**

Quando te vais a deitar  
Não sei se rezas se não.  
Devias sempre rezar  
E sempre a pedir perdão.

## **Quando tiraste da cesta**

Quando tiraste da cesta  
Os figos que prometeste  
Foi em mim dia de festa,  
Mas foi a todos que os deste.

**Quando vieste da festa,**

Quando vieste da festa,

Vinhas cansada e contente.

A minha pergunta é esta:

Foi da festa ou foi da gente?

## **Quantas vezes a memória**

Quantas vezes a memória  
Para fingir que inda é gente,  
Nos conta uma grande história  
Em que ninguém está presente.



## **Que te fez assim tão linda**

Que te fez assim tão linda  
Não o fez para mostrar  
Que se é mais linda ainda  
Quando se sabe negar.

## **Que tenho o coração preto**

Que tenho o coração preto  
Dizes tu, e inda te alegras.  
Eu bem sei que o tenho preto:  
Está preto de nódoas negras.

## **Quem lavra julga que lavra**

Quem lavra julga que lavra

Mas quem lavra é o que acontece...

Não me dás uma palavra

E a palavra não me esquece.

## **Quem me dera, quando fores**

Quem me dera, quando fores  
Pela rua sem me ver,  
Supor que há coisas melhores  
E que eu as pudera ter.

## **Quem te deu aquele anel**

Quem te deu aquele anel  
Que ainda ontem não tinhas?  
Como tu foste infiel  
A certas ideias minhas!

## **Quero lá saber por onde**

Quero lá saber por onde

Andaste todo este dia!

Nunca faz bem quem se esconde...

Mas onde foste, Maria?

## **Rezas a Deus ao deitar-te**

Rezas a Deus ao deitar-te

Pedindo não sei o quê.

Se rezasses ao demónio,

Eu saberia o que é.

**Rezas porque outros rezaram,**

Rezas porque outros rezaram,

E vestes à moda alheia...

Quando amares vê se amas

Sem teres o amor na ideia.



**Ribeirinho, ribeirinho,/Que falas tão devagar,**

Ribeirinho, ribeirinho,  
Que falas tão devagar,  
Ensina-me o teu caminho  
De passar sem desejar amar.

**Ris-te de mim? Não me importo.**

Ris-te de mim? Não me importo.

Rir não faz mal a ninguém.

Teu rir é tão engraçado

Que, quando faz mal, faz bem.

## RONDEAU

Faz noite em meu coração.  
Tenho sono de dormir.  
Já me esqueci do porvir.  
Não demorem muito, então!  
Que o Bi fez chichi no chão.

Não precisam consentir.  
Basta-lhe só comichão.  
Na cara esfregou o pão  
E a manteiga no sorrir,  
E fez um chichi no chão.

Vendo bem, e com razão,  
Onde o faria? (Advertir  
Que o penico é para rir)  
No tecto? Claro que não.  
O Bi fez chichi no chão.

## Envoy

Princesa, este mundo a ir  
Para o nada é um sonho vão.  
Mande uma (com um esfregão)  
Dama de honor aqui vir  
Que o Bi fez chichi no chão.

## **Rosa verde, rosa verde...**

Rosa verde, rosa verde...

Rosa verde é coisa que há?

É uma coisa que se perde

Quando a gente não está lá.

## **Roseiral que não das rosas**

Roseiral que não das rosas  
Senão quando as rosas vêm,  
Há muitas que são formosas  
Sem que o amor lhes vá bem.

**Rosmaninho que me deram,**

Rosmaninho que me deram,

Rosmaninho que darei,

Todo o mal que me fizeram

Será o bem que eu farei.

**Rouxinol que não cantaste,**

Rouxinol que não cantaste,

Gaio que não cantarás,

Qual de vós me empresta o canto

Para ver o que ela faz?

## SANTO ANTÓNIO

Nasci exactamente no teu dia —  
Treze de Junho, quente de alegria,  
Citadino, bucólico e humano,  
Onde até esses cravos de papel  
Que têm uma bandeira em pé quebrado  
Sabem rir...  
Santo dia profano  
Cuja luz sabe a mel  
Sobre o chão de bom vinho derramado!

Santo António, és portanto  
O meu santo,  
Se bem que nunca me pegasses  
Teu franciscano sentir,  
Católico, apostólico e romano.

(Reflecti.  
Os cravos de papel creio que são  
Mais propriamente, aqui,  
Do dia de S. João...  
Mas não vou escangalhar o que escrevi.  
Que tem um poeta com a precisão?)

Adiante ... Ia eu dizendo, Santo António,  
Que tu és o meu santo sem o ser.  
Por isso o és a valer,  
Que é essa a santidade boa,  
A que fugiu deveras ao demónio.



És o santo das raparigas,  
És o santo de Lisboa,  
És o santo do povo.  
Tens uma auréola de cantigas,  
E então  
Quanto ao teu coração —  
Está sempre aberto lá o vinho novo.

Dizem que foste um pregador insigne,  
Um austero, mas de alma ardente e ansiosa,  
Etcetera...  
Mas qual de nós vai tomar isso à letra?  
Que de hoje em diante quem o diz se digne  
Deixar de dizer isso ou qualquer outra coisa.

Qual santo! Olham a árvore a olho nu  
E não a vêem, de olhar só os ramos.  
Chama-se a isto ser doutor  
Ou investigador.

Qual Santo António! Tu és tu.  
Tu és tu como nós te figuramos.

Valem mais que os sermões que deveras pregaste  
As bilhas que talvez não concertaste.  
Mais que a tua longínqua santidade  
Que até já o Diabo perdoou,  
Mais que o que houvesse, se houve, de verdade  
No que — aos peixes ou não — a tua voz pregou,  
Vale este sol das gerações antigas

Que acorda em nós ainda as semelhanças  
Com quando a vida era só vida e instinto,  
As cantigas,  
Os rapazes e as raparigas,  
As danças  
E o vinho tinto.

Nós somos todos quem nos faz a história.  
Nós somos todos quem nos quer o povo.  
O verdadeiro título de glória,  
Que nada em nossa vida dá ou traz  
É haver sido tais quando aqui andámos,  
Bons, justos, naturais em singeleza, Que os descendentes dos que nós  
amámos  
Nos promovem a outros, como faz  
Com a imaginação que há na certeza,  
O amante a quem ama,  
E o faz um velho amante sempre novo.  
Assim o povo fez contigo  
Nunca foi teu devoto: é teu amigo,  
Ó eterno rapaz.

(Qual santo nem santeza!  
Deita-te noutra cama!)  
Santos, bem santos, nunca têm beleza.  
Deus fez de ti um santo ou foi o Papa? ...  
Tira lá essa capa!  
Deus fez-te santo! O Diabo, que é mais rico  
Em fantasia, promoveu-te a manjerico.

És o que és para nós. O que tu foste  
Em tua vida real, por mal ou bem,  
Que coisas, ou não coisas se te devem  
Com isso a estéril multidão arraste  
Na nora de uns burros que puxam, quando escrevem,  
Essa prolixa nulidade, a que se chama história,  
Que foste tu, ou foi alguém,  
Só Deus o sabe, e mais ninguém.

És pois quem nós queremos, és tal qual  
O teu retrato, como está aqui,  
Neste bilhete postal.  
E parece-me até que já te vi.

És este, e este és tu, e o povo é teu —  
O povo que não sabe onde é o céu,  
E nesta hora em que vai alta a lua  
Num plácido e legítimo recorte,  
Atira risos naturais à morte,  
E cheio de um prazer que mal é seu,  
Em canteiros que andam enche a rua.

Sê sempre assim, nosso pagão encanto,  
Sê sempre assim!  
Deixa lá Roma entregue à intriga e ao latim,  
Esquece a doutrina e os sermões.  
De mal, nem tu nem nós merecíamos tanto.  
Foste Fernando de Bulhões,  
Foste Frei António —  
Isso sim.

Porque demónio

É que foram pregar contigo em santo?

## **Santo António de Lisboa**

Santo António de Lisboa  
Era um grande pregador,  
Mas é por ser Santo António  
Que as moças lhe têm amor.

**São já onze horas da noite.**

São já onze horas da noite.

Porque te não vais deitar?

Se de nada serve ver-te,

Mais vale não te fitar.

## SÃO JOÃO

Ó Precursor, fizeste-la bonita!  
Não que teu Cristo, incarnação do Bem —  
Não seja quem seja o teu Divino Anunciado.  
O mal são os que após, sem mística divina  
Nem ternura cristã, ou só humana,  
Meteram a Jesus na cela da doutrina  
Com as algemas do ódio manietado  
Para depois manchar de falsa fé  
O pobre homem que todo homem é

A cruel multidão negramente infinita  
Que tem sido o algoz ou o ladrão  
Da ingénua humanidade aflita —  
Esses que, aqui mesmo, pelos modos,  
Dão ao inferno realização...

Ah, não podiam ser piores, nem  
Que a mulher do Diabo, se ele a tem,  
Os tivesse parido a todos.

Eu bem sei que houve muito santo e crente,  
Muito puro, bondoso e inocente.  
Bem sei, bem sei:  
Sei-o eu e sabe-o toda a gente.

Mas esses, cuja alma está em Cristo  
São só isto —  
Qualquer remédio que se dissolvesse

No chá que para isso há,  
E cujo gosto nele se perdesse;  
O chá fica sabendo só a chá.  
Se o remédio faz bem,  
Não o sabe ninguém.  
Que o chá não presta, não duvida alguém.

Sabemos isso, e sabê-lo-ia antes  
De todos nós teu Mestre que viria,  
Profeta, Deus e guia dos errantes,  
Quão dolorosamente o saberia?  
Sei que houve astros no céu da fé vazia.

Sei, mas repara que falso isso soa!  
Por mais astros que a noite use brilhantes,  
Que Diabo!, a noite não se chama dia.

Ó Precursor! Fizeste-a boa!

Daí, para nós, és de Lisboa,  
Não és o precursor de nada.  
És um rapaz ainda menino  
Que tem por missão boa,  
Por missão sorridente e sossegada  
Ter ao colo um cordeiro pequenino.

Lá o que esse cordeiro significa  
Não tem cheiro  
Para o povo, que tem a alma rica  
Da emoção que não conhece.



Para ele o cordeiro é um cordeiro,  
E o menino sorri e a vida esquece.

O resto são fogueiras  
E os saltos dados a gritar  
Com um medo exagerado  
Feito tudo de maneira  
A mostrar  
O riso, as pernas e o agrado.  
É quente e anónima a aragem,  
Tudo é juventude e viço  
Num arraial multicolor e vasto.  
Bonito serviço  
Como homenagem  
A quem, ainda com cabeça, foi um casto!

Mas é assim que és  
E é assim que serás,  
Até que pisem esta terra os pés  
Do último fado que o Destino traz.

Então, esperamos, eu e todos,  
Ver-te «surgir no céu», como quem vence  
Tudo que é realidade ou ilusão  
Por o menino ser que lhe pertence,  
E os seus bons e santos modos  
«Com o cordeirinho na mão»,  
Como te viu Catullo Cearense.

Mas, desçamos à terra,

Que, por enquanto, o céu aterra,  
Porque antes disso mete a morte.  
Há muita coisa desconhecida  
Na tua vida.  
Tens muita sorte  
Em ninguém saber da partida  
Que em mil setecentos e dezassete  
Tu fizeste à Igreja constituída  
Estás, eu bem sei, cansado  
Com o que a Igreja se intromete  
Com tua vida e o teu divino fado.

(E) foi então que, para te vingar  
E à maneira de santo, os arrelhar  
Desceste mansamente à terra  
Perfeitamente disfarçado  
E fizeste entre os homens da razão  
Um milagre assinado,  
Mas cuja assinatura se erra  
Quando em teu dia, S. João do Verão,  
Fundaste a Grande Loja de Inglaterra.  
Isto agora é que é bom,  
Se bem que vagamente rocambólico  
Eu a julgar-te até católico,  
E tu saís-me maçom.  
Bem, aí é que há espaço para tudo,  
Para o bem temporal do mundo vário.  
Que o teu sorriso doure quanto estudo  
E o teu Cordeiro  
Me faça sempre justo e verdadeiro,

Pronto a fazer falar o coração  
Alto e bom som  
Contra todas as fórmulas do mal,  
Contra tudo que torna o homem precário.  
Se és maçom,  
Sou mais do que maçom — eu sou templário.

Esqueço-te santo  
Deslembro o teu indefinido encanto.  
Meu Irmão, dou-te o abraço fraternal.

## SÃO PEDRO

Tu, que Diabo?, és velho.  
És o único dos três que traz velhice  
Às festas. Tuas barbas brancas  
Têm contudo um ar terno  
A que o teu duro olhar não dá razão.  
Parece que com essas barbas brancas  
Por um fenómeno de imitação  
Pretendes ter um ar de Padre Eterno.

Carcereiro do céu, isso é o que és.  
Basta ver o tamanho dessas chaves —  
As que Roma cruzou no seu brasão.  
Segundo aquele passo do Evangelho  
Do «Tu és Pedro» etcetera (tu sabes),  
Que é, afinal uma fraude  
Meu velho, uma interpolação.

Carcereiro do céu, que chaves essas!  
Nem dão vontade de ser bom na terra,  
Se, segundo evangélicas promessas  
Vamos parar, ao fim, a um céu claustral.  
Isso — fecharem-me — não quero eu,  
Nem com Deus e o que é seu  
Que o estar fechado faz-me mal  
Até na beatitude do teu céu,  
Entre os santos do paraíso,  
(A liberdade — Deus dá a Deus —  
Um Deus que não sei se é o teu),

O estar fechado, aqui ou ali, dizia eu  
Faz-me terríveis cócegas no juízo.

Enfim, que direi eu de ti, amigo,  
Que não seja uma coisa morta,  
Anti-popular, gongórica,  
Por fruste deselegante,  
Como de quem, sem saber nada, exausto,  
Começo por duvidar bastante,  
Desculpa-me chaveiro antigo,  
De que tivesses existência histórica.  
Mas isso, é claro, não importa  
Se nos trazes  
A alegria da singeleza  
Ou a bondade que não sabe ter tristeza.  
O pior é que nada disso fazes.  
O teu semblante é duro e cru  
E as barbas que roubaste ao Deus que tens  
Só arrancam aos dandies teus loquazes  
Ditos de dandies cínicos desdéns.  
Que diabo, és uma série de ninguéns.  
O Santo são as chaves, e não tu.

Para uns és S. Pedro, o grão porteiro,  
Para outros as barbas já citadas,  
Para uns o tal fatídico chaveiro  
Que fecha à chave as almas sublimadas.  
Para uns tu fundaste a Roma do Papado  
(Andavas bêbado ou enganado  
Ou esqueceste

O teu posto quando o fizeste)  
E para outros enfim, como é o povo  
E segundo as ideias que ele faz,  
És quem lhe não vem dar nada de novo —  
Umas barbas com S. Pedro lá por traz.

É difícil tratar-te em verso ou prosa,  
Tudo em ti, salvo as barbas, é incerto,  
Tudo teu, salvo as chaves, não tem ser  
E a alma mais humilde é clamorosa  
De qualquer coisa que se possa ver,  
Em sonho até, qual se estivesse perto.  
Olha, eu confesso  
Que nunca escreveria  
Este vago poema, em que me apresso  
Só para me ver livre do teu nada,  
Se não fosse para dar um cunho  
A este livro da trilogia  
(Santo António, S. João, S. Pedro —  
De popular, que bem que soa!)

Mas porque diabo de intuição errada  
É que vieste parar a Junho  
E a Lisboa?

Isto aqui ainda tem  
Um sorriso que lhe fica bem,  
Que até, até  
No teu dia,  
(Ó estupor velho

Como um chavelho,)

Nas ruas

O povo anda com alegria,

É fé,

Não em ti nem nas barbas tuas

Mas no que a alegria é.

Olha, acabei.

Que mais dizer-te, não sei.

Espera lá, olha

Roma, fingindo que viceja,

Lentamente se desfolha.

Teu último gesto seja

Um gesto volvente e mudo.

Se tens poder milagroso,

Se essas chaves abrem tudo,

Deixa esse céu lastimoso.

Deixa de vez esse céu,

Desce até à humanidade

E abre-lhe, enfim no mudo gesto teu,

As portas do Inferno, e da Verdade.

## **Saudades, só portugueses**

Saudades, só portugueses  
Conseguem senti-las bem,  
Porque têm essa palavra  
Para dizer que as têm.



## **Se há uma nuvem que passa**

Se há uma nuvem que passa  
Passa uma sombra também.  
Ninguém diz que é desgraça  
Não ter o que se não tem.

## **Se houver alguém que me diga**

Se houver alguém que me diga  
Que disseste bem de mim,  
Farei uma outra cantiga,  
Porque esta não é assim.

## **Se o sino dobra a finados**

Se o sino dobra a finados

Há-de deixar de dobrar.

Dá-me os teus olhos fitados

E deixa a vida matar!

## **Se ontem à tua porta**

Se ontem à tua porta

Mais triste o vento passou —

Olha: levava um suspiro...

Bem sabes quem to mandou...

## **Se te queres despedir**

Se te queres despedir  
Não te despidas de mim,  
Que eu não posso consentir  
Que tu me trates assim.

## **Se vais de vestido novo**

Se vais de vestido novo  
O teu próprio andar o diz,  
E ao passar por entre o povo  
Até teu corpo é feliz.

## **Só com um jeito do corpo**

Só com um jeito do corpo  
Feito sem dares por isso  
Fazes mais mal que o demónio  
Em dias de grande enguiço.

## **Tem a filha da caseira**

Tem a filha da caseira

Rosas na caixa que tem.

Toda ela é uma rosa inteira

Mas não a cheira ninguém.



**Tem um decote pequeno,**

Tem um decote pequeno,  
Um ar modesto e tranquilo;  
Mas vá-se lá descobrir  
Coisa pior do que aquilo!

## **Tenho ainda na lembrança**

Tenho ainda na lembrança  
Como uma coisa que vejo,  
O quando inda eras criança.  
Nunca mais me dás um beijo!

**Tenho um desejo comigo/Que hoje te venho dizer:**

Tenho um desejo comigo

Que hoje te venho dizer:

Queria ser teu amigo

Com amizade a valer.

**Tenho um desejo comigo/Que me traz longe de mim.**

Tenho um desejo comigo  
Que me traz longe de mim.  
É saber se isto é contigo  
Quando isto não é assim.

## **Tenho um lenço que esqueceu**

Tenho um lenço que esqueceu

A que se esquece de mim.

Não é dela, não é meu,

Não é princípio nem fim.

## **Tenho um livrinho onde escrevo**

Tenho um livrinho onde escrevo

Quando me esqueço de ti.

É um livro de capa negra

Onde inda nada escrevi.

## **Tenho um relógio parado**

Tenho um relógio parado  
Por onde sempre me guio.  
O relógio é emprestado  
E tem as horas a fio.

## **Tenho um segredo a dizer-te**

Tenho um segredo a dizer-te

Que não te posso dizer.

E com isto já to disse

Estavas farta de o saber...



## **Tenho um segredo comigo**

Tenho um segredo comigo  
Que me faz sempre cismar.  
É se quero estar contigo  
Ou quero contigo estar.

## **Tenho uma ideia comigo**

Tenho uma ideia comigo

De que não quero falar.

Se a ideia fosse um postigo,

Era p'ra te ver passar.

## **Tenho uma pena que escreve**

Tenho uma pena que escreve

Aquilo que eu sempre sinto.

Se é mentira, escreve leve.

Se é verdade, não tem tinta.

## **Tenho vontade de ver-te**

Tenho vontade de ver-te  
Mas não sei como acertar.  
Passeias onde não ando,  
Andas sem eu te encontrar.

## **Tens o leque desdobrado**

Tens o leque desdobrado

Sem que estejas a abanar.

Amor que pensa e que pensa

Começa ou vai acabar.

## **Tens olhos de quem não quer**

Tens olhos de quem não quer

Procurar quem eu não sei.

Se um dia o amor vier

Olharás como eu olhei.

## **Tens um anel imitado**

Tens um anel imitado  
Mas vais contente de o ter.  
Que importa o falsificado  
Se é verdadeiro o prazer.

**Tens um livro que não lês,**

Tens um livro que não lês,

Tens uma flor que desfolhas;

Tens um coração aos pés

E para ele não olhas.



**Tens uma rosa na mão.**

Tens uma rosa na mão.

Não sei se é para me dar.

As rosas que tens na cara,

Essas sabes tu guardar.

## **Tens uma salva de prata**

Tens uma salva de prata

Onde pões os alfinetes...

Mas não tem salva nem prata

Aquilo que tu prometes.

## **Tens uns brincos sem valia**

Tens uns brincos sem valia  
E um lenço que não é nada,  
Mas quem dera ter o dia  
De quem és a madrugada.

## **Tens vontade de comprar**

Tens vontade de comprar

O que vês só porque o viste.

Só a tenho de chorar

Porque só compro o ser triste.

**Teu carinho, que fingido,**

Teu carinho, que fingido,

Dá-me o prazer de saber

Que inda não tens esquecido

O que o fingir tem de ser.

## **Teu olhar não tem remorsos**

Teu olhar não tem remorsos  
Não é por não ter que os ter.  
É porque hoje não é ontem  
E viver é só esquecer.

**Teu vestido, porque é teu,**

Teu vestido, porque é teu,

Não é de cetim nem chita.

É de sermos tu e eu

E de tu seres bonita.

## **Teu xaile de seda escura**

Teu xaile de seda escura  
É posto de tal feição  
Que alegre se dependura  
Dentro do meu coração.



## **Teus brincos dançam se voltas**

Teus brincos dançam se voltas

A cabeça a perguntar.

São como andorinhas soltas

Que inda não sabem voar.

## **Teus olhos de quem não fita**

Teus olhos de quem não fita  
Vagueiam, estão na distância.  
Se fosses menos bonita,  
Isso não tinha importância.

## **Teus olhos poisam no chão**

Teus olhos poisam no chão  
Para não me olhar de frente.  
Tens vontade de sorrir  
Ou de rir? É tão diferente!

## **Teus olhos querem dizer**

Teus olhos querem dizer

Aquilo que se não diz...

Tenho muito que fazer...

Que sejas muito feliz!

**Teus olhos tristes, parados,**

Teus olhos tristes, parados,

Coisa nenhuma a fitar...

Ah meu amor, meu amor,

Se eu fora nenhum lugar!

## **Tinhas um pente espanhol**

Tinhas um pente espanhol  
No cabelo português,  
Mas quando te olhava o sol,  
Eras só quem Deus te fez.

## **Tinhas um vestido preto**

Tinhas um vestido preto

Nesse dia de alegria...

Que certo! Pode pôr luto

Aquele que em ti confia.

**Tiraste o linho da arca,**

Tiraste o linho da arca,

Da arca tiraste o linho.

Meu coração tem a marca

Que lhe puseste mansinho.



## **Tive uma flor para dar**

Tive uma flor para dar  
A quem não ousei dizer  
Que lhe queria falar,  
E a flor teve que morrer.

## **Tocam sinos a rebate**

Tocam sinos a rebate  
E levantaste-te logo.  
Teu coração só não bate  
Por a quem puseste fogo.

## **Toda a noite ouvi no tanque**

Toda a noite ouvi no tanque

A pouca água a pingar.

Toda a noite ouvi na alma

Que não me podes amar.

## **Toda a noite ouvi os cães**

Toda a noite ouvi os cães

P'ra manhã ouvi os galos.

Tristeza — vem ter connosco.

Prazeres — é ir achá-los.

**Toda a noite, toda a noite,**

Toda a noite, toda a noite,

Toda a noite sem pensar...

Toda a noite sem dormir

E sem tudo isso acabar.

## **Todas as coisas que dizes**

Todas as coisas que dizes

Afinal não são verdade.

Mas, se nos fazem felizes,

Isso é a felicidade.

## **Todos lá vão para a festa**

Todos lá vão para a festa  
Com um grande azul de céu.  
Nada resta, nada resta...  
Resta sim, que resta eu.

## **Todos os dias eu penso**

Todos os dias eu penso  
Naquele gesto engraçado  
Com que pegaste no lenço  
Que estava esquecido ao lado.



## **Todos os dias que passam**

Todos os dias que passam  
Sem passares por aqui  
São dias que me desgraçam  
Por me privarem de ti.

**Todos te dizem que és linda.**

Todos te dizem que és linda.

Todos te dizem a sério.

Como o não sabes ainda

Agradecer é mistério.

**Tome lá, minha menina,**

Tome lá, minha menina,

O ramalhete que fiz.

Cada flor é pequenina,

Mas tudo junto é feliz.

## **Traz-me um copo com água**

Traze-me um copo com água  
E a maneira de o trazer.  
Quero ter a minha mágoa  
Sem mostrar que a estou a ter.

## **Trazes a bilha à cabeça**

Trazes a bilha à cabeça

Como se ela não houvesse.

Andas sem pressa depressa

Como se eu lá não estivesse.

## **Trazes a rosa na mão**

Trazes a rosa na mão  
E colheste-a distraída...  
E que é do meu coração  
Que colheste mais sabida?

## **Trazes já aquele cinto**

Trazes já aquele cinto  
Que compraste no outro dia.  
Eu trago o que sempre sinto  
E que é contigo, Maria.

## **Trazes o vestido novo**

Trazes o vestido novo

Como quem sabe o que faz.

Como és bonita entre o povo,

Mesmo ficando para trás!



**Trazes os brincos compridos,**

Trazes os brincos compridos,  
Aqueles brincos que são  
Como as saudades que temos  
A pender do coração.

## **Trazes os sapatos pretos**

Trazes os sapatos pretos  
Cinzentos de tanto pó.  
Feliz é quem tiver netos  
De quem tu sejas avó!

## **Trazes um lenço apertado**

Trazes um lenço apertado  
Na cabeça, e um nó atrás.  
Mas o que me traz cansado  
É o nó que nunca se faz.

## **Trazes um lenço novinho**

Trazes um lenço novinho  
Na cabeça e a descair,  
Se eu te beijar no cantinho  
Só saberá quem nos vir.

## **Trazes um manto comprido**

Trazes um manto comprido

Que não é xaile a valer.

Eu trago em ti o sentido

E não sei que hei-de dizer.

**Trazes uma cruz no peito.**

Trazes uma cruz no peito.

Não sei se é por devoção.

Antes tivesse o jeito

De ter lá um coração.

**Trincaste, para o partir,**

Trincaste, para o partir,  
O retrós de costurar.  
Quem não soubesse diria  
Que o estavas a beijar.

**Tu és Maria da Graça,**

Tu és Maria da Graça,  
Mas a que graça é que vem  
Ser essa graça a desgraça  
De quem a graça não tem?



**Tu és Maria das Dores,**

Tu és Maria das Dores,

Tratam-te só por Maria.

Está bem, porque deste as dores

A quem quer que em ti se fia.

**Tu, ao canto da janela,**

Tu, ao canto da janela,

Sorrias a alguém da rua.

Porquê ao canto, se aquela

Posição não é a tua?

**Tua boca me diz sim,**

Tua boca me diz sim,  
Teus olhos me dizem não.  
Ai, se gostasses de mim  
E sem saber a razão.

## **Uma boneca de trapos**

Uma boneca de trapos

Não se parte se cair.

Fizeste-me a alma em farrapos...

Bem: não se pode partir.

**Vai alta a nuvem que passa.**

Vai alta a nuvem que passa.

Vai alto o meu pensamento

Que é escravo da tua graça

Como a nuvem o é do vento

## **Vai alta sobre a montanha**

Vai alta sobre a montanha

Uma nuvem sem razão.

Meu coração acompanha

O não teres coração.

**Vai longe, na serra alta,**

Vai longe, na serra alta,

A nuvem que nela toca...

Dá-me aquilo que me falta —

Os beijos da tua boca.

## **Vale a pena ser discreto?**

Vale a pena ser discreto?

Não sei bem se vale a pena.

O melhor é estar quieto

E ter a cara serena.



## **Vejo lágrimas luzir**

Vejo lágrimas luzir

Nos teus olhos de fingida.

É como quando à janela

Chegas, um pouco escondida.

## **Velha cadeira deixada**

Velha cadeira deixada  
No canto da casa antiga  
Quem dera ver lá sentada  
Qualquer alma minha amiga.

**Vem cá dizer-me que sim.**

Vem cá dizer-me que sim.

Ou vem dizer-me que não.

Porque sempre vens assim

P'ra ao pé do meu coração.

## **Vem de lá do monte verde**

Vem de lá do monte verde  
A trova que não entendo.  
É um som bom que se perde  
Enquanto se vai vivendo.

## **Vi-te a dizer um adeus**

Vi-te a dizer um adeus  
A alguém que se despedia,  
E quase implorei dos céus  
Que eu partisse qualquer dia.

## **Viraste-me a cara quando**

Viraste-me a cara quando  
Ia a dizer-te, à chegada,  
Que, se voltasses a cara,  
Que eu não me importava nada.

## **Voam débeis e enganadas**

Voam débeis e enganadas  
As folhas que o vento toma.  
Bem sei: deitamos os dados  
Mas Deus é que deita a soma.

**«À tua porta está lama.**

«À tua porta está lama.

Meu amor, quem na faria?»

É assim a velha cantiga

Que como tu principia.



## **«Das flores que há pelo campo**

«Das flores que há pelo campo

O rosmaninho é rei...»

É uma velha cantiga...

Bem sei, meu Deus, bem o sei.

**«Mau, Maria!» — tu disseste**

«Mau, Maria!» — tu disseste

Quando a trança te caía.

Qual «Mau, Maria», Maria!

«Má Maria!» «Má Maria!»

**«Ribeirinho, ribeirinho,/Que vais a correr ao léu**

«Ribeirinho, ribeirinho,  
Que vais a correr ao léu  
Tu vais a correr sozinho,  
Ribeirinho, como eu.»

**«Vesti-me toda de novo**

«Vesti-me toda de novo

E calcei sapato baixo

Para passar entre o povo

E procurar quem não acho.»

## **«Vou trabalhando a peneira**

«Vou trabalhando a peneira  
E pensando assim assim.  
Eu não nasci para freira.  
Gosto que gostem de mim.»

## **POEMAS PARA LILI**

### **Levava eu um jarrinho**

Levava eu um jarrinho  
P'ra ir buscar vinho  
Levava um tostão  
P'ra comprar pão;  
E levava uma fita  
Para ir bonita.

Correu atrás  
De mim um rapaz:  
Foi o jarro p'ra o chão,  
Perdi o tostão,  
Rasgou-se-me a fita...  
Vejam que desdita!

Se eu não levasse um jarrinho,  
Nem fosse buscar vinho,  
Nem trouxesse uma fita  
Para ir bonita,  
Nem corresse atrás  
De mim um rapaz  
Para ver o que eu fazia,  
Nada disto acontecia.

## **No comboio descendente**

No comboio descendente  
Vinha tudo à gargalhada,  
Uns por verem rir os outros  
E os outros sem ser por nada —  
No comboio descendente  
De Queluz à Cruz Quebrada...

No comboio descendente  
Vinhã todos à janela,  
Uns calados para os outros  
E os outros a dar-lhes trela —  
No comboio descendente  
Da Cruz Quebrada a Palmela...

No comboio descendente  
Mas que grande reinação!  
Uns dormindo, outros com sono,  
E os outros nem sim nem não —  
No comboio descendente  
De Palmela a Portimão...

## **Pia, pia, pia**

Pia, pia, pia

O mocho,

Que pertencia

A um coxo.

Zangou-se o coxo

Um dia,

E meteu o mocho

Na pia, pia, pia...



# **POESIA SATÍRICA**

## **AFONSO COSTA**

O Afonso é miguelista,  
Meu amigo integralista...  
Não arrepanhe os cabelos!...  
Miguelista, porque é ele  
Partidário do Miguel —  
Do Miguel de Vasconcellos.

Em francos estrangeiros  
Quanto é trinta dinheiros?

Quis a Finança (a Internacional)  
Entregar-lhe o entregar-lhe Portugal.  
Formou em Coimbra a ciência e a maneira.  
Oh, Judas, Coimbra é perto da Figueira!

## **ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR**

António de Oliveira Salazar.  
Três nomes em sequência regular...  
António é António.  
Oliveira é uma árvore.  
Salazar é só apelido.  
Até aí está bem.  
O que não faz sentido  
É o sentido que tudo isto tem.

.....

Este senhor Salazar  
É feito de sal e azar.  
Se um dia chove,  
A água dissolve  
O sal,  
E sob o céu  
Pica só azar, é natural.  
Oh, c'os diabos!  
Parece que já choveu...

.....

Coitadinho  
do tiraninho!  
Não bebe vinho.  
Nem sequer sozinho...

Bebe a verdade  
E a liberdade.  
E com tal agrado  
Que já começam

A escassear no mercado.

Coitadinho

Do tiraninho!

O meu vizinho

Está na Guiné

E o meu padrinho

No Limoeiro

Aqui ao pé.

Mas ninguém sabe porquê.

Mas enfim é

Certo e certo

Que isto consola

E nos dá fé.

Que o coitadinho

Do tiraninho

Não bebe vinho,

Nem até

Café.

## **Clarim! Os mortos!**

Contra Miguel de Vasconcellos  
Republicano!

Eis outra vez o estrangeiro  
Em Portugal!  
Grita, clarim! Ao Conde Andeiro!  
Mas quando a hora do Limoeiro  
E do punhal?

Clarim, contra quem deu à França  
A pátria e a grei,  
Grita com fogo de esperança,  
Vozes que chamem  
O Rei!

E ao abismo do futuro clama  
Por quem enfim  
Vier, régia lusitana chama!  
Pelo Rei que a Esperança chama,  
Grita, clarim!

O Rei, a Lei, dias melhores ...  
Não sejam mais, nem já mais vezes  
Os marinheiros portugueses  
Guarda Vermelha dos Traidores!

Hoje em que nada é português  
Salvo a desgraça,

E em que um sopro maligno e soez  
Por sobre as nossas almas passa;

Hoje em que manda quem serviu  
Por condição,  
E o próprio amor à Pátria é frio  
Por Pátria ser um nome vão;

Hoje que, ruído o trono e a glória,  
Só o Traidor  
O louro e o ouro da vitória  
Goza, vil como um vil actor;

Hoje uma voz que se levante  
E diga, embora  
Chore de ver, chorando cante,  
Que vem nascendo além a Aurora,

Diga em palavras já tocadas  
De outra Visão,  
O Rei, e a Vinda das Espadas,  
E o fim da Horda e da Traição.

## **D. PEDRO V**

Quando Deus viu que o rei D. Pedro Quinto  
Longe de má pessoa, com acinto  
Ao bem e à verdade se cingia  
Assobiou e resmungou «errei  
Lá vai este destoar, por ser bom rei,  
D'aquela estuporada dinastia  
Que eu destinara a exempli[fi]car  
Perante o mundo o mal da monarquia  
Nada, volva a infâmia ao seu lugar  
Se não com este era a obra desfeita  
Da infâmia completa de governar  
Que nos Bragança ia tão perfeita.»  
Matou-o novo pois para não destoar.

## **EPITÁFIO A JOÃO FRANCO**

(...)na tua campa  
O epitáfio solene que mereces

«Foi melhorando, desde a vida à morte.  
Pois será pó, é podridão, foi trampa.[»]



## MARCHA FÚNEBRE

Com lixo, dinheiro dos outros, e sangue inocente,  
Cercada por assassinos, traidores, ladrões (a salvo)  
No seu caixão francês, liberalissimamente,  
Em carro puxado por uma burra (a do estado) seu alvo,  
(...)

Passa para além do mundo, em uma visão desconforme,  
A República Democrática Portuguesa.

O Lenine de capote e lenço,  
Afonso anti-Henriques Costa.  
Mas o Diabo espantou-se: aqui entram bandidos  
Até certo ponto e dentro de certo limite.

Assassinos, sim, mas com uma certa inteligência.  
Ladrões, sim, mas capazes de uma certa bondade.  
Agora vocês não trazem quem tivesse tido a decência  
De ao menos ter uma vez dito a razão ou verdade.

## **Meu pobre Portugal,**

Meu pobre Portugal,  
Dóis-me no coração.  
Teu mal é o meu mal  
Por imaginação.

Tão fraco, tão doente,  
E com a boa cor  
Que a tísica põe quente  
Na cara, o exterior.

Meu pobre e magro povo  
A quem deram, às peças,  
Um fato em estado novo  
Para que o não pareças!

Tens a cara lavada,  
Um fato de se ver  
Mas não te deram nada,  
Coitado, que comer.

E aí, nessa cadeira,  
Jazes, apresentável.  
(...)  
O transeunte amável.

## **O fado cantado à guitarra**

O fado cantado à guitarra  
Tem um som de desejar.  
Vejo o que via o Bandarra,  
Não sei se na terra ou no ar.

Sou cego mas vejo bem  
No tempo em vez de no ar.  
Goze quem goza o que tem.  
A nau se há-de virar.

Canto às vezes sem dar voz  
Como penso sem falar.  
A cegueira que Deus me pôs  
E um modo de luz me dar.

Vejo claro quanto mais deixo  
O corpo cego às escuras.  
Rogo pragas, mas não me queixo.  
As pedras são todas duras.

Vejo um grande movimento  
Em roda de uma árvore alta.  
Das estrelas no firmamento  
Há a mais nova que falta.

A preguiça (?) anda de rastos,  
Os mortos gemem na cova.  
Os gados voltam aos pastos

Quando desce a estrela nova.

Lei[o] no escuro os sinais  
Do Quinto Império a chegar.  
O Bandarra via mais,  
Mas Deus é que há-de dar

Sinto perto o que está longe,  
Quando penso julgo que fito,  
Meu corpo está sentado em hoje  
Minh'alma anda no Infinito.

Ando pelo fundo do mar,  
Pelas ilhas do avesso,  
E uma coisa que há-de chegar  
Tem ali o seu começo.

Há no fundo d'um poço em mim  
Um buraco de luz para Deus.  
Lá muito no fundo do fim  
Um olho feito nos céus.

E pelas paredes do poço  
Anda uma coisa a mexer.  
Rei moço, lindo rei moço,  
Só ali te posso ver!

Meu coração está a estalar,  
Minha alma diz-lhe não.  
Vejo o Encoberto chegar

No meio da cerração.

Vendidos à Inglaterra,  
Caixeiros da França vil,  
Meteram a gente na guerra  
Como num cesto aos mil.

Este vem trôpego e cego  
Lá das Flandres e das Franças,  
Só para o Leotte do Rego  
Endireitar as finanças.

Este, que aos muros se encosta,  
Veio doido lá da tropa,  
Só porque o Afonso Costa  
Queria ser gente na Europa.

Anda o povo a passar fome  
E quem o mandou para a França  
Não tem barriga para o que come  
Nem mãos para o que alcança.

Metade foi para a guerra,  
Metade morreu de fome.  
Quem morre, cobre-o a terra.  
Quem se afoga, o mar o some.

Ninguém odiava o alemão.  
Mais se odiava o francês.  
Deram-nos uma espada para a mão

E uma grilheta para os pés.

É inglesa a constituição,  
E a república é francesa.  
É d'estrangeiros a nação,  
Só a desgraça é portuguesa.

E a raça que descobriu  
O oriente e o ocidente  
Foi morrer de balas e frio  
Para a cama dos Costas ser quente.

Mas a verdade há-de vir,  
O mal há-de ser descoberto  
E Portugal há-de subir  
Com a vinda do Encoberto.

Hão-de rir dos versos do cego;  
Hão-de rir mas hão-de chorar,  
Quem não for o Leotte do Rego  
E tiver Pátria a que amar.

M[ija]ram na pia da Igreja,  
Escreveram na porta do Paço  
É em linha recta de Beja  
Que está quem traz o baraço.

Era dez réis por cada homem  
Para o Chagas ter fato novo.  
Cada prato que eles comem

É tirado da boca do povo.

Quem é bom nunca é feliz,  
Quem é mau é que tem razão;  
O Afonso vive em Paris  
E o Sidónio está num caixão.

Pobre era Jesus Cristo  
E ainda o puseram na cruz.  
De dentro de mim avisto  
O Princípio de uma luz.

Um dia o Sidónio torna.  
Estar morto é estar a fingir.  
Quem é bom pode perder a forma  
Mas não perder o existir.

Depois de quarenta e oito  
Quando o sol estiver no Leão,  
Há-de vir quem traga o açoite,  
Até os mortos se erguerão.

Não riam da minha praga,  
Os que viverem verão  
Porque toda a Bíblia acaba  
Na visão de S. João.

Sou cego mas tenho vista  
Com os olhos de ver no escuro.  
Falta o melhor da conquista

Que é ver para lá do muro.

Falo na minha guitarra  
Só com o meu coração,  
Vejo o que via o Bandarra  
E no fim há um clarão.

Vejo o Encoberto voltar,  
Vejo Portugal subir,  
Há uma claridade no ar  
E um sol no meu sentir.

Por que mesmo quem não acredita  
É preciso acreditar;  
Quando a gente endoidece de aflita,  
Até se abraça ao ar.

Até que para o lado da barra  
Há-de vir um grande clarão,  
E voltar, como diz o Bandarra,  
El-Rei Dom Sebastião.

No seu dia veio o segundo,  
No outro será o terceiro,  
Se o segundo foi para o fundo,  
O terceiro será o primeiro.

Eu não quero nenhum estrangeiro,  
Francês e inglês é o demónio,  
Cuidado com o Terceiro



Que não é o Pimenta ou o Sidónio.

Logo que a Lua mudar  
De onde não mostra valia,  
No meio do meio do ar  
Há-de aparecer o dia.

Na sua ilha desconhecida  
O Encoberto já vai acordar.  
Inda tem a viseira subida  
E o ar de dormir a pensar.

Seu olhar é de rei e chama  
Pela alma como uma mão.  
Não é português quem não o ama.  
Viva D. Sebastião!

Minha esquerda é a direita  
De quem corre para mim.  
Do futuro alguém me espreita,  
Portugal não terá fim.

## **POEMA DE AMOR EM ESTADO NOVO**

Tens o olhar misterioso  
Com um jeito nevoento,  
Indeciso, duvidoso,  
Minha Marta Francisca,  
Meu amor, meu orçamento!

A tua face de rosa  
Tem o colorido esquivo  
De uma nota oficiosa.  
Quem dera ter-te em meus braços,  
Ó meu saldo positivo!

E o teu cabelo — não choro  
Seu regresso ao natural — Abandona o padrão-ouro  
Amor, pomba, estrada, porta,  
Sindicato nacional!

Não sei por que me desprezas.  
Fita-me mais um instante,  
Lindo corte nas despesas,  
Adorada abolição  
Da dívida flutuante!

Com que madrigais mostrar-te  
Este amor que é chama viva?  
Ouve, escuta: vou chamar-te  
Assembleia Nacional  
Câmara Corporativa.

Como te amo, como, como,  
Meu Acto Colonial!  
De amor já quase não como,  
Meu Estatuto de Trabalho,  
Meu Banco de Portugal!

Meu crédito no estrangeiro!  
Meu encaixe — ouro adorado!  
Serei sempre o teu romeiro...  
Pousa a cabeça em meu ombro,  
Ó meu Conselho de Estado!

Ó minha corporativa,  
Minha lei de Estado Novo,  
Não me sejas mais esquiva!  
Meu coração quer guarida  
Ó linda Casa do Povo!

União Nacional querida,  
Teus olhos enchem de mágoa  
A sombra da minha vida  
Que passa como uma esquadra  
Sobre a energia da água.

Que aristocrático ri,  
O teu cabelo em cifrões — Finanças em mise-en-plis! —  
Meu activo plebiscito,  
Nunca desceste a eleições!

Por isso nunca me escolhes  
E a minha esperança é vã.  
Nem sequer por dó me acolhes,  
Minha imprevidente linda  
Civilização cristã!

Bem sei: por estes meus modos  
Nunca me podes amar.  
Olha, desculpa-mas todas.  
Estou seguindo as directrizes  
Do professor Salazar.

## **SIM, É O ESTADO NOVO**

Sim, é o Estado Novo, e o povo  
OuvIU, leu e assentiu.  
Sim, isto é um Estado Novo  
Pois é um estado de coisas  
Que nunca antes se viu.

Em tudo paira a alegria  
E, de tão íntima que é,  
Como Deus na Teologia  
Ela existe em toda a parte  
E em parte alguma se vê.

Há estradas, e a grande Estrada  
Que a tradição ao porvir  
Liga, branca e orçamentada,  
E vai de onde ninguém parte  
Para onde ninguém quer ir.

Há portos, e o porto-maca  
Onde vem doente o cais.  
Sim, mas nunca ali atraca  
O Pacote "Portugal"  
Pois tem calado de mais.

Há esquadra... Só um tolo o cala,  
Que a inteligência, propícia  
A achar, sabe que, se fala,  
Desde logo encontra a esquadra:

É uma esquadra de polícia.

Visão grande! Ódio à minúscula!

Nem para prová-la tal

Tem alguém que ficar triste:

União Nacional existe

Mas não união nacional.

E o Império? Vasto caminho

Onde os que o poder despeja

Conduzirão com carinho

A civilização cristã,

Que ninguém sabe o que seja.

Com directrizes à arte

Reata-se a tradição,

E juntam-se Apolo e Marte

No Teatro Nacional

Que é onde era a inquisição.

E a fé dos nossos maiores?

Forma-a impoluta o consórcio

Entre os padres e os doutores.

Casados o Erro e a Fraude

Já não pode haver divórcio.

Que a fé seja sempre viva.

Porque a esperança não é vã!

A fome corporativa

É derrotismo. Alegria!

Hoje o almoço é amanhã.

## **Um Deus cansado [de] ser Deus em vão**

Um Deus cansado [de] ser Deus em vão  
Farto da gente em cuja companhia  
Ia da suja noite ao porco dia,  
Para não ser obscuro — o Deus cristão,  
O Deus do Cristianismo, esse, uma vez  
Quebrando essa apatia em que repousa,  
Ou repousava, (...), fez ...  
Mas fez ele alguma vez alguma coisa?

Para fazer alguma coisa  
E não passar a eternidade em branco  
Fez o João Franco.

Depois, como a paciência não lhe sobra,  
(Que o Cristianismo não o deixa em paz)  
Deu um golpe de vista à sua obra,  
E zangou-se; já tenho água salobra  
Na cabeça: de criar sou afinal capaz.  
O último que criei foi Adão  
Deixei ao tempo o resto e foi mau para mim.  
Em lugar de criar qualquer novo João,  
Lá fui ressuscitar Caim.



# **POEMAS FRANCESES**

## **Je vous ai trouvé,**

Je vous ai trouvée,  
Je vous ai retrouvée  
Car je vous avais rêvée  
Depuis tant de jours,  
Et je vous ai aimée,  
Oh, je vous ai aimée,  
Et je vous aimerai toujours.

Non, je ne sais pas  
Si vous existez même,  
Ni ci se coeur las  
Peut vous trouver quand il vous aime.  
Car l'amour  
Parle toujours bas,  
Il a peur du prix [?] et des jours  
Mais, je vous aime,  
Oh, je vous aime,  
Et je vous aimerai toujours.

Êtes-vous reine,  
Êtes-vous sirène ?  
Qu'importe à cet amour  
Qui vous en fait souveraine?  
Qu'importe même  
L'amour à l'amour  
Quand on aime,  
Et je vous aime,  
Oh, je vous aime,

Et vous aimerai toujours.

toujours

toujours.

**Maman, maman.**

Maman, maman.  
Ton petit enfant  
Devenu grand  
N'en est que plus triste.

Maman, maman,  
Tu me manques tant  
Pourquoi t'ai je perdue?  
Mon coeur d'enfant  
Tont petit enfant  
De toujours,  
N'est-il devenu d'un grand  
Que pour te perdre de vue  
Et ne plus avoir ton amour?

Maman, maman,  
Morte tu es sans doute  
Quelque part ou tu m'écoutes  
Vois: je suis toujours ton enfant  
Ton petit enfant  
Devenu grand,  
Et plein de larmes et de doutes.  
Et qui n'a a ni plaisir ni route.

Dieu est peut-être bon, maman,  
Et un jour  
Où l'on ne pleurera ci-bas  
Où l'on ne m'y pleurera pas,

Je reviendrai à ton amour  
Un petit enfant  
Pour toujours dans tes bras  
Maman, maman, oh, maman

# **POESIA INGLESA**

## **THE MAD FIDDLER**

### **I - THE MAD FIDDLER**

#### **THE MAD FIDDLER**

Not from the northern road,  
    Not from the southern way,  
First his wild music flowed  
    Into the village that day.

He suddenly was in the lane,  
    The people came out to hear,  
He suddenly went, and in vain  
    Their hopes wished him to appear.

His music strange did fret  
    Each heart to wish 'twas free.  
It was not a melody, yet  
    It was not no melody.

Somewhere far away,  
    Somewhere far outside  
Being forced to live, they  
    Felt this tune replied.

Replied to that longing  
    All have in their breasts,  
To lost sense belonging  
    To forgotten quests.

The happy wife now knew  
    That she had married ill,  
The glad fond lover grew  
    Weary of loving still,

The maid and the boy felt glad  
    That they had dreaming only,  
The lone hearts that were sad  
    Felt somewhere less lonely.

In each soul woke the flower  
    Whose touch leaves earthless dust,  
The soul's husband's first hour,  
    The thing completing us,

The shadow that comes to bless  
    From kissed depths unexpressed,  
The luminous restlessness  
    That is better than rest.

As he came, he went.  
    They felt him but half-be.  
Then he was quietly blent  
    With silence and memory.

Sleep left again their laughter,  
    Their tranced hope ceased to last,  
And but a small time after  
    They knew not he had passed.



Yet when the sorrow of living,  
Because life is not willed,  
Comes back in dreams' hours, giving  
A sense of life being chilled,

Suddenly each remembers -  
It glows like a coming moon  
On where their dream-life embers -  
The mad fiddler's tune.

## THE ISLAND

Weep, violin and viol,  
    Low flute and fine bassoon.  
Lo, an enchanted isle  
    Moon-bound beneath the moon!  
My dream-feet rustle through it  
    Chequered by shade and beam.  
Oh, could my soul but woo it  
    From being but a dream!

Violin, viol and flute.  
    Lo, the isle hangs in air!  
Through it I wander, mute  
    With too much loss of care.  
And the air where't doth float  
    No air's, but light of moon.  
Its paths are known to each note  
    Of viol and bassoon.

Yet is it real, that isle,  
    As our clear islands mortal?  
Do flute, bassoon and viol  
    But ope with sound a portal,  
And show, somehow, somewhere,  
    To what looks out from me  
That pendulous island rare  
    In a moon-woven sea?

Maybe 'tis truer than ours.

How true are these? But lo!  
That isle that knows no hours  
Nor needeth hours to know,  
And that hath truth and root  
Somewhere known of the moon,  
Fades in the fading of flute,  
Violin and bassoon.

## LYCANTHROPY

Somewhere dreams will be true.

    There is a lonely lake  
Moonlit for me and you  
    And like none for our sake.

There the dark white sail spread  
    To a vague wind unfelt  
Shall make our sleep-life led  
    Towards where the waters melt

Into the black-tree'd shore,  
    Where the unknown woods meet  
The lake's wish to be more,  
    And make the dream complete.

There we will hide and fade,  
    Empty moon-bound all,  
Feeling that what we are made  
    Was something musical.

## **SPELL**

From the moonlit brink of dreams

I stretch foiled hands to thee,

O borne down other streams

Than eye can think to see!

O crowned with spirit beams!

O veiled spirituality!

My dreams and thoughts abate

Their pennons at thy feet.

O angel born too late

For fallen man to meet!

In what new sensual state

Could our twined lives fell sweet?

What new emotion must

I dream to think thee mine?

What purity of lust?

O tendrilled as a vine

Around my caressed trust!

O dream-pressed spirit-wine!

## GOBLIN DANCE

First there was but the moon  
And the black-travelled trees  
In the lunar lagoon  
Of the forgotten breeze.

Then some unseen thing stirred  
Where the moon-silence snowed  
And a vague whirl unheard  
Vacantly tip-toed.

Slowly, idly, alone,  
Beyond the eyes of sight,  
Somewhere invisibly shown,  
They danced their delight.

Their far vagueness wound  
Round the heart a pain,  
A phantom fear found  
Voluble and vain.

The heart remembered lives  
Before loves and homes,  
Whose rare memory revives  
Only when this dance comes.

A wish for a vague thing soon,  
A loosened sense of selves,  
A thing in the soul like moon,

Aught in the hopes like elves -

Tip-toe aerial gliding  
Shadow-lunar blent,  
Bending, mingling, hiding,  
To and fro they went.

Left and right, belonging  
To no place, they swayed.  
A low pipe, like longing,  
To their dancing played.

There, in the silence dropped  
Like a thing on the ground,  
Whirled they awhile, then stopped,  
Then renewed their round,

Till with their slowing turns  
The cold air grows more bare.  
Then the mere moonlight returns  
And there had been nothing there.

## DREAM

It was somewhere secluded  
    In silence and moon.  
    All like a lagoon.  
No cares there intruded  
    Save the vague wind's swoon.

Landscape intermediate  
    Between dreams and land.  
    The wind slept, calm-fanned.  
The waters were weedy at  
    Where we plunged our hand.

We let the hand wander  
    In the water unseen.  
    Our eyes were with th' sheen  
Of the moonlit meander  
    Of the forest scene.

There we lost the spirit  
    Of our still being we.  
    We were fairy-free,  
Having to inherit  
    Nothing from to be.

The fairies there and the elves  
    Damasked their moonlit train.  
    There we shall awhile gain  
All the elusive selves



We never can obtain.

## **I feel pale and I shiver**

I feel pale and I shiver.

What power of the moonlight  
Tremulous under the river  
Thus pains me with delight?

What spell told by the moon  
Unlooses all my soul?  
O speak to me! I swoon!  
I fade from life's control!

I am a far spirit, e'en  
In the felt place of me.  
O river too serene  
For my tranquillity!

O ache somehow of living!  
O sorrow for something!  
O moon-pain the sense-giving  
That I am vainly king

In some spell-bound realm mute,  
In a lunar land lone!  
O ache as of a dying flute  
When we would have't play on!

## II. THE SHINNING POOL

### ELSEWHERE

Let us away, my child,  
    Away to Elsewhere.  
There days are ever mild  
    And fields are ever fair.

The moon that shines on whom  
    There wanders happy and free  
Hath woven its light and gloom  
    Of immortality.

Seeing things there is young,  
    Told tales sweet as untold,  
There real dream-songs are sung  
    By lips we may behold.

Time there's a moment's bliss,  
    Life a being-slaked thirst,  
Love like that in a kiss  
    When that kiss is the first.

We need no boat, my child,  
    But our hopes while still  
No rowers but fancies wild.  
    O let us seek Elsewhere!

## **Go: thou hast nothing to forgive**

Go: thou hast nothing to forgive.  
To dream is better than to live.

But he shall see the rising sun  
Who leaveth everything undone;  
Whose mind from his attention's task  
Strays like the shifting of a mask.

He only shall through greener vales  
Than even those that shine right through  
The window-panes of children's tales  
Wander, who thinks the world anew.

Only for him who sits and sings  
On the stiles and forgets his road  
Does the fairies' bird spread her wings  
And the fairies' flowers grow more broad.

He shall not find a hand to feed  
The silent sources of his need.  
No one shall point the rill where he  
May slake the thirst of infancy.

But greener valleys than To-Day  
And dearer thoughts than Far Away  
Shall tap at his window and wake  
His freshness other thirsts to slake.

So, like a seamstress sitting still  
At a window in the sunset  
Of a village no steps have met,  
He shall belong to nothing ill.

But incorporeal, like a wish,  
His soul shall like a rainbow cross  
The rain-green pastures of his loss  
And earth shall blossom into speech.

## THE POEM

There sleeps a poem in my mind  
That shall my entire soul express.  
I feel it vague as sound and wind  
Yet sculptured in full definiteness.

It has no stanza, verse or word.  
Ev'n as I dream it, it is not.  
'Tis a mere feeling of it, blurred,  
And but a happy mist round thought.

Day and night in my mystery  
I dream and read and spell it over,  
And ever round words' brink in me  
Its vague completeness seems to hover.

I know it never shall be writ.  
I know I know not what it is.  
But I am happy dreaming it,  
And false bliss, although false, is bliss.

## **LOOKING AT THE TAGUS**

She led her flocks beyond the hills,  
Her voice backs to me in the wind,  
And a thirst for her sorrow fills  
All that in me is undefined.

Spiritual lakes walled round with crags  
Sleep in the hollows of her song.  
There her unbathing nudeness lags  
And looks on its pooled shadow long.

But what is real in all this is  
Only my soul, the eve, the quay  
And, shadow of my dream of this,  
An ache for a new ache in me.

## **If I could carve my poems in wood**

If I could carve my poems in wood,  
By children they would be understood,

So near to the sense things have in God  
Are both my poems and children's thought.

For a child knows that logic and meaning  
Are only nothing nothing screening,

And a child is one divinely aware  
That all things are toys and all things are fair,

That a thimble, a stone and a cotton-reel  
Are things we can quite divinely feel,

And that, if we make men out of those things,  
They are really men, not imaginings.

I would therefore I could take my verse  
Out of mere ideas and better it worse

To visible carving or drawing or what  
My verses could be resembling that.

Then would I be the children's poet,  
And, though perhaps I might never know it

With the outer sense that makes life sadder,



In every innocent face made gladder

God would be giving my soul the sense,  
Lost back of knowledge, of recompense -

The sense of children more children still  
When, acting my poems at their glad will,

They, playing with toys, with legs incurled,  
Lightly err the visible world.

## **SUSPENSE**

I dream, and strange dim powers  
    My shining sleep assist;  
A sound as of coming showers  
    Creeps towards me, loudly hist;  
And lo! all my forgotten hours  
    Lie round me like a mist.

The ghosts of my dead selves  
    Weave round me a false mesh;  
My undreamed dreams, pale elves,  
    Are now part of my flesh;  
And all I am my unselfing shelves  
    On dreams, out of my reach.

I touch impalpable things;  
    I am sunny with past days;  
Remote sounds, like near wings,  
    Flank my blind spirit's ways;  
And from the other side of the big hill rings  
    A bell that summons to praise.

But I am sick of dreaming,  
    Weary of being the same  
Over desert spaces of seeming,  
    Unwilling player of a game  
With life, far star but gleaming  
    On dead earths without name.

## **Fierce dreams of something else!**

Fierce dreams of something else!

Frenzy to go away

(O wave in me that swells!)

From life, where life must stay -

Life ever at to-day!

Some other place and thing!

Not a life! not mine so!

O to be a wind, a wing.

A bark me there to bring!

Whither? If I could know,

I would not wish to go.

### III. THE WRONG CHOICE

#### THE NIGHT-LIGHT

Nurse, I known now  
    That love is vain.  
        When I was small  
            You used to sing  
And soothe my brow  
    Till calm lost pain.  
        That song recall  
            And to me bring.

I wish to feel  
    Again that child  
        That you made sleep  
            Singing so low,  
So low that real  
    Things were beguiled  
        To make me weep  
            At seeing them go.

Nurse, by my bed  
    Sing me again  
        That song. I love  
            Hoping for't now.  
My heart has bled  
    Till joy seems pain.  
        Sing softly above  
            My caressed brow.

O regions lost  
In dreams and sleep!  
O fairy tales  
You did not tell,  
But that were tossed  
Out of the deep  
Of your song's waves  
And surge and spell!

Sing as if you  
Were listening.  
Sing as if I  
Had no more world  
Than all night through  
Hearing you sing,  
While my breath sly  
On my breast curled.

Why did I live  
Beyond those hours  
When you sung songs  
Perhaps of queens  
My dream believes,  
Perhaps of flowers,  
Whose lost scent throngs  
Through my sense-screens?

Why did I lose  
What I had not

But was your voice,  
My heart and night?  
Why did I choose  
Life, love and thought,  
With a wrong choice  
And a false right?

Lullaby, nurse,  
Again for me.  
Sing 'till I find  
My heart less lone,  
And life, life's hearse,  
Leaving dreams free,  
Shrink undefined  
Into the Unknown.

You are no more  
My nurse that sings,  
My childhood een  
Made me again.  
No: you are the hour  
Of sleep, that brings  
That scene no-scene,  
That pain no-pain;

Hallowed and dim,  
Motherly night,  
Wherein my soul  
Is haunted past  
The hollow rim

Of my delight  
And the low dole  
Of pain and haste;

Merged in the dark,  
Sunk past the bed  
Into a peace  
Of being nought,  
Shadowy bark  
Abandoned,  
Abstract release  
From self and thought.

## LULLABY

My heart is full of lazy pain  
And an old English lullaby  
Comes out of that mist of my brain.

Upon my lap my sovereign sits  
And sucks upon my breast;  
Meantime his love maintains my life  
And gives my sense her rest.  
Sing lullaby, my little boy,  
Sing lullaby, mine only joy!

I would give all my singing trade  
To be the distant English child  
For whom this happy song was made.

When thou hast taken thy repast,  
Repose, my babe, on me;  
So may thy mother and thy nurse  
Thy cradle also be.  
Sing lullaby, my little boy.  
Sing lullaby, mine only joy!

There must have been true happiness  
Near where this song was sung to small  
White hands clutching a mother's dress.

I grieve that duty doth not work  
All that my wishing would,



Because I would not be to thee  
But in the best I should.  
Sing lullaby, my little boy,  
Sing lullaby, mine only joy!

Oh, what a sorrow comes to me  
Knowing the bitterness I have  
While that child had this lullaby!

Yet as I am, and as I may,  
I must and will be thine,  
Though all too little for thy self  
Vouchsafing to be mine,  
Sing lullaby, my little boy  
Sing lullaby, mine only joy!

My heart aches to be able to weep.  
Oh, to think of this song being sung  
And the child smiling in its sleep!

Upon my lap my sovereign sits  
And sucks upon my breast;  
Meantime his love maintains my life  
And gives my sense her rest.  
Sing lullaby, my little boy.  
Sing lullaby, mine only joy!

I was a child too, but would now  
Be the child, and no other, hearing  
This song low-breathed upon its brow.

When thou hast taken thy repast,  
    Repose, my babe, on me;  
So may thy mother and thy nurse  
    Thy cradle also be.  
Sing lullaby, my little boy,  
Sing lullaby, mine only joy!

Oh, that I could return to that  
    Happy time that was never mine  
And which I live but to regret!

I grieve that duty doth not work  
    All that my wishing would,  
Because I would not be to thee  
    But in the best I should.  
Sing lullaby, my little boy,  
Sing lullaby, mine only joy!

Ay, sing on in my soul, old voice,  
    So motherfully laying to sleep  
The babe that quietly doth rejoice.

Yet as I am, and as I may,  
    I must and will be thine,  
Though all too little for thy self  
    Vouchsafing to be mine.  
Sing lullaby, my little boy,  
Sing lullaby, mine only joy!

Sing on and let my heart not weep  
Because sometime a child could have  
This song to lull him into sleep!

Yet as I am, and as I may,  
I must and will be thine,  
Though all too little for thy self  
Vouchsafing to be mine.  
Sing lullaby, my little boy,  
Sing lullaby, mine only joy!

Somehow, somewhere I heard this song,  
I was part of the happiness  
That lived its idle lines along.

Yet as I am, and as I may,  
I must and will be thine,  
Though all too little for thy self  
Vouchsafing to be mine.  
Sing lullaby, my little boy,  
Sing lullaby, mine only joy!

Ay, somehow, somewhere I was that  
Child, and my heart lay happy asleep.  
Now - oh my sad and unknown fate!

## **PRAYER**

Our lady of Useless Tears,  
    Thine is my heart's best shrine.  
I am sick with the gorging years,  
    I am drunk with the bitter wine  
Of having but cares and fears,  
    Of knowing but how to pine.

It is useless to pray to thee,  
    But my heart is full of pain.  
Thy glance would be charity,  
    Even if the look were disdain.  
Give me that I may be  
    A child like thine again.

My sense of me is all tears.  
    I pity my heart too much.  
O a cradle for my fears  
    And the hem of thy garment to clutch!  
O wert thou alive and near us,  
    And thy hand a hand that could touch!

I do not know how to pray.  
    My heart is a torn pall.  
See how my hair grows gray.  
    O teach my lips to call  
On thy name night and day  
    As if that name were all.

My fathers' faith doth rise  
    To my lips this sick hour.  
I pray to thee with mine eyes  
    Rosaries of anguish. O dower  
My soul, with a least sweet lies  
    Of thy suffering son's power!

I have forgotten the taste  
    Of faith, and ache for prayer.  
My heart is a garden laid waste.  
    O thy hand on my hair  
Like a mother's hand let rest  
    And let me die with it there!

## SUMMER MOMENTS

### I

The sky is blue,  
    The glad grass green.  
My sad eyes woo  
    The alien scene.

Oh, could my heart  
    Partake of it  
And feel no smart  
    Feeling life flit!

I have no home,  
    No hours save pain.  
Sweet breezes, come  
    Into my brain!

Great river so  
    Quiet and true,  
Teach me to go  
    Through life like you!

I have no rest.  
    My flowers have faded.  
What was that quest  
    My will evaded?

Even what I wish

I care not for.  
My heart is rich  
And my love poor.

Oh, golden day,  
Come into me  
And my soul ray  
With sunlit glee!

Let me be merely  
A window-pane  
You pass through, clearly  
A warmed no-pain.

I faint and shiver  
Hearing life come.  
O passing river,  
Where is my home?

O happy hours  
That the fields wear,  
Fresh summer showers!  
O my despair!

O glad horizons!  
O happy hills!  
What pain imprisons  
My struggling wills?

What is between

Myself and me?  
What should have been  
Lest this should be?

My life no more  
Ever to be  
Than a lone shore  
Struck by the sea!

What fate, what power  
Of dark despair  
Makes each fair hour  
Taste as not fair?

Oh, for some rest!  
Give me a home,  
A hope, a nest  
Not to stray from!

Somewhere in life  
Sure there must be  
Something not strife  
Waiting for me.

Lead me to it,  
O happy day!  
Make my heart fit  
Thy going away!

Wake me the hopes



At least, though false,  
My spirit gropes  
Round prison-walls.

Low voice of streams,  
Sweet summer's wife -  
Why made I dreams  
My only life?

## II

The sun shines.  
Birds pass.  
The path lines  
The grass.

I go through  
The meads,  
Far from woe  
And deeds.

There is no hope  
Now here,  
Nothing to grope  
For or fear.

Nothing: the sky  
And the green earth;  
A vague wonder why  
There was birth.

This and no more,  
    This and my soul  
And the sky o'er  
    This nothing's all.

I am again  
    The child I was,  
Having no pain  
    More than the grass.

I live a life  
    Freed from the morrow  
And forget strife  
    And sorrow.

What were the shapes  
    Of fear and hope?  
Vines show their grapes  
    Down the hill-slope.

This real hour  
    Shall not survive,  
Yet shall't endure  
    Because I live.

So let the glades  
    And the sky's blue  
In vague soul-shades  
    My heart come through,

Till I become  
    An outward thing,  
Having no home;  
    A breath, a wing,

A portionless  
    Part of the hour,  
Outside the stress  
    Of being more.

Low voices coming  
    Out of the day,  
Chirping and humming  
    Near and away,

Make me a part  
    Of what you are,  
Spill out my heart,  
    Shake it afar!

Let my soul be  
    A dust thrown up  
To the winds' glee,  
    In the sea's cup!

There lost and mixed,  
    There selfless made,  
No longer fixed  
    And casting shade.

This hour must pass  
    Like all I know;  
Yet, while it was,  
    Fresh was my brow,

My eyelids drooped  
    With final ease,  
I was not cooped  
    In thought's disease.

So let me rest  
    This while and deem  
That life the best  
    That's most like dream.

This hot hour is  
    Of that vague size,  
For I see this  
    Through no clear eyes,

But in a dim  
    Abandonment  
Live in the rim  
    Of my thought's bent,

And this thought now's  
    A blade of grass  
That not even knows  
    Hours pass.

### III

A gentle wind hath risen  
    Out of the heated day.  
May my soul be forgiven  
    Its dreams! O let me pray

That this freshening hour  
    May cling to memory  
And have years after power  
    To live again in me!

'Tis very little, I know,  
    But it is happiness,  
And the hours are but few  
    That we can really bless.

They are hours like this, freed  
    From belonging to thought,  
When we have nought to heed  
    Save a breeze that is nought.

Let me therefore breathe in  
    Into my memory  
This hour, and may it begin  
    Again whenever I see

My heart grow heavy and hot,  
    My thoughts grow close and late

O soft breeze, fan my thought!

O calmness, brush my fate!

## EMPTINESS

The day sickens into the lakes  
    The colour that its pallor wears.  
A loss of outline overtakes  
    The landscape, and the horizon bears  
Like a defeated flag the dim  
Purposelessness of its dead rim.

Let my heart forsake everything.  
    I shall be richer by all I.  
Every breath, each passing wing  
    Takes me from myself. The whole sky  
Eats into my self-consciousness  
And detracts from my true distress.

For my true sorrow is not that  
    The day is sad as I am sad,  
But that no moment can abate  
    The pain that I but pain have had  
To take with me and see and feel  
While life goes by like a mere wheel.

No: vaguer things than skies and plains  
    Are dark and lowered o'er in me;  
My sorrows are more empty pains  
    Than of which plains can symbols be;  
And my void weight of life and self  
Resembles nothing but itself.

## MONOTONY

Each hot and shaded ember  
    Includes the outer wet.  
Let us, my life, dismember  
    Our thoughts into regret.

The meaning wind blows colder  
    Upon the wetted pane.  
Our hearts, alas!, feel older  
    In seeking to live again.

The night hurts. Each red ember  
    To hotter redness fret!  
Alas! When I remember  
    I wish I could forget.

What vague and cold gusts enter  
    My soul as by a door!  
My soul is the living centre  
    Of dreams that are no more.

Startle yet more each ember!  
    Make the fire nearer yet!  
How easy it is to remember  
    When memory means regret!

The wetting wind is higher  
    All round my senses lone.  
My eyes leave not the fire,



My lips a vague name moan.

Shift uselessly each ember!

All our soul is regret.

We regret what we remember

And regret what we forget.

Oh, colder and wilder blowing

The wind through the wet gloom!

On the grave of my past is glowing

A red rose in full bloom.

A darkness takes each ember.

I stir them not, yet fret.

Our life is to remember

And our wish to forget.

My mystery comes to touch

My shoulder till I dread.

The red rose is dead. Such

As I was is now dead.

Could I wish to forget, pale ember,

Without pining or regret!

Or could I wish to remember

Without wishing to forget!

## **SISTER CECILY**

Alas for Sister Cecily!  
To whom prayeth she,  
Till feet are numb and pained knees torn  
    And pale lips inward driven,  
Eye-lifting orisons at morn,  
    Low-lidded prayers at even?

She prayeth to Mary, Mother and Queen,  
Who still hath been  
Who keepeth child and maid from harm,  
    Our Lady with eyes of dole,  
With a lily along her conscious arm  
    And a virgin's aureole.

For of the Virgin it is said  
That she hath bled  
At seven pains for her sad son  
    And therefore for us all,  
Whose souls by heavenly hands are spun  
    Out of the same white wool.

So to her prayeth Cecily,  
That all may be  
Washed pure in the perennial fount  
    Where the saints meet,  
And given to reach the Shining Mount  
    Though with torn feet.

And though she know me not, nor pray  
For me, oh! may  
Her prayer for man's woe make me part  
    Of what she says,  
So a vague rest fall on my heart  
    Because she prays.

## **IV. FOUR SORROWS**

### **RIVERS**

Many rivers run

Down to many seas.

All my cares are one:

On what river of these

Could my heart have peace?

Two banks to each river.

None where I may stray

Hearing the rushes shiver

And seeing the river ever

Pass, yet seem to stay.

Maybe there is another

River, but far from Me.

There I may meet the Brother

Of my eternity.

In what God will this be?

## MEANTIME

Far away, far away.

Far away from here...

There's no running after joy

Or away from fear,

Far away from here.

Her lips were not very red

Nor her hair quite gold.

Her hands played with rings.

She did not let me hold.

Her hands playing with gold.

She is somewhere past,

Far away from pain.

Joy can touch her not, nor hope

Enter her domain,

Neither love in vain.

Perhaps at some day beyond

Shadows and light,

She will think of me and make

All me a delight,

Far away from sight.

## EPISODE

No matter what we dream,  
    What we dream is true.  
No matter what doth seem,  
    God doth it view  
And therefore it is  
Real as all this.

No matter what we wish,  
    We have it elsewhere  
Now, e' er now, and rich  
    Are we here of there.  
Inside our felt I  
God we self-descry.

Sometimes I think hope  
    May make this come true,  
But I stop, I grope,  
    And life, fear and woe  
Is all that remains.  
Wherefore then these pains,

This unrest that thrills  
    With a possible joy  
All the pain that fills  
    Our hope till it cloy?  
Wherefore this, wherefore  
If all is unsure?

Oh, give me a breeze

On a meadow land,

And let that breeze please

Nor I understand.

For all anguish is

A vague wish for bliss.

## **NOTHING**

The angels came and sought her.

They found her by my side,

There where her wings had brought her.

The angels took her away.

She had left their home, their God-bright day

And come by me to abide.

She loved me because love

Loves but imperfect things.

The angels came from above

And bore her away from me.

They bore her away for ever

Between their luminous wings.

'Tis true she was their sister

And near to God as they.

But she loved me because

My heart had not a sister.

They have taken her away,

And this is all there was.



## **V. FEVER-GARDEN**

### **FEVER-GARDEN**

#### **I**

Red living flakes of demon snow  
    Poison-relate the sinning air  
To atom-clear red sick flowers who  
    Rootless jut out of Night and There

Relation being itself a clutch  
    Upon the throbbing veins in seeing  
So the surviving over-much  
    Is not contiguous to being

Yet philter-aureole or lay  
    Sung round the rites of altared vice  
The poppies of o'er-memory may  
    Spin cobweb-circles lusting thrice

Around the phallic selfness stood  
    Midway from intellect to sense  
Round whose void a tongued mist thrust-dense  
    To the cut lips gives conscious blood

#### **II**

She the despised communion owes  
    To vice of tainting holy things

And making eucharists of throes  
When lust thickens with pin-soft wings

For her mouth red till purple is black  
Supplies a space in the lost rites  
And intermits our heart-beats' track  
Senseward to demon infinities

Till on the point of the spasm cast  
Like a mantle on consciousness  
The veil is rent in temple waste  
And the tongue-flowers remouth from Space

## THE BROKEN WINDOW

My heart is silent as a look.  
    There is a home beyond the hills.  
My heart is silent as a look.  
    My home is there, beyond the hills.

I bear my heart like an old curse.  
    There is no reason for regret.  
I bear my heart like an old curse.  
    Why should we reason or regret?

My heart dwells in me like a ghost.  
    Beyond the hills my hope lies dead.  
My heart dwells in me like a ghost.  
    Beyond my hope the hills lie dead.

They took away my heart like weeds.  
    It was not true that I should live.  
They took away my heart like weeds.  
    I could not think it true to live.

Now there are great stains in my heart.  
    They are like blood-stains on a floor.  
Now there are great stains in my heart.  
    And my heart lies upon the floor.

The room is closed for ever now.  
    My heart is now buried alive.  
My heart is closed for ever now.

The whole room is buried alive.

## ISIS

In the cool pillared portico  
That gives white entrance to her moods  
Start-lovely stand in a mute row  
The statues of her pulchritudes.

Twelve are they and the mind doth gather  
Their separate seen lives to one sense;  
The thirteenth, which is all together,  
Means her soul and its confluence.

Five statues mean the senses five,  
Seven are her mysteries of Thought  
The thirteenth seems somehow to live  
Beside her life and know it not.

The summer lies outside her shades,  
The breezes creep into her halls,  
And from her windowed loss the glades  
Are something that the soul recalls.

She built her house with heavenly types  
Of building in her inner seeing.  
The Sun makes the long pillars stripes  
On the cold, hard floors of her being.

Yet she is absent and despairing,  
Her statues await her New Hour,  
And from the shadows of her hearing

The whisper of the drones doth flower.

This was not anyhow nor when.

All was as cool as dreams are cool  
When breezes creep up to our pain  
And we are laid beside a pool,

And a far larger pool arises  
In our restored imagining,  
And all our body's sense despises  
Our innate lack of fin and wing.

Still by her portico I stopped.  
The shadows there were clear and fast.  
Slightlys as with a kiss, I hoped,  
And Having, like a swallow, passed.

## ENNUI

Under a low and sullen sky,  
Frowned on by lone winds that moan by  
And palely sick for light from high  
Till the landscape's soul doth sigh forever,  
    Forever sigh,  
A black and calmness-haunted river,  
That doth a town from itself sever,  
Runs with an inner fear and shiver  
Like a dim fate forever nigh,  
    Nigher forever.

Ay, through that landscape lapsed from dream  
Into a horrid truth doth gleam  
That self-absorbed, self-empty stream  
That bears a dream of dreams' emotion  
    To emotion's dream!  
Runs from a land whence is no motion  
Towards a possible far ocean;  
And they, whose eyes anguished sans motion  
Bathe in it, take emotion's dream  
    For dreams' emotion.

## L'INCONNUE

Let thy hand set  
    My hair back. Look  
        Into mine eyes.  
There runs a brook  
    Right through the heat  
        Of my hushed cries.

Let thy hand rest  
    Upon my brow.  
        Let thine eyes smile  
Into the unrest  
    Of mine eyes now  
        Thine for a while.

Ay, forget not  
    To let that touch  
        Be felt by me,  
Light like a thought  
    Of it, and such  
        As hope can be.

Let thy hand sweep  
    Over my hair  
        One little while.  
I seem asleep  
    But cannot bear  
        To feel me smile.



All things have failed.  
All hopes are dead.  
All joys are brief.  
Ay, let thy hand,  
As if it quailed  
From feeling sad,  
Give me relief!  
No matter if  
None understand.

Ay, on my brow  
Let thy hand be.  
What life is now  
Is worth so little  
That pain seems brittle  
And thought a slough.

Put my hair back  
From my brow's pain.  
There runs a track  
Of lightness through  
My heavy brain.

What does this mean?  
These are words set  
To an idle tune.  
What I regret  
Hath never been.  
Lest my rest fret,  
True rest, come soon!

## HORIZON

### I

Unheard-of fathoms in the deep sea,  
In cool caves deep  
(The spoils of battle are not for thee)  
For ever sleep.

No upward vision or shining mount  
Rewards thy pain.  
The secret angel keepeth no count  
Of thy lost gain.

On the sphynx's mouth the tale is dead,  
The path grass grown.  
Our sorrow shall follow where thou hast led,  
Through the Unknown.

Waitest thou hidden, or quiet rest  
What silence forbids?  
Give us at least thy unobtained quest  
And the flowered meads.

### II

Already the sea is a whitening line  
Along my wish,  
And the wind is coming shadowy and fine  
With its eerie reach

To touch my common despair and pain,  
    My wonder and night,  
The subtle sense of the coming rain  
    And my lost delight.

The missing reason for having love  
    Is quiet with these,  
The secret vision, the shining grove  
    And the final trees.

## **HER FINGERS TOYED ABSENTLY WITH HER RINGS**

There are fallen angels in the way you look  
And great bridges over silent streams at your smile.  
Your gestures are a lonely princess dreaming over a book  
At a window over a lake, on some distant isle.

If I were to stretch my hand and touch yours that would be  
Dawn behind the turrets of a city in some East.  
The words hidden in my gesture would be moonlight on the sea  
Of your being something in my soul like gaiety in a feast.

Let your silence tell me of the numberless dreams that are you.  
Let the drooping of your eyelids prolong landscapes far away.  
The jets of water return on the listening of being untrue  
And this is the flower I pluck, with a sound, from what you unsay.

Blossoms, blossoms, blossoms along the road of your going to speak.  
Eighteenth century gardens, so sad in the middle of our drearning  
them now,  
Are the way you are conscious of yourself on your eyelids, by your lips,  
through your cheek.  
A sick child sees the rain blur through the window of what you allow.

Do not footfall the silence that is the palace where our consciousness  
Is living at seeing gardens our duplicate lives of one soul.  
What are we, in our dream of each other, but a picture which is  
The masterpiece of a painter that never painted at all?

## VI. SONGS AFTER SLUMBER

### THE LOST KEY

Set out from sight of shore!  
Grow tired of every sea!  
All things are ever more  
Than most they seem to be.  
What steps are those that pass outside my door?

Fail out from shape and thought!  
Let sense and feeling fade!  
O sadness overwrought  
With joy till bliss is strayed!  
What birds are those that my swift window shade?

But be those steps no steps,  
And be those birds dreamed wings,  
Still one ache oversteps  
The life to which it clings,  
Though to know what ache no step in me helps  
And what this pang is no bird in me sings.

## THE SUNFLOWER

### I

All things that shine are God's eyes.  
All things that move are God's speech.  
Every thing has all to teach  
To our awakening surmise.

Green are God's thoughts when they are leaves,  
Yellow when sunflowers they are.  
Yet they shine separate and far  
From the hands wherewith God weaves.

Light are my steps on the ground  
Yet they do echo through space,  
Through terrible abysses that face  
God at the side never found.

### II

My dreams are angels' kisses.  
Lightly they touch my heart,  
Tip-toe shadow caresses.  
They are my Godder part.

There is a flower in my hand.  
It is not found in fields.  
God looks and can understand,  
For He is the dreamer who builds.

He knows how dreams are set up,  
He knows how flowers are made glad.  
Look: I hold up my cup  
And God gives me wine to be mad.

## THE HOURS

The hours are weary of being hours.

Oh, to be aught else! they say.

Their task's to age children, hopes and flowers,  
Paint lips cold and hairs gray.

They sicken and sadden and deaden beauty.

When they pass and look behind,  
Lining the path of their ended duty  
They only weeping find.

So, Oh, to be something else! they say,

For they think they know  
That the things and thoughts they take away  
Really fade and go.

But they do not know, blind misers screening

A robber-changed false self,  
That everything has Another Meaning -  
Ay, even God Himself



## LA CHERCHEUSE

Pale with the sense of being mortal,  
    Now dost thou, passing yearning's glades,  
Knock with cold hands at the hushed portal  
    Of the closed palace of the shades.  
Thy hands fall and thy wide eyes grope.  
Oh, le me kiss thy feet and hope!  
Let us not wish to understand,  
    Bravely despair even of despair;  
Cold unfelt hand in cold dead hand,  
    Let us set out for mere Somewhere,  
With bodies by the cold made none,  
By night to invisibleness done.  
Perhaps, thus losing earthly goal,  
    Our sense of us numbed to innerness,  
Sudden we shall find ourselves all Soul,  
    Hand in hand spirits, waked to bliss,  
Having, through some Gate not in space,  
Lo! lapsed to everlasting grace.

## SONG

Lilies cast and roses throw  
In the way that she must go  
Whom the singing planets hymn,  
Sister of the seraphim!

Shifting motes of early sun  
In the morning freshness spun  
To light dresses for the breeze -  
Clothe her coming such as these!

Shadows purple, fountain breaths,  
Low mists such as dawning wreathes  
Round the tree-tops - these be made  
Hers, for whom spring's feast is laid!

She to us from heaven descended  
That dreams might with earth seem blended,  
And unquietness more blest  
Mingle with our life's unrest.

These the chosen offerings  
From what earthly deep joy sings -  
These to her we daily bear  
Lest she pine for heaven here.

## **ANAMNESIS**

Somewhere where I shall never live  
    A palace garden bowers  
Such beauty that dreams of it grieve.

There, lining walks immemorial,  
    Great antenatal flowers  
My lost life before God recall.

There I was happy and the child  
    That had cool shadows  
Wherein to feel sweetly exiled.

They took all these true things away.  
    O my lost meadows!  
My childhood before Night and Day!

## CHALICE

Chalice of my communion  
    With the lost thing that gleams!  
Communion-bond of union  
    Between me and my dreams!  
O chalice of love's most!  
In thy wine, earth's wine's ghost  
    To lips that are God's flowers,  
My soul has dipped the host  
    Of my diviner hours.

My lips are as lips kissed.  
    My sad soul happy sings.  
O shining through the mist  
    Of tremulous angels' wings!  
I feel me God's moon's node,  
A child again, outside life's road,  
    Remembering how I found me  
When I awoke from God  
    And felt the world around me

## VII. THE DROPPED TORCH

### ELEVATION

#### I

Before light was, light's bright idea lit  
    God's thought of it,  
And, because through God's thought light's thought did pass,  
    Light ever was,  
And from beyond eternity became  
    The living flame  
That trembles into life and reddens with  
    Our life's soul-width.

Before light was, when yet the night was queen  
    O'er what had been,  
In God's realized prescience it could be  
    Light from eternity,  
For no time enters into God's thoughts or  
    Their spaceless Hour.

Take thou therefore, my Song, from light the mood  
    Of being, and brood,  
Like the Dove unbegot, over the abyss  
    Of consciousness,  
Taking as thy true part that thought of God  
    Whence light issued.

Let my words burst into that divine flame

That lights its name  
Of each thing from within with ultimate meaning.  
Though earth be screening  
With fixed appearance the Sun in each Thing,  
Bear, on thy wing  
High-lifted, rays from the unrisen Sun  
Whence life is spun.

Soar out, my Song, out of despair and night  
And catch that light  
Ere it appear, from neath the horizon  
Of action,  
Borne out of dreams by intuition bright  
Of endless light.

Though none believe nor any understand,  
Yet feel thee fanned  
With those breeze-breaths that come up with the morn  
From the Unborn.  
Soar like a lark into the coming day  
And bear thy way  
Into the possibility of noon  
Hid in the dawn.

No matter that none know what thy words speak.  
A day shall break  
Out of eternity as each day bright  
Out of each night.  
Thy wings shall touch the slanting light of dawn  
And, upwards drawn

By being light-struck, shall to light be near  
When light's yet far.

Hope is thy ready and high-soaring flight  
Out of the night,  
Joy is thy touching of the first high rays  
That day betrays,  
Life is the course thy flight sequesters from  
Earth and its nightly doom,  
And these three things are one in thy belief  
That pain is brief.

## II

Thou, unseen Bird, essence of spiritual light,  
That yet art bright  
With the epitome of the outer shine,  
Thou that art mine  
And yet not mine but general to the earth,  
Wings of rebirth,  
Whose song, though in me heard, participates  
Of all that all elates,  
Thou point of meeting of me with the wings  
Hidden in all things,  
Thou breath, thou vapour, seen and not seen, of  
Some abstract love,  
Thou exhalation of the prisoned flight  
Of all things' weight,  
Thou that in me art fear, mad splendour, all  
To ache and enthrall,

Attract me, take me, o pure flight, and rise  
    With me in thine eyes,  
Lost, cast, unpetalled and divine, up to  
    What thou dost woo!

O Spirit-Lark that wakest ere the morn  
    And art reborn  
At each recoming of the sun, and art  
    The wiser part  
Of all that message is to our low eyes  
    Of what shall rise!  
Life-weightless Bird that no meads can attract,  
    But that must act  
Its fate in air, above our marshes sad  
    And meads low-laid,  
In free heights communing with the Great Horn  
    As yet unborn!  
O sterile Bird that hast no nest nor home  
    But what shall come,  
That hast no song save in the heights above  
    Nests, homes and love,  
Nor any thought save for the coming day,  
    Though far away  
It seem to those who measure yet thy flight  
    But by its height  
And not by its intention, that is carried  
    From life and married  
To those diviner hours that winged things  
    Find with their wings!



O Bird of ruthless song and untold wishes,  
Whose high flight reaches  
Heights not of earth, but of pure air, encumbered  
With no joys weighed and numbered!  
Take all my heart in thy purpose of going  
And make the flowing  
Down to earth of my song be like thy song,  
Something strange, strong  
With distance, eerily half-perishing  
From farness! Sing,  
And let my heart be what thou meanst with singings  
My life with winging.  
My hopes and fears with th'tone wherewith thy note  
To me doth float  
And the great purpose hidden in my fate  
With thy mere height!

My heart shall thus be happy even if pained,  
Free even if strained  
To keep that height of joy whence tremble down  
Thy songs to our own.  
My soul may thus be happy, full and free.  
Oh, happily  
Raise me from me and lift my life unto  
That thou dost woo -  
The light, the sky, the distance and the morn,  
Till I be unborn  
Again to pure dispersion in the seas  
Of the high breeze  
That speaks to thee, ere light be born, of light,

Till the delight  
Of without being being shall make me  
Song and sky be!

## TO ONE SINGING

O voice the angels kissed when unbreathed yet!  
O lips made spiritual with uttering it!  
O eyes wild with the lust of the divine  
In thy felt presence, making thee its shrine!  
O that this moment of thee were Thyself!  
That thou ne'er fell'st from this Thou, and the pelf  
Of gathered days with avarice of living,  
Touched thee not from this moment of God's giving!  
O eternal actuality of thee!  
O by thy voice sculptured immutably  
In some stone-flesh of spirit! O set free  
From being all contained in being seen!  
O firmament of joy purely serene  
With spaciousness of soul and stars of song  
Above thyself, God's human heights among!

Sing on, and let thy singing be a couch  
To that of me which to my soul doth vouch  
Of God as of a self and of a home!  
Dissolve me to thy notes! Make me become  
An outside of myself, and have in me  
Nought but a selfless sense of hearing thee!  
Let me pertain to the sounds thou dost voice!  
Let me be other than I and rejoice  
Hearing time like a breeze pass by the place  
Thy song imprisons in its halcyon grace!

Thy voice compels to parapets from heaven

Dim winged happinesses whence is woven  
To our souls such a glamour, spirit-fair,  
That, feeling it, all life becomes despair  
And all the sense of life to wish to die.  
Sing on! Between the music's human cry  
And thy song's meaning there is interposed  
Some third reality, less life-enclosed,  
Some subtler tenderness than music makes  
Or words sung, and its moonless moonlight takes  
Our visionary moods by their child-hand  
And our tired steps begin to understand.

Sing, nor stop singing till bliss ache too much!  
O that I could, without moving my hand,  
Stretch forth some hand imaginary and touch  
That body of thine thy singing giveth thee!  
That kiss-like touch would wake eternity  
In me again, and, as by a great morn,  
The night my body makes of me were torn  
Away from being, and my unbodied shape  
Would, like a ship doubling the final cape,  
Come to that sight of port and shiver of coming  
That God allows to those whose bliss of roaming  
Is no more than the wish to find His peace  
And mingle with it as a scent with the breeze.

## THE FORESELF

I had a self and life  
    Before this life and self.  
When the moon makes woods rife  
    With possible fay or elf,  
There comes in me a dreaming  
That is like a light gleaming  
    Somewhere in me away,  
On seas that I have known  
And placeless lands that own  
    Another kind of day.

I dream, and as a blast  
    Fans into fire an ember,  
My heart gleams with a past  
    That I cannot remember.  
And as the ember's glowing  
Is not fire but fire's showing,  
    I waste the empty pelf  
Of my mute sense of me.  
As rain within the sea  
    I fade within myself.

There are mazes of I.  
    I am my unknown being.  
I have, I know not why,  
    Another kind of seeing  
(Other than this vain vision  
That is my soul's division

From what girds sight about)  
Where to see is to know,  
Whose life is faith, and woe  
Fled by the hand of Doubt.

My life has happy hours:  
'Tis when I feel not living;  
And, as the scent of flowers  
Round flowers a flower-soul weaving  
That is a corporate spirit,  
From myself I inherit,  
My soul's blood's spirit-air,  
A foreself and inself  
Which is the being-pelf  
That with God's loss I share.

## THE BRIDGE

Kisses on me like dew

Pour, and it shall be morn

My waked spirit through.

My bowed, greyed head adorn

With bays, that I may view

My shadow crowned and smile even as I mourn

Although my head is bent,

Thy feet, sandalled with hope,

Pass and are eloquent

I' th' way they do not stop.

Somewhere i' th' grass they are blent

With that of me that does for meanings grope

Let us be lovers aye,

Out of all flesh agreeing,

Lovers in some new way

That needs not words nor seeing.

Thus abstract, our love may

Not ours, be but a vague breath of Pure Being

## THE KING OF GAPS

There lived, I know not when, never perhaps -  
    But the fact is he lived - an unknown king  
Whose kingdom was the strange Kingdom of Gaps.  
    He was lord of what is twixt thing and thing,  
Of interbeings, of that part of us  
    That lies between our waking and our sleep,  
    Between our silence and our speech, between  
Us and the consciousness of us; and thus  
    A strange mute kingdom did that weird king keep  
    Sequestered from our thought of time and scene.

Those supreme purposes that never reach  
    The deed - between them and the deed undone  
He rules uncrowned. He is the mystery which  
    Is between eyes and sight, nor blind nor seeing.  
    Himself is never ended nor begun,  
Above his own void presence empty shelf.  
    All He is but a chasm in his own being,  
The lidless box holding not-being's no-pelf.

All think that he is God, except himself.



## THE LOOPHOLE

I shall not come when thou wilt call,  
For when thou call'st I am with thee.  
When I think of thee, within me  
Thyself art, and thy thought self's all.

Thy presence is thy absence drest  
In thy body that hides thy soul.  
Tis in me that thou art possessed,  
'Tis in my thoughts that thou art whole.

Outside thee, given to time and space,  
Thy body, thy mere loss to me,  
Partakes of change and age and place?  
Belongs to other laws than thee.

In my dream of thee nothing changes  
Thyself to other than thou art.  
Thy corporal presence is that part  
Of thee that thee from thee estranges.

Therefore call me, but await not.  
Thy voice, summed to my dreaming thee,  
Shall put new beauty on that thought  
Of thy body that dwells in me.

Thy voice heard from afar shall bring  
Nearer to me thy presence dreamed.  
Brighter and clearer than it seemed

It grow'th in my imagining.

Then call no more. Thy voice twice heard  
    Along the real space would be  
    Too near now to reality.  
Thy second voice were thy first blurred.

Call me but once. I close mine eyes  
    And let the second call be dreamed,  
    Thy body's vision lightly gleamed  
On my seeing memory of thy cries.

The rest, eyes shut lest thou appear.  
    Shall be thy clear continuance  
    In my dream's constancy askance.  
Keep far, keep silent, come not here,

For thou wouldst come too near for sight  
    And out of my thoughts step to thee,  
    Putting on thy dreamed body in me  
    (Thy body's form-dream infinite)  
    Thy limit, visibility.

## THE ABYSS

Between me and my consciousness  
Is an abyss  
At whose invisible bottom runs  
The noise of a stream far from suns,  
Whose very sound is dark and cold -  
    Ay, on some skin of our soul's deeming,  
Cold and dark and terribly old,  
    Itself, and not in its told seeming.

My hearing has become my seeing  
    Of that placelessly sunken stream.  
Its noiseless noise is ever freeing  
    My thought from my thought's power to dream.  
Some dread reality belongs  
To that stream of mute, abstract songs  
That speak of no reality  
But of its going to no sea.

Lo! with the eyes of my dreamed hearing  
I hear the unseen river bearing  
Along to where it goes not to  
    All things my thought is made of - Thought  
Itself, and the World, and God, who  
    On that impossible stream float.

Ay, the ideas of God, of World,  
    Of Myself and of Mystery,  
As from some unknown rampart, hurled,

Go down with that stream to that sea  
It has not and shall never reach  
And belong to its night-bound motion.  
Yet oh for that sun on the beach  
Of that unattainable ocean!

## VIII. THE LABYRINTH

### FIAT LUX

Into a vision before me the world  
Flowered, and it as when a flag, unfurled,  
Suddenly shows unknown colours and signs.

    Into an unknown meaning, evident  
And unknown ever, it outspread its lines  
    Of meaning to my passive wonderment.  
The outward and the inward became one.  
Feelings and thoughts were visible in shapes,  
And flowers and trees as feelings, thoughts. Great capes  
Stood out of Soul, thrust into conscious seas,  
And on all this a man-sky spoke its breeze.

Each thing was linked into each other thing  
By links of being past imagining,  
But visible, as if the skeleton  
Were visible and the flesh round it, each one  
As if a separate thing visibly alone.

There was no difference between a tree  
And an idea. Seeing a river be  
And the exterior river were one thing.  
The bird's soul and the motion of its wing  
Were an inextricable oneness made.  
And all this I saw, seeing not, dismayed  
With the New God this vision told me of;  
For this was aught I could not speak nor love

But a new sentiment not like all others,  
Nought like the human feelings, men are brothers  
In feeling, woke on my astonished spirit.  
With a great suddenness did this disinherit  
That thought that looks through mine eyes of the self  
Of ordered seeing that maketh it itself.

O horror set with mad joy to appal!  
O self-transcendence of all!  
O inner infinity of each thing, that now  
Suddenly was made visible and local, though  
No manner of speech to speak these things in words

Followed that vision! Sight whose sense absurd  
Likeness of like, and makes disparity  
Contiguous innerly to unity!

How to express what, seen, is not expressed  
To the struck sight that sees it? How to know  
What comes to senses' threshold to bestow  
A visible ignorance upon the knowing?  
How to obey the analogy-behest,  
Community in unity to prove  
The intellectual meaning of to love,  
Shipwrecking difference upon the sight  
Renewed from God to Inwards infinite?

Nothing: the exterior world inner expressed,  
The flower of the whole vision of the world  
Into its colour of absolutely meaning

In the night unfurled,  
And therefore nought unfurling, abstract, that,  
    Vision self-screening,  
Patent invisible fact.

Nothing: all,  
And I centre of to recall,  
    As if Seeing were a god.  
The rest the presence of to see,  
Hollow self-sensed infinity,  
    And all my being-not-souled-to-oneness trod  
To fragments in my sight-dishevelled sight.

This Night is Light.

## **A SUMMER ECSTASY**

Beside a summer's day  
    I lay me down and dreamed.  
The light from far away  
    In my withinned self gleamed,  
An unreal true glow,  
Spiritually somehow.

I saw the inner side  
    Of summer, earth and morn.  
I heard the rivers glide  
    From Within. I was borne  
To see, through mysteries,  
How God everything is.

The motes of sun that dance  
    Are audibly whispered.  
All is an utterance.  
    The sight may hear. I shed  
Vision of things as things.  
My thoughts are angels' wings.

The corpses of known hours  
    In barks unsteered and left  
Float, covered with mute flowers,  
    Down my dream that is cleft  
In banks of mystery -  
This summer day and I.



And something like a greed  
And yet unlike a wish,  
The power to have a need  
Which doth not needing reach,  
But is dissolved again  
Ere its sad joy reach pain,

A shadowy lightness woven  
Of the day and of me,  
Like sparkling water driven  
Never but where we see,  
A gap, a pause, a dim  
Looking over things' rim,

Starts like a sudden flute  
Pastoral with tuneless notes  
Out of the unseen root  
Of all my being denotes,  
Spreads, till I feel it not,  
O'er my lost sense of thought.

And lo! I am another.  
My senses taste not-mine.  
A hand my sight doth smother  
To a blind sight divine.  
I am a lost tune, a mood  
Of the finger-tips of God.

So, like a child-king crowned,  
I feel new with fear-pride.

I am robed with sky and ground.

My inmost soul's outside  
Is sunlit seas and lands.

My dreams are seraphs' hands.

## MOOD

My thoughts are something my soul fears.

I tremble at my very glee.

Sometimes I feel arrive in me

A dim, a cold. a sad, a fierce

A lust-like spirituality.

It makes me one with all the grass.

My life takes colour at all flowers.

The breeze that seemeth loth to pass

Shakes off red petals from my hours

And my heart sultrs without showers.

Then God becomes a vice of mine

And divine feelings an embrace

That sinks my senses in its wine

And leaves no outline in my ways

Of seeing God flower, grow and shine.

My thoughts and feelings mingle and form

A vague and hot soul-unity.

Like a sea that expects a storm,

A lazy ache and fret make me

A murmur like a coming swarm.

My parched thoughts mix and occupy

Their interpresences and swell

To each others' places. I descry

Nought in me save impossible

Mixtures of many things all I.

I am a drunkard of my thoughts.

My feelings' juice o'erruns my soul.

My will becomes soaked in them all.

Then life stagnates a dream and rots

To beauty in my verses' dole.

## SONNET

God made my shivering nerves His human lyre,  
    A lyre whose curves in angels' faces end.  
When God doth sing the song's invisible fire  
    And half-visible wings over it bend.  
Fountain of incorruptible desire!  
    Gold-misted green isle where my bark doth tend!  
My soul, rich with electedness, doth tire  
    My sense of me with aches with God to blend.

But lo! to live is to be blent with God  
    Already. We need nought but life, all life.  
Pain, evil, hate, lust, treachery, the rod  
    Of custom, the bypath of dreams, the knife  
Grief hideth till it cut her, the delight  
    Of death - all these are God's willed spite.

## INVERSION

Here in this wilderness

Each tree and stone fills me

With the sadness of a great glee.

God in His altogetherness

Is whole-part of each stone and tree.

An inner outward seeingness

Makes my clear self unknown.

(O Godfully alone!)

God in His overbeingness

Survives His death each tree and every stone

Ay, in the barkness and clodfulness

Of tree and sand and stone

God is only His Own,

God in all His godfulness,

Whose concrete soul's each thing's abstraction.

## **SUMMERLAND**

One day, Time having ceased,  
    Our lives shall meet again,  
From Place and Name released.  
    Only that shall remain  
Of each of us that may  
Seem natural to that Day.

There we will newly love,  
    Wondering at the old mood  
With which love did us move,  
    When pain and solitude  
Were what each soul had got  
For its contingent lot.

There, heaven being between us  
    And touch a real thing,  
The texture luminous  
    Of our true lives will bring  
God into our love like breath.  
Nowhere will there be death.

The need to suffer and sigh,  
    The inevitable cares,  
The awaiting and the cry  
    That goes from joy to tears -  
These have no need to be  
In love's eternity.

The hours shall make our love  
    Grow younger, not more old.  
Some trick of time shall move  
    Wont even to truer gold,  
Regret shall not be aught  
Possible there to thought.

That region light-suspended  
    Under truer blue skies  
Shall let our souls feel blended,  
    Yet be true unities.  
Nought shall have power to fret  
Our hearts to tire of it.

A golden land where God  
    Stayed a Day of His Time,  
Not as the world, where not  
    A moment did he abide,  
And where His passing left  
The sense of aught bereft.

My heart, that thinks of this,  
    Pines, for it is nowhere,  
And she that meets my bliss  
    With her new old love there -  
She is unreal as all  
That to this verse I call.

Yet who knows? Perhaps this  
    Is not wishing, but seeing.



Perhaps this love, this bliss,  
    This conscious glad not-being  
Is some reality  
Through fancy seen by me.

Perhaps it casts a spell  
    From where it can be found.  
What is impossible?  
    Where is God's bourne and bound?  
Why, if I dream this, may  
Not this be mine one day?

Who knows what our dreams are?  
    Who knows all that God makes?  
Perhaps life doth but mar  
    The immediate truth that takes  
Its beauty from being dreamed.  
Nothing eter merely seemed.

Somewhere where God is nearer  
    These things are een now true.  
Oh, let me be no fearer  
    That this may not be so!  
All is more strange than that  
Small glimpse of it we get.

Mine eyes are wild with joy  
    Because I have these thoughts.  
They cannot tire nor cloy  
    Because God ever allots

To each high thing the power  
To weigh not on its hour.

My flower garden is  
    Full of new flowers now.  
My lips are kissed by bliss  
    Because I know not how.  
My heart fails and I swim  
Within a luminous rim.

A halo of hope comes round  
    My soul. I am that child  
That cries: Lo! I have found  
    This flower strange and wild.  
The unknown flower I have  
Grew on my dead dreams' grave.

A trembling sense of being  
    More than my sense can hold,  
A bird of feeling seeing  
    The great, earth-hidden gold  
Of the approaching dawn,  
A breath, a light, a swoon,

A presence interwoven  
    With rays of other light,  
A spell, a power untroven  
    Of my more clear delight,  
I faint, I fade, I seem  
Myself to be my dream.

And if this be not so,  
    Oh, God, make it now be!  
Let me not find more woe  
    Because I so dreamed Thee!  
Let aught for which I pine  
Merit being divine.

Let this resemble heaven  
    And be my home for e'er,  
Even if for e'er mean living  
    But this hour really fair.  
An hour in God shall be  
Enough eternity.

## **THE END**

God knows. Lie we to sleep  
Contentedly somehow,  
Smiling that we did weep,  
As at an overthrow  
Of kingdoms the stars, deep  
In silence, smile nor know.

God knows. And an He knew not  
And were not, what of it?  
No matter that we do not  
Our life with living fit.  
Glad to have sleep and tears,  
Lullaby to our fears!

## **DISPERSOS**

### **A low, sad wind fills the lone night**

A low, sad wind fills the lone night  
With its one solitary sound.  
I have forgotten what delight  
Delight has. In the vague around  
All sleep is consecrated ground.

Alas for all I ever hoped!  
The sheep crop what it lies beneath.  
Its grave is where the mountain sloped  
When mountains were, but now the heath  
Is all the life above its death.

Moan, solitary wind that wakes  
When the day sleeps! Moan vague and low!  
That which I never was now slakes  
Its thirst where reeds cluster round lakes  
Of silence, or mute rivers go.

To-morrow shall be yesterday  
Lest life forget what it is ever.  
I shall myself cast this away  
That I am now, and myself sever  
From what of me weeps by this river.

This river of the haunted night  
That under stars I do not see

Has neither purpose nor delight,  
Moan, solitary wind, and be  
This life's unchanging, shoreless sea!

## **ALENTEJO SEEN FROM THE TRAIN**

Nothing with nothing around it  
And a few trees in between  
None of which very clearly green,  
Where no river or flower pays a visit.  
If there be a hell, I've found it,  
For if ain't here, where the Devil is it?

## **All my heart weeps for**

All my heart weeps for  
Is a cottage left  
By some one before  
Time into space crept,  
A small cottage left  
Near a silent shore.

There the constant waves  
Murmur like vain rest.  
There the soft raves  
Like a soul possessed  
Of rest that not saves.

There the shore-winds breathe  
Possibilities  
Of less cares than wreath  
Round our lives their cries  
From up and beneath.

Where that cottage is  
Rests with wishing it.  
Is therewhere is bliss?  
No, nor does bliss fit  
Into that strange place.

Why desire it then?  
Ah, it's different  
From the homes of men.



There perhaps are blent  
Dreams and what we ken.

There at least alone,  
Alone by the sea,  
We shall cease to moan...  
To moan need not be  
Where we are alone...

These are words. Let sleep  
Close our eyes to find  
That small cottage, deep  
In Farness. We are blind  
And life is to weep.

## ARETHUSA

Still Arethusa keeps her course,  
For, though the corporal dark of earth  
Stifle, like an unconscious nurse,  
The impulse for her second birth,  
Yet her true will must ever be  
These captive waves that shall be free.

So the forgotten water ever  
With withdrawn life and hid emotion  
Moves on in darkness, still a river,  
Towards a sun upon an ocean;  
And the found place there will not cease  
To be the river's, not the sea's.

So keeps she, under the void dark  
Of her oppressed seclusion still  
Her careful self, whose soul shall work  
Towards the outlet from the hill,  
Past hived vaults and humid walls  
And her dropped noise of waterfalls.  
Uncaught throughout the spell of caves,  
Forlorn under the mother stone,  
Still the great destined river craves  
Its purpose, liquid and alone,  
And more, yet less, under the hills  
Its unresisting motion wills.

And ever, while time frets the rocks

And space shuts dark the godless flow,  
She runs, a will in waves that flocks  
Around a darkness for a glow;  
And onward still, because it is  
What shall be, and the Gods are this.

And, still remembering to forget,  
Still onward because Fate inclines,  
Veiled Arethusa still doth wet  
With purpose the weird cavern shrines,  
Where, past their blind, dead, solid being,  
Her watery will moves on to seeing.

Dim under phosphorescent zones  
Of darkness wronged and stalactites,  
Or complete darkness, where the moans  
Of waters wail for destined sights,  
Her course, that knows no day, doth still  
Work out to day its nightly will.

Till, bright at last in the aired arms  
Of the lone rocks laid in the sea,  
Bare Arethusa free her charms  
To light and to its panic glee,  
And the sea clasp her, as she were  
Venus there born and mistress there.

**D. T.**

The other day indeed,  
With my shoe, on the wall,  
I killed a centipede  
Which was not there at all.  
How can that be?  
It's very simple, you see -  
Just the beginning of D. T.

When the pink alligator  
And the tiger without a head  
Begin to take stature  
And demanded to be fed,  
As I have no shoes  
Fit to kill those,  
I think I'll start thinking:  
Should I stop drinking?

But it really doesn't matter...  
Am I thinner or fatter  
Because this is this?  
Would I be wiser or better  
If life were other than this is?

No, nothing is right.  
Your love might  
Make me better than I  
Can be or can try.  
But we never know

Darling, I don't know  
If the sugar of your heart  
Would not turn out candy...  
So I let my heart smart  
And I drink brandy.

Then the centipede come  
Without trouble.  
I can see them well.  
Or even double.  
I'll see them home  
With my shoe,  
And, when they all go to hell,  
I'll go too.

Then, on a whole,  
I shall be happy indeed,  
Because, with a shoe  
Real and true,  
I shall kill the true centipede -  
My lost soul!...

## DESOLATION

Here where the rugged hills  
Their gnarled loose bases grip into the earth,  
And nothing save the sorrow of our birth  
From seeing the seeing spirit fills,  
Here where, among the grim, deserted stones,  
    No hope of green for desertness atones,  
        Or water's sound  
    Make sweet the solitude around,  
        Here may I lay  
            This day  
            My head  
        Upon the ground and say  
            No better bed  
Can he who has but himself for life have,  
    Nor better grave.

    The sterile part  
    Of love, feeling, was given me.  
From the humanness even of a broken heart  
    God set me free.  
Out of my destiny no flower was made  
    To grow.  
All in me fated was not even to fade  
Or een a vain and transient glory show.

    The very need  
For love or joy or the human part of thought,  
    Pride, and the abstract greed

For truth, that lifts the heart and doth allot  
A value of self and world to consciousness -

Even this bliss  
My empty heart has not.

O weary born,  
Faded begun,  
Gone from unseen shores to seen shores forlorn,  
Sent out of sun-gone unto unborn sun!

The singer of his wish  
To sing no song,  
The poor spendthrift rich  
With knowing not for what to long.

The Hyperion dispossessed  
Ere birth  
Of that sun-mansion set out beyond rest  
Above the wide-lit stretches of the earth.

The uncrowned king  
That never saw the land  
Of which he oft doth sing,  
And whose lost path he cannot understand  
Nor know how to dream steps him there to bring.

The priest deferred  
From the inner shrine.  
The thought but never uttered word,  
The fore-spilt wine,  
The anxiousness for hope, the cold divine

Of anguish that no anguish human is,  
The solitary pine  
On the cold hill of consciousness.

The hour  
The lord  
Returns  
Back to the polluted bower,  
Home to the intransitable ford,  
Again to the ice-padlocked burns.

The shadow  
Fixedly thrown  
On the green meadow  
By a tree overgrown  
With leaves, but fruitless, flowerless and lone.

The last  
Sight of a shore  
Which the unhalting ship doth pass  
And where it never shall pass more;  
But where the heart-dim sailor knows  
Homes are happy because not his,  
Lips warm because never his lips to kiss,  
Gardens fair because therein grows  
The unfound rose,  
Hours soft, fate fresh, life a real fair elf  
Because somewhere outside himself.



**Do not think of me. Love me.**

Do not think of me. Love me.  
That shall somehow suffice.

.....

.....

Let us be purposeless  
Sedately and for a task.  
We can be nothing this  
Dashes not with the mask  
Of being anything...  
Be we eer on the wing...

And towards nowhere flying,  
Maybe we shall obtain  
A thought of what our dying  
May steal from life and pain...

**Even as great Macchiavel, shut fast from all,**

Even as great Macchiavel, shut fast from all,  
His court dress donned to visit his invention,  
So I, when the commanding Muse doth call,  
Give to the wide world sleep and inattention.

I close the door to all the man in me,  
To friend, relation, countryman and self,  
Closeting myself with eternity  
And both the good and ill of me do shelf.

I strive to please Athena, not mankind.  
No time shall call me out, or place seduce,  
Nor ache to please, nor fear to offend me blind  
To the great passion for true beauty's use.

Mine own self I displease, if it so fit  
The claiming tyranny and press of wit.

## **FRAGMENT OF DELIRIUM**

I know not whether my mind is broken  
Nor do I know if my mind is ill;  
I know not if love is but the last token  
Of God to me, or a word unspoken  
    In a chaos of will.

My thoughts are such as the mad must have  
    And dead things guard my soul  
Grotesque and odd are the shapes that rule  
In my brain as worms in a grave

## **I cannot well deceive me that there was**

I cannot well deceive me that there was  
In my love nobleness, even though ill.  
Now that the tunnel through which I did pass  
Yields to the glaring day, I can instil  
Into my thought a wonder how I could  
Suppose that way to be a place of staying;  
Thus being a fool in the way all men should,  
Yet not the complete fool to take no naying (!!!)

## **I have outwatched the Lesser Wain, and seen**

I have outwatched the Lesser Wain, and seen  
The remnant stars grow pale; but the used night  
Has to the thought that used it sterile been,  
Nor lost that use by pressure of delight.

My fixed, impatient thought no reason read;  
What I scarce read my unthought thought made stray;  
My soul between the living and the dead  
Was a blown vapour, without place or way.

What the morn brought or took I cannot tell,  
That had no use to bring or use to find.  
All night I lay under the barren spell.  
The day cannot dispel what the void wind

Ruinous built in the shorn night: its glow  
Can but the night's made desert brightly show.

## **I have wished so oft this mockery might end**

I have wished so oft this mockery might end  
Of love between us! And it's ended now.  
Yet I cannot even to myself pretend  
That the wished thing achieved gives joy enow.

Every going is a parting too.  
Our happiest day doth make us one day older.  
To get stars we must have darkness also,  
The fresher hour is likewise the colder.

I dare not hesitate not to accept  
Thy separating letter, yet I wish  
With some vague jealousy I scarce reject  
That things were fitted for a different stretch.

Farewell! Yet do I smile at this or not?  
My feeling now is lost in thought.

## **I love this world and all these men because**

I love this world and all these men because  
I shall not love them long. That we do die  
I believe not, bound fast to higher laws,  
But that we lose this world do not deny.

This light that in the sea makes many a light,  
This breeze so soft when least we feel it most,  
May be replaced by a diviner sight  
Or by a truer breeze; but these are lost.

Like some strange trick of childhood that was ill  
Yet had the childhood, in it I regret  
Perchance in some far world sublime and still,  
The childhood that I never shall forget —

No, nor these toys of sense —this world, these men —,  
Dear now when had because dear when lost then.

## **I. - Take me up in thine arms, oh some mother.**

I.

Take me up in thine arms, oh some mother.  
Take me up in thine arms, make me a child.  
An endless lack of joy every joy doth smother  
That rises in me, sudden or great or mild.  
Take me up in thine arms, rock me to sleep.  
Rock me to sleep in a great meaningless way.  
And may I hear, like one who sleeps in a house by a bay,  
A great loud wind rise like a life from the deep  
And cease as I fall asleep like a life that passes away.

II.

All I have wished to do, mother, I have not done.  
Even what I wish to feel makes mistakes within me.  
I grow tired, dimly tired, of the calm and constant sun,  
And restless beside the happier restlessness of the sea.

Oh for a boat to believe I might sail in it and go,  
Beyond the walls of my sensations' world and become  
A floating absence from my worn self, a discarded woe  
Trailing behind me like a ship's trail, shining through  
My consciousness of having dropt my life like a lamp in a home.

III.

Mother, my cheeks grow thin with cares I forget to know.  
With things I forget to feel, nor know how to think, I pine.  
Mine envy, mother, is with the figure of the sturdy man at the wheel,  
That does his duty in storms and is salt at soul with good brine.



My heart is lost to a perillous life full of achievement and breath.  
My thoughts are given like gifts to a life I could never live.  
Teach me how to myself my own life I can forgive.  
Teach me how to love life, at least how not to fear death,  
And be all that you teach in the sense of a mute kiss you give.

IV.

Rock me to and fro in your arms, mother. It is night.  
There is something of endless motion, of final ceasing of care,  
In your rocking of me now from now into the light  
That the cottage lamp sheds on your rocking fire with the same yellow  
flare.

Let me sleep, let me sleep, outsleep the ages and Time.  
Drift far away from space like a hulk away from shore.  
Be your arms around me like a land or a day or a clime,  
Be your casual lips on my brow like forgiveness of crime.  
Rock me till I lose being, mother, rock me still more.

V.

My pain outgrows my power to feel pain. I am numb. I am faint.  
I sicken from having lived no life, but all dreams, dreams, dreams,  
My soul is poisoned, mother, with an old and mysterious tai[nt]  
And now that you have stopped rocking full on my brow the lamp gleams.

Hide me, mother, from the light for it seems that it sees.  
Hide me, make me be blurred against your breast and the night.  
Lo! outside the great swell of the dim and eternal seas!  
Mother, whom do we wait, to return from beyond the seas?

Is it for anyone at sea that the joy of our lamp we light.

VI.

The wind hath risen, the wind hath risen. Something is colder and truer.  
Something of life and its mystery creeps into the room.  
Mother, stop the window chinks, make the door fast and sure.  
We never know what horror it is that out of the Night may come.

We know not whom we await. It may be worse than the dark.  
It may be shapeless unto our thought and dread as God if he be...  
Mother, new sounds are creeping like snakes through the darkness. Hark!  
Is it the wind you fear? Is it the sea you remark?  
Mother, make me to sleep at once, ere I may hear or see.

VII.

When will it born. Mother, this fear and this smart,  
This ache as of something lost or something near to be found,  
Coils like a viscous impossible manner of snake round the heart  
And the night, mother, the night without being nor bound!...  
Put your arms so much around me, so much, so close so fast  
That they cover the eyes of my fancy and cling round my thought's quick  
ear.  
Mother, let us not see if the night will pass or last.  
Let us not think nor be... Let life be as if past.  
Let our total and infinite death be the day and the ceasing of fear.

### INTERVAL - 3

I could not be thou, being yet not thou  
Were I not God; so to God my thoughts go  
(To reach thee, to possess from within  
To possess from being not from seeing)  
Because, substance of substance, He alone  
Can love being all things, and all in each one.  
Thus is my love (...) religion.

And by being born, not born; by being love  
None; and by being made move, not made to move,  
But, indefinable and indistinct,  
Wearing no form nor purpose nor precinct  
Of use, it hangs, with my soul in its wake  
An interval between me and thee, between  
Ourselves and God, between thou being but seen  
And being loved, abstract absance of place  
(...) that  
Life, substance of thou being a living thing  
Where thought and will and feeling are one thing.

Of the two parts of love, becoming other  
And unbecoming self, I do one choose —  
The unbecoming, and the other lose.  
Yet, as to unbecome must be becoming  
Some other thing, as the end for roaming  
Makes the thing found where will no matter binds,  
The unbecoming of me sure love finds.  
Yet if it finds the loved thing, yet not thee,

What thing finds it, that it sought not to be?  
What but love's own abstraction, interval  
Between souls. And as aether is purest of all  
Where filling the mere spaces between things,  
Because the more unmixed, the love that clings  
To my large disembodiment is best,  
Because no object, save love, limits its  
(...)

But here not aether but consciousness is  
The universal substance, so in this  
Less difference between this substance and  
God is there — so, if right I understand,  
This love which to obtain thee loses thee  
And which to complete me uncompletes me,  
Which the mere interval doth occupy  
Whether neither thy soul nor my soul doth lie,  
To which my mere love's force abstractly sends  
My void outgoing, and there my being ends,  
And so the ends my being had in going  
Equally endeth — this love thus foregoing  
The object and the subject to be done  
By missing into pure Relation;  
This love finds God by its internal force,  
For when all things are lost God is the loss.

See then how I, starting from me to thee,  
Have like a sailor that sets out i' th' sea  
For some shore, and the winds drive him away  
And this chance casts him on some better bay  
Than his intention had been to discover.

Yet if discovering were intended, ever  
By what discovered is, where it not willed,  
The purpose of discovering is filled,  
And if the unwilled discovery is better,  
The loss is gam, and that which seemed to fetter  
The original purpose, the harsh wind,  
Does lead the unled to where he best can find.

Yet this is not the journey's end, for whence  
The sailor now arrived, to recommence  
He may begin his voyage original  
And from the better to the worse recall  
For as the original purpose, better less,  
Is in the found included, he may thence  
His foiled task recompose and now to miss  
The purpose that his (...)  
So I, from God, the better may go out  
To thee, and from within thee, not about  
Thy presence, enter into thee and be  
The very personality of thee.

## LE MIGNON

Let them speak ill of me. I do not care  
Why shouldst thou care that fairer art than I?  
My lips so oft have rested on thy hair,  
So oft on thy lips, and so oft  
On thy white arms that yet pretend to lie  
On my dreams cushions like a vague thing soft...

Let them speak. Life is sweet if thy lips mean  
Life. Love is sweet if thou art love.  
The scornors cannot know what kisses screen  
Our throbbing heart from heart nor prove  
That full possession our mad love can scene  
With perverse actions like an empire's end  
That sinks among the galleys and doth blend  
Its sunset with the landscape's emerald green.

Let them speak. Put thy hand within my hand  
And let us love as maid and boy are said  
To love. But we are none and love is red  
On our hot souls thrill and understand.  
Oh, to thy bed!

Oh to thy bed, fairer than maidens' couches  
And curtained over with strange care for strangeness,  
Let's to thy bed and kiss naked while touches  
Selected from our hotter dreams transcend  
Lust with thought lust acted upon our frames.  
The magic misery of our wedded names

Shall light the future with impassioned strangeness.

Antinous!

**Let us rest. Every hour is not the next.**

Let us rest. Every hour is not the next.  
May this wreath round with more than emptiness  
The meaning of the ciphered living text  
We owe to living and to thought confess.

Let us rest. Every hour is not the last.  
A consolation comes from being late  
Even at happiness, lest near winds blast  
The present flower and fate still follow fate.

Let us rest. Power is useless and life vain.  
To ask means to be answered with not giving.  
To move towards pleasure is to walk on pain,  
And having to live takes life out of living.

So there is no true thought nor just behest,  
Nor pomp worthing having. Let us rest.



## MEANTIME

Far away, far away,  
    Far away from here...  
There is no worry after joy  
    Or away from fear  
Far away from here.

Her lips were not very red,  
    Nor her hair quite gold.  
Her hands played with rings.  
    She did not let me hold  
Her hands playing with gold.

She is something past,  
    Far away from pain.  
Joy can touch her not, nor hope  
    Enter her domain,  
    Neither love in vain.

Perhaps at some day beyond  
    Shadows and light  
She will think of me and make  
    All me a delight  
    All away from sight.

## **Mother of things impossible,**

Mother of things impossible,  
Sister of what can never be,  
Thou whose closed lips will never tell  
The words whose lack is misery  
Sit by my side while I ignore.  
Smile by my ignorance of thee,  
And my lost solitude restore.

Oh, life is sad as things unwilled,  
Love is the day that never comes  
To those blind as my soul, and filled  
With that pressage of coming drums  
When the city shall fall, that haunts  
The inner vision whose night hums  
In us while death startingly chaunts.

O interpret my soul to me!  
Give me no truth, no sight, no road,  
But take from me the misery  
Of consciousness and the unseen goal  
Of seeking ever what doth seem.  
Lighten with being-near my load!  
O let me hold thy hand and dream!

**Mother, my cheeks are wet.**

Mother, my cheeks are wet.

Let down my hair and kiss  
My brow. I seem to forget  
Even if I think of this.

Lullaby to me, mother,

Lullaby to me.

I loved and was not loved, mother.

Kiss me and let me be.

Let me sleep as of old, thy hand

On my brow, so calm and so deep,  
That I feel't on my soul, my soul fanned  
By thy breath on the face of my sleep.

I am but a little ship, mother,

Lost out in the sea.

Lullaby to me, mother,

Lullaby to me.

## **My heart was trembling in the breeze**

My heart was trembling in the breeze  
Like a flag half-furled and at rest...  
My heart was trembling in the breeze  
And all was restless in my breast...

My heart was lonely, sick and pale,  
Silent like rocks in a calm sea...  
My heart was lonely, sick and pale.  
It seemed not to belong to me...

It sounded in me like a stone  
Falling within a rivulet...  
It sounded in me like a stone  
That doth a silent river fret...

Oh, heart too sick for life like this.  
Oh, peace that sleeps among the hills.  
O heart too sick for life like this.  
Oh rest at last for all my ills.

## **Now are no Janus' temple-doors thrown wide**

Now are no Janus' temple-doors thrown wide  
To utter thoughts of war upon the land.  
Now doth no double facing God divide  
Him from himself, that sight of him may brand  
The symbol of opposed things upon  
Our hearts that at our eyes on him are thrown.  
Now do no pagan cults tremble at Mars' name  
Because bad-auguring birds like clouds have flown  
O'er nations' frontiers, nor do oracles frame  
Strange answers unto ears of armoured chiefs,  
Replies that leave perplexed their perplexed eyes  
That know not whether that heart-pang they hear  
Is the first grief heralding their peoples' griefs  
Or the strange cold that the Gods' mysteries  
Speak to his soul that is to conquest near.

No. All is dead that wreathed war round with Gods.  
Nor omens mute, nor the foiled sacrifice,  
No dim words spoken by spilt blood on sods.  
Nay, nor the later sense that vice and sloth,  
When in a people's heart they nestle both  
Do on them call the wrath of heaven, us move.  
Our souls are void, like a stage mummer's cries  
And our hate and our love mock hate and love.

Something of coldness, like the coming winter,  
Crosses our autumn like a prophecy.  
Round our leaves now no swallows circle and twitter.

No more, no more, shall we heart-wholesome be.  
There is a sadness that with us doth stay  
Like a billeted guest, and far away  
Our ultimate death awaits us like a sea.

Alas! that even the poesy of wars  
Should, like a tired thing, have gone where things go.  
Alas! alas! that we have come thus far  
Knowing still the same nothing that we know,  
To meet more than ourselves, nor no throe  
That shall be herald of a newer man.  
And ever as the old woes the cold new woe  
Fills with its deathless measure our life's span.

No, even the Christian manner of love or hate  
Is dead. No God that lives in us survives  
The winter in us that snow-kills God and Fate  
And has iced o'er the rivers of our lives.  
With cuirass and with pike we laid aside  
All that made battle worth the death in it.  
Our science-made war-gestures now deride  
The great eternal things that war doth fit  
With helm and armour.  
With mortal pomp yet pomp. We are on death's side.

All is as if were not part of it.  
All clashes, rings and turmoils as if far.  
The foiled imagining within our wit  
Ousts war's clear image with bare thought of war.  
Our plans are cold, our courage cold, our eyes

When they look inwards dream but the far plain  
And vague, picture-seen faces and their pain  
Touches no sense of ours, nor do dreamed cries  
Rise in us. What cold thing has become of  
Our very hatred? What way has strength gone?  
We die as if the sky were not above  
Our heads and beneath us sand, grass and stone.

The great eternal presence of all things  
No longer doth with us collaborate  
To lift our hearts up on invisible wings  
And bid us tremble at the thrill of Fate.  
The possible fall of empires doth no more  
Touch us with that great and mysterious dread  
That John on Pathmos saw rise o'er his head  
Like a space-filling sea without a shore.

Alas! our nobler fear has gone away  
Where our weariness pointed. We are blind  
And learned to blindness. Our wild gestures stray  
From us like leaves that fall far off with the wind,  
And we fight clearly, coldly, night and day.

These things I thought, knowing that far behind  
My visible horizon war was slave  
Of that Invisible Master who doth wave  
His speechless hand o'er continents and seas  
And men like reaped things fall, and the blind wind  
With groping hands that in the night are blind  
Touches the dead men's faces' mysteries.

This I thought when, lo! before me there was  
A door of iron, or what iron seemed,  
An unsized portal, and its live-seeming lock  
Seemed all the uses of a lock to mock.  
To see that door was to know none could pass  
Through it, nor could its other-side be dreamed.

A ribbon of broad stairs led up to it  
But had no meaning, like a laugh unseen,  
I looked and the door seemed to sway as hit  
By blows, but no blows fell on it. That screen  
Was interposed between me and no scene,  
Yet, like an eye staring from out the night,  
It touched my heart cold with its iron mean.  
And this was not in space nor in a light.

Somewhere in me where dreams do themselves show  
And have an inner meaning God doth know,  
The door was set, and it seemed to my soul  
That there since some inner eternity  
It ever had been and I something had seen,  
Yet half forgot, that like a half-shown scroll,  
Concealed its sense in what it showed to me.

And lo! as my heart looked, the door grew clear  
As a near-lit thing seen in a black night,  
And a great sense of a great coming fear  
Was fear already in my heart's affright.  
Then as I looked I saw - yet it did seem



That in my vision that had ever been -  
From beneath the strange door down the steps flow  
A string of silent blood, that step by step,  
Fell with a motion desolate and slow.

The thin red stream seemed conscious of its course  
Though its course seemed to be none, but to fall.  
I looked and it fell ever, with a force  
Of relinquishment to its fall, a knell  
To some hope in me, and the blood  
That ever was but a small line did flood  
All my pained soul and made it red. The spell  
Of its thin redness spreade o'er my thought's mood  
And all my thoughts became a great red wall  
Set up in front of what in me doth brood.

Then everything shifted, yet was the same.  
I looked on as one who sees a child's game  
And finds its eyes at interest in it  
And knows not why. A sense of end did hit  
My power of having feelings with a rain  
That did with deep red all my dim soul stain  
As it had stained that soul.

Then all the outer world was dashed to night  
And, though no floor remained, no sides, no light  
To that space-missed new world, set far from being,  
Yet by some clearer virtue of my seeing  
All I saw was without nor left nor right  
With a name to it, without a place

Even in itself, without an I to see.  
The mere great door and the red blood's thin trace  
And all the rest was void and mystery.

Then all again seemed changing unto some  
New, unimaginable and fearful thing.  
The door and that blood-line seemed to come  
A strange new-featured Face looking out through  
The Universe's whole frame, traversing  
It like light an invisible glass - a wing  
Belonging to no bird our thoughts construe.

Then the door seemed to recede - nay, to have  
Receded, when I knew not, nor was there  
A when, for Time seem'd as seems a far wave  
On a wide sea, something gone past. The bare  
Eternal door seemed to have gone to the end  
Of a visible infinity, and all  
That now remained on which my soul could spend  
Its terror was the blood ever at its fall.

Then, though still the same small line of red,  
The blood seemed to grow glass and in it I saw  
A mighty river full of strange things - dead  
Men, children, wrecks of bridges, cities, thrones,  
And still the line was a small red line, (...)  
Of other meaning than that  
That before God for the clear world atones.

But the (...) visions in that line contained

Seemed wide as space. The red line seemed a slit  
In a thin door through which our eyes can see  
Large fields, a city and the whole sky stained  
With clouds, and all this in the line could be;  
And from some unknown where I looked on it.

It seemed the edge of a cube opening  
Sideways to sides of visions, more and more.  
Now and then across its glass - like being a wing  
Passed a tremor ran over everything  
That had in it a clear and tragic being.  
Then ceased. And from, past space, the door  
Still held my unconscious consciousness of seeing.

It seemed sometimes a bright, red moving veil  
And through it as through a stained window I guessed  
A night and stars on a vague pale day pressed,  
On a same horizon desolate and pale.

Then, as I stared, suddenly before me,  
Like a fan suddenly opened, the blood-line  
Took space from side to side, leaving naught to me  
Left or right of it. Its red (...) fact  
Became a red Niagara, a cataract.  
But there were no steps, nothing: it did fall  
As if drawn in the air, over no edge, and all  
Was this and this was its own mystery.

Then lo! over the edge, no longer now,  
But empires rolled, and I saw Greece and Rome

Pass. And still over the eternal flow  
Reddened from left to right my inner sight's home  
Of seeing. And all like to God's blood did come  
Like a great rain off a huge thorn-crowned brow.

And I saw more and more strange empires roll  
Down and some I knew not, nor seeing them, guessed.  
Awhile their falling the fall's brink caressed  
Then they sunk down somewhere within my soul,  
And my soul was the soul of all the world,  
And from my (...) eyes that saw all this  
Suddenly I felt, as if a flag unfurled,  
God in me look out at these mysteries.

My eyes seemed windows of another sight  
Of someone set behind my soul in the night  
Looking through my eyes and my sight, mine own  
Was but a glass those unknown eyes looked through,  
And still the vision was blood falling down  
In cataracts into Mystery, red and slow.

I became one with world and Fate and God,  
And the great River that came on and fell  
Let me see through its veil of (...) blood  
The stars shine and a vague moonlight, then fell  
Something from me. The cataract came more near  
To my sight; then it seemed into mine eyes  
To creep to become with them and the fear  
To pass behind them into some soul (...).

Then all that did remain was the stars light  
And again in the dark infinity  
My pity and my dread alone with me  
And my dream's meaning like a paling night.

## **O heavy day that comes with so much glee**

O heavy day that comes with so much glee  
Out of the East.  
It turquoises the silence of the sea  
And makes a feast  
Of blueness of the waves that shiver and flee.

O heavy day because my love hath gone  
And taken away  
His white arms and his lips like poppies grown  
Athwart that day  
When I first saw him and felt my heart moan.

My hands are stretched towards his coming, and  
He cometh not.  
He seems a woman and his gesturing hand  
Too oft bath wrought  
Dreams of strange vice with him through my heart's sand.

He is scarce more than a child. His body is white,  
His arms lie bare  
Across my neck and cling like a delight  
Of which my share  
Is painful like a far sail in the night.

Oh, love, return! All this is dreams of thee  
Return and wake  
My trembling frame to that vile misery  
That love doth take

For his body when the lovers are such as we.

Golden-haired boy that cannot love me so  
As I love him,  
Look, life is short, our lips fade... Ay, I know  
I am ugly and dim  
But love a little or seem... Love me and go  
Yet love ere going, and then let me dream  
On what was real while life fades and goes slow..

## **Occasion cannot make me weak or strong**

Occasion cannot make me weak or strong  
For mine own soul the true occasion is,  
Nor shall I measure fact more short or long  
Except the soul's rod space exceed or miss.

Like a revolving many-coloured sphere  
My soul turns to the event one casual side,  
And shows to it what was already there;  
Its hue with the turned hue the effect decide.

So, various by position, not by shape,  
Outward in truth but by its motion's seeing,  
The produced act cannot foreseeing escape  
Save it take colour of act for shape of being.

I am the same; change cannot change me for  
More than mine own illusion of what is more.



## ODE IN CONSOLATION FOR MISFORTUNE

He that would conquer must a soldier be.  
He that a soldier will be must be made  
To bear all the hard preface of his trade,  
    All the rough training must he bear  
Whereby he shall the conqueror

.....

All pain, all failure and all woe  
These are but training we must undergo  
Ere those heights of ourselves we full can reach  
    Whence God has things to teach  
And the discarnate fate that girds us round  
    Still more to teach and more to wound.

With patience and with fortitude  
    Bear thou thy training rude,  
Support with grace thy masters that are days  
    Made of pain and amaze,  
Thy potion take, even it that potion look  
That Socrates for his divinity took.

To Aesculape the cock immolate,  
    To the Masters of thy fate  
Abandon life, thyself strong above all  
    Thy power to let things thee appall,  
By the sole virtue of thy power set far  
    Over thy power to feel fate's war.

The rest, that thing that shall remain of thee  
    When land and sky and sea  
Alike are mist in thy unseeing eyes,  
    This shall nowise  
Mater, nor all when all is thine abode,  
    Nor God himself when all is God.

## **ODE TO A WOMAN'S BODY**

For thou art two — thy woman's self and God  
Thy Presence is a (...) mystery  
Thy flesh is spirit looked on as eyes should  
When they inquire of thought what is't to see?  
Every limit is the visible road  
To an invisible infinity

## **Oh for a less meaningless horizon than the land and the sea!**

Oh for a less meaningless horizon than the land and the sea!  
Oh for a rest from places and a lapse from the sense of times!  
Waves, ever waves, to and fro ... Ever waves roll, and we  
What do we wait, what do we seek, what do we pause for and flee?  
What in us lusts for more round us than the stretch of minutes and  
climes?

Ah, and no bark to bear us towards Impossible, and that a real place,  
An attainable place, full of the depths and rests of the Unattainable!  
But ever the sea, the sea, like the passing of many a face...  
Ever the sea, and the sea runs a restless and half-hearted race  
Towards not the shore, nor the land, but what? Who can measure or tell?

No ship to bear us homeward, past earth and sea and the sky!  
None to spread sails to a breeze blowing but not with a whither!  
And ever, like a lost meaning, the sea never passing by,  
Ever the measurable sea, sad as a formless cry,  
And the most hearts can be is (to) be two and sorrow together!

To-morrow will tire us of all! But we lack heart to be tired indeed  
The purpose our souls came for is lost and never stared at...  
Let us at least by the shore construe our aches for a deed  
Into a meaningless ache and a desolate and purposeless greed...  
Become we one with the sea's lost purpose and dream and wish nothing  
but that...

## ON AN ANKLE

*A sonnet bearing the imprimatur of the inquisitor-general and other people of distinction and decency*

I had a revelation not from high.  
But from below, when thy skirt awhile lifted  
Betrayed such promise that I am not gifted  
With words that may that view well signify.

And even if my verse that thing would try,  
Hard were it, if that work came to be sifted,  
To find a word that rude would not have shifted  
There from the cold hand of Morality.

To gaze is nought; mere sight no mind hath wrecked.  
But oh! sweet lady, beyond what is seen  
What things may guess or hint at Disrespect?!

Sacred is not the beauty of a queen...  
I from thine ankle did as much suspect  
As you from this may suspect what I mean.

## **Out of a great nebula of Night and Storm**

Out of a great nebula of Night and Storm  
Borne upon a great void within our Space,  
My soul was formed and stares God in the face  
Out of that silence where there is no Form.

The empty carcase of Place  
The silent ecstasy of Hours,  
Life, like abandoned flowers,  
Thought, like a forlorn grace.

## **SALUTE TO THE SUN'S ENTRY INTO ARIES**

Now at the doorway of the coming year,  
Ye nymphs do gather and the garlands twine  
That heroes' sons will bear  
Fifty years hence in their remembering hands  
And of their fathers speak with shining eyes  
And of the war that stained the lands.

Weave ye the garlands, for the fame will pass,  
And their grandchildren of grandchildren will  
No more remember, neither care  
Who their ancestor was  
Who did that old crown, now scarce a crown, bear  
For all must pass, that Time may have his fill.

Weave ye the garlands therefore, for this hour  
Will not survive beyond the memory  
Of those yet near to it who have the power  
The hour somewhat like what it was to see.  
Weave ye the garlands, weave  
That their memory may live  
Awhile, and if that mean that fame is nought,  
Weave still the garlands with a gentle thought,  
For weaving them, know ye  
What to Time's elder shades you yet may give.  
The days are heavy with the blood of men,  
The year reels like a shattered wall  
When the wind comes out of the caves of night.  
Our minds are equal with the shaking...

We know not on what power to call  
Or which side of the Truth lies right.

Alas! alas! all sides are right in war,  
And that impartial vision born of peace,  
And that the Gods alone can have,  
Lives only in our wish that dim wars mar,  
Breathes only in the halls of our release  
From all the human things for which we crave.

But these are thoughts, and life is grief and fear.  
Weave ye the garlands, lest the coming year  
Forget, like ye, the fallen to remember  
And the victors to greet.  
Weave ye the garlands made  
Of some strange flower that lasts unto December  
And lay them at Fate's unseen feet.

Ay, for not for the heroes nor the slain  
Weave ye the garlands woven with your pain.  
Not for the fallen do your cheeks awhile  
Flush then grow pale and your proud pain smile.  
Not for a man nor for a nation do  
Your garlands outreach Time  
Perhaps and in eternal regions chime  
With the sense of their fame who were e'er true.

For Fate alone all garlands woven are.  
Unto Fate's feet the rivers of our tears  
Perennial run, nor is there aught more far



Alas! than mere Fate that outwits the sun,  
And that in circles round its empty name  
Carries the vain course of our sterile fame  
And great men as great nations equal lead  
Vainly around the frame  
Of nothing, like a wind along a mead.

Yet, whether for some man or for no man,  
Whether for personal hopes or Fate no one,  
Your garlands weave, lest the year come und span  
With days fame-empty the task e'er begun.  
Weave garlands, green glad garlands, garlands sad,  
Garlands of all sorts, if they glory mean,  
Carry your woven garlands to their grave...  
The rest is something that cannot be had -  
The void as of a ship sunk nor more seen  
Beneath the wave.

## SECOND SIGHT

Whene'er thou dost undo  
Thy dark, strange hair before the wind  
And the wind takes it up and makes it woo  
Tumult and violence in the way it sweeps  
Along the air, mingling, unmingling, undefined  
In the snake-like madness it keeps.

Then I do know  
That somewhere whence dreams come  
And passions go,  
Somewhere in that world contrary to this,  
Yet landscaped, peopled as this is,  
In a great southern sea  
There is a storm and a hurled wreck  
On rising rocks that cannot reck  
For human misery.

The two things are but one.  
Thy floating hair is that great ship undone  
In a tossed, turbulent, dashed ocean.  
Neither precedeth nor doth cause the other  
Nor are the two as brother and brother,  
But absolutely one, samely the same,  
They have somehow an equal name  
Where speech is of the essence of what is.

A real sight, like God's, should see the kiss  
Of the wind through thy hair and the far storm

One thing, - yet two things because we see two  
When we conceive them one, the double form  
Coming to oneness in what we construe.

Therefore I grieve when thou letst thy hair take  
The wind upon its long, thin, changing fingers,  
For that sight of me that translates that to  
The sterner meaning in what world I know  
Only through what in me is not here awake, -  
That sight of that mad wreck visibly lingers  
And does in my imagination ache.

Alas! all things are linked, and we know not  
Half the contents of our each casual thought.  
We never see save one little dreamed bit  
Of each feeling we have; we pass through it  
Like rapid travellers that scarce can see  
What they pass by and what they see see erringly.

What is the meaning of my writing this?  
Nothing, save that this is,  
I know not why, something I know and must  
Utter, the purpose of it being with  
That secret Being that made my body of dust  
Bear my soul's ignored presence, and that breath  
Of life that survives my each moment's death.

## **Seldom have I so inly comprehended**

Seldom have I so inly comprehended  
With a deep sense so awful and so rude  
My complete being's complete solitude  
In all its arid loneliness extended

So wholly solitude, so much unblended  
With aught else, good or ill, that might intrude  
Upon its horror limitless and nude  
Whereat my reason reels, not by (...) defended.  
And save it from itself (...)

## **She lives on the cover**

She lives on the cover  
Of a chocolate-box.  
Her wide hat comes over  
Her too golden locks.

Near her many a blossom  
Of a bad green tree  
Her hand's on her bosom  
And she looks past me.

Haply she is like  
Someone I ne'er knew,  
And can memory strike  
In a way untrue.

A vague maiden made  
Of bad printing work,  
Of colours ill-laid

.....

Haply she's someone,  
Real, person, and true  
In a world, or none,  
Our thoughts can construe.

Somehow she is there  
And that means something  
Real, but not near

Our imagining.

Why was she made that  
There and thus, if she  
Is not God-known. What  
Is reality?

Nothing that we can  
Interpret or dream  
Quite exhausts the span  
Of what she can seem.

God is very complex.  
Life is very wide.  
Who knows? She resembles  
Much that is denied.

This is idle, but  
Perhaps out of here  
Its sense may abut  
On some notion clear.

Life is shallow water,  
Dreams are ripples gone.  
To think is to falter  
What's known is unknown.

## **Ship sailing out to sea,**

Ship sailing out to sea,  
If thou canst not take me,  
Take at least with thy hope  
Of other ports my misery  
And what in me doth grope.

Ship sailing far away  
Let me dream thou canst go  
Where I at last may  
No longer live with woe  
Or with grief stay.

Ship sailing out to Death  
Go far, go far  
Under the breath  
Of the wind, while the star  
Of Fate listeneth.

Ship that are not anywhere,  
But that I dream,  
That is why you art fair.  
Sail or sail not... Seem  
To sail. That is all. Where?

Ship that I dream and fades  
In my dreams distance, go  
There are happier glades  
Beyond where I know

But this is today and woe.



## **Sometimes in the middle of life a change**

Sometimes in the middle of life a change  
Suddenly comes like an alienation  
A sense of voidness enormous, strange  
And a void, deep desolation.

A sense of being left alone  
And more and more than abandoned  
(...)  
'Tis a sense half as if I were dead.

## **Sorrow came and wept**

Sorrow came and wept

By my side.

Slow and light she stept

As I walked towards God

By my side.

But I can never find that Great Abode,

And there is darkness in Descried.

## **Sorrow no more for the faded rose,**

Sorrow no more for the faded rose,  
Nor of the yellow lily despair.  
These, as we see them, are but their shows.  
They are elsewhere.

Tis but their shadow lives in our light.  
As we see them (...)  
They live more truly in our delight  
Than in their forms.

The beauty they had was never lost,  
It moved away  
From the present hour and the form once tossed  
Into space and day.

But the undying essence of the (...)

The rose that faded from yesterday  
Is where yesterday is.  
I shall have again the flower and the day,  
The self and the bliss.

## **Sorrow sits by my side**

Sorrow sits by my side  
Fondling my careless hair.  
She is the lady of golden  
Gestures to silence beholden.  
Only she does not deride  
My dreams and what makes them fair.

Now she doth cease and whisper  
The use of dreams to my soul.  
She tells me they mean God's blessing  
The spirit's shining releasing  
From the world's weight and sister  
To life's unchanging whole.

## **SPELL**

From the moonlit brink of dreams

I stretch foiled hands to thee,

O borne down other streams

Than eye can think to see!

O crowned with spirit-beams!

O veiled spirituality!

My dreams and thoughts abate

Their pennons at thy feet,

O angel born too late

For fallen men to meet!

In what new sensual state

Could our twined lives feel sweet?

What new emotion must

I dream to think thee mine?

What purity of lust?

O tendrilled as a vine

Around my caressed trust!

O dream-pressed spirit-wine!

## **Tell me again the music of that tale**

Tell me again the music of that tale  
Thy nurse wit sang so oft by my soul's bed,  
Whose words and persons from my memory fade,  
But in the melody remembered.

Thou mightst shift all the pawns of that told game  
And, so the music made it far off be,  
I shall still hear the tale as if the same,  
Far bark on seas of the same melody.

What fairy castles and closed beauties lie  
On moonlight of not-life away from where  
Loss is, truth kills, what charms must be put by,  
And but the still-to-be keeps fresh & fair.

What matter the song, so by it the soul weeps  
Lost kinship with its antenatal sleeps?

**The day is glad and golden.**

The day is glad and golden.  
Over the sunhit beach  
The waves do gladly embolden  
Their crisp and clinging reach.

Would I were one as they  
With the natural hour,  
With the wide sunlit day  
And the ancient sea's power.

I would not be here weeping  
That I am not aught else,  
My waking would be a sleeping  
Like this of the sea swells

Not like an outcast from  
A home I never knew  
Would I be pining for home,  
.....

Not like a tossed sea-weed  
Between the wave and the wave,  
And restless with a mute greed  
For something I cannot have.

Something I cannot even dream,  
Some spent life I know not...  
Oh how fair would nature seem

Were it not for thought!

Dark is the golden day  
Unto mine eyes that stare  
Brightness and joy away  
From sky and shore and here.

Dead is the changing sea,  
The wind a monotone,  
Oh ever to be he  
That never is but alone,

I cannot dream of heaven,  
Nor create one in the hour...  
Pass, day, and ask not even  
For my grateful eyes' dower...



**The day is sad as I am sad,**

The day is sad as I am sad,  
But that no moment can abate  
That pang that is all I have had  
To take with me and see and feel  
While life goes by like a mere wheel.

No. Deeper things than skies and plains  
Are dark and lower'd o'er in me.  
My sorrows are more empty pains  
Than of which plains landscapes can symbols be.  
And my own [?] weight of life and self  
Resembles nothing but itself.

## **The master said you must not heed**

The Master said you must not heed  
What others talk of at their need

Under the happy trees they sit  
That talk of nothing and of wit.  
Under the silent trees they stand  
That talk of mirth and no man's land.  
Under the sulky trees they lie  
That wonder of the earth and sky.

This was the matter of the song  
No one could sing or well or long.  
This was the substance of the tale  
No one could tell unless it fail.  
This was the subject of the verse  
The last one made, lest earth be worse.

So the collateral nightingale  
Forgot its music and its tale.  
So the lark rose and found but air  
And false dominion everywhere.  
So the dropt eagle, losing prey,  
Swept by and owned but the void day.

Yet what the secret of all this  
May be or was none now can guess.  
Perhaps beyond what thought defines,  
Like wine drawn from sleep-smothered vines,

There lies some chance that some one may  
Make shade and sleep of yesterday.

But whether this be sense or nought,  
Surely it was a careful thought  
To have the lawn so nicely laid  
Out and the critics all gainsaid.  
It was the reason and the home.  
The rest is why tis right to roam.

## **The sky is a great turquoise shining glee**

The sky is a great turquoise shining glee,  
All the earth is gathered up in the blue sea  
Ev'n the green fields tend thereto in their joy,  
The whole day playeth like a happy boy  
Among the dales the hours build with their glee.

How happy, had I no cares, would I be!

But there is too much sorrow in mere seeing  
The feminine disease of consciousness  
Eats like a worm into the source of being.  
The very thought I live gives me distress.  
My heart is felt by me like some heavy place.

**There is no peace save where I am not,**

There is no peace save where I am not,  
The woods are gay where I never pass,  
Nothing but shadows are where my thought  
Plunges its feet in the moist dead grass.

Nothing save shadows and day elsewhere  
Waiting for those that await and hope.  
A horror lays its wind on my hair,  
And a cold hand does for my cold hand grope.

Yet nothing in me save pain merits this,  
Nothing in me save this merits pain.  
Oh, Mother of Shadows, whose ice-dead kiss  
Is madness, hasten towards my brain!

**Thou needst not scorn me. All my praise of thee**

Thou needst not scorn me. All my praise of thee  
Though't be of that which opens men's desire  
(Being of thy beauty), from desire is free.  
My flame upon thine altars has no fire.

Beauty should beauty mate, lest by addition  
It do subtraction suffer. So I name  
Thy true mate beautiful. Thus my perdition  
Myself desire and mine own love disclaim.

That this renouncement of the very thought  
Of thy possible love, were't such or no,  
Gives pain, is sure; yet the pain given does not  
From the renouncement, but its reason, flow.

The gods that fated me not beautiful  
Fated this just renouncement possible.

## **Wake with the Sun, wake with the morn**

Wake with the Sun, wake with the morn  
Wake with the coming day,  
Be with the dew and the flush new born,  
But, unlike them, stay!

Mists fall of from what thou art  
They are what we see.  
Come and enter into our heart  
And let life be.

The morn belongs to the empty world  
Men are later here.  
Come and let life be slowly unfurled  
Off thee like fear.

And in thy terrible being but thou  
Sans body nor soul  
Pour all thy balm on my saddened brow,  
And make my hope whole!

## **Was it the lyrical nightingale**

Was it the lyrical nightingale  
Forgot this music or told this tale?  
A murmur of sorrow within me moves  
Among the ghosts of unfound loves,  
A breath of loss; like a lily faded,  
By nought but the spell of that music aided.

I dream, and the sadness of being alive  
Is like a mist round the things that strive  
For an uttered word or a sense of being.  
What sickness of having no seeing but seeing  
Haunts with a murmur, thrills with a fear  
The unnatural sense of my being here?

Nothing: the moonlight. Nothing: the breeze.  
For sure there are, on remoter seas  
Than mere containing of thoughts and dreams,  
More earthless sorrows, less lucid gleams.  
Care, and the fret of not having aught  
If there, yet weigh not on life and thought.

Was it the music that came or ended?  
Was it that it lost me or that it blended  
With that of me that was born to hear it?  
A voiceless sighing incarnate spirit,  
A murmur of waters that somewhere shine,  
A moonlight of dreaming it, a curious wine,



A splendour of opening vision to stars  
No separateness from seeing them mars,  
A clarion of moon-morn issuing from  
The earliest place before love and home —  
This, and the music I scarce can hear ...  
Lie still, my heart! be a dream, my fear!

## **When shall we rest?**

When shall we rest?  
The ceaseless waves  
They have no quest.  
The trees peace-rife.  
Their lifeless life  
From sorrow saves.

When shall we go?  
Whither? We care  
Nothing to know.  
Sorrow is here.  
Aught may us cheer  
Now of dim there.

What in us shall  
Cease and leave peace?  
Life holds in thrall  
Our joy like pain,  
Our loss-like gain,  
Our stayed release.

Love cannot bless.  
Bliss cannot live.  
Joy's short caress  
Passes like wind  
Suddenly thinned  
We dream and grieve.

Outward from us  
There lies the land  
Less luminous,  
Where we may rest,  
Leaving all quest.  
Wishing no strand.

Ready the bark  
For our repose.  
Let us embark.  
The sea is lone?  
We are alone,  
Pain but pain shows.

Remember nought.  
Cease like a light  
Suddenly not.  
Merge like a dream  
Into the stream  
Of its own night.

## **When slattern Time, worn out with toil of wearing,**

When slattern Time, worn out with toil of wearing,  
With loose-tied pack shall trudge upon my years,  
And I shall feel that forced occasion nearing  
That despair's self (that must live to be) fears,

I, being beggared of all wealth of hope -  
So prodigal have I to wishes been -  
Shall with known uselessness for the coin grope  
To pay that the hour's ending be serene.

I shall not enter the great silent cave  
With curious ardour, or ease out of sun,  
But all that with me I shall then still have  
Will be a coward rage that all is done.

No hope the cave's a passage shall control  
Fear of the immediate night of the shown hole.

## **Why do I desire**

Why do I desire  
What I do not need?  
Why does my soul, like fire,  
Or a hot abstract greed,  
Seek all that is higher?

Why, if not because  
It is a soul? (...)  
Who can know the cause  
When it lies in its whole  
Hidden in (...) laws?

Yet this matters not.  
What matters is pining  
And that stress of thought  
That comes of divining  
What to wish that may not be got.

## 35 SONNETS

### I

Whether we write or speak or do but look  
We are ever unapparent. What we are  
Cannot be transfused into word or book.  
Our soul from us is infinitely far.  
However much we give our thoughts the will  
To be our soul and gesture it abroad,  
Our hearts are incommunicable still.  
In what we show ourselves we are ignored.  
The abyss from soul to soul cannot be bridged  
By any skill of thought or trick of seeming.  
Unto our very selves we are abridged  
When we would utter to our thought our being.  
We are our dreams of ourselves, souls by gleams,  
And each to each other dreams of others' dreams.

### II

If that apparent part of life's delight  
Our tingled flesh-sense circumscribes were seen  
By aught save reflex and co-carnal sight,  
Joy, flesh and life might prove but a gross screen.  
Haply Truth's body is no eyable being,  
Appearance even as appearance lies,  
Haply our close, dark, vague, warm sense of seeing  
Is the choked vision of blindfolded eyes.  
Wherefrom what comes to thought's sense of life? Nought.  
All is either the irrational world we see  
Or some aught-else whose being-unknown doth rot

Its use for our thought's use. Whence taketh me  
A qualm-like ache of life, a body-deep  
Soul-hate of what we seek and what we weep.

### III

When I do think my meanest line shall be  
More in Time's use than my creating whole,  
That future eyes more clearly shall feel me  
In this inked page than in my direct soul;  
When I conjecture put to make me seeing  
Good readers of me in some aftertime,  
Thankful to some idea of my being  
That doth not even my with gone true soul rime;  
An anger at the essence of the world,  
That makes this thus, or thinkable this-wise,  
Takes my soul by the throat and makes it hurled  
In nightly horrors of despaired surmise,  
And I become the mere sense of a rage  
That lacks the very words whose waste might 'suage.

### IV

I could not think of thee as piecèd rot,  
Yet such thou wert, for thou hadst been long dead;  
Yet thou liv'dst entire in my seeing thought  
And what thou wert in me had never fled.  
Nay, I had fixed the moments of thy beauty —  
Thy ebbing smile, thy kiss's readiness,  
And memory had taught my heart the duty  
To know thee ever at that deathlessness.  
But when I came where thou wert laid, and saw

The natural flowers ignoring thee sans blame,  
And the encroaching grass, with casual flaw,  
Framing the stone to age where was thy name,  
I knew not how to feel, nor what to be  
Towards thy fate's material secrecy.

## V

How can I think, or edge my thoughts to action,  
When the miserly press of each day's need  
Aches to a narrowness of spilled distraction  
My soul appalled at the world's work's time-greed?  
How can I pause my thoughts upon the task  
My soul was born to think that it must do  
When every moment has a thought to ask  
To fit the immediate craving of its cue?  
The coin I'd heap for marrying my Muse  
And build our home i'th' greater Time-to-be  
Becomes dissolved by needs of each day's use  
And I feel beggared of infinity,  
Like a true-Christian sinner, each day flesh-driven  
By his own act to forfeit his wished heaven.

## VI

As a bad orator, badly o'er-book-skilled,  
Doth overflow his purpose with made heat,  
And, like a clock, winds with withoutness willed  
What should have been an inner instinct's feat;  
Or as a prose-wit, harshly poet turned,  
Lacking the subtler music in his measure,  
With useless care labours but to be spurned,



Courting in alien speech the Muse's pleasure;  
I study how to love or how to hate,  
Estranged by consciousness from sentiment,  
With a thought feeling forced to be sedate  
Even when the feeling's nature is violent;  
As who would learn to swim without the river,  
When nearest to the trick, as far as ever.

## VII

Thy words are torture to me, that scarce grieve thee —  
That entire death shall null my entire thought;  
And I feel torture, not that I believe thee,  
But that I cannot disbelieve thee not.  
Shall that of me that now contains the stars  
Be by the very contained stars survived?  
Thus were Fate all unjust. Yet what truth bars  
An all unjust Fate's truth from being believed?  
Conjecture cannot fit to the seen world  
A garment of its thought untorn or covering,  
Or with its stuffed garb forge an otherworld  
Without itself its dead deceit discovering;  
So, all being possible, an idle thought may  
Less idle thoughts, self-known no truer, dismay.

## VIII

How many masks wear we, and undermasks,  
Upon our countenance of soul, and when,  
If for self-sport the soul itself unmask,  
Knows it the last mask off and the face plain?  
The true mask feels no inside to the mask

But looks out of the mask by co-masked eyes.  
Whatever consciousness begins the task  
The task's accepted use to sleepness ties.  
Like a child frightened by its mirrored faces,  
Our souls, that children are, being thought-losing,  
Foist otherness upon their seen grimaces  
And get a whole world on their forgot causing;  
And, when a thought would unmask our soul's masking,  
Itself goes not unmasked to the unmasking.

## IX

Oh to be idle loving idleness!  
But I am idle all in hate of me;  
Ever in action's dream, in the false stress  
Of purposed action never act to be.  
Like a fierce beast self-penned in a bait-lair,  
My will to act binds with excess my action,  
Not-acting coils the thought with raged despair,  
And acting rage doth paint despair distraction.  
Like someone sinking in a treacherous sand,  
Each gesture to deliver sinks the more;  
The struggle avails not, and to raise no hand,  
Though hut more slowly useless, we've no power.  
Hence live I the dead life each day doth bring,  
Repurposed for next day's repurposing.

## X

As to a child, I talked my heart asleep  
With empty promise of the coming day,  
And it slept rather for my words made sleep

Than from a thought of what their sense did say.  
For did it care for sense, would it not wake  
And question closer to the morrow's pleasure?  
Would it not edge nearer my words, to take  
The promise in the meting of its measure?  
So, if it slept, 'twas that it cared but for  
The present sleepy use of promised joy,  
Thanking the fruit but for the forecome flower  
Which the less active senses best enjoy.  
Thus with deceit I detain the heart  
Of which deceit's self knows itself a part.

## XI

Like to a ship that storms urge on its course,  
By its own trials our soul is surer made.  
The very things that make the voyage worse  
Do make it better; its peril is its aid.  
And, as the storm drives from the storm, our heart  
Within the peril disimperilled grows;  
A port is near the more from port we part —  
The port whereto our driven direction goes.  
If we reap knowledge to cross-profit, this  
From storms we learn, when the storm's height doth drive —  
That the black presence of its violence is  
The pushing promise of near far blue skies.  
Learn we but how to have the pilot-skill,  
And the storm's very might shall mate our will.

## XII

As the lone, frightèd user of a night-road

Suddenly turns round, nothing to detect,  
Yet on his fear's sense keepeth still the load  
Of that brink-nothing he doth but suspect;  
And the cold terror moves to him more near  
Of something that from nothing casts a spell,  
That, when he moves, to fright more is not there,  
And's only visible when invisibie:  
So I upon the world turn round in thought,  
And nothing viewing do no courage take,  
But my more terror, from no seen cause got,  
To that felt corporate emptiness forsake,  
And draw my sense of mystery's horror from  
Seeing no mystery's mystery alone.

### **XIII**

When I should be asleep to mine own voice  
In telling thee how much thy love's my dream,  
I find me listening to myself, the noise  
Of my words othered in my hearing them.  
Yet wonder not: this is the poet's soul.  
I could not tell thee well of how I love,  
Loved I not less by knowing it, were all  
My self my love and no thought love to prove.  
What consciousness makes more by consciousness,  
It makes less, for it makes it less itself.  
My sense of love could not my love rich-dress  
Did it not for it spend love's own love-pelf.  
Poet's love's this (as in these words I prove thee):  
I love my love for thee more than I love thee.

#### XIV

We are born at sunset and we die ere morn,  
And the whole darkness of the world we know,  
How can we guess its truth, to darkness born,  
The obscure consequence of absent glow?  
Only the stars do teach us light. We grasp  
Their scattered smallnesses with thoughts that stray,  
And, though their eyes look through night's complete mask,  
Yet they speak not the features of the day.  
Why should these small denials of the whole  
More than the black whole the pleased eyes attract?  
Why what it calls «worth» does the captive soul  
Add to the small and from the large detract?  
So, out of light's love wishing it night's stretch,  
A nightly thought of day we darkly reach.

#### XV

Like a bad suitor desperate and trembling  
From the mixed sense of being not loved and loving,  
Who with feared longing half would know, dissembling  
With what he'd wish proved what he fears soon proving,  
I look with inner eyes afraid to look,  
Yet perplexed into looking, at the worth  
This verse may have and wonder, of my book,  
To what thoughts shall't in alien hearts give birth.  
But, as he who doth love, and, loving, hopes,  
Yet, hoping, fears, fears to put proof to proof,  
And in his mind for possible proofs gropes,  
Delaying true proof, lest the real thing scoff,  
I daily live, i'th' fame I dream to see,

But by my thought of others' thought of me.

## XVI

We never joy enjoy to that full point  
Regret doth wish joy had enjoyed been,  
Nor have the strength regret to disappoint  
Recalling not past joy's thought, but its mien.  
Yet joy was joy when it enjoyed was  
And after-enjoyed when as joy recalled,  
It must have been joy ere its joy did pass  
And, recalled, joy still, since its being-past galled.  
Alas! All this is useless, for joy's in  
Enjoying, not in thinking of enjoying.  
Its mere thought-mirroring gainst itself doth sin,  
By mere reflecting solid life destroying.  
Yet the more thought we take to thought to prove  
It must not think, doth further from joy move.

## XVII

My love, and not I, is the egoist.  
My love for thee loves itself more than thee;  
Ay, more than me, in whom it doth exist,  
And makes me live that it may feed on me.  
In the country of bridges the bridge is  
More real than the shores it doth unsever;  
So in our world, all of Relation, this  
Is true — that truer is Love than either lover.  
This thought therefore comes lightly to Doubt's door —  
If we, seeing substance of this world, are not  
Mere Intervals, God's Absence and no more,

Hollows in real Consciousness and Thought.  
And if 'tis possible to Thought to bear this fruit,  
Why should it not be possible to Truth?

### **XVIII**

Indefinite space, which, by co-substance night,  
In one black mystery two void mysteries blends;  
The stray stars, whose innumerable light  
Repeats one mystery till conjecture ends;  
The stream of time, known by birth-bursting bubbles;  
The gulf of silence, empty even of nought;  
Thought's high-walled maze, which the outed owner troubles  
Because the string's lost and the plan forgot:  
When I think on this and that here I stand,  
The thinker of these thoughts, emptily wise,  
Holding up to my thinking my thing-hand  
And looking at it with thought-alien eyes,  
The prayer of my wonder looketh past  
The universal darkness lone and vast.

### **XIX**

Beauty and love let no one separate,  
Whom exact Nature did to each other fit,  
Giving to Beauty love as finishing fate  
And to Love beauty as true colour of it.  
Let he but friend be who the soul finds fair,  
But let none love outside the body's thought,  
So the seen couple's togetherness shall bear  
Truth to the beauty each in the other sought.  
I could but love thee out of mockery

Of love and thee and mine own ugliness;  
Therefore thy beauty I sing and wish not thee,  
Thanking the Gods I long not out of place  
Lest, like a slave that for kings' robes doth long,  
Obtained, shall with mere wearing do them wrong.

## XX

When in the widening circle of rebirth  
To a new flesh my travelled soul shall come,  
And try again the unremembered earth  
With the old sadness for the immortal home,  
Shall I revisit these same differing fields  
And cull the old new flowers with the same sense,  
That some small breath of foiled remembrance yields.  
Of more age than my days in this pretence?  
Shall I again regret strange faces lost  
Of which the present memory is forgot  
And but in unseen bulks of vagueness tossed  
Out of the closed sea and black night of Thought?  
Were thy face one, what sweetness will't not be.  
Though by blind feeling, to remember thee!

## XXI

Thought was born blind, but Thought knows what is seeing.  
Its careful touch, deciphering forms from shapes,  
Still suggests form as aught whose proper being  
Mere finding touch with erring darkness drapes.  
Yet whence, except from guessed sight, does touch teach  
That touch is but a close and empty sense?  
How does more touch, self-uncontented, reach



For some truer sense's whole intelligence?  
The thing once touched, if touch be now omitted,  
Stands yet in memory real and outward known,  
So the untouching memory of touch is fitted  
With sense of a sense whereby far things are shown  
So, by touch of untouching, wrongly aright,  
Touch' thought of seeing sees not things but Sight.

## XXII

My soul is a stiff pageant, man by man,  
Of some Egyptian art than Egypt older,  
Found in some tomb whose rite no guess can scan,  
Where all things else to coloured dust did moulder.  
Whate'er its sense may mean, its age is twin  
To that of priesthoods whose feet stood near God,  
When knowledge was so great that 'twas a sin  
And man's mere soul too man for its abode.  
But when I ask what means that pageant I  
And would look at it suddenly, I lose  
The sense I had of seeing it, nor can try  
Again to look, nor hath my memory a use  
That seems recalling, save that it recalls  
An emptiness of having seen those walls.

## XXIII

Even as upon a low and cloud-domed day,  
When clouds are one cloud till the horizon.  
Our thinking senses deem the sun away  
And say «'tis sunless» and «there is no sun»;  
And yet the very day they wrong truth by

Is of the unseen sun's effluent essence,  
The very words do give themselves the lie,  
The very thought of absence comes from presence:  
Even so deem we through Good of what is evil.  
He speaks of light that speaks of absent light,  
And absent god, becoming present devil,  
Is still the absent god by essence' right.  
The withdrawn cause by being withdrawn doth get  
(Being thereby cause still) the denied effect.

#### XXIV

Something in me was born before the stars  
And saw the sun begin from far away.  
Our yellow, local day on its wont jars,  
For it hath communed with an absolute day.  
Through my Thought's night, as a worn robe's heard trail  
That I have never seen, I drag this past  
That saw the Possible like a dawn grow pale  
On the lost night before it, mute and vast.  
It dates remoter than God's birth can reach,  
That had no birth but the world's coming after.  
So the world's to me as, after whispered speech,  
The cause-ignored sudden echoing of laughter.  
That 't has a meaning my conjecture knows,  
But that 't has meaning's all its meaning shows.

#### XXV

We are in Fate and Fate's and do but lack  
Outness from soul to know ourselves its dwelling,  
And do but compel Fate aside or back

By Fate's own immanence in the compelling.  
We are too far in us from outward truth  
To know how much we are not what we are,  
And live but in the heat of error's youth,  
Yet young enough its acting youth to ignore.  
The doubleness of mind fails us, to glance  
At our exterior presence amid things,  
Sizing from otherness our countenance  
And seeing our puppet will's act-acting strings.  
An unknown language speaks in us, which we  
Are at the words of, fronted from reality.

## XXVI

The world is woven all of dream and error  
And but one sureness in our truth may lie —  
That when we hold to aught our thinking's mirror  
We know it not by knowing it thereby.  
For but one side of things the mirror knows,  
And knows it colded from its solidness.  
A double lie its truth is; what it shows  
By true show's false and nowhere by true place.  
Thought clouds our life's day-sense with strangeness, yet  
Never from strangeness more than that it's strange  
Doth buy our perplexed thinking, for we get  
But the words' sense from words — knowledge, truth, change.  
We know the world is false, not what is true.  
Yet we think on, knowing we ne'er shall know.

## XXVII

How yesterday is long ago! The past

Is a fixed infinite distance from to-day,  
And bygone things, the first-lived as the last,  
In irreparable sameness far away.  
How the to-be is infinitely ever  
Out of the place wherein it will be Now,  
Like the seen wave yet far up in the river,  
Which reaches not us, but the new-waved flow!  
This thing Time is, whose being is having none,  
The equable tyrant of our different fates,  
Who could not be bought off by a shattered sun  
Or tricked by new use of our careful dates.  
This thing Time is, that to the grave will bear  
My heart, sure but of it and of my fear.

### **XXVIII**

The edge of the green wave whitely doth hiss  
Upon the wetted sand. I look, yet dream.  
Surely reality cannot be this!  
Somehow, somewhere this surely doth but seem!  
The sky, the sea, this great extent disclosed  
Of outward joy, this bulk of life we feel,  
Is not something, but something interposed.  
Only what in this is not this is real.  
If this be to have sense, if to be awake  
Be but to see this bright, great sleep of things  
For the rarer potion mine own dreams I'll take  
And for truth commune with imaginings,  
Holding a dream too bitter, a too fair curse,  
This common sleep of men, the universe.

## XXIX

My weary life, that lives unsatisfied  
On the foiled off-brink of being e'er but this,  
To whom the power to will hath been denied  
And the will to renounce doth also miss;  
My sated life, with having nothing sated,  
In the motion of moving poisèd aye,  
Within its dreams from its own dreams abated —  
This life let the Gods change or Lake away.  
For this endless succession of empty hours,  
Like deserts after deserts, voidly one,  
Doth undermine the very dreaming powers  
And dull even thought's active inaction,  
Tainting with fore-unwilled will the dreamed act  
Twice thus removed from the unobtained fact.

## XXX

I do not know what truth the false untruth  
Of this sad sense of the seen world may own,  
Or if this flowered plant bears also a fruit  
Unto the true reality unknown.  
But as the rainbow, neither earth's nor sky's,  
Stands in the dripping freshness of lulled rain,  
A hope, not real yet not fancy's lies  
Athwart the moment of our ceasing pain.  
Somehow, since pain is felt yet felt as ill,  
Hope hath a better warrant than being hoped;  
Since pain is felt as aught we should not feel  
Man hath a Nature's reason for having groped,  
Since Time was Time and age and grief his measures,

Towards a better shelter than Time's pleasures.

### XXXI

I am older than Nature and her Time  
By all the timeless age of Consciousness,  
And my adult oblivion of the clime  
Where I was born makes me not countryless.  
Ay, and dim through my daylight thoughts escape  
Yearnings for that land where my childhood dreamed,  
Which I cannot recall in colour or shape  
But haunts my hours like something that hath gleamed  
And yet is not as light remembered,  
Nor to the left or to the right conceived;  
And all round me tastes as if life were dead  
And the world made but to be disbelieved.  
Thus I my hope on unknown truth lay; yet  
How but by hope do I the unknown truth get?

### XXXII

When I have sense of what to sense appears,  
Sense is sense ere 'tis mine or mine in me is.  
When I hear, Hearing, ere I do hear, hears.  
When I see, before me abstract Seeing sees.  
I am part Soul part I in all I touch —  
Soul by that part I hold in common with all,  
And I the spoiled part, that doth make sense such  
As I can err by it and my sense mine call.  
The rest is wondering what these thoughts may mean,  
That come to explain and suddenly are gone,  
Like messengers that mock the message' mien,

Explaining all but the explanation;  
As if we a ciphered letter's cipher hit  
And find it in an unknown language writ.

### XXXIII

He that goes back does, since he goes, advance,  
Though he doth not advance who goeth back,  
And he that seeks, though he on nothing chance  
May still by words be said to find a lack.  
This paradox of having, that is nought  
In the world's meaning of the things it screens,  
Is yet true of the substance of pure thought  
And there means something by the nought it means.  
For thinking nought does on nought being confer,  
As giving not is acting not to give,  
And, to the same unbribed true thought, to err  
Is to find truth, though by its negative.  
So why call this world false, if false to be  
Be to be aught, and being aught Being to be?

### XXXIV

Happy the maimed, the halt, the mad, the blind —  
All who, stamped separate by curtailing birth,  
Owe no duty's allegiance to mankind  
Nor stand a valuing in their scheme of worth!  
But I, whom Fate, not Nature, did curtail,  
By no exterior voidness being exempt,  
Must bear accusing glances where I fail,  
Fixed in the general orbit of contempt.  
Fate, less than Nature in being kind to lacking,

Giving the ill, shows not as outer cause,  
Making our mock-free will the mirror's backing  
Which Fate's own acts as if in itself shows;  
And men, like children, seeing the image there,  
Take place for cause and make our will Fate bear.

**XXXV**

Good. I have done. My heart weighs. I am sad.  
The outer day, void statue of lit blue,  
Is altogether outward, other, glad  
At mere being not-I (so my aches construe).  
I, that have failed in everything, bewail  
Nothing this hour but that I have bewailed,  
For in the general fate what is't to fail?  
Why, fate being past for Fate, 'tis but to have failed.  
Whatever hap or stop, what matters it,  
Sith to the mattering our will bringeth nought?  
With the higher trifling let us world our wit,  
Conscious that, if we do't, that was the lot  
The regular stars bound us to, when they stood  
Godfathers to our birth and to our blood.



## POEMAS INGLESES

### EPITHALAMIUM

#### I

Set ope ali shutters, that the day come in  
Like a sea or a din!  
Let not a nook of useless shade compel  
Thoughts of the night, or tell  
The mind's comparing that some things are sad,  
For this day all are glad!  
'Tis morn, 'tis open morn, the full sun is  
Risen from out the abyss  
Where last night lay beyond the unseeu rim  
Of the horizon dim.  
Now is the bride awaking. Lo! she starts  
To feel the 'day is home  
Whose too-near night will put two different hearts  
To beat as near as flesh can let them come.  
Guess how she joys in her feared going, nor opes  
Her eyes for fear of fearing at her joy.  
Now is the pained arrival of all hopes.  
With the half-thought she scarce knows how to toy.  
Oh, let her wait a moment or a day  
And prepare for the fray  
For which her thoughts not ever quite prepare!  
With the real day's arrival she's half wroth.  
Though she wish what she wants, she yet doth stay  
Her dreams yet mergèd are  
In the slow verge of sleep, which idly doth

The accurate hope of things remotely mar.

## II

Part from the windows the small curtains set  
Sight more than light to omit!  
Look on the general fields, how bright they lie  
Under the broad blue sky,  
Cloudless, and the beginning of the heat  
Does the sight half ill-treat!  
The bride hath wakened. Lo! she feels her shaking  
Heart better all her waking!  
Her breasts are with fear's coldness inward clutched  
And more felt on her gown,  
That will by hands other than hers be touched  
And will find lips sucking their budded crown.  
Lo! the thought of the bridegroom's hands already  
Feels her about where even her hands are shy,  
And her thoughts shrink till they become unready.  
She gathers up her body and still doth lie.  
She vaguely lets her eyes feel opening.  
In a fringed mist each thing  
Looms, and the present day is truly clear  
But to her sense of fear.  
Like a hue, light lies on her lidded sight,  
And she half hates the inevitable light.

## III

Open the windows and the doors all wide  
Lest aught of night abide,  
Or, like a ship's trail in the sea, survive

What made it there to live!  
She lies in bed half waiting that her wish  
Grow bolder or more rich  
To make her rise, or poorer, to oust fear,  
And she rise as a common day were here.  
That she would be a bride in bed with man  
The parts where she is woman do insist  
And send up messages that shame doth ban  
From being dreamed but in a shapeless mist.  
She opes her eyes, the ceiling sees above  
Shutting the small alcove,  
And thinks, till she must shut her eyes again.  
Another ceiling she this night will know,  
Another house, another bed, she lain  
In a way she half guesses; so  
She shuts her eyes to see not the room she  
Soon will no longer see.

#### IV

Let the wide light come through the whole house now  
Like a herald with brow  
Garlanded round with roses and those leaves  
That love for its love weaves!  
Between her and the ceiling this day's ending  
A man's weight will be bending.  
Lo! with the thought her legs she twines, well knowing  
A hand will part them then;  
Fearing that entering in her, that allowing  
That will make softness begin rude at pain.  
If ye, glad sunbeams, are inhabited

By sprites or gnomes that dally with the day,  
Whisper her, if she shrink that she'll be bled,  
That love's large bower is doored in this small way.

## V

Now will her grave of untorn maidenhood  
Be dug in her small blood.  
Assemble ye at that glad funeral  
And weave her scarlet pall,  
O pinings for the flesh of man that often  
Did her secret hours soften  
And take her willing and unwilling hand  
Where pleasure starteth up.  
Come forth, ye moted gnomes, unruly band,  
That come so quick ye spill your brimming cup;  
Ye that make youth young and flesh nice  
And the glad spring and summer sun arise;  
Ye by whose secret presence the trees grow  
Green, and the flowers bud, and birds sing free,  
When with the fury of a trembling glow  
The bull climbs on the heifer mightily!

## VI

Sing at her window, ye heard early wings  
In whose song joy's self sings!  
Buzz in her room along her loss of sleep,  
O small flies, tumble and creep  
Along the counterpane and on her fingers  
In mating pairs. She lingers.  
Along her joined-felt legs a prophecy

Creeps like an inward hand.  
Look how she tarries! Tell her: fear not glee!  
Come up! Awake! Dress for undressing! Stand!  
Look how the sun is altogether all!  
Life hums around her senses petalled dose.  
Come up! Come Up! Pleasure must thee befall!  
Joy to be plucked, O yet ungathered rose!

## VII

Now is she risen. Look how she looks down,  
After her slow down-slid night-gown,  
On her unspotted while of nakedness  
Save where the beast's difference from her white frame  
Hairily triangling black below doth shame  
Her to-day's sight of it, till the caress  
Of the chemise cover her body. Dress!  
Stop not, sitting upon the bed's hard edge,  
Stop not to wonder at by-and-bye, nor guess!  
List to the rapid birds i'th' window ledge!  
Up, up and washed! Lo! she is up half-gowned,  
For she lacks hands to have power to button fit  
The white symbolic wearing, and she's found  
By her maids thus, that come to perfect it.

## VIII

Look how over her seeing-them-not her maids  
Smile at each other their same thought of her!  
Already is she deflowered in others' thoughts.  
With curious carefulness of inlocked braids,  
With hands that in the sun minutely stir,

One works her hair into concerted knots.  
Another buttons tight the gown; her hand,  
Touching the body's warmth of life, doth band  
Her thoughts with the rude bridegroom's hand to be.  
The first then, on the veil placed mistily,  
Lays on her head, her own head sideways leaning,  
The garland soon to have no meaning.  
The first then, on the veil placed mistily,  
Fit close the trembling feet, and her eyes see  
The stockinged leg, road upwards to that boon  
Where all this day centres its revelry.

## IX

Now is she gowned completely, her face won  
To a flush. Look how the sun  
Shines hot and how the creeper, loosed, doth strain  
To hit the heated pane!  
She is all white, all she's awaiting him.  
Her eyes are bright and dim.  
Her hands are cold, her lips are dry, her heart  
Pants like a pursued hart.

## X

Now is she issued. List how all speech pines  
Then bursts into a wave of speech again!  
Now is she issued out to where the guests  
Look on her daring not to look at them.  
The hot sun outside shines.  
A sweaty oiliness of hot life rests  
On the day's face this hour.

A mad joy's pent in each warm thing's hushed power.

## XI

Hang with festoons and wreaths and coronals  
The corridors and halls!  
Be there all round the sound of gay bells ringing!  
Let there be echoing singing!  
Pour out like a libation all your joy!  
Shout, even ye children, little maid and boy  
Whose belly yet unfurred yet whitely decks  
A sexless thing of sex!  
Shout out as if ye knew what joy this is  
You clap at in such bliss!

## XII

This is the month and this the day.  
Ye must not stay.  
Sally ye out and in warm clusters move  
To where beyond the trees the belfry's height  
Does in the blue wide heaven a message prove,  
Somewhat calm, of delight.  
Now flushed and whispering loud sally ye out  
To church! The sun pours on the ordered rout,  
And all their following eyes clasp round the bride:  
They feel like hands her bosom and her side;  
Like the inside of the vestment next her skin,  
They round her round and fold each crevice in;  
They lift her skirts up, as to tease or woo  
The cleft hid thing below;  
And this they think at her peeps in their ways

And in their glances plays.

### **XIII**

No more, no more of church or feast, for these  
Are outward to the daym, like the green trees  
That flank the road to church and the same road  
Back from the church, under a higher sun trod.  
These have no more part than a floor or wall  
In the great day's true ceremonial.  
The guests themselves, no less than they that wed,  
Hold these as nought but corridors to bed.  
So are all things, that between this and dark  
Will be passed, a dim work  
Of minutes, hours seen in a sleep and dreamed  
Untimed and wrongly deemed.  
The bridal and the walk back and the feast  
Are all for each a mist  
Where he sees others through a blurred hot notion  
Of drunk and veined emotion,  
And a red race runs through his seeing and hearing,  
A great carouse of dreams seen each on each,  
Till their importunate careering  
A stopped, half-hurting point of mad joy reach.

### **XIV**

The bridegroom aches for the end of this and lusts  
To know those paps in sucking gusts,  
To put his first hand on that belly's hair  
And feel for the lipped lair,  
The fortress made but to be taken, for which



He feels the battering ram grow large and itch.  
The trembling glad bride feels all the day hot  
On that still cloistered spot  
Where only her nightly maiden hand did feign  
A pleasure's empty gain.  
And, of the others, most will whisper at this,  
Knowing the spurt it is;  
And children yet, that watch with looking eyes,  
Will now thrill to be wise  
In flesh, and with big men and women act  
The liquid tickling fact  
For whose taste they'll in secret corners try  
They scarce know what still dry

## XV

Even ye, now old, that to this come as to  
Your past, your own joy throw  
Into the cup, and with the younger drink  
That which now makes you think  
Of what love was when love was. (For not now  
Your winter thoughts allow).  
Drink with the hot day, the bride's sad joy and  
The bridegroom's haste unreined,  
The memory of that day when ye were young  
And, with great paeans sung  
Along the surface of the depths of you,  
You paired and the night saw  
The day come in and you did still pant close,  
And still the half-fallen flesh distending rose.

## XVI

No matter now or past or future. Be  
Lovers' age in your glee!  
Give all your thoughts to this great muscled day  
That like a courser tears  
The bit of Time, to make night come and say  
The maiden mount now her first rider bears!  
Flesh pinched, flesh bit, flesh sucked, flesh girt around.  
Flesh crushed and ground,  
These things inflame your thoughts and make ye dim  
In what ye say or seem!  
Rage out in naked glances till ye fright  
Your ague of delight,  
In glances seeming clothes and thoughts to hate  
That fleshs separate;  
Stretch out your limbs to the warm day outside,  
To feel it while it bide!  
For the strong sun, the hot ground, the green grass,  
Each far lake's dazzling glass,  
And each one's flushed thought of the night to be  
Are all one joy-hot unity.

## XVII

In a red bacchic surge of thoughts that beat  
On the mad temples like an ire's amaze,  
In a fury that hurts the eyes, and yet  
Doth make all things clear with a blur around,  
The whole group's soul like a glad drunkard sways  
And bounds up from the ground!  
Ay, though all these be common people heaping

To church, from church, the bridal keeping,  
Yet all the satyrs and big pagan haunches  
That in taut flesh delight and teats and paunches,  
And whose course, trailing through the foliage, nears  
The crouched nymph that half fears,  
In invisible rush, behind, before  
This decent group move, and with hot thoughts store  
The passive souls round which their mesh they wind,  
The while their rout, loud stumbling as if blind,  
Makes the hilled earth wake echoing from her sleep  
To the lust in their leap.

### **XVIII**

Io! Io! There runs a juice of pleasure's rage  
Through these frames' mesh,  
That now do really ache to strip and wage  
Upon each others' flesh  
The war that fills the womb and puts milk in  
The teats a man did win,  
The battle fought with rage to join and fit  
And not to hurt or hit!  
Io! Io! Be drunken like the day and hour!  
Shout, laugh and overpower  
With clamour your own thoughts, lest they a breath  
Utter of age or death!  
Now is all absolute youth, and the small pains  
That thrill the filléd veins  
Themselves are edged in a great tickling joy  
That halts ever ere it cloy.  
Put out of mind all things save flesh and giving

The male milk that makes living!  
Rake out great peals of joy like grass from ground  
In your o'ergrown soul found!  
Make your great rut dispersedly rejoice  
With laugh or voice,  
As if all earth, hot sky and tremulous air  
A mighty cymbal were!

### **XIX**

Set the great Flemish hour aflame!  
Your senses of all leisure maim!  
Cast down with blows that joy even where they hurt  
The hands that mock to avert!  
Al things pick up to bed that lead ye to  
Be naked that ye woo!  
Tear up, pluck up, like earth who treasure seek,  
When the chest's ring doth peep,  
The thoughts that cover thoughts of the acts of heat  
This great day does intreat!  
Now seem all hands pressing the paps as if  
They meant them juice to give!  
Now seem all things pairing on one another,  
Hard flesh soft flesh to smother,  
And hairy legs and buttocks balled to split  
White legs mid which they shift.  
Yet these mixed mere thoughts in each mind but speak  
The day's push love to wreak,  
The man's ache to have felt possession.  
The woman's man to have on,  
The abstract surge of life clearly to reach

The bodies' concrete beach.  
Yet some work of this doth the real day don.  
Now are skirts lifted in the servants' hall,  
And the whored belly's stall  
Ope to the horse that enters in a rush,  
Half late, too near the gush.  
And even now doth an elder guest emmesh  
A flushed young girl in a dark nook apart,  
And leads her slow to move his produced flesh.  
Look how she likes with something in her heart  
To feel her hand work the protruded dart!

**XX**

But these are thoughts or promises or but  
Half the purpose of rut,  
And this is lust thought-of or futureless  
Or used but lust to ease.  
Do ye the circle true of love pretend,  
And, what Nature, intend!  
Do ye actually ache  
The horse of lust by reins of life to bend  
And pair in love for love's creating sake!  
Bellow! Roar! Stallions be or bulls that fret  
On their seed's hole to get!  
Surge for that carnal complement that will  
Your flesh's young juice thrill  
To the wet mortised joints at which you meet  
The coming life to greet,  
In the tilled womb that will bulge till it do  
The plenteous curve of spheric earth renew!

## XXI

And ye, that wed to-day, guess these instincts  
Of the concerted group in hints  
Yourselves from Nature naturally have,  
And your good future brave!  
Close lips, nude arms, felt breasts and organ mighty,  
Do your joy's night work rightly!  
Teach them these things, O day of pomp of heat!  
Leave them in thoughts suvh as must make the feat  
Of flesh inevitable and natural as  
Pissing when wish doth press!  
Let them cling, kiss and fit  
Together with natural wit,  
And let the night, coming, teach them that use  
For youth is in abuse!  
Let them repeat the link, and pour and pour  
Their pleasure till they can no more!  
Ay let the night watch over their repeated  
Coupling in darkness, till thought's self, o'erheated,  
Do fret and trouble, and sleep come on hurt frames,  
And, mouthing each one's names,  
They in each other's arms dream still of love  
And something of it prove!  
And, if they wake, teach them to recommence,  
For an hour was far hence;  
Till their contacted flesh, in heat o'erblent  
With joy, sleep sick, while, spent  
The stars, the sky pale in the East and shiver  
Where light the night doth sever,

And with clamour of joy and life's young din  
The warm new day come in.

## ANTINOUS

The rain outside was cold in Hadrian's soul.

The boy lay dead

On the low couch, on whose denuded whole,  
To Hadrian's eyes, whose sorrow was a dread,  
The shadowy light of Death's eclipse was shed.

The boy lay dead, and the day seemed a night  
Outside. The rain fell like a sick affright  
Of Nature at her work in killing him.  
Memory of what he was gave no delight,  
Delight at what he was was dead and dim.

O hands that once had clasped Hadrian's warm hands,  
Whose cold now found them cold!  
O hair bound erstwhile with the pressing bands!  
O eyes half-diffidently bold!  
O bare female male-body such  
As a god's likeness to humanity!  
O lips whose opening redness erst could touch  
Lust's seats with a live art's variety!  
O fingers skilled in things not to be told!  
O tongue which, counter-tongued, made the blood bold!

O complete regency of lust throned on  
Raged consciousness's spilled suspension!  
These things are things that now must be no more.  
The rain is silent, and the Emperor



Sinks by te couch. His grief is like a rage,  
For the gods take away the life they give  
And spoil te beauty they made live.  
He weeps and knows that every future age  
Is looking on him out of the to-be;  
His love is on a universal stage;  
A thousand unborn eyes weep with his misery.

Antinous is dead, is dead for ever,  
Is dead for ever and all loves lament.  
Venus herself, that was Adonis' lover,  
Seeing him, that newly lived, now dead again,  
Lends her old grief's renewal to be blent  
With Hadrian's pain.

Now is Apollo sad because te stealer  
Of his white body is for ever cold.  
No careful kisses on that nipped point  
Covering his heart-beats' silent place restore  
His life again to ope his eyes and feel her  
Presence along his veins Love's fortress hold.  
No warmth of his another's warmth demands.  
Now will his hands behind his head no more  
Linked, in that posture giving all but hands,  
On the projected body hands implore.

The rain falls, and he lies like one who hath  
Forgotten all the gestures of his love  
And lies awake waiting their hot return.  
But all his arts and toys are now with Death.

This human ice no way of heat can move;  
These ashes of a fire no flame can burn.

O Hadrian, what will now thy cold life be?  
What boots it to be lord of men and might?  
His absence o'er thy visible empery  
Comes like a night,  
Nor is there morn in hopes of new delight.  
Now are thy nights widowed of love and kisses;  
Now are thy days robbed of the night's awaiting;  
Now have thy lips no purpose for thy blisses,  
Left but to speak the name that Death is mating  
With solitude and sorrow and affright.

Thy vague hands grope, as if they had dropped joy.  
To hear that the rain ceases lift thy head,  
And thy raised glance take to the lovely boy.  
Naked he lies upon that memoried bed;  
By thine own hand he lies uncoverèd.  
There was he wont thy dangling sense to cloy,  
And uncloy with more cloying, and annoy  
With newer uncloying till thy senses bled.

His hand and mouth knew games to reinstall  
Desire that thy worn spine was hurt to follow.  
Sometimes it seemed to thee that all was hollow  
In sense in each new straining of sucked lust.  
Then still new turns of toying would he call  
To thy nerves' flesh, and thou wouldst tremble and fall  
Back on thy cushions with thy mind's sense hushed.

«Beautiful was my love, yet melancholy.  
He had that art, that makes love captive wholly,  
Of being slowly sad among lust's rages.  
Now the Nile gave him up, the eternal Nile.  
Under his wet locks Death's blue paleness wages  
Now war upon our wishing with sad smile.»

Even as he thinks, the lust that is no more  
Than a memory of lust revives and takes  
His senses by the hand, his felt flesh wakes,  
And all becomes again what 'twas before.  
The dead body on the bed starts up and lives  
And comes to lie with him, close, closer, and  
A creeping love-wise and invisible hand  
At every body-entrance to his lust  
Whispers caresses which flit off yet just  
Remain enough to bleed his last nerve's strand,  
O sweet and cruel Parthian fugitives!

So he half rises, looking on his lover,  
That now can love nothing but what none know.  
Vaguely half-seeing what he doth behold,  
He runs his cold lips all the body over.  
And so ice-senseless are his lips that, lo!,  
He scarce tastes death from the dead body's cold,  
But it seems both are dead or living both  
And love is still the presence and the mover.  
Then his lips cease on the other lips' cold sloth.

Ah, there the wanting breath reminds his lips  
That from beyond the gods hath moved a mist  
Between him and this boy. His finger-tips,  
Still idly searching o'er the body, list  
For some flesh-response to their waking mood.  
But their love-question is not understood:  
The god is dead whose cult was to be kissed!

He lifts his hand up to where heaven should be  
And cries on the mute gods to know his pain.  
Let your calm faces turn aside to his plea,  
O granting powers! He will yield up his reign.

In the still deserts he will parchèd live,  
In the far barbarous roads beggar or slave,  
But to his arins again the warm boy give!  
Forego that space ye meant to be his grave!

Take all the female loveliness of earth  
And in one mound of death its remnant spill!  
But, by sweet Ganymede, that Jove found worth  
And above Hebe did elect to fill  
His cup at his high feasting, and instil  
The friendlier love that fills the other's dearth,  
The clod of female embraces resolve  
To dust, O father of the gods, but spare  
This boy and his white body and golden hair!  
Maybe thy better Ganymede thou feel'st  
That he should be, and out of jealous care  
From Hadrian's arms to thine his beauty steal'st.

He was a kitten playing with lust, playing  
With his own and with Hadrian's, sometimes one  
And sometimes two, now linking, now undone;  
Now leaving lust, now lust's high lusts delaying;  
Now eyeing lust not wide, but from askance  
Jumping round on lust's half-unexpectance;  
Now softly gripping, then with fury holding,  
Now playfully playing, now seriously, now lying  
By th' side of lust looking at it, now spying  
Which way to take lust in his lust's withholding.

Thus did the hours slide from their tangled hands  
And from their mixèd limbs the moments slip.  
Now were his arms dead leaves, now iron bands;  
Now were his lips cups, now the things that sip;  
Now were his eyes too closed and now too looking;  
Now were his uncontinuings frenzy working;  
Now were his arts a feather and now a whip.

That love they lived as a religion  
Offered to gods that come themselves to men.  
Sometimes he was adorned or made to don  
Half-vestures, then in statued nudity  
Did imitate some god that seems to be  
By marble's accurate virtue men's again.  
Now was he Venus, white out of the seas;  
And now was he Apollo, young and golden;  
Now as Jove sate he in mock judgment over  
The presence at his feet of his slaved lover;

Now was he an acted rite, by one beholden,  
In ever-repositioned mysteries.

Now he is something anyone can be.  
O stark negation of the thing it is!  
O golden-haired moon-cold loveliness!  
Too cold! too cold! and love as cold as he!  
Love through the memories of his love doth roam  
As through a labyrinth, in sad madness glad,  
And now calls on his name and bids him come,  
And now is smiling at his imaged coming  
That is i'th' heart like faces in the gloaming —  
Mere shining shadows of the forms they had.

The rain again like a vague pain arose  
And put the sense of wetness in the air.  
Suddenly did the Emperor suppose  
He saw this room and all in it from far.  
He saw the couch, the boy, and his own frame  
Cast down against the couch, and he became  
A clearer presence to himself, and said  
These words unuttered, save to his soul's dread:

« I shall build thee a statue that will be  
To the continued future evidence

Of my love and thy beauty and the sense  
That beauty giveth ot divinity.  
Though death with subtle uncovering hands remove  
The apparel of life and empire from our love,

Yet its nude statue, that thou dost inspirit,  
All future times, whether they will't or not,  
Shall, like a gift a forcing god hath brought,  
Inevitably inherit.

«Ay, this thy statue shall I build, and set  
Upon the pinnacle of being thine, that Time  
By its subtle dim crime  
Will fear to eat it from life, or to fret  
With war's or envy's rage from bulk and stone.  
Fate cannot be that! Gods themselves, that make  
Things change, Fate's own hand, that doth overtake  
The gods themselves with darkness, will draw back  
From marring thus thy statue and my boon,  
Leaving the wide world hollow with thy lack.

«This picture of our love will bridge the ages.  
It will loom white out of the past and be  
Eternal, like a Roman victory,  
In every heart ,the future will give rages  
Of not being our love's contemporary.

«Yet oh that this were needed not, and thou  
Wert the red flower perfuming my life,  
The garland on the brows of my delight,  
The living flame on altars of my soul!  
Would all this were a thing thou mightest now  
Smile at from under thy death-mocking lids  
And wonder that I should so put a strife  
Twixt me and gods for thy lost presence bright;

Were there nought in this but my empty dole

And thy awakening smile half to condole  
With what my dreaming pain to hope forbids.»

Thus went he, like a lover who is waiting,  
From place to place in his dim doubting mind.  
Now was his hope a great intention fating  
Its wish to being, now felt he he was blind  
In some point of his seen wish undefined.

When love meets death we know not what to feel.  
When death foils love we know not what to know.  
Now did his doubt hope, now did his hope doubt;  
Now what his wish dreamed the dream's sense did flout  
And to a sullen emptiness congeal.  
Then again the gods fanned love's darkening glow.

«Thy death has given me a higher lust —  
A flesh-lust raging for eternity.  
On mine imperial fate I set my trust  
That the high gods, that made me emperor be,  
Will not annul from a more real life  
My wish that thou should'st live for e'er and stand  
A fleshly presence on their better land,  
More lovely yet not lovelier, for there  
No things impossible our wishes mar  
Nor pain our hearts with change and time and strife.

«Love, love, my love! thou art already a god.



This thought of mine, which I a wish believe,  
Is no wish, but a sight, to me allowed  
By the great gods, that love love and can give  
To mortal hearts, under the shape of wishes —  
Of wishes having undiscovered reaches —,  
A vision of the real things beyond  
Our life-imprisoned life, our sense-bound sense.  
Ay, what I wish thee to be thou art now

Already. Already on Olympic ground  
Thou walkest and art perfect, yet art thou,  
For thou needst no excess of thee to don  
Perfect to be, being perfection.

«My heart is singing like a morning bird.  
A great hope from the gods comes down to me  
And bids my heart to subtler sense be stirred  
And think not that strange evil of thee  
That to think thee mortal would be.

«My love, my love, my god-love! Let me kiss  
On thy cold lips thy hot lips now immortal,  
Greeting thee at Death's portal's happiness,  
For to the gods Death's portal is Life's portal.

«Were no Olympus yet for thee, my love  
Would make thee one, where thou sole god mightst prove,  
And I thy sole adorer, glad to be  
Thy sole adorer through infinity.  
That were a universe divine enough

For love and me and what to me thou art.  
To have thee is a thing made of gods' stuff  
And to look on thee eternity's best part.

«But this is true and mine own art: the god  
Thou art now is a body made by me,  
For, if thou art now flesh reality  
Beyond where men age and night cometh still,  
'Tis to my love's great making power thou owest  
'That life thou on thy merúory bestowest  
And mak'st it carnal. Had my love not held  
An empire of my mighty legioned will,  
Thou to gods' consort hadst not been compelled.

«My love that found thee, when it found thee did  
But find its own true body and exact look.  
Therefore when now thy memory I bid  
Become a god where gods are, I but move  
To death's high column's top the shape it took  
And set it there for vision of all love.

«O love, my love, put up with my strong will  
Of loving to Olympus, be thou there  
The latest god, whose honey-coloured hair  
Takes divine eyes! As thou wert on earthe, still  
In heaven bodifully be and roam,  
A prisoner of that happiness of home,  
With elder gods, while I on earth do make  
A statue for thy deathlessness' seen sake.

«Yet thy true deathless statue I shall build  
Will be no stone thing, but that same regret  
By which our love's eternity is willed.  
One side of that is thou, as gods see thee  
Now, and the other, here, thy memory.  
My sorrow will make that men's god, and set  
Thy naked memory on the parapet  
That looks upon the seas of future times.  
Some will say all our love was but our crimes;  
Others against our names the knives will whet  
Of their glad hate of beauty's beauty, and make  
Our names a base of heap whereon to rake  
The names of all our brothers with quick scorn.  
Yet will our presence, like eternal Morn,  
Ever return at Beauty's hour, and shine  
Out of the East of Love, in light to enshrine  
New gods to come, the lacking world to adorn.

«All that thou art now is thyself and I.  
Our dual presence has its unity  
In that perfection of body which my love  
By loving it, became, and did from life  
Raise into godness, calm above the strife  
Of times, and changing passions far above.

«But since men see more with the eyes than soul,  
Still I in stone shall utter this great dole;  
Still, eager that men hunger by thy presence,  
I shall to marble carry this regret

That in my heart like a great star is set.  
Thus, even in stone, our love shall stand so great  
In thy statue of us, like a god's fate,  
Our love's incarnate and discarnate essence,  
That, like a trumpet reaching over seas  
And going from continent to continent,  
Our love shall speak its joy and woe, death-blent,  
Over infinities and eternities.

«And here, memory or statue, we shall stand,  
Still the same one, as we were hand in hand  
Nor felt each other's hand for feeling feeling.  
Men still will see me when thy sense they take.  
The entire gods might pass, in the vast wheeling  
Of the globed ages. If but for thy sake,  
That, being theirs, hadst gone with their gone band,  
They would return, as they had slept to wake.

«Then the end of days when Jove were born again  
And Ganymede again pour at his feast  
Would see our dual soul from death released  
And recreated unto joy, fear, pain —  
All that love doth contain;  
Life — all the beauty that doth make a lust

Of love's own true love, at the spell amazed;  
And, if our very memory wore to dust,  
By some god's race of the end of ages must  
Our dual unity again be raised.»

It rained still. But slow-treading night came in,  
Closing the weary eyelids of each sense.  
The very consciousness of self and soul  
Grew, like a landscape through dim raining, dim.  
The Emperor lay still, so still that now  
He half forgot where now he lay, or whence  
The sorrow that was still salt on his lips.  
All had been something very far, a scroll  
Rolled up. The things he felt were like the rim  
That haloes round the moon when the night weeps.

His head was bowed into his arms, and they  
On the low couch, foreign to his sense, lay.  
His closed eyes seemed open to him, and seeing  
The naked floor, dark, cold, sad and unmeaning.  
His hurting breath was all his sense could know.  
Out of the falling darkness the wind rose  
And fell; a voice swooned in the courts below;  
And the Emperor slept.

The gods came now  
And bore something away, no sense knows how,  
On unseen arms of power and repose.

## INSCRIPTIONS

### I

We pass and dream. Earth smiles. Virtue is rare.  
Age, duty, gods weigh on our conscious bliss.  
Hope for the best and for the worst prepare.  
The sum of purposed wisdom speaks in this.

### II

Me, Chloe, a maid, the mighty fates have given,  
Who was nought to them, to the peopled shades.  
Thus the gods will. My years were but twice seven.  
I am forgotten in my distant glades.

### III

From my villa on the hill I long looked down  
Upon the muttering town;  
Then one day drew (life sight-sick, dull hope shed)  
My toga o'er my head  
(The simplest gesture being the greatest thing)  
Like a raised wing.

### IV

Not Cecrops kept my bees. My olives bore  
Oil like the sun. My several herd lowed far.  
The breathing traveller rested by my door.  
The wet earth smells still; dead my nostrils are

### V

I conquered. Far barbarians hear my name.

Men were dice in my game,  
But to my throw myself did lesser come:  
I threw dice, Fate the sum.

## VI

Some were as loved loved, some as prizes prized.  
A natural wife to the fed man my mate,  
I was sufficient to whom I sufficed.  
I moved, slept, bore and aged without a fate.

## VII

I put by pleasure I like an alien bowl.  
Stern, separate, mine, I looked towards where gods seem.  
From behind me the common shadow stole.  
Dreaming that I slept not, I slept my dream.

## VIII

Scarce five years passed ere I passed too.  
Death came and took the child he found.  
No god spared, or fate smiled at, so  
Small hands, clutching so little round.

## IX

There is a silence where the town was old.  
Grass grows where not a memory lies below.  
We that dined loud are sand. The tale is told.  
The far hoofs hush. The inn's last light doth go.

## X

We, that both lie here, loved. This denies us.

My lost hand crumbles where her breasts' lack is.  
Love's known, each lover is anonymous.  
We both felt fair. Kiss, for that was our kiss.

## **XI**

I for my city's want fought far and fell.  
I could not tell  
What she did want, that knew she wanted me.  
Her walls be free,  
Her speech keep such as I spoke, and men die,  
That she die not, as I.

## **XII**

Life lived us, not we life. We, as bees sip,  
Looked, talked and had. Trees grow as we did last.  
We loved the gods but as we see a ship.  
Never aware of being aware, we passed.

## **XIII**

The work is done. The hammer is laid down.  
The artisans, that built the slow-grown town,  
Have been succeeded by those who still built.  
All this is something lack-of-something screening.  
The thought whole has no meaning  
But lies by Time's wall like a pitcher spilt.

## **XIV**

This covers me, that erst had the blue sky.  
This soil treads me, that once I trod. My hand  
Put these inscriptions here, half knowing why;



Last, and hence seeing all, of the passing band.

# **MENSAGEM**

## **Primeira parte: BRASÃO**

### **I - OS CAMPOS**

#### **Primeiro: O DOS CASTELOS**

A Europa jaz, posta nos cotovelos:  
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,  
E toldam-lhe românticos cabelos  
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;  
O direito é em ângulo disposto.  
Aquele diz Itália onde é pousado;  
Este diz Inglaterra onde, afastado,  
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.

Fita, com olhar esfíngico e fatal,  
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

#### **Segundo: O DAS QUINAS**

Os Deuses vendem quando dão.  
Compra-se a glória com desgraça.  
Ai dos felizes, porque são

Só o que passa!

Baste a quem baste o que lhe basta

O bastante de lhe bastar!

A vida é breve, a alma é vasta:

Ter é tardar.

Foi com desgraça e com vileza

Que Deus ao Cristo definiu:

Assim o opôs à Natureza

E Filho o ungiu.

## II - OS CASTELOS

### **Primeiro: ULISSES**

O mito é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mito brilhante e mudo —  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos criou.

Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre.

### **Segundo: VIRIATO**

Se a alma que sente e faz conhece  
Só porque lembra o que esqueceu,  
Vivemos, raça, porque houvesse  
Memória em nós do instinto teu.

Nação porque reencarnaste,  
Povo porque ressuscitou  
Ou tu, ou o de que eras a haste —  
Assim se Portugal formou.

Teu ser é como aquela fria  
Luz que precede a madrugada,  
E é já o ir a haver o dia  
Na antemanhã, confuso nada.

### **Terceiro: O CONDE D. HENRIQUE**

Todo começo é involuntário.  
Deus é o agente,  
O herói a si assiste, vários  
E inconsciente.

À espada em tuas mãos achada  
Teu olhar desce.  
«Que farei eu com esta espada?»

Ergueste-a, e fez-se.

### **Quarto: D. TAREJA**

As nações todas são mistérios.  
Cada uma é todo o mundo a sós.

Ó mãe de reis e avó de impérios.  
Vela por nós!

Teu seio augusto amamentou  
Com bruta e natural certeza  
O que, imprevisto, Deus fadou.  
Por ele reza!

Dê tua prece outro destino  
A quem fadou o instinto teu!  
O homem que foi o teu menino  
Envelheceu.

Mas todo vivo é eterno infante  
Onde estás e não há o dia.  
No antigo seio, vigilante,  
De novo o cria!

### **Quinto: D. AFONSO HENRIQUES**

Pai, foste cavaleiro.  
Hoje a vigília é nossa.  
Dá-nos o exemplo inteiro  
E a tua inteira força!

Dá, contra a hora em que, errada,  
Novos infiéis vençam,  
A bênção como espada,  
A espada como bênção!

### **Sexto: D. DINIS**

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo  
O plantador de naus a haver,  
E ouve um silêncio múrmuro consigo:  
É o rumor dos pinhais que, como um trigo  
De Império, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, jovem e puro,  
Busca o oceano por achar;  
E a fala dos pinhais, marulho obscuro,  
É o som presente desse mar futuro,  
É a voz da terra ansiando pelo mar.

### **Sétimo (I): D. JOÃO O PRIMEIRO**

O homem e a hora são um só  
Quando Deus faz e a história é feita.  
O mais é carne, cujo pó  
A terra espreita.

Mestre, sem o saber, do Templo  
Que Portugal foi feito ser,  
Que houveste a glória e deste o exemplo  
De o defender,

Teu nome, eleito em sua fama,



É, na ara da nossa alma interna,  
A que repele, eterna chama,  
A sombra eterna.

### **Sétimo (II): D. FILIPA DE LENCASTRE**

Que enigma havia em teu seio  
Que só génios concebia?  
Que arcanjo teus sonhos veio  
Velar, maternos, um dia?

Volve a nós teu rosto sério,  
Princesa do Santo Gral,  
Humano ventre do Império,  
Madrinha de Portugal!

### III - AS QUINAS

#### **Primeira: D. DUARTE, REI DE PORTUGAL**

Meu dever fez-me, como Deus ao mundo.  
A regra de ser Rei almou meu ser,  
Em dia e letra escrupuloso e fundo.

Firme em minha tristeza, tal vivi.  
Cumpri contra o Destino o meu dever.  
Inutilmente? Não, porque o cumpri.

#### **Segunda: D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL**

Deu-me Deus o seu gládio porque eu faça  
A sua santa guerra.  
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,  
Às horas em que um frio vento passa  
Por sobre a fria terra.

Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me  
A fronte com o olhar;  
E esta febre de Além, que me consome,  
E este querer grandeza são seu nome  
Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gládio erguido dá  
Em minha face calma.

Cheio de Deus, não temo o que virá,  
Pois, venha o que vier, nunca será  
Maior do que a minha alma.

### **Terceira: D. PEDRO, REGENTE DE PORTUGAL**

Claro em pensar, e claro no sentir,  
É claro no querer;  
Indiferente ao que há em conseguir  
Que seja só obter;  
Dúplice dono, sem me dividir,  
De dever e de ser —

Não me podia a Sorte dar guarida  
Por não ser eu dos seus.  
Assim vivi, assim morri, a vida,  
Calmo sob mudos céus,  
Fiel à palavra dada e à ideia tida.  
Tudo mais é com Deus!

### **Quarta: D. JOÃO, INFANTE DE PORTUGAL**

Não fui alguém. Minha alma estava estreita  
Entre tão grandes almas minhas pares,  
Inutilmente eleita,  
Virgemmente parada;

Porque é do português, pai de amplos mares,

Querer, poder só isto:  
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita —  
O todo, ou o seu nada.

**Quinta: D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL**

Louco, sim, louco, porque quis grandeza  
Qual a Sorte a não dá.  
Não coube em mim minha certeza;  
Por isso onde o areal está  
Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem  
Com o que nela ia.  
Sem a loucura que é o homem  
Mais que a besta sadia,  
Cadáver adiado que procria?

## **IV - A COROA**

### **NUN'ÁLVARES PEREIRA**

Que auréola te cerca?  
É a espada que, volteando,  
Faz que o ar alto perca  
Seu azul negro e brando.

Mas que espada é que, erguida,  
Faz esse halo no céu?  
É Excalibur, a ungida,  
Que o Rei Artur te deu.

Esperança consumada,  
S. Portugal em ser,  
Ergue a luz da tua espada  
Para a estrada se ver!

## **V - O TIMBRE**

### **A Cabeça do Grifo**

O INFANTE D. HENRIQUE

Em seu trono entre o brilho das esferas,  
Com seu manto de noite e solidão,  
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras —  
O único imperador que tem, deveras,  
O globo mundo em sua mão.

### **Uma Asa do Grifo**

D. JOÃO O SEGUNDO

Braços cruzados, fita além do mar.  
Parece em promontório uma alta serra —  
O limite da terra a dominar  
O mar que possa haver além da terra.

Seu formidável vulto solitário  
Enche de estar presente o mar e o céu.  
E parece temer o mundo vário  
Que ele abra os braços e lhe rasgue o véu.

### **A Outra Asa do Grifo**

AFONSO DE ALBUQUERQUE

De pé, sobre os países conquistados  
Desce os olhos cansados  
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.  
Não pensa em vida ou morte,  
Tão poderoso que não quer o quanto  
Pode, que o querer tanto  
Calcara mais do que o submisso mundo  
Sob o seu passo fundo.  
Três impérios do chão lhe a Sorte apanha.  
Criou-os como quem desdenha.

## **Segunda parte: MAR PORTUGUÊS**

### **I - O INFANTE**

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.  
Deus quis que a terra fosse toda uma,  
Que o mar unisse, já não separasse.  
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.

E a orla branca foi de ilha em continente,  
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,  
E viu-se a terra inteira, de repente,  
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.  
Do mar e nós em ti nos deu sinal.  
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.  
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

### **II - HORIZONTE**

Ó mar anterior a nós, teus medos  
Tinham coral e praias e arvoredos.  
Desvendadas a noite e a cerração,  
As tormentas passadas e o mistério,  
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério  
Esplendia sobre as naus da iniciação.



Linha severa da longínqua costa —  
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta  
Em árvores onde o Longe nada tinha;  
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:  
E, no desembarcar, há aves, flores,  
Onde era só, de longe a abstracta linha.

O sonho é ver as formas invisíveis  
Da distância imprecisa, e, com sensíveis  
Movimentos da esperança e da vontade,  
Buscar na linha fria do horizonte  
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —  
Os beijos merecidos da Verdade.

### **III - PADRÃO**

O esforço é grande e o homem é pequeno.  
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei  
Este padrão ao pé do areal moreno  
E para diante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.  
Este padrão sinala ao vento e aos céus  
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:  
O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano  
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,

Que o mar com fim será grego ou romano:  
O mar sem fim é português.

E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma  
E faz a febre em mim de navegar  
Só encontrará de Deus na eterna calma  
O porto sempre por achar.

#### **IV - O MOSTRENGO**

O mostrengo que está no fim do mar  
Na noite de breu ergueu-se a voar;  
À roda da nau voou três vezes,  
Voou três vezes a chiar,  
E disse: «Quem é que ousou entrar  
Nas minhas cavernas que não desvendo,  
Meus tectos negros do fim do mundo?»  
E o homem do leme disse, tremendo:  
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?  
De quem as quilhas que vejo e ouço?»  
Disse o mostrengo, e rodou três vezes,  
Três vezes rodou imundo e grosso,

«Quem vem poder o que só eu posso,  
Que moro onde nunca ninguém me visse  
E escorro os medos do mar sem fundo?»  
E o homem do leme tremeu, e disse:

«El-Rei D. João Segundo!»

Três vezes do leme as mãos ergueu,  
Três vezes ao leme as repreendeu,  
E disse no fim de tremer três vezes:  
«Aqui ao leme sou mais do que eu:  
Sou um Povo que quer o mar que é teu;  
E mais que o mostrengo, que me a alma teme  
E roda nas trevas do fim do mundo;  
Manda a vontade, que me ata ao leme,  
De El-Rei D. João Segundo!»

## **V - EPITÁFIO DE BARTOLOMEU DIAS**

Jaz aqui, na pequena praia extrema,  
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,  
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!  
Atlas, mostra alto o mundo no seu ombro.

## **VI - OS COLOMBOS**

Outros haverão de ter  
O que houvermos de perder.  
Outros poderão achar  
O que, no nosso encontrar,  
Foi achado, ou não achado,  
Segundo o destino dado.

Mas o que a eles não toca  
É a Magia que evoca  
O Longe e faz dele história.  
E por isso a sua glória  
É justa auréola dada  
Por uma luz emprestada.

## **VII - OCIDENTE**

Com duas mãos — o Acto e o Destino —  
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu  
Uma ergue o facho trémulo e divino  
E a outra afasta o véu.

Fosse a hora que haver ou a que havia  
A mão que ao Ocidente o véu rasgou,  
Foi alma a Ciência e corpo a Ousadia  
Da mão que desvendou.

Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal  
A mão que ergueu o facho que luziu,  
Foi Deus a alma e o corpo Portugal  
Da mão que o conduziu.

## **VIII - FERNÃO DE MAGALHÃES**

No vale clareia uma fogueira.  
Uma dança sacode a terra inteira.

E sombras disformes e descompostas  
Em clarões negros do vale vão  
Subitamente pelas encostas,  
Indo perder-se na escuridão.

De quem é a dança que a noite aterra?  
São os Titãs, os filhos da Terra,  
Que dançam da morte do marinheiro  
Que quis cingir o materno vulto —  
Cingi-lo, dos homens, o primeiro —,  
Na praia ao longe por fim sepulto.

Dançam, nem sabem que a alma ousada  
Do morto ainda comanda a armada,  
Pulso sem corpo ao leme a guiar  
As naus no resto do fim do espaço:  
Que até ausente soube cercar  
A terra inteira com seu abraço.

Violou a Terra. Mas eles não  
O sabem, e dançam na solidão;  
E sombras disformes e descompostas,  
Indo perder-se nos horizontes,  
Galgam do vale pelas encostas  
Dos mudos montes.

## **IX - ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA**

Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra

Suspendem de repente o ódio da sua guerra  
E pasmam. Pelo vale onde se ascende aos céus  
Surge um silêncio, e vai, da névoa ondeando os véus,  
Primeiro um movimento e depois um assombro.  
Ladeiam-no, ao durar, os medos, ombro a ombro,  
E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões.

Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta  
Cai-lhe, e em êxtase vê, à luz de mil trovões,  
O céu abrir o abismo à alma do Argonauta.

## **X - MAR PORTUGUÊS**

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

## **XI - A ÚLTIMA NAU**

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,  
E erguendo, como um nome, alto o pendão  
Do Império,  
Foi-se a última nau, ao sol aziago  
Erma, e entre choros de ânsia e de pressago  
Mistério.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta  
Aportou? Voltará da sorte incerta  
Que teve?  
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,  
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro  
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,  
Mais a minha alma atlântica se exalta  
E entorna,  
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço.  
Vejo entre a cerração teu vulto baço  
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que há a hora,  
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora  
Mistério.  
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:  
A mesma, e trazes o pendão ainda  
Do Império.

## **XII - PRECE**

Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,  
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,  
Se ainda há vida ainda não é finda.  
O frio morto em cinzas a ocultou:  
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ânsia —,  
Com que a chama do esforço se remoça,  
E outra vez conquistemos a Distância —  
Do mar ou outra, mas que seja nossa!



## **Terceira parte: O ENCOBERTO**

### **I - OS SÍMBOLOS**

#### **Primeiro: D. SEBASTIÃO**

Esperai! Caí no areal e na hora adversa  
Que Deus concede aos seus  
Para o intervalo em que esteja a alma imersa  
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura  
Se com Deus me guardei?  
É O que eu me sonhei que eterno dura,  
É Esse que regressarei.

#### **Segundo: O QUINTO IMPÉRIO**

Triste de quem vive em casa,  
Contente com o seu lar,  
Sem que um sonho, no erguer de asa,  
Faça até mais rubra a brasa  
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!  
Vive porque a vida dura.  
Nada na alma lhe diz

Mais que a lição da raiz —  
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem  
No tempo que em eras vem.  
Ser descontente é ser homem.  
Que as forças cegas se domem  
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro  
Tempos do ser que sonhou,  
A terra será teatro  
Do dia claro, que no atro  
Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,  
Europa — os quatro se vão  
Para onde vai toda idade.  
Quem vem viver a verdade  
Que morreu D. Sebastião?

### **Terceiro: O DESEJADO**

Onde quer que, entre sombras e dizeres,  
Jazas, remoto, sente-te sonhado,  
E ergue-te do fundo de não-seres  
Para teu novo fado!

Vem, Galaaz com pátria, erguer de novo,

Mas já no auge da suprema prova,  
A alma penitente do teu povo  
À Eucaristia Nova.

Mestre da Paz, ergue teu gládio ungido,  
Excalibur do Fim, em jeito tal  
Que sua Luz ao mundo dividido  
Revele o Santo Gral!

### **Quarto: AS ILHAS AFORTUNADAS**

Que voz vem no som das ondas  
Que não é a voz do mar?  
É a voz de alguém que nos fala,  
Mas que, se escutamos, cala,  
Por ter havido escutar.

E só se, meio dormindo,  
Sem saber de ouvir ouvimos,  
Que ela nos diz a esperança  
A que, como uma criança  
Dormente, a dormir sorrimos.

São ilhas afortunadas,  
São terras sem ter lugar,  
Onde o Rei mora esperando.  
Mas, se vamos despertando,  
Cala a voz, e há só o mar.

## **Quinto: O ENCOBERTO**

Que símbolo fecundo  
Vem na aurora ansiosa?  
Na Cruz Morta do Mundo  
A Vida, que é a Rosa.

Que símbolo divino  
Traz o dia já visto?  
Na Cruz, que é o Destino,  
A Rosa, que é o Cristo.

Que símbolo final  
Mostra o sol já desperto?  
Na Cruz morta e fatal  
A Rosa do Encoberto.

## II - OS AVISOS

### **Primeiro: O BANDARRA**

Sonhava, anónimo e disperso,  
O Império por Deus mesmo visto,  
Confuso como o Universo  
E plebeu como Jesus Cristo.

Não foi nem santo nem herói,  
Mas Deus sagrou com Seu sinal  
Este, cujo coração foi  
Não português mas Portugal.

### **Segundo: ANTÓNIO VIEIRA**

O céu estrela o azul e tem grandeza.  
Este, que teve a fama e a glória tem,  
Imperador da língua portuguesa,  
Foi-nos um céu também.

No imenso espaço seu de meditar,  
Constelado de forma e de visão,  
Surge, prenúncio claro do luar,  
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do etéreo.  
É um dia; e, no céu amplo de desejo,

A madrugada irreal do Quinto Império  
Doira as margens do Tejo.

### **Terceiro**

Escrevo meu livro à beira-mágoa.  
Meu coração não tem que ter.  
Tenho meus olhos quentes de água.  
Só tu, Senhor, me dás viver.

Só te sentir e te pensar  
Meus dias vácuos enche e doura.  
Mas quando quiserás voltar?  
Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Quando virás a ser o Cristo  
De a quem morreu o falso Deus,  
E a despertar do mal que existo  
A Nova Terra e os Novos Céus?

Quando virás, ó Encoberto,  
Sonho das eras português,  
Tornar-me mais que o sopro incerto  
De um grande anseio que Deus fez?

Ah, quando quiserás, voltando,  
Fazer minha esperança amor?  
Da névoa e da saudade quando?  
Quando, meu Sonho e meu Senhor?

### III - OS TEMPOS

#### **Primeiro: NOITE**

A nau de um deles tinha-se perdido  
No mar indefinido.  
O segundo pediu licença ao Rei  
De, na fé e na lei  
Da descoberta, ir em procura  
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo  
Volveu do fim profundo  
Do mar ignoto à pátria por quem dera  
O enigma que fizera.  
Então o terceiro a El-Rei rogou  
Licença de os buscar, e El-Rei negou.

\*

Como a um cativo, o ouvem a passar  
Os servos do solar.  
E, quando o vêem, vêem a figura  
Da febre e da amargura,  
Com fixos olhos rasos de ânsia  
Fitando a proibida azul distância.

\*

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome  
O Poder e o Renome —  
Ambos se foram pelo mar da idade  
À tua eternidade;  
E com eles de nós se foi  
O que faz a alma poder ser de herói.

Queremos ir buscá-los, desta vil  
Nossa prisão servil:  
É a busca de quem somos, na distância  
De nós; e, em febre de ânsia,  
A Deus as mãos alçamos.

Mas Deus não dá licença que partamos.

### **Segundo: TORMENTA**

Que jaz no abismo sob o mar que se ergue?  
Nós, Portugal, o poder ser.  
Que inquietação do fundo nos soergue?  
O desejar poder querer.

Isto, e o mistério de que a noite é o fausto...  
Mas súbito, onde o vento ruge,  
O relâmpago, farol de Deus, um hausto  
Brilha, e o mar escuro estruge.

### **Terceiro: CALMA**



Que costa é que as ondas contam  
E se não pode encontrar  
Por mais naus que haja no mar?  
O que é que as ondas encontram  
E nunca se vê surgindo?  
Este som de o mar praiar  
Onde é que está existindo?

Ilha próxima e remota,  
Que nos ouvidos persiste,  
Para a vista não existe.  
Que nau, que armada, que frota  
Pode encontrar o caminho  
À praia onde o mar insiste,  
Se à vista o mar é sozinho?

Haverá rasgões no espaço  
Que dêem para outro lado,  
E que, um deles encontrado,  
Aqui, onde há só sargaço,  
Surja uma ilha velada,  
O país afortunado  
Que guarda o Rei desterrado  
Em sua vida encantada?

### **Quarto: ANTEMANHÃ**

O mostrengo que está no fim do mar

Veio das trevas a procurar  
A madrugada do novo dia,  
Do novo dia sem acabar;  
E disse: «Quem é que dorme a lembrar  
Que desvendou o Segundo Mundo,  
Nem o Terceiro quer desvendar?»

E o som na treva de ele rodar  
Faz mau o sono, triste o sonhar,  
Rodou e foi-se o mostrengo servo  
Que seu senhor veio aqui buscar.  
Que veio aqui seu senhor chamar —  
Chamar Aquele que está dormindo  
E foi outrora Senhor do Mar.

### **Quinto: NEVOEIRO**

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,  
Define com perfil e ser  
Este fulgor baço da terra  
Que é Portugal a entristecer —  
Brilho sem luz e sem arder  
Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.  
Ninguém conhece que alma tem,  
Nem o que é mal nem o que é bem.  
(Que ânsia distante perto chora?)  
Tudo é incerto e derradeiro.

Tudo é disperso, nada é inteiro.  
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a hora!

*Valete, Fratres.*

## **SOBRE O AUTOR**



**Fernando Pessoa**

Fernando Antônio Nogueira Pessoa foi um dos mais importantes escritores e poetas do modernismo em Portugal. Nasceu em 13 de junho de 1888 na cidade de Lisboa (Portugal) e morreu, na mesma cidade, em 30 de novembro de 1935.

Quando criança morou na cidade de Durban (África do Sul), onde seu pai tornou-se cônsul. Neste país teve contato com a língua e literatura inglesa. Das quatro obras que publicou em vida, três são na língua inglesa.

Deixando a família em Durban, regressa definitivamente à capital portuguesa, sozinho, em 1905. Em 1915 participou na revista literária *Orpheu*, a qual lançou o movimento modernista em Portugal, causando algum escândalo e muita controvérsia.

Fernando Pessoa usou em suas obras diversas autorias. Usou seu próprio nome para assinar várias obras e pseudônimos (heterônimos) para assinar outras. Os heterônimos do autor tinham personalidade própria e características literárias diferenciadas.

Fernando Pessoa prematuramente, aos 47 anos, provavelmente em função de uma cirrose hepática contraída pelo consumo excessivo de

álcool.

## **FICHA TÉCNICA**

**Fernando Pessoa**

**Título: Poesia Completa Ortônima de Fernando Pessoa**

Edição: Daniela Blumetti e Gustavo Rocha

Revisão: Daniela Blumetti e Gustavo Rocha

Capa: Daniela Blumetti

Nossas publicações são constantemente revisadas e corrigidas para que nossos leitores tenham a melhor experiência de leitura possível. Caso encontre algum erro, por favor, entre em contato no nosso e-mail para que possamos corrigi-lo.

Esta edição foi feita a partir de arquivos que se encontram em Domínio Público.

Material digital

Portal Domínio Público – [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)

Biblioteca Livre Wikisource – [www.pt.wikisource.org/](http://www.pt.wikisource.org/)

PESSOA, Fernando (2014). Poesia Completa de Fernando Pessoa.  
Segunda edição revisada (2016)

**Nostrum Editora**

2013 © Salvador, Bahia

[www.nostrumeditora.com](http://www.nostrumeditora.com)

[nostrumeditora@gmail.com](mailto:nostrumeditora@gmail.com)